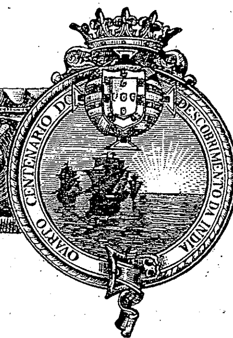


ESTUDOS

DE

PHILOLOGIA MIRANDESA

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso Superior de Bibliothecario-archivista,
Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOLUME I

ESTUDOS

DE

PHILOLOGIA MIRANDESA

VOLUME I

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

---

3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.ª qualidade

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES
DA
SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

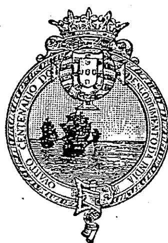
ESTUDOS
DE
PHILOLOGIA MIRANDESA

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso Superior de Bibliothecario-archivista,
Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOLUME I



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1900

Á

EXCELLENTISSIMA SENHORA

Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos

que, embora seja allemã de nascimento, e só portuguesa pelo esposo, pelo filho e pelo affecto que consagra a Portugal, tem comtudo publicado no campo da nossa Glottologia e Historia litteraria magistraes trabalhos, onde não se sabe que mais se deva admirar, se a vivacidade do engenho que os produziu, se a perfeição do methodo que os fecunda, se o esplendor da erudição que os opulenta

DEDICA RESPEITOSAMENTE ESTA OBRA

O AUCTOR.

PROLOGO

Delineamento d'esta obra.—Pessoas a quem devo auxilio litterario.—Execução do trabalho.—Apreciação critica do «mirandês» do Sr. Albino J. de Moraes Ferreira.

Já desde 1884 que eu, como digo nas *Flores mirandesas,* p. 30, faço conta de publicar uma *Camoniana mirandesa,* composta da traducção de algumas obras do nosso epico: o projecto, porém, foi-se procrastinando até 1894, em que pus mais activamente mãos á obra, chegando a enviar nessa epocha parte das traducções para a Imprensa Nacional. Como, por motivos de differente natureza, se tenha retardado a impressão, resolvi, de accôrdo com a Sociedade de Geographia de Lisboa, considerar o meu trabalho como publicação do Centenario do descobrimento da India, e nessa conformidade o dou agora a lume, com amplos augmentos e desenvolvimentos.

O plano total da obra é o seguinte:

Parte I. — Historia externa do mirandês;
Parte II. — Grammatica mirandesa;
Parte III. — Theoria do mirandês;
Parte IV. — Camoniana mirandesa;
Parte V. — Vocabulario etymologico;
Appendices.

As Partes I–II constituem este volume; o restante constituirá o Vol. II, que já está no prelo.

*

Algumas das minhas traducções foram feitas com o concurso de um aldeão, natural de Constatim (concelho de Miranda), quando convalescia de uma doença no Hospital da Misericordia do Porto, que eu ao tempo frequentava como terceirannista do curso de medicina: aproveitando as minhas horas vagas, e o descanso e condescendencia d'este aldeão, traduzi o episodio de D. Inês de Castro e diversas mais poesias. Outras traducções preparei-as auxiliado pelo Sr. José Francisco Affonso, soldado da Guarda-fiscal, destacado em Lisboa, tambem mirandês legitimo, natural da Póvoa. Alem d'isso quasi todo o meu texto foi revisto pelo Sr. Bernardo Fernandes Monteiro, aspirante da Alfandega do Porto, tambem oriundo da Póvoa, pessoa muito competente pelo seu criterio, e pelo largo conhecimento que possue do mirandês, como seu idioma natal que é. Tirei ainda dúvidas phoneticas com o Sr. Antonio Fernandes, empregado na Imprensa Nacional, e sobre tudo com o Sr. Francisco de S. Pedro, soldado da Guarda-fiscal,

destacado em Lisboa, o primeiro, natural da Póvoa, o segundo de Duas-Igrejas. O Rev.do Conego-Prior da Sé de Miranda-do-Douro, Sr. José Bernardo de Moraes Calado, ajudou-me na organização do mappa geographico que acompanha este volume e na da estatistica da população mirandesa (vid. adeante, p. 58–60), e remetteu-me os *laços* que publíco a p. 46–54, e algumas outras informações, como digo no decurso da obra. O Sr. P.e Francisco Meirinhos, Rev.do Reitor de Avellanoso, escreveu expressamente para mim, como textos dialectaes, algumas poesias em mirandês. O Sr. Francisco Maria Guerra, natural de Sendim, e estudante da Universidade, offereceu-me muitas notas sobre o subdialecto sendinês. Finalmente o Sr. Pires Avellanoso, que da patria tomou o segundo dos appellidos que usa, colligiu-me alguns vocabulos de lá. A todos d'aqui envio o meu sincero e cordial agradecimento. Dos dois referidos soldados, Francisco de S. Pedro, e José Francisco Affonso, desejo deixar em especial bem assignalados os serviços que me prestaram, — o que fizeram não só com muita intelligencia, mas dando-se ao incómmodo de virem repetidas vezes a minha casa.

Aos meus amigos os Srs. Gonçalves Vianna, Epiphanio Dias, e Gama Barros agradeço o trabalho que tiveram na revisão das provas, o primeiro lendo quasi toda a grammatica, o segundo o capitulo da syntaxe, e o terceiro a parte historica que vae de p. 106–151. Ao meu amigo, e antigo discipulo no Curso de Bibliothecario-archivista, o Sr. Pedro A. de Azevedo, devo a indicação de varios manuscritos da Torre do Tombo, e a cópia dos documentos historicos que transcrevo num dos Appendices, pelo que igualmente me confesso grato.

Permittam-me ainda os leitores umas observações á cêrca da parte d'esta obra, que chamo *Camoniana mirandesa*.

Como por um lado não sou mirandês, e não domino por isso espontanea e completamente a lingoa, mas apenas a conheço por aprendizagem, por assim dizer, artificial, e sempre interrompida, embora guiado e ajudado pelo methodo da glottologia; e por outro lado se tornava muito difficil traduzir numa lingoa inculta, e que eu fui o primeiro a empregar litterariamente, obras de tão alto esplendor esthetico como são as de Camões: entendi que, para a plena realização do meu trabalho, devia soccorrer-me de individuos naturaes da Terra-de-Miranda, que fallassem instinctivamente o mirandês,— pois só assim as traducções que apresento ao público adquiririam certo sabor genuino e local, e não ficariam com caracter de *pastiche*, como alguem poderia imaginar.

*

Esta obra, que a princípio eu tinha imaginado que fosse um folheto, composto das traducções mirandesas e de uma breve introducção, alargou-se-me successivamente á medida que estudei o assunto, a ponto de se me tornar necessario dividi-la em dois volumes. Não duvidei proceder assim, porque a nós os que em Portugal trabalhamos em cousas litterarias sem pôr a mira no lucro, e só nos dedicamos a ellas pelo símplez desejo de contribuir para o progresso da sciencia, ou de satisfazer as necessidades do nosso espirito, raras vezes se nos offerece occasião de poder publicar sem despesa propria trabalhos extensos, e é preciso pois aproveitá-la,

quando ella apparece. Como á Commissão do Centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India foi concedida pelo Govêrno auctorização para publicar obras commemorativas, vali-me tambem do ensejo, com quanto na minha obra só possa relacionar-se com aquelle facto glorioso da nossa história a parte intitulada *Camoniana mirandesa*.

Não sei se nas páginas que vão ler-se attingi sempre a verdade; é mesmo natural que existam nellas numerosos erros, entre outras razões, porque «eſcreui ſem ter outro exemplo antes de mi»[1]. Comtudo fiz o que pude, e com bons desejos de acertar. Á crítica imparcial compete dizer onde errei, e onde acertei.

Muitas vezes alarguei-me na comparação do mirandês com o português, e com outras lingoas romanicas, já para ver se conseguirei ir radicando no público a pouco e pouco o gôsto d'estes estudos, já para mostrar a regularidade dos phenomenos do mirandês, que, por ser lingoa rustica, e viver abandonado no angulo de uma provincia sertaneja, muitos supporão erradamente que não merece a honra de se fallar nelle.

*

Como a impressão do meu livro tem sido muito demorada, appareceram durante ella mais alguns trabalhos sobre o mirandês, que devem ser indicados no vol. II, em appendice á bibliographia publicada neste volume, pp. 21-31. Entre taes trabalhos ha porém um, de tal

[1] Fernão de Oliveira, *Grammatica*, 1.ª ed. (fl. 38).

modo famoso, que não quero deixar passar a occasião sem o assignalar: é o *Dialecto mirandez* do Sr. Albino J. de Moraes Ferreira, publicado em Lisboa em 1898, titulo que, com a differença do artigo «o», é o mesmo do opusculo que em 1882, isto é, 16 annos antes, se havia publicado no Porto, — *O dialecto mirandês:* vid. adeante, p. 21. Faço esta observação porque o Sr. Albino, no prologo do seu livro, dá a entender que é elle o primeiro a occupar-se da grammatica do mirandês. — A fim de justificar o epitheto de *famoso* que dei ao livro, aqui cito alguns dos erros que contém. Infelizmente elles são tantos, que basta abrir o livro ao acaso, para os encontrar.

A p. XXXVI diz que em *nôusso* e *bôusso* existe o ditongo *ôu;* a p. LI representa esses pronomes por *nuôsso* e *buôsso;* a p. 7 torna a empregar *nôusso.* Em que ficamos pois?

A p. XXXVII diz que ha *ê* nos verbos *fallê, fallarê, beberê, unirê,* e nessa conformidade apresenta os paradigmas da conjugação a p. LIV, sqq.; mas tal phenomeno, embora exista noutros fallares de Portugal, não existe no mirandês corrente.

A p. XXXVIII dá o mirandês *õ* como equivalente do português *ão* em *coraçõ;* mas isto é inexacto, porque neste caso em mirandês corrente diz-se *-õũ,* e não *õ,* segundo a lei que exponho adeante, p. 257.

A p. XLIX dá *miênos* como mirandês; mas em mirandês diz-se usualmente *mênos,* segundo a lei que enuncio na *Grammatica,* § 52, poisque o lat. *mĭnus* tem *ĭ,* e este som está em mirandês representado por *é.*

A p. L dá *melhour* como mirandês, palavra que lá não existe.

A p. LII dá como correntes em mirandês estes vocabulos: *pôco, pôca, toudo, touda,* o que é igualmente falso, embora os dois primeiros se usem, por exemplo, em varios pontos de Portugal. Basta um poucochinho de reflexão para se ver a incongruencia d'estes exemplos, pois, se quem diz *pôco* por *pouco* supprime o ditongo *ou,* como ha-de fazê-lo apparecer anorganicamente em *toudo* por *todo?*

Nos verbos dá como fórmas mirandesas: *hõ, sã, fúe, fúran, diêra, pudo* (na 1.ª pess.), *puongo, puônan, sê* («sei»), *bine* («vim»), e nenhuma está exacta.

A p. LXXI dá *oubir* como verbo irregular, quando elle, no systema mirandês, é perfeitamente regular! O Sr. Ferreira foi levado a este êrro, por notar que *oubir* faz no presente *oubo* (*öubo*), differentemente do português *ouvir,* que faz *ouço;* este sim, é que é irregular! Dá tambem (*ibidem*) como irregulares *pedir* e *seguir,* quando estes verbos pertencem a categorias especiaes, que defini na minha *Grammatica,* p. 379 sqq.

A p. LXXI, nota 3, diz que *beilórun,* que cita a p. LIV, se encontra no antigo dialecto de Leão. O Sr. Albino, apesar de declarar a p. XI que não encontrou nas livrarias nenhuma obra sobre o mirandês, querendo com isso indicar que as minhas lhe eram desconhecidas, repetiu aqui, mas sem o entender, o que eu tinha escrito no meu opusculo *O dialecto mirandês*, p. 21, nota 24!

A p. LXXV explica *fazirum* pelo latim *fecerunt,* sem perceber que essa fórma é autonoma!

A p. LXXVII dá como palavras mirandesas, sem o serem: *foura, peour!*—Na mesma página escreve *lhunge;* a p. 59 escreve *luonge;* e a p. 85 *lhuonge.* Não sabe a gente qual d'estas fórmas ha-de acceitar!

A p. 7 diz que *Dius* vem do hespanhol *Diós*. A mais elementar phonetica fa-lo-hia vêr que isso não póde ser. Cf. a minha *Grammatica*, § 51.

A p. 8 diz que *suólo* vem do hespanhol *suelo*. Ora o que é certo é que as duas vem da mesma latina, e não uma da outra. Ainda assim, mais natural seria deduzir *suelo* de *suolo!*

A p. 7 dá *nuôme* como mirandês usual, o que não é justo.

A p. 8, nota 18, diz que os Mirandeses formam em *-ones* o plural dos nomes acabados em *-õ*, por seguirem a regra do hespanhol! Se elle possuisse umas noções de phonologia mirandesa, não enunciaria tal êrro. — Cf. a minha *Grammatica*, p. 319.

A p. 9 diz que *itierna* é hespanhol! Ora em hespanhol diz-se *eterna*.

A pp. 10–11 diz que *ũa* se pronuncía em todo o districto de Bragança como «uma só syllaba». Não é exacto; esta palavra pronuncia-se *ũŋa*, com um *n* guttural depois da nasal, o que faz duas syllabas. Mas, mesmo que em algumas partes se diga *ũa*, ella tem já duas syllabas, e não uma!

A pp. 11–12 diz que a fórma estremenha *nã*, que se ouve em «*nã* quero», é antiga, e que representa a phase anterior de *não;* alem d'isso compara o *-ã* de *não* como o do mirandês *chamã*. Não é exacta nem a explicação, nem a comparação. A fórma *nã* é que vem de *não*, como *mã* em *mancheia*; a reducção do ditongo a símplez vogal nasal resulta apenas da próclise; em pausa ninguem na Extremadura diz *nã*, mas *não:* cf. a minha *Grammatica*, p. 451. O mirandês *chamã* tem *-ã* porque vem do latim c l a m a n(t).

A p. 15 diz que ha em mirandês a terminação *-ouso,* como *bondouso.* Mas tal affirmação é inexacta.

A p. 59–70 vem uma descripção, em mirandês, da cidade de Miranda, do castello e da sé, com umas estampas. O Sr. Albino nem diz que a descripção é extrahida do *Portugal Antigo e Moderno,* de Pinho Leal, v, 328 sqq., e do *Archivo Pittoresco,* vi, 25–26, nem que as estampas são com pouca differença, e para peor, as do mesmo *Archivo Pittoresco,* vi, 25–26, e v, 181! Dá pois implicitamente como seu um trabalho que não lhe pertence[1]. Ha porém nisto e nos trechos que se lhes seguem uma parte que pertence ao Sr. Albino: é o mirandês da traducção. Esta traducção que o Sr. Albino fez é tão sua, que os erros formigam nella. Por exemplo, considera como mirandeses os seguintes vocabulos, uns que vem nessa descripção, outros que vem nos textos seguintes a ella: *ne* (fem.), *frêguezie, toudas, cuncelho, dirêta, Doiro, muontanha, desbantura, yestés, oitra, guiêrras, les* (f.), *suô* («só»), *defander, castilho, dô, fuôral, ô, nóbo, oumintando, Dezimbro, mismo, 'standiran, biẽs* (a p. XLVII tinha elle porém escrito *bienes!*), *oubras, Deniç, defandir, triçte, honrô, mandô, assintá-*

[1] Para de algum modo disfarçar o plagio, o Sr. Albino faz tambem umas pequenas modificações nos trechos de Pinho Leal e do *Archivo.* Uma miseria! — O Sr. Albino não poderá responder que foi só á traducção propriamente dita, e não ao contexto, que pretendeu attribuir paternidade, poisque n-*O Seculo,* de 28 de Agosto de 1898, publicou as mesmas estampas e os mesmos trechos, mas em português, e tambem com a sua assignatura, e sem declarar d'onde extrahiu tudo isto! Para em tudo ser infeliz, o nosso auctor faz-se assim responsavel pelos erros historicos que Pinho Leal contém no seu livro, e que o Sr. Albino reproduz inconscientemente.

ran, lhua, 'stube (3.ª pess.), *ambêrno, anférno, agoura, respêto, sã* («sem»), *anemigo, contrairo, nõ, impeçar, randousa, bô, bêan, endan, santido, amarilhas, sapatos, saragóça, anginioso, endar, puóbre, sô, suôa, felhiç, sintinêilha, fermesoura, senõ, agounies, tampeçtade, lhicêrce, nuôrte, friêça, rousa, flôur, prumêro, tchoura, muonte, dlôur.* E comtudo, nenhum d'estes 70 vocabulos, nem dezenas de outros que eu poderia juntar, são mirandeses: pelo menos não concordam com as leis do mirandês, nem se usam em Duas-Igrejas e noutros lugares da Terra-de-Miranda, cuja lingoagem conheço.

Nos mesmos trechos ha ainda muitos vocabulos, cuja fórma correcta não posso de pronto verificar, mas que estão em desaccôrdo com todas as leis phoneticas, por exemplo, *q'lhunas, souspirando, suçpansa* etc. etc. A palavra portuguesa «leque» tradu-la o Sr. Albino Ferreira por *lheque* a p. 72; eu em Terra-de-Miranda ouvi porém *lecre*. Tenho como phantastica a fórma *lheque*, já pelo que acabo de dizer, já porque, sendo relativamente moderna a palavra portuguesa *leque*, não era provavel que *l* inicial se desenvolvesse em *lh*, segundo o que digo adeante, na *Grammatica*, p. 260–261. A antiga palavra portuguesa que significava «leque» era *abano*, como tambem em hespanhol antigo; em hespanhol moderno usa-se o deminutivo *abanico*, e em português actual usa-se, a par de *ventarola*[1], uma palavra de origem oriental, derivada de *Lequios* (nome de um grupo de ilhas ao Sul do Japão), como se deduz do que diz Mendez Pinto, *Peregrinação*, cap. 225, ao fallar de

[1] Não insisto nas differenças de significação que existem entre *leque* e *ventarola*.

um presente do rei do Japão para o visorei da India: «lhe mandou..... cem *auanos Lequios*»[1]. Logo *leque* data provavelmente só do tempo das nossas relações com o Oriente nos sec. XV–XVI; e por isso se comprehende que em mirandês possa não ter *lh-*.

Tenho de fazer ainda uma observação curiosa ao que diz o Sr. Albino, a p. 87, nota. Escreve elle: «Foi nosso proposito verter para mirandês algumas estancias dos *Lusiadas;* e, á puridade, não encontrámos uma só que não contivesse termos desconhecidos para o povo mirandez». Ao Sr. Albino constou que eu tinha no prelo várias traducções camonianas, e leu certamente a que publiquei nas *Flores mirandesas*, pp. 19–20, que de mais a mais foi transcrita em 1897 n-*O Reporter;* e quis por tanto dar-me um remoque! O feitiço voltou-se porém contra o feiticeiro, porque, se é certo que os *Lusiadas*

---

[1] Outras fórmas aportuguesadas do nome d'estas ilhas são *Lequeos* e *Leques;* chama-se mesmo *LEQUE Grande* a uma das ilhas: vid. as respectivas citações em Yule & Burnell, *A glossary of Anglo-Indian colloquial words and phrases*, London 1886. Os nomes modernos que as ilhas tem no referido diccionario são *Lewchew, Liu kiu, Loo-Choo*. Em obras francesas encontra-se *Liou-Kiou* (que corresponde a um dos precedentes), por ex. no *Atlas de géographie* de Niox & Darsy. — Perante o texto de Fernão Mendez Pinto, que cito a cima, e a fórma *Leque*, que cito nesta nota, difficilmente se poderá duvidar da etymologia que apresento para *leque*, admittindo-se que, conhecida como é a predilecção dos povos do Extremo-Oriente pêlos abanos, tivessem voga, por qualquer circumstancia, como fábrica famosa, etc., os d'estas ilhas. Ha em português muitos nomes analogos, que tem tambem origem geographica, por ex., *çaragoça, galgo, cambraia, varino, casimira*, e estes nomes de couves: *saboia* (no Porto), e adjectivamente *murciana, lombarda, gallega*. Em todas as lingoas succedem factos analogos: o latim tinha *serica* (e *sericum*), *molossus, avellana;* o francês tem *madère, baïonnette, nankin, mousseline;* etc., etc.

contém muitos «termos desconhecidos para o povo mirandez», o Sr. Albino nos textos que publíca serve-se não só de termos igualmente desconhecidos dos Mirandeses, mas, — o que é mais grave —, dá-lhes ás vezes aspectos extravagantes; por exemplo, *Cientenairo, luongitude, árbe* («arabe»), *Ásie* («Asia»), *donjõ* (o francês *donjon!*), *pénhinsola!*

O Sr. Albino, para organizar os seus textos, não se deu ao trabalho de verificar *no vivo* cada vocabulo em especial, e se elles estavam tambem de accôrdo com a phonetica. Escreveu ao acaso. Onde havia em português *o* pôs em mirandês, quando lhe pareceu, *uo;* onde havia *e,* pôs *ie;* e assim por deante. Por vezes tambem fez mistura de fallares populares d'outros pontos do país. Nem ao menos, no que os dois idiomas tem em parallelo, se regulou pelo hespanhol, que elle no entanto parece conhecer tão pouco como o mirandês. Deliciem-se os habitantes da Terra-de-Miranda com os seguintes trechos:

Quiẽ l' honrô cũ le títelo de cidade e le dô nuóbos perbeleijos, fúe le rey D. Joã 3.º, hasta le mandó précuradores â les cuórtes p'ra s'assintáran ne l' 4.º banco (p. 62).

Yêste manifico eideficio que la 'stampa representa âtcha-se quelhocado ne la parte meredional de la cidâde, nũ sitio elhebado al ríu Dôiro, que curre cumo se fúra ancaxâdo a múita perfundeza ne sou lêto (p. 67).

Como não devo continuar a fatigar os leitores, vou terminar.

Escreve o Sr. Albino a p. XXXIV: «*Dialecto* é a linguagem especial que se afasta dos principios grammaticaes d'um idioma, e usada *numa certa região terrena*». Dei-

xando de lado a primeira affirmação, por enigmatica, —pois, se elle diz que o dialecto se afasta de um idioma, não diz de qual—, insistirei apenas na segunda. Affirma o Sr. Ferreira gravemente que um dialecto se usa *numa certa região terrena*. Fez bem em ponderar a *região terrena,* porque, se os leitores do seu livro, que não conhecessem a lingoagem da Terra-de-Miranda senão por elle, a fossem a aquilatar pelo que ahi se lê, ou ao menos pelos vocabulos que tenho citado, poderiam de facto imaginar que o mirandês, longe de ser, como mostro adeante, um idioma regular nos seus phenomenos, era pelo contrário uma geringonça sòmente decifravel *numa região aerea!*

PARTE I

HISTÓRIA EXTERNA DO MIRANDÊS

I

De como fui levado a estudar o idioma de Miranda-do-Doiro

Preliminares. — Manoel Antonio Branco de Castro. — Primeira viagem ao Nordeste de Tras-os-Montes. — Nota sobre a allitteração na poesia popular. — Costumes trasmontanos. — Chegada á Terra-de-Miranda. — Duas-Igrejas. — *Falla grave* e *falla charra* (e *caçurra*). — Nova viagem a Tras-os-Montes. — Outros meios de informação.

Frequentava eu, em 1882, o 1.º anno de Medicina na Eschola do Porto, quando dois meus contemporaneos e amigos, hoje medicos, Affonso Cordeiro e José Joaquim Pinto, sabedores de quanto eu apreciava as tradições e a lingoagem do povo, me disseram que andava matriculado na Academia Polytechnica um rapaz de Miranda-do-Douro, que sabia com perfeição a lingoa d'essa terra, pois a fallava desde criança.

Ora eu já então tinha conhecimento de que em Miranda se usava uma lingoa que não era a portuguesa, porém não havia ainda podido colligir senão duas ou tres palavras, uma das quaes era *cheno* (cheio), ouvida a um meu conhecido em Guimarães, por occasião de umas férias; por isso fiquei muito contente ao receber a noticia que Affonso Cordeiro e José Joaquim Pinto me deram, e não foi esta a unica vez que a estes meus dedicados e intelligentes companheiros devi informações sobre assumptos da nossa ethnographia.

Não decorreram muitos dias que eu não estivesse em optimas relações de amizade com o feliz estudante que fallava a lingoa de Miranda, o meu querido Manoel Antonio Branco de Castro, meu Espirito-Santo mirandês, por cujo intermedio pude addicionar á carta linguistica da Europa neo-latina mais um elemento.

Combinámos reunirmo-nos um dia feriado, para eu começar o meu trabalho de investigação. Foi este dia um domingo, á tarde. Branco de Castro morava numa *rèpublica* para os lados de Cedofeita, e lá tivemos a primeira reunião. Nunca me esquecerá tal domingo! Cada individuo tem as suas datas célebres: um, porque lhe nasceu um filho; outro, porque recebeu uma herança. Para mim o dia em que pela primeira vez na minha vida ouvi fallar seguidamente mirandês, e em que esbocei as primeiras linhas da sua grammatica, constitue tambem uma viva memoria. Consintam os leitores esta pequena expansão a quem, desde 1876, quasi não pensa noutra cousa que não seja a história da boa terra lusitana, particularmente no seu lado ethnologico e linguistico, e quasi não aspira a mais nada, senão ao gôzo de contribuir para o vasto thesouro da sciencia com um facto ou uma ideia nova, embora de modestas proporções.

Branco de Castro, reclinado sobre a cama, no seu pequeno quarto de estudante, recitava vocabulos, conjugava verbos, declinava nomes; eu, sentado numa cadeira ao pé, ia apontando fervoroso tudo o que lhe ouvia, e que para mim era como aquellas maçãs de ouro que, segundo um conto popular bem conhecido, saíam da bôca de uma virgem bem fadada, quando fallava ao seu noivo.

Num quarto vizinho estavam alguns estudantes tocando guitarra, e entre elles o meu prezado amigo Joaquim Maria de Figueiredo, conceituado pharmaceutico nesta cidade, o qual ainda hoje falla nisto; os estudantes interromperam a musica, e vieram ouvir.

Ao contrário de Orpheu, que, ao som da sua lyra, arrastava os penhascos e fazia parar os rios, aqui a musica cedia ao encanto da lingoa de Miranda! Isto constituia de facto uma novidade para os estudantes, que não sabiam que em Portugal se fallava outra lingoa além do português de Bernardes e Garrett. O mais encantado, porém, era eu. Com certeza não se escutavam com maior attenção os oraculos de Apollo em Delphos, ou os de Zeus em Dodôna, do que eu as palavras que o meu Branco de Castro proferia, sereno e resignado, deante de mim.

Dizia elle a principio:—«Isto é uma giria de pastores, uma *fala charra,* não tem regras, nem normas!». Mas, quando eu lhe mostrava que as correspondencias d'ella com o latim eram certas, que a conjugação seguia com ordem,—elle pasmava, e admirava-se que entre os *cabanhaes* de Genizio, e em meio dos *hortos* de Ifánez se pudesse ter feito cousa tão regular como era a lingoa que velhos cabreiros lhe haviam ensinado em pequeno. E tambem se enthusiasmava, e começava comigo a venerar esta desherdada e perdida filha do latim. Subia então ao auge o seu espanto, quando, não se lembrando casualmente de um vocabulo, ou não lhe acudindo logo á memoria a flexão de um verbo, eu lh'os indicava theoricamente, apenas baseado nas leis que pouco a pouco ia deduzindo dos factos observados.

Assim, ao cabo de algumas horas, e com mais uma ou outra notícia que colhi posteriormente, obtive materiaes que me bastaram para caracterizar nas suas feições mais geraes o mirandês.

Logo em 1882 publiquei sobre elle, como adeante direi, alguns trabalhos; mas, não obstante as palavras animadoras que me chegavam de differentes partes, e de *pessoas auctorizadas,* eu sentia a necessidade de profundar mais os meus estudos, e resolvi por isso, aproveitando o amavel convite de Branco de Castro, ir á Terra-de-Miranda nas *férias grandes* de 1883.

*

Saimos ambos do Porto em meados de Agosto; e só chegámos a Duas-Igrejas, termo da nossa viagem, passados cinco dias!

Até o Pinhão tivemos comboio. Ahi tornou-se-nos necessario esperar pela diligencia que seguia para Macedo-de-Cavalleiros. O Pinhão fica no Alto-Douro, nas margens do rio, entre montanhas. Nunca estive em terra mais quente: não se podia chegar á janella com o calor; parecia a zona torrida. Finalmente chocalharam na rua as campainhas da diligencia, e nós continuámos nella a nossa viagem até Macedo, subindo a ingreme estrada de Favaios debaixo das frechadas ardentes do sol, atravessando aos fins da tarde os vinhedos de Alijó, e passando, já de noite, por Murça, a da célebre *porca*, e, ao romper da madrugada, por Mirandella, de que o cocheiro disse, segundo o proverbio, «mira-a de longe, e foge d'ella»[1], não sei com que fundamento, a não ser

---

1 O dictado completo é:

Mirandella,
Mira-a de longe
E foge d'ella.

Ha outros dictados semelhantes, que devem a sua origem á allitteração, por exemplo:

Alma até *Almeida;*
E de Almeida p'ra diênte,
Alma p'ra sempre.

A allitteração dá-se ainda com nomes proprios de homens, como:

Miguel, *migalhas*,
Farripa de palhas.

Nas palavras da lingoa commum é tambem ella muito frequente, como: *são e salvo, come e cala-te,* etc. Na *Revista Lusi-*

o da allitteração e da rima, pois a villa, estendida nas margens do Tua, é pittoresca, e tinha, para matar a fome e a sêde dos passageiros, boa vitella e melhor vinho-verde.

Vêem os leitores que a viagem foi demorada. Se eu a isto accrescentar que a diligência não offerecia commodos de qualidade nenhuma, e, pelo contrário, nos levava aos solavancos, sem nos deixar dormir um momento, comprehenderão que conseguir o prazer de ouvir *in loco* dois ditongos mirandeses não custa tão pouco como á primeira vista parece.

Valeu-nos ao menos pelo caminho a optima, e de mim sempre lembrada, companhia do meu excellente amigo, o Rev.do P.e Antonio Caetano Vaz Pereira, de Parada, a par de Bragança, o qual, apesar de só então travar conhecimento comigo, logo na nova viagem que fiz a Tras-os-Montes, no anno seguinte, me acolheu na sua casa, e, alem de me dar algumas informações linguisticas á cêrca da Beira-Baixa, onde elle tinha estado, me auxiliou muito nos estudos a que eu nesse anno procedi nos dominios da dialectologia e ethnographia

---

tana, I, 277 e 350 nota, reuni alguns elementos para o estudo da allitteração.

Este processo rhythmico tinha bastante importancia na antiga lingoa latina, constituindo mesmo um dos caracteres do verso saturnino, *horridus numerus Saturnius*, como lhe chama Horacio nas *Epistulas*, II, I, 157–158.—Á cêrca da allitteração vid. os seguintes trabalhos, alem de outros (dos quaes mencionei alguns na referida *Revista Lusitana*, loc. cit.):

Wölfflin, *Ueber die allitterierenden Verbindungen der lateinischen Sprache* (nas *Actas* da Academia das Sciencias da Baviera, de 11 de Junho de 1881);

Weise, *Les caractères de la langue latine*, Paris 1896, p. 119 sqq;

D. Carolina Michaëlis, *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, Leipzig 1876, p. 25 sqq;

F. Kriette, *Die Allitteration in der italienischen Sprache*, Halle 1893.

raianas. Receba mais uma vez o virtuoso e lhano sacerdote os meus agradecimentos.

Em Macedo-de-Cavalleiros, por falta de conducção pronta, dormimos uma noite, e estivemos, parte de dois dias, aquartelados na estalagem da Braguesa, boa molher do Minho, que, como do seu santo arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres refere o chronista Fr. Luis de Sousa, nos deu muito *riso*, mas nada de *vacca*, pois nos tratou quaresmalmente, se bem me lembro, a bacalhau e batatas.

De Macedo seguimos em burros, levando duas molheres e um rapaz por arreeiros. A viagem, através de descampados infinitos, cobertos de resteva de centeio, o que dava á paisagem monotonia horrorosa, foi extremamente fatigante. Aqui e alem via-se um monte, cujo mato ardia (*queimadas*), descia-se por uma *öurreta*, ou atravessavam-se rios como o Sàbôr, o Maçãs e o Angueira. A estrada é sempre bastante accidentada, mas nas *ladeiras* vizinhas ao rio Sàbôr e ao rio de Maçãs é que ella se torna muito difficil: só se póde caminhar a pé. Ambos os rios ficam em fundos valles; o do rio Sàbôr, todavia, é realmente majestoso! Uma serie de montanhas altas, primeiro; depois um immenso declive, apenas com um carreiro tortuoso para se passar; por fim lá em baixo o rio, escuro e soturno.

Pelo caminho fui observando diversos costumes populares, e copiando *xacaras* que as arreeiras me ditavam. Nas eiras trabalhavam homens e molheres, *trilhando* ou *talhando* pão. Chama-se *trilho* um instrumento de lavoura destinado a extrair o grão da espiga dos cereaes: tem fórma rectangular, com uma das extremidades levemente virada para cima, e a parte inferior cravejada de seixinhos; é arrastado por um boi. Quem não conhecer o *tribulum* romano, descrito por Varrão[1],

[1] *De Re Rustica* I, 52.

tem aqui o modêlo, e o proprio nome ainda. A operação chama-se *trilha*. Os carros de bois differem dos da Beira-Alta: o timão é formado por duas hastes que a certa distancia se encontram angularmente, e depois se fundem numa unica. Encontram-se frequentemente, em meio do deserto, pombaes redondos, de pombas bravas; e nas povoações as fontes são cobertas de telhados em fórma de angulo diedro, com uma cruz por cima, como vestigio christão do antigo culto pagão das ágoas.

Atravessámos tristes lugarejos, como Limãos e Gralhós. Os habitantes estranhavam a comitiva, mas cortejavam-nos quando passavamos. A gente trasmontana, como diz um documento do sec. XV, citado por Viterbo[1], é simplez. Uma vez perdemo-nos no caminho, e andámos mais de quanto tempo á toa por uma serra solitaria; tendo lobrigado casualmente lá ao longe um rebanho de gado meudo, dirigimo-nos para elle, na ideia de obtermos do *pastorico* informações a respeito da estrada, mas, como o gado, á aproximação da cavallaria e das duas molheres e do rapaz, começasse logo todo em debandada, o guardador aterrou-se, e sumiu-se de tal modo entre os penedos, que o não pudemos ver.

Já cansado do caminho, eu perguntava de vez em quando ao rapaz se ainda faltava muito para chegarmos á Matella, aonde iamos pernoitar. O rapaz respondia a principio: *inda falta um cacho bem bô!*; depois: *inda falta um cacho*; por fim, querendo com o deminutivo suavizar a minha agrura: *só falta um cachico*. Mas, pelo que depois vi, o *cachico* era mais de uma legoa, mesmo das estiradas legoas trasmontanas; e então no *cacho* e no *cacho bô* nem fallemos! que só as pernas do meu burro poderiam dizer ao certo a significação d'essas palavras terriveis. Geralmente os Trasmontanos

[1] *Elucidario*, s. v. «estremo».

medem as legoas e as meias-legoas pelas distancias das povoações; contam uma legoa, se estas são muito afastadas umas das outras; contam meia, se o são pouco[1]. Ás legoas grandes chamam *legoas de pero*.

Ao anoitecer entravamos na Matella, cujas ruas, por ser occasião de ceifas e malhas, estavam cobertas de palhiço. Dormimos em casa de uns benevolos camponeses, commodamente, em boas camas de lençoes de linho, ao som do canto estridulo dos ralos e do coaxo das rans, que velavam lá fóra no campo da porta.

Da Matella partimos no dia seguinte para Duas-Igrejas, passando por Campo-de-Viboras e S. Pedro-da-Silva.

A hospitalidade e a affabilidade dos Trasmontanos d'aquelles sitios são dignas do maior elogio. Muito devi eu a essas duas virtudes na minha viagem. Apenas chegavamos a uma *venda*, que as *vendas* eram as unicas estalagens, eu tratava, como é meu costume, de investigar os costumes e a litteratura populares: immediatamente se agglomeravam em volta de nós molheres e homens promptos para patentearem o thesouro das suas tradições, de modo que o que a maior parte das vezes me faltava, não eram informadores, era tempo para escrever. Em Matella e Campo-de-Viboras, por exemplo,

---

1 O meu amigo Antonio Mezquita de Figueiredo ouviu ao povo em Viseu os seguintes versos que me enviou, e que alludem a um costume semelhante ao trasmontano:

A maior legoa da Beira
É das Antas á Maceira;
Quem as quiser andar,
É da Guarita ao Carregal;
Quem as quiser medir,
É de Viseu a Faïl;
Quem quiser saber o que ellas são,
Vá do Botulho ao Botão.

É curiosa esta geographia popular versificada.

colhi algumas lendas e poesias, que porém não posso aqui publicar, por este não ser o lugar proprio[1].

Campo-de-Viboras, ou, como lá dizem, *o Campo,* é pequena aldeia, triste, e escondida atrás de enormes penedos chamados a *Villa-Velha,* porque ahi apparecem vestigios de construcções antigas; não se vê na povoação nem sequer um só edificio caiado, e o horizonte é o menos largo possivel. A Matella tinha melhor aspecto, com os seus quintaes arborizados a darem-lhe alguma vida.

A nossa demora em S. Pedro-da-Silva foi muito curta. Quando cheguei aqui, respirei com os pulmões completamente á vontade, porque em fim, *post tot tantosque labores,* entrava na Terra-de-Miranda, e podia á farta ouvir fallar o maravilhoso e enfeitiçado dialecto dos meus amores. Estivemos em casa do sr. abbade, cuja irmã, de grossas polainas, e de vestido de burel, nos deu queijo e vinho... já em mirandês.

Pela tarde do mesmo dia as cabeças dos nossos burros aproavam em Duas-Igrejas, termo da digressão. Oh! abençoada terra! tantas vezes invoquei o teu nome, quando me vi perdido nas montanhas, ou desci, cheio de calma, as ladeiras do Sàbôr! Agora direi com Vergilio: *hic domus, haec patria est...,* não a minha, mas a do mirandês, que eu ia estudar.

*

Duas-Igrejas, não obstante ser o typo das aldeias raianas de Tras-os-Montes, é ainda assim uma das melhores terras do concelho, posto que Miranda occupe entre as cidades portuguesas o lugar infimo.

---

[1] Publiquei alguns romances populares de lá in *O Penafidelense,* n.os 607 e 617; e no meu *Romanceiro Português,* Lisboa 1886, p. 13 sqq.

Mal chegámos lá, e nos desempoeirámos e refizemos, o meu amigo Branco de Castro, em cuja casa me hospedei, pôs-me em relação com todas as pessoas do povo, —Duas-Igrejas é povo exclusivamente de lavradores—, e eu, applicando por um lado o meu ouvido, e por outro lado escrevendo rapidamente a lapis o que apanhava, comecei o meu trabalho de investigação linguistica, o qual se prolongou por muitos dias.

Ás vezes era dentro de um *cabanhal*, onde, á sombra, se reunia um rancho de molheres a trabalhar: uma dizia-me um conto, outra uma canção; não posso aqui deixar de mencionar o nome de uma gentil *rapaza*, chamada Mària Amara, ou em mirandês *Marẹẹ'Mara*, que foi uma das minhas melhores collaboradoras. Outras vezes, á noite, tomava lições com um lavrador, que, por ser de certa idade, e muito curioso, possuia na memoria todo o lexico; a certas horas sentia eu bater á porta do meu quarto: era elle, o facundo Mirandês, que trepava, como um gato, pela varanda pegada, e vinha leccionar-me; nunca o esquecerei,—alto, embuçado na *capa d'honras*, todo vaidoso e todo contente por me ensinar a sua *lhengoa*.

A lingoa mirandesa é puramente doméstica, por assim dizer, a lingoa do lar, do campo e do amor: com um estranho o aldeão falla logo português. Como porém em Duas-Igrejas todos sabiam ao que eu ia, fallavam mirandês comigo, e, quando eu por acaso lhes dirigia a palavra nesta ultima lingoa, elles riam-se muito, porque achavam o caso um pouco singular.

Com uma especie de modestia os habitantes de Duas-Igrejas dizem que quem falla mirandês *fala mal, fala charro*[1], e que quem falla português, *fala grabe*, ou *em grabe*. Tambem a pessôas de Cércio ouvi dizer que

---

[1] Note-se que o *ch* de *charro* se pronuncía explosivamente, quasi como *tx*.

os Mirandeses são *caçurros*, e a sua lingoagem «falla *caçurra*»; mas estas expressões não são conhecidas em toda a Terra-de-Miranda, pelo menos alguns individuos de Duas-Igrejas e Constantim, com quem ultimamente fallei, e a quem interroguei sobre o caso, não me souberam dizer a significação d'ellas.

Farei aqui umas breves observações a respeito de *charro* e *caçurro*.

*

Em hespanhol a palavra *charro* (onde *ch* se pronuncía como em mirandês) tem, segundo o *Diccionario* da Academia Hespanhola, Madrid 1884, s. v., a seguinte significação: «Aldeano de tierra de Salamanca; basto y rústico, como suelen ser muchos aldeanos». Os diccionarios portugueses tambem trazem *charro*. — O etymo d'esta palavra, para uns está no vasconço, para outros no arabe[1].

Quando num país, ao lado do idioma litterario e nacional, se fallam idiomas só de uso popular, dão-se de ordinario casos como o que succede em Miranda; isto é, ha uma expressão de desprêzo para a lingoagem tida como menos culta. Cf. o meu *Dialecto mirandês*, Porto 1882, p. 9. — Na Italia usa-se a expressão «parlare sporco»[2] por «fallar dialecto», muito semelhante á mirandesa «fallar charro». No Sul da França, «la population gavache ..... a comme une mauvaise honte de parler son idiome natal»[3].

Ás vezes estas expressões de zombaria fundam-se em certos modos de dizer usados em tal ou tal terra,

---

1 Diez, *Etymologisches Wörterbuch*, II, s. v.;
Baist, in *Zeitschrift für romanische Philologie*, V, 242-243;
Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, §§ 1831 e 3612.

2 F. d'Ovidio, «Fonetica del dialetto di Campobasso», in *Archivio glottologico italiano*, IV, 145.

3 E. Bourciez, in *Revue des Universités du Midi*, II, 146.

por contraposição aos de outra. Em Duas-Igrejas (c. de Miranda), por exemplo, diz-se *pa lhí* (= *para alli*), ao passo que em Villar-Sêcco (c. de Vimioso) e Caçarelhos (ibid.) se diz *pa-lí*. Os habitantes da primeira povoação, quando querem escarnecer dos das outras, perguntam: «vais *pa-lí?*»

Factos semelhantes acontecem noutras partes.

A gente do Norte de Portugal zomba da de Lisboa, dizendo que esta pronuncía *cravão* ou *caravão*, por *carvão*, com quanto taes modos de fallar não sejam muito caracteristicos.

Como no dialecto andaluz existe a aspiração *h* (correspondente a *f* antigo), que falta no castelhano commum[1], os Castelhanos dão á lingoagem andaluza o nome de *jándalo*[2]; d'este facto nasceu o dictado popular andaluz:

> El que no diga *jacha, jorno, jigo, y jiguera*
> No es de mi tierra.....[3]

que tem na lingoagem vulgar da Extremadura hespanhola a seguinte fórma: «Er que no 'iga *jacha, jorno, jigo y jiguera* no ej 'de mi tierra»[4]; mas a aspiração andaluza está aqui imperfeitamente representada por *j*, e melhor seria representá-la por *h*.

Os Florentinos mudam em um som analogo ao *ch* allemão de *lachen*[5] o *c* na posição fraca, dizendo *questo*

---

[1] Sobre a antiga aspiração castelhana *h* (< *f* lat.) vid. R. J. Cuervo, in *Revue Hispanique*, II, 66 sqq.

[2] Vid. J. Storm in *Romania*, V, 179; cf. o *Diccionario de la lengua castellana* da Academia Hespanhola, s. v.

[3] Cf. tambem o artigo do Sr. H. Schuchardt sobre phonetica andaluza a proposito dos *Cantes flamencos*, — in *Zeitschrift für romanische Philologie*, V, 305.

[4] Vid. a revista intitulada *El Folk-Lore frexnense y bético-extremeño*, Fregenal, 1883–1884, p. 44.

[5] Cf. Ascoli, in *Archivio glottologico italiano*, I, XLV.

havallo (= questo ċavallo), *la hroce* (= la croce): d'aqui a origem da designação *gorgia fiorentina*[1].

Os Provençaes «donnent habituellement l'*escai* ou surnom di *siblaires* (siffleurs) aux Languedociens», por causa da profusão do *s* na lingoa d'estes[2].

Como em Berlim o *g* inicial se pronuncía *j*[3], dizem as pessoas de outras partes da Allemanha, arremedando os Berlineses: «Eine *jute jebratene Jans* ist eine *jute Jabe Jottes*»[4], ou «Ein *joldjeber Juck-Juck* [= Kuckuck] ist eine *jute Jabe Jottes*»[5]; o segundo dictado mostra que o phenomeno se extende, ou pelo menos se attribue tambem, ao *K* inicial na palavra *Kuckuck*.

Os exemplos podiam multiplicar-se.

*

Passarei agora a occupar-me de *caçurro*.

A este vocabulo correspondem os hesp. *cazurro, -a*. No *Diccionario de la lengua castellana*, da Academia Hespanhola, s. v., lê-se: «*Cazurro, -a*, de pocas palabras y muy metido en si; (ant.). Deciase de las palabras y expresiones bajas e groseras, e del que las usaba». A ultima definição corresponde perfeitamente ao sentido do vocabulo em mirandês. Em hespanhol existe de mais a mais *cazorria*.

Em gallego diz-se igualmente *cazurro*, e alem d'isso *cazurrote*[6].—Em português temos *caçurrento*, que está para *caçurro*, como *gafento* para *gafo*, como *avarento*

---

1 Vid. H. Schuchardt, in *Romania*, I, p. 21.

2 Vid. R. Ferrier, *De la double forme de l'article*, Paris 1876, p. 6 e nota.

3 Vid. W. Vietor, *Die Aussprache des Schriftdeutschen*, Leipzig 1895, pp. 15–16.

4 Ouvi este dictado a um Alsaciano.

5 Ouvi este dictado a uma senhora de Westphalia.

6 Valladares y Nuñez, *Diccionario gallego-castellano*, s. v.

para *avaro* (tendo-se na mente os substantivos abstractos correspondentes). No *Cancioneiro Geral,* de Garcia de Resende, lê-se:

Caçurrentos, mays que pulhas,
De seus males criminaes
Se castyg(u)em.
(Vol. I, p. 187-188).

Leçençeado sem tento,
Que presume de sotil,
Sabereys pulhas çem mil,
Trovays çujo & *caçurrento.*
(Vol. III, p. 652).

Os nossos diccionarios tambem dão como existente *caçurria,* mas é preciso verificar se tal palavra apparece em textos antigos.

Evidentemente estas palavras todas, a mirandesa, as hespanholas, as gallegas, as portuguesas, tem a mesma origem, representada no adjectivo *caçurro* (ou *cazurro*). Quanto ao etymo, a primeira cousa que occorre é decompor *caçurro* em *caç-urro;* já Diez[1], ao estudar o suffixo *-urro,* indica o adjectivo hesp. *cazurro,* sem porém lhe determinar a etymologia. Ainda que deante do thema caç- nos poderiamos lembrar do verbo port. *caçoar* e do substantivo gall. *cazualla,* a explicação d'elle é difficil. Como o suffixo *-urro* é, ao que parece, de origem bizcainha, ha tentação de ir ao vasconço buscar a desejada etymologia: effectivamente o Sr. E. Hübner, nos *Monumenta linguae Ibericae,* p. LXXXIII, aproxima *cazurro* do vasconço *zakurra.* Porém o Sr. D. Miguel de Unamuno, lente cathedratico da Universidade de Salamanca, e que, alem de cultivar a philologia romanica, é bizcainho de nação, diz-me em carta que acha nesta aproximação algumas dúvidas, e nota que assim

---

1 *Grammaire des langues romanes,* II, p. 341.

como o hesp. *baturro* está para *bato,* assim *cazurro* faz presuppor a fórma *cazo-, que tambem a cima deduzi (= *caço-), e que permanece obscura. Não posso embrenhar-me neste arduo problema; comtudo lembrarei que talvez a coincidencia entre *baturro* e *cazurro* (*caçurro*) seja apenas casual, e que *cazurro* poderá explicar-se pelo bizcainho *zákurr* (ou pelo seu protótypo), em resultado de metathese: *zá-kurr* = ca-zurro. A palavra *zákurr,* como me indica ainda o Sr. Unamuno, significa «ladrador», e por extensão de significação «perro»; com o artigo posposto toma a fórma *zákurr-á* = *zàkurrá* («el ladrador», «el perro»). Pelo que respeita ao sentido, nada haveria que oppor.

No onomastico da Hespanha existe *Cazurra* (Zamora) e *Cazurraque* (Orense). Terão estas palavras alguma cousa que ver com *cazurro?* O onomastico português offerece *Cassurrães* (= Caçurrães) na Beira; tal palavra poderia ser o plural de *caçurral, da mesma familia.

*

Fechado este parenthesis sobre o sentido de *charro* e *cazurro,* voltarei a fallar da minha estada em Duas-Igrejas. Não obstante aquellas expressões depreciativas, muita gente, com algum e legitimo orgulho regional, referia-se ao mirandês, servindo-se das expressões *la nǫssa fala, la nǫssa lhengoa,* por opposição ao *grabe;* e até accrescentava que os de longe, os que não eram de Miranda, apenas entendiam o português, ao passo que os Mirandeses entendiam nada menos de quatro lingoas affins,—*mirandês, português, gallego* e *hespanhol!*

O meu nome corria de bôca em bôca, entre aquelles aldeãos simples e primitivos, que exclamavam admirados: *Aquél studante bẽ aprẹndér la nǫssa fala!*

Uma ou outra pessoa, principalmente as molheres, lá cuidava que eu ia para me divertir; todavia eu argumentava que não teria emprehendido uma viagem in-

cómmoda e dispendiosa, de mais de quarenta legoas, apenas para me rir: o argumento lograva convencer os meus interlocutores, que não deixavam nunca de responder ás minhas perguntas.

Para se recolherem certos sons e phrases caracteristicas de uma lingoa que se quer estudar da bôca do povo, o melhor meio é esperar a occasião opportuna do acaso, e apanhar isso em flagrante: fiz assim sempre que pude; no emtanto muitas vezes tive de proceder a interrogatorios, embora, quando eu o julgava conveniente, dirigidos de tal modo, que os interrogados respondessem espontaneamente, sem eu lhes indicar de antemão o som ou a flexão que eu queria saber ou averiguar.

A minha demora em Duas-Igrejas foi de bastantes dias; estive ainda noutras localidades, como Miranda-do-Douro, etc.

Apesar da vontade que eu tinha de continuar por mais dias em Duas-Igrejas, e da franca e sincera hospitalidade que Branco de Castro e sua familia me davam, foi-me necessario partir ao cabo de certo tempo.

D'esta minha primeira viagem á Terra-de-Miranda resultou a colheita de grande número de textos populares, sobre tudo contos, ou, como lá dizem, *contas;* tambem comecei a organizar um vocabulario geral da lingoa, que de então para cá tenho continuado a accrescentar: tudo isto o conservo ainda inedito, com excepção de um conto.

*

No anno immediato, em 1884, tambem nas *férias grandes,* voltei a Tras-os-Montes, mas d'esta vez a viagem não se limitou á Terra-de-Miranda. Fui direito a Favaios, e d'ahi por Santa-Comba a Parada, Bragança, Carregosa, Zeive, Mòfreita, Avelleda, Soutello, Montezinho, Portello, Varge, Rio-d'Onor, Guadramil,

Deilão, Rio-Frio, Quintanilha, Val-de-Frades, Avellanoso, S. Martinho-d'Angueira, Especiosa, Genizio e Duas-Igrejas. Estudei varios factos da lingoagem de todas estas terras, em algumas das quaes me demorei mais de um dia. Não foi propriamente estudo circumstanciado o que fiz, mas simplez reconhecimento, pois ainda espero lá voltar.

De Duas-Igrejas continuei o meu caminho, passando por Sendim e Mogadouro, até tomar outra vez o comboio do Doiro. Nas aldeias de Rio-d'Onor e Guadramil descobri dois idiomas ou co-dialectos raianos, que chamei *riodonorês* e *guadramilês;* em Sendim descobri o *sendinês,* sub-dialecto do mirandês. Quando digo *descobri,* entende-se que quero significar que o descobrimento foi em relação á Glottologia, pois muita gente, fóra das localidades, sabia já da existencia de taes lingoagens,— e até eu parti para essas localidades por ouvir dizer que havia lá modos especiaes de fallar.

Não me detenho na descripção d'esta nova viagem, porque isso pouco interesse daria aos leitores; desejo porém lembrar que encontrei constantemente boa vontade e franqueza, mesmo da parte de pessoas que me não conheciam. Como percorri grande parte da raia, e estive em povoações onde não havia estalagens, tive muitas vezes de recorrer á hospitalidade particular, e esta nunca me faltou. Entre os nomes de muitas pessoas que podia aqui citar, referirei especialmente os do Rev.^do^ P.^e^ Antonio Caetano Vaz Pereira e de seu sobrinho o Rev.^do^ P.^e^ Miguel, o de meu primo Adriano Leite Pereira de Mello e Vasconcellos, o do Rev.^do^ P.^e^ Alexandre Barrigão, o de Pires Avellanoso, com quem então tomei relações de amizade que ainda duram, e os dos meus velhos amigos Dr. Trindade Coelho, que foi meu condiscipulo de collegio, e P.^e^ Manoel Sardinha. A todos o meu affecto e a minha gratidão, porque todos me disseram: *Nostris succede penatibus hospes:* sê bem vindo ás nossas casas!

*

Posteriormente a estas excursões a Tras-os-Montes, aos proprios lugares onde o mirandês se falla, tive ensejos de praticar por várias vezes com gente da Terra-de-Miranda, já durante a epocha dos meus estudos escholares no Porto, já depois que mudei a minha residencia para Lisboa. No Prologo, quando me referi ao modo como organizei os textos mirandeses que publíco na Parte IV d'este livro, toquei já nisto.

II

Bibliographia mirandesa

Trabalhos doutrinarios (historicos e grammaticaes).—Textos (uns originaes, outros traduzidos).—Os primeiros estudos a respeito do mirandês datam de 1882.—Menção de todos os trabalhos publicados de então para cá sobre o assumpto.—Trabalhos ainda ineditos.—Nota á cêrca da interpretação da *Barbara escrava*, de Camões.

O primeiro texto mirandês que se publicou foi um conto popular que, com o titulo de «Cristo i S. Pédro», inseri, em Junho de 1882, num jornal sevilhano intitulado *El Folklore andaluz*, p. 176.

Seguidamente publiquei n-*O Penafidelense*, de Penafiel, Julho-Agosto do mesmo anno, em folhetins, o primeiro esbôço de uma grammatica mirandesa. O trabalho intitula-se «O dialecto mirandês, notas glottologicas», e saiu nos n.os 472, 473, 479, 482 e 483. Compõe-se dos seguintes capitulos: 1) Introducção; 2) Phonetica; 3) Morphologia; 4) Textos; 5) Materiaes para um vocabulario; 6) Conclusão; e Appendice.

No meu livro *Tradições Populares de Portugal*, impresso no Porto, tambem em 1882, dei a lume outro conto popular mirandês, a p. 295: «L'Mīędo».

Tendo reduzido a melhor fórma, em virtude de novos estudos a que procedi, os artigos que fiz sahir n-*O Penafidelense*, publiquei no Porto, ainda no mesmo anno de 1882, um opusculo intitulado *O dialecto mirandês*, in-8.º gr., de 39 paginas, constituido por várias

secções: Introducção, Grammatica mirandesa (phonetica, morphologia, syntaxe), Textos, Materiaes para o conhecimento do vocabulario mirandês, e Conclusão. Foi o meu primeiro livro de philologia.

D'estes trabalhos tomaram conhecimento os philologos portugueses e alguns estrangeiros, uns porque eu lh'os offereci, outros porque os compraram.

Dos nacionaes fallou em especial a respeito d'elles o Sr. Prof. Adolfo Coelho in *Jornal do Commercio*, n.º 8:706 (numa referencia), e o Sr. A. R. Gonçalves Vianna no Congresso geographico de Paris em 1889, como consta do respectivo *Compte rendu*, Paris 1890, I, 659–660, em que este illustre glottologo tambem se refere aos outros idiomas que descobri em Tras-os-Montes,—o riodonorês e o guadramilês.

Dos philologos estrangeiros fallou na revista *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie*, 1883, pp. 108–112, num extenso artigo, com que muito me penhorou e honrou, o Sr. Dr. Hugo Schuchardt, professor de Philologia romanica na Universidade de Graz.

Sobre o mesmo assumpto appareceram ainda algumas notícias em jornaes portugueses, italianos, franceses e hespanhoes, e recebi várias cartas de pessoas auctorizadas, como Milá y Fontanals, professor na Universidade de Barcelona, já fallecido, Dr. Francesco d'Ovidio, professor na Universidade de Napoles, e o principe L.-Lucien Bonaparte, já fallecido, que se occupava do estudo das lingoas vivas da Europa, sendo até muito notaveis os trabalhos d'elle sobre o vasconço; na *Revista Lusitana*, II, 344, publiquei uns extractos de tres das cartas do principe, intitulados «Notas sobre classificação de alguns dialectos romanicos». De mais a mais, depois que publiquei esses textos e notícias, a lingoa mirandesa tem sido citada, quer em trabalhos especiaes (da Sr.ª D. Carolina Michaëlis, de Munthe, e de outros), quer em trabalhos geraes, como: *Die romanische Philologie*, de F. Neumann, Leipzig 1886, p. 68;

Grundriss der romanischen Philologie, de G. Groeber, vol. I; *Grammatik der romanischen Sprachen,* de W. Meyer, vols. I e II; *Lingue neolatine,* de Gorra; e até foi parte do capitulo final d-*O dialecto mirandês* aproveitada por V. Tinajero num livro seu de philologia hespanhola[1].

Como eu visse annunciado para o anno de 1883 um concurso philologico na *Société des langues romanes* de França, mandei para lá o opusculo *O dialecto mirandês,* não com esperanças de receber premio algum, mas para que o meu país ficasse representado, ainda que humildemente, naquelle certame scientifico. Qual não foi no em tanto a minha alegria ao ler no numero de Julho de 1883 da *Revue des langues romanes,* pp. 17–19, que o meu pobre trabalho havia sido bem acceite, e premiado com o unico premio pecuniario que a Commissão do concurso distribuíra! Isto tinha para mim tanto mais significação, quanto era certo que, sendo eu símplez estudante nessa epocha, e passando por doido para muita gente, por me occupar de assumptos ethnographicos e linguisticos,—recebia da justiça dos estrangeiros a recompensa dos esforços que eu empregava para prestar algum serviço á patria.

Logo em seguida ao regresso da minha nova viagem por Tras-os-Montes, imprimi no Porto, em 1884, o opusculozinho intitulado *Flores mirandesas,* que contém algumas poesias que fiz naquella provincia, e a traducção de duas oitavas dos *Lusiadas*[2], tudo em mirandês,—e contém alem d'isso uma nota sobre phonetica, e um breve glossario.

Em 1886 publiquei outro opusculo (extraído da *Revista de Estudos Livres,* de Lisboa), Porto, 16 pági-

---

[1] *Estudios filologicos de la lengua española,* Madrid 1886, p. 248; cf. p. 259.—Vid. tambem *Revista de España,* 1885–1886, t. CX, p. 609.

[2] Foram reproduzidas pelo Dr. Trindade Coelho n-*O Reporter,* n.º 1:509, de 1 de Janeiro de 1897.

nas, com o titulo de *Lingoas raianas de Tras-os-Montes,* em que, pela primeira vez, fallo do sendinês e dos idiomas de Guadramil e Rio-d'Onor.

Nesse mesmo anno, a pedido de um bibliophilo, traduzi em prosa mirandesa o soneto de Camões que começa *Alma minha gentil,* — e a traducção appareceu a p. 11 de um livro que com aquelle titulo se publicou em Lisboa em 1886, na Typographia Elzeveriana, onde vem outras traducções do mesmo soneto em diversas lingoas.

Em 1888 publiquei na minha *Revista Lusitana,* vol. I, pp. 260–261, um dos contos populares mirandeses que eu tinha colhido *in loco* em 1884; de lá foi transcrito, a titulo de espécime dialectologico, na *Introducção á historia da litteratura portuguesa,* do Sr. Dr. Mendes dos Remedios, Coimbra 1898, pp. 83–84.

Em 1894, por sollicitações da redacção d-*O Mirandês,* publiquei neste jornal dois artigos: um, no n.º 8, em que dei noticia de um manuscrito do seculo XVII, de que mais adeante me occuparei, onde vem, que eu saiba, a primeira menção do mirandês, embora imperfeitamente redigida; outro, no n.º 14, em que apresentei, feita por mim, a traducção mirandesa, em verso, da proposição d-*Os Lusiadas,* que reproduzo no presente livro.

Em 1896, na *Revista Lusitana,* IV, 125–126, tornei a referir-me ao citado ms. do sec. XVII, acompanhando de algumas considerações a referencia.

Em 1897, em virtude de uma local que appareceu n-*O Reporter,* n.º 1:515, publiquei neste jornal, nos n.os 1:517–1:520 e 1:523–1:525 (cf. tambem o n.º 1:516) uma serie de sete artigos intitulados «A lingua mirandesa»[1], os quaes, com algumas modificações, aproveito neste livro.

---

[1] Reproduzidos no jornal *O Norte Trasmontano* (Bragança), desde 19 de Novembro de 1897 até 11 de Fevereiro de 1898.

Finalmente, no corrente anno de 1898, fiz apparecer na citada *Revista Lusitana,* v, 195–198, um breve artigo intitulado «Notas mirandesas», onde apresento algumas observações phoneticas, e dou a lista dos lugares em que se falla o mirandês. Já na minha «Carta dialectologica do continente português», publicada em 1893 na *Geographia de Portugal,* do Prof. Ferreira Deusdado, e em 1897 em opusculo á parte[1], eu havia delimitado a principal área geographica do dialecto. Á classificação d'este no quadro glottologico português tenho alludido várias vezes em diversos lugares, como in *Revista Lusitana,* I, 193, na *Evolução da lingoagem,* 1886, p. 84, no opusculo *Sur le dialecte portugais de Macao,* 1892, p. 5.

Creio que fica assim indicado tudo o que em especial tenho publicado á cêrca do mirandês. Alem da obra que hoje tiro a lume, conservo ainda nas minhas pastas muito material, que a seu tempo será coordenado e publicado, como observações grammaticaes, um vocabulario, já bastante desenvolvido[2], textos populares que colhi na Terra-de-Miranda, etc.

*

Até os fins de Dezembro de 1893, se abstrahirmos da notícia ms., e portanto inédita, do sec. XVII, mencionada a p. 24, e de uma vaga referencia do Contador

---

[1] *Mappa dialectologico do continente português,* por J. L. de V., precedido de uma classificação summária das lingoas por A. R. Gonçalves-Vianna, Lisboa, Guillard, Aillaud & C.ª — A carta foi tambem depois reproduzida na *Introducção á historia da litteratura portuguesa,* do Sr. Dr. Mendes dos Remedios, já citada a cima.

[2] Digo «já bastante desenvolvido», porque trabalho nelle, sempre que outras occupações me dão lugar para isso. Este vocabulario ha de ser mirandês-português e português-mirandês; a segunda parte é a que está por ora mais adeantada.

de Argote no sec. XVIII[1], supponho que quanto, no campo litterario, se sabia do idioma mirandês era devido ás minhas publicações: por outra, a *litteratura mirandesa* (se litteratura se póde chamar a meia duzia de versos, a uns contos, a uns folhetos e a uns pequenos artigos!) era toda minha.

Mas, como a semente lançada em bom terreno, e com boas condições mesologicas, sempre germina, — o idioma mirandês, cuja existencia a princípio foi acolhida, como era natural, com certa desconfiança por parte de algumas pessoas, no decorrer do tempo tornou-se do dominio geral, e até já figura em compendios escholares[2]. O desejo de o empregar em trabalhos litterarios apossou-se de mais alguem, e por isso começaram a apparecer, dos fins de 1893 em deante, outras memorias mirandesas e traducções, além das minhas. Aqui vou mencionar aquillo de que tenho conhecimento, e que penso será tudo ou quasi tudo.

Em artigos do *Commercio de Portugal*, n.os 4:326 e 4:327, de 22 e 23 de Dezembro de 1893, publicou o Cavalleiro de Miranda (pseudonymo) uma narrativa historico-romantica intitulada «A guerra do Mirandúm», onde entra *La cantiga del Mirandúm* em mirandês. Esta narrativa foi reproduzida no jornal *O Mirandês*,

---

[1] Nas *Regras da lingoa portuguesa*, 2.a ed., Lisboa 1725, diz este A., a p. 295-296:

«M. — E ha mais alguns dialectos locaes?

D. — Ha alguns de alguns lugares de Tras os Montes, e Minho, nas rayas de Portugal, que são muito barbaros, e quasi que se não podem chamar português, mas só os usa a gente rustica d'aquelles lugares».

Parece que Contador de Argote teria notícia do mirandês, e acaso dos outros idiomas raianos, como o riodonorês e o guadramilês, mas nem os nomes chega a mencionar.

[2] Por exemplo: *Curso de historia da litteratura portuguesa*, por Theophilo Braga, Lisboa 1885, p. 36; *Curso elementar de litteratura portuguesa*, por Simões Dias, Lisboa 1887, p. 25.

n.os 10 e 11, de 25 de Agosto e 10 de Setembro de 1894. Da *cantiga,* ou *laço,* torno a fallar a p. 47.

Em 1894 saiu á luz em Lisboa (Imprensa Nacional) um luxuoso opusculo intitulado *Zara,* que contém uns versos de Anthero de Quental traduzidos em muitas lingoas, e entre ellas na mirandesa; a traducção foi feita pelo Rev.do P.e Manoel Sardinha, natural da Terra-de-Miranda, e publicada a p. 48.

No mesmo anno publicou o Sr. Bernardo Fernandes Monteiro, na *Revista de educação e ensino,* do Prof. Ferreira Deusdado, vol. IX, a traducção mirandesa de alguns capitulos do Evangelho de S. Lucas, e a primeira Epistola de S. Paulo aos Corinthios: — trechos que são precedidos de breve introducção (p. 151–152) devida ao Sr. Gonçalves Vianna, que ahi faz algumas observações sobre a pronúncia e a transcripção phonetica dos textos. A ideia de aproveitar, pelo seu caracter de generalidade, os textos religiosos para traducções é boa, e já por vezes tem sido posta em prática: o Principe Luis Luciano Bonaparte, por exemplo, publicou a traducção gallega e asturiana do Evangelho de S. Matheus. Assim é facil comparar entre si diversas lingoas da mesma familia.

Em 1895 fez o mesmo Sr. Fernandes Monteiro sair no referido jornal *O Mirandês* varios textos mirandeses; conheço e possuo os seguintes, penso que não publicou mais nenhum: «La despedida» (dialogo de phantasia), no n.o 33; outro dialogo, sem titulo, no n.o 34; «L' podër de Dìus» (traducção), no n.o 35; outro dialogo, sem titulo, no n.o 36; «L' cántaro de Joana» (poesia) e «Canciones populares», no n.o 38.

Em 1896 publicou em Lisboa o Sr. Dr. Xavier da Cunha um livro intitulado *Pretidão de amor,* em que, ao lado de numerosas traducções, nas mais diversas lingoas, dos versos que Camões consagrou á escrava Barbara, vem uma em mirandês, devida ao Rev.do P.e Manoel Sardinha. Eu tambem em tempo fiz duas traducções

(uma em prosa, outra em verso) d'esta poesia, já compostas na Imprensa Nacional desde 1894; publico-as adeante, na Parte IV[1].

---

[1] O Sr. Xavier da Cunha pretende provar, embora sem o conseguir, que a escrava Barbara não era preta, mas «evidentemente» uma beldade indiana (*ob. cit.*, p. 227), e acosta-se tambem ao Visconde de Juromenha, que havia dito ser Barbara uma «parda asiatica» (ed. das *Obras* de Camões, I, 138). Baseando-me unicamente no texto de Camões, nem noutros melhores nos poderemos basear, sou de opinião inteiramente contrária, pois penso que Barbara era *preta retinta*. Camões, nas suas delicadas endechas, colhe principalmente effeito litterario das tres seguintes circumstancias antitheticas, ou trocadilhos:

1) de uma *çativa* ser *senhora* de seu senhor («Para ser *senhora* — de quem he *cativa*»);

2) de uma *Barbara* ser *mansa* («Leda *mansidão* — Bem parece estranha, — Mas *barbara* não»);

3) finalmente, de uma *preta* o ser tanto, que a *neve* trocaria a sua côr pela d'ella («*Pretidão* de amor, — Tão doce a figura, — Que a *neve* lhe jura, — Que trocara a côr»).

Os dois ultimos trocadilhos nasceriam exclusivamente das circumstancias da occasião, pois a rapariga chamava-se *Barbara*, e era *preta*; o primeiro, alem das circumstancias o provocarem, por se tratar de uma escrava, tinha a motivá-lo tambem a litteratura anterior, onde vários poetas o haviam empregado. O Sr. Xavier da Cunha, já a p. 30 do seu prologo, cita os versos do *Cancioneiro* de Garcia de Resende (fl. XVIII),

Cativo sam de *cativa*,
Servo d'hũa *servidor*,
Senhora de seu *senhor*...

e os de Gil Vicente (*Juiz da Beira*),

Ella *cativa*, eu *cativo*...

Pela minha parte citarei outro exemplo muito mais antigo, da litteratura romana. Tito Livio, ao contar a derrota de Syphax, diz que o vencedor Masinissa se apaixonou por Sophoniba ou Sophonisba, molher do vencido: «non modo in misericordiam prolapsus est animus victoris, sed amore *captivae victor captus*» (lib. XXX, c. XII). Tanto Camões gostava do trocadilho, que o tor-

No mesmo anno de 1896 continuou o Sr. Bernardo Fernandes Monteiro a dar na *Revista de educação e ensino,* XI, 168, amostras do seu idioma patrio, publicando «L' cirujano del senhór abade» (traducção).

Cada vez mais desejoso de dotar o mirandês com algum monumento duradouro, dedicou-se o Sr. Bernardo Fernandes Monteiro a fazer outras traducções de obras notaveis, e organizou por isso no Porto em 1896, com as traducções já indicadas a cima, e com outras mais, um volume, por ora ainda manuscrito, com o titulo de *Os Evangelhos de S. Matheus, S. Mar-*

---

nou a empregar na Ode x, est. 5, que o Sr. Xavier da Cunha tambem cita:

Alli se viu *cativo*
Da *cativa* gentil, que serve e adora...

Se não estivesse em acção uma *preta retinta,* como se explicaria razoavelmente a quadra:

Pretidão de amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a côr?

Barbara era de rosto tão preto, mas ao mesmo tempo tão lindo, que, a neve, que se toma como typo proverbial da brancura, d'onde o ditado «branco como a neve», ou «comà neve», trocaria, se fosse possivel, a sua côr pela opposta, isto é, pela da cara da preta. Não póde sahir-se d'aqui, sem se torcer a logica.

Ainda uma última observação. Como o poeta equivoca tambem com as palavras *Barbara* (nome proprio) e *barbara* (adjectivo), esta poesia é intraduzivel em lingoas em que aquellas palavras não coincidam. Do contrário, a traducção tira-lhe parte da graça e do valor. O Sr. Xavier da Cunha deveria por tanto ter escolhido outra producção de Camões, visto que desejava fazer traduzir um trecho camoniano em lingoas tão diversas como as que figuram no seu livro. Se adeante publíco duas traducções mirandesas, é que não procurei colhêr effeito litterario, mas simplezmente aproveitar textos mirandeses; alem d'isso previno numa nota a objecção, e tive motivos particulares para fazer as traducções.

cos, S. Lucas e S. João (tudo em mirandês), de 368 paginas in-folio, volume que actualmente tenho em meu poder, mercê da benevolencia de Ferreira Deusdado. D'este volume foram extraidos varios trechos, e publicados em 1897 por Trindade Coelho no jornal *O Reporter*, nos n.os 1:509, 1:510, 1:512, 1:515, 1:526, 1:532 e 1537.

Já que estou fallando de manuscritos, devo dar notícia de mais dois, de que tenho conhecimento certo. O meu amigo e distincto philologo, o Sr. Gonçalves Vianna, ha annos copiou da bôca de uma pessoa natural da Terra-de-Miranda um conto popular em mirandês, intitulado *José stragado,* que ainda conserva inedito. Outro meu amigo, o Rev.do José Bernardo de Moraes Calado, digno Conego-Prior da Sé de Miranda, enviou-me, a meu pedido, um entremês manuscrito, e tambem inedito, intitulado *Sturiano i Marcolfa,* em que alguns dos personagens fallam mirandês; eu havia já começado, cá em Lisboa, por occasião da vinda dos Mirandeses que formavam a dansa popular dos paulitos nas festas do Centenario da India, a copiar este interessante entremês da bôca do proprio auctor, Francisco Garrido Brandão, camponês de Cércio, e um dos que dançavam e tocavam; mas por falta de tempo, e por obstaculos que um invejoso me pôs, não havia podido acabar o meu trabalho. Tanto o conto como o entremês tenciono publicá-los brevemente. O entremês foi composto ha pouco tempo.

Para que me não escape nada d'aquillo de que tenho conhecimento certo, mencionarei ainda: um insignificante texto mirandês publicado n-*O Seculo* de 31 de Maio de 1898, em fórma de carta, que alguem que conhece mal o mirandês redigiu com muitos erros, e endereçou em nome dos pauliteiros aos habitantes de Lisboa; e uma ampliação do mesmo texto, mas muito mais correcta, devida ao Sr. Bernardo Fernandes Monteiro, e dada á luz na *Revista de educação e ensino*, XIII, 313–317, onde saiu outra vez o primeiro texto.

*

Se alguma cousa involuntariamente não me esquece, deixo mencionada nas paginas precedentes toda a bibliographia mirandesa (1882–1898), que comprehende, como acabo de mostrar, dois grupos de escritos:

a) trabalhos doutrinarios (historicos, e grammaticaes);

b) textos (uns originaes, outros traduzidos).

Mas ninguem exaggere esse apparato que fiz de datas e de titulos; pois quanto está publicado, se o condensassemos em volume, daria um só, e não muito grande! Em todo o caso, por amor da exactidão bibliographico-historica, eu não podia deixar de proceder como procedi.

*

A p. 9 do meu opusculo *O Dialecto mirandês* disse eu, em 1882, que era conveniente que os Mirandeses fizessem todos os esforços, já pela conversação familiar, já pela correspondencia epistolar, já pela imprensa, para manterem o seu idioma local. Em virtude do exposto, sinto grande satisfação por ver como dois honrados e illustres Mirandeses, os meus amigos Srs. P.e Manoel Sardinha, e Bernardo Fernandes Monteiro, tentam dar foros litterarios ao mirandês. A tentativa do auctor do entremês de que fallei é tambem merecedora de elogio. Em verdade, ninguem como os da propria localidade está no caso de bem se desempenhar do intento. Um individuo, como eu, estranho á região, e que não falla por isso espontaneamente a lingoa, não póde escrever tanto, nem com tanta propriedade, como elles. A respeito da correspondencia epistolar, algumas cartas tenho recebido em mirandês, a mim dirigidas pelo Rev. Sardinha, por Branco de Castro e pelo Sr. Bernardo Monteiro; nas *Flores mirandesas* transcrevi mesmo o fragmento de uma carta mirandesa do primeiro d'estes senhores.

III

Área geographica actual do mirandês

O que é a *Terra-de-Miranda*. — Origem philologica e historica. — Geographia physica. — Ethnographia mirandesa. — Nota sobre a dança dos paulitos, e lettra dos *laços*. — Localidades em que se falla mirandês. — População. — Etymologia dos nomes d'aquellas localidades, e relação entre o mirandês e elles.

O mirandês falla-se na maior parte do concelho de Miranda-do-Douro e em algumas aldeias do de Vimioso; a sua séde principal é no primeiro d'estes concelhos.

Como as aldeias de Vimioso onde se falla mirandês pertenceram outr'ora á Terra-de-Miranda, o idioma chama-se naturalmente *mirandês*. Esta designação é inteiramente popular. *Lhengoa mirandésa, fala mirandésa, falar mirandés*, etc., constituem modos de dizer que se ouvem a cada passo aos naturaes da Terra-de-Miranda. A palavra *Miranda* vem do adjectivo-participio latino miranda, do verbo miror, e significa «digna de admiração», e, por ampliação de sentido, «evidente», ou ideia analoga; cf. na mesma ordem de ideias: *mirar, mirante, miradoiro*[1], e os nomes geographicos *Mirão, Mirões* e *Mira*[2], em compostos *Miraflor, Miragaia,*

[1] Em catalão *miranda* significa de facto «atalaia», «torre», etc.

[2] Não é facil dizer se *Mire, Miro* e *Mirello* tem ou não a mesma origem. No sec. x acham-se *Mirello* e *Mirone* como nomes proprios: vid. *Port. Mon. Hist.* («Dipl. et Ch.»), pp. 58 e 83.

onde *mira* tem, ao que parece, a significação de «de fronte». Conhecem-se no nosso país outras terras com o nome de *Miranda,* o qual se encontra igualmente no onomastico hespanhol: *Miranda de Argos, M. de Azan, M. de Duero, M. de Ebro, M. de Pericalbo, M. del Castañar,* etc.; e no francês: *Mirande.* Em Portugal existe alem d'isso o nome geographico *Mirandos,* que, por ser plural e com aspecto tambem de adjectivo, confirma o etymo de *Miranda.* D'esta palavra formou-se ainda o deminutivo *Mirandella,* com o suffixo *-ella,* que se encontra noutros nomes geographicos, como *Agrella, Covella, Mezquitella, Penella, Escurquella,* respectivamente de *Agra, Cova, Mezquita, Pena, Esculca;* ha no reino mais de uma localidade com o nome de *Mirandella,* e na Galliza ha *Mirandela,* em Badajoz *Mirandilla* (*-illa*) e na Italia *Mirandola* (lat. *-ula,* cf. *rivolo* < rivulŭs).—O adjectivo *mirandês* deriva de *Miranda* por intermédio do suffixo *-ês,* correspondente ao latim -ensis, no accusat. -ense(m); deve escrever-se com *s,* e não com *z,* por isso que em latim tem *s,* e é tambem assim a pronúncia local[1]; do

[1] Na raia trasmontana, como na do Minho e da Beira, e ainda em algumas regiões do interior, o povo distingue a pronúncia de *s* (*ss*) e *ç* (*c* + *e, i*): cfr. *Revista Lusitana,* I, 165; II, 112 e 255; III, 66. Eu mesmo tenho por lá observado directamente estes factos.—Tal distincção de pronúncia observa-se tambem na lingoa antiga de todo o país; funda-se em razões etymologicas. Só assim se explica que haja palavras que se escrevem ou com *s* (*ss*), ou com *ç* (*c* + *e, i*). De certa epocha por deante estabeleceram-se grandes confusões entre estes sons: no Sul substituiu-se o *s* (*ss*) por *ç* (*c* + *e, i*); em parte do Minho, da Beira e de Tras-os-Montes substituiu-se o *ç* (*c* + *e, i*) por *s* (*ss*). Nomes que d'antes se escreviam, segundo a pronúncia, e por isso segundo a etymologia, com *s,* como *Sezimbra, Seia* ou *Sea, Sintra, pessego, sossego* ou *sessego* e outros muitos, passaram a escrever-se erradamente com *c;* e vice-versa, nomes que por motivos semelhantes se escreviam com *c* ou *ç,* por exemplo, *centinella, cetim, Cinfães, çumo, çapato, Paços* (nome geographico, *Valpaços,* etc.), passaram a escrever-se com

mesmo modo se devè escrever (como antigamente se escrevia, e ainda ha bem pouco tempo Herculano) *português,* do lat. Portugale(n)se(m) > **portugaês* > *português,* — e todos os nomes semelhantes, *francês, inglês, hollandês*[1]. Como, embora existisse o suffixo popular *-ês,* os eruditos restauraram, no uso geral da lingoa, o suffixo lat. -ensis sob a fórma *-ense,* acontece que temos em Portugal vários nomes de terras com dois adjectivos geographicos, como *bracarense* e *braguês,* junto de mais a mais o primeiro ao thema da fórma antiga *Bracara,* e o segundo ao da fórma recente *Braga;* por tanto, de *Miranda* temos igualmente dois adjectivos, *mirandês,* ou segundo a pronúncia local, *mirandés* (de origem popular), e *mirandense* (de origem litteraria); com relação ao idioma indigena emprega-se exclusivamente o primeiro[2].

---

s (*ss*). Factos parecidos se deram a respeito do *ʒ* e do som que neste livro represento por *ʃ*, que são as sonoras respectivas de *ç* (*c* + *e*, *i*) e de *s* (*ss*). As confusões phoneticas de que fallo começaram, termo médio, pelo sec. XVI. — Visto que a nossa orthographia é etymologica e tradicional, convem reformar no sentido que indíco as palavras que andam erradas. Este trabalho pertence á Academia das Sciencias; ella, porém, parece dormitar sob os louros colhidos no sec. XVIII com a publicação do vol. I do *Diccionario* da lingoa. Eu, com quanto só por mim não constitua a Academia, já ha muito, de par com outros estudiosos, entrei no caminho da reforma, e com elles prosigo afoutamente, sem receio de que se riam os que nada percebem d'estes assumptos.

1 Ha uma regra geral de pronúncia que diz que o *-e* atono final, quando está antes de *-s,* se pronuncía surdo: por isso accentuo o *e* de *português.* No feminino *portuguesa* e no plural *portugueses* não é preciso accentuar o *e,* pois que não tem aqui applicação aquella regra, nem as palavras podem pronunciar-se de outro modo: os que, escrevendo *português* com *ê,* escrevem tambem *portuguêsa* e *portuguêses* com *ê,* procedem por tanto menos logicamente.

2 Já que estou tratando de suffixos de adjectivos geographicos, notarei a proposito que elles não se limitam áquelles, mas que ha outros, como por exemplo:

Terra-de-Miranda, em mirandês *Tięrra de Miranda*, é a denominação popular do territorio que hoje corresponde pouco mais ou menos ao concelho de Miranda, mas que, como notei, tinha antigamente maior exten-

---

-*ão*, com a variante -*ano* (de origem litteraria), de -anus: em *beirão, bragançăo* (ant.), *coimbrão, palmellão, sintrão* (de *Sintra* ou *Cintra*); *alemtejano, bragançano, trasmontano*;

-*eiro*, de -arius, -erius: em *pòveiro* (< **povoeiro*, da Póvoa), *sanjoaneiro* (de *S. João*, Ioane-, Iohanne-), *soajeiro* (de *Soajo*), *vareiro* (?) (< *òvareiro*, de *Ovar*?);

-*io*, de -īvus: em *algarvio* (*algaravio, algravio*);

-*enho*, de -ĭgnus: em *estremenho*;

-*eno*: em *santareno*; cfr. *chileno, madrileno* (da fórma pop. *Madril*, onde -*l* provém de -*d* por dissimilação: d–d > d–l). Este suffixo, como -*enho*, corresponde aqui ao hesp. -*eño* (*estremeño, chileño, madrileño*); mas em hesp. tambem ha -*eno* (*chileno* a par de *chileño*);

-*ino* (origem litteraria), de -īnus: em *brigantino* (não *bragantino*, como por êrro escrevem alguns); cf. *campino*;

-*ico*: explico o nome *mindrico*, que se dá aos habitantes de *Minde*, por *Mindre*, que é a pronúncia popular da palavra *Mindre*; pelo menos assim ouvi pronunciar no concelho do Cadaval;

-*eta*, de -ĭtta: em *lisboeta*;

-*oto*, de -ottus: em *minhoto*;

-*ejo*: em *crastejo* (de *Crasto-* ou *Castro-Laboreiro*); explico o nome *torrejano*, que se dá aos habitantes de Torres, por *torr-ej-ano* (suffixo composto).

Sobre o suffixo -arius, -erius, vide Suchier, *Le français et le provençal*, p. 27; e *Romania*, XXVI, 613. Ao suffixo -*eno* referi-me já nos meus opusculos: *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo* (analyse critica), 2.ª ed., p. 75; e *O Gralho depennado*, 3.ª ed., p. 51. Do suffixo -*ico* fallo adeante. Á cêrca do suff. -*ĭtta* e -*ottus*, vide: Meyer-Lübke, II, *Grammatik der romanischen Sprachen*, 548-550; e Suchier, *Le français et le provençal*, p. 212: O suffixo -*ejo* é difficil de explicar: por isso Diez (*Grammaire des langues romanes*, II, 300) o suppõe provindo do hespanhol. a ser assim, representa a antiga pronúncia do *j* hespanhol, que não é de origem arabe, como falsamente julgam muitos.

são. Num documento ms. do tempo de D. Sancho I diz-se que o lugar de Angueira, que hoje pertence ao concelho de Vimioso, estava situado na Terra-de-Miranda: «villa, quod vocatur *Angueira,* est in Terra de

---

Quando em relação a uma localidade ha dois ou mais adjectivos patrios ou gentilicos, succede, como digo no texto, que cada um se junta ás vezes a seu thema; outros exemplos são: *lisboeta* (formado do thema de *Lisboa*), *lisbonense* (formado do thema de *Lisbona*), *olisiponense* (formado do thema de *Olisipo*, isto é, de Olisipon-); *brigantino* (formado de *Brigantia, por analogia com *Latinus, Lanuvinus*), *bragançano* e *bragançäo* (do thema de *Bragança*); *coimbrão* (do thema de *Coimbra*), *conimbricense* (do thema de *Conimbrica,* errada leitura de *Conimbriga,* devia dizer-se *conimbrigense*). Havendo para cada terra mais de um adjectivo de differente origem, em geral o de origem litteraria junta-se á fórma antiga do nome da terra, por ex.: *bracarense;* e o de origem popular á fórma moderna, por ex.: *braguês.*

Se um nome de terra é originariamente plural, o adjectivo forma-se do singular, por ex.: *paredense* (de *Paredes*), que se fórma, não de *Paredes* (pois então seria *paredesense*), mas de *parede:* isto resulta do facto de o suffixo se juntar ao thema. Em latim, tambem, por ex.: *Veiensis,* do thema Veio-, de *Veii; Thebanus,* do thema Theba-, de *Thebae.* Em grego Ἀθηναῖος, do thema Ἀθηνα-, de Ἀθῆναι. Por isso, quando ha em português um nome de terra com apparencia de plural, o adjectivo fórma-se do supposto singular, por ex.: *elvense,* de *Elvas;* de *Cascaes* fórma-se tambem *cascalense,* como se o thema fosse cascal-. Segundo este processo, devia dizer-se *açorano* (cf. *açórico*) e não *açoreano,* ou *açoriano,* como se diz; nestas ultimas palavras parece que houve confusão do suffixo *-ano* com a terminação *-i-ano,* por influencia de palavras como *prussiano, asturiano, italiano,* onde porém o *-i-* pertence ao thema. Já em latim, por analogia de adjectivos como *Hispaniensis, Ambraciensis,* onde o *-i-* tambem pertence ao thema, se criou o falso suffixo *-i-ensis,* que se vê em *Atheniensis* e em *Carthaginiensis,* que tem a par a fórma regular *Carthaginensis* (cf. *O Archeologo Português,* II, 119).

Na formação de adjectivos correspondentes a nomes estrangeiros seguimos varios processos. Umas vezes é o proprio nome que faz de adjectivo, como: *japão, os japões* (de *Japão*); *china, os chinas,* a par de *chinês* e *chim* (cf. *abexim,* da *Abyssinia*); *indio, os indios.* Outras vezes adoptamos as proprias fórmas estrangei-

Miranda»[1]. — A mesma denominação de *Terra-de-Miranda* nos apparece num documento do sec. XIII, que diz pertencerem-lhe *Atenor* e *Palaciolo* (hoje *Palaçoulo*)[2]. — Nas *Inquirições* de D. Affonso III dão-se como pertencentes á *Terra-de-Miranda* pelo menos as seguintes localidades: Biberes (= Campo de *Viboras*), Vimeoso (= Vimioso), S. João (= S. Joannico?), Angueira, S. Martinho da Ribeira (= S. Martinho de Angueira[3]), Malhadas, Ifanes, Costantim, Ulgoso (= Al-

---

ras, já com modificações phoneticas, já sem ellas, como: *florentim* (no *Cancioneiro de Resende*, I, 186) a par do moderno *florentino* (de *fiorentino*); *hespanhol* (de *español*, que parece vir da fórma ant. *españon*, cf. Diez, *Grammaire des langues romanes*, I, 87 nota); *polaco*, que nos veio do fr. *polaque*, para onde passou do allemão *Polack* ou *Polak* (em russo, segundo a transcripção portuguesa, *polhak*); *flamengo*, e ant. *framengo*, de origem germanica (cf. inglês *fleming*; quanto ao suffixo, cf. tambem o fr. *flamingant*). Outras vezes regulamo-nos por outras lingoas, como *biçcainho*, do hesp. *viçcaino*; *asiatico*, do lat. *Asiaticus* (em grego Ἀσιατικός); *russo*, do fr. *russe*; *tedesco* ou *tudesco*, do ital. *tudesco* (que vem do ant. alto-allem. *diutisk*, *dutîsc*, a que corresponde, através do médio alto-allem. *diutsch*, *tiutsch*, o allem. moderno *deutsch*); *allemão*, do fr. *allemand* (em lat. *Alemanni*, *Alamanni*). Em *inglês* (ant. *ingrês*, d'onde *ingresia*) é provavel que tambem tenhamos o fr. *anglais* (cf. *Inglaterra* = fr. *Angleterre*; ital. *Inghilterra*), através de **englês*, com substituição do suff. port. *-ês* ao fr. *-ais*, e pronúncia normal de *en-* como *in-*, se não houve influencia (pouco provavel) da pronúncia do *e* da propria palavra *english*.

[1] Na Torre do Tombo, no chamado *Livro das doações de D. Affonso III*, II, fls. XV.

[2] Ibidem, ibidem, ibidem.

[3] O vocabulo *ribeira* applica-se ainda hoje na provincia de Tras-os-Montes a certos rios secundarios, como o *Angueira* e o *Maçãs*, comparados com o Sàbor, que é propriamente *rio*. Num documento de 1538, existente em Lisboa, na Torre do Tombo, chamado *Livro do tombo das demarcações* de Tras-os-Montes, fls. 24 sqq., dá-se á ribeira de Angueira o nome de S. Martinho; de modo que temos *S. Martinho da Ribeira* (a povoação) e *ribeira de S. Martinho* (o rio).

goso); e diz-se que a *Terra-de-Miranda* confina com a Pedra de Sandeu, «sicut dividit per Petram de Sandeu, que stat in divisio Regni Port. et Leg. ultra villam de Crasto de Latronis (em Leão)»[1].—Na carta de fôro dada a Miranda por D. Dinis, á qual adeante me referirei outra vez, descreve-se assim o *termo de Miranda*: «E dou a uos per termho assy como sse começa per essa vila e desy pela agua de Doyro a enfesto e desy como vay aas deuisoens per u parte o Reyno de Portugal con o Reyno de Leon e desy como sse vay per lonbo ao termho dAlcaniças e como parte per termho de Bragança e como parte per termho de Vlgoso, assy como vay a Doyro»[2].—Em 1530 o termo de Miranda comprehendia os seguintes lugares: Paradella, Ifanes, Costantim, Cicouro, S. Martinho, Avelanoso, Angueira, Caçarelhos, Gynizio, Espiciosa, Póvoa, Malhadas, Villar Secco, Agoas Vivas, Palaçoello (Palaçoulo), Prado Gatam, Fonte de Aldea, Sendim, Picote, Villa Chãa, Freixiosa, Duas Igrejas, Çerçio, Tutyros (?), Val da Mira[3]. Algumas d'estas terras pertencem hoje ao concelho de Vimioso.—Em 1689 diz-se noutro documento manuscrito que a cidade de Miranda era da coroa, e cabeça de comarca com provedor, corregedor, juiz de fóra e juiz dos orfãos, e tinha no termo os lugares seguintes: Villa-Chã, Agoas-Vivas, Picote, Palhasoulo (*sic*), Fonte de Aldea, Marajas, Sereijo (*sic!* = *Sercijo,* por *Cércio*), Freixiosa, Prado Gatão, Povoa, Cazarelhos (*sic*), Avenaloso (*sic*), Constantim, Sendim, Aldea Nova, Genezio (*sic*), Villar Secco, Paradella, Duas Igrejas, Afanes (*sic!* = Ifanez), Espeçiosa, S. Martinho,

---

1 Livro II das *Inquirições* de D. Affonso III, fl. 108-*v*. sqq.

2 Publicada por F. M. Esteves Pereira, in *Revista de educação e ensino*, VIII, 312–313.

3 *Tombo da comarca e moradores de Tras-os-Montes*, fls. 34. Ms. da Torre do Tombo.

Angueira e Sicouro[1]. Os lugares de Atenor, Teixeira, Fonte-Ladrão e S. Pedro da Silva, que hoje são do concelho de Miranda, dão-se no citado documento como do termo de Algoso[2].—Em 1706 o P.e Carvalho da Costa apresenta na sua *Corografia de Portugal,* como fazendo parte do termo de Miranda, os lugares de Villar-Secco, Avellanoso e Caçarelhos, que pertencem actualmente a Vimioso[3].—Deixo assim explicado o sentido da expressão *Terra-de-Miranda.*

Esta expressão de *terra,* que se usa popularmente noutras partes do Norte e Centro de Portugal, como *Terra-de-Vinhaes, Terra-da-Feira,* etc., se hoje não tem outra significação que não seja geographica, e até certo ponto ethnographica, outr'ora significava districto administrativo, militar e judicial. Diz o grande historiador em relação á primeira epocha da monarchia portuguesa: «Todo o reino estava dividido em districtos ao mesmo tempo administrativos e militares chamados *terras,* a que era proposto como chefe supremo um nobre denominado o rico-homem ou tenente (*ricushomo, diveshomo, tenens*) e, muitas vezes, senhor da terra (*dominus terre*). Ao mesmo tempo esses districtos constituiam comarcas judiciaes, julgados (*judicatum*), cujo magistrado tinha simplezmente o nome de juiz ou de juiz da terra (*judex, judex terre*)»[4]. São muito vulgares os documentos em que se falla de *terras,* e de *tenentes* ou *ricos-homens* que as possuiam; um, por exemplo, de 1259, diz da aldeia de Ervões: «et pousabant ibi Riqui homines qui *tenebãt terrã*»[5]; o substantivo *tenente*

---

1 *Promptuario das terras de Portugal com declaração das comarcas a que tocão,* por Vicente Ribeiro de Meyreles, p. 539.—Na Torre do Tombo.

2 *Ibidem,* p. 541.

3 *Chorographia,* I, 482.

4 A. Herculano, *Historia de Portugal,* III, 5.ª ed., p. 304.

5 Apud Gama Barros, *Historia da administração publica,* I, 396.

(em português antigo devia ser *tẽente*), *tenens*, é pois na origem um participio, — *tenens terram*, «o que tem a terra».

Para o estabelecimento das *terras* concorriam várias circumstancias, sobre tudo geographicas e ethnographicas, como hoje concorrem ás vezes para o dos concelhos, quando esse estabelecimento não obedece a caprichos, ou a desvarios politicos.

A Terra-de-Miranda fica num dos extremos de Portugal, entre a Hespanha ao Norte e ao Nascente, separada d'esta orientalmente pelo Douro, e em contacto com outras regiões importantes, de que já os antigos documentos fallam, a saber, a de Vimioso ao Poente, e a de Mogadouro ao Sul. Olhando-se para um mappa geographico, vê-se que ella se destaca do resto do país pelos dois lados por onde confina com a Hespanha e com o rio. A sua posição defronte do reino de Leão dava-lhe, pelo contraste com o territorio estranho, feição especial, ao mesmo tempo que a sua capital Miranda, a cavalleiro sobre o rio, constituia, debaixo do aspecto estrategico, ponto militar importante, que os nossos reis, como direi adeante, cuidaram de aproveitar, fortificando-o convenientemente[1]. A Terra-de-Miranda, posto que accidentada, é um tanto uniforme, sem grandes rios que lhe interrompam a continuidade. Hoje, pelo lado do Poente, o concelho está separado do de Vimioso pelo rio Angueira, que constitue limite natural. Os productos agricolas tambem não variam essencialmente de lugar para lugar: centeio, trigo, cevada, algum vinho. Se, como elementos geognosticos do solo, se encontra ahi o schisto e o granito[2], e na freguesia de S. Pedro da

---

[1] No *Livro das Fortalezas*, de Duarte de Armas, na Torre do Tombo, ha dois desenhos do castello de Miranda tal como existia no sec. XVI.

[2] B. de Barros Gomes, *Cartas elementares de Portugal*, Lisboa, 1878, p. 3.

Silva, várias camadas de calcareo, d'onde provém os célebres marmores e alabastros de Santo Adrião[1], as arvores florestaes dominantes são o carvalho negral ou *Quercus robur*, e o castanheiro ou *Castanea vulgaris*[2]. Pelo que diz respeito ao clima, basta notar que é o chamado *clima trasmontano:* «temperaturas médias como no Minho e Beira-Alta, com oscillações maximas de 42° e 48°, dando ás baixas no verão um alto grau de calor e seccura, e aos altos da 3.ª zona abundancia de neve de inverno»[3]. Da intensidade do calor no verão, e da do frio no inverno, resultou o adagio mirandês

Nǫbe méſes d'ambîęrno
I trés d'anfîęrno

que já, com fórma portuguesa, vem mencionado na *Corografia Portuguesa* do P.e Carvalho da Costa, 1.ª ed., I, 479, e que tem applicação a outras localidades de Portugal, como Lamego[4].

Ethnographicamente considerados, os habitantes offerecem conformidade entre si, e alguns caracteres proprios em relação ao resto do país. Entre estes caracteres avulta evidentemente a lingoa. Adeante, no cap. IV, apoiando-me em documentos do seculo XVII, descrevo alguns costumes mirandeses dignos de nota, e lá me refiro tambem á importancia da criação dos gados na Terra-de-Miranda; segundo uma estatistica, havia em

---

1 Nery Delgado, in *Revista de Portugal*, IV, 38.
2 B. de Barros Gomes, *loc. laud.*
3 B. de Barros Gomes, *loc. laud.*
4 O mesmo adagio se encontra tambem nas Asturias:

En las Asturias
Tres meses de invierno
Y tres de infierno.

Vid. os meus *Ensaios Ethnographicos*, I, 139.

1878 no concelho 52:515 ovelhas, 5:037 bois, 4:043 cabras e 3:110 porcos[1].

Hoje em Miranda-do-Douro restam ainda do passado costumes muito especiaes e curiosos, alguns dos quaes vou aqui mencionar.

«É lá a terra da *capa-d'honras,* que parece, de burel, a capa d'asperges d'algum bispo da Idade-Media. Os homens ainda usam calções com alçapão, e meias de lã; casaca [nisa?[2]] de gola direita; camisa de grandes collarinhos; e na cabeça um chapeu de abas direitas, cuja copa é um cone truncado. O que é essa boa gente, cujas molheres vestem por igual trajos muito pittorescos, não se descreve (nem se faz ideia) senão indo lá.....»[3].

Usa-se em Miranda uma celebre dança chamada *dos paulitos* (palavra mirandesa, que significa «pauzinhos»), que constituiu uma delícia em Lisboa por occasião das festas do quarto Centenario do descobrimento do caminho maritimo da India. Transcrevo de dois jornaes algumas notícias sobre esta dança: «Andaram ontem por diversos sitios da cidade, exhibindo as suas danças caracteristicas, os oito rapazes de Miranda-do-Douro, contratados pela Sociedade de Geographia. Bailaram em frente de algumas redacções, das casas de alguns conterraneos illustres, da Sociedade de Geographia, no Rocio e na Avenida. — Vestem calça e collete negro, tendo este, nas algibeiras, umas pequenas toalhas brancas, com fitas de côres, fitas que se repetem nas costas e nos hombros. Vem em mangas de camisa e ostentam

---

[1] B. de Barros Gomes, *loc. laud.*

[2] [Supponho que este trajo era usado antigamente, e já hoje pouca voga ou nenhuma tem. Na Beira-Alta tambem vi na minha infancia alguns camponeses velhos vestidos de uma especie de casaca de çaragoça, chamada *nisa.* — J. L. DE V.].

[3] Trindade Coelho, in *O Reporter,* n.º 1:509, de 1 de Janeiro de 1897.

um largo chapeu redondo, com fitas de côres, flores e lantejoulas. Trazem dois de sobresaliente, para o caso de que algum se inutilize nos exercicios a que se entregam»[1]. — «A gente de Miranda-do-Douro é muito aferrada aos seus velhos usos, e vive apartada do resto do país: por isso conserva elementos tradicionaes que não existem noutra parte. A dança dos paulitos persiste como antiquissima usança nas procissões, nas romarias, nas festas..... A dança completa tem 16 figuras, — 8 peões e 8 guias..... Ha tambem a meia-dança, formada só de 8 figuras. A sua nomenclatura tem..... certo sabor guerreiro»[2]. — «Bailam differentes danças, a que chamam *laços*, sempre com uma presteza inacreditavel, fazendo evoluções, e..... dando um saltinho ao terminar o bailarico»[3]. — «Os laços principaes são: a lebre, as pombas, o vinte cinco, o acto de contricção, os officios, o cavalheiro, o mirandum, a herva, etc. Os dois instrumentos musicaes de que se servem para dançar são o tamboril e a gaita de folles»[4]. — «Tangem castanholas, e servem-se de uns paus rigissimos [*paulitos*], para executarem varias evoluções, a compasso, fazendo várias voltas e batendo com os paus uns nos outros»[5]. — «Na falta de instrumentos usam do canto em lingoa castelhana com letra e cadencia adequadas. No silencio das aldeias o embate dos paulitos quasi lhes dá o compasso para executarem a dança, sobretudo se os dançantes estão bem amestrados»[6]. —

---

1 *O Seculo*, n.º 5:874, de 21 de Maio de 1898.

2 Ferreira Deusdado, in *Diario de Noticias*, n.º 11:650, de 19 de Maio de 1898. — O artigo do Sr. Deusdado foi transcrito em vários jornaes, e por ultimo na *Revista de educação e ensino*, XIII, 313-317, onde saiu mais correcto.

3 *O Seculo*, ibidem.

4 *Diario de Noticias* e *Revista de educação e ensino*, ibidem.

5 *O Seculo*, ibidem.

6 *Diario de Noticias*, ibidem.

«A dança dos paulitos vae desapparecendo, porque os parochos modernos não a consentem nas procissões, allegando que lhes distrae os fieis, e que é um divertimento pagão. Os antigos abbades, além de gostarem da tradição, escudavam-se nos textos da Biblia com a existencia das danças religiosas»[1]. — Na Galliza ainda hoje se fazem certas procissões acompanhadas de danças religiosas. Estas danças são muito antigas na Iberia; já os auctores gregos e romanos fallam d'ellas. Segundo informações que tenho, a dança dos paulitos usa-se tambem em algumas terras do concelho de Vimioso e parece que do Mogadouro, mas é no de Miranda-do-Douro que tem a sua principal séde e fama: os *pauliteiros* mirandeses são muito convidados para irem a festas, fóra mesmo da sua localidade[2].

---

1 *Diario de Noticias,* ibidem.

2 O meu amigo Ferreira Deusdado, seguindo a opinião do Sr. João Pessanha, exarada in *Revista de educação e ensino,* 1886, p. 216, filia a dança mirandesa *dos paulitos* na *dança pyrrhica* dos Gregos, e d'esta julga acharem-se igualmente vestigios em danças populares do Sul da França e na *dança das espadas* dos Suiços na Idade-Média: seriam os Romanos quem propagaria a *dança pyrrhica* na Iberia e na Gallia (Vid. *Diario de Noticias* e *Revista de educação e ensino,* ibidem).

Não creio nesta origem da dança, pois que os Romanos não tiveram a dança pyrrhica classica, tal como os Srs. Pessanha e Deusdado a descrevem. Sem poder demorar-me aqui em longa discussão, que viria fóra de proposito, limito-me a citar o que se lê em duas obras auctorizadas: «*Pyrrhica* et *pyrriche,* danse guerrière, d'origine dorienne ..... — Jules César en introduisit à Rome UNE IMITATION que favorisèrent aussi plusieurs de ses successeurs» (Rich, *Dictionnaire des antiquités romaines,* s. v.); «*Pyrrhica:* ..... Ballet dramatique et mimique, exécuté par plusieurs danseurs et danseuses; ce divertissement, QUI N'A RIEN DE COMMUN AVEC LA PYRRHIQUE DORIENNE, est du temps de l'Empire» (Cagnat & Goyau, *Lexique des antiquités romaines,* s. v.).

Por tanto, sem se apresentarem mais provas que a furtuita coincidencia de alguns passos, não se poderá dizer tão peremptoriamente que a dança dos paulitos é a dança pyrrhica.

Os *laços* da dança dos paulitos chamam-se em mirandês *lhaços*. Segundo a minha observação, a lettra dos *lhaços* (em hespanhol) varía com as localidades, e está muito corrompida; sería preciso recolher grande cópia de versões para apurar um texto bom e definitivo. Talvez eu um dia me dê a esse trabalho. Com quanto em Miranda se saibam pronunciar sons difficeis do hespanhol, como o *j*, todavia no canto e na pronúncia descuidada não é raro que o povo adapte a phonetica hespanhola aos orgãos habituados á phonetica portuguesa ou mirandesa, do que resulta um mixto de lingoas. O phenomeno não deixa de ser curioso, e aqui transcrevo, taes quaes os colhi dos labios de um pauliteiro de Constantim, alguns versos (em hespanhol alterado):

1. Laço de la llíebre

Aqueilla majada abajo
Ũŋa llĩębre bi correr,
L's galgos ibã tras d'eilla,
No la pudirũ coger;
Tu l' atiraste, yo l' atiré,
Nĩ tu la mataste,
Nĩ ŋ yo la maté.

Nesta poesia ha nasaes como em português e mirandês; o *o* atono dos polyssyllabos, e o *l* de *galgo* e de *l's* pronunciam-se como em português e mirandês; ha os sons mirandeses *ŋ* (*n* gutural) e *ĩę*; mas *yo, no, maté, majada, coger* são palavras com pronúncia hespanhola; escrevi *ll* e *ñ*, segundo a orthographia hespanhola.

2. Laço de los oficios

Quiero daprender un oficio,
Que me mantenga, señor,
Arredito (?), çapateiro,
Boticario, cardador.

3. Laço de la yerba

Se tu queres que te segue
La tu' yerba,
Trai-me la g(u)adaña,
Co' la tua piedra
Pa l' amolar;
Trai-me l' carro
Pa la cargar,
Que segada stá.

O meu amigo Rev.do Moraes Calado, illustre Parocho de Miranda, a quem tanta vez recorri, e sempre com bom resultado, para a organização do meu trabalho, deu-se ao incómmodo de me obter mais alguns textos dos *laços*, que vou transcrever, segundo a pronúncia de quem os ditou (um habitante de Cércio):

4. Laço del mirondún

Mirondún, mirondún, mirondela,
Mirondún se fué á la guerra.
No sé cuando vendrá,
No sé se vendrá por la pascua,
Se por la eternida(d),
Se por la eternida(d).
La eternidad se pasa,
Mirondún, mirondún, mirondela,
La eternidad se pasa,
Mirondún se vieno (= vino) ya.

A palavra *eternidad* nos vv. 5 a 7 está em vez de *Trinidad*, em virtude do processo glottologico chamado etymologia popular. No *Commercio de Portugal*, n.º 4:327 (1893), havia já sido publicada uma traducção mirandesa d'estes versos; a lição originaria não só tinha differenças, mas era mais extensa que esta. Cf. supra, pp. 26-27. Nessa traducção, que é, como digo, em mirandês, lê-se effectivamente *trenidade*.

5. Laço del acto de contrición

Señor mio, Jesú Christo,
Dios y hombre berdadero,
Creador y redentor
Y salbador del cielo y tierra,
Y (nel suelo) en nombre de Dios amén,
Y los otros dos también.
Pésame, Señor, de todo el corazón
(Besando la tierra).
Perdonaimos, Dios mio,
Daimos la gloria etierna.

Quanto ao pronome *-mos* que acompanha o imperativo *perdonaimos, daimos* (em hesp. *perdonadnos, dadnos*), em vez de *-nos,* tanto é hespanhol popular, como mirandês; d'este pronome tornarei a fallar adeante.

6. Laço de la berde

A la berde retramar (?)
Solito andar, verde, verdín.
A la sombra d'aquel olival
Solito andar mi amor dormindo.
Reténte aquí, reténte allí,
Molidogán, moço galán corregidor.
A la cárcer me llievan preso,
Solito andar, no por traidor.

Note-se que *ll* e *s* em *allí* e *preso* tem os sons hespanhoes. A mesma nota serve para os outros textos. *Molidogán* é-me palavra obscura; o Rev.do Calado lembra-me se será *pólido galán.*

7. Laço de la carmelita

Dios te salve, carmelita armosa (= hermosa),
Que eras (= eres) la esposa del santo José,
Tu que estabas no alto de Castilla,
Esperando las balas contra *lo alcifer* (= Lucifér),

Sendo tu la mujer más pura
Qu' en el mundo puede haber,
Nacer y crear, crear y nacer,
De fuente manal precioso cristal.
El demonio tomó por empeño
Que el santo rosario no se ha de rezar.
Devotos veni(d), acabai de llegar,
A rezar el rosario á María,
Se no reno del cielo quereis antrar.

O povo em muitas partes pronuncía *Lucifér* em vez de *Lúcifer*: por isso se lê em cima *lo alcifér,* demais a mais com o *lo* destacado, que foi considerado como artigo grammatical, phenomeno muito vulgar, de que me occupo num escrito que vae ser publicado na *Revue Hispanique;* alem d'isso em *lo alcifér* notam-se ainda outros phenomenos glottologicos.—Quanto a *reno* em vez de *reino,* notarei que o cantor, observando que em certos casos, muito numerosos, ao ditongo *ei* port. (ex. *primeiro, Janeiro*) corresponde em hesp. *e* (*primero, Enero*), generalizou o phenomeno, e disse tambem *reno* em vez de *reino* (hesp. e port.), cuidando que empregava uma palavra hespanhola.

8. Laço de la primavera

Una dança daprendimos
An tiempo de primavera.
A la Virgen del Rosario
Le rezamos mui de veras,
Le rezamos mui de veras.
A la Virgen le pedimos
Com mui grande devoción
Que mos dé salud y gracia
Para hacer la función.
An compañía llevamos
El cura y sacristón,
Y alcalde y regidor,
Y delantre van dançando
Estes ochos dançadores.

9. Laço de la fiesta de Avelanoso

Convidáranme a una fiesta
Convidáranme a una fiesta
De la Virgen soberana,
El divino Espíritu-Santo,
Santo Antonio de Padua.
Mira que te digo,
Mira que te traigo,
Santa Maria y Sant(a) Ana,
Y el divino Espíritu-Santo.

Com quanto no ms. que recebi, o *v* esteja geralmente escrito *b* (*combidar*, etc.), escrevo aqui *v*, porque, como é sabido, na actual pronúncia castelhana o *v* e o *b* tem os mesmos sons que em Tras-os-Montes, i. é, os do *b* (explosivo e fricativo).

10. Laço de la anramada (= enramada)

Se tu quieres que te anrame la puerta,
Vida mia del mi coración,
Se tu quieres que te la desanrame,
Tus amores los mios son.
Se quereis venir co(n)migo
Salir de mañana,
De nuestra ventana
Verás como arranco
Sólo en un blanco
Metido en uno esquife
De nuestro serviço,
De nuestra ventana,
De nuestro balcón.
Se tu quieres que te anrame la puerta,
Tus amores los mios son.

Do verso 5.º por deante a poesia está bastante damnificada. Nestes laços muitas vezes os versos já não tem sentido, apenas são pretexto para a musica.

11. Laço de la rosa

Se fuerdes a coger rosas
Al jardín de mi señor,
A coger la blanca flor,
Cogei de las más de bajo,
Que son de mejor olor.

12. Laço de las palomas

Que no son palomas, madre,
Las que andaban nel misón (= mesón?).
Unas son palomas, madre,
Otras palomillas son.

13. Laço de la Çaramontaina

El lugar de Çaramontaina
Que está por detrás de la sierra,
Más abajo está una barca
Que le llaman—bandolera.
Más arriba está otra barca,
Pegadita a Moraruela (= Moreruela);
Mas abajo está otra barca,
Pegadita a Moraruela,
Pegadita a Moraruela.

14. Laço del caballero

Aquel caballero, madre,
Que por mi puerta pasó,
Él me quiso, yo lo quise.
Como le diré que no?
Tres pasicos no des,
Quier se los da,
Quier se los dé,
Quier se los da luego.

15. Laço del canario

Canario mio, canario!
Fanega de trigo cada año.

16. Laço de la china

Pícame una china
Neste carcañal (= calcañar),
Pícame una china,
No puedo andar.

17. Laço del maridito

A mio maridito maté,
Porque me daba la vida muy mala.
Ayudáimelo a arrastrar,
Que muerto lo tiengo
Debajo de la cama.

No hespanhol moderno, onde se distingue o pronome possessivo atono do tonico, não se diz *mio maridito*, diz-se *mi maridito*; todavia em hespanhol antigo sim (cf. *myo Çid*, etc.): por isso conservei a lição do ms., embora talvez aqui não haja reminiscencia do hespanhol antigo ou popular, mas do mirandês, onde se diz *miu pai*, etc. — Quanto a *tiengo*, póde ser alteração analogica, pelo facto de muitas vezes a *e* port. corresponder *ie* cast., mas tambem póde ser fórma popular, pois em hespanhol antigo encontra-se muitas vezes *ie* correspondente ao hesp. mod. *e*, como *piertega* (mod. *pertiga*): cf. E. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola*, Milano 1898, pp. 14–15.

18. Laço del D. Rodrigo

Convidaran a D. Rodrigo
A pan y a vino,
Y a carnero por asar:
Cuanto más valia
No lo convidar!

19. Laço del toro

El toro d(e) esta villa,
Todo el trigo me ha comido.
Se heide poner justiça
Por um Dios me lo han pedido.
Tres, tres, tres mil ducados
Valia mi trigo.
Lo tenia sombrado (= sembrado),
Del toro comido!
Villano atrevido!
No temen (teme?) á Dios,
Ni al grande castigo!
Por un Dios que lo ha creado,
Él me lo ha-de pagar!
Enque (= aunque) el villano es valiente,
Justicia te heide dar.

20. Laço de la puenta

A la puente de dingolondera,
De dingolondán,
Veinticinco cigüeñas van,
Fuera de la villa,
Fuera del lugar,
Fuera de la feria de lo arrabal.

As palavras *dingolondera, dingolondán* devem comparar-se com a palavra hesp. *dingolondango,* que vem no *Diccionario* da Academia.

21. Laço del perdigón

Tres flaires (= frailes?) eran,
Tres flaires son;
Tres que l'apuntaban,
Tres que l'apuntaban
A lo perdigón.

22. Laço de la selombra (= solombra)

A la selombra di mi cabeillo (= cabello)
Un galán se acostó:
Se lo dejo, muero an pena,
Y de pena muero yo!

23. Laço de la pimenta

Cuatro cuartos de pimenta
En la tienda del rincón,
El tendero no está en casa,
La criada me vendió.
Me ajusté con la criada,
A ver se ajustaba mejor.
A cabo de nueve meses,
La pimenta rebentó...
Tiene cuenta,
Tiene cuenta,
No te pique la pimenta...

Como não estou fazendo obra litteraria, mas scientifica, e desejo por isso apresentar os factos *na sua realidade,* não altero a lingoagem d'esses cantos, e reproduzo-a tal como ella se usa; do contrário, se eu quisesse apresentar trabalho puramente litterario, sería facillimo corrigir as palavras hespanholas que se dizem alteradas, e escrever por exemplo *si, en, tengo, venid, he,* e outras, por *se, an, tiengo, vení, hei.* Para que hei-de pôr *corazón,* se o povo canta *coración?* Não estou eu aqui a indicar alguns dos costumes dos Mirandeses? Logo, devo cingir-me á verdade, expor as cousas como ellas são. Num trabalho de exegese, se, depois da comparação de várias versões, eu tivesse deduzido a lição primordial, então teria cabimento escrever correctamente os textos; num trabalho como este, em que não pretendo servir directamente a litte-

ratura hespanhola, mas apenas notar como é que os Mirandeses interpretam os cantos que lhes vieram de Hespanha, proceder de modo differente d'aquelle por que procedo sería mostrar incoherencia. Alem d'isso, póde ser mesmo que algumas das *incorrecções* que transcrevi correspondam a phenomenos dialectologicos do país vizinho; não tenho das lingoagens populares de Hespanha conhecimento sufficiente para poder resolver o problema. Talvez depois de apparecerem a lume os estudos que o douto professor da Universidade de Salamanca, o meu amigo Sr. D. Miguel de Unamuno, está emprehendendo á cêrca da lingoagem popular de Salamanca, alguma cousa se apure neste sentido.

Do mesmo modo que a maior parte de romances ou *jacras* que se ouvem nas segadas em Tras-os-Montes vieram de Hespanha, esses versos dos *laços* vieram tambem; o que faz suppor que a dança veiu com elles. Interessante sería saber se esta lá se usa ainda, e, em caso affirmativo, quaes os textos dos laços.

Fique pois bem sabido que os laços não são em mirandês, mas sim em hespanhol, embora este esteja um pouco modificado. O texto que apresento, com as alterações devidas á influencia de lingoas vizinhas, é tambem interessante no aspecto da questão das lingoas mixtas, á qual muitos philologos se consagram.

Ainda a proposito de costumes mirandeses, transcrevo de um jornal as seguintes informações: «A molher mirandesa, em regra não é o typo da molher de faca e calhau; no entanto, quando precisa defender a sua honra ou o seu lar, é de uma fortaleza de animo que póde classificar-se de destemida[1]. Ordinariamente

[1] [O auctor d'estas informações exemplifica tal caracter das molheres mirandesas com um facto succedido com uma. Por esse facto ser especial, e eu estar tratando de caracteres geraes, não transcrevo o resto das informações, contentando-me com esta indicação.—J. L. DE V.].

trabalha na lavoura ao lado dos homens, desenvolvendo uma força muscular correlativa e equivalente á d'elles. Os homens novos, validos, emigram habitualmente para a Andaluzia, ficando as molheres com os encargos da lavoura. É tradicional na terra mirandesa o uso d'essa emigração. No começo do outomno saem os moços, ás vezes, em bandos. Alguns possuem bastantes meios nas suas casas, mas são levados pelo genio aventureiro, e seduzidos pelas cousas maravilhosas que se contam da Andaluzia. Muitos tem lá enriquecido, outros tem casado com formosas andaluzas, porém ordinariamente voltam num periodo curto. Occupam-se naquellas vastas campinas em pastorear grandes manadas de gado taurino e cavallar. A aspiração suprema do emigrante é chegar a *montaraz*, que é um chefe de boieiros, assaz bem remunerado. Veste como principe de abegões, côres vivas, de correia larga ao tira-collo, polainas de couro até á curva da perna, e faxa brilhante»[1]. Ao costume de as molheres trasmontanas trabalharem no campo havia-me eu tambem referido no meu opusculo *Lingoas raianas de Tras-os-Montes:* «As molheres trabalham no campo; já o historiador romano Justino, (lib. LXIV, 3) disse que, em quanto os Lusitanos se entregavam á guerra, as molheres cultivavam as terras»[2]: — tal e qual como succede em Miranda, se substituirmos a aventura da guerra nos Lusitanos, pela da emigração nos Mirandeses.

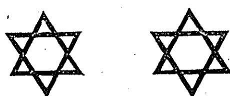
De uma das vezes em que estive em Terra-de-Miranda assisti num domingo a uma missa em Duas-Igrejas. Transcrevo de um dos meus cadernos de apontamentos as seguintes notas que tomei do facto, e que concorrem para o conhecimento dos costumes locaes:

---

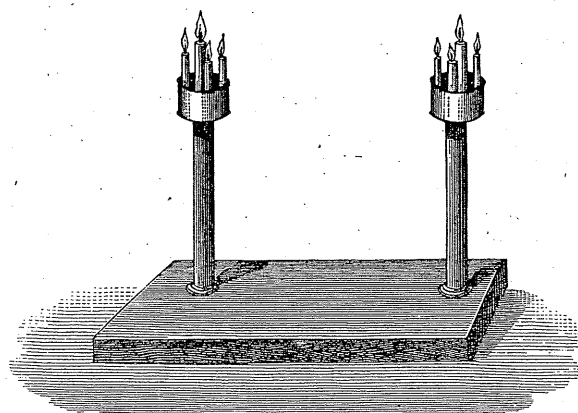
[1] Cavalleiro de Miranda (pseudonymo), in *Commercio de Portugal*, n.º 4:594, de 16 de Novembro de 1894.

[2] *Op. cit.*, Lisboa 1886, p. 6.

«A igreja é humilde. O que mais me chamou a attenção foram duas pinturas, não muito antigas, que estão na parede esquerda para quem entra, e que representam, cada uma, um signal a que impropriamente se chama em muitas partes de Portugal *sino-saimão:*



Os homens apresentam-se com a sua classica *capa de honras*. Tanto elles como as molheres se conservam com muito recolhimento no templo. Antes de começar a missa, todo o povo cantou em côro. Algumas molheres estavam, por promessa, ajoelhadas atrás de um pequeno estrado de madeira, em cima do qual se viam dois tocheiros d'esta fórma:



Durante a missa uma molher dava, de vez em quando, altos gritos: é que tinha dentro do corpo *um espirito!* e devia ser exorcismada pelo parocho no fim da missa».

Sería facil esmeuçar na ethnographia mirandesa outros elementos importantes; esses porém que deixo referidos bastam para o meu intuito.

Fica d'essa maneira justificado, pela geographia physica, pela lingoa e pelos costumes, que a denominação de *Terra-de-Miranda* é muito natural. Felizmente, já depois do que escrevi, pude haver á mão cópia de um importante documento existente na Torre do Tombo, o qual vem confirmar que Miranda foi na Idade-Média, como o seu nome ainda hoje indica, uma *terra*, no sentido exposto acima. Nas *Inquirições* mandadas fazer em Miranda por D. Affonso III falla-se de um *Fernandus Fernandi*, isto é, *Fernando, filho de outro Fernando*[1], que no tempo de D. Sancho II *tenebat terram;* como no documento se está tratando da *terra de Miranda,* que em varios pontos do mesmo vem mencionada por extenso, —*tota terra de Miranda,* e tambem *in terra de Miranda*—, não ha dúvida que a *terra* que teve por *tenente* a Fernandus Fernandi era realmente a de Miranda[2].

*

Passarei agora á especificar todos os lugares em que, tanto no concelho de Miranda-do-Douro, como no de Vimioso, se falla actualmente mirandês, o que fórma o assumpto principal d'este capitulo.

---

[1] Na Idade-Média a filiação indicava-se, até certa epocha, ora pelo genetivo do nome paterno, como aqui, ora pelo genetivo de um derivado do nome paterno,—genetivo em *-ici* ou *-iz;* assim o referido nome *Fernandus* tomava, a par de *Fernandi,* a fórma genetiva *Fernandici* (= Ferdinandici), de onde, através de *Fernandiz,* veiu a actual fórma *Fernandez*, que menos exactamente costuma hoje escrever-se *Fernandes.* Ás vezes um e o mesmo documento offerece exemplos dos dois processos de denominação: num do sec. x, publicado nos *Port. Mon. Hist.,* «Dipl. et Chart.», p. 14, lê-se, v. g. *Gundisalvus* SESMONDI, *Teton* ADEFONSI, *Alvitus* LUCIDI (primeiro processo), e *Didacus* FERNANDIZ, *Munia* ALVITIZ, *Rodericus* FERNANDIZ, onde está *-iz* por -ici (segundo processo).

[2] Este documento é o mesmo de que fallo a cima, a p. 38.

O mirandês falla-se nas seguintes localidades:

a) No concelho de Miranda-do-Douro (em 13 freguesias):

1.ª	Constantim (séde)	480	habitantes
	Cicoiro	246	»
2.ª	S. Martinho de Angueira	740	»
3.ª	Póvoa	390	»
4.ª	Ifanez (séde)	610	»
	Paradella	300	»
5.ª	Genizio (séde)	430	»
	Especiosa	148	»
6.ª	Malhadas	388	»
7.ª	Aldeia-Nova	158	»
	Val-de-Aguia	90	»
	Palancar	58	»
	Pena-Branca	74	»
	(Estas quatro aldeias pertencem á freguesia de Miranda).		
8.ª	S. Pedro da Silva (séde)	600	»
	Fonte-Ladrão	106	»
	Granja	213	»
9.ª	Duas-Igrejas (séde)	880	»
	Cércio	886	»
10.ª	Palaçoulo (séde)	400	»
	Agoas-Vivas	184	»
	Prado-Gatão	198	»
11.ª	Villa-Chã (séde)	413	»
	Freixiosa	216	»
	Fonte d'Aldeia	260	»
12.ª	Picote	520	»
13.ª	Sendim	1:500	»

b) No concelho de Vimioso (em 3 freguesias):

1.ª – Angueira..................	480 habitantes
2.ª – Caçarelhos.................	750 »
3.ª – Villar-Sêcco................	360 »

Não possuo elementos absolutamente certos para poder dizer se em Atenor, uma das povoações do extremo do concelho de Miranda, se falla, ou não, hoje mirandês; dizem-me que não, e que se falla lá português, embora, segundo creio, português de transição, ou, quando muito, com algumas especialidades grammaticaes. Em Teixeira, lugar que pertence á freguesia de Atenor, não se falla mirandês; pelo menos, colhi esta informação em Miranda de uma das vezes que lá estive. Tambem não posso dizer com segurança se em Uva, Mora, S. Joanico e Çarapicos, do concelho de Vimioso, se usa o mirandês ou não; parece porém que já lá se falla sómente português. Em outra viagem de estudo, que tenciono emprehender á Terra-de-Miranda, averiguarei por mim proprio todos estes pontos controversos.

No adjunto mappa geographico indíco a área do dominio do mirandês.

A supracitada estatistica organizei-a com os elementos que a meu pedido me enviou o illustrado parocho de Miranda-do-Douro, o meu amigo, Rev.do P.e José Bernardo de Moraes Calado, elementos inteiramente authenticos, obtidos por elle dos seus collegas em 1898.

Esta estatistica, que me dá no concelho de Miranda, com exclusão da cidade e de Atenor e Teixeira, 10:482 habitantes, e nas tres freguesias do concelho de Vimioso 1:590 habitantes, — ao todo 12:072 habitantes —, comparada com a que foi incluida no *Censo da população do reino de Portugal* (no 1.º de Dezembro de 1890), Lisboa 1896, revela algumas differenças, que resultam de ser a estatistica official quasi 8 annos anterior á

minha, e de se terem considerado naquella, a par dos habitantes de residencia habitual, os de residencia de facto, e os naturaes dos proprios concelhos de que se trata, ao passo que a minha consta, como penso, só dos habitantes de residencia habitual. Segundo a estatistica official, os habitantes do concelho de Miranda, naturaes de lá, com exclusão dos 385 habitantes de Atenor e Teixeira, e de uns 800 habitantes que podem attribuir-se á cidade, são 8:635; os das tres freguesias de Vimioso são 1:322: isto perfaz o total de 9:957 individuos que fallam habitualmente mirandês. De 1890, data da estatistica official, até hoje, a população deve ter augmentado: servindo-nos de numeros redondos, podemos assentar em que actualmente fallam mirandês umas 10:000 pessoas.

Adeante, no cap. v, farei várias reflexões a que este número, relativamente consideravel, dá lugar.

*

Depois de especificadas as povoações em que presentemente se falla mirandês, convirá apresentar ao leitor algumas observações philologicas á cêrca dos nomes d'ellas, para assim se estabelecer melhor a relação que possa existir entre esses nomes e o mirandês commum. Tratarei tambem dos nomes das outras povoações em que a existencia do mirandês é para mim duvidosa. Se a cima tive de seguir ordem geographica, por ser mais scientifica, bastará agora seguir ordem meramente alphabetica.

Agoas-Vivas. A pronúncia mirandesa é *Augas-Bibas*, por isso que não existe no dialecto o som *v*. A fórma *auga* é muito usada no Norte e Centro de Portugal; tambem em gallego se diz *auga*. No Sul de Portugal é vulgar a fórma *augua* ou *augoa*, que já se encontra em AA. antigos; resulta de *agua* por propagação regres-

siva do *u*; cf. na Engadina *augua*, e no fr. ant. *augue*[1].— Ha em Portugal outra localidade com o nome de *Agoas-Vivas;* na Hespanha ha *Agua-Viva* (Soria e Teruel); no Sul da França *Aigues-Vives*. Comquanto na Ilha de S. Miguel (Açores) se use o vocabulo composto *agoa-viva* no sentido de «alforreca»[2], é evidente que o nome geographico trasmontano *Agoas-Vivas* de que me estou occupando tem outro sentido, por isso que fica muito longe da agoa salgada, onde só existem as alforrecas: o adjectivo *vivas* está aqui, segundo parece, na accepção de *limpidas, transparentes, correntes, corredias*, como em latim *aqua viva*[3]; cf. tambem *vivum flumen*[4], e *vivus lacus*[5]; o contrário é *Agoa-Morta,* tambem nome geographico (= agoa estagnada), como no sul da França *Aigues-Mortes,* por lá haver muitos pantanos.—A aldeia de Agoas-Vivas vem já mencionada com este nome no liv. VI dos *Contractos* (1528), fls. 74-*v,* ms. existente na Torre do Tombo.

ALDEIA-NOVA. A pronúncia é *Aldée Noba* (*Aldée* = port. arch. *aldea*). Sobre este nome pouco ha que dizer: *aldeia* é de origem arabe, a d h - d h e i ' a[6]. São muito vulgares em Portugal, como noutros paises, as designações geographicas em que entra o qualificativo *novo*; o nome *Aldeia-Nova* presuppõe a existencia de outra *Aldeia* que devia chamar-se *Velha,* mas d'ella não tenho mais notícia que a que theoricamente se deduz.

---

[1] Vid. Ascoli, in *Archivio Glottologico Italiano,* I, 211 e 300 nota.

[2] Informação do Sr. Henrique das Neves.

[3] «Fons, unde funditur e terra *aqua viva*»: Varrão, *De lingua latina,* V, 123.

[4] «Quin tu ante *vivo* perfunderis *flumine?*»: Tito Livio, *Ab urbe condita,* I, 45. Ed. de Heynacher.

[5] «Speluncae *vivique lacus* et frigida Tempe»: Vergilio, *Georgicon,* II, 469. Ed. de Julio Moreira.

[6] Dozy & Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe,* Leyde 1869, p. 97.

Angueira. Este nome, bem como *S. Martinho de Angueira,* provém de um rio que, vindo de Hespanha, banha as duas povoações d'aquelles nomes, e que, como a cima disse, limita pelo Poente o concelho de Miranda. Apparece, como vimos, já num documento do tempo de Sancho I. — Em mss. do sec. XVIII, na Torre do Tombo, tenho lido não só *Angueira,* mas *Engueira* e *Ingueira* (tudo com relação a Miranda).

A par de *Angueira,* offerece o nosso onomastico *Angueiro* e *Angueiros,* no Entre-Douro-e-Minho; na mesma provincia e na Extremadura ha *Ingueiro,* que sem dúvida se relaciona com elles. Como etymo d'estes nomes mal póde pensar-se em *anguia* (*enguia, inguia*), porque, assim como de *aguia* se fez *Aguieira* e *Aguieiro,* nomes geographicos, e não *Agueira* nem *Agueiro*, tambem de *anguia* se esperaria *Anguieiro* e *Anguieira,* e não *Angueiro* nem *Angueira*[1]. De facto, no riquissimo indice da *Chorographia Moderna,* de João Maria Baptista, lê-se *Agueiro* e *Agueira;* mas nestas palavras pronuncia-se o *u,* pois nos respectivos textos acha-se escrito *Agoeira*[2], *Agoeiro*[3], *Agoeiros*[4], o que prova que se trata de derivados de *água* ou *ágoa,* e não de derivados de *aguia*[5]. Por tanto, se *Angueira* e *Angueiro* não vem de *anguia,* de onde vem? Creio que só no lat. anguis, angue-[6], se deverá buscar o etymo, o qual

---

1 Em mss. da Torre do Tombo, do sec. XVIII, li realmente uma vez *Enguieira,* a par de *Engueira,* de *Ingueira* e de *Angueira;* mas essa fórma não tem valor nenhum, porque os documentos mais antigos e outros contemporaneos trazem *Angueira,* sem *i* medial: fica pois evidente que quem escreveu, errou.

2 Vol. III, 93.

3 Vol. III, 105.

4 Vol. II, 338; II, 362.

5 No vol. II, 571, e II, 601, ha tambem *Agoella,* que está para *ágoa* como *Covella* para *Cova* (cf. supra, p. 34).

Algumas vezes no proprio texto vem *u,* mas vê-se que é *u* por *o.*

6 No sentido certamente de «cobra de ágoa».

é plenamente confirmado por *Anguera*, nome de um rio na Catalunha, e *Enguera*, nome de uma villa em Valencia, e talvez tambem por *Angueta* (deminutivo?), nome de um lugar em Guadalajara. A fórma *Ingueiro* está para *Angueiro*, como *inguia* (pronúncia popular) para *anguia*, e como as citadas palavras *Engueira* e *Ingueira* para *Angueira;* todavia, em várias localidades de Portugal a fórma *anguia* coexiste com *eiróz* ou *eiró* (*iróz, iró*)[1].

É curioso que no nosso onomastico não exista (ou, se existe, não vem na *Chorographia* de Baptista) nenhum derivado de *anguia;* existe sómente a palavra *Inguias*, como nome de lugar na Beira-Baixa. Isto não é argumento contra a explicação que dou de *Angueira*, por isso que se conhece tambem um unico exemplo de *Inguias*. No onomastico da Galliza ha porém *Anguieiro* e *Anguieiros*, a par de *Angueira*, facto que confirma o que estou dizendo: as duas primeiras vem de *anguia*, a terceira de a n g u e -.

A origem da palavra *anguia* (portuguesa e gallega) e *anguila* (hespanhola, mirandesa e catalã) constitue um problema linguistico, que vou expor, e tratar de resolver. Se em latim ha a n g u i l l a, com *ll*, como é que estes sons se syncoparam em português e gallego,

---

1 A etymologia da palavra *eiróz* ou *eiró* tem já sido várias vezes assunto de estudo por parte dos philologos. Vid.:

J. Cornu, *Die Portugiesische Sprache*, § 210;

H. Schuchardt, in *Zeistschrift für romanische Philologie*, XIII 525-526;

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, in *Revista Lusitana*, III, 144-145.

Ás fórmas já conhecidas *eiroz*, *eiró*, *eirozes*, arch. *eiroo*, *eiroes*, *eirões*, gall. *eiroa* e *airoa*, juntarei aqui mais uma, que creio não está ainda archivada: é *eirôgo*, usada no Minho (Guimarães), como me indica o meu amigo Dr. Alberto Sampaio. Esta fórma *eirôgo* parece poder explicar-se por *e r i o c u (l) u -; cf. *terçôgo* a par de *terçó?*

em vez de se reduzirem a *l*,— e em hespanhol, mirandês e catalão deram *l*, e não *lh*, como deviam dar?[1] Não póde deixar de se rejeitar *anguilla* como etymo, e admittir para o latim vulgar da Iberia a fórma *anguīla, só com um *l*, e com o ī longo, e por tanto accentuado; esta fórma resultaria de influencia do grego ἐγχέλειον, ἔγχελυς, onde ha um unico λ. Exemplo inverso de influencia de palavra que tem *ll*, noutra que tinha simplez *l*, está no latim vulgar da Lusitania em *pĭllus, de *pilus*, sob a acção de capĭllus: com effeito, só de *pĭllus poderia vir o português *pelo*, que não poderá considerar-se como palavra de origem litteraria; o lat. *pilus* daria **peo*.— Outra influencia da fórma de uma palavra grega na de uma latina vê-se no port., hesp. e mir. *lirio*, inexplicavel directamente pelo latim lilium, mas explicavel sob a acção do grego λείριον.— São muito vulgares em todas as lingoas estes cruzamentos de certas palavras que fazem que uma d'ellas

[1] Dos seguintes exemplos se vê que *ll* latinos entre vogaes dão *lh* em hesp., mir. e cat., e *l* em port.:

Lat.	Hesp.	Mir.	Cat.	Port.
caballu-	*caballo*	*cabalho*	*caball*	*cavalo*
capillu-	*cabello*	(*cabelhudo*)	*cabell*	*cabelo*
castellu-	*castillo*	*castielho*	*castell*	*castelo*
gallu-	*gallo*	*galho*	*gall*	*galo*
gallina-	*gallina*	*galhina*	*gallina*	*galinha*
illa-	*ella*	*eilha*	*ella*	*ela*

Em português estas palavras costumam escrever-se com *ll*, mas, com relação ao assumpto que me occupa, é mais claro escrevê-las com *l*, pois não estou tratando de orthographia, que é facto artificial, unicamente para os olhos, estou tratando de phonetica, que é phenomeno natural.

Posto que entre o catalão e o hespanhol haja differenças radicaes, aqui porém as duas lingoas coincidem nas maneiras de tratar o *l* geminado latino entre vogaes.

se modifique sob a influencia de outra; comquanto eu pudesse indicar aqui numerosos exemplos, contentar-me-hei com indicar dois que se relacionam com o nosso caso: são o veneziano *anguéla* e o friulano *angudèle,* que o Sr. C. Salvioni explica pelo cruzamento de **acutella* com *anguilla*[1]. — Pela palavra *anguila-

explica-se perfeitamente { hesp., mir. e catal. *anguila*,
port. e gall. *anguia*.

As fórmas portuguesas *inguia* e *enguia* vem de *anguia,* cf. *empola* < > *ampola,* pop. *intigo* < > *antigo*. Em asturiano diz-se *anguilu*[2], por masculinização do feminino *anguila;* cf. em dialectos franceses *ăvé, lăvio* (= *l'ăvio*) e *lăviu* (= *l'aviu*), que o Sr. Meyer-Lübke explica por *anguillus[3]. — Nem a respeito do português, nem do gallego póde existir a dúvida que o Sr. Meyer-Lübke acha a respeito do ital. *anguilla* e do fr. *anguille,* que elle pergunta se serão fórmas litterarias, se populares[4]: a syncope do *l* em português e gallego prova á evidencia que se trata de palavras de origem popular; a fórma mirandesa tambem de modo nenhum podia ser litteraria (de onde havia de vir? do português, não, porque lá não tem *l;* do hespanhol, tambem não, porque isso não era provavel); a fórma hespanhola é tão popular, que se acha vinculada como nome geographico, *Anguila,* na ilha de Formentera: de tudo isto resulta a necessidade de admittir a fórma latino-vulgar *anguila.

---

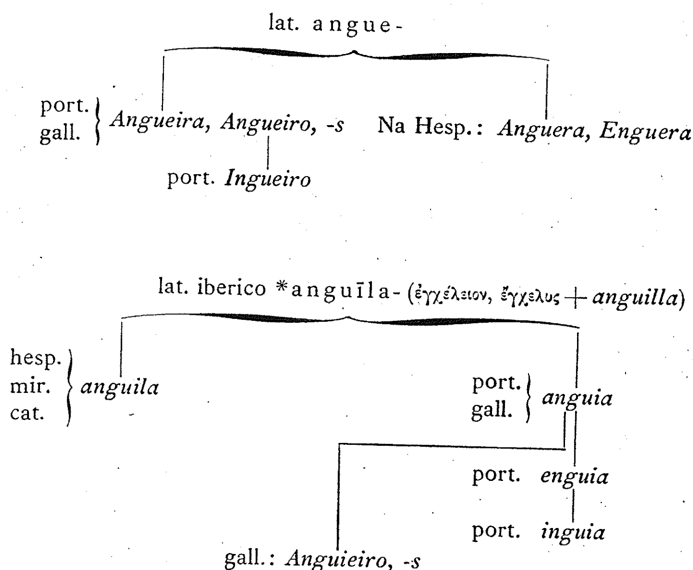
1 *Postille italiane al Vocabolario Latino-Romanzo*, Milano 1897, p. 4.

2 Braulio Vigon, *Vocabulario dialectológico del concejo de Colunga,* Villa Viciosa, 1896, s. v.

3 *Grammatik der romanischen Sprachen*, I, § 31; II, § 370.

4 *Ob. cit.*, I, § 31.

Para mais clareza, simplificarei em quadros o assumpto principal da discussão precedente:



Sobretudo as fórmas *Anguera* e *Enguera,* usadas na Hespanha, põem fóra de dúvida o etymo angue-, pois não podem explicar-se nem por **anguīla,* nem por *anguilla,* e muito menos por *anguia,* que não existe na Hespanha, fóra da Galliza.

Ainda umas observações, para terminar.

Em documentos medievaes e posteriores, tanto de Portugal como de Hespanha, encontram-se como nomes communs *angueira-anguera, engueira-enguera,* do lat. angaria, — indemnização pelo serviço de certos animaes[1]; mas estas palavras apenas tem de commum

---

[1] Vide sobre isto:
Viterbo, *Elucidario,* s. v. *angueira* e *engueira;*
J. Tailhan, in *Romania,* IX, 431-432;
Körting, *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch,* § 554.

com as de que estou tratando o aspecto externo. O facto de *Angueira* na provincia de Tras-os-Montes e *Anguera* na Catalunha se applicarem a rios, e o de á primeira d'estas duas palavras corresponder a fórma masculina *Angueiro* (e *Ingueiro*) no singular, e *Angueiros* no plural, mostra bem, como creio, que nos achamos deante de fórmas derivadas de angue-, e não em frente do substantivo *angaria*, que não podia ter masculino.

Os derivados *Angueira, Angueiro* (*Ingueiro*) e *Angueiros* estão para angue- na mesma relação morphologica que *Anguilero* (Oviedo) e *anguilera* («depósito en que se conservan vivas las anguilas») para *anguila*, que *Anguieiro* (vid. supra) para *anguia*, que *Lamprieira* (Entre-Douro-e-Minho e Beira) para *lampreia, Bargueiros* (Minho) para *bargo, Reiro* (Minho) e *Reiros* (ibid.), de **raeiro* (**raneiro*), **raeiros* (**raneiros*), para lat. rana[1], *Sapeira* (Beira, Alemtejo,

1 As fórmas theoricas **raneiro* e **raneiros* estão ainda representadas na Hespanha, no onomastico, pelas fórmas vivas *Ranero* e *Raneros;* a par d'estas ha a fórma feminina sing. *Ranera.* Quando numa lingoa faltam, em virtude do adeantado da evolução d'esta, certas fórmas intermedias, podem muitas vezes, como aqui, ir buscar-se a outra lingoa que, em relação ao phenomeno de que se trata, está mais atrasada. Com effeito, quanto ao modo de representar o *n* latino intervocalico, o hespanhol ficou muito atrás do português: este mudou-o em resonancia nasal, que depois em certos casos desappareceu; aquelle conservou-o intacto. Exemplos:

lat. rana { hesp. *rana* / port. *rãa* > *rã*

lat. vena { hesp. *vena* / port. *vẽa* > *vea* > *veia*.

Os exemplos d'estes phenomenos são numerosissimos. Por isso a *Ranero* na lingoa hespanhola corresponde na lingoa portuguesa *Reiro*.

Algarve) e *Sapeiros* (Extremadura) para *sapo, Cobreira* (Minho) para *cobra, Sardoeiro* (Beira), *Sardoeira* (Minho e Beira) e *Sardoeiras* (Minho) para *sardão,* arch. **sardom*.

Como no *Lateinisch-romanisches Wörterbuch,* de G. Körting, se diz, sob o § 559, que o lat. *anguis* foi nas lingoas romanicas supplantado completamente por *serpens,* e como no Supplemento da mesma obra, p. 786, só timidamente se explica o fr. *envoye* por a n g u i s, póde parecer pouco provavel que na Peninsula Iberica se conservasse *anguis;* mas nas *Postille italiane al Vocabolario Latino-Romanzo,* do Sr. C. Salvioni, Milão 1897 (trabalho cuja posse devo á amabilidade do seu erudito auctor), acho nada menos do que quatro representantes de a n g u i s, a n g u e- em dialectos italianos, —*ànga, ànza, anza* e *lanza*[1]; tambem o nome proprio francês *Anguier* póde explicar-se por √a n g u i s + *-ier,* com o fr. arch. *achier,* de √a p i s: d'onde se vê que a existencia de a n g u i s na Iberia fica justificada completamente[2].

Atenor. Este nome já se encontra assim escrito em documentos do sec. xii[3]. No Livro ii das *Inquirições* de D. Affonso III lê-se porém *Atanor*. Num ms. do sec. xviii lê-se igualmente *Atanor*[4]. Nestes dois ultimos documentos temos representada a moderna pronúncia local, que é *Atanór*. Na *Corografia* do P.e Carvalho (sec. xviii), i, 483, lê-se *Tenor*. Tambem tenho visto

---

1 *Ob. cit.,* p. 4.—O Sr. Salvioni explica *lanza,* de *anza,* por influencia de *lanza,* «lancia» (lança).

2 No onomastico da Hespanha ha tambem *Angues;* mas, como o *u* se pronuncía (*Angües*), não sei se esta palavra se relaciona com as aqui estudadas.

3 No chamado *Livro das doações de D. Affonso III* (na Torre do Tombo), ii, fls. 15-*v*.—Doc. da era de 1210 (= anno de 1172).

4 *Memorias parochiaes,* na Torre do Tombo, v, 757 sqq.

escrito *Athenor*[1], pela tendencia que ha em português para juntar frequentemente *h* a *t*, o que se observa em *Thomar* = Tomar, *Themudo* = Themudo, *contheudo* = conteudo, *cathegoria* = categoria, *Thiago* = Tiago, *Thedo* = Tedo, etc., onde se quis de certo por vezes alludir ao θ grego = *th*[2]. O etymo supponho estar na palavra commum *atanor*, que tanto se encontra em português antigo como em hespanhol. Neste ultimo idioma significa «conducto ó cañon de barro, piedra, bronce, plomo, cobre, ó madera, que sirve para conducir el agua a las fuentes, ó a otra parte», segundo o *Diccionario* da Academia Hespanhola. *Atanor* vem do arabe: vid. Sousa & Moura, *Vestigios da lingoa arabica*, Lisboa 1830, p. 79; Dozy & Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*, Leyde 1869, p. 210–212; Yanguas, *Glosario etimologico de las palabras españolas, portuguesas, etc., de origen oriental*, Granada 1886, pp. 302–303. Em port. a palavra mudou de sentido, pois significa certa vasilha: vid. Christovão Falcão, *Obras*, Porto 1893, p. 59, ed. de Epiphanio Dias, que cita outros textos; e vid. tambem *Provas da Historia genealogica*, II, 448. É natural que ella em mir. existisse outr'ora em tal sentido (se não existe ainda!). No onomastico português existem palavras de significação semelhante: *Cano, Rego, Levada*. Assim

---

1 Em documentos officiaes, por exemplo.

2 De *Tomar* e de *Tedo* não sei ao certo as etymologias; por isso não tenho motivo para escrever *h*. *Temudo* é archaismo, conservado por se ter tornado nome proprio: não passa de um participio do verbo *temer*, pois aos verbos da 2.ª conjugação correspondem em português antigo, em certos casos, participios em *-udo*; exemplos analogos são *teudo* (do arch. *teer* < *tẽer*; cf. ital. *tenuto*, catal. *tingut*) e *contẹudo*, conservado como substantivo. *Categoria* vem de κατηγορία, onde não ha aspiração. *Tiago* deduziu-se de *Santiago* (< > *S. Tiago*), que está por Sanct' Iacobus. Todos estes e analogos phenomenos os tenho explicado muitas vezes nas minhas aulas.

como ao lado de *Atenor* se encontram as variantes *Atanor* e *Tenor*, tambem ao lado da palavra commum apparece *tanor*, *tenor*, *athenor*, etc. Poisque na ling. pop. o *e* se muda facilmente em *a*, antes de *n*, por ex.: *tanaz* (gall. *tanazes*, mir. *tanazes*) < *tenaz*, *alianado* < *alienado*, *Lianor* < **Lienor* < *Leonor*,—cf. tambem catal. *atanèu* e *atanèiu* < hesp. *ateneo*,—aqui inverteu-se o processo, o que várias vezes succede, e de *atanor* fez-se *atenor* (por apherese *tenor*). A evolução sematologica que se deu de *atanor* «cano» para *atanor* «vasilha» deu-se na passagem do arabe para o hespanhol, porquanto a palavra arabe correspondente significa tambem «forno», «boca de poço».

Barciosa (Villa Chã da). Diz-se mais frequentemente só *Villa Chã*, do que *Villa Chã da Barciosa*. Em documentos antigos porém acha-se a expressão completa. Num documento do sec. xiii lê-se *Villa Plana de Barceosa* mais de uma vez[1]. O P.^e Carvalho na *Corografia* (principios do sec. xviii) escreve *Villa Chãa da Barciosa*. Nas *Memorias parochiaes* (ms. da Torre do Tombo), já citadas, vem *Villa Chã de Barciosa*[2]. Na *Chorographia moderna*, de Baptista, vem *Villa Chã da Braciosa*. A pronúncia local actualmente é *Bila Chana*.

No nosso onomastico ha outras palavras que de certo se relacionam com esta: são *Braciaes*, *Bracial* e *Bracieira*, no Algarve, no Alemtejo, na Extremadura e na Beira,—o que prova que a palavra primitiva teve outr'ora bastante voga no país.

Quanto ao etymo, notarei que a fórma antiga *Barceosa*, que, como vimos, se encontra num documento do sec. xiii, nos é de grande auxílio, por isso que no português archaico o *e* atono se conserva frequente-

[1] Livro ii das *Inquirições* de D. Affonso III, fls. 108-*v*. sqq.
[2] Vol. xl, p. 1135.

mente em hiato: *Barceosa*, com *e*, faz pois suppor que o etymo o tinha tambem; e este etymo não deve ser outro senão uma palavra correspondente á hespanhola *barceo* ou *berceo* (planta). Em mirandês usa-se *barcego*, (nome de uma graminea) que de certo se relaciona com o hesp. *barceo*[1]. Assim *Barceosa* significa «lugar onde abunda o *barceo*»; ha nomes morphologicamente semelhantes, como *Feitosa* (de *feito*, *feto*), *Felgoso* e *Folgosa* (< *f e l i c o s a, de *felix* <> *filix*, tambem *feto*), *Gestosa* (de *gesta* <> *giesta*), *Giestosa* (de *giesta*), *Carrascosa* (de *carrasco*) e outros. De *Barceosa* passou-se para *Barciosa*, porque em português moderno o *e* atono em hiato muda-se em *i*: cf. *veado*, que se pronuncía *viado*; *tear*, que se pronuncía *tiar*; *teor*, que se pronuncía *tior*; *conteudo*, que se pronuncía *contiudo*. A respeito da significação da palavra «villa» vid. p. 77, no artigo consagrado a Constantim.

O onomastico hespanhol offerece-nos: *Barcia, Barcial, Barcialejo, Barcias, Barciela*, na Galliza, nas Asturias, em Leão e na Castella-Velha[2]. Ha differenças

---

1 Esta semelhança entre as palavras hespanholas e a mirandesa não está só no som, está tambem nos usos da planta. De *barceo* diz o *Diccionario de la lengoa castellana* da Academia Hespanhola: «esparto seco y deshecho, de que en lugar de esteras se sirve la gente pobre en varios lugares de Castilla la Vieja». De *barceo* diz o mesmo *Diccionario*: «planta graminea.....: hojas planas a principio, que sirven de pasto para los ganados y que despues se arrollan como las del esparto y se usan para hacer cuerdas, ataderos y outros objectos análogos». Ora de barcego, segundo as informações que tenho, tambem em Terra-de-Miranda se fazem: *scrinhos*, especie de cestos; *rodos*, especie de esteiras em que as molheres se sentam na igreja; *capachos*; e *cambos*, amparos das mós dos moinhos para a farinha não saltar fóra.

2 Ha outros nomes parecidos com estes, tanto na geographia de Portugal, como na do vizinho reino, — por exemplo: *Braceiro, Braceiras, Braçal, Braçaes* (Portugal), e *Bercial, Bercio, Berciego* (Hespanha); mas pertencerão talvez a outras familias onomasticas.

nas syllabas iniciaes entre as fórmas portuguesas e as hespanholas: umas tem *Bra-*, outras *Bar-*; mas taes differenças são apenas apparentes, pois em português, em syllabas atonas, como aqui, tanto se dis *bra-*, como *bar-*. É provavel que o etymo de algumas d'estas palavras, sobretudo das gallegas, seja o mesmo que o de *Barciosa;* todavia, como em hespanhol só raramente o *e* atono em hiato se muda em *i*[1], outras talvez tenham por etymo *barcia,* que o *Diccionario de la lengua castellana,* da Academia Hespanhola, define d'esta fórma: «desperdicio ó aechaduras que se sacan al limpiar el grano»[2]. O sentido não se oppõe a esta explicação, pois temos no onomastico português, por exemplo, *Cadaval, Cadavaes, Cadaveira, Cadaveiras, Cadaveiro, Cadavosa, Cadavoso,* e no onomastico asturiano *Cadavedo,* palavras que se explicam perfeitamente por *cádavo*[3], que em gallego significa «palo de tojo chamuscado»[4]; temos *Coscos,* que deve ser o mesmo que a palavra commum *cosco,* usada pelo menos na Beira-Baixa, e que significa o que resta dos cereaes depois de malhados nas eiras e de extrahido o grão; temos *Moinha,* etc.

Depois de escrito e composto o que acaba de ler-se, soube que no sub-dialecto sendinês (lingoagem mirandesa de Sendim) se usa a palavra *barceu.* O Sr. Estevez Pereira, que é natural da cidade de Miranda, diz-me que tambem, desde a sua infancia, conhece a palavra.

Não ha pois dúvida nenhuma quanto á etymologia que dei de *Barciosa.*

---

1 Cf. *lear, menear, rodear,* etc. Vid. E. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola,* Milano 1898, p. 42.

2 12.ª edição, s. v.

3 Cf. os artigos que publiquei in *O Clamor do Bombarral,* n.º 42 (1892).—O rio *Cávado* chamava-se outr'ora *Cádavo.*

4 *Diccionario gallego-castellano,* de Valladares y Nuñez, s. v.

Caçarelhos. Já se encontra o nome com esta fórma em mss. do sec. xvi[1]. No sec. xvii encontra-se por êrro *Cazarelhos*[2]; cfr. o que digo a respeito de *Cercio* e *Cicouro*. A pronúncia local actualmente é *Caçareilhos*, com a terminação mirandesa *-eilho-* correspondente á portuguesa *-elho-* (lat. -ĭculu-).

Nem no onomastico português, nem no hespanhol achei nada que possa afoutamente comparar com esta palavra. No Minho ha *Caçarilhe*, na Extremadura *Caçareira;* em Lugo ha *Caçar*. Poderemos deduzir *caçar- (ou *caç-?) como etymo? E que significa elle?[3]

Cércio. Num documento ms. do sec. xiii lê-se *Cerceo*[4]. No já citado *Promptuario das terras de Portugal*, ms. do sec. xvii, lê-se por êrro *Sereijo* (= *Sercijo* ou *Sércyo*, i. é.: *Cércio*). A moderna pronúncia local oscilla entre *Cérceno* e *Cérçano;* representá-la-hei mais exactamente por *Cércẹno*.

O onomastico da Galliza offerece-nos *Cercio* e *Cercia*. Tanto neste como no nosso ha outras fórmas que se relacionam com *Cércio;* comprehendê-las-hemos melhor depois de indicado o etymo da palavra que principalmente me occupa.

No caso presente o etymo é facil de achar. A pronúncia mirandesa de *Cércio* indica-o muito claramente,

---

1 Livro vi dos *Contractos* de D. João III, fls. 74-*v* (1528). Na Torre do Tombo.

2 *Promptuario das terras de Portugal*, por Vicente Ribeiro de Meyreles (1689), p. 539.

3 Camillo Castello Branco escolheu Caçarelhos para solar do heroe do seu romance *A quéda de um anjo*. O célebre romancista, mordaz como era sempre, foi de certo levado a isto pela pouca euphonia do nome. Por igual razão Filinto Elysio, numa poesia, zombou da Samardam, terra igualmente trasmontana.

4 No já citado livro ii das *Inquirições* de el-rei D. Affonso III, fls. 108-*v* sqq.

pois *Cérceno* representa o lat. *quercĭnus, *quercenu-, tendo-se junto a quercus o suffixo -ĭnus, como em fagĭnus (de *fagus*), que tanto é adjectivo como substantivo. De *quercĭnu- passou-se para *kércinu- > *cércino > *cérceno >:[1]

> { mir. *Cérceno*
> { port. arch. *Cérceo* > mod. *Cércio*.

Todas estas transformações convem com as leis do romanço[2]. Segundo vimos a p. 42, a *Quercus robur* é uma das arvores dominantes na Terra-de-Miranda; por isso o etymo que proponho, se está de accôrdo com a phonetica e a morphologia, tambem o está com a geographia botanica. — A comparação de *Cerceno* com *Cércio* mostra-nos a exactidão da regra exposta adeante, quanto á manutenção do *n* intervocalico em mirandês, e á sua suppressão em português.

Outras palavras da mesma familia linguistica são *Cercal, Cercosa, Cerqueda, Cerquedo, Cerqueira, Cerqueiro, Cerquida, Cerquido, Cerquidello,* que se encontram mais ou menos por todo 'o país.

Cicouro. Póde escrever-se em português *Cicouro* e *Cicoiro,* como *Douro* e *Doiro, ouro* e *oiro, noute* e *noite.* Em geral, na nossa lingoa, o ditongo *oi* reflecte a pronúncia popular, o ditongo *ou* a pronúncia litteraria.

---

1 A mudança do *i* postonico em *e* podia ter-se dado antes da mudança de *qu-* (*k-*) em *c-;* nesse caso a série das fórmas era: *kercenu- > *cérceno.

2 Sobre que- > *ke- > *ce- vid. por exemplo:
Diez, *Grammaire des langues romanes,* I, 244;
Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen,* I, § 501;
Ascoli, *Una lettera glottologica,* p. 14;
Gaston Paris, in *Annuaire de l'École pratique des hautes études,* 1893, p. 33.
Com relação ao caso que nos interessa, notarei que já no latim vulgar se encontra *cercua* < **quercua* (*quercus*): vid. Wilhelm Meyer, in *Grundriss der romanischen Philologie,* de Gröber, I, 362.

Em mss. do sec. XVI[1] acha-se escrito *Cycorjo* (= Cicoiro, com *y* e *j* por *i*), *Çicoiro* e *Cicoyro*. Na epocha a que pertencem estes mss. não se confundia ainda o *ç* com o *s* (cfr. o que escrevi a p. 34, nota), e por isso a orthographia com *C, Ç* revela a pronúncia de então, que concorda com a pronúncia actual. Já todavia em documentos dos sec. XVII[2] e XVIII[3] se encontra escrito *Sicouro* com *S*, como, segundo vimos, *Sércio:* modos de escrever erroneos. A pronúncia actual na localidade é *Cicuiro*.

O etymo não me parece claro. Em lat. ha *cichōrium* e *cichŏrēum* do gr. κιχώριον, mas, a não ser que se admittisse uma fórma como *cicchŏrium, com *ŏ* e com *cc*, acaso por influencia de outra palavra, por exemplo *ciccus* = κίκκος, o simplez *c*, por estar entre vogaes, não podia manter-se em mirandês nestas condições (nem em português); a favor d'esta etymologia era a pronúncia vulgar *Cicuiro*, pois em igual terminação temos em mirandês *cuiro* < l. cŏrium. Em português ha de facto *chicorea*, que ascende ao gr. κιχόρεια, κιχόρια (τά), mas de modo indirecto, pois para nós veiu certamente do italiano *cicorea, cicoria*; as fórmas hespanholas *chicoria* e *achicoria* estão no mesmo caso: são, como creio, de origem italiana.

CONSTANTIM. O documento mais antigo que conheço a respeito de Constantim é do anno de 1211: «de illo nostro reguengo quod vocatur Infaneis cum *Constantino*»[4]. Nas *Inquirições* de D. Affonso III, diz-se que

---

1 Livro dos *Contractos* de D. João III e *Tombo da comarca de Tras-os-Montes*. Na Torre do Tombo.

2 *Promptuario das terras de Portugal*, por Vicente Ribeiro de Meyreles, p. 539 (1689). Na Torre do Tombo.

3 *Corografia*, do P.e Carvalho da Costa.

4 No chamado Livro II das *Doações* de D. Affonso III, já citado, fls. 15.

«fratres de Moreyrola populaverunt villam de *Costantý* in Miranda in diebus istius regis»: nem por *villa* se ha de entender «villa» no sentido moderno, mas «quinta», «herdade», «pequeno povoado»[1], nem por *popula-*

[1] Cf. Gama Barros, *Historia da administração publica em Portugal,* II, 16 sqq. e 314 sqq.

Alem do sentido moderno («villa de Serpa», «villa de Armamar», etc., em lingoagem judicial), *villa* tem ainda sentido modernissimo, principalmente em Lisboa e arredores: significa vivenda mais ou menos independente, provída de uma quintarola ou jardim. Os seus proprietarios adoptaram o nome de *villa,* cuidando que empregavam um nome italiano, e que introduziam assim mais uma imitação em português, pois não afrouxa a balda de se querer imitar impertinentemente o que existe lá fóra; mas d'esta vez o prazer da imitação gorou-se-lhes, porque, como digo no texto, *villa* tinha na nossa lingoa antiga pouco mais ou menos a significação que modernamente se lhe dá em Lisboa e arredores! Ainda assim, os proprietarios das villas alguma cousa fizeram contra a vernaculidade da lingoa: em lugar de precederem da preposição *de* os nomes das villas, e dizerem, por exemplo, *villa de Esther, villa de Laura,* etc., dizem sem *de,* á francesa, *villa Esther, villa Laura.* Já me referi a este assunto no meu opusculo *O gralho depennado* (réplica ás caturrices philologicas do Sr. Candido de Figueiredo), 3.ª ed., Porto 1894, pp. 99-100 e nota.—Em verdade ha antigos nomes geographicos, formados por quem sabia português, nos quaes falta o *de,* como *Villa-Mendo, Villa-Lobos, Villa-Corça, Villa-Cães,* mas estes nomes tiveram primitivamente o *de,* que desappareceu, por evolução phonetica (nestes nomes *Villa* como que não tem significação, faz parte de compostos), ao passo que nos nomes modernos, se não se exprime o *de,* é por desconhecimento da lingoa (nestes nomes *villa* tem toda a sua significação); em todo o caso o onomastico offerece ainda numerosos exemplos com *de,* como: *Vil(la) de Ferreira, de Matos, de Covas,* etc.; *Villa de Frades, do Bispo, do Conde, do Souto, do Rei,* etc. Ha-de querer talvez objectar-se-me que, por exemplo, *Villa do Bispo* significa que esta terra pertenceu primitivamente a um bispo, e que o *de* indica a posse, ao passo que com *villa Laura* se quis apenas dizer que a villa se chamava *Laura,* sem ideia de posse; mas a denominação, ou, como se diz em grammatica, o apposto definitivo, com relação a nomes de terras, exprime-se com a adjuncção da preposição *de:* ninguem diz *villa*

verunt se ha de entender que os frades de Moreruela (Leão) fundaram no tempo de D. Affonso III a Constantim (que já existia no reinado anterior), mas que ahi tiveram caseiros. No sec. xvi escrevia-se *Costantim*, segundo a pronúncia vulgar, e *Constantim*, segundo a pronúncia culta[1]. A pronúncia local mirandesa hoje é ainda *Costantim*, do mesmo modo que no geral do país o nome de homem *Constantino* se pronuncia *Costantino*, e se ouve em português frequentemente *costipar* (< constipar), *aspessada* (< anspessada), etc., em virtude d'este princípio phonetico: que vogal nasal atona antes de *s* impuro, i. é, seguido de outra consoante, tende a desnasalar-se.

Ha outro lugar em Tras-os-Montes que tem o nome de *Constantim*. Na Galliza ha *Constantin* e *Costantin*. Nas Asturias ha *Costantí*.

O etymo é claro: lat. Constantini, genetivo de Constantinus. O *-i* apocopou-se segundo a lei que a proposito do *-e* enunciei no meu opusculo *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo* (anályse crítica), 2.ª ed., p. 77, nota 5. A fórma oblíqua Constantinu- não podia transformar-se, nem em mirandês, nem em português, em *Constantim*: a terminação lat. -inu- deu *-ino* em mirandês, e *-inho* em português: cf. o que se diz adeante, na Grammatica, § 109. Forçoso é pois recorrer a Constantini.

Mertola, cidade Porto, aldeia Pindo, mas *villa de Mertola, cidade do Porto, aldeia do Pindo*; logo, tambem deve dizer-se *villa de Esther, villa de Laura* e semelhantemente. A evolução phonetica inconsciente póde com o tempo fazer desapparecer o *de*, fundindo num só, para o espirito, os dois ou mais elementos da palavra (ex.: *Villa-Frade*, que equivale a *Villafráde*); mas, conscientemente, querendo-se que *villa* mantenha plenamente o seu valor, não póde deixar de se juntar *de* (ex.: *Villa de Esther*, e não *Villa Esther*): fazer o contrário é desnaturalizar a lingoa.

[1] Vid. *Livro do Tombo das demarcações de Tralosmontes*, fls. 24 sqq. Na Torre do Tombo.

Entre os diversos processos pelos quaes na alta Idade-Média se denominavam os predios rusticos entre nós, um dos mais vulgares era juntar ao nome d'estes o genetivo dos possuidores[1], como *villa* Recarédi

---

[1] Vid. sobre este assumpto:

Alberto Sampaio, «As *villas* do Norte de Portugal», in *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, III, 56–61;

Gama Barros, *Historia da administração publica em Portugal*, vol. II, 16 e 328.

Cf. tambem o meu opusculo *De villa quae «Margariti» appellatur*; Olisipone 1894, p. 7–8.

O Sr. Alberto Sampaio cita, alem do genetivo, os suffixos -anus e -arius. Exemplos de nomes geographicos formados com o suffixo -anus junto a nomes de pessoas: *villa-* Corneliana- > *Correlhã; fundu-* Valerianu- > *Vairão*. Póde accrescentar-se *Orelhão*, do lat. *fundu-* Aurelianu- (etymologia proposta pelo Sr. Abbade de Miragaia, in *Vida Moderna*, do Porto, de 7 de Março de 1895).

Aos exemplos reunidos pelo Sr. Dr. A. Sampaio no seu artigo addicionarei outros, da Catalunha. No *Discurs llegit en la festa dels jochs florals del any 1894*, Barcelona 1894, diz o Sr. Dr. Balari y Jovany: «..... hi ha molts pobles qui havent rebut sos noms de proprietaris de alberchs ó de heretats poden esser aduhits com á mostra de una nombrosa colonisació romana. En aquest cas se troben per via de exemple *Premiá, Polinyá, Cornellá* y *Ortsavinyá*, que son formes catalanes provinents, segons documents antichs, de les llatines *Primiliano, Pauliniano, Corneliano* y *Orto Saviniano*, de les quals trahentne *-iano*, que indica possessió ó territori, queden nets y clars los noms dels primers ó més antichs proprietaris, que en los cas present foren un *Primulus*, un *Paulinus*, un *Cornelius* y un *Sabinus*» (*Ob. cit.*, p. 7).—A fórma catalã *Cornellá* corresponde mesmo á nossa *Correlhã*, só com a differença que aquella é masculina e esta é feminina: com effeito, em catalão o *-u* (-o) final cae em regra; *-n* final, depois de vogal, tambem; e *l*, seguido da semi-vogal palatal, dá *ll* (= *lh* em português): por isso Cornelianu- > *Corneliano* > **Cornellan-* > *Cornellá*.

Como exemplos de nomes formados com o suffixo -arius indica o Sr. Alberto Sampaio apenas *Briteiros* < *Brittarius (em nominativo).

Dos exemplos de genetivos temos alguns no texto.

(Reccaredi) > *Recarei*[1], *v.* Atanagildi > *Taagilde* > *Tàgilde*[2], *v.* Vermudi > *Vermui, Vermũi*[3], *v.* Gutini > *Gudim* (Godim), *v.* Viliulfi > *Guilhufe*[4]. O Sr. Pedro de Azevedo tambem explica por genetivo, e com fundamento: *Amarante* < Amaranti[5], S. João de *Ver* < Valerii[6], *Sever* < Severi[7]. Pela minha parte indicarei os seguintes nomes modernos de povoações, formados de antigos genetivos de nomes de pessoas: *Alvite* < Alviti[8], *Mangualde* < Manualdi[9], *Silvalde* < Silvaldi[10], *Guilhofrei,* < Viliefredi[11], *Formariz* < Fromarici[12], *Viariz* < *Viarici[13]. Determinado este processo de denominação, facil é descobrir nos documentos medievaes a etymologia de deze-

1 O pronunciar-se hoje *Recarei* prova que o nome do rei visigodo *Reccarédus* se ha de pronunciar conforme aqui o accentuo. Nas moedas d'este rei o nome vem escrito *Reccaredus,* com *cc.*

2 O ser aberto o *a* em syllaba atona prova a existencia antiga de *aa;* cf. *vàdio* < *vaadio, sàdio* < *saadio, Tàveira* < *Taaveira, càveira* < *caaveira, Pàçô* < *Paaçò.* De facto, tenho sempre ouvido pronunciar na localidade *Tàgilde,* com *a* aberto.

3 Esta palavra escreve-se *Vermuim* ou *Vermoim,* mas a pronúncia popular é *Vermũi* (Ver-mũi, duas syllabas), como várias vezes tenho ouvido. Deu-se o nasalamento final por influencia do *m* precedente, como em *mũi,* de *mui; mũito,* de *muito; mãi,* de *mai,* etc.

4 Nos *Port. Mon. Hist.,* «Dipl. et Ch.», doc. 46, ha tambem um *Viliufu(s) testis,* do sec. x.

5 In *O Archeologo Português,* ii, 252.

6 *Ibidem,* iii, 131.

7 *Ibidem,* algures.

8 Vid. *O Archeologo Português,* ii, 190, n.º 1.

9 Nos *Port. Mon. Hist.,* «Dipl. et Ch.», p. 25, figura um *Manualdus presbyter,* do sec. x. — O *g* introduziu-se na fórma *Mangualde,* de Manualdi, como em *mangual* (mangoal), de manuale-; *minguar* (mingoar), de *minuare.

10 «Dipl. et Ch.», p. 29. Sec. x.

11 Ibidem, p. 22. Sec. x.

12 Ibidem, p. 56. Sec. x.

13 Ibidem, p. 60, encontra-se *Viarigo,* que faz presuppôr o nominativo Viaricus. Sec. x.

nas de nomes de povoações formados da mesma maneira; talvez mesmo alguns dos que aponto estejam já indicados por outros investigadores; não posso, nem vale a pena, agora averiguar.

Do exposto vê-se que Constantim foi na origem uma propriedade, ou ahi houve um terreno, pertencente a um individuo, talvez nobre, chamado *Constantinus,* do qual tomou o nome, que se conservou até hoje: *villa* ou *fundus* Constantini > *Constantim.*

Criam-se hoje constantemente deante dos nossos olhos denominações semelhantes. É inutil citar exemplos.

Çarapicos. Escrevo com *Ç* inicial, e não com *S,* como se acha nas Chorographias (Sarapicos, Serapicos), porque a pronúncia local, *Çarapicos,* é com *ç* e não com *s.*

Nas *Inquirições* de D. Affonso III, Livro II, na Torre do Tombo, lê-se *Cerapicos,* com *C,* que, por estar antes de *e,* e valer por isso *ç,* confirma o que digo.

Ha na provincia de Tras-os-Montes outras localidades assim chamadas: no concelho de Bragança, no de Murça e no de Valpaços, pelo menos. O onomastico hespanhol tem *Zarapicos* em Salamanca; o *z* hespanhol apoia a minha affirmação quanto ao *ç* das nossas palavras, pois a *z* em hespanhol corresponde em português etymologicamente *ç* (*c* + *e, i*).

O etymo creio estar numa palavra equivalente á gallega *zarrapico,* que se aparenta com *zarrapito* (ave aquatica, que habita os rios e os pantanos[1]). Em verdade, no gall. *zarrapico* ha *rr,* ao passo que em *Çarapicos* temos só *r;* mas, do mesmo modo que o *zarrapito* gall., com *rr,* corresponde ao *zarapito* hesp., com simplez *r,* não me parece que deva deixar de se estabelecer tambem correspondencia entre *zarrapico* e *Çarapicos.*

---

[1] Valladares y Nuñez, *Diccionario gallego-castellano,* s. v.

Duas-Igrejas. Não conheço á cêrca de Duas-Igrejas documentos que ascendam a grande antiguidade; o mais antigo que me occorre é o *Itinerario* de Severim de Faria (sec. xvii), citado a cima, p. 24. Em geral este nome conserva sempre a sua fórma portuguesa; traduzido em mirandês tornar-se-hia *Dọẹs Eigreijas*.

Ha no nosso país mais localidades assim chamadas, e outras chamadas de modo semelhante, como *Duas-Fontes, Duas-Quintas*.

A etymologia do nome d'esta terra trasmontana não offerece a minima difficuldade: elle originou-se do facto de ahi haver duas igrejas, uma que serve de freguesia, outra que tem por orago a Senhora do Monte.

Especiosa. A pronúncia local é *Speciosa*. — Esta palavra representa de certo a latina speciosa, «bella», «magnifica». Em documentos latino-portugueses do sec. xi apparece já *Speciosa*, quer como nome de molher, quer como designação locativa. Vejamos as provas:

1) «mea omnia hereditate que in Arauca habeo, de parte de mater mea Senduara et aviorum meorum Asiulfu et *Spetiosa*»[1]. — Sem dúvida aqui é nome de molher.

2) «kasale quod fuit de Florenzo..... et de pomare de Arias..... et de pomare de Baldemiro..... et de pomare de Dulcidio..... et de kasale de *Speziosa*»[2]. No mesmo documento figura ainda um «pomare tras Córaco» e um «casale de Muro». — Vê-se que as designações das propriedades mencionadas neste documento são tiradas, umas de nomes proprios, como *Florenço, Aires, Baldemiro, Dulcidio*[3], outras de nomes communs,

---

1 *Portugaliae Monumenta Historica*, «Dipl. et Ch.», doc. n.º 634, p. 378 (do termo de Arouca).

2 *Ibidem*, ibidem, doc. n.º 105 (do termo do Porto).

3 «*Dulcidius* presbyter», figura *ibid.*, ibid., p. 23.

como *corgo* e *muro*. Como no documento precedentemente extractado *Speciosa* é nome de molher, aqui podemo-lo considerar tambem como tal, mas tornado nome proprio de casal.

Embora nenhum d'estes dois documentos diga respeito á aldeia trasmontana, julguei dever citá-los, porque servem de commentario á palavra de que me estou occupando. É porem difficil decidir se a *Especiosa* mirandesa foi na origem mero adjectivo, como *Miranda*, se foi o nome de alguma antiga proprietaria. Mais provavelmente succedeu o segundo caso.

FONTE D'ALDEIA. A pronúncia local é *Fǫnt'l'Aldéȩ* (cf. p. 62), por *Fǫnte de l(a) Aldeia* tendo-se syncopado a preposição *dȩ*, como em muitos outros compostos, quer portugueses, quer mirandeses; compostos portugueses são por exemplo: *Matacães* = Mata (dos) Cães, *Mata Ladrões* = Mata (dos) Ladrões, *Fonte Martello* = Fonte (do) Martello, *Agra-Fonte* = Agra (da) Fonte, *Cima-Coa* = Cima (do) Coa, *beira mar* = beira (do) mar[1]. De compostos mirandeses fallarei adeante.

A designação de *Fonte d'Aldea* figura já num documento do sec. XVI, existente na Torre do Tombo[2].

A etymologia não tem difficuldade. — Abundam extremamente as designações locativas em que entra *Fonte*, facto muito natural.

FONTE-LADRÃO. A pronúncia mirandesa é *Fǫnte-Lhadrõu* (ou mais rigorosamente — *Lhadrö̃ũ*) segundo as leis que serão deduzidas na parte d'esta obra em que me occupo da grammatica. O mais antigo documento em que achei menção d'este nome pertence ao sec. XVII[3].

---

[1] Cf. o que a respeito de *villa* digo a pp. 77-78, nota.
[2] Livro VI dos *Contractos*, fls. 74-*v*. (D. João III. 1528).
[3] *Promptuario das Terras de Portugal*, p. 541 (já citado).

É claro que *Fonte-Ladrão* está por *Fonte (do) Ladrão,* conforme o processo referido no artigo precedente. Não são raras as designações locativas em que entra a palavra *ladrão:* já vimos no mesmo artigo *Mata-Ladrões;* citarei ainda *Val-de-Ladrões.* Comprehende-se perfeitamente a razão d'isto. Temos no onomastico um echo de antigos crimes, de que estão cheios os contos populares, as lendas e as chronicas.

Freixiosa. A pronúncia local é *Freixenofa.*

Como a fórma popular o mostra, trata-se de um derivado de *fraxinus:* *fraxinosa, «abundante em freixos». A evolução phonetica foi *Fraxinosa > *Freixenosa* > **Freixeosa* > *Freixiosa.* Outros nomes formados assim com o suffixo *-oso* (*-osa*) citei-os a cima, p. 72, a proposito de *Barciosa,* onde tambem vimos como *-eó-* se mudou em *-ió-*. Como muitas vezes acontece, o onomastico revela-nos uma condição do solo. Não sei se hoje abundam os freixos nesta aldeia; mas, a não se dar isso hoje, deu-se outr'ora. Succedeu aqui um facto analogo ao que vimos que succedêra a respeito de *Cércio.*

Genizio. A pronúncia vulgar na localidade é *Zenízio,* por assimilação da consoante inicial ao *z* medial.

Num documento de 1689 esta aldeia tem o nome de *Genezio*[1]. Como em tal documento, segundo já vimos, ha varios erros orthographicos, agora trata-se talvez tambem de um, por confusão com o nome mais conhecido *Genesio.*

Attenta a semelhança que existe entre *Genesio* e *Genizio,* e o facto de aquelle ter deixado varios representantes no onomastico, como *Gens* < Genesii[2] e

---

1 *Promptuario das Terras de Portugal,* p. 539.

2 Genésii > Genési > *Genés* > **Gẽés* > *Gẽs* = *Gens.*

S. Gens, e provavelmente *Genes* e *S. Genes,* se o accento está na última syllaba, occorre comparar *Genizio* com *Genesio;* todavia, como se explica o primeiro *i,* e o *z?* Melhor sería talvez comparar *Genizio* com outro nome geographico, *Ginzo,* que não é raro no Minho.

Granja. A pronúncia popular é *Grãja.*

Esta palavra, que tambem existe em gallego e hespanhol, embora com pronúncias diversas da portuguesa, creio ter nestas tres lingoas origem francesa: grange, do lat. *granea; pois -anea, tanto em hespanhol, como em gallego, mirandês e português devia dar *-aña, -anha,*— e não *-anja.*

Apesar da origem francesa que lhe attribuo, fundado em razões de phonetica, ella propagou-se muito, pois em numerosas designações locativas, já simplezmente, já em compostos, como *Granja-de-Baixo, Granja-de-Cima, Granja-de-Oleiros, Granja-do-Olmeiro, Granja-do-Rio, Granja-Nova, Granja-do-Tédo, Granja-Velha,* já em derivados, com *Granjinha, Granjola, Granjão, Granjeiro.*

Diz Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo: «Não era desconhecida em Portugal esta palavra, quando os religiosos de Cister entraram neste reino, porém foi mui trivial depois que elles começaram a ter casaes e terras: ..... innumeraveis documentos nos informam que muitas d'estes *granjas* não foram mais que insignificantes *courellas, predios, quintinhas* ou *terrulas, descontinuadas e não unidas, mas com sua casa ou celleiro para recolher os fructos*» [1].

Da lingoa francesa nos restam palavras verdadeiramente antigas e populares, como *chapeu, charrua* e outras. *Granja* é pois mais uma, que datará do tempo das colonias francesas da Idade-Média.

---

[1] *Elucidario,* s. v.

Ifánez. A pronúncia mirandesa é *Infanheç* e *Eifanheç;* a pronúncia portuguesa local *Infanes* e *Ifaneç*. Uma e outra estão de accôrdo com as leis phoneticas dos respectivos idiomas. Em virtude de haver *-nh-* em mirandês, a orthographia portuguesa podia ser *Ifannes* com *-nn-:* cf. o que digo adeante, p. 96, a respeito de *Pena-Branca*.

Esta palavra tem nos documentos diversas fórmas. Em 1211 era Ifanez reguengo, e D. Sancho I, doou-a aos frades de Moreruela (em Leão): «hec est carta donacionis et perpetuo firmitudinis..... vobis dono Herberto, abbati de Moreirola, de illo nostro reguengo quod vocatur *Infaneis*»[1]. Nas *Inquirições* de D. Affonso III diz-se que *Ifanes* foi d'el-rei, e que Fernando, tenente da terra de Miranda, *populavit eam,* isto é, teve ahi colonos ou caseiros[2]. Em um documento de 1528 acha-se escrito «logar dy fanez» (= logar d'Ifanez)[3]; em um de 1538 lê-se «aldea que chamã *Infanes*»[4]. Uma rubrica do sec. XVI ao chamado livro das *Doações* de D. Affonso III, citado na nota 2, tem *Infanys*. Num documento de 1689 lê-se *Afanes*[5]. Em resumo, vê-se que: no sec. XIII as fórmas do nome são: *Infaneis* e *Ifanes;* no sec. XVI *Ifanez, Infanes, Infanys;* no sec. XVIII (erronea) *Afanes*. A ultima chamo erronea, porque provém de um documento em que, como já vimos, os nomes das terras se acham escritos pouco cuidadosamente, e porque ella

1 Doc. existente na Torre do Tombo. Liv. II, chamado das *Doações* de D. Affonso III, fls. 15. — Cf. tambem A. Herculano, *Historia de Portugal,* II, 433.

2 Doc. existente na Torre do Tombo. Livro das *Inquirições* de D. Affonso III, fls. 108-*v* sqq.

3 *Contractos* de D. João III, fls. 74-*v*. Na Torre do Tombo.

4 *Demarcações dos luguares de Tras los montes*. Na Torre do Tombo.

5 *Promptuario das Terras de Portugal,* p. 539 (já citado por vezes).

não está de accôrdo com a phonetica local, comquanto na phonetica geral da lingoa nada tivesse de estranho, pois que o povo diz *afètivamente* por *effectivamente*. A oscillação que achamos entre *If-* e *Inf-* acha-se ainda hoje: officialmente escreve-se *Ifanes* ou *Iffanes*, e pronúncia-se não raro *Infanes* ou *Infaneç* (port.) e *Eifanheç* ou *Infanheç* (mir.). É notavel porém que o *ç* (*z*), da moderna pronúncia mirandesa não esteja representado nos documentos do sec. XIII, e só appareça num do sec. XVI. Tambem merece menção o facto de um dos documentos do sec. XIII, o mais antigo, conter *Infaneis*, com a terminação *-eis*, e o outro conter *Ifanes*, com a terminação *-es*. Todas estas variantes resultam, umas vezes de os documentos serem escritos longe do local, outras do grau de maior ou menor instrucção de quem os escrevia.

A melhor base para o estudo do etymo da palavra é a moderna fórma *Eifanhez*; todavia nada posso dizer sobre elle.

S. Joanico. A pronúncia popular d'este nome não differe da que elle tem litterariamente.

Nas já citadas *Inquirições* de D. Affonso III (sec. XIII) figura a *villa de Sancto Joahane in Miranda*, onde os *milites* Rodrigo e Fernando, filhos de Pelaio (Paio), tiveram colonos ou caseiros. Talvez seja esta a moderna povoação, cujo nome *S. Joanico* se formou de *S. Joane* por meio do suffixo deminutivo *-ico*, muito frequente, não só em Terra-de-Miranda, mas na raia trasmontana. No onomastico português ha uma designação semelhante: *S. Joaninho* na Beira (repetido). Ha tambem *Joane* (ou *Joanne*), *Joanico* e *S. Joane*.

Malhadas. Não differe da usual a pronúncia mirandesa d'esta palavra.

Do manancial historico da Torre do Tombo desenterro para aqui um facto interessante a respeito de

Malhadas. O rei D. Sancho I deu a *villa* de Malhadas (*villa*, no sentido que já a cima, p. 77, indiquei, de «quinta», «pequeno povoado») a D. Nuno de Çamora, D. Pedro Ponce, D. Miguel, D. André e D. Salvador, com a condição de estes fidalgos entrarem na villa de Bragança e a defenderem, caso esta fosse cercada alguma vez por inimigos; aconteceu porém que Bragança teve um cêrco, e que os fidalgos, mais amigos das proprias commodidades do que zelosos da honra, nem a defenderam, nem ahi foram! No reinado de D. Affonso III estava Malhadas na posse dos filhos do primeiro dos mencionados fidalgos, e na do mosteiro de Moreruela[1].

Comquanto a palavra *malhada* tenha em português a significação de barraca para recolher certos animaes, de cabana de pastor, e de local onde se malha, creio que é no terceiro sentido que aqui nos apparece como nome geographico, facto em verdade nada estranho numa região, como a Terra-de-Miranda, onde tanto abundam os cereaes, que annualmente tem de ser malhados. Incidentemente notarei que *malhada*, neste sentido, é substantivo verbal, tirado do verbo *malhar*, que por seu turno vem de *malho* < lat. m a l l e u -.

O onomastico geral offerece muitos nomes da mesma familia de palavras.

S. Martinho de Angueira. A pronúncia mirandesa é *S. Martino d'Angueira*, porque, vindo *Martinho* de M a r t i n u -, o *n* conserva-se em mirandês.

D'esta povoação já fallei a p. 38 e nota, onde eu disse que em antigos documentos tinha o nome de *S. Martinho da Ribeira*, e a pag. 63, onde expliquei o sentido de *Angueira*; nada tenho pois que accrescentar aqui.

---

1 Vid. sobre todos estes factos as *Inquirições* de D. Affonso III, já citadas.

Mora. Pronúncia mirandesa como a portuguesa.—No nosso onomastico apparece mais vezes o nome *Mora*.

O etymo está no lat. mora-, plural de morum. Tanto em gallego como no português usual se diz *amora;* na Beira, etc., diz-se *mora,* como em mirandês. Em hespanhol ha tambem *mora*.—É sabido que no latim vulgar se confundiram muitas vezes com os nomes do singular da 1.ª declinação os nomes neutros do plural da 2.ª, porque numa e noutra circumstancia acabavam em *-a:* cf. hesp. *deuda* < lat. debita; port. *pimenta* < lat. pigmenta; ital. *foglia* < lat. folia; rum. *pară* < lat. pira; catal. *lleña* < lat. ligna; prov. *folha, fuelha* < lat. folia; fr. *aumaille* < lat. animalia.

Palaçoulo. A pronúncia mirandesa é *Palaçolo;* a pronúncia portuguesa local é *Palaçöulo.*

Em 1212 fez el-rei D. Affonso II carta de doação e de *firmidõe* do reguengo de Palaçoulo ao seu cavalleiro Pedro Mẽendiz; no documento respectivo a nossa palavra tem duas fórmas: *Palaciola,* evidentemente errada, e *Palaciolo,* que se aproxima da pronúncia verdadeira[1]. Em 1528 escreve-se num documento *Palaçoullo*[2]. Em 1689, num livro em que já por vezes temos encontrado outros erros de orthographia, apparece *Palhasoulo*[3]*:* o *s* resulta do facto de já no sec. xvii se confundir no Sul do reino a pronúncia do *ç* com a do *s;* o *lh* resulta de influencia das palavras *palha* e *palhaço,* que occorreram á mente de quem escrevia. Nas *Memorias parochiaes* existentes na Torre do Tombo lê-se *Palaçoulo,* que é hoje tambem a orthographia official.

---

[1] Livro ii das *Doações* de D. Affonso III, fls. 15-*v*. Na Torre do Tombo.

[2] *Contractos* de D. João III, fls. 74-*v*. Na Torre do Tombo.

[3] *Promptuario das Terras de Portugal,* p. 539. Ibidem.

O etymo d'esta palavra está evidentemente no lat. palatiŏlum $>$ palatiólu-, com o deslocamento do accento no hiato, segundo a lei de Horning[1]. Palatiŏlum é propriamente um deminutivo de palatium por meio do suffixo -olum (-iolu-): sobre este suffixo vid., alem do capitulo a elle consagrado na *Grammatik der romanischen Sprachen,* de Meyer Lübke, II, § 431, a dissertação de Max Mirisch, *Geschichte des Suffixes* -olus, Bonn 1882.

O suffixo deminutivo -olus, -a, -um está ricamente representado em português no onomastico. Em geral, a nomes acabados em -olu- corresponde a terminação *-ô;* a nomes acabados em -ola- corresponde a terminação *-ó:* por outra, os nomes acabados em *-ô* são na origem masculinos, os acabados em *-ó* são femininos. Vejamos alguns exemplos:

-ô $<$ -olu-	*ó* $<$ -ola-
Barrô (barro)	*Alijó* (laja)[2]
Cortiçô (cortiço)	*Avinhó* (vinha)
Mosteirô (mosteiro)	*Eiró* (eira)
Pàçô (paço)	*Grijó* (igreja)[3]
Sequeirô (cf. Sequeiro)	*Labrujó* (cf. Labruja)
Travassô (cf. Travasso).	*Sequeiró* (cf. Sequeira).

Os exemplos podiam multiplicar-se[4]. Nem Max Mirisch, no citado opusculo, nem Meyer-Lübke, *loc. laud.,* conheceram este filão da philologia portuguesa. Eu re-

1 Cf. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen,* I, § 593.

2 Cf. o meu artigo «Etymologias populares portuguesas», in *Miscellanea di Filologia Caix-Canello,* p. 266.

3 Cf. Viterbo, *Elucidario,* s. v.

4 Parece que os nomes d'esta natureza são mais vulgares no Norte e Centro do reino do que no Sul.

feri-me já a elle na *Revista de Estudos Livres,* 1883, p. 42, e a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos tambem in *Miscellanea Caix-Canello,* 1885, p. 158 e in *Revista Lusitana,* 1895, III, 145. Alguns d'estes e semelhantes nomes tem nos antigos documentos portugueses ainda as terminações *-oa, -oo* (fórmas intermedias), e nos documentos latino-barbaros as terminações *-ola, -olo,* onde porém o *l* não deve já representar a pronúncia viva.

Nomes como *Pàçô, Mosteirô, Grijó,* etc., significam pois «paço pequeno», «mosteiro pequeno», «igreja pequena»; mas é preciso notar que no onomastico um deminutivo nem sempre quer dizer pequenez do objecto designado pelo nome, mas sim ás vezes pequenez do local em relação a outro maior: assim ao pé da villa de *Barcellos* ha uma aldeia menor, chamada *Barcellinhos;* por tanto, de se chamar um lugar, por ex., *Corticó,* não póde concluir-se afoutamente que ahi houve um «cortiço pequeno»; isso podia ser, mas podia tambem, e é mais provavel, o lugar denominar-se d'esse modo por haver, ou ter havido em tempos antigos, outro lugar maior com o nome de *Cortiço.* O mesmo raciocinio se applica aos nomes restantes.

Ao lado do onomastico, a lingoa commum offerece alguns poucos nomes em *-ó,* como *enxó* < lat. asciola-, *avó* < lat. *aviola-, *avô* < lat. *aviolu-[1]. As duas palavras *avô* e *avó* podem tornar-se typos d'estas formações: em *-ô* (masculinas), em *-ó* (femininas). Ás vezes porém dá-se confusão ou absorpção dos dois sons, como o mostra a palavra *só,* que, na lingoa litteraria moderna, é ao mesmo tempo masculina (= solu-) e feminina (= sola-).

---

[1] *Avô* e *avó* não vem pois de *avulus* e **avūla,* como o Sr. Adolfo Coelho diz no seu *Diccionario manual etymologico;* oppõe-se a isso a phonetica e o consenso das lingoas romanicas.

Tanto Mirisch, como Meyer-Lübke e a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, *locis citatis,* deduzem dos nomes em -olus certos nomes portugueses acabados em *-ol;* todavia ha aqui uma difficuldade, que é a apocope do *-o,* pois *-ol* nesta hypothese provém de *-olo* < -olu-. Eis alguns nomes acabados em *-ol,* provenientes de outros por derivação: *anzol, aranhol, cerol, labaçol, lençol, linhol, reinol, terçol.* A difficuldade augmenta com *terçol,* que tem a par a fórma *terçô* e *terçó.* Porque é que -olu- deu nuns casos *-ó,* e noutros daria *-ol?*

Voltando á palavra mirandesa *Palaçọlo* (em português popular *Palaçöulo,* em português litterario *Palaçoulo*), achamos que o etymo palatiŏlum é perfeitamente regular, pois o *l* intervocalico conserva-se, *ti* + vogal dá ás vezes *ç,* e *ŏ* dá *ọ:* cf. *açõu* (a par de *aciõu*) < lat. actione-, e *sọla* < lat. asciŏla-.

Palavra comparavel a *Palaçọlo* é a hespanhola *Palazuelo,* que se encontra muito repetida no onomastico do país vizinho.

Se *Palaçọlo* se explica bem, segundo as leis do mirandês, o português *Palaçoulo* não é tão facil de explicar. Já se vê que, embora *Palaçoulo* (na pronúncia local portuguesa *Palaçöulo*), seja a fórma official ou litteraria, temos de considerar esta palavra como de origem semi-raiana, e não como nascida no uso corrente da lingoa, pois, como vimos, o lat. -ŏlu- deu em português *-ô* e não *-oulo.* Creio que o *ou* de *Palaçoulo,* será adaptação da pronúncia portuguesa á pronúncia mirandesa *Palaçọlo,* onde *ọ* fica entre *ô* e *u.* Criada a pronúncia *ou* em *Palaçoulo,* o *ou* adquiria infallivelmente a pronúncia *öu,* caracteristica da raia[1].

---

[1] Todavia póde haver aqui algum ditongamento espontaneo cuja lei me seja desconhecida: cf. em gallego *Picoutos* a par de *Picotos.* Em mirandês tambem ha *lhöugo,* correspondente ao port. *logo,* mas aqui o ditongamento creio poder explicar-se razoavelmente, como direi a seu tempo.

Explicada glottologicamente a palavra, falta agora explicá-la historicamente. Que significa p a l a t i o l u m? O assunto foi já estudado, de modo geral, pelo Sr. Dr. Alberto Sampaio num dos seus notaveis artigos á cêrca d'«As *villas* do Norte de Portugal». Diz o illustre escriptor: «*Palatium* e *palatiolum*—paço e paçô, eram..... as designações populares das *villas* urbanas no regimen romano; *paço* encontra-se toponymicamente em quasi todas as parochias»[1]. No *paço* ou *palatium* estava a residencia do senhor ou proprietario, chamada tambem *domus* nos documentos medievaes[2]. Sendo *Palaçoulo* deminutivo de *palatium,* ou se trata realmente de um «paço pequeno»,—p a l a t i o l u m, ou de um local que se chamou assim por opposição a outro maior, chamado *Paço* (cf. o que escrevi supra): em todo o caso temos nesta palavra um reflexo da organização social e dos costumes da Idade-Média em Terra-de-Miranda.

Palancar. A pronúncia mirandesa é *Palancari̯* (ou *quinta de l Palancari̯*[3]). Pouco posso dizer sobre a historia d'esta palavra. Ella apparece com alguma frequencia no onomastico hespanhol: *Palancar*, designação de um rio e de diversos lugares; mesmo com o artigo definido: *El Palancar;* e tambem *Palancar de Abajo* e *Palancar de Arriba;* e no plural *Palancares*.

A terminação *-ar* dá a entender que póde *Palancar* na origem ter significado certo ajuntamento de arvores, como em port. *Avellar* por * *avellanar,* em hesp. *Avellanar* (a par de *Avellanal*): do lat. a v e l l a n a;—propriamente *Avellar* e *Avellanar* «sitios onde crescem avelleiras».

---

1 In *Revista de Guimarães,* x, 211.

2 *Ibidem,* ibidem.

3 Na raia trasmontana a palavra *quinta* não tem a mesma significação que tem na lingoa corrente (grande propriedade com casa), mas a de «pequena povoação».

Na *Revista Lusitana*, v, 99 (artigo do Sr. Augusto Moreno) encontro a palavra trasmontana *palanco*, que significa «certa graminea comparada á aveia» (cf. port. *balanco*). Podia pois *Palancar* ser na origem um «sitio onde crescem *palancos*».

PARADELLA. A pronúncia mirandesa não differe da portuguesa. O documento mais antigo que conheço com o nome d'esta povoação é de 1538, o já citado ms. intitulado *Livro do Tombo das demarcações dos lugares de Tras-os-Montes*, onde elle se lê várias vezes.

Quanto á etymologia, *Paradella* é deminutivo de *Parada*, como *Mezquitella*, de *mezquita*, *Quintella*, de *quinta* (vid. ainda outros a p. 34). Tanto *Parada* como *Paradella* apparecem com muita frequencia, quer no onomastico de Portugal, quer no de Galliza. Fórma parallela a *Paradella* é *Paradinha*, em Portugal e na Galliza, *Paradiella* nas Asturias, e *Paradilla* em Leão.

Parada, como *Palaçoulo*, relaciona-se com as instituições sociaes da Idade-Média. Diz Viterbo: «Houve, sim, entre nós o foro de *parada*, que consistia em terem os vassallos, emphiteutas ou colonos (e mesmo os parochos ruraes, e mosteiros a respeito dos seus bispos) preparado e pronto tanto ou quanto de mantimentos ou dinheiros para mantença, e aposentadoria dos seus respectivos senhores e sua comitiva. A esta contribuição se apropriaram varios nomes, como foram: *jantar*, *comedura*, *comedoria*, *collecta*, *colheita*, *vida*, e no ecclesiastico tambem algumas vezes *visitação*, *procuração*, *censo*, *direito pontifical*, etc.» [1].

Já se vê que *parada* é participio (substantivado) de *parar*, e que *Paradella* se deve entender não como «foro pequeno», mas como denominação de um lugar menor em relação a outro chamado *Parada*; effecti-

---

1 *Elucidario*, s. v.

vamente ao pé de Bragança ha uma *Parada*, mas não se segue d'aqui que a relação que indíco fosse com esta: podia ser com outra cujo nome já não exista; o que é porém pouco duvidoso é que *Paradinha*, tambem do concelho de Bragança, se chame assim por causa da referida *Parada*.

Ás vezes o povo explica a seu modo os nomes locaes. Ao pé de Mondim-da-Beira ha um sítio chamado *Os arcos de Paradella*, onde existe ou existiu um arco de pedra[1]; corre na tradição que o nome de *Paradella* provém de alli ter *parado* o acompanhamento funebre do Conde de Barcellos (sec. XIV), quando seguia para o mosteiro de S. João de Tarouca, onde o cadaver foi sepultado: esta é a explicação popular, mas a verdadeira é a que deixo apontada, como o prova a frequencia do nome.

S. Pedro da Silva. Tambem se diz unicamente *Silva*, pois *S. Pedro* é o orago. Pronúncia: *S. Pédro da Silba*.

São muito numerosos os lugares e sitios, tanto em Portugal, como em Galliza, que se chamam *Silva*. No onomastico das Asturias tambem apparece este nome. Trata-se sem dúvida do nome commum *silva*, que existe em português e gallego, mas que não se conhece em castelhano (pelo menos no litterario e moderno), onde lhe corresponde *zarza*; em asturiano existe *silva* no sentido de «especie de arveja silvestre»[2].

Apesar de em latim haver silva, é difficil a explicação da nossa palavra, porque o *i* do lat. silva era breve, como o provam as lingoas romanicas: hesp. *selva*, ital. *selva*, fr. ant. *selve*, etc. Nem o Sr. Adolfo Coelho no seu *Diccionario etymologico*, nem os outros diccionaristas que filiam *silva* em sĭlva, pensaram nesta

1 Eu só lá conheci um, mas consta que houve outr'ora mais.

2 *Vocabulario de Colunga*, por Braulio Vigon, s. v.

difficuldade, — o que não admira! O estar circumscrita em Portugal, Galliza e Asturias a área da palavra não deixa de ter alguma importancia para a resolução do problema.

Pena-Branca. A pronúncia mirandesa é *Péinha-Branca*.

Temos aqui um facto muito curioso, analogo a outros já mencionados, que é a existencia de uma palavra que tem duas fórmas, uma, segundo as leis do mirandês, outra, segundo as do português. Como o etymo está muito provavelmente no celtico *penna, segundo mostrei in *Revista Lusitana*, IV, 131–132, resulta que *-nn-* intervocalicos deram *-nh-* em mirandês (como em hespanhol) e *-n-* em português. Outros exemplos são:

lat. annu- { mir. *anho* = hesp. *año*
port. *ano* (anno)

lat. pannu- { mir. *panho* = hesp. *paño*
port. *pano* (panno)

lat. cabanna- { mir. *cabanha* = hesp. *cabaña*
port. *cabana*.

É uma lei analoga á do *-ll-* intervocalico, estudada supra, p. 65 e nota. Cf. *Revista Lusitana*, IV, 273–275.

Se a alguem ainda restasse dúvida de que á *peña* hespanhola corresponde, não a *penha* portuguesa, mas a *pena*, estava na palavra mirandesa a prova decisiva, pois ella soa *Péinha*, = hesp. *peña*, em mirandês, e *Pena* em português; e, como se trata de um nome local, e por tanto *fixo*, não póde haver receio de confusão com *penha*.

Tanto na Galliza como em Portugal é vulgar no onomastico o vacabulo *Pena*; parallelamente, nos territorios de origem hespanhola é vulgar *Peña*. No mesmo caso está o adjectivo *branco, -a* (*blanco, -a*).

Picote. A pronúncia local é *Picóti*.

No Alemtejo, segundo a *Chorographia* de Baptista, ha uma herdade do nome de *Picote*. Não sei de mais nome nenhum igual no nosso onomastico, mas no da Galliza apparece pelo menos quatro vezes. Pelo contrário, *Picota, Picotas, Picoto* e *Picotos* abundam no onomastico português; no gallego ha *Picota, Picoto, Picotos* e *Picoutos*; nas Asturias ha *Picota*. No resto da Peninsula não ha lugares, pelo menos de certa importancia, com nomes semelhantes.

Embora na lingoa commum exista a palavra *picota*, que outr'ora significava «pelourinho», aqui porém tratase certamente de um derivado directo de *pico* (= «alto», «eminencia», «cume»), que apparece no onomastico de Portugal e no de Hespanha (Galliza, Asturias e Canarias). O suffixo *-ote* parece ser variante de *-oto* (cf. *-êta, -êto, -ête*, que differem só nas vogaes finaes, segundo uma escala: *-a, -o, -e*).

Póvoa. Em mirandês diz-se *La Proba*, fórma que pelo *ọ* corresponde á hesp. arch. *puebla*, ainda hoje muito frequente no onomastico do vizinho reino. Na Catalunha, em cuja lingoa não existe ditongo correspondente ao *ue* hesp. (de *ŏ* lat.), diz-se *Pobla*. Na Galliza diz-se *Proba*, com *Pr-*, como em mirandês. No nosso onomastico ha *Prova*, e frequentissimamente *Póvoa*.

Para etymo de todas estas palavras tem de se admittir o lat. *pŏpula (de *pŏpulus*), que as explica perfeitamente.

Em português antigo acha-se *pobla* e *pobra*, «pequena povoação», sobre as quaes se veja Viterbo, *Elucidario*, s. v. A palavra relaciona-se com *povoar* (lat. med. populare), de que fallei a pp. 78 e 86.

Prado-Gatão. Ouvi pronunciar a um individuo *Pragodatõũ* (metathese, como em *Deluvina*, que se usa na Beira, por *Ludovina*, e em *degueilha*, que se usa em

Terra-de-Miranda, por *guedéilha*), mas a pronúncia corrente é *Pradogatöũ*.

Num dos já citados documentos do sec. XVI, liv. VI dos *Contractos* de D. João III, fls. 74-*v*, lê-se *Prado-Gatã*.

A palavra é, como se vê, composta do substantivo commum *prado* < lat. pratu-, e de *Gatão*, que é nome proprio, usado em documentos da Idade-Média. A denominação completa devia ser *Prado-de-Gatão*, tendo desapparecido a preposição *de*, como em denominações analogas: cf. p. 83.

O Sr. Dr. Alberto Sampaio cita em documentos medievaes *villa Gatonis* ou *Gatones*, a que corresponde hoje *Gatões*[1], no districto do Porto. Alem d'este *Gatões* ha outro no districto de Coimbra. *Gatão* tambem é vulgar. O Sr. Pedro de Azevedo indica-me alguns exemplos de *Gaton* como nome proprio nos *Portugaliae Monumenta Historica*, a saber: *Pelagio Getoniz test(is)*, sec. X[2], «hereditate que fuit de *Gaton*», sec. X[3], *Gaton Gontemiriz test(is)*, sec. X[4]. Já tambem num documento do sec. XI apparece, entre o Leça e o Douro, *Gaton* como nome geographico: «per toda ipsa villa quomodo iacet inter Sancto Iaguuo et termino de *Gaton*»[5]. O mesmo Sr. Pedro de Azevedo lembra-me que talvez *Gaton* se relacione com *Gatus*, que apparece num documento do sec. X[6].

O moderno onomastico hespanhol offerece de commum com o nosso a palavra *Gaton* (Valladolid). Em um documento do sec. X, de Leão, falla-se de uma «villa *Gaton* Sancti Joannis»[7].

---

1 In *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, III, 59.
2 Doc. de Moreira, «Dipl. et Ch.», p. 33.
3 No mesmo documento.
4 P. 92.
5 P. 126.
6 «*Gatus* frater tes(tis)». Doc. de Grijó. — Ibid., p. 17.
7 Vid. *España sagrada*, XXXIV, 436. Cf. ibid., p. 472.

Comparavel a *Gatão* é tambem o nome geographico português *Gatoa*, que representa o feminino.

Como ha muitos nomes proprios tirados de nomes de animaes (*Lobo, Carneiro, Cordeiro*), nada obsta a que a palavra cattus > *gattus, «gato», se tornasse tambem um, d'onde o citado *Gatus* (= Gattus) de que *Gaton* e *Gatona > *Gatoa* seriam derivados. Conheço como appellidos portugueses contemporaneos *Forte-Gato* e *Gatarrão*; o último, que se decompõe em *Gat-arr-ão*, corresponderia mesmo pelo segundo suffixo ao medieval *Gaton*.

De ser *Gatão* na origem nome proprio, vê-se que *Prado-Gatão* foi primitivamente uma «villa» ou propriedade de um individuo assim chamado. Todavia o nome não se conservou em genetivo: de *Gatonis* não podia vir *Gatão*.

Sendim. A pronúncia local é *Se̥ndĩ*, pois que em mirandês todo o *-en-* atono medial se pronuncia *-e̥n-*.

No já por vezes citado *Livro dos Contractos* de D. João III, fls. 74-*v*, lê-se, com a orthographia moderna, *Sendim*.

Em Portugal ha outras terras com o nome de *Sendĩ*, *Sindim* e *Sandim*. Na Galliza e Asturias ha *Sendin* e igualmente *Sandin*.

O etymo está no genetivo Sendini, do nome proprio medieval Sendinus; cf. *Constantim* a p. 78.

Eis a menção de alguns documentos em que se lê *Sendinus* ou fórmas analogas: «*Sandino* Suariz confirmans test.», sec. x[1], *Sendinus presbyter*, sec. x[2], *Sendinus*, sec. x[3], *Sendinus test.*, sec. xi[4], *Sendinu(s)*

---

1 *Portugaliae Monumenta Historica*, «Dipl. et Ch.», p. 33.
2 *Ibid.*, p. 38.
3 *Ibid.*, p. 63.
4 *Ibid.*, p. 248.

test., sec. XI[1]. Já no sec. XI, no territorio de Arouca, se menciona um *rio Sindini*[2]. O Sr. Alberto Sampaio cita *villa Sindini*[3].

Assim como Gaton se conservou, umas vezes no genetivo, Gatonis > *Gatões*, e outras noutro caso, Gaton > *Gatão*, assim tambem, a par de *Sendim*, apparece no onomastico português *Sendinho* < Sendinu-, *Sendinha* < Sendina, *Sandinho* < Sandinu-, *Sandinha* < Sandina, e na Galliza *Sandiño* e *Sendiña*.

Sandinus deriva de Sandus[4], como *Quinctinus* de Quinctus, *Paullinus* de Paullus, *Saturninus* de Saturnus. No onomastico de Salamanca ha *Sando*, que póde representar esse primitivo Sandus. No nosso onomastico e no da Galliza ha *Sande*, que tanto póde ser o genetivo Sandi, como corresponder directamente á fórma germanica a que corresponde o all. *Sand* e o ingl. *sand*, «areia», fórma que é, como penso, o protótypo de todas essas palavras[5].

---

1 *Portugaliae Monumenta Historica*, «Dipl. et Ch.», p. 17.

2 *Ibid.*, p. 301.

3 In *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, III, 58.

4 Documento do sec. XI nos «Dipl. et Ch.», doc. n.º 634, p. 378 (de Arouca): «Gaudilli, filia *Sando* Gauinizi et Senduara Asiulfizi ..... mea omnia hereditate que in Arauca habeo, de parte de mater mea Senduara et de aviorum meorum Asiulfu et Spetiosa». Póde pois formar-se a seguinte arvore genealogica:

Gaudili { Sando Gavinizi { Gavinu(s) / ? ; Senduara Asiulfizi { Asiulfu(s) / Spetiosa }

Os nomes *Sando* e *Asiulfu* estão no documento por *Sandi* e *Asiulfi*, genetivos respectivamente de *Sandus* e *Asiulfus*. Os patronymicos *Gavinizi* e *Asiulfizi* estão com as suas fórmas rigorosas.

5 Em gothico **sanda-*.—Sobre a historia das palavras germanicas que cito vid. F. Kluge, *Etymologisches Wörterbuch*, Estrasburgo 1889, p. 290.

A povoação mirandesa Sendim foi pois primitivamente propriedade de um Sendinus; ou pelo menos um Sendinus, cujo nome se propagou até hoje, possuiu ahi quaesquer bens.

Teixeira. Não varía na pronúncia local.

Este nome, que é vulgar no nosso onomastico, já como nome geographico, já como nome de pessoa, deriva de *teixo* (arvore) < lat. taxus, taxu-, por meio do suffixo *-eira*. A palavra taxu falta no *Lateinisch-romanisches Wörterbuch,* de Körting.

Fórmas correspondentes á nossa são: *Teixeira* e *Teixeiro* na Galliza, *Tejera* e *Tejero* noutros pontos de Hespanha.

Como illustração do assumpto, direi que á mesma familia onomastica pertence *Teixedo* (-etu-), *Teixedas, Teixello* (demin.), *Teixinho* (id.), *Teixoso* (-osu-), *Teixeiro* (masculino de *Teixeira*), *Teixeiró* (cf. supra o suff. -ola) e talvez *Teixoeira* (de **teixão*).

Uva. A pronúncia local é *Uba.*

Esta palavra não a encontro repetida no onomastico. Em compensação ha *Uveira* e *Uveirinha* no Entre-Douro-e-Minho.

O etymo é conhecidamente o lat. uva.

Val-d'aguia. A pronúncia local é *Bal-d'áiguela.*

No mir. *áiguęla,* em que houve propagação regressiva do *i* (cf. *augua* a pp. 61-62), conserva-se, como em hespanhol, o *l* do lat. aquila, o que é, como várias vezes se verá, um caracter do nosso dialecto.

Não só se encontra repetida no onomastico português a denominação *Val-de-aguia,* mas ha *Aguia, Aguias,* e os derivados *Aguiar, Aguieira, Aguieiro.* Na Galliza ha igualmente *Aguiar* e *Aguieira;* noutros pontos da Hespanha *Aguila, Aguilar* (d'onde provém o appellido português que assim sôa) e *Aguilera.* Entre lingoas

aparentadas não admira que succeda esta communidade de phenomenos.

No onomastico é tão vulgar o emprêgo da palavra *val* (= valle), que nem merece a pena citar exemplos.

VILLAR-SÊCCO. Ouvi pronunciar em mirandês *Bilaséco* (não *Bilàséco;* o *à* reduziu-se a *a*)[1].

É frequente no nosso onomastico *Villar* e *Villares,* com os deminutivos *Villarelho, Villarelhos, Villarinho, Villarinhos* e *Villarinha.* Na Galliza ha *Vilar* e *Vilares* repetidamente, e bem assim *Vilarello, Vilarelhe* (locativo: *Villariculi?), *Vilariño.* Noutros pontos da Hespanha, *Villar, Villarejo, Villarino.*

A palavra *Villar* transporta-nos a eras remotas, como outras das já estudadas. Á cêrca do sentido d'ella diz o meu esclarecido amigo Dr. Alberto Sampaio: «*Villar* era tambem uma sub-unidade de cultivadores [de uma *villa* na epocha romana], como o casale ou a quintana: *villare Spasandi* nos Dipl. et Ch., 13. Esta palavra teria sido derivada do adjectivo villaris,- pertencente á villa. Escreve-se [nos documentos medievaes] no singular, mas mais geralmente no plural, representando um grupo de secções agricolas. Hoje perdeu a significação commum; conserva-se unicamente na toponymia. Villare lê-se tambem no *Codex Wissemburgensis,* e, segundo F. de Coulanges, podia referir-se a predios iguaes ás villas. Entre nós, como se infere dos *Diplomata,* exprimia apenas fracções d'ellas»[2].

O adjectivo *Sêcco* junto a *Villar* indica uma qualidade do terreno, como noutras muitas denominações em que elle apparece, *Rio-Sêcco, Fonseca* (= Fonte secca), *Villa-Sêcca* etc.

---

[1] Segundo a lei de p. 65 nota, devia dizer-se *Bilhaséco,* com Parece que houve influencia do português (*Villar*).

[2] *Revista de Guimarães,* x, 217.

*

Attentando nos factos precedentemente expostos, vemos que, como é natural, o onomastico se acha na sua maior parte em íntima connexão, não só com a lingoa, mas tambem com a natureza e a história da Terra-de-Miranda.

Pelo que toca á lingoa, —e é essa, segundo disse a p. 61, a principal connexão que eu quero determinar—, encontramos, pondo de parte os que tanto são portugueses como mirandeses, e aquelles cuja etymologia não pude descobrir, os seguintes nomes de povoações com caracter inteiramente mirandês: *Cércio,* na fórma *Cérceno; Cicouro,* na fórma *Cicuiro; Fonte d'Aldeia,* na fórma *Font'l'Aldée; Fonte-Ladrão,* na fórma *Fonte-Lhadrõu; Freixiosa,* na fórma *Freixenosa; Ifanez,* na forma *Eifanhez; Palaçoulo,* na fórma *Palaçolo; Pena-Branca,* na fórma *Peinha-Branca; Póvoa* na fórma *La Proba; Val-d'Aguia,* na fórma *Bal-d'Aiguela.* Se alguns nomes podiam ser traducção do português como *Fonte-Lhadrõu, Bal-d'Aiguela,* ha porém outros que não podem deixar de ascender á epocha romana, v. g., *La Proba,* com o seu *o* correspondente ao *ŏ* latino, *Cérceno* com o seu *n* intervocalico, *Palaçolo* com o seu *l* intervocalico e *o* correspondente tambem a *ŏ* latino: isto prova que a lingua mirandesa tem raizes profundas. Em verdade, ella não resulta de mistura de português com algum idioma de alem da fronteira, mas tem leis proprias, —factos que noutros lugares d'este livro serão mais amplamente estudados.

Pelo que toca á natureza e á historia, apresentam-se-nos como pertencentes á botanica: *Barciosa, Cércio, Freixiosa, Mora, Silva, Teixeira* e *Uva:* á zoologia: *Angueira, Çarapicos* e *Val-d'Aguia* (pela ultima parte); revelam accidentes ou circumstancias do terreno: *Agoas-Vivas, Pena-Branca, Picote, Val-d'Aguia* (na primeira parte), *Villar-Sêcco* (na segunda parte); mostram a exis-

tencia de edificações mais ou menos notaveis para o sítio: *Duas-Igrejas, Fonte-d'Aldeia* (na primeira parte) e *Fonte-Ladrão* (idem); referem-se a costumes medievaes: *Palaçoulo* e *Paradella;* e a mesma epocha lembram *Granja, Póvoa* e *Villar-Sêcco* (na primeira parte); designam antigos senhores ou possuidores: *Constantim, Prado-Gatão* (na segunda parte), *Sendim,* e ainda, segundo penso, *Atenor* e *Especiosa.* O nome *Malhadas,* se se relaciona com os trabalhos agricolas que predominam na localidade, prova indirectamente tambem a existencia de productos vegetaes.

Alguns d'estes nomes desappareceram já do uso commum, quer porque foram substituidos por outros, quer porque as ideias a que se applicavam deixaram de ter realidade: por isso o trabalho do etymologista é frequentemente trabalho de resurreição, que nos põe deante dos olhos o passado com a sua vida e lingoa especiaes. Mas, para este trabalho ser fecundo, ou ao menos para produzir resultados que sejam verosimeis, é necessario que se proceda como tentei proceder nas paginas precedentes: isto é, devem, para cada palavra, buscar-se, tanto quanto seja possivel, as fórmas anteriores d'ella, e as fórmas parallelas na mesma lingoa e em lingoas aparentadas; deve ver-se se as fórmas propostas obedecem ás leis grammaticaes, sobretudo phoneticas, das respectivas lingoas; e por fim pedir-se á historia e á natureza do local das povoações a confirmação do que glottologicamente se deduziu. Sem isto, uma etymologia não póde acceitar-se; e ainda mesmo ás vezes, apesar de todo o cuidado na observancia do methodo, as difficuldades e embaraços que se encontram são enormes! Em Portugal, onde os que cultivam a philologia a sério são muito poucos, e onde os que imaginam que estudar etymologias corresponde a matar charadas são muitos, torna-se indispensavel accentuar bem isto.

IV

Provas de que o mirandês se fallou outr'ora tambem na cidade de Miranda, e porquê e quando deixou de lá se fallar

1.ª prova de que o mirandês se fallou em Miranda: a priori; 2.ª prova: noticia num ms. do sec. XVII; 3.ª e 4.ª provas: vestigios no onomastico e na lingoa commum.— Decadencia do mirandês em Miranda, devida á influencia da criação do bispado.— Bispos illustres da igreja de Miranda.—Sociedade culta mirandense nos sec. XVI a XVIII.—Extincção do mirandês na cidade—Resumo da história moderna da cidade de Miranda.

Sendo a cidade de Miranda, por assim dizer, a capital do territorio onde o mirandês tem o seu dominio, e fallando-se este ao Norte, ao Sul e ao Occidente, torna-se muito natural suppôr que tambem outr'ora se fallou na propria cidade, e que só com o andar do tempo deixou de lá se usar.

Attendamos alem d'isso a que Miranda, que só é cidade desde os meados do sec. XVI, como mostrarei, e cidade pouco importante, havendo gozado de algum brilho apenas durante dois seculos, teve principios humildes. «Era ella, antes que el-rei D. Dinis lhe pusesse os olhos, hũa aldeia ignobil», diz Jeronymo Cardoso no *Agiologio Lusitano*[1], onde porém o adjectivo *ignobil* não se ha de tomar em accepção offensiva, como hoje, e sim no sentido do latim *ignobilis,* «não nobre, pouco

1 Tomo III, p. 144, Lisboa 1666.

conhecida, obscura». D. Dinis effectivamente deu-lhe certo impulso: reformou-lhe o primitivo castello e muralhas[1], que ella tinha em virtude da sua posição estrategica sobre o Douro, em frente do reino de Leão; passou-lhe *carta de foro*, em 1286, na qual a chama villa[2], e, finalmente, concedeu-lhe privilegios diversos em 1297[3]. O mesmo rei passou em Miranda em 1297, por occasião de celebração de pazes com o rei de Castella e de casamentos nas duas côrtes. Não foi D. Dinis o unico monarcha a quem Miranda deveu favores. No notabillissimo trabalho do Sr. Gama Barros, *Historia da administração pública em Portugal nos sec.* XII–XV, mostra-se que «nos principios do sec. XV intentou D. João I promover o augmento da população de Miranda do Douro, e desenvolver a prosperidade d'esta villa», confirmando ao concelho os antigos privilegios, outorgando-lhe que houvesse ali mensalmente uma feira franca, e concedendo-lhe ainda outras regalias, entre ellas a de ser couto de homiziados e a de se estabelecerem nella alguns criados e vassallos seus[4]; todavia este augmento

---

1 Fr. Francisco Brandão, *Monarchia Lusitana*, v, fls. 253. — Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, s. v. «Miranda do Douro», diz que esse castello e muralhas eram obra de D. Affonso Henriques, mas, como não cita as fontes historicas em que se baseia, não posso dizer se a affirmativa tem ou não fundamento.

2 Esta carta existe na Torre do Tombo, e foi publicada pelo Sr. F. M. Esteves Pereira in *Revista de educação e ensino*, VIII, 312–313. — Alguns AA. como o P. Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, I, 479 (ed. de 1706), e Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, s. v. «Miranda do Douro», dizem que D. Dinis, quando deu foro a Miranda, a fez villa: mas isso não consta da carta; apenas, como noto no texto, elle lhe chama villa.

3 Fr. Francisco Brandão, *Monarchia Lusitana*, v, fls. 253, refere-se a elles. O documento original existe na Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Dinis*, liv. III, fl. 1; o Sr. Pedro de Azevedo deu-me cópia d'elle, a qual publicarei noutro lugar.

4 *Ob. cit.*, II, 212–214. — Em 1290 havia em Miranda já uma eira semestral: *ibidem*, 163 nota.

de população não devia ser tal, que fizesse que o idioma local e indigena soffresse muito, porque não se trata de população culta, mas de população pela maior parte, senão completamente, composta de analphabetos, a qual era logo mais ou menos absorvida pela preexistente; ainda que os que chegavam de novo não aprendessem o mirandês, as crianças nascidas em Miranda aprendiam-no, como sempre succede em circumstancias analogas.

Combinando entre si as notícias ministradas por Jeronymo Cardoso, *loc. laud.*, e por um manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa, a que em breve me referirei, podemos esboçar o seguinte quadro da cidade de Miranda no sec. XVII, isto é, no auge do seu ephemero brilho: a gente não tem industrias notaveis[1], limitando-se a trabalhos agricolas, a cultivar o seu centeio, o seu vinho, a criar as suas vitellas, os seus carneiros, os seus porcos, e, quando muito, a negociar com a de fóra em sabão, couramas, peças de lã e almafega, celebrando para isso uma feira mensal; a mais d'ella «é plebea, e, fóra o clero, ha poucos nobres»; os do povo «vestem-se mui grosseiramente, usando de pannos com as mesmas ourelas, que lhe ficão em modo de guarniçoens[2], as molheres trazem no meio da cabeça uns toucados altos, como meia-lua»; esta cidade é, «como todos os mais lugares de Tras-os-Montes, de grandes lodos, porque não costumão mandar alimpar as ruas, antes mandão lançar muita quantidade de tojos, fetos e outras hervas, porque molhando-se com a chuva, e pisando-se com a gente, se corrompão»; os habitantes,

---

1 Uma carta de D. João III, dada em 1524, allude aos tecelões e tecedeiras de lã e linho, de Miranda (vid. o livro da respectiva Chancellaria, IV, fls. 93-v, na Torre do Tombo); mas isto devem ser industrias caseiras, sem importancia.

2 Hoje são célebres as *capas de honras* de Miranda (cf. p. 43), que provavelmente datam já muito de trás.

se em 1666 orçavam por 1750 a 2000[1], em 1609, isto é, no tempo em que se costumavam encher de estrumeiras as ruas, e cuidavam homens e molheres mais das cousas do campo, do que do aformoseamento do vestuario, orçavam por 1400 a 1600[2], população superior á de hoje, e que muito superior devia ser á de quando Miranda não disfructava o titulo de cidade[3].

Por tudo o que fica exposto comprehende-se que não havia razão para, predominando o idioma mirandês nos arredores, não predominasse antigamente tambem em Miranda, que nos primeiros tempos da sua existencia não se distinguia muito das povoações vizinhas, e que nos principios do seculo XVII apresentava ainda aspecto tão rustico, no arranjo do seu interior, e no viver dos seus habitantes.

---

1 Jeronymo Cardoso, *loc. laud.*

2 Ms. citado.

3 No *Tombo da comarca e moradores de Tras-os-Montes,* ms. existente na Torre do Tombo, lê-se, a fls. 43, que a villa de Miranda em 1530 tinha 287 moradores. A palavra «moradores» deve aqui tomar-se por «vizinhos» ou «fogos». Todas estas palavras são ás vezes synonimas. Calculando cada fogo em 3,5 ou 4 habitantes, achamos uma população de 1004 a 1148, número realmente inferior aos dos habitantes em 1609.

É curioso que na Bulla de Paulo III, que criou o bispado de Miranda em 1545, á qual logo tornarei a referir-me, se faça a seguinte pomposa descripção de Miranda: «oppidum de Miranda, quod inter alia illarum partium oppida, tum (a)edificiorum pulcritudine, tum etiam habitatorum frequentia, admodum insigne et notabile existit» (*Corpo Diplomatico Português,* v, 407). Se não se tratasse de um documento solemne, poder-se-hia suppôr que havia ironia nas palavras do Pontifice; pois, que população era essa, para que pudesse indicar-se pela palavra *frequentia* («grande número»), e que edificios possuia Miranda, para que devesse applicar-se-lhes a palavra *pulcritudo?* Hoje Miranda possue um bom edificio, que é a sé, mas a fundação d'elle é posterior a 1545. O castello tambem não merecia tal qualificação. Evidentemente as palavras da Bulla são exaggeradas, e tem o valor de mera fórmula de chancellaria.

*

A esta prova, meramente *a priori*, posso juntar outras mais importantes do antigo predominio do mirandês na cidade.

Encontrei na Bibliotheca Nacional de Lisboa[1] uma valiosa miscellanea manuscrita, em que ha, entre outros, um trabalho com o seguinte titulo: *Itinerario da jornada que fez o Sr. Manoel Severim de Faria, chantre e conego da Sé de Evora, a Miranda, no anno de 1609.* Este manuscrito, que eu talvez um dia publique na integra, é aquelle a que a cima alludo. Contém a descrição da jornada que Severim de Faria fez á Terra de Miranda, por motivo de haver sido eleito pelo cabido eborense para, em nome de todos os capitulares, ir comprimentar a Miranda-do-Douro o bispo D. Diogo de Sousa, nomeado nesse anno de 1609 arcebispo de Evora.

Severim de Faria é um dos vultos litterarios mais notaveis e mais sympathicos do seculo XVII, pois se occupou de diversos generos, como historia, numismatica, philologia, e ainda poesia, deixando em todos elles, principalmente nos dois primeiros, bastantes provas de applicação e intelligencia. Pertence ao número dos polygraphos seiscentistas que se chamam Francisco Manoel de Mello, Francisco Rodrigues Lobo, Manoel de Faria e Sousa, Fr. Bernardo de Brito[2], com quanto uns d'estes se avantagem a outros, sobresaindo a todos sem dúvida Francisco Manoel de Mello, célebre igualmente pela sua vida aventurosa. Não admira que em Portugal, — país pequeno, onde por trabalhos litterarios e scientificos se recebe do público pouco estímulo

---

[1] Repartição dos Mss., marcação Y $\frac{2}{55}$.

[2] Alguns dos escritores aqui citados attingem em parte ainda o sec. XVI.

moral, e não se colhe ordinariamente lucro material nenhum —[1], aquelles raros que se sentem attrahidos para as lutas da intelligencia se vejam muitas vezes obrigados a dedicar-se a mais de um assunto, do que resulta encontrarem-se em Portugal a cada passo, e em todas as epochas, escritores polygraphos, que, como Manoel Severim de Faria, cultivam grande variedade de estudos.

A litteratura patria no sec. XVII está em decadencia, como o espirito da nação: basta recordar que domina nella o gongorismo, salvando-se apenas, do naufragio geral, Rodrigues Lobo e Francisco Manoel, um pelo estudo aturado que havia feito da antiga litteratura latina, e da portuguesa do sec. XVI, o outro pela sua vasta illustração, adquirida sobretudo em viagens; o P.e Antonio Vieira é tambem, na oratoria e na epistolographia, phenomeno singular. Em compensação, porém, do mau gôsto e abatimento litterarios, apparecem muitos trabalhos de erudição, e planeia-se com a *Monarchia Lusitana* dos monges de Alcobaça um quadro geral da Historia de Portugal, embora sendo Faria e Sousa, com o *Epitome* e a *Europa Portuguesa,* quem primeiro esboça, a seu geito, esse quadro de modo completo, desde Tubal, neto de Noé, até Philippe III de Portugal, «el mayor príncipe de la tierra»! Os trabalhos de erudição do sec. XVII resentem-se frequentemente de falta de critica, inventando Fr. Bernardo Brito, que nisto se distanceia enormemente dos Brandões, seus successores, muitos documentos falsos, adornando de fabulas Faria e Sousa os seus livros, e deleitando-se Fr. Luis de Sousa com a narrativa de anedoctas á

---

1 «Nacer en Portugal para esperar ventura por ingeniosas y elegantes letras es desventura. Ingenio portugues bien lo pueden procurar todos, pero aplausos y premios portugueses nadie los procure». Manoel de Faria e Sousa, *Europa Portuguesa,* t. I. (1678), p. 9.

cêrca de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, posto que em formoso estylo.

Se Manoel Severim de Faria não é propriamente um crítico, tambem não é patranheiro: elle trata com affecto e cuidado os seus assuntos, é amador de antiguidades, e gosta de observar attentamente o que se lhe depara. Por infelicidade deixou ainda ineditos grande parte dos seus trabalhos.

O *Itinerario*, de que me pertence aqui fallar, não está escrito em nome de Severim, relata apenas o que a este aconteceu na jornada; mas foi sem dúvida elle o auctor da obra, ou pelo menos quem deu os elementos para ella. Varios AA. tiveram por costume escrever de modo que apparecessem na terceira pessoa grammatical, por exemplo Cesar nas suas obras historicas. Este *Itinerario* é muito interessante para o conhecimento dos costumes portugueses do seculo XVII: de como se fazia uma viagem desde o interior do Alemtejo até o extremo de Tras-os-Montes; qual o estadão de um personagem da alta categoria de Severim, que era chantre e conego da sé archiepiscopal de Evora, e jornadeava em liteira de cadeiras, acompanhado por pagens e escudeiros de libré de soria, e por lacaios vestidos de çaragoça com capotes curtos guarnecidos de aleonado; finalmente, o aspecto das povoações por onde a comitiva passava, e a hospitalidade dos provincianos, que por toda a parte acolhiam o senhor chantre com a maior generosidade e benevolencia, offerecendo-lhe frutas e mimos, quando elle acertava de chegar fóra de horas a qualquer terra sertaneja, e divertindo-o com bailados, musicas e cantorias, de que elle, como bom observador, a quem nada escapa, ia tomando nota circumstanciadamente no seu canhenho de apontamentos ethnographicos.

A notícia mais importante, porém, que o manuscrito encerra, —pelo menos para mim—, é a seguinte, a respeito da lingoagem dos habitantes da cidade de Miranda

(note-se que o A. está tratando, não da gente dos arredores, mas da da propria cidade):

«Falão mal, se os compararmos com a lingoagem de hoje politica, porque, alem de usarem de algũas palavras antigas, pronuncião os vocabulos com grande pressa, fazendo sómente accentos agudos e prolongos na primeira e ultima siliba (*sic*) da dicção....»[1].

O A. accrescentou erradamente que este modo de pronunciar provinha dos Suevos e Godos, e de outras populações do Norte que habitaram em Tras-os-Montes.

Pondo de parte a última affirmação, puramente subjectiva, e que é inadmissivel, vemos que a notícia de Severim de Faria encerra, no seu laconismo e na sua imperfeita enunciação, as tres seguintes proposições, que hão de corresponder a factos reaes:

1.ª) que no vocabulario do povo de Miranda havia nos principios do seculo XVII alguns archaismos;

2.ª) que a pronúncia dos vocabulos se caraterizava pela rapidez;

3.ª) e pela accentuação das syllabas extremas.

D'onde o A. conclue que os Mirandenses *fallavam mal,* como hoje mesmo lá se diz dos povos que se servem do mirandês[2].

A mencionada notícia não póde deixar de se referir ao idioma de que me estou occupando. Analysemos essas tres proposições.

O archaismo é de facto um dos caracteres de grande número de palavras mirandesas, em comparação com as respectivas palavras portuguesas:

---

1 Fls. 219-*v* da miscellanea.

2 Cf. o que observei a p. 12.

mir. *le* ou *l'*, e *lo*, port. ant. *lo*, mod. *o*[1];
mir. *cệlo*, port. pre-litter. **celo*, litter. *ceo*, *ceu;*
mir. *tener*, port. pre-litter. **tener*, arch. *tẽer*, mod. *ter;*
mir. *bọno*, port. pre-litter. **bono*, arch. *bõo*, mod. *bom;*
mir. *mano*, port. pre-litter. **mano*, mod. *mão;*
mir. *mìẹ*, port. arch. *mia*, *mĩa*, mod. *minha;*
mir. *dolor*, *ḍelor*, port. pre-litter. **dolor*, port. arch. *door*, mod. *dor;*
mir. *color*, *quelor*, port. pre-litter. **color*, arch. *coor*, mod. *côr;*
mir. *mansidõu*, port. arch. *mansidõe*, *mansidom*, mod. *mansidão;*
mir. *malo*, port. pre-litter. **malo*, litter. *mao*, *mau;*
mir. *solo*, port. pre-litter. **solo*, arch. *ṣoo*, mod. *só;*
mir. *mi*, port. arch. *mi*, port. mod. *mi*, *mim;*
mir. *bolar*, port. pre-litter. **volar*, mod. *voar;*
mir. *yá*, port. pre-litter. **iá*, moderno *já;*
mir. *ala*, port. pre-litter. **ala*, arch. *aa*, *á;*
mir. *múito*, port. arch. *mũito*, mod. *muito*, *mũito;*
mir. *hai*, port. arch. *hay* = *hai*, mod. *ha;*
mir. *sõu*, port. arch. *som*, mod. *são;*
mir. *Marcio*, port. pre-litter. **Marcio*, mod. *Março;*
mir. *nembro*, port. arch. *nembro*, mod. *membro;*
mir. *le*, port. arch. *le*, *lhi*, mod. *le*, *lhe;*
mir. *nó*, port. arch. *nom*, mod. *não;*
mir. *nìu*, port. ant. **nio*, *nĩo*, mod. *ninho;*

---

1 A lingoa portuguesa comprehende duas grandes epochas: *pre-litteraria* (unicamente popular), desde a sua origem até o sec. XII; *litteraria*, desde o sec. XII até os nossos dias. A lingoa litteraria comprehende ainda duas phases principaes: *archaica*, desde o sec. XII até o sec. XVI; *moderna*, do sec. XVI para cá. A par da *lingoa litteraria*, em toda a sua existencia, temos tambem a *lingoa vulgar* ou *popular*, propriamente dita. Vid. *Revista Lusitana*, III, 44-50. — Severim de Faria fallava já *português moderno;* posso pois no texto, embora tratando do sec. XVII, empregar a expressão *português moderno*.

mir. *niũ,* port. arch. *nium,* mod. *nenhum* (=ninhum);
mir. *poner,* port. pre-litter. **poner,* arch. *põer, poer,* mod. *pôr;*
mir. *mai,* port. ant. **mai,* mod. *mãe;*
mir. *pessona,* port. pre-litter. **pessona,* arch. *pessõa,* mod. *pessoa;*
mir. *caliẹnte,* port. pre-litter. **calente,* arch. *caente,* mod. *quente;*
mir. *sano,* port. pre-litter. **sano,* mod. *são;*
mir. *sonar,* port. pre-litter. **sonar,* arch. *sõar,* mod. *soar;*
mir. *cena,* port. pre-litter. **cena,* arch. *cẽa, cea,* mod. *cea, ceia;*
mir. *crona,* port. pre-litter. **corona,* arch. *corõa,* mod. *coroa* ou *c'roa.*

Severim de Faria era, como notei a cima, espirito muito cultivado, e gostava bastante de philologia, pelo que devia no geral conhecer as vozes archaicas que acabo de enumerar; e, se não tinha, como hoje se tem, noção tão exacta das fórmas intermédias que apontei sob a denominação de «português pre-litterario», sabía comtudo perfeitamente, se as ouvisse pronunciar, que as palavras mirandesas *ciẹlo, tener, bọno, dolor* ou *delor, solo, pessona, cena,* etc., vinham respectivamente das latinas caelum, tenere, bonus, dolor, solus, persona, cena, de onde tambem vinham as palavras portuguesas correspondentes: ora, como *ciẹlo* fica entre caelum e *ceu; tener,* entre tenere e *ter; bọno,* entre bonus e *bom,* e assim por deante: o mirandês affigurava-se-lhe em parte como ARCHAICO, em comparação do português; com mais razão, aproximando elle das palavras portuguesas antigas *hai, som, nium, múito* (ainda em Camões, Lus., III, 120, em rima com *fruito, euxuito*) as mirandesas iguaes ou quasi iguaes *hai, sõu, niũ, múito,* reconheceria nellas caracter de antiquadas.

Visto que no português moderno desappareceu o *l* e *n* latinos intervocalicos, phenomeno que não succedeu em mirandês, onde taes sons se conservam, bastava isto, alem de muitos outros factos, para dar ao mirandês, em frente do português, aspecto archaico; o que não quer dizer que o mirandês não offereça, em numerosas circumstancias, phenomenos de evolução, como o ditongo *ię*, o *lh* inicial, etc.: mas o aspecto archaico é o que sem dúvida impressiona mais, já pelo seu número, já porque, a par de um phenomeno ou de phenomenos de evolução, a mesma palavra póde offerecer conservantismo, por exemplo *lhunȃ* (lat. l u n a, port. *lũa*, *lũŋa*, *lua*), onde é evolutivo o *lh*, e archaico o *n* medial, já, finalmente, porque, quando se dá um phenomeno de evolução, como em *sõu* ou *söũ* (lat. s u n t, port. arch. *som*, mod. *são*), este phenomeno está ás vezes mais proximo do da fórma archaica portuguesa, do que do da actual (*sõu* e *söũ* parecem-se mais com *som*, do que com *são*[1]).

---

1 Esta semelhança entre *om* e *-õu* ou *-öũ* é tal que, para as pessoas alheias aos estudos phoneticos, a confusão dá-se fatalmente.

Tendo eu notado no meu estudo sobre a lingoagem vulgar do Porto (*Dialectos interamnenses*, IX, 10) que nesta cidade se pronuncía como *õu* (= *oum*), ou ditongo analogo, a syllaba final *-ão* de certas palavras, por exemplo, *põu*, *carbõu*, isto é, com ditongo nasal (e não com simplez vogal nasal), —facto absolutamente certo—, vem de lá o Sr. Alberto Pimentel com o seu livro intitulado *O Porto na berlinda*, Porto 1894, e diz-me a p. 226: «a verdade é que na linguagem vulgar do Porto o *ão* é pronunciado como *om* e não como *óum*.. .. O *óum* em vez de *om* resulta de uma falsa audição de Leite de Vasconcellos». E accrescenta, em tom de zombaria, que eu sou pessoa *omnisciente*, que para um facto de pequena monta *deito a livraria a baixo*, que só costumo *abonar-me com auctoridades estrangeiras*, e quejandos destemperos.

Quando, deante da observação que eu lhe apresentava, de existir *-õu* (ou ditongo nasal analogo) não só no Minho, como tambem num ponto de Tras-os-Montes, observação reforçada alem d'isso pela de outro investigador, o Sr. Alberto Pimentel a nega tão redondamente, e com esta sem-cerimonia, que dúvida que Manoel

Não admira por conseguinte que as fórmas archaicas, de preferencia ás modernas, impressionassem o ouvido de Severim de Faria, que de mais a mais não pretendia na occasião proceder a estudos grammaticaes, e que se limitava, como curioso investigador que era, a reparar numa particularidade lexicologica que elle julgava digna de menção.

Não é só o mirandês que apresenta archaismos; todo o português raiano de Tras-os-Montes os apresenta, mais ou menos, ouvindo-se a cada passo, por exemplo, *assi, fról, niũ, sóa* (feminino de *só*), *mór, iba, níu, aquell'outro;* e por isso póde parecer que, se se fallasse na cidade de Miranda-do-Douro, nos inicios do seculo XVII, o português popular (sub-dialecto trasmontano-raiano[1]), e não o mirandês, as palavras de Severim de Faria não seriam diversas, tendo pois nós nellas, não uma notícia do mirandês, mas simplezmente uma notícia do português-raiano. A objecção não colhe, porque, alem das considerações theoricas que precedem a analyse que estou fazendo da asserção de Severim, e que levam a admittir a existencia do mirandês intra-

---

Severim de Faria, que estava despreoccupado, pudesse ter aproximado *-ôu* (ou *ôũ*) de *-om,* se é que aproximou? Eu tambem nas minhas primeiras observações á cêrca da lingoagem do Minho cuidei ouvir *-om,* facto que depois verifiquei não ser inteiramente exacto. Fica assim justificado, por exemplos modernos, o que digo no texto.

E para terminar, recommendarei ao Sr. Alberto Pimentel que, já que é βαρυήκοος, ande para a oûtra vez mais cauteloso, para não se expôr a censuras que devem ser-lhe desagradaveis.

1 No *dialecto trasmontano,* i. é, no português (não no mirandês) de Tras-os-Montes, podem distinguir-se provisoriamente tres classes secundarias, ou sub-dialectos:

a) *sub-dialecto raiano,* da raia;
b) *sub-dialecto alto-duriense,* do Alto-Douro;
c) *sub-dialecto central,* do resto da provincia.

Cf. sobre este assunto a minha *Revista Lusitana,* I, 192.

muros em epochas antigas, e além das outras provas que produzirei mais adeante, não tem comparação com a intensidade dos phenomenos archaicos do mirandês o archaismo que se revela no português-raiano: lembremo-nos unicamente de que neste não se mantem em regra o *l* e *n* intervocalicos que, como vimos, attribuem ao mirandês feição especialissima. De mais a mais, de todas as terras onde Severim parou, e das quaes nota particularidades ethnographicas, só esta o impressionaria com a lingoagem, se a lingoagem de Miranda fosse igual ou semelhante ás d'essas terras? É certo que elle tambem conta que passou em Duas-Igrejas, onde se falla mirandês, e de lá nada diz, quanto ao idioma; porém a passagem por ahi foi muito rapida, apenas uma sésta[1], não teve tempo de observar nada.

Na primeira affirmação de Severim de Faria, de que os habitantes de Miranda usavam na lingoagem «algũas palavras antigas», temos portanto uma prova de que naquella cidade se fallava mirandês ao entrar o sec. XVII.

Passemos a analysar as outras affirmações.

Os mirandeses, continúa o nosso auctor, «pronuncião os vocabulos com grande pressa». Pouco me demorarei na analyse d'esta proposição. Quando uma pessoa ouve fallar pela primeira vez uma lingoa que lhe é estranha, a primeira cousa que suppõe é que essa lingoa se falla muito de pressa. Isto constitue observação de todos os dias, não preciso de dar provas. O mirandês não se falla mais de pressa que o português[2], mas Severim de Faria, que não tinha o ouvido affeito a esse idioma, embora o devesse comprehender no seu conjuncto, por isso que era homem culto, dado um tanto á philologia, e o mirandês está em intima rela-

[1] «Aqui sesteamos», lê-se no ms.

[2] Á cêrca porém da rapidez da falla nos Andaluzes, cf. Hugo Schuchardt, in *Zeitschrift für romanische Philologie*, v, 313.

ção glottologica com o português[1], pensava que a gente de Miranda fallava a correr.

D'aqui devemos concluir que a lingoagem de Miranda continha bastantes particularidades, e que por isso, attentas as razões expostas no decurso d'este capitulo, não era outra senão o mirandês.

Por fim assevera o nosso auctor que os Mirandenses fazem sómente accentos agudos e *prolongos* na primeira e última syllaba de cada dicção, o que torna diversa da lingoagem portuguesa litteraria a lingoagem d'elles.

Não é muito facil explicar o que Severim quer dizer com os seus accentos agudos e prolongos. Já se vê que não havemos de ligar á palavra *accento* a significação estricta que vulgarmente se lhe attribue em grammatica, pois impossivel sería que todas as palavras mirandesas do seculo XVII tivessem dois accentos, um no fim, outro no princípio, a equilibrá-las, como dois pesos iguaes nos pratos de uma balança. Por *accento* não devemos aqui entender apenas tonalidade, mas principalmente timbre vocalico (o timbre de uma vogal depende do facto de ella ser aberta ou fechada, mais ou menos), e tambem, de modo geral, pronunciação.

O mirandês parece não ter como proprios *o* nem *e* fechados (*ô, ê*), como em português, e substitue muitas vezes em syllaba tonica estes sons por *ó* e *é*, pronun-

---

1 Ainda assim, não se supponha que para o geral das pessoas seja extremamente facil á primeira audição a comprehensão do mirandês fallado. Quando, por occasião das festas do quarto Centenario do descobrimento da India, estiveram em Lisboa uns Mirandeses, que executavam a *dança dos paulitos*, um jornal de Lisboa escreveu a respeito d'elles: «Fallam o dialecto mirandês, difficillimo de comprehender» (*O Seculo*, de 21 de Maio de 1898, p. 3). Assim, pela observação dos factos actuaes, feita por pessoa que procurou exprimir despreoccupadamente a realidade, podemos imaginar o que succederia em identicas circumstancias a Severim no sec. XVII.

ciados como em hespanhol. Este facto já de si era bastante para fazer crer em accentos prolongados: cf. o mir. *corrér* com o port. *corrêr,* o mir. *pódre* com o port. *pôdre.* As palavras portuguesas como *entender, encontrar, arrombar,* que se pronunciam no Sul, de onde era Severim de Faria, *intendêr* ou *êntendêr, incontrár* ou *êncontrár,* e *arrômbár,* soam hoje em mirandês, e já assim soariam no sec. XVII, *ànte̥ndér* (ou *ânte̥ndér*), *àncuntrár* (ou *âncuntrár*), *arrumbár:* a circumstancia de as syllabas internas *-en-* e *-on-* serem surdas levaria a suppôr maior relêvo no timbre das syllabas extremas. No mesmo caso estavam palavras mirandesas como *alhe̥mbrár, arrepe̥ndér, àmpunér, àmbe̥nciõu* (invenção). Como a palavras portuguesas que começam por *e* ou *i* atonos, e por *o* ou *u* em iguaes condições, correspondem em mirandês palavras com *ei-* ou *öu-,* por ex.: *eigreija, einemigo, öurvalho, öumilde,* tinhamos aqui outro meio de illusão, por taes palavras estarem ditongadas, e por tanto realmente augmentadas, nas syllabas iniciaes. Neste sentido podia levar-se ainda mais longe a análise. Uma palavra, principalmente, como *ànte̥ndér,* com a syllaba inicial e final abertas, e com a medial ensurdecida, em contraste com *êntêndêr* ou *intêndêr* (em português), correspondia maravilhosamente aos *accentos agudos* e *prolongos* que o nosso viajante Manoel Severim de Faria concede ás syllabas extremas das palavras mirandesas.

Devo dizer que nem todos os phenomenos que acabo de mencionar como existentes no mirandês lhe são peculiares: assim *öu* e *e̥n* existem, por exemplo, em Vimioso[1] e noutras muitas terras da provincia (sem fallar do resto de Portugal). A prova porém junta ás de cima, e ás que vão seguir-se, adquire valor, quanto á interpretação que apresento das palavras de Severim.

---

1 Cf. *Revista Lusitana,* III, 66.

Creio que já ninguem duvidará de que elle se refere ao mirandês.

Para maior convencimento dos leitores notarei ainda, que o nosso auctor tinha de tal modo consciencia das particularidades do mirandês, e estas impressionavam-no tanto, que elle chegou a determinar-lhes uma base historica, posto que falsa: influencia da lingoa dos povos do Norte!

*

Vejamos agora as últimas provas do predominio antigo do mirandês na cidade de Miranda.

Quando aqui estive, em 1883, fui á Repartição de Fazenda do concelho investigar nas matrizes prediaes os nomes das propriedades, pois poderia ser que elles revelassem caracter mirandês digno de exame. Já na *Revista Lusitana,* I, 45, me referi á importancia geral do onomastico, ou estudo dos nomes proprios, para o conhecimento do passado: só pelas designações locativas podemos muitas vezes apurar a existencia ou passagem de certos povos antigos em determinadas regiões, como, por exemplo, em muitos pontos do nosso país, a dos Celtas, de cuja lingoa ficaram vestigios em palavras como *Coimbra, Bragança* e outras. Comprehende-se por tanto que, se nas designações de sitios da cidade e arredores de Miranda apparecessem vestigios mirandeses, teriamos aqui uma prova do predominio do mirandês como idioma lá fallado noutras eras; pois, salvo certos casos especiaes, não devia a lingoa do uso commum ser uma, e o onomastico ser outro.

Effectivamente nas matrizes alguma cousa se me deparou interessante, que passo a notar.

A cima, p. 115, vimos que o mirandês (como o hespanhol), conserva o *n* e *l* latinos intervocalicos, que em português desappareceram: assim, ao passo que em português, em todos os tempos, conhecidos, da sua historia, se encontra *lãa* ou *lã, cheo* ou *cheio, sair, mao*

ou *mau,* palavras que veem do lat. lana-, plenu-, salire, malu-, em mirandês encontra-se *lhana, cheno, salir, malo.* A conservação do *l* e *n* intervocalicos em mirandês é um dos seus CARACTERES LINGUISTICOS com relação ao português. Ora, o onomastico de Miranda offerece-nos COSTANILHA, nome de campos da freguesia, e tambem nome antigo de uma rua que hoje se chama da *Costa.* A palavra *Costanilha* é verdadeiramente mirandesa, embora igual á hespanhola *costanilla,* que, segundo o *Diccionario de la lengoa castellana,* da Academia Hespanhola, quer dizer «calle que está en mayor declive que las restantes»: o etymo deve buscar-se no derivado latino hypothetico *costana-, de costa, por meio do suffixo -ana (cfr. *montanus,* de *mons; fontanus,* de *fons,* etc.). Aqui ha coincidencia entre o hespanhol e o mirandês, em virtude da lei enunciada a cima; e não emprestimo da primeira lingoa á segunda, pois nada o justifica[1].

Nas immediações da cidade, ha, como me informa o Rev.do José Bernardo de Moraes Calado, digno Conego-prior da Sé de Miranda, o sitio do MOLINHO ou MOLINO ENCALEADO. A palavra *molinho,* do lat. molinu-, nem é portuguesa, nem puramente mirandesa, mas offerece uma adaptação da terminação *-inho* do português *moinho* ao thema da palavra mirandesa *molino* que lhe corresponde, facto que nada tem de estranho numa região, como a Terra-de-Miranda, onde se falla mais de uma lingoa[2].

---

1 Em português existe, tambem com *n,* a palavra *costaneira,* applicada a certa especie de papel; mas estas palavras vem, sem dúvida, do ant. hesp. *costanera.* Aqui comprehende-se que houvesse emprestimo, porque se trata de um objecto de commércio.

2 Ninguem ache contradicção no facto de haver em português a palavra *moleiro,* com *l.* Este *l* não está nas mesmas condições que o do mirandês *molino.* Sobre a origem da palavra *moleiro* vid. Gonçalves Vianna, in *Revista Lusitana,* II, 180-181 e D. Carolina

Ainda no termo da cidade, temos estes tres nomes locaes:

RICHANA, «campo». Este nome corresponde ao hesp. *rellano,* e ao port. *rechã* e (popular) *richão.* Do lat. *re-plana; o prefixo re- está junto ao adjectivo planus, com em *re-curvus, red-uncus, re-simus, re-supinus.* O nome *Richana* é caracteristicamente mirandês, porque conserva o *n* intervocalico.

TERRONHA, «campo». Esta palavra decompõe-se em *terr-onha,* e creio que se pronuncía *terrǫnha;* serve de augmentativo de *terra.* Comquanto o suffixo *-ǫnha* corresponda, para não fallar de outras lingoas, ao hesp. *-ueño, -ueña,* e ao port. *-onho, -onha,* — do lat. -oneus, -onea,— a palavra *terronha* ou *terrǫnha* é mirandesa. Esta fonte vem já pelo menos mencionada em 1706 na *Corografia Portuguesa,* do P.e Carvalho da Costa, I, 480, com o mesmo nome de *Terronha.* Na resposta que o parocho de Miranda deu em meados do sec. XVIII ao *Interrogatorio* que o Governo dirigiu a todos os parochos do reino com o fim de mandar organizar um grande Diccionario Geographico de Portugal[1], diz-se que a cidade tem extra-muros sete fontes, sendo uma a *Torronha*[2]. De certo se trata do mesmo sítio que nas matrizes prediaes da Repartição de Fazenda de Miranda se chama *Terronha;* ha apenas mudança de *e* atono em *o,* o que nada tem de extraordinario, pois se diz tam-

---

Michaëlis de Vasconcellos, *ibidem,* III, 175.—Para se descobrir uma etymologia não basta aproximar palavras á toa, é necessario estudar cada phenomeno no seu terreno especial. Do contrário estabelece-se confusão, e não se chega á verdade. Por isso entro em tantas minudencias.

1 Cf. Pedro A. de Azevedo in *O Archeologo Português,* I, 267 sqq.

2 Esta resposta não chegou a imprimir-se. Está manuscrita como muitas outras na Torre do Tombo. Vid. o vol. XXIII da respectiva serie, p. 1011.

bem em português, por exemplo, conforme as locali dades, *terrão* (em hesp. *terron*) e *torrão*[1].

LHAGONICA, «campo». Este nome decompõe-se em *lhagon-ica;* e *lhagona* corresponde ao hesp. *laguna* e ao port. *lagoa.* O hespanhol vem sem dúvida directamente do lat. lacūna; mas, como em latim o *u* é longo, não podia dar *o,* nem em português, nem em mirandês, — e não se póde admittir -ŭna, com *u* breve, pois neste caso o accento recaía na syllaba precedente. O português poderá pois explicar-se como simplez feminino do derivado **lagão*[2], que hoje porém não se usa[3]; e neste caso *lagoa* estava para **lagão,* como *podoa* para *podão, abegoa* para *abegão, leitoa* para *leitão, pavoa* para *pavão, leoa* para *leão,* e outras, tendo-se o lat. -one(m), origem de *-ão,* antigo *-om,* adaptado ao feminino sob a forma **-ona,* que explica perfeitamente *-oa:* cf. hesp. *lechona,* feminino de *lechón,* e *leona,* feminino de *león.* Na Beira ha um campo com o nome de *Cidrôa,* que deve vir de *cidrão.* Na Galliza ha muitas terras com o nome de *Figueiroa,* e no Porto uma rua tambem assim chamada; como este nome não póde vir de **Figueirola,* *ficariòla, fórma que só deu *Figueiró*[4], forçoso é presuppor o masculino **figuei-*

---

1 Na Extremadura tambem se diz *tarrão:* vid. os meus *Dialectos extremenhos,* I, 36. No onomastico geographico ha *Torrão* e *Terrão.*

2 A illustre romanista a Ex.ma Sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a quem fallei a este respeito, diz-me em carta ser da mesma opinião que eu, e que já tinha chegado a identico resultado.

3 Nas Canarias ha uma localidade chamada *Lagoneta;* se esta palavra é deminutiva de **lagon,* teremos aqui representado o port. **lagão.*

4 A fórma intermedia deve ter sido *figueirôa* (não com *-ôa*). No *Elucidario* de Viterbo vem, como sendo do sec. XII, a fórma *Figueirola,* que é pura latinização de *Figueirôa.* Com a transformação de *Figueirôa* em *Figueiró,* cf. *só* e *avó* do archaico e ainda

rão[1], que está no mesmo caso que **lagão*. Em algu mas localidades nossas usa-se a palavra *mamôa*, para designar certo monumento archeologico: como já notei noutro lugar[2], esta palavra póde considerar-se como feminino de *mamão*.—Houve muitos nomes que desappareceram, e a que só actualmente correspondem derivados, como *Fontainha*, que corresponde a *fontãa*, hoje desusado.—A fórma mirandesa *lhagona* ha-de explicar-se como a portuguesa, pois que lhe corresponde lettra por lettra. Não é porém por causa da manutenção do *n* intervocalico que cito aqui *Lhagonica*, mas unicamente por causa do *lh* inicial, correspondente a *l-* latino, o que é outro CARACTER MIRANDÊS, em relação ao português e ao hespanhol.

Disse eu a cima que, salvo certos casos especiaes, o onomastico de uma terra não deve ser differente da lingoa commum. Estes casos especiaes não são raros, mas tem facil explicação. Assim, em Bruxellas, ha uma rua chamada «de Londres»; em Paris ha um *boulevard* chamado «de Magenta», outro chamado «de Sébastopol»; no Porto ha uma rua chamada «de Wellesley»: e nenhum d'estes nomes pertence á lingoa usada nas respectivas cidades, provém de circumstancias historicas ou de outras. No estudo do onomastico precisamos de

---

dialectal *sóa* e *avóa*; *mó* de *moa*: tudo do lat. -óla.—No onomastico geographico da Hespanha ha muitas fórmas provenientes de *ficariola: *Figuerola* (Oviedo, Tarragona, Lérida, Baleares), *Figuerolas* (Baleares), *Figueroles* (Castellon de la Plana), *Figueruela* (Zamora), *Figueruelas* (Huesca), *Higueruela* (Toledo); embora talvez com algumas incertezas graphicas, estão representados nestas fórmas alguns caracteres phoneticos de varios idiomas da Hespanha. Nenhuma d'ellas corresponde ao port.-gall. *Figueiroa*, mas sim ao port. *Figueiró* (e *Figueirós*).

1 No onomastico geographico português não conheço esta fórma, mas no de Hespanha ha *Higueron* (Granada, Sevilha) e *Higuerones* (Málaga), que provavelmente lhe correspondem.

2 *Religiões da Lusitania*, I, 251.

proceder portanto com circumspecção, para se poderem tirar deducções como aquellas que ha pouco tirei. Faço estas considerações para notar que a cidade de Miranda é banhada por um rio de nome *Fresno,* que desagôa no Douro, e que o nome *Fresno* não é português, mas mirandês (e hespanhol), do lat. fráxinu-[1]. Comquanto parecesse que estaria aqui outra prova do antigo uso do idioma mirandês em Miranda, a razão não basta, pois o rio nasce em Malhadas[2], onde se falla mirandês, e podia ter conservado em Miranda o nome originario. É certo que ha em Portugal rios que, como o Douro e o Tejo, nascem em Hespanha, e comtudo tem denominações portuguesas e não hespanholas (*Duero* e *Tajo* em hespanhol), mas não existe comparação entre a extensão das zonas geographicas em que elles correm e aquella em que corre o Fresno! Já o rio hispano-português Guadiana, em cujo nome, que se decompõe em *Guadi-Ana* (sendo *Ana* de origem pre-romana), se mantem o *n* intervocalico, contrariamente ás leis da phonetica portuguesa, e de accôrdo com a hespanhola, offerece uma excepção, a respeito do Douro e Tejo: na *Revista Lusitana,* IV, 29, nota, expliquei esta excepção pelo facto de o rio Guadiana, que é em parte raiano, como os outros dois, percorrer *dentro do país* menor extensão do que estes.

---

[1] Devo notar que tenho ouvido pronunciar em mirandês o nome commum *frezno,* com *z*, e não *fresno,* com *s*. Na *Hespanha Sagrada,* de Florez, XXXVII, 306, cita-se um documento asturiano do sec. VIII, em que se lê *Freznedo* (com *z*, se não ha êrro): «& per illas mestas de *Freznedo*» (á cêrca de *mesta* vid. Du Cange, *Glossarium,* s. v.). Qual a origem do *z* nestas palavras?

[2] «Da parte oriental d'este [Serro do Naso] se origina hum rebeiro do *Fresno*», disse o parocho de Malhadas em 1758 na resposta ao *Interrogatorio* a que me referi a cima p. 122: vid. vol. XXII, p. 245 sqq.

Cf. tambem J. M. Baptista, *Chorographia moderna de Portugal,* I, 45.

Passando do onomastico á lingoa commum, achamos tambem um rasto do mirandês em Miranda. Nesta cidade ouvi, como de uso geral, a palavra *burrona,* que significa «burra grande»; o suffixo *-ona,* de que já a cima tratei, é outro exemplo de manutenção de *n,* como em *Lhagonica*[1].

*

Creio que fica assim demonstrado, por considerações theoricas, pela notícia de Severim de Faria, e pelos vestigios do onomastico e da lingoa commum, que o mi-

---

1 Já se vê que *burrona* suppõe o masculino **burrom* (**burrõu* ou **burröũ*), que não se usa.

Em verdade existe em mirandês a palavra *borröũ,* mas no sentido de «varrão», «varrasco», e tem por isso outra origem: lat. *verrone, de verres. Em hesp. *verron, verraco, varraco* e *barraco;* em gall. *berron;* em port. de Tras-os-Montes *berrão.* O mir. *borröũ* offerece na primeira syllaba *o* (= ụ) por influencia da labial inicial; as fórmas port. e hesp. com *a* na primeira syllaba tem-no por influencia do som seguinte *rr,* como no port. *varrer,* do lat. verrere; em gallego e no port. trasmontano póde ter-se mantido o *e* por influencia de *berrar.*—Na terminação d'estas palavras houve troca de suffixos *-on* (*-öũ, -ão*), *-asco, -aco.*— O Sr. Adolfo Coelho, no seu *Diccionario manual etymologico,* explica o port. *varrão,* por meio do «suffixo augmentativo *-ão*»; mas as fórmas hesp., gall. e mir., que terminam respectivamente em *-on, -on, -öũ,* provam que não se trata de *-ão* originario, mas de -one-, que só posteriormente deu *-ão:* assim temos *verrone- > arch. **verrom* > *verrão* > *varrão.* No latim vulgar da Iberia devia haver a fórma *verro, -onem, declinada como *lecto, -onem, furo, -onem, draco, -onem, falco, -onem, leo, -onem. Prefiro lembrar-me d'estas palavras a lembrar-me do nome proprio Varro, -onem. É tambem provavel que palavras como a hesp. *cabron* com a port. *cabrão,* a hesp. *pulgon* com a port. *pulgão,* a hesp. *salton* com a port. *saltão,* não sejam formações romanicas independentes entre si, mas provenham de protótypos latinos, taes como *capro, -onem (cf. fr. *chevron,* ital. *caprone,* catal. *cabró*), *pulico, -onem (cf. gall. *pulgon,* catal. *pugó*), *salto, -onem (cf. gall. *salton*).

randês se fallou até certo tempo na propria cidade de Miranda.

Se a respeito de outras terras que confinam com a área geographica do mirandês se procedesse a estudo circumstanciado, quer da lingoa usual, quer do onomastico, e se se pudessem mesmo obter alguns documentos antigos, chegar-se-hia talvez a reconhecer que a área do mirandês foi primitivamente ainda mais extensa, e que, além da cidade de Miranda, onde elle hoje não se falla, mas onde, como vimos, se fallou, se estendia por diversas outras localidades. Todavia, sem grande cópia de elementos, a anályse sería difficil, porque ao lado do mirandês podiam existir idiomas intermedios entre elle, de um lado, e o português e o hespanhol, do outro. Um dos caracteres do sub-dialecto trasmontano raiano consiste exactamente neste grau intermediario; a cima citei alguns exemplos. Num documento manuscrito da Torre do Tombo[1], anterior ao anno de 1311, proveniente do concelho do Mogadouro, lê-se por vezes *sou* («seu»), fórma que se usa em mirandês e noutros fallares populares; no mesmo documento tambem se lê *soum* («são», do verbo *ser*), como em mirandês. Ao Noroeste da Terra-de-Miranda fica Riodonor e Guadramil, onde tambem se fallam dois idiomas *sui generis*, em que, se ha elementos iguaes aos mirandeses, ha outros que differem. Toda a fronteira de Tras-os-Montes offerece ao exame do investigador uma notavel serie de lingoagens, que em muitos casos se relacionam umas com as outras por quasi insensiveis pontos de transição. Já percorri boa parte

[1] Gaveta VII, maço 13, n.º 23. Foi-me communicado pelos Srs. P. de Azevedo, e Ayres de Sá, e deve ser inserto num livro que este último Sr. tem no prelo. Pela analyse da lingoagem, o documento parece-me ter sido redigido por um hespanhol da raia, que, escrevendo em português-raiano, deixou transparecer alguns hespanholismos, como *cosa, justicia, quemar, Domĩgo, oir.*

d'ella, com o fim de proceder a estudos dialectologicos, e fallo pois por experiencia propria. Quando adeante me occupar da classificação dialectologica do mirandês, tornarei a referir-me a este ponto.

*

* *

Demonstrado que o mirandês se fallou na cidade de Miranda-do-Douro, resta saber quando deixou de lá se fallar, e por que motivo. D'isto vou tratar agora.

Vimos que Miranda até o sec. XIII era aldeia insignificante, e que neste seculo adquiriu alguma consideração. Na Torre do Tombo ha muitos documentos pelos quaes se póde recompôr a historia de Miranda, e d'onde se evidenceia a relativa importancia que ella ia ganhando[1].

Tal importancia fez que D. João III pedisse ao papa que a desmembrasse do arcebispado de Braga, a que até o sec. XVI pertencia, e constituisse, com ella por séde, um novo bispado; a bulla da criação d'este foi dada em Roma por Paulo III em 22 de Maio de 1545[2]. Com esta desmembração tinha D. João III em mira dois intuitos: alliviar a diocese bracarense, «cum....

---

1 Por ex.: as Chancellarias, os Livros dos contractos e doações, o Tombo de Tras-os-Montes, e outros.

O Sr. F. M. Esteves Pereira publicou alguns documentos importantes in *Revista de educação e ensino,* VIII e IX. Já a cima me referi a um, e tornarei adeante a referir-me a outros.

2 A bulla existe na Torre do Tombo. Publicada no sec. XVIII nas *Provas da Historia Genealogica,* de Caetano de Sousa, II, 742–746, tornou a sê-lo modernamente no *Corpo Diplomatico Português,* V, 406-411, volume em que ha outros documentos sobre o assunto.— Aqui sirvo-me do texto dado no *Corpo Diplomatico.*

Já se referiram a esta bulla, por exemplo: D. Rodrigo da Cunha, *Historia ecclesiastica de Braga,* II, 341; Jeronymo Cardoso, *Agiologio,* III, 144; Fernando de Abreu, *Catalogo dos bispos de Miranda* (in *Collecção da Academia de Historia,* t. I); e ha pouco o Sr. F. M. Esteves Pereira, in *Revista de educação e ensino,* VIII, 437.

admodum lata, longa et diffusa, ac maxima cleri et populi multitudine referta sit», segundo diz a mencionada bulla[1]; e tambem «accommodar alguns sojeitos que a rainha D. Catherina trouxera comsigo de Castella»[2]. O último intuito viu-se claramente no facto de ser logo escolhido para bispo de Miranda o hespanhol D. Toribio Lopez, adaião da capella da rainha, e pessoa de grande influencia no paço, a julgar dos documentos que a seu respeito restam, e de que adeante fallo.

Não haviam ainda decorrido dois meses depois da data da criação do bispado, e já D. João III, por carta de 10 de Julho de 1545, concedia a Miranda novos titulos de nobreza, tornando-a cidade[3]. O rei, depois de alludir ao facto de ter sollicitado e obtido do pápa a desmembração de parte do arcebispado de Braga, e a criação, com ella, do bispado de Miranda, accrescenta na respectiva carta: «E querendo eu fazer graça e merce a dita villa de Miranda, assy pelos ditos respeitos, como per seus merecimentos e serviços que a mim e aos Reys meus amtecessores tem feytos, e espero que ao diamte me ffaçam, de meu proprio moto e liure vomtade me praz de crecemtar e aleuamtar a dita villa de Miranda em dignidade e homra, e a ffaço cidade, e lhe comçedo todas as homras preuilegios e liberdades que per direyto ella como cidade deve de ter, e tem as outras cidades de meus Reynos e senhoryos»[4].

---

[1] *Corpo Diplomatico Português*, v, 407.

[2] D. Rodrigo da Cunha, *Historia ecclesiastica de Braga*, II, 341.

[3] O pápa tambem havia dado a Miranda o titulo de cidade, quando criou o bispado: «ac oppidum de Miranda civitatis et ecclesiam Sancte Marie cathedralis necnon incolas et habitatores huiusmodi civium nomine et honore decoramus» (*Corpo Diplomatico*, v, 409). Mas este titulo era, como se vê, meramente honorario. O titulo effectivo deu-lh'o D. João III.

[4] A cópia manuscrita da carta existe na Torre de Tombo. Foi publicada pelo Sr. F. M. Esteves Pereira, in *Revista de educação e ensino*, VIII, 348. Aqui sirvo-me do texto dado por elle.

É pois nos meados do sec. XVI que começa propriamente a maior importancia que Miranda teve na história.

Como consequencia dos titulos de séde de bispado, e de cidade, attribuidos á sua patria, grandes modificações se introduziram na vida dos Mirandenses. De toda a parte chegaram empregados de differentes categorias, para se juntarem aos que Miranda já possuia na qualidade de villa e de praça de armas; organizaram-se estudos litterarios; criaram-se instituições que d'antes não existiam.

O primeiro bispo de Miranda, D. Toribio Lopez, a quem já me referi, ordenou, por carta passada em Santarem em 11 de Outubro de 1546[1], que na sua igreja cathedral houvesse, entre outros secundarios, os seguintes dignitarios: um adaião ou *daião*[2]; um chantre, com seu sub-chantre; um mestr'escola, graduado em theologia ou em artes pela Universidade; um thesoureiro, com seu sub-thesoureiro; um arcediago[3]; quatro conegos, sendo dois graduados em theologia ou em artes pela Universidade, e outros dois graduados ou doutoraes em direito canonico, tambem pela Universidade; mais nove conegos, devendo um, que fosse *clerigo letrado, apto e idoneo,* exercer as funcções de visitador do bispado; dois meios-conegos, que serviriam de cura

[1] Copiada pelo Sr. F. M. Esteves Pereira do manuscrito existente na Torre do Tombo, e publicada in *Revista de educação e ensino,* VIII, 437-443, e n-*O Mirandês,* n.º 16, de 25 de Novembro de 1894.

[2] Hoje dizemos *deão*. Incidentemente lembrarei que esta palavra não veiu para a nossa lingoa directamente do lat. *decanus,* como diz o Sr. F. Adolfo Coelho no *Diccionario manual etymologico*, mas sim do francês, pois o *c* latino não podia cair em português naquellas condições. Outras palavras temos da mesma categoria, provindas do francês, por ex.: *chantre.*

[3] Havia mais dois, mas pertenciam, um a Bragança, outro a Mirandella.

e coadjuctor da freguesia da sé; e alem d'isso quatro capellães. D. João III confirmou, por carta passada tambem em Santarem no dia immediato ao mencionado, isto é, em 12 de Outubro de 1546[1], estas disposições do bispo, indicando-lhe noutra carta, com data de 13 de Outubro[2], que provesse no adaiado, no mestr'escolado, e nas quatro principaes conesias, seis bachareis graduados por Coimbra, cujos nomes lhe diz. Os novos empregados que affluiam a Miranda eram pela maior parte, como se vê, pessoas de certa instrucção, que não desciam a fallar mirandês, e que pelo contrário o vinham directa ou indirectamente atacar.

No caso que particularmente estou pondo em relêvo, isto é, no das transformações, sobretudo intellectuaes, por que Miranda passou no sec. XVI, e cujos effeitos deviam continuar a manifestar-se, como manifestaram, nos tempos seguintes, importa, visto que possuimos um documento d'isso, conhecer em especial as funcções do mestr'escola. Diz D. Toribio, na sua carta de instituição das dignidades do bispado, citada a cima: «o mestre escola que ora he, e pollo tempo for prouido, tera cuidado de buscar e apresentar ao dito dayam e cabido huma pessoa auta pera leer e ensinar ao menos gramatica aos beneficiados capelães e moços do coro da dita see, os quaes poderam aprender nas oras e tempos em que não forem necessarios pera o serviço da Igreia, e a todos os clerigos pobres, de ordens sacras e menores, do bispado, de graça, que quiserem aprender a dita gramatica..... e querendo o dito mestre escolla leer per si gramatica, logica, filosofia ou theologia, auendo ouuintes aptos pera isso, nos tempos que ensinar e

[1] Tambem publicada na *Revista de educação e ensino,* IX, 33 e sqq.
Vê-se por estas datas que D. Toribio estava com a côrte em Santarem naquella occasião.

[2] *Revista de educação e ensino,* IX, 64-65.

leer seja escuso das oras e diuinos officios.....»[1]. É nas aulas que, em toda a parte, e em todos os tempos, particularmente se corrigem os chamados *vicios de lingoagem*. O mirandês, aos ouvidos do mestr'escola, grave bacharel em theologia pela Universidade, ou aos da pessoa de sua confiança por elle indicada para o ensino, devia realmente afigurar-se como bem *vicioso*, como bem *charro* ou *caçurro*:—e por isso, porque não receberia rudes embates?

Miranda agora é evidentemente já outra. Como vae longe o tempo em que não passava de *aldeia ignobil!* Que movimento não lhe enche as ruas! Que animação e vida por toda a parte! Na sé[2], ás horas marcadas no ritual, ouvem-se as vozes dos conegos que cantam no côro, e nos dias de festa os lettrados graduados, segundo as determinações de D. Toribio, pregam ao povo, encantado com tanta novidade, sermões cheios de uncção e de rhetorica; na aula o mestre explica o melhor que póde os mysterios da grammatica latina, as argucias da logica, e as subtilezas da theologia a alumnos attonitos, que pouco antes se occupavam na guarda dos carneiros, das *canhonas* («ovelhas») e das cabras; na cêrca do castello amiudam-se os exercicios militares; no tribunal e na camara ecclesiastica, recentemente constituida, não faltam partes, nem negocios.

Posto que, tendo presente ao espirito o esbôço que, baseado em testemunhos fidedignos do sec. XVII, ha pouco, a p. 107, delineei da cidade de Miranda, não devamos equivocar-nos com esse fausto de cidade e de

---

[1] *Revista de educação e ensino,* VIII, 440.

[2] Vid. in *Archivo Pittoresco*, VI, 25-26, um artigo do Sr. Freire Pimentel á cêrca da actual sé de Miranda, acompanhado de uma estampa. In *Diario de Noticias,* de 26 de Março de 1894, publicou o Sr. Dr. Sousa Viterbo algumas notícias sobre o mesmo assunto (cartas de D. Toribio, de 15 de Dezembro de 1547, e de 18 de Março de 1548 para D. João III).

solio episcopal, comprehende-se perfeitamente que em relações sociaes tão variadas e tão intimas, em que a lingoa portuguesa era o orgão official e obrigado, a pobre falla mirandesa, não comprehendida de muitos dos modernos empregados, principalmente dos de fóra e dos menos cultos, censurada pelos doutoraes, reprehendida pelo mestre de grammatica e de logica, fosse posta de parte pouco a pouco, até que por fim succumbisse.

Entre os prelados de Miranda alguns se contam dignos de nota por sua illustração[1]. D. Toribio Lopez, o 1.º bispo, era «leterado em canones», como numa carta diz D. João III[2], que noutra lhe celebra tambem as lettras, e ao mesmo tempo a habilidade (aptidão), o saber e a experiencia[3], o que não destoa do que a respeito

---

1 A Academia Real de Historia encarregou de escrever a Historia do Bispado de Miranda a Fr. Bartholomeu de Vasconcellos, em latim, e a Fr. Fernando de Abreu, em português. Vide *Collecção de Documentos da Academia de Historia*, t. I (não tem paginação); e Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, s. v. «Bartholomeu de Vasconcellos». — Estes trabalhos não chegaram, que eu saiba, a publicar-se; apenas o primeiro auctor publicou, como «Contas dos seus estudos», na citada *Collecção*, algumas bibliographias avulsas de bispos; e o segundo, *ibidem*, o *Catalogo dos bispos de Miranda*. Adeante me refiro outra vez a estes escritos.

2 Publicada no *Corpo Diplomatico Português*, v, 359 sqq.; cf. os documentos publicados *ibidem* a p. 372 sqq.

3 *Revista de educação e ensino*, IX, 61–69.

Pelo menos a *habilidade* (em sentido geral) de D. Toribio não póde ser posta em dúvida! pois, sendo hespanhol, e adaião da capella da rainha, soube elevar-se successivamente a bispo de um bispado português, para cuja criação de mais a mais elle de certo não contribuiu pouco, a nobre de sangue, e a conselheiro do rei. Que elle acompanhava por vezes a côrte vimo-lo a cima, numa nota de p. 131. Que tinha grande preponderancia no animo do rei (ou da rainha!) resulta da rapidez com que se succederam os negocios relativos a Miranda. A quem sabe quanto custa conseguir nas secretarias de estado a resolução de qualquer pequena pendencia offereço a contemplação d'este quadro chronologico:

d'este prelado escreveu D. Rodrigo da Cunha[1] e Fr. Fernando de Abreu[2]; o 2.º bispo, D. Rodrigo de Car

---

15 de Fevereiro de 1545 — uma carta de D. João III a Balthasar de Faria, para este em Roma tratar da criação do bispado e nomeação de D. Toribio (*Corpo Diplomatico,* v, 359 sqq.);
22 de Maio de 1545 — criação do bispado (vid. supra), e carta do pápa a el-rei recommendando-lhe o bispo eleito D. Toribio (*Corpo Diplomatico,* v, 412);
14 de Julho de 1545 — alvará de el-rei ás auctoridades de Miranda, para prestarem ajuda ao procurador que D. Toribio enviava em seu nome a tomar posse do bispado (*Rev. de educ.,* IX, 61–63);
12 de Agosto de 1545 — nova carta de D. João III a Balthasar de Faria, especificando-lhe os lugares que deviam constituir o bispado de Miranda (*Corpo Diplomatico,* v, 457 sqq.);
28 de Agosto de 1545 — minuta de outro alvará no sentido do mencionado com a data de 14 de Julho (*Revista de educação e ensino,* IX, 62–64);
4 de Novembro de 1545 — carta de *nobreza de sangue* passada ao bispo (*Revista de educação e ensino,* IX, 65–66);
18 de Novembro de 1545 — carta de conselho (*ibid., ibid.,* 67).

Não pequena parte do anno de 1545 empregou-a D. João III em serviço de D. Toribio! Tinha pois motivos el-rei para lhe celebrar a *habilidade.*

Mas não fica por aqui esta qualidade do bispo: em carta de 30 de Março de 1546 (*Revista de educação e ensino,* IX, 67) equipara D. João III aos seus almoxarifes e recebedores o recebedor das rendas e dividas do bispo de Miranda; e logo quatro annos depois da criação do bispado, isto é, em 25 de Maio de 1549 (*ibid., ibid.,* 68–69), passa o mesmo rei um alvará de composição entre os moradores do termo de Bragança e o bispo, por causa de um antiquissimo voto, ou melhor, de uma contribuição que este exigia d'aquelles, e que os bragançanos em parte se recusavam a pagar, mas que, por fim, graças á *habilidade* episcopal, tiveram de pagar, embora um pouco attenuadamente.

[1] *Historia ecclesiastica de Braga,* III, 341.

[2] Fr. Fernando de Abreu, *Catalogo dos bispos de Miranda* (i *Collecção da Academia Real de Historia,* t. I).

valho, era doutor em direito canonico e civil, e tinha sido, antes de empunhar o bastão de principe da Igreja, agente na Curia Romana[1]; o 3.º, D. Julião de Alva, que governou até 1566, promulgou as primeiras *Constituições* do bispado, das quaes logo fallarei[2], e tem um biographo que lhe commemora as «suas grandes lettras»[3]; o bispo mais notavel, porém, sob o aspecto litterario, é o célebre D. Antonio Pinheiro (ao depois bispo de Leiria), que estudou em Paris eloquencia e latim, foi mestre de um filho de D. João III[4], e deixou varios escritos, tidos como classicos, que Sousa Farinha reuniu em dois volumes e em 1784-1785 tirou a lume com o titulo de *Collecção das obras portuguesas do sabio bispo de Miranda e Leiria;* o bispo D. Diogo de Sousa, que em 1610 passou para a sé de Evora, encontro-o mencionado como merecedor dos seus cargos, não só por suas virtudes, como por suas lettras[5]; e no mesmo caso está o seu successor, D. José de Mello, tambem ao depois prelado eborense[6]; finalmente o bispo D. Fr. José de Alencastre, que governou a igreja de Miranda

---

1 Fr. Fernando de Abreu, cit. *Catalogo.*—Tambem escreveu a biographia d'este bispo o P.e Bartholomeu de Vasconcellos, no t. VII da *Collecção da Academia Real de Historia,* n.º XXIV: trabalho muito oco.

2 Estas *Constituições* vigoraram até o tempo de D. Aleixo (sec. XVIII), que lhe deu outras: vid. *Opusculo de considerações historicas sobre a edificação da cathedral de Bragança,* pelo Conego Manoel Antonio Pires, Porto 1883, p. 22.

3 Fr. Fernando de Abreu, cit. *Catalogo.* — Ha uma biographia especial d'este bispo, publicada pelo P.e Bartholomeu de Vasconcellos no t. X da *Collecção da Academia Real de Historia,* n.º XIX: trabalho de pouco valor.

4 Vid. a sua biographia (acompanhada do retrato) nos *Retratos e elogios dos varões e donas que illustraram a nação portuguesa,* Lisboa 1717 (p. 98).

5 *Evora gloriosa,* do P.e Manoel Fialho & P.e Francisco da Fonseca, Roma 1728, p. 306.

6 *Evora gloriosa,* ibidem.

depois dos meados do sec. XVII, instituiu o collegio ou seminario de S. José, destinado á educação de doze estudantes pobres, com reitor, vice-reitor, e mestre de moral e de latim[1].

Senhores do espiritual, e ainda em parte intromettendo-se na vida secular, quanto não contribuiriam estes bispos directa ou indirectamente, por seu exemplo e acção, para a decadencia do mirandês em Miranda?

Nas *Constituições synodaes do bispado de Miranda* (1565), promulgadas, como disse, pelo bispo D. Julião de Alva, ha mesmo uma disposição com este titulo: «Do modo que os mestres que ensinam a ler, escrever e grammatica teram em ensinar seus discipulos»[2]; o ensino é sobretudo religioso, — bons livros, muitas orações para o deitar e levantar da cama e sahir de casa, benção da mêsa e acção de graças ao acabar de comer, e outras *devações;* mas o bispo, que era illustrado, dá tambem algumas regras pedagogicas: «E seria bom que os ensinassem [aos meninos] a ler primeiro por lettra de forma[3] que por lettra de penna; e que, pera mais aproveitar o tempo, os ensinem a escrever e ler juntamente, porque mais ajuda que impide hũa cousa a outra»[4]. Claro está que este ensino litterario se fazia em português e não em mirandês, e que a recommendação do bispo havia de ter mais effeito na propria cidade de Miranda-do-Douro, perto das vistas d'elle, do que nas aldeias.

---

1 Vide Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno,* s. v. «Miranda-do-Douro»; e a notícia (sec. XVIII) do parocho de Miranda archivada na Torre do Tombo na collecção ms. a que me referi supra, p. 122, nota 2.

2 Por *ler*, *escrever* e *grammatica* deve entender-se: primeiras lettras e latim; como quem dissesse: instrucção primaria e secundaria.

3 = *fôrma.* Lettra redonda ou de imprensa.

4 *Constituições,* fls. 6-*v*.

Quando os bispos fossem intelligentes e instruidos, deviam rodear-se de pessoas igualmente cultas, que acompanhavam, de proposito ou não, o trabalho da demolição linguistica.

Em 1700 publicou-se em Salamanca uma obra latina intitulada *Xeniolum medico-theorico practicum*[1]; seu auctor, Manoel Lopez Pereira, era natural de Miranda, e, depois de ter estudado em Salamanca, e haver exercido a clinica em Almeida, Villa-Flor e Mogadouro, foi medico dos bispos e cabido mirandenses[2]. Na sua qualidade de homem de sciencia e de clinico, que entra em todas as casas e falla com todos, imagina-se que Manoel Lopez Pereira, se não fosse, como de certo não era, apaixonado pelos estudos dialectologicos, teria a cada passo sorrisos de desdem para a *falla caçurra* dos seus clientes. D'este foi filho Bernardo Pereira, igualmente mirandês, medico e escritor, a quem a p. 144 me referirei outra vez.

Ainda no sec. XVIII, apparece-nos na Relação ecclesiastica de Miranda, como desembargador, o bacharel Simão Preto, que, no dizer de Barbosa Machado, era «bom philosopho e muito perito nas humanidades»[3]. Escreveu uma *Oração gratulatoria* por desposorios de varios principes, Lisboa 1730. Não sei de modo especial o que elle faria contra o mirandês, — apenas posso dizer que da sua *Oração gratulatoria*, que li na Bibliotheca de Evora, luz alguma se tira para a discussão que

---

1 *Xeniŏlum*, «presentinho», «mimo», é deminutivo de *xenium*, que significa «dadiva, presente, regalo de hospitalidade»; do grego ξένιον, de ξένος, «estrangeiro», «hospede».

2 Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, s. v. — A menção d'estes cargos consta igualmente do rosto e de outros lugares do *Xeniolum*, que compulsei na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Á cêrca de Manoel Lopez Pereira cf. tambem Maximiano Lemos, *A medicina em Portugal*, Porto 1881, p. 104.

3 *Bibliotheca Lusitana*, s. v.

me occupa[1] —; mas, como este presbytero era de Fonte-d'Aldeia, onde se falla o dialecto, e como chegou á posição de bacharel e de desembargador ecclesiastico, e alem d'isso publicou trabalhos litterarios, temos aqui mais um documento da revolução intellectual que se estava operando na Terra-de-Miranda.

Outros individuos mirandenses vem em apoio do que digo. João de Faria, natural da cidade, e «tão douto em as observações astrologicas, como em as noticias da historia portuguesa», publicou *Calendarios dos tempos*, respectivos aos annos de 1611, 1616 e 1612[2]. Pedro Alvarez Pereira, embora vivesse em Madrid quarenta annos, foi tambem natural de Miranda-do-Douro, e deixou manuscrita uma *Historia das conquistas portuguesas*[3]. Em Miranda nasceu Bernardo de Brito Botelho, bacharel em canones, que exerceu na cidade o cargo de juiz dos orphãos, e publicou, em 1732, uma *Historia breve de Coimbra*[4]. Ahi nasceu ainda, em 1701, José

---

1 A *Oração* foi prègada em 1725 em Villar-Sêcco, na festa que em honra dos referidos desposorios mandou celebrar o abbade d'aquella aldeia trasmontana, Verissimo da Silva Serrão e Amaral, natural de Ega (bispado de Coimbra). O estylo, embora cortado constantemente de phrases latinas, é natural e corrente; o A. até pretende ser logico, torcendo, com muita erudição sagrada, numerosos textos da Biblia, para dar aos desposorios caracter de predestinação sobrenatural. O que creio é que, em virtude da natureza exegetica do assunto, nenhum dos Mirandenses de Villar-Sêcco entendeu o sermão que o severo desembargador da igreja de Miranda lhes prègou; quando muito, comprehenderiam vagamente umas phrases do fim.

2 Barbosa Machado, *ibid.*, s. v. Cf. Innocencio da Silva, *Diccionario Bibliographico*, s. v.

3 Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, s. v.

4 Cf. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, s. v. D'esta *Historia* ha 2.ª ed., publicada em Lisboa em 1873 por A. F. Barata.— Brito Botelho diz nas primeiras páginas do seu livro que viveu doze annos em Coimbra, e ahi, desde a verde idade, se occupou em estudos classicos «com os mais Latinos d'aquellas escolas».

de Andrade de Moraes, que, depois de se formar em canones, passou á America, onde prègou varios sermões, que foram publicados em Lisboa, desde o anno de 1741 até o de 1746[1]. Não na cidade, mas numa aldeia do concelho, em S. Pedro da Silva, teve seu berço o P.e Manoel Parreira de Lemos, que frequentou a universidade de Evora, e ahi publicou em 1733 um *Epitome do triumpho theologico do infante D. José no seu doutoramento*[2].

Com quanto as obras mencionadas não sejam todas de igual valor, e algumas mesmo talvez pouco ou nenhum tenham, —do que não me cumpre detidamente aqui tratar—, desejo só insistir nisto: que a revolução intellectual a que a cima me refiro era tamanha, que até já da Terra-de-Miranda saíam escritores! Alguma cousa devia pois Miranda aos seus prelados, que de cima da cadeira episcopal propagavam directa ou indirectamente este movimento.

A proporção porém que a cidade progredia em honras, em população, em grandeza material e em instrucção, o idioma indigena definhava: primeiro iam-no desaprendendo as pessoas que pela sua posição ou cargos tinham de mais vezes fallar com o clero, ou tratar de negocios civis e militares; depois o sentimento do aban-

---

[1] Barbosa Machado, *ibid.*

[2] Barbosa Machado, *loc. laud.*

Li tambem este opusculo na Bibliotheca Pública de Evora, pois em Lisboa não o encontrei. O auctor descreve os festejos com que, por meio de saraos litterarios, e de uma *encamisada*, —cortejo em que várias figuras symbolizavam as partes do mundo, as estações, os elementos, os guerreiros célebres da Lusitania, as disciplinas professadas na Universidade jesuitica de Evora, e por fim a inveja—, se celebrou o doutoramento do infante D. José. Nada achei no estylo que revele influencia mirandesa; o A. é extremamente rhetorico, arrastado, pesado, por vezes mesmo gongorico; cada substantivo de certa importancia vem invariavelmente precedido de seu adjectivo.

dono transmittia-se ás familias; finalmente, o mestre de latim, acaso uma vez ou outra «teimoso grammaticão»,

> Que arranca o cabello hirsuto,
> Lastimando a decadencia
> Do novo mundo corrupto,
> Que quer negar a existencia
> Do *ablativo absoluto*[1],

encarregava-se, de, com a férula na mão, extinguir na memoria das crianças que lhe caíam na aula os derradeiros lampejos da morphologia mirandesa, já que tão de pronto não podia extinguir-lhes a pronúncia, que é geralmente, quando se passa do uso de uma lingoa para o de outra, o caracter que mais custa a perder-se. A verdade da minha ultima asserção evidenceia-se em que ainda na supracitada resposta do parocho de Miranda, por 1758, ao *Interrogatorio* do Govêrno, se lê *Costantim* (nome de terra), como hoje o povo lá pronuncía, e como no sec. XVI, em lingoa pouco cuidada, tambem se pronunciava[2]; incidentemente, a titulo de documento lexicologico, lembrarei que o mesmo parocho cita a palavra popular *paramio* na accepção de «pardieiro» ou «casa arruinada».

*

Seja-me aqui permittida, a proposito da palavra *paramio,* uma breve digressão.

Nuns versos romanos do sec. II da era christã, gravados num cippo achado em Leão (Hespanha), lê-se que

[1] Nicolau Tolentino, *Obras poeticas*, i, 1801, p. 117.

[2] Com effeito, em mss. quinhentistas que compulsei na Torre do Tombo acha-se escrito *Costantim* (1530) e *Constantim* (1538). A primeira é a fórma vulgar; a segunda a fórma litteraria.

Tullio Maximo, *legatus Augusti* da legião VII, fez a Diana várias offertas, e entre ellas os galhos de um veado que elle caçou IN PARAMI AEQVORE[1].

A expressão —*in parami aequore*— corresponde a est'outra que se lê no 1.º verso da poesia: *aequore campi;* a qual tambem se encontra em mais de um auctor latino. Na *Cosmographia* diz Julio Honorio, ao fallar do Douro, que este «per campos Hispaniae inlustrans *paramum*»[2]:

Trata-se, pois, de uma palavra pertencente a uma lingoa indigena da Iberia,—PARAMVS.

O Sr. Hübner, tanto no *Corp. Inscr. Lat.,* loc. laud., como nos *Mon. ling. Iberic.,* loc. laud., compara esta palavra, já com a denominação *Segontia Paramica,* de uma antiga cidade dos Vacceus, hoje Sahun (e de outra, senão ha erro, tambem dos Vardulos), já com a moderna palavra hespanhola *páramo,* «planicie alta e inculta». Por aqui se vê que, como a cima notei, a expressão *aequor parami* corresponde bem á expressão *aequor campi* («campina»).

A palavra trasmontana, citada no sec. XVIII pelo parocho de Miranda, relaciona-se sem dúvida com *páramo,* que não é só palavra hespanhola, mas tambem portuguesa. Alem do derivado latino *Paramicus,* já citado, devia haver no latim popular da Peninsula outro adjectivo que explique *paramio.*

Como illustração do assunto, accrescentarei aqui o seguinte.

Percorrendo-se o onomastico de Hespanha e Portugal, encontram-se estes nomes de lugares, bastante repetidos por vezes:

---

[1] Vid. *Corpus Inscriptionum Latinarum,* II, 2660.

[2] Vid. a collecção intitulada *Geographi Latini minores,* ed. de Riese, Heilbronn 1878, p. 36, B-4,—já citada pelo Sr. Dr. Hübner nos *Monumenta Linguae Ibericae,* p. LXXXII.

Páramo e *Páramos* — nas provincias hespanholas de Burgos e Coruña;
Paramo e *Paramos* — nas provincias hespanholas de Burgos, Lugo, Oviedo, Pontevedra, Coruña, Palencia e Leão;
Parâmo — na Beira (concelho da Feira);
Paramio e *Paramios* — nas provincias hespanholas de Zamora, Orense e Oviedo;
Parâmio — em Tras-os-Montes;
Paramô — na Beira (concelho de Arouca);
Paramillo — na provincia hespanhola de Zamora:

isto é, no Norte e Centro de Portugal, na Galliza, nas Asturias, no antigo reino de Leão e na Castella-Velha; ou por outra, no N. e NO. da Peninsula: na região dos Vacceus, onde ficava Segontia *Paramica,* na região Legionense, onde appareceu a inscripção com *in parami aequore,* e em regiões vizinhas. Parece concluir-se d'aqui que *paramus* era palavra local, e propria do N. e NO. da Iberia, porque ficou ainda até hoje ahi enraizada em nomes de povoações, já directamente, já em derivados.

Tem, pois, boa documentação o nosso *paramio* de Tras-os-Montes, citado pelo parocho de Miranda.

*

Voltemos ao assumpto interrompido.

Testemunho immediato de certa efficacia do referido ensino do latim em Miranda, temo-lo no mencionado Bernardo Pereira, que na cidade aprendeu os «rudimentos grammaticaes», e depois escreveu várias obras nessa lingoa, a par de outras em português; este auctor nasceu em Miranda em 1681, e deu a lume alguns livros, desde 1719 até 1731[1].

---

1 Vid. Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* s. v.

Posso citar a este poposito mais alguns factos, que julgo curiosos. Quando o Dr. Manoel Lopez Pereira deu a lume o seu *Xeniolum*, de que já fallei, inseriu no princípio e fim d'este, segundo o costume da epoca, varios artigos que louvavam a sua pessoa e obra, uns em prosa, outros em verso, escritos por amigos e parentes. Quasi todos estes artigos são em latim.

Antonio de Moraes Antas, *canonicus doctoralis ecclesiae Mirandensis, olim gubernator episcopatus, et nunc visitator illius,* dirige-se ao

LUSITANIAE SINGULARI ORNAMENTO:
Medicorum vero numini,
Priscorum renovatori,
Modernae lectionis inventori,
Qui
Dicendo, describendo
Commovet et docet...

Manoel de Matos Botelho, abbade de Duas-Igrejas, e por vezes vigario geral e governador do bispado[1], diz num *epigramma* o seguinte, a respeito d'este livro:

Utque suprema poli penetraverit astra volatu,
Nomine tunc fient splendidiora tuo.

O presbytero João Gonzalez de Pinheiro, bacharel em philosophia e theologia, confessor e prègador («concionator approbatus») na diocese mirandense, começa o seu elogio assim: «Quibus te laudibus efferam, Sapientissime Doctor? Nescio».

Jeronymo Preto de Lemos[2], «*canonicus magistralis* in cathedrali ecclesia Mirandensi», examinador synodal do bispado, traz tambem grande elogio em prosa, onde

---

1 A este A. me torno a referir adeante, p. 150, nota.
2 Parente de Simão Preto, de quem fallei supra?

se lê: «Quid amplius dicendum superest? praedicet tuas laudes posteritas indeficiens, exultet praesens saeculum in applaudendo *Xeniolo*».

O licenceado Antonio Xavier, filho do proprio Manoel Lopez Pereira, endereça-lhe um *Encomiasticon*, em que se lê: «ac recte medicos mederi doces»; e termina: «Vive ergo diu, mi Parens, ut vivant onnes qui tuo ut ego paterno et medicinali indigent numine, et cuius magnitudine non solum mirantur exteri, sed proprii obstupent».

Bernardo Lopez Pereira, que julgo ser o mesmo Bernardo Pereira que ha pouco mencionei, filho do Dr., termina quasi como Antonio Xavier: «Vive ergo, Sapientissime Doctor, multos per felices annos, ut ego et alii, tuam disciplinam discere[1] connantes, tanto praeceptore non simus orbati».

Assim como hoje o latim das dissertações que os estudantes fazem em Coimbra é muitas vezes obra de um só individuo que as traduz do português naquella lingoa, assim tambem creio que alguns dos elogios mencionados pertencem a uma e mesma penna, como pelo estilo se póde suppor. Qual pois a penna privilegiada que levanta ao autor do *Xeniolum* ás nuvens, senão com a elegancia e firmeza de Cicero ou de Horacio, ao menos *sermone familiari et cottidiano*[2]? Sem dúvida, os leitores voltarão logo os olhos para o mestre de grammatica, ao tempo Francisco Borges. Com effeito, elle apparece-nos igualmente neste côro de louvores que a cidade de Miranda, representada pela flor dos seus litteratos, entoa em honra do Esculapio trasmontano. Ei-lo revestido

---

[1] No texto lê-se *dicere*, mas deve ler-se *discere*, como emendei. Com effeito Bernardo Lopez Pereira estudava nesse tempo medicina, segundo elle diz, «medicinae studiosus»; por isso *disciplinam discere* faz melhor sentido.

[2] *Rhetorica ad Herennium*, IV, x, 14.

dos seus titulos: *praeceptor ac vice-rector collegii Divi Paranymphi Caelestis Iosephi;* ou então: *praeceptor grammatices atque rhetorices in amplissimo Collegio, vice-rectorque illius*[1]. Não se contenta com a prosa,— *oratio soluta:* dedilha concomitantemente o βάρβιτος. Como diria Quintiliano: *non prosa modo, sed etiam carmine*[2]. Ouçamo-lo. Em verso affirma que Lopez Pereira:

Est medicus prudens cunctis praestantior unus
Iste viris, cui Lysiae sit gentis origo.

Em lingoagem prosaica diz: «Tota sanitas spectat in te, neque aliud potest habere perfugium».

Assim, de meia duzia de composições ensossas, que acompanham um livro de medicina esquecido, tiramos alguma luz para o conhecimento da sociedade culta de Miranda nos fins do sec. XVII[3]. Projecta-se deante de nós um pequeno quadro cheio de vida. O Dr. Manoel Lopez Pereira, então já de certa idade, homem possuidor de muitos conhecimentos, que os estudos em Salamanca e a prática da medicina em diversas localidades de Portugal lhe haviam dado, reune nas horas vagas no seu gabinete, ou *museum,* como lhe chama[4], os admiradores e os intimos, e com elles falla de sciencia ou lettras. Numa cidade perdida num canto de provincia, longe de todo o bulicio, e nuns tempos em que a galopinagem politica, assunto maximo de conversas, não estava tão desenvolvida, nem tão desenvolta como

[1] Trata-se do collegio ou seminario de S. José, que mencionei a p. 136.

[2] *Institutio Oratoria,* VIII, 6, 35.

[3] O *Xeniolum* foi impresso em 1700; o A. data-o de 1699 (Miranda).

[4] O *Xeniolum* é datado d'esta maneira: *Mirandae ex nostro museo.* A palavra *museum* póde aqui traduzir-se, como creio, por gabinete, consultorio, bibliotheca.

como hoje, que havia de fazer, pela calma das tardes estivaes, ou nas longas noites de inverno, meia duzia de homens instruidos e desoccupados, senão tratar de assumptos intellectuaes, *otium studio suppeditare?*[1] No *Museum* havia de certo não só livros de medicina, como tambem de litteratura, pois que Lopez Pereira sabia e cultivava o latim; por esse motivo, ao conego-doutoral Antonio de Moraes Antas, que fazia versos, e ao abbade Matos Botelho, que se dedicava á eloquencia oratoria, não sería desagradavel a visita a Lopez Pereira, que, alem do *cavaco,* abundante em informações e notícias, poderia proporcionar aos seus hospedes amena leitura. Outras vezes, estas tertulias modestas e pacificas realizar-se-hiam no proprio paço episcopal, com assistencia do prelado. Numa terra pequena, onde todos se conhecem, e onde todos se encontram a cada passo, e precisam constantemente uns dos outros, existe mais familiaridade nas classes sociaes, e sobre tudo neste caso em que entra um medico, que pela sua posição é intermedio entre ellas.

Em tamanha effervescencia litteraria, afogado em latim por diversos lados e de diversas maneiras, em prosa e em verso, não podia o idioma mirandês, successivamente mais rebaixado, senão já então de todo extincto na cidade de Miranda, aspirar a merecer alguma consideração.

Ao mesmo tempo que com as observações precedentes demonstrei a importancia que a aula de latim adquiriu á sombra da sé cathedral, ampliei incidentemente a notícia que poucas páginas antes tinha dado do cortejo litterario de certos bispos mirandenses, e da renovação intellectual alli produzida,—o que tudo trazia comsigo, como é meu fio deixar assente e comprovado, o esquecimento do primitivo idioma da cidade.

---

1 *Rhetorica ad Herennium,* I, I, I.

*

Se as condições para que em Miranda decaisse o mirandês datam já do sec. XIII, do impulso que D. Dinis deu á villa, e crescem acaso no sec. XV, em tempos de D. João I, é porém nos meados do sec. XVI, em 1545, quando Miranda foi feita séde de bispado e cidade, e a ella acudiram populações de fóra, e no seu viver se introduziram grandes alterações, que a decadencia se accentua verdadeiramente. Comprehende-se que esta não fosse rapida, porque nem os velhos, nem os adultos abandonavam de repente o seu idioma nativo, — apenas as crianças deixavam de o aprender—; de facto elle, meio seculo depois, em 1606, por occasião da viagem de Faria, ainda, segundo mostrei, se fallava na cidade.

No sec. XVIII Miranda experimentou novas mudanças, mas d'esta vez muito más, e taes que lhe trouxeram a desgraça.

Em 8 de Maio de 1762, quando o exercito hespanhol cercava a cidade, uma explosão fez ir pelos ares a maior parte do castello, que desde então ficou em ruinas; morreram cêrca de quatrocentas pessoas[1].

Em 1763 o bispo D. Fr. Aleixo de Miranda Henriques resolveu transferir a sua residencia, e com ella a capital do bispado, para Bragança, o que levou a cabo em 7 de Março de 1764, vindo a confirmação papal em 1776[2]. — O bispado de Bragança foi em 1770 desmem-

---

[1] No livro parochial dos assentos dos obitos da freguesia de Miranda existe uma notícia d'este acontecimento, a qual mais de uma vez tem sido transcrita. Vide um artigo do Sr. Freire Pimentel, in *O Archivo Pittoresco*, V, 181–182, onde ao mesmo tempo se publíca uma estampa das actuaes ruinas do castello.

[2] Vide sobre isto:

Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, s. v. «Miranda-do-Douro».

Freire Pimentel, *loc. cit.*

Conego Manoel Pires, *Opusculo de considerações historicas sobre a edificação da cathedral de Bragança*, Porto 1883, p. 24 sqq.

brado em duas dioceses, tornando Miranda outra vez a ser séde de uma, e tendo por bispos, primeiro D. Manoel, e depois D. Miguel, que resignou heroicamente a mitra, do que resultou ficarem, por bulla pontificia de 1780, unidos os dois bispados num só, com a séde na cidade de Bragança, como ainda hoje estão[1]; este apparente rejuvenecimento de Miranda-do-Douro não podia pois ser mais ephemero!

Corre na tradição de várias pessoas da localidade que um bispo que soffreu dissabores em Miranda escrevêra o seguinte soneto satyrico em que se pinta com negras côres um quadro da cidade (reproduzo os versos com as incorrecções com que os encontrei):

Muralhas e paço derrubados,
Quatro centos vizinhos, mil prejuros[2],
Vinte infanções, trezentos villões puros,
Um castello sem tiros nem soldados.

Julgadores d'El-Rei... tres desterrados,
Vistas d'arredores... penhascos duros;
Sem fontes nem jardins dentro dos muros,
Uma alfandega, casa de malvados.

---

1 Vid. Conego Manoel Antonio Pires no citado *Opusculo de considerações historicas sobre a edificação da cathedral de Bragança*, pp. 26-29.

2 [I. é, quatro centos (número redondo) fogos, e mil (número redondo) habitantes. Na tradição oral do Minho andam ditados populares com sentido conceituoso como o d'este soneto:

Santa Eulalia de Terrões
São 29 fregueses
E com o abbade
São trinta cabrões.

S. Martinho de Leitões
Vinte e nove fregueses
E trinta ladrões...

Vide *Revista Lusitana*, IV, 187, artigo do Sr. A. Thomás Pires, que cita um ditado estrangeiro analogo.— J. L. DE V.].

Um secco rio que horto nenhum rega,
A barca só por gancho se governa,
Uma camara que as vessas manda;

Inverno de regelos, fome eterna,
Verão de Ethiopia e de Finlandia[1];
Eis ahi a cidade de Miranda[2].

Com quanto o primeiro editor d'este soneto o attribua ao anno de 1636, creio que nenhuma razão forte tem para isso, pois que tal poesia anda na tradição oral, que nunca fixa datas tão antigas. Sem dúvida, a ser de um bispo, não póde ser de outro senão de D. Aleixo, que foi, segundo penso, o unico que consta que ahi soffresse dissabores; a expressão *muralhas derrubadas* e *castello sem tiros nem soldados* só póde referir-se tambem a um periodo posterior ao desastre de 1762.

Se, ao tempo em que se realizou a transferencia da séde do bispado para Bragança, o que motivou a declinação rapida da cidade, o mirandês ainda nesse tempo aqui se fallasse, ter-se-hia mantido até hoje, porque de então para cá não houve razão mais poderosa do que até então para que elle se extinguisse: é que já pois em 1763–1780 não se fallava.

Devemos por tanto fixar entre os começos do sec. XVII e a segunda metade do sec. XVIII o periodo da extincção do mirandês na cidade, como lingoa viva e usual.

---

1 [Um adagio de Miranda-do-Douro diz que lá ha

Nove meses de inverno
E tres de inferno...

Vide supra, p. 8.—J. L. DE V.].

2 Este soneto foi publicado pelo Cavalleiro de Miranda (pseudonymo) in *Commercio de Portugal*, n.º 4594, de 16 de Novembro de 1894.

*
* *

Do que neste capitulo tenho escrito até aqui resulta que na historia de Miranda se distinguem manifestamente quatro periodos capitaes:

1.º—desde não se sabe quando, até o sec. XIII (privilegio de D. Dinis),—periodo em que Miranda era *aldeia ignobil;*

2.º—desde o sec. XIII até o sec. XVI (impulso de D. João III),—periodo de progresso;

3.º—desde o sec. XVI até o sec. XVIII (transferencia do bispado),—periodo de relativo esplendor;

4.º—desde o sec. XVIII até á actualidade,—periodo de declinação rapida.

A extincção do mirandês corresponde ao terceiro periodo, com quanto já o terreno para ella começasse, como disse, a preparar-se no segundo. Quando a cidade prosperava, o idioma desapparecia; um facto era consequencia do outro, porque, perante a lingoa portuguesa, ao mesmo tempo litteraria e nacional, a mirandesa não passa de falla local, *caçurra* ou *charra,* que só se emprega nos usos domesticos, e não podia aspirar a servir de orgão ás pastoraes dos senhores bispos de Miranda, nem a ser entoada do pulpito da sé cathedral pelos doutores, ou pelos abbades, em sermões de maravilhosa doutrina[1], nem ensinada nas aulas por mestres

---

[1] Pelo menos tenho noticia de um sermão prégado no principio do sec. XVIII. É a *Oração funebre nas exequias do illustrissimo e reverendissimo senhor D. João Franco de Oliveira, arcebispo-bispo de Miranda, magnificamente celebradas na cathedral da mesma cidade a 26 de Agosto de 1715,* por Manoel de Matos Botelho, abbade de Duas-Igrejas, Lisboa 1716.

Diz Barbosa Machado, *Bibliot. Lusit.,* s. v., que este A. escreveu várias poesias que queimou. Versos d'elle em latim vem porém publicados, como notei, no *Xeniolum:* vid. supra, p. 143.

caturras, nem finalmente adoptada nos actos officiaes que a nova cidade era chamada a desempenhar. Em taes circumstancias teria Antonio Ferreira occasião de repetir:

Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa lingoa, e, já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva! [1]

E vivendo esta, que era morgada, eis que morria sem remissão a sua irmã bastarda, a mirandesa.

---

1 *Poemas Lusitanos*, Lisboa 1598, p. 133.

V

Uso e grau de vitalidade do mirandês

O mirandês é lingoa domestica.—Luta com o português.—Os Mirandeses são trilingues.—Pobreza da litteratura mirandesa.—Notas sobre a influencia da litteratura popular hespanhola em Terra-de-Miranda.—O mirandês está condemnado a extinguir-se.—Attenção que o Governo podia prestar-lhe.—Importancia philologica e social do mirandês.

O mirandês é a lingoa domestica de um povo simplez, entregue aos trabalhos ruraes, e afastado do resto de Portugal num canto da provincia mais atrasada, material e intellectualmente, do país. Segundo o *Censo da população do reino de Portugal,* Lisboa 1896, havia no 1.° de Dezembro de 1890 no concelho de Miranda-do-Douro, em 10:053 individuos (população de facto), 8:984 analphabetos, e nas tres freguesias do concelho de Vimioso em que se falla mirandês, isto é, em Angueira, Caçarelhos, e Villar-Sêcco, em 1:393 individuos (população de facto), 1:170 analphabetos. Cingindo-me porém só ao número redondo de 10:000 individuos que fallam mirandês, número deduzido a p. 61, vemos que, ainda assim, a percentagem dos analphabetos é espantosa, pois estes não ficam inferiores ao número redondo de 9:000 individuos! Na propria cidade de Miranda o *Censo* indica em 994 individuos, presentes na occasião do recenseamento, 671 analphabetos, isto é, mais de dois terços da população!

Como já notei a p. 12, os Mirandeses fallam o mirandês apenas entre si, empregando o português quando se dirigem a estranhos. O idioma não é uniforme em toda a Terra-de-Miranda; offerece certas variedades grammaticaes e lexicologicas, algumas das quaes indicarei adeante, noutras secções d'este livro.

Ao lado do mirandês vive pois o português, como lingoa official, geral e polida[1], chamada *grave*, por opposição á outra, que se chama *charra* e *caçurra*, como disse a cima, pp. 12 e 13, e n-*O dialecto mirandês*, p. 9. Em carta de 25 de Fevereiro de 1898, communica-me o seguinte o meu prezado amigo Rev.do José Bernardo de Moraes Calado, conego-prior da Sé de Miranda: «*Fallar grave*.....disse eu, para me servir da propria expressão que elles [os Mirandeses] usam, quando querem indicar que um individuo qualquer falla bem, ou se exprime menos mal, em português, menosprezando o dialecto. Tal ou qual individuo, dizem os dialecticos Mirandeses, *falla grave*, ou *muito grave*.....isto é: falla bem, ou muito bem. Quando elles porém fazem apreciações d'esta ordem, referem-se ordinariamente á fórma, mais ou menos euphonica e agradavel, por que o individuo se exprime. Falla, por conseguinte, neste caso, muito grave, e por conseguinte muito bem, o individuo que, por exemplo, procura cecear muito os çç.....». Alem d'este caso especial, a expressão *fallar grave* é tambem absolutamente synonima de *fallar português*, quer bom, quer mau; *fallar grave* e *fallar mirandês* são modos de dizer oppostos entre si.

As condições historicas que estudei em relação a Miranda-do-Douro, e que explicam perfeitamente o desapparecimento do mirandês na cidade, reflectiram-se tambem no resto da região, do que resultou, mesmo nesta, a importancia do português.

---

1 Cf. o meu *Dialecto mirandês*, p. 9.

Um facto curioso que hoje se observa em Terra-de-Miranda, nos proprios locaes onde se falla o idioma de que estou tratando, é serem as rezas e orações não em mirandês, como se esperaria, mas em português. Não sei se em algum tempo as orações foram rezadas em mirandês; o que porém é certo é que ha razões historicas, e muito positivas, para se explicar o facto actual. São ainda as *Constituições* de D. Julião de Alva que nos elucidam.

Este bispo é incansavel em determinar aos fieis da sua igreja a aprendizagem da doutrina christã. Logo no titulo 1.º das *Constituições* ordena que todos a saibam, e que em todas as igrejas haja umas taboas com ella. Estas taboas foram por elle mandadas imprimir e distribuir, e continham em português a benção, o padre-nosso, a avè-Maria, o credo, a salvè-Rainha, os artigos da fé, os mandamentos, as obras de misericordia, os dons do Espirito-Santo, e muitas outras orações e devoções mysticas. Diz o bispo: «Mandamos a todos os abbades, priores, reitores, curas & capellães deste nosso bispado, que cada um em suas ygrejas, assi nas matrizes como nas annexas, ponham em hũa taboa bem concertada hũa folha que agora mandamos imprimir, em que se contém a doutrina christãa: a qual estará pendurada de hũa cadea posta nas grades ou paredes das ditas ygrejas em altura conveniente: por que todos os que quiserem possam nella ler e aprender a dita doctrina, e pola mesma taboa a possam os ditos curas ensinar»[1]. Os parochos instruiriam na doutrina christã, durante uma hora, em muitos dias do anno, os moços de 5 a 12 annos, «ensinando-os muy de vagar, em voz alta e intelligivel, de maneira que de todos possa ser entendida»[2]. Numa região, onde os moços não fallavam habi-

---

1 *Constituições*, fl. 1-*v*.
2 *Ibid.*, fls. 6-*r*.

tualmente a lingoa em que as orações estavam redigidas, era de certo bem precisa esta recommendação do minucioso antistite![1] Noutro lugar insiste ainda no mesmo facto, estatuindo que o cura «tudo diga com gravidade e repouso, em voz alta e intelligivel. E, quando disser a doctrina, irá sempre de vagar, de modo que o povo tenha lugar pera dizer cada palavra, depois que a elle disser»[2]. Os proprios padrinhos deviam fazer decorar o padre-nosso, avè-Maria e credo aos afilhados[3]. No acto da communhão os fieis diriam com o padre certas fórmulas, que elle teve o cuidado de lhes redigir em português[4].

Como, na phrase do seu biographo[5], o bispo D. Julião de Alva não só fez as constituições, mas exactamente as observou elle mesmo, e fez que os outros as observassem, fica manifesto que mal poderiam ter chegado até nós orações e rezas em mirandês, se é que anteriormente a D. Julião ellas se usaram nesse idioma.

Condições historicas, semelhantes ás que mencionei, actuam ainda hoje. Apesar do pronunciado grau de analphabetismo dos Mirandeses, é certo que as relações sociaes com o resto do país, presentemente mais intimas do que outr'ora, facilitadas por toda a maneira, correios, estradas, jornaes; as aulas de instrucção primaria, embora o clarão que ellas derramam seja tenue; numa palavra, a tendencia do país para a uniformidade

---

[1] Tal recommendação nada provavelmente tem especial; deve encontrar-se nas *Constituições* de outros bispados, o que não posso agora averiguar. Mas cada uma produziria os seus effeitos, e eu aqui estou estudando os da de Miranda.

[2] *Ibid.*, fls. 23-*v* sqq.

[3] *Ibid.*, fls. 30-*r*.

[4] *Ibid.*, fls. 50-*v*.

[5] P.e Bartholomeu de Vasconcellos, in *Collecção de documentos e memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*, t. x, n.º xix (p. 15).

da vida dos seus habitantes, o que é consequencia da civilização moderna: tudo isto influe no modesto idioma dos camponeses da Terra-de-Miranda, modificando-o e amortecendo-o. Como acontece em todos os paises em que se usa mais de uma lingoa, os proprios nomes das povoações ás vezes são duplos, —*Cércio* e *Cérceno, Freixiosa* e *Freixenosa, Póvoa* e *La Proba*, etc.—, um português e outro mirandês, predominando o primeiro. Não só as criancinhas fallam já indifferentemente mirandês e português, mas muitos termos dialectaes foram substituidos: assim em Duas-Igrejas dizia-se d'antes *Manol*, hoje diz-se *Manoel*, com a fórma inteiramente portuguesa. Num importante estudo á cêrca do dialecto de Cellefrouin (França) observa o Sr. Rousselot factos que podem comparar-se com os que se passam em Miranda: «..... jusqu'à ces dernières années, le patois seul était en usage dans les relations entre indigènes, et n'avait d'autre ennemi que l'instituteur. Mais voilà que quelques pères de famille se sont mis de la partie. Pour épargner à leurs enfants la honte de parler patois, ils ont rendu obligatoire autour d'eux l'usage du français. Cette mesure..... est adoptée par tout le bourg et par une famille de Chavagnac. Je dois dire cependant qu'elle n'a pas encore porté les fruits que l'on en espérait. Le patois, banni de quelques foyers domestiques, continue à règner sur la place publique»[1]. Os phenomenos sociaes são semelhantes em toda a parte.

O dialecto mirandês, como idioma geral, tem soffrido ultimamente, do sec. XVI para cá, bastante decadencia. Escreve-me com razão o Sr. Conego-Prior de Miranda na carta ha pouco citada: «Todo elle tende em geral para certo desuso. Os povos vão, ao que parece, comprehendendo que esse modo de fallar se antolha já,

---

[1] In *Revue des patois gallo-romans*, 1892, p. 223.

mais ou menos, ridiculo, e esforçam-se por fallar já *um pouco grave,* deshabituando-se, o mais que podem, das locuções do dialecto. É o que me parece que vae succedendo: e estou que por volta de uma porção de annos, que por em quanto não poderá bem calcular-se, difficilmente restarão por cá vestigios de tal dialecto». Posso repetir o que o Sr. Rousselot diz do de Cellefrouin: «il a reçu le coup de mort, et ses jours sont comptés» [1]. Não é sem certa tristeza que a philologia archiva d'estas noticias; mas torna-se necessario obedecer á lei da fatalidade! *Dura lex, sed lex!*

Os Mirandeses fallam não só o português e o mirandês, mas com igual fluencia e correnteza o hespanhol; e conhecem tambem o gallego. D'aqui vem o dizerem, como lembrei a p. 17, que, ao passo que nos outros territorios de Portugal se entende só geralmente uma lingoa, lá se entendem quatro. Em todo o caso, os Mirandeses, como os habitantes de Marselha na antiguidade, —hos Varro *trilingues* esse ait, quod et Graece loquantur et Latine et Gallice— [2], são mais propriamente trilingues (mirandês, português e hespanhol) do que quadrilingues. O uso do hespanhol resulta da vizinhança da Hespanha e das relações constantes com os Hespanhoes; pelo mesmo motivo correm nas raias de cada um dos paises as moedas do outro.

Se por um lado a acção do hespanhol se exerce na litteratura popular de Miranda, onde existem romances e canções naquella lingoa, por outro lado, em virtude da correlação que existe entre certos phenomenos caracteristicos da phonologia mirandesa e os da phonologia hespanhola, a lingoa do país vizinho contribue talvez para que a mirandesa em parte se mantenha. Em português, por exemplo, diz-se *mau,* em mirandês diz-se *malo*

---

[1] *Loc. laud.*, p. 223.

[2] Isidoro Hispalense, *Opera,* Madrid 1778, XV, 1, § 74.

(malu̯), e em hespanhol *malo:* logo, dois contra um vencem-no; e o vocabulo mirandês, *malo*, que, com os citados, vem do lat. malu-, póde assim durar mais tempo, como todos os outros que estão em circumstancias analogas.

Conforme deixo dito, existem na litteratura oral da Terra-de-Miranda elementos hespanhoes. A existencia de taes elementos não se limita no em tanto a esta região. Já no meu *Romanceiro Português*, pp. 4 e 5, juntei a proposito alguns factos. Por Miranda ouvi varios romances (*jácras* lhes chamam), uns em português com termos hespanhoes, outros totalmente em hespanhol. Na célebre dança dos paulitos, de que tratei a cima, p. 43 sqq., as canções que se cantam são tambem, como mostrei, em hespanhol, o que faz suppôr que a dança tem a mesma origem, com quanto hoje esteja adaptada ao nosso meio, e se torne por isso caracteristica do sítio em que se usa. Esta influencia da litteratura hespanhola não provém sómente da vizinha provincia de Leão, mas tambem da Andaluzia, para onde, como vimos a p. 56, emigram muitos Mirandeses, que depois voltam com o coração a transbordar de amor, e a memoria cheia de cantigas hespanholas. Os Mirandeses sabem correntemente fallar o hespanhol; todavia, no automatismo da lingoagem, subordinam não raro a phonetica hespanhola á d'elles. Eis aqui umas cantigas hespanholas que transcrevo taes quaes as ouvi:

Quítate d'esa bentana,
Nu' me seias bentanera,
Que la cuba de l' buẽ bino
No necesita bendera.

Mi padre y mi madre llorã
Por que me boy a casari̯:
No lloreis, padre ni' madre
Que nu' me ban a matari̯.

Siñor alcaide maior,
No prenda Vd. los ladrones,
Que tien' Vd. una niña
Que roba los coraçones.

E(n) la mari̯ hai una torre,
E(n) la torre una be̥ntana,
E(n) la be̥ntana una niña,
Que lus mariñeros llama.

Tiengo de passar l' riu,
En (= aun-) que sepa de mojarme,
A coger aquella rosa
Que la babaleia l'aire.

Quanto á orthographia devo observar que as vogaes atonas oraes e as vogaes nasaes tem os valores portuguezes; que as vogaes tonicas, e alem d'isso *ll, ñ, g + e, j, -n* antes de vogal e *s* intervocalico tem os valores hespanhoes; uma vez lê-se *los*, outra *lus*.

A analyse mostra que *-en-* no interior de palavras e *-an* em pausas se nasalam, que as vogaes atonas adquiriram os sons portugueses, que *-e* em pausa póde adquirir o som mirandês de *-i̯* (mari̯ < mare < mar), que o *ʒ* hesp. foi substituido por *ç* mirandês; que o dissyllabo *-io* se ditongou em *-iu,* que *e* atono se muda em *i* antes de palatal em *Siñor;* que *e* se ditongou em *tiengo* (em hesp. litter. *tengo;* cf. porém o que digo a p. 52 a respeito da lettra de um «laço»); que se mantiveram como sons caracteristicos do hespanhol *ll* em *lloreis, g + e j,* e *s* intervocalico; que o artigo hespanhol *el* se mudou no mirandês em *l'.* Isto confirma o que digo da adaptação dos sons hespanhoes aos orgãos phoneticos dos Mirandeses: o que é um tanto confundivel (vogaes atonas, *ʒ*, consoantes nasaes, artigo) confunde-se; o que é caracteristico (*s* intervocalico, *j, ll* em vez de *ch* mir.) conserva-se.

Por este e outros motivos que vou indicar, a litteratura popular mirandesa é muito pobre. Já vimos que lhe faltam as orações, que, por muitas vezes serem em verso, ou terem fórma prosaica bem definida, constituem a cada passo elementos de riqueza litteraria. As cantigas são quasi sempre, senão sempre, em português; eu colhi algumas em mirandês, mas foram traduzidas por quem m'as recitou. Comprehende-se que as cantigas sejam em português, porque não tem lá o seu berço, são transmittidas de outras localidades, voam de bôca em bôca pelo país todo, desde o Guadiana até o Sàbôr. Contos e adagios ouvi e copiei alguns em mirandês, e de um, recolhido pelo Sr. Gonçalves Vianna, fallei a p. 30; mas é provavel que todos ou a maior parte tambem tenham fórma portuguesa.

Se da litteratura tradicional passarmos á individual e moderna, não achamos quasi nada. Algumas pessoas entretem-se, por curiosidade, a fazer dialogos mirandeses; alguns obtive manuscritos, quando estive em Miranda. Neste sentido o facto mais curioso que conheço é o da existencia do entremês que citei a p. 30 do Cap. II. Intitula-se, como disse, *Sturiano i Marcolfa;* os personagens fallam mirandês, gallego e português. Como a palavra *Sturiano* está por *Asturiano,* vê-se que o entremês synthetiza os factos glottologicos da região, pois pelo titulo relaciona-se com a Hespanha, com um dialecto, — o asturiano ou bable —, que tantas affinidades tem em certos casos com o mirandês, e pela lingoagem dos interlocutores representa as tres outras lingoas conhecidas alli.

Estes factos dizem respeito á litteratura individual e, por assim dizer, espontanea. Pelo que toca á litteratura reflectida, que foi motivada pelo estudo scientifico do mirandês, nada tenho que accrescentar ao que desenvolvidamente mencionei no Cap. II, p. 21 sqq.

De tudo isto se vê que o grau de vitalidade do mirandês é pequeno: de um lado, quasi lhe falta absoluta-

mente litteratura; do outro, o povo que se serve d'elle vae-o desaprendendo, sob a influencia de condições variadas.

Em todo o caso, a estatistica publicada no Cap. III, pp. 59–61, da população que mais ou menos falla actualmente mirandês, afigura-se-me bastante eloquente para mostrar que o mirandês, com quanto instrumento de um povo pela maior parte sem instrucção, e completamente dado aos trabalhos campestres, tem ainda muita importancia para que não deva deixar de ser tomado em consideração, —já não digo philologica, que para isso bastava que fosse lingoa morta, ou fallada por uma unica pessoa,—mas consideração politica. Compete ao Governo fazer pelo conservar o mais tempo possivel, o que conseguiria por dois modos principaes: distribuindo aos professores primarios da localidade instrucções grammaticaes e historicas que os habilitassem a considerar o dialecto como elle deve ser considerado, regular na sua essencia e evolução, e a disporem assim o espirito dos alumnos para o não desprezarem depois de preceituados na grammatica portuguesa; e mandando que elle, num estabelecimento de instrucção superior, entrasse num curso de philologia romanica ou nacional.

Na *Revista Lusitana,* II, 112, citei o facto de um professor primario de Tras-os-Montes se servir da observação da pronúncia do dialecto da localidade (não se trata do dialecto mirandês), para ensinar aos seus discipulos certa regra orthographica. Sem dúvida, igualmente o mirandês em numerosos casos explicaria, ou pelo menos ajudaria a comprehender melhor, varios phenomenos da lingoa portuguesa apparentemente anomalos. Como por exemplo, *bonissimo* é um dos superlativos de *bom,* o estudante mirandense, que ainda não aprendeu latim, e que por isso julga falsamente que *bonissimo* se fórma, ou deriva, de *bom,* não percebe como aquella palavra apparece com *n,* que não existe

nesta[1]; notando porém que em mirandês se diz *bọno*, já lhe não parecerá tão difficil a explicação do *n*, porque ao seu espirito fica figurando *bọno* como uma especie de meio termo entre *bonissimo* e *bom*; ora, o que se procura com o ensino das crianças não é só a instrucção, é tambem a educação intellectual. Se a uma criança do Sul do reino, onde na pronúncia não se distingue o som *s* do de *z*, se disser que a palavra *gozo* se deve escrever com a lettra *z*, e não com a lettra *s*, ella fixará por um momento a regra, mas, por isso que não comprehende a razão d'ella, não tardará que, sob a influencia de outras palavras, como *bexigoso*, *fogoso*, e analogas, escreva erradamente *goso* com *s*; mas, tratando-se de uma criança mirandesa, e reparando esta que em mirandês se diz *gozo*, com *z*, e não com *ʃ* (que é o signal que adopto aqui para representar o *s* intervocalico da lingoa commum), nunca se equivocará na orthographia[2].

Podiam multiplicar-se os exemplos de como o conhecimento do mirandês traria elementos para o ensino prático do português em Terra-de-Miranda. E se isto

---

[1] Não é só ao alumno de instrucção primaria que acontece isto. O Sr. Candido de Figueiredo, que se esfalfa a publicar *Lições* de português em jornaes e em livros, diz tambem nas *Lições praticas*, 1.ª ed., p. 269, e 2.ª ed., p. 235, que *bonissimo* se fórma, ou deriva, de *bom*, — como se isto pudesse ser! Cf. os meus opusculos *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo* (anályse crítica), 2.ª ed., pp. 74-75, e *O gralho depennado*, 2.ª ed., p. 51—, onde combati esse e analogos desconcertos.— Vê-se que ás vezes ha «mestres» que são peores que os discipulos!

[2] Tambem a criança do Sul do reino não é unica em seu êrro. O Sr. Adolfo Coelho, no seu livro intitulado *A lingoa portuguesa*, 2.ª ed., p. 148, apesar de indicar como etymo gaudium, escreve *goso* com *s*, e do mesmo modo escreve no *Diccionario manual etymologico*, embora ahi tenha meia desculpa, pois dá á palavra como etymo gustus. Se elle conhecesse a pronúncia mirandesa, não erraria duas vezes em livros de ensino.

se daria mesmo numa aula de instrucção primaria, com quanto mais razão não aconteceria num curso superior, onde os alumnos dispoem de outra preparação litteraria? Não me parece pois utopico o que a cima proponho.

Com o manter-se o idioma mirandês entre os Mirandeses não se impede nem perturba em nada o progresso intellectual d'estes, porque todos, quando se torna necessario, fallam, ao lado do mirandês, sem a minima difficuldade o português, como fallam o hespanhol, e até certo ponto o gallego tambem. Ainda que o mirandês venha a desapparecer totalmente, o que, não obstante o que digo, succederá um dia, o hespanhol, por causa das relações raianas, não desapparece da Terra-de-Miranda. Por consequencia, que vantagem haveria em que o mirandês acabasse? Fica ao lado do português outra lingoa que não é o português, e que de mais a mais é estrangeira.

Comprehende-se que num país grande, possuidor de fortes elementos separatistas, como a Hespanha, um govêrno, que deseje ser centralizador, procure ou se lembre de anniquilar as fallas locaes. Mas que perigo corre Portugal de que os seus elementos nacionaes se desaggreguem? Por ventura pensa alguem em restabelecer o *reino do Algarve,* dar realidade ao theorico *principado da Beira,* ou, —parodiando a Camillo Castello Branco, que, no seu romance *A quéda de um anjo,* 1887, p. 13, phantasiou um morgado trasmontano a presidir á municipalidade mirandense em 1840 e a pedir em plena sessão do senado a restauração do antigo foral—, tentam por ventura os Mirandeses evocar do tumulo algum rico-homem medieval, para lhe deporem symbolicamente nas mãos descarnadas as chaves das ruinas do castello da *Terra-de-Miranda?* Longe de, com a manutenção do dialecto, se transtornar a ordem social, produzir-se-hia effeito opposto, porque, entre os diversos laços que vinculam a alma dos povos ao chão

da patria, a lingoa não é dos menos fortes[1]. Os Mirandeses, sentindo-se, como se sentem, senhores de uma lingoa sua, —*la nọssa lhengoa,* conforme elles dizem—, amam com maior intensidade o torrão natal; e este amor da Terra-de-Miranda, com a sua capa de honras, os seus pauliteiros, o seu dialecto proprio, não chega ao ponto de produzir ódio ao resto do país, nem cousa que se pareça com isso: pelo contrário, os Mirandeses tanto reconhecem a superioridade da lingoa portuguesa, que lhe chamam *grabe,* dando humildemente á indigena os modestos nomes de *charra* e *caçurra!*

A estas razões com que pugno por que o mirandês se conserve, as quaes apoio ainda no meu proprio exemplo, pois alguma cousa tenho feito praticamente em prol d'elle, accresce outra, que é a curiosidade de nós os Portugueses possuirmos num canto de provincia uma como ilha linguistica, onde umas 10:000 pessoas nas suas relações domesticas se servem de uma falla que no quadro geral dos idiomas romanicos do Noroeste da Iberia tem, como provarei adeante, feição tão propria e tão sua. A Hespanha conta, ao lado do hespanhol ou castelhano, o gallego, o asturiano, o catalão, o bizcainho; a França conta, não fallando no francês, tambem o bizcainho, e de mais a mais o provençal, o catalão, o bretão, e uma infinidade de *patois* muito distinctos entre si; na Italia contam-se com o italiano numerosos dialectos e co-dialectos locaes, bem especificos, alem do catalão, do grego, do albanês. E assim por deante. Em Portugal temos pouco, é certo; conservemos no emtanto esse pouco!

---

1 Cf. o que a este respeito escrevi na *Numismatica Nacional* (lição inaugural), 1888, pp. 18-19; e na *Revista Lusitana*, III, 24-27.

PARTE II

GRAMMATICA MIRANDESA

ADVERTENCIA PREAMBULAR

Quando comecei a traçar as páginas seguintes, foi meu unico intuito estudar os phenomenos glotticos que se relacionam com os textos publicados no Volume II d'esta obra, de modo que a respeito da sua intelligencia não ficassem dúvidas no espirito do leitor; todavia, no decurso do trabalho, o assunto alargou-se-me sempre de tal modo, que, se não pretendo ter escrito uma grammatica mirandesa completa, creio com tudo que apresento aqui ao público os principaes factos d'ella.

Já em 1882, no meu trabalho intitulado *O dialecto mirandês*, esbocei uma GRAMMATICA MIRANDESA, que foi a primeira e unica apparecida até hoje; d'ella voltarei ainda a tratar, expondo-a com o desenvolvimento possivel, quando noutra obra que tenho planeada me occupar definitivamente do mirandês e dos demais idiomas cujo conjuncto constitue, com o português propriamente dito, o grupo lusitano-romanico.

Considero separadamente as tres partes naturaes e principaes da grammatica: phonologia, morphologia e syntaxe.

Aqui a grammatica será estudada prática e theorica ou historicamente; isto é, não só exporei os phenomenos da lingoa taes como elles existem na actualidade, mas procurarei tambem explicá-los segundo a sua genese e evolução.

I

PHONOLOGIA

Como a phonologia de qualquer lingoa se divide, ou póde dividir, em physiologica e historica, formo neste capitulo, em virtude do que disse na ADVERTENCIA PREAMBULAR, tambem duas secções: na primeira indíco, em duas sub-secções, *a*) a classificação, e implicitamente a descrição e transcrição dos sons, e *b*) a ligação d'estes entre si; na segunda indíco a origem dos mesmos.

I. Phonologia physiologica

Num trabalho da natureza d'este não tenho de espraiar-me em considerações theoricas de physiologia phonetica[1], e por isso entro no assunto immediatamente.

a) CLASSIFICAÇÃO, DESCRIÇÃO E TRANSCRIÇÃO DOS SONS MIRANDESES

Quando comecei a estudar o mirandês, vi-me, por tres motivos, muito embaraçado quanto á representação dos sons: porque alguns são em verdade difficeis de

---

[1] Na *Evolução da lingoagem*, Porto 1886, p. 1–38, disse eu já alguma cousa a este proposito.

apreciar com o ouvido simplez; porque era a primeira vez que se tentava estudar scientificamente e escrever aquella lingoagem, não havendo por isso modelos que imitar; e porque era tambem a primeira vez que eu me occupava de dialectologia. Por todos estes motivos, o opusculo que com o titulo de *O dialecto mirandês* dei a lume em 1882, que constituia o primeiro trabalho philologico que eu publicava em volume, saíu com bastantes imperfeições, umas que eu mesmo na occasião reconhecia, embora não podendo remediá-las, outras que com o estudo subsequente fui encontrando.

Nos trabalhos que se seguiram a esse opusculo procurei aperfeiçoar-me, pois que nunca, em meio do meu complexo afan litterario, pus de parte completamente o mirandês. Ainda assim, apesar de possuir hoje nas minhas pastas copioso material, e de haver introduzido melhoramentos nas minhas primeiras observações, não tenho pretensões de dizer a última palavra sobre o assunto.

Adoptando a tradicional divisão dos sons da voz humana em vogaes, semi-vogaes, ditongos e consoantes, e regulando-me principalmente pela pronúncia dos habitantes de Duas-Igrejas (mirandês central[1]), passo a notar os sons do mirandês.

1. Vogaes mirandesas

As vogaes mirandesas podem ser oraes e nasaes. Ha aqui já grande differença entre o mirandês e o hespanhol, onde por ora não se tem verificado a existencia d'estas últimas.

---

[1] Provisoriamente denomino d'esta maneira as differenças ou sub-dialectos do mirandês: *mirandês central* (Duas-Igrejas, etc.); *mirandês septentrional,* ou *raiano* (S. Martinho, etc.); *sendinês,* ou *mirandês meridional* (Sendim).

1. O quadro das vogaes oraes mirandesas é o seguinte:

```
                  a
               –  ḁ  –
            e  –  –  ö  o
            –  –  e̯  –  –
         e̬  –  –  –  –  –  o̬
      ì  –  –  –  e̥  –  –  –  (ù)
   i  –  –  –  –  –  –  –  –  –  u
          i̯                 u̯
```

2. Exemplificações d'este quadro:

a — Som aberto; ex.: *cá, pástio, rato.* Igual ao *a* hespanhol, mais fechado que o *á* português de *já.* Póde ser tonico ou atono. Represento-o por *a, à, á,* conforme a regra do accento dada no § 21.

e — Som aberto; ex.: *ber, certo.* Fica entre o *é* e o *ê* portugueses; tem pois o mesmo valor que o *e* hespanhol. Póde ser tonico ou atono. Represento-o por *e, è, é,* conforme a regra do accento dada no § 21.

e̬ — Ex.: *ti̊e̬rra.* Som que fica entre o *i* do port. *viu* (na pronúncia de Lisboa) e o *ê* do port. *cêrca.* Muito semelhante ao *i* dialectal allemão de palavras como *ist, sind, Sinn,* segundo as ouço pronunciar a um indivíduo natural da Baixa-Alsacia. Não deve differir muito do *i* das palavras inglesas *fill*[1], *fit, little.* Creio que só póde ser tonico de origem; ou, pelo menos, é quando tonico que se distingue bem. Encontra-se no ditongo *i̊e̬.* Como o som de *e̬* participa do de *e* e *i,* hesitei a princípio se o representaria por *e̬,* como o represento, ou por *i* com diacritico; a final decidi-me pelo primeiro alvitre, mas não direi que em obra subsequente não adopte o segundo.

---

[1] Gonçalves Vianna, in *Revista de educação e ensino,* IX, 152.

—Ex.: *mìẹ, mìu*. O mesmo som que em Lisboa se ouve na palavra *viu*. Este som *ì* é muito semelhante ou quasi igual a *ẹ*. Ouve-se no ditongo *ìu* e no digrapho (quasi ditongo) *ìẹ* e *ìẽ*.—Nos meus antecedentes estudos representei *ìẹ* por *iê* e *ĭê*; mas cf. *Flores mirandesas*, p. 32.

i—Ex.: *si, rigueira*. Mais fechado que em português; talvez igual ao *i* francês. Póde ser tonico ou atono.

o—Som aberto; ex.: *delor, probe*. Fica entre *ó* e *ô* portugueses. Tem pois o mesmo valor que o *o* hespanhol (cf. o que se disse do *e*). Póde ser tonico ou atono. Represento-o por *o, ò, ó*, conforme a regra do accento dada no § 21.

ö—Ex.: *töuro*, *öubir*. Este som só se encontra no ditongo *öu*, de que é a base, ditongo que póde ser tonico ou atono, como o mostram os exemplos que aqui dou. O ditongo *öu* pronuncia-se pouco mais ou menos como, em certos pontos da Inglaterra, o *o* das palavras inglesas *go, no*, e *ow* em *crow, blow*, ou *oe* em *doe*, *toe*. Que no ingl. *no*, etc., existe ditongo na pronúncia usual não ha dúvida nenhuma; o notavel phoneticista inglês H. Sweet nota todas aquellas palavras assim: *góu, nóu, cróu, blóu, dóu, tóu*[1]; o não menos notavel phoneticista allemão Wilhelm Vietor diz expressamente: «Das sogennante lange *o* in *no* ist in der jetzigen Aussprache vielmehr ein Diphtong, und nicht, wie es noch immer in unseren Schulbüchern heisst, gleich dem deutschen geschlossen *o* in *so*», e representa-o por *nôu*[2]. Quanto ao

---

[1] *A history of English sounds*, London 1874, s. v.

[2] *Elemente der Phonetik des Deutschen, Englischen und Französischen*, Leipzig 1894, p. 79.

valor do *o* d'este ditongo inglês, escreve o mesmo Sweet: «The *ó* of *óu* is often, especially in affected pronunciation, moved forward to the mid-mixed-round position, and from there, by lowering and further shifting forwards, to the low-front-narrow-round position, so that *nóu* becomes *nœu*»[1]; e Vietor escreve tambem: «Schwachbetont tritt für *o̮u* ein Diphtong mit einem „gemischten" ö-ähnlichen Laut (ȯ) als ersten Glied, meist aber blosses *ó*»[2]. A uma inglesa, que não sei porém de onde era, ouvi uma vez numa hospedaria em Sintra pronunciar *nöu* (por *no*), com um ditongo muito semelhante ao mirandês. Fallando do ditongo *öu*, que existe em lingoagem de Rio-Frio, e que é identico ao mirandês, diz o Sr. Gonçalves Vianna igualmente: «o valor total do ditongo é exactamente o do ō longo, alphabetico, inglês, segundo a recentissima pronunciação usual em Londres»[3]. Ha um ditongo português que póde dar ideia, muito aproximada, de *öu*: é *âu*, que em muitas localidades se ouve na pronúncia de *ao* (preposição *a* e artigo-pronome *o*)[4]; mas de modo algum se deverá escrever *âu* ou *âo* por *öu*.—O ditongo *öu* é frequentissimo na raia trasmontana, onde o tenho observado em muitas

---

1 *Ob. cit.*, p. 71–72.
2 *Ob. cit.*, p. 79.
3 In *Revista Lusitana*, I, 162.
4 Este dissyllabo *ao* pronuncia-se hoje de várias maneiras, conforme as terras: uma das maneiras fica já indicada; outra é *áu*; outra é *ó*. Esta ultima maneira é tambem archaica. Como a crase de *a* + *a*, de certa epocha em deante, se representou por *á*, do mesmo modo se representou por *ó* várias vezes na litteratura antiga a crase de *a* + *o*; por exemplo em Gil Vicente, *Obras*, ed. de Hamburgo, lê-se: «dá *ó* Demo» (I, 115), «Acorda a Tibaldinho—E *ó* Calveiro» (I, 124), «juramento faço *ós* ceos» (I, 128), «Que se dizem *ó* casar» (I, 128), «commendo *ó* Decho a praga» (I, 139), «Pois até *ó* polo segundo» (II, 363),—exemplos em que está *ó* por *ao*, e *ós* por *aos*.

terras; ouve-se nas palavras que na lingoa litteraria tem *ou* (ou *oi* correspondente a *ou*, como em *moiro* <> *mouro*), e noutras que tem *o*, sobretudo inicial. É mais claro, naturalmente, nas syllabas tonicas do que nas atonas. O som simplez *ö* tem grande extensão em português, pois, igual ou semelhante ao da base do ditongo trasmontano *öu*, existe em fallares da Beira-Baixa, do Alemtejo e dos Açores; este som differe do *ö* allemão em *können* (*ö* aberto e breve) e *König* (*ö* fechado e longo), e do *eu* francês em *feu* (*eu* fechado e breve), em *fileuse* (*eu* fechado e longo), em *seul* (*eu* aberto e breve), e em *peur* (*eu* aberto e longo)[1]. — Em mirandês notei já ha muito tempo o ditongo *öu*, e representei-o assim mesmo na minha traducção mirandesa de um soneto de Camões publicada em 1886, com outras, em Lisboa, num volume que tem o titulo de *Alma minha gentil*[2]; comtudo não figura ainda nem no *Dialecto mirandês* (1882), nem nas *Flores mirandesas* (1884). A primeira vez em que attentei no ditongo *öu* foi em 1884, ao pé de Santa-Comba (Bragança), na expressão *Coba da Möura*, nome de um sítio.

u — Ex.: *nudo, tu*. Talvez mais fechado que em português, e parecido com o *ou* francês. Póde ser tonico ou atono; quando tonico, represento-o por *u* ou *ú*, conforme a regra do accento dada no § 21; quando atono, represento-o por *o*, ou *u*, como geralmente em português, nas palavras correspondentes.

---

1 Sobre a pronúncia do *ö* allemão póde consultar-se o livrinho de Wilhelm Vietor, intitulado *Die Aussprache des Schriftdeutschen*, Leipzig 1895; e sobre a do *eu* francês o *Dictionnaire phonétique de la langue française*, de H. Michaëlis & P. Passy, Hanovre-Berlin 1897.

2 Cf. supra, p. 24.

ọ—Ex.: *ọlho*. Som que fica entre o português *u* e o português *ô*. Muito semelhante ao *u* do inglês *full*[1], *butcher*. Ouvi este som, ou outro muito parecido, no *u* da palavra allemã *gedruckt*, pronunciada desaffectadamente por um Baixo-alsaciano. O mirandês *ọ* creio que só se encontra em syllaba tonica de origem; cf. o que escrevi a respeito do *ẹ*. De modo analogo ao que me succedeu com relação a este último som, tambem a princípio hesitei se representaria o som *ô* como o represento, se com *u* modificado por um diacritico; resolvi representá-lo por *ọ*, embora em estudos precedentes eu possa alterar o meu systema de notação: o Sr. Gonçalves Vianna representa-o dos dois modos, isto é, por *ù* (*u* com accento grave) e por *ọ*[2]. Num manuscrito mirandês moderno vejo simplez *u*, por ex.: *nusso*, *bussa, purta, ulho, bunos*, o que não é rigoroso; no mesmo manuscrito acho porém tambem *buossa*.—É digno de observação o facto de que este som se ditonga na emphase em *ŭọ*, ex.: *ọlho;* em emphase, *ŭọlho*. Por isso, e porque o som *ọ* participa de *u* e de *ô*, tem sido representado de diversas maneiras, já por mim, já por outros. —Vid. adeante o § 10-Obs. 2.

(*ù*)—Ex.: *tùẹ, sùẹ*. Este som não differe de *ọ*, ou, se differe, é tão leve a differença, que a não distingo; mas, já por symetria com *ì*, já porque nas palavras em que entra corresponde etymologicamente a *u*, e fica assim em correlação com o hespanhol e o português, escrevo *ù* e não *ọ*, na terminação *-ùẹ*.

---

[1] Cf. Gonçalves Vianna, in *Revista de educação e ensino*, IX, 152; e as minhas *Flores mirandesas*, p. 32.

[2] *Exposição da pronúncia normal portuguesa*, 1892, p. 12.—Segundo a sua notação, o accento grave indica vogal aberta, e o circumflexo vogal fechada; effectivamente *ù* (*u* muito aberto) corresponde a *ọ* (*o* muito fechado).

ạ — Som fechado; ex.: *amigo*. Como em português. Provavelmente, quando oral, nunca póde ser tonico, ou só raro o será. Nos textos represento-o por *a*, como em português.

ẹ — Som surdo; ex.: *me*, como em português. Nunca é tonico, senão excepcionalmente. Represento-o de ordinario por *e*, como em português; só em casos susceptiveis de dúvida o represento por *ẹ*.

ệ — Som que participa de *ạ* e de *ẹ*; posso por isso chamá-lo indeciso ou intermédio. Ex.: *tùệ*. Umas vezes parece soar *ạ*, outras parece soar *ẹ*. Muito semelhante ao *e* allemão final em *eine, Tage;* menos aberto que o *e* do francês *le*. Alguns phoneticistas representam estes últimos sons por *ə;* como não desejo empregar lettras invertidas, adopto *ệ*, com quanto pudesse tambem, sem grande prejuizo, adotar *ậ*. Mandando-se syllabar uma palavra como *sálệ̃*, onde na pronúncia ordinaria se ouve *-ệ̃*, este som torna-se *-ạ̃*, assim: *sá-lạ̃* (em pausa). Num manuscrito mirandês moderno acho simplez *e*, por ex.: *die, mie* (na minha notação *dìệ, mìệ*), — o que não é rigoroso.

ị̂, ụ̂ — Ex.: *marị̂, bọnụ̂* (*bọno*). Tem o valor de *i* e *u* atonos abafados, como em português[1]. Difficilmente se distinguirão estes sons de *i* e *u* atonos. Nos textos não emprego *ụ̂*, mas *u* ou *o*, como fica dito a cima (só em notação phonetica empregarei *ụ̂*); mas empregarei por vezes *ị̂* em fim de palavras, como no citado exemplo *marị̂*, para evitar confusões. Não ha contradicção nesta preferencia do *ị̂*, e exclusão do *ụ̂*, porque, subordinando-me eu á orthographia portuguesa, sempre que ella não contraría a

1 Cf. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique de la langue portugaise*, Paris 1883, p. 5 e 6.

phonetica mirandesa, na nossa lingoa litteraria ha *-o* final atono, mas não ha *-i* final atono senão rarissimamente (por ex.: *quasi,* onde porém o *i* se pronuncía *ẹ*); por isso escrevo normalmente em mirandês *-o* (que é orthographia usual portuguesa) e poderei em algumas occasiões escrever *-i̯* (que é innovação, pelo facto de em port. litterario quasi não haver *-i* atono).

3. *a*) As vogaes *a, i, e, o, u* seguidas de *l* na mesma syllaba tornam-se gutturalizadas, como em português[1], ex.: *sa̭lbar, si̭lba, mḙlro, so̭l, bṷldraga.* O mesmo acontece a *a, i, e* antes de *u,* ex.: *a̭uga, ti̭u, chapḙu.* — O signal ̭ sobescrito indica a gutturalização das vogaes.

b) Antes de consoante nasal as vogaes tonicas, são levemente nasaladas, como noutros pontos de Portugal acontece, por ex.: *cåma, pe̊na, bo̊no, ůnha* (com ̊, ou til perpendicular, noto esta branda nasalidade). Nas vogaes mirandesas atonas é difficil distinguir a nasalidade; todavia ouvi dizer *arrůmar,* com o *u* atono nasalado.

Normalmente não indíco nem a gutturalização, nem a nasalidade por signaes especiaes.

4. Ao observar-se a phonetica mirandesa, é necessario ter-se presente que em palavras que só differem de palavras portuguesas em ser aberta ou fechada uma vogal, esta, se é *o* ou *e,* póde parecer *ó* ou *ê,* —*ó* ou *é,* conforme o ouvido do observador está habituado a *ó* ou *é*—, ou a *ô* ou *ê,* pois que *o, e* mirandeses são, como se disse no § 2, menos abertos que os nossos. Assim, quando os Mirandeses dizem *era* e *obra,* um estranho, que só esteja habituado ao português, póde suppor que elles pronunciam *êra* e *ôbra;* e, quando elles dizem *roto* e *cera,* póde suppor que elles pronunciam *róto* e *céra,* com *é* e *ó* portugueses.

---

[1] Á cêrca do português cf. Gonçalves Vianna, *ob. cit.,* p. 6.

5. Apesar do que digo, não nego que no idioma de que se trata possam existir *ê* e *ô* fechados, como em português: assim, tenho ouvido a Mirandeses dizer *barcêgo* e *barcêu,* com *ê;* mas é isto pronúncia esporadica ou normal?

6. Fallemos das vogaes nasaes.

Das vogaes classificadas no § 1, e exemplificadas no § 2, podem ser nasaes as seguintes:

a——(aberto); ex.: *Miranda, canta,* onde a nasal é tonica. Tão aberto como em *caſa.* Em syllabas atonas creio que não existe este som.

e——Ex.: *drento, tẽ.* Tão aberto como em *berra.*

i——Ex.: *cinco, fĩ.*

e̬——Só no ditongo *i̊e̬; ex.: bi̊ẽ̬.*

o——Ex.: *pongo.* Tão aberto como em *obra.*

u——Ex.: *mundo, algũ.*

o̬——Ex.: *fo̬nte.*

ḁ——Ex.: *manta, cantar.*

e̥——Ex.: *ste̥nder.*

e̯——Ex.: *co̬rrẽ̯*[1].

u̯——Ex.: *fúrũ.*

---

[1] Só existe em fim de palavras (nos verbos). É ás vezes difficil distinguir nestes casos -ẽ̯ de -ẽ̥, -ḁ̃ (e ainda -ẽ̬?) atonos. O normal é porém -ẽ̯.

7. Em palavras em que a vogal nasal é seguida de algumas das consoantes explosivas *b, p, t, d, ҫh, c, g,* — como *campo, canto, banco,* etc., alem da nasalidade da vogal, ouve-se *m, n, ŋ*. Temos pois propriamente *cãmpo* (= *cã-mpo*), *cãnto* (= *cã-nto*), *bãnco* (*bã-ŋco*). Sobre o phenomeno em português cf. *Revista Lusitana,* IV, 24. — Da pronúncia de *m, n, ŋ,* trato no § 13.

2. Semi-vogaes mirandesas

8. As semi-vogaes mirandesas são:

i̯, u̯ — como elementos subjunctivos ou prepositivos de ditongos oraes ou nasaes; ex.: *mai, auga, ti̯ęrra, ti̯ęmpo, quatro, fu̯ǫnte* (a par de *fǫnte*).

A semi-vogal *i̯* ouve-se em português na palavra *pai* e pouco mais ou menos na palavra *fiel, quieto;* a semi-vogal *u̯* ouve-se em português nas palavras *pau* e *quatro* (esta última é pois igual á mirandesa).

3. Ditongos mirandeses

9. Em grammatica geral os ditongos dividem-se: em *crescentes* (vogal ou semi-vogal atona seguida de vogal tonica), por exemplo em hespanhol *ie* na palavra *fiesta,* e em português *ua* na palavra *quasi;* e *decrescentes* (vogal tonica seguida de semi-vogal ou vogal atona), por exemplo *eu* e *ai* em português nas palavras *teu* e *pai*. Uns e outros podem ser oraes ou nasaes. Em mirandês ha-os de todas estas especies.

10. Ditongos crescentes:

a) Oraes:
i̯ ou *u̯* seguidos de qualquer vogal tonica por natureza, ex.: *fi̯ęsta, qu̯atro, cu̯ǫsta.*

Observação 1.ª — O ditongo *ĭę* é um dos sons mais difficeis de apreciar no mirandês. Ora se afigura como o represento, — e é este o phenomeno normal —; ora parece ser *ęę̑* (ou *ĭęę̑?*); ora parece simplez *ę*. A tendencia de muitas pessoas, quando fallam depressa, é dizerem *ę;* todavia, na falla clara, o *ĭ* é manifesto, mesmo nessas pessoas. O primeiro elemento do ditongo *ĭę* é, segundo se disse no § 8, uma semi-vogal: ouve-se pouco mais ou menos tambem no Porto e pelo Minho na syllaba *iê* de *quiênte, piêra,* mas não é tão distinto como o *i* do ditongo *ie* nas palavras hespanholas *tiempo, quiero,* nem como o *i* das já citadas (§ 8) palavras portuguesas *fiel, quieto.* — Em alguns dos meus antecedentes escritos sobre o idioma mirandês figurei este som por *iê* e por *ĭê,* escrevendo por ex.: *tĭêrra* e *tiêrra* em vez de *tĭęrra.*

Observação 2.ª — O ditongo *ŭǫ* não é normal na falla mirandesa; só se ouve em emphase ou voz pausada (vid. § 2, no *ǫ*). Eis aqui uma serie de exemplos que ouvi a dois individuos, um da Póvoa, outro de Duas-Igrejas: em falla normal, — *bǫno, cǫsta, dǫl-me, fǫgo, ǫbo, rùę̑* (= *rǫę̑*); em emphase, — *bŭǫno, cŭǫsta, dŭǫl-me, fŭǫgo, ŭǫbo, rŭùę̑* (= *rŭǫę̑*). (O meu amigo Gonçalves Vianna tambem verificou esta distinção). Eu já nos meus anteriores estudos tinha notado que umas vezes se ouvia *ǫ*, outras *ŭô,* mas não tinha descoberto a lei d'esta distinção, a qual me parece ser a que fica indicada, isto é, — depender do tom emphatico ou normal da falla. Como o som normal é *ǫ,* indico-o nos textos sempre assim[1]. O ditongo *ŭô* é etymologico, como direi adeante, e parallelo a *ĭę.*

---

[1] Fica d'esta maneira explicada a apparente incoherencia que, por exemplo, nas *Flores mirandesas* se nota em *dŭôl-me, ŭôrto* e *ôlho,* e interpretado o que digo na *Revista Lusitana,* v, 197.

b) Ditongos nasaes:

Formam-se nas mesmas condições que os oraes. O mais importante é sem contradição o que corresponde a *i̯ę*, por exemplo em *bĩ̯ę̃*; mas só a base é nasal. Em vez da expressão *ditongos nasaes,* podiamos mais propriamente usar da de *ditongos meios-nasaes,* por isso que dos dois elementos do ditongo só a base, como digo, é nasal.

11. Ditongos decrescentes.

	a) Oraes	*b)* Nasal
Subj. -i̊	*ai̊* — ex.: *mai* (mãe)	—
	ei̊ — ex.: *seis*	—
	ui̊ — ex.: *bui* (boi)	—
Subj. -ů	*ạů* — ex.: *auga*	—
	ęů — ex.: *chapeu*	—
	iů — ex.: *tìu*	—
	öů — ex.: *töu* (teu)	*öũ* — ex.: *söũ* (são)[1].

Observação 1.ª — É ás vezes difficil distinguir se no ditongo que represento por *ei,* se ouve *e* aberto (mirandês, entende-se) ou *a* fechado: *reis* ou *rḁis, sei* ou *sḁi, eigual* ou *ḁigual.* Ha mesmo oscillação entre *beilar* e *bḁilar,* e ainda entre *àirado* (com *ài*) e *eirado.*

Observação 2.ª — Em *öũ* são nasaes os dois elementos, mas, para evitar notação complicada, ponho til só num dos elementos; e como o primeiro já tem um

[1] Em send. parece que tambem ha *ḁ̃u* (= port. *ão*); ex.: *sḁ̃u* (= *são*).

diacritico, marco o til no segundo. Esta incoherencia não é nova. Tambem em português se escreve *pão* com til sobre o *a,* quando a nasalidade abrange os dois elementos do ditongo. Em livros antigos encontra-se igualmente *levaraõ*[1], com til no *o.* Viterbo escreve *fermidoens,* com o signal de nasal no *e.* Camillo Castello Branco escrevia *Guimaraens,* tambem com o signal de nasal no *e,* quando a nasalidade estava do mesmo modo no *a.* Se passarmos a outras lingoas, achamos, por exemplo, no grego καί e αἰ, com o accento ou o espirito no segundo elemento do ditongo e não no primeiro, que é realmente o affectado por aquelles diacriticos.— Por isso escrever *öũ* com o til na subjunctiva, e não na base, não me parece cousa anormal.—Á cêrca de *ạ, ị, ẹ,* vid. o § 3.—É duvidoso se existem os ditongos nasaes *ãi* e *ẽi.*

Observação 3.ª—O meu amigo Gonçalves Vianna considerava o *i* de *iu* como identico ao som que represento por *ẹ* na tabella do § 1, e que elle representou num seu trabalho por *ì*[2]; comtudo, uma anályse mais minuciosa que em commum fizemos d'este som levou-o a elle a reconhecer que ha leve differença entre o *ì* de *ìu* (ex.: *mìu*) e o *ẹ* de *îẹ* (ex.: *tiẹrra*), e a mim a verificar que ha identidade entre o referido *ì* de *mìu* e o de *mìẹ.* Pelo menos fica isto assente por agora.—É tarefa muito escabrosa representar, só pela observação acustica, sons difficeis de lingoas que não tem tradição litteraria; não estranhem pois os leitores estas oscillações de opinião.

---

[1] Lê-se mesmo *levaráõ* in *Elucidario* de Viterbo, s. v. «avoengueiro».

[2] Vid. *Exposição da pronúncia normal portuguesa,* Lisboa 1892, p. 22.—O ditongo que a cima represento por *îẹ* representa-o elle pois por *îì.*

Observação 4.ª — Digraphos como *-ùę̯* em *tùę̯* (tua), *-ìę̯* em *tìę̯* (tia), *-íę̯̃* ou *-íę̥̃* em *kíę̯̃* ou *kíę̥̃* (quem, — no sub-dialecto sendinês), *-ìę̯̃* em *fugìę̯̃* (fugiam) não são ditongos propriamente ditos, mas verdadeiros dissyllabos. — Em um manuscrito mirandês moderno lê-se *ruo* (rua) e *faʒie, pudie, tenie.* — Nos meus antecedentes estudos mirandeses escrevi *ŭô* por *-ùę̯* (ex.: *tŭô* em vez de *tùę̯* ou *tůǫ̬ę̯*), *ĭê* por *ìę̯* (ex.: *mĭê* em vez de *mìę̯*) ou por *ę̬ę̯* (ex.: *dę̬ę̯* por *dìę̯*) e *-iêm* ou *-ĭêm* por *ìę̯̃* (ex.: *fugiêm* ou *fugĭêm* em vez de *fugìę̯̃*).

Observação 5.ª — Sobre a existencia de tritongos vide adeante o § 35-*d*.

4. Consoantes mirandesas

12. A tabella das consoantes mirandesas é esta:

		LABIAES		LINGUAES (Linguo-dentaes)				PALATAES (Linguo-palataes)		
		Bi-labiaes	Labio-dentaes					Antero-palataes	Medio-palataes	Postero-palataes (Gutturaes)
Explosivas	surdas	*p*	–	*t*	–	–	–	*ch*	–	*k*
	sonoras	*b*	–	*d*	–	–	–	–	–	*g*
Nasaes		*m*	–	*n*	–	–	–	*nh*	–	*ŋ*
Lateraes	puras	–	–	*l*	–	–	–	*lh*	–	–
	gutturalizadas	–	–	*ł*	–	–	–	–	–	–
Vibrantes	forte	–	–	–	–	–	*rr*	–	–	–
	lene	–	–	–	–	–	*r*	–	–	–
Fricativas	surdas	–	*f*	–	*ç*	*s*	–	*x*	–	–
	sonoras	*ƀ*	(*v*)	*đ*	*ʒ*	*ʃ*	–	*j*	*y*	*ǥ*

Observação. — Á cêrca de consoantes aspiradas vid. § 34-*b*. — A disposição precedente não a julgo em verdade muito rigorosa, porque as nasaes, as lateraes e as vibrantes não estão para com as explosivas e fricativas em relação de paridade; mas é assim mais simplez, e acaso mais clara.

13. Exemplos de palavras em que entram todos os sons precedentemente indicados, e algumas notas sobre estes:

p——Ex.: *pai, capa*. Tem o mesmo valor que em português. Só póde ser inicial de syllaba.

b——Ex.: *bǫno, ambos*. Só póde ouvir-se no princípio de palavra (depois de pausa ou de nasal), e no meio de palavra depois de nasal (*m*). Tem o mesmo valor e uso que em português. Corresponde physiologicamente, como sonora, ao *p*.

m——Ex.: *mai*. Com valor phonetico de consoante só póde ser inicial de syllaba, como em português. Em palavras como *ambos, sı̊ęmpre*, não é mera resonancia nasal, pois, se denota que a vogal precedente se nasala, indíca tambem que entre ella e o *p* e *b* immediatos se intercala a consoante nasal *m* (§ 7); taes palavras podiam escrever-se d'esta maneira: *ā̃-mbos, sı̊ę̃-mpre*.

ƀ——Ex.: *adaƀinar* (adivinhar), *silƀa, yęrƀa, ls ƀǫnos*. Ouve-se entre vogaes, e depois de consoante sonora. O mesmo som, nas mesmas condições, existe em português. Só em notação phonetica o representarei assim; no uso corrente represento-o por *b*, como na nossa lingoa litteraria.

f——Ex.: *fame*. Soa como em português. Só póde ser inicial de syllaba.

t——Ex.: *töu, rato* (espaço), *tìę, turçöū* (terçol), *stréilha*. Soa como em português na palavra *teu*. Só póde existir como inicial de syllaba, ou depois de *s* inicial (com o qual se liga).

d—Ex.: *döu, ando.* Soa como em português na palavra *deu.* Só existe no principio de palavra (depois de pausa, de nasal e de *l*), e no meio, depois de nasal ou de consoante que não seja *s, z* ou *r.* Corresponde physiologicamente, como consoante sonora, ao *t.*

n—Ex.: *nó.* Como em português na palavra *não.* Só póde, como consoante, ser inicial de syllaba. Em palavras como *santo, lindo, mọncas* (monco), *pongo* (ponho), não é mera resonancia nasal, pois, se denota que a vogal precedente se nasala, indíca tambem que entre ella e a consoante seguinte se desenvolve *n* ou *ŋ* (§ 7): essas palavras podiam escrever-se *sã-nto, lĩ-ndo, mõ-ŋcas, põ-ŋgo.*

l—Ex.: *bolar* (voar). Como em português na palavra *lapa.* Existe em qualquer posição que não sejam as mencionadas no número seguinte.

ł—Ex.: *caldo, l pai.* Só existe em fim de syllaba (geralmente medial), e quando por si só constitue uma syllaba, como no artigo *l* antes de consoante. Este som existe em português em *caldo, sol.* Em muitas localidades de Portugal o *l* gutturalizado final recebe uma vogal de apoio (-ẹ, -ị, -ạ) e torna-se puro, por exemplo em *solẹ* (sol). Só em notação phonetica o representarei como fica indicado, isto é, por *ł;* no uso corrente represento-o por *l,* como na nossa lingoa litteraria.

đ—Ex.: *codiçoſo, ls dedos, lhuç dẹl cięlo, tarde.* Intervocalico, e depois de *s, ç* (*z*) e *r.* Soa como em português na palavra *bode;* analogo ao *th* brando inglês. Só em notação phonetica o representarei assim, isto é, por *đ;* no uso corrente represento-o por *d,* como em português.

ç—Ex.: *Martinç, coçar, cįęlo, cinco, cebada, çamarra*. Póde ser final, medial e inicial. Antes de *ĩ*, *i*, *e*, represento-o normalmente por *c*, como em português; só em notação phonetica o poderei representar por *ç*. Tem o valor do *ç* da lingoagem do Porto, o qual differe um pouco do de Lisboa. O *ç* de Lisboa, isto é, a linguo-dental sibilante inicial de syllaba (ex.: *certo, sal, coçar, nosso*) produz-se, tocando-se com a ponta da lingoa nos dentes inferiores, e deixando-se passar o ar por uma fenda que fica entre a face antero-superior da lingoa e os alveolos superiores; no *ç* do Porto não só, como me parece, aquella fenda é produzida um pouco mais adeantė, mas ha maior apêrto dos orgãos factores, do que resulta ser o *ç* portuense mais sibilante que o lisbonense.—Sirvo-me da expressão *ç* do Porto ou portuense, e *ç* de Lisboa ou lisbonense por brevidade de expressão, pois o *ç* do Porto existe nesta cidade, e creio que noutras do Norte e Centro do reino[1], existe a par de *s* na raia sêcca do Norte, e em muitos pontos do Sul do Mondego; o *ç* de Lisboa existe nesta cidade, e em muitos

---

[1] Por *Norte do reino* entendo Tras-os-Montes e a antiga provincia de Entre-Douro-e-Minho: isto é, o territorio português ao Norte do rio Douro, territorio chamado ordinariamente nos antigos documentos Alem-Douro. Por *Centro* entendo a antiga provincia da Beira, que comprehende pouco mais ou menos as modernas -Alta, -Baixa e -Occidental (districto de Aveiro, e parte dos de Coimbra e Porto): isto é, o territorio comprehendido entre o rio Douro e uma linha que una a foz do Mondego ao Tejo, um pouco a baixo do ponto em que este entra na provincia a que elle dá o nome. Por *Sul* entendo o territorio comprehendido entre esta linha e o extremo do país. Nos pontos confinantes é difficil dizer o que pertence a uma região e á região vizinha: assim, Gaia pertence em rigor á Beira; mas não poderá considerar-se tambem como de Entre-Douro-e-Minho? De modo geral e em resumo: o Norte comprehende Tras-os-Montes e Entre-Douro-e-Minho; o Centro comprehende a Beira; o Sul comprehende a Extremadura, o Alemtejo e o Algarve. Esta divisão é perfeitamente natural.

pontos do Sul do Mondego. O que digo do *ç* póde dizer-se do *z*, porque ha *z* lisbonense e *z* portuense nas mesmas condições que *ç*.

z—Ex.: *firmeza, Frezno, Zenizio.* Póde ser inicial de syllaba ou de palavra, e medial; em fim de palavra só póde ouvir-se quando a palavra seguinte começa por consoante sonora: *lhuç del cielo* (pronúncia: *lhuz del çielu*). Tem o valor do *z* do Porto, e corresponde physiologicamente, como consoante sonora, ao *ç*. Vid. o que a respeito d'este se disse no número precedente.

s—Ex.: *bós, nosso, este, söu.* Final de syllaba (antes de consoante surda), final de palavra (em pausa, ou antes de consoante surda), inicial de syllaba medial (depois de consoante), inicial de palavra e intervocalico (representado por *ss*). Este som ouve-se tambem no Norte e Centro do reino. Analogo ao *s* castelhano, que se produz, formando-se um canal, para passagem do ar, entre a página inferior da lingoa e os alveolos superiores. Ha pontos do nosso país em que, segundo creio, este *s* se aproxima mais de *x* do que noutros.—O *s* final, tanto mirandês como português (do Norte e Centro[1]) é um pouco attenuado.

ſ—Ex.: *roſa, aſno, ſabel* (= Isabel), *lſ nius.* Medial (e intervocalico), final de palavra antes de consoante sonora, e (raramente) inicial de palavra. Corresponde physiologicamente, como consoante sonora, ao *s*, e occupa a mesma área geographica que este.

---

[1] Digo *do Norte e Centro*, porque no Sul do reino o *s* final de palavra, ou final de syllaba antes de consoante surda, soa *x* attenuado. Em Lisboa, por exemplo, as palavras *pós, peste, casca,* pronunciam-se *póx, péxte, cáxca,* com *x* fraco.

rr — Ex.: *torre, riba.* Medial ou inicial. Como em português, quando este não é proferido gutturalmente (por exemplo, em Setubal[1]).

r — Ex.: *chorar.* Medial ou final. Como em português.

ch — Ex.: *chombo.* Inicial ou medial. Igual ao *ch* castelhano. Ouve-se em todo o Norte e Centro de Portugal, e em alguns pontos do Sul.

nh — Ex.: *leinha.* Medial. Como *nh* português e provençal e *ñ* castelhano.

lh — Ex.: *lhuç.* Inicial ou medial. Como *lh* em português e provençal e *ll* em castelhano.

x — Ex.: *baixo.* Medial ou inicial. Como em Lisboa. Cf. *Revista Lusitana,* IV, 22. Póde ser mais ou menos palatal, conforme está proximo de *i, e,* ou de *a, o, u.*

j — Ex.: *juiç.* Medial ou inicial. Como em Lisboa. Corresponde physiologicamente, como consoante sonora, ao *x,* modificando-se pois tambem, como este, mais palatalmente antes de *i, e.*

y — Ex.: *yöu.* Inicial ou medial. Como o *y* castelhano normal em *yo.* — Á cêrca do *y* nos dialectos hespanhoes cf. Schuchardt, in *Zeitschrift für romanische Philologie,* v, 311-312.

k — Ex.: *caſa, cǫrda, que, quinta, quiẹro.* Medial ou inicial. Soa como em português. Represento-o por

1 O *r* guttural, ou mais propriamente *uvular,* é de facto uma particularidade da lingoagem de Setubal, onde elle se ouve quasi constantemente, tanto na pronúncia das pessoas cultas, como na das incultas. — Tambem se encontra noutras partes do país, mas de modo avulso.

c e *qu* nas mesmas condições que em português, sendo, como na nossa lingoa, mais ou menos palatal, conforme está proximo de *i* (e *ĭ*), *e*, ou de *a, o, u*.

g — Ex.: *gata, gote* (pequeno seixo rolado), *guerra, seguir*. Medial e inicial. Soa como em português. Corresponde physiologicamente, como consoante sonora, ao *k*, sendo tambem mais ou menos palatal, conforme a vogal que se lhe segue. Represento-o como em português.

ŋ — Ex.: *ũŋa, bĩẽ ŋ alto*. Medial, isto é, entre nasal e vogal, quer pertencentes á mesma palavra, quer a palavras diversas[1]. É o *n* guttural germanico (allemão e inglês *ng*, ex.: *lang, long*), ou analogo a elle. Em português usual póde ouvir-se em *anca* (ãŋca), *longo* (lõŋgo), mas é muito menos claro que em mirandês na palavra *ũŋa*. Nos dialectos do Norte do reino é elle frequente: assim, por exemplo, nos arredores de Guimarães diz-se *ũŋa* como em mirandês, *àrgũŋa* ou *àurgũŋa* ou *ɑurguŋa* (= alguma)[2]. Em gallego tambem existe este som na palavra que habitualmente se escreve *unha*, e na ultima syllaba das palavras acabadas em *n*, por ex.: *fun*, que se pronuncia *fuŋ* ou *fũŋ*.

g — Ex.: *fogaça*. Soa como em português em *fogo*, e apparece nas mesmas condições que nesta lingoa: intervocalico, e depois de *s, l, r*. Só em notação phonetica o representarei assim; na escrita corrente represento-o por *g*, como em português litterario.

---

[1] É duvidoso se em mirandês se ouve no fim das palavras, depois de vogal nasal, em pausa, por ex.: *cúidã* (*cúidãŋ?*)

[2] Vid. *Dialectos interamnenses*, VI, 8, onde, a exemplo de alguns phoneticistas, representei por π o mesmo som que aqui represento por *ŋ*. Outros representam-no por *ñ*.

14. Na pronúncia normal mirandesa não existe differença entre *b* e *v*: este som é substituido por aquelle (e por *ƀ*); só em lingoagem affectada, num ou noutro individuo, se poderá ouvir *v*. Em castelhano succede o mesmo actualmente, mas outr'ora nessa lingoa, como tambem certamente em mirandês, parece que se mantinha a distincção, e sería pelo sec. XVI que a confusão começaria a manifestar-se no castelhano[1].

No nosso país dão-se a respeito do *b* e do *v* os seguintes factos: mais ou menos ao Sul do Mondego, com excepção de algumas regiões, distingue-se *b* de *v*, e diz-se, por ex.: *bom vinho*; no Entre-Douro-e-Minho e na Beira o *v* e o *b* trocam-se a cada passo, ouvindo-se, e até vendo-se escrito, *vom binho*, com quanto seja maior a tendencia para se dizer *b* por *v*, do que a inversa; em Tras-os-Montes, sobretudo na raia, não existe *v*, que é, na pronúncia normal, absolutamente substituido por *b*, dizendo-se pois *bom binho*. Synthetizando estes phenomenos num typo, temos: a região do *bom vinho*, a do *vom binho* e a do *bom binho*; escolhi este exemplo, por elle ser apontado vulgarmente como caracteristico, e porque muitas vezes tenho visto escrito nas taboletas das vendas do Norte e Centro do país VOM BINHO.

5. Reflexões geraes sobre os systemas de transcrição dos sons

15. Systema de transcrição rigoroso sería aquelle em que não só a cada som simplez correspondesse sua lettra, embora com diacriticos, mas se indicassem todas as particularidades phoneticas, ainda as mais tenues ou mais delicadas, como o som de *x* e *j* antes de *e*, *i* (§ 13, no *x* e *j*), o de *s* final (§ 13, no *s*), o desenvolvimento de consoantes nasaes, quasi imperceptiveis,

---

[1] R. J. Cuervo, in *Revue Hispanique*, II, 5–15.

entre vogal nasal e consoante explosiva, ex.: *tĩẽ-mpo* (§ 7), o desenvolvimento de *n* guttural, isto é, *ŋ*, entre palavra terminada por vogal nasal e palavra começada por vogal oral (§ 13, no *ŋ*, e § 39), as modificações das vogaes antes de *l* gutturalizado, da semi-vogal *ů*, e de consoante nasal (§ 3), as semi-vogaes *i̊* e *ů* (§ 8), o ensurdecimento da parte atona da palavra (§ 34-*a*), a aspiração (§ 34-*b*). Como isto tornava extremamente difficil a leitura, resolvi, com a orthographia que adopto nos textos mirandeses, afastar-me, quanto menos melhor, da orthographia portuguesa, e tambem empregar o menor número possivel de diacriticos, tudo porém de modo que, facilitando a leitura corrente, não leve o leitor a falsear a pronúncia em nenhum ponto fundamental; apenas no *Vocabulario,* por occasião de indicar a pronúncia de cada vocabulo, me aproximo um tanto da transcrição rigorosa, e escrevo por exemplo sempre *k* (banindo pois o *c* e *qu*), sempre *ç*, mesmo antes de *e*, *i*[1]; comtudo escrevo *ss* entre vogaes, e *gu* antes de *e, i,* com o valor de *g*, porque escrever respectivamente *s* simplez e *g* simplez sería mal acceite por olhos portugueses, habituados a lerem *s* e *g* naquellas condições como *z* e *j*; escrevo além d'isso *lh, nh, ch, rr.* — Excepto nas palataes *lh, nh* e *ch,* nos tempos do verbo *haver* e nas interjeições *ah* e *oh,* não emprego *h;* escrevo pois *ome, onra,* etc., etc., como por vezes se lê nos textos portugueses archaicos. Com *i* represento a conjunção correspondente á portuguesa *e*.

---

1 Muitos textos antigos portugueses offerecem *ç* antes de *e, i;* por exemplo, para não ir mais longe, a propria *Grammatica* de F. de Oliveira, onde se lê: *pareçe, pronũnçiar, açento, çima,* etc. — Neste ponto não faço mais do que ir com os velhos.

Em hespanhol temos tambem numerosos exemplos de *ç* antes de *e, i* na idade-média: vid. R. J. Cuervo in *Revue Hispanique,* II, 24 sqq. Mesmo no *Poema del Cid* (sec. XII–XIII) o nome do heroe se escreve *Çid*.

16. Os sons que não existem em português litterario, como ę, ǫ, ẹ, ou só existem nos dialectos, como ö, ŋ, ʃ, tenho de os indicar por signaes especiaes. Os signaes ǫ, ö e ŋ, são já adoptados por varios phoneticistas, sendo mesmo ö o signal normal em allemão para indicar sons da natureza do mirandês, embora não iguaes a elle; o signal ʃ é muito antigo na orthographia portuguesa, como póde ver-se em qualquer livro escrito até o sec. XVIII, posto que representasse outros valores phoneticos alem de aquelle que aqui lhe dou[1]. Para transcrever o som de consoante surda correspondente a ʃ, aproveito o *s*, por elle representar em parte esse som na moderna orthographia portuguesa. Com quanto o som ì exista no português de Lisboa no ditongo *-iu* (*viu, fugiu,* etc.), represento-o sempre por *ì*, mesmo naquellas palavras em que, se escrevesse simplezmente

---

[1] Nos antigos escritos portugueses ʃ empregava-se:

1.º) no princípio de palavra, com o valor de sibilante surda; ex.: *ʃanto;*

2.º) dobrado, entre vogaes, com o valor mencionado no paragrapho antecedente; ex.: *eʃʃa* (ás veses tambem inicial, ex.: *ʃʃe;* modo mais raro e antigo de escrever);

3.º) entre vogaes, com o valor de sibilante sonora; ex.: *caʃa;*

4.º) antes de outra consoante, excepto *f*, ora com o valor mencionado nos n.os 1.º e 2.º, ora com o valor mencionado no n.º 3.º (numa e noutra circumstancia porém um pouco attenuado), conforme a consoante seguinte era surda ou sonora; ex.: *deʃpois, eʃtar, caʃca, deʃbotar, deʃde, engaʃgado, meʃmo;*

5.º) depois de outra consoante, com o valor mencionado nos §§ 1.º e 2.º; ex.: *falʃo, manʃo.*

Antes de *f* não se escrevia ʃ (pelo menos não acho agora de pronto exemplo), mas *s*, por causa talvez da semelhança existente entre o *f* e ʃ, o que traria confusão. No fim de palavras usava-se também *s*.

Nos meus textos mirandeses só attribuo a ʃ o valor mencionado no § 3.º

N. B. O signal ʃ não é peculiar á nossa antiga orthographia; encontra-se tambem noutras. — Este ʃ chama-se *de cauda.*

iu, o *ì* não se lería de outro modo em Lisboa; faço isto já, porque em algumas localidades, por exemplo na Beira, *iu* se pronuncía *i-o* (dissyllabo), já por symetria com *mìẹ, benìẹ,* onde, se eu escrevesse simplez *i,* e se o leitor o pronunciasse como o *i* normal português em *fita,* a pronúncia sería muito diversa da mirandesa.

17. Excepto no ditongo *ȋẹ,* que não existe em português, e que, se fosse escrito *iẹ,* com simples *i,* poderia ser pronunciado erradamente, não represento nos textos geralmente as semi-vogaes *ȋ* e *ȗ* (§ 8) com diacriticos. De facto *ai, ei, ui, au, eu, iu,* pronunciam-se em mirandês como em português (§ 8). Á cêrca de *ȗọ,* vid. § 10, Obs. 2.

18. Tambem, como disse a cima, não represento nos textos por signaes especiaes as sonoras *ƀ, đ, g̱,* nem o *ł,* porque *b, d, g,* intervocalicos e o *l* gutturalizado tem em mirandês e em português o mesmo valor. Pelo mesmo motivo não escrevo *u̯,* mas *o* ou *u,* que, quando atonos, soam *u̯* como o português. O *i̯* umas vezes será assim representado, outras por *-e,* como na orthographia normal (vid. § 2, no *i̯, u̯*).

19. Quanto ás nasaes, escrevo em fim de palavras: *ã, ẽ,* e não *-am, -em,* porque *-am* podia ler-se nessas circumstancias *-ão,* e porque *-em* podia ler-se *-ẽi, -ãi* (conforme a naturalidade dos leitores). Por analogia com este modo de escrever, e por isso ser mais conforme com a pronúncia, escrevo tambem *-ẹ̃, -ẹ̃, -ĩ, -ũ, -õ,* com quanto aqui não houvesse perigo de confusão, se em vez do til sobreposto, eu escrevesse *m* posposto. No interior das palavras represento a nasalidade por *n* ou *m,* conforme a orthographia portuguesa.

20. Com relação aos ditongos nasaes, já disse no § 11-Obs. 2, que represento *ṏũ* por *ṏũ;* se aqui repito

o que primeiro notei, é que desejo deixar mencionado nesta secção tudo o que se refere á transcrição phonetica.

21. A respeito dos accentos graphicos, não me afasto das regras que costumo adoptar quando escrevo português, e que são muito simples:

a) Accentuo com accento agudo ou circumflexo as palavras que, lidas sem accento, ou com accento diverso do empregado, dão outro sentido, como *porém* (por causa de *pôrem*), *côro* (por causa de *córo*), *pêco* (por causa de *pecco*), *pára* (por causa de *para*), mas exceptuo geralmente as palavras de uso muito vulgar, como *para* (não escrevo pois *pâra*), *este* (não escrevo pois *êste*);

b) Accentuo com os mesmos accentos os polysyllabos acabados em vogal oral tonica, simples ou seguidos de *-s*, e os monosyllabos acabados em *á, é, ê, ó, ô*, simples ou seguidos de *-s*, ainda que possa não haver motivo de confusão de pronúncia; por ex.: *dará, liró, acajú, colibrí, José, mercê, português, pá, pé, sê, dó, xô, pás, pés, pós;* mas, se empregar *h*, evito o accento, como em *bahu, sahi, oh, ha;*

c) Fóra dos casos que acabo de indicar, accentuo ainda as palavras em cuja leitura possa haver dúvida, ou cuja pronúncia se costume errar, por ex.: *Casével, Ponsúl, Recarêde, chrysántemo* (chrysântemo), *hippódromo, pudíco, espécime, rubríca, cyclópe.*

d) Accentuo com accento grave as vogaes atonas abertas, por ex.: *sàdio, vèdor, còrar.*

22. Deve porém entender-se que em mirandês, como em geral não ha *ê* nem *ô*, não terei senão raro de empregar o accento circumflexo. Mais devo notar, — e para isto chamo a attenção do leitor —, que, quando eu marcar com accento agudo ou grave as vogaes *e* e *o*, isto é, quando apparecer *é — è, ó — ò*, estas vogaes se devem ler, não como em português, mas como *e* mi-

randês accentuado (= *e* hespanhol), e *o* mirandês accentuado (= *o* hespanhol). Effectivamente (§ 2, no *o* e *e*) os sons portugueses *é—è* em *pé* e *prègar,* e *ó—ò* em *pó* e *pòveiro,* não existem na pronúncia normal mirandesa, mas são substituidos por sons que ficam respectivamente entre *é—ê* e *ó—ô* portugueses, isto é, por sons iguaes ao *e, o* hespanhoes[1].

*

23. Como nas typographias particulares nem sempre haverá alguns dos signaes que adopto, deixo aqui indicado como, sem se falsear muito a pronúncia mirandesa, se obviará, quando se publicarem textos mirandeses, ás maiores difficuldades do emprêgo dos signaes especiaes:

ʃ—póde ser substituido por *s;*

ŋ—por *ṇ̀* (i. é, *ǹ* invertido), ou mesmo póde deixar de ser representado, escrevendo-se, por exemplo, *ũa,* com tanto que se dê uma explicação (mas melhor será representar de algum modo o som);

e̥—póde ser substituido por simplez *ə* (i. é, *e* invertido);

i̯—por *ı̯* ou simplez *-i;*

ę̂—por *ə̂* (i. é, *ê* invertido);

e̯—por *ə̯* (i. é, *ĕ* invertido) ou por *ɒ* (i. é, *a* invertido).

---

[1] Fique dito, de uma vez para sempre, que quando eu, sem mais explicação, comparar phenomenos mirandeses com os de outras lingoas (hespanhola, portuguesa, etc.), não quero estabelecer relações genealogicas, mas apenas analogias ou equivalencias. Ao notar, por exemplo, que o *o* e *e* tonicos mirandeses são o *o* e *e* hespanhoes, desejo só frisar a equivalencia phonetica, e não asseverar de modo nenhum que esses sons mirandeses vem dos sons hespanhoes correspondentes, asserção que sería tão falsa como a inversa!

O *ǫ* não tem difficuldade, porque póde considerar-se como *ò* invertido. O *ẽ*, e *ö* é que não podem substituir-se sem desvantagem[1]. Do *ũ* em *ũa* tambem não póde prescindir-se, a não ser que se escreva *um-a*. No fim das palavras não ha nenhum inconveniente em se escrever *-um* em vez de *-ũ*, e *-im* em vez de *-ĩ*.

6. Recapitulação

24. Para maior clareza, apresento aqui em tabellas, resumidamente, os valores de todas as lettras que apparecem nos textos. Antes de se lerem os textos, consultem-se pois as tabellas seguintes:

---

[1] Do inconveniente de *-em* por *-ẽ* fallei a cima. Escrever *ou* pôr *öu* póde fazer que no Sul se leia *ô*, que é aqui o modo habitual de pronunciar o ditongo *ou*, sobretudo antes de consoante, ou quando final.

a) Vogaes oraes:

Orthographia dos textos	Natureza da syllaba	Notação do § 1	Valor phonetico
a	tonica.	*a*	= *a* hesp.; ex.: *casa*.
á			
à	atona.		
a	»	*ḁ*	= *a* surdo port.; ex.: *roca*.
e	tonica.	*e*	= *e* hesp.; ex.: *era*.
é			
è	atona.		
e	»	*e̥*	= *e* surdo port.; ex.: *de*.
e̥			
e̯	»	*e̯*	Som entre *e̥* e *ḁ*, analogo ao *e* all. em *Tage*.
e̬	tonica.	*e̬*	Som entre *i* e *ê*, analogo ao *i* do ingl. *fill*.
-e	atona.	*i̯*	= *i* abafado; ex.: na pronúncia lisboeta o *i* em *biscoito*.
i̯			
i	tonica *ou* atona.	*i*	quasi *i* port. em *vida*, *citar*.
ì	tonica.	*ı̀*	= *i* no ditongo *viu* em Lisboa.
o	atona.	*o*	= *o* hesp.; ex.: *sola*.
ó			
ò	»		
o	»	*u̯*	= *o* port; ex.: *caro*.
o̬	tonica.	*o̬*	Som entre *ô* e *u*, analogo ao *u* do ingl. *bosom*, *cushion*.
u	»	*u*	quasi *u* port. em *tu*, *rua*.
ù	»	*o̬*	= *o̬*.

b) Vogaes nasaes:

Orthographia dos textos	Natureza da syllaba	Notação na tabella do § 6	Valor phonetico
ã an am	tonica *ou* atona.	*ã* *an* *am*	Como em port. em *lã, canto, tampa,* mas um pouco mais aberto.
ẽ en em	» » »	*ẽ* *en* *em*	Como em port. em *enxe,* com *e* entre *é* e *ê*.
ẹ̃ ẹn ẹm	» » »	*ẹ̃* *ẹn* *ẹm*	Como na pronúncia do Minho, nas palavras *pensar, tentar, lembrar;* i. é, *e* surdo (= *ẹ*) nasal.
ĩ in im	» » »	*ĩ* *en* *em*	Como em port. nas palavras *fim, lindo, limpo,* ou pouco mais ou menos.
õ on om	» » »	*õ* *on* *om*	Como em port. em *som,* com *o* entre *ó* e *ô*.
ọ̃ ọn ọm	» » »	*ọ̃* *ọn* *ọm*	= *ọ* nasal.
ũ un um	» » »	*ũ* *on* *om*	Como em port. (ou quasi) nas palavras *um, fundo, chumbo.*

c) Semi-vogaes e ditongos:

Orthographia dos textos	Natureza da syllaba	Notação nas tabellas dos §§ 8 e 11	Valor phonetico
i̯e̥	tonica.	*i̯e̥*	*i* rapido, seguido de *e̥*.
ua	»	*ŭa*	Como em port.; ex.: *quatro*.
i̯ẽ̥ i̯e̥n i̯e̥m	»	*i̯ẽ̥* *i̯e̥n* *i̯e̥m*	*i̯e̥* nasal.
ai	tonica *ou* atona.	*ai̯*	= *ai* pouco mais ou menos na palavra portuguesa *pai*.
ei	» » »	*ei̯*	= *ei* pouco mais ou menos na palavra portuguesa *anneis*.
ui	» » »	*ui̯*	= *ui* pouco mais ou menos na palavra portuguesa *fui*.
au	tonica *ou* atona.	*ạu̯*	Pouco mais ou menos como na palavra portuguesa *pau*.
eu	» » »	*ẹu̯*	Pouco mais ou menos como na palavra portuguesa *reu*.
ìu	tonica.	*ịu̯*	Como na palavra portuguesa *viu* (em Lisboa).
öu	tonica *ou* atona.	*öu̯*	Quasi como em port. *ao*, que póde pronunciar-se *âu*.
öũ	tonica.	*öũ̯*	= *öu̯* nasal.

N.B. Sobre o sendinês *ão* vid. § 11.

d) CONSOANTES:

Orthographia dos textos	Posição da consoante	Notação na tabella da § 12	Valor phonetico
b	intervocalica.	*ƀ*	Como na palavra portuguesa *aba*.
	noutra posição.	*b*	Como em port.; ex.: *barco, ambos*.
c	inicial e medial antes de *a, o, u*.	*k*	Como em port.; ex.: *arca, pouco, custo*.
	inicial e medial antes de *e, i*.	*ç*	Como em port.; ex.: *cera, cisco*.
ch	inicial *ou* medial.	*ch*	= *ch* cast., e como no Norte e Centro do reino na palavra *chapa*. Quasi *tx*.
ç	final, medial, inicial.	*ç*	Como, na pronúncia do Porto, nas palavras *aço, saber, nosso, cepo, cinta*.
d	intervocalica.	*đ*	Como em port.; ex.: *lado*.
	noutra posição.	*d*	Como em port.; ex.: *dar*.
f	inicial de syllaba.	*f*	Como em português; ex. *fé*.
g	inicial e medial (não intervocalica), antes de *a, o, u*.	*g*	Como em port.; ex.: *gato, gosto, gula*.
	intervocalica.	*ǥ*	Como em port.; ex.: *Agosto*.
	g(u) antes de *e, i*.	*g*(*u*)	Como em port.; ex.: *guerra, guita*.
j	g antes de *e, i*. inicial e medial.	*j*	Como *g* e *j* em port.; ex.: *ginja, geito*.
l	final de syllaba, *ou* avulsa.	*ł*	Como em port.; ex.: *salto*.
	noutra posição.	*l*	Como em port.; ex.: *lata*.
lh	medial e inicial.	*lh*	Como em port.; ex.: *lhe, rolha*.
m	inicial de syllaba.	*m*	Como em port.; ex.: *meu*.
	depois de vogal a que se junte.	*m* ~	Serve de nasalar essa vogal.

Orthographia dos textos	Posição da consoante	Notação na tabella do § 12	Valor phonetico
n	inicial de syllaba.	*n*	Como em port.; ex.: *nó*.
	depois de vogal a que se junte.	*n* ~	Serve de nasalar essa vogal.
nh	medial.	*nh*	Como em português.
p	em qualquer das que póde ter.	*p*	Como na palavra portuguesa *pé*.
q(u)	inicial e medial.	*k*	Como em port.; ex.: *quasi, quero, quinta*.
r	medial *ou* final.	*r*	Como em port.; ex.: *harpa, tarde, hora*.
	inicial.	*r*	Como em port.; ex.: *rapaz, carro*.
rr	medial.	*rr*	
s	final e inicial.	*s*	Como *s* hesp. Pouco mais ou menos tambem como o *s* popular na lingoagem das provincias do Douro e Beira em *salto, nosso, pós*. Aproxima-se de *x*.
ſ	inicial, medial e antes de consoante sonora.	*ſ*	Pouco mais ou menos como, na pronúncia da provincia do Douro e na da Beira, o *s* nas palavras *rosa, mesmo*. Aproxima-se de *j*
t	inicial de syllaba, ou depois de *s* a que se liga.	*t*	Como em português.
x	medial *ou* inicial.	*x*	Como em port.; ex.: *baixa*.
y	inicial *ou* medial.	*y*	Como o *y* cast.; ex.: *ya*.
z	inicial e medial.	*z*	Como, na pronúncia do Porto, nas palavras *azedo, asa*.
ŋ	entre nasal e vogal.	*ŋ*	Como *ng* germ.; ou como nos arredores de Guimarães em *ũŋa*, quasi *unga*.

b) Ligação dos sons mirandeses entre si

1. Preliminares

25. Com quanto nem os ditongos, nem as vogaes nasaes, sejam sons simples, porque aquelles resultam da união de vogaes com semi-vogaes, e estas encerram uma resonancia nasal que se addiciona aos respectivos sons oraes, todavia consideram-se como unidades phoneticas. Por isso tratei d'ésses sons na sub-secção antecedente. Aqui vou tratar dos phenomenos que se produzem quando os sons simples ou as outras unidades phoneticas constituem palavras e phrases. Sem dúvida os sons simples, como *i, á, ó,* ou outras unidades phoneticas, como *ai, ui,* podem por si constituir palavras, não havendo pois *ligação;* no emtanto, como esse é o facto mais raro, e como o facto mais usual é o da ligação, dei este nome á sub-secção presente.

2. Syllabas

26. As palavras mirandesas podem ser:
monosyllabas, ex.: *yöu;*
polysyllabas, ex.: *cheno, detener, asmerujar, öurégano.*

27. Conforme o seu lugar nas palavras ou nas simples syllabas, os sons chamam-se *iniciaes, mediaes* e *finaes;* os que ficam entre vogaes chamam-se particularmente *intervocalicos.*

3. Accento tonico

28. As vogaes podem ser atonas, como o *o* em *cheno,* e tonicas, como o *e* na mesma palavra.

29. O accento tonico (não se confunda com o accento graphico, §§ 21 e 22, que é mero signal de orthogra-

phia) póde recair na última syllaba, na penultima ou na ante-penultima, como em hespanhol e português, do que resulta serem as palavras mirandesas:

oxytonas ou agudas; ex.: *detener;*
paroxytonas ou graves; ex.: *cheno;*
proparoxytonas ou esdruxulas; ex.: *öurégano.*

Ha tambem palavras mirandesas em que, em virtude da *énclise* (§ 35), o accento recai alem da ante-penultima syllaba, como *fúrũ-se-le.* Podemos a taes palavras (ou melhor, grupos de palavras) chamar *ultra-esdruxulas.*— Cf. port. *matáram-no-lo,* ital. *andandosene,* cat. *quedár-se-me-les,* hesp. *presentándotese.*

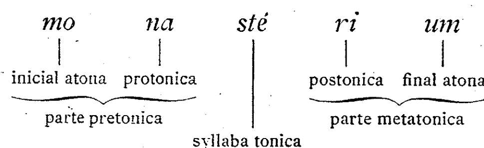
30. Ha palavras que podem ter um accento secundario; por ex.: *lindamente* (em *lin-*).

31. Pela sua natureza os monosyllabos são oxytonos, ou são atonos; ex.: *yöu, me.*

32. Não é inutil chamar a attenção do leitor para o facto de as palavras mirandesas poderem receber o accento tonico em differentes lugares, pois, se ha idiomas como, por exemplo, o português, o hespanhol, o italiano, o francês antigo, o allemão, o inglês, o grego, onde, entre os polysyllabos existem as tres classes de palavras, ha outras onde só existem duas ou uma: assim o latim não tem outros oxytonos senão os monosyllabos, por causa da natureza d'estes; o catalão antigo não tem proparoxytonos (o catalão moderno, alem dos casos de énclise, tem proparoxytonos, ordinariamente por influencia do castelhano, onde elles abundam); o francês moderno tem em rigor só oxytonos, pois palavras como *âme, amie, table, rue,* pronunciam-se *a-m, ami', tabl', ru'.* Estes phenomenos resultam de condições phoneticas mais geraes: assim o lat. lacrima, ao passar para o francês, perdeu o *i* metatonico (§ 33), segundo uma lei d'esta lingoa, e tornou-se *lacrma, que em

francês archaico se mudou em *lairme,* d'onde veiu o moderno *larme* (pronúncia *larm'*); em português e hespanhol, porém, ou por influencia litteraria, ou porque o grupo *-crm-,* que resultaria de syncope igual á mencionada, não póde admittir-se, temos *lágrima*.

33. Com relação ao accento tonico, as syllabas atonas costumam em geral denominar-se: metatonicas ou postonicas, se ficam depois d'elle; e pretonicas ou protonicas, se ficam antes. Conservando as expressões *metatonica* e *pretonica* no sentido indicado, podiamos reservar a expressão *protonica* para a syllaba que precede immediatamente a tonica, e *postonica* para as que se lhe segue logo. Na palavra latina *monasterium* consideraríamos d'essa maneira os seguintes elementos:



34. A acção do accento em mirandês não se limita a fazer que a palavra seja aguda, grave, esdruxula ou ultra-esdruxula, mas, como tambem em português, produs outros phenomenos:

a) a parte atona (§ 28) da palavra, se nella não entram elementos sonoros (§ 12), pronuncia-se em voz baixa, quando não se falla com emphase, por exemplo, em *canto, campo, cumparança, cismatico, testar* as syllabas *-to, -po, -ça, -tico* e *tes-* (*ts-*);

b) na parte metatonica (§ 33) as consoantes surdas podem soffrer mudanças: assim em *campo* e *santo* o *p* e o *t* aspiram-se levemente; o segundo *c* de *cismatico* torna-se mais palatal, talvez medio-palatal (§ 12).

Cf. o que sobre estes phenomenos escrevi in *Revista Lusitana,* IV, 23.

35. (*Clise*).

a) O accento tonico é a alma da palavra, *anima vocis,* como lhe chamou o grammatico Diomédes[1]; por isso não admira que a sua acção se manifeste ainda de outras maneiras.

b) Effectivamente, tanto em mirandês, como em português[2], uma palavra de somenos importancia, ligada a outra de certa importancia, póde perder o seu accento, e ficar subordinada ao d'esta palavra: se a palavra desaccentuada está antes da accentuada, chama-se *proclitica;* se está depois, chama-se *enclitica:* abrangerei os dois phenomenos sob a denominação de *clise,* que comprehende pois a *énclise* e a *próclise.*

c) Na expressão mirandesa *l pai* por *le pai,* a primeira parte é proclitica; na expressão *döu-te,* a segunda é enclitica. Qualquer das duas expressões considera-se phoneticamente como uma palavra: tanto assim é, que, em relação ás encliticas, os hespanhoes e os italianos escrevem numa palavra unica os varios elementos d'esta, por exemplo, *dime* (= di-me), *ricordarsi* (= ricordar-si), ficando nós num meio termo, pois escrevemos a enclitica ligada por um hyphen, *dize-me, recordar-se;* em relação ás procliticas variam os casos: nós, por exemplo, escrevemos *el-rei,* ao passo que os hespanhoes separam os dois elementos *el rey*[3].

---

[1] Cf. G. Paris, *Étude sur le rôle de l'accent latin dans la langue française,* Paris-Leipzig 1862, p. 8.

[2] Com relação á nossa lingoa vid. Epiphanio Dias, *Grammatica portuguesa elementar,* 9.ª ed., § 7.

[3] De eu comparar uma com a outra as duas expressões não se segue que considere o *el* do nosso *el-rei* como proveniente do artigo hespanhol, conforme se ensina frequentemente nas nossas escolas. Os dois artigos produziram-se independentemente. Vid. o que sobre o assunto escrevi no opusculo *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo* (anályse crítica), 2.ª ed., pp. 65 e 66.

d) A inconsciencia phonetica levou mesmo muitas vezes a fundir na palavra, no sentido rigoroso da expressão, o elemento proclitico ou enclitico, como no português *Sanhoane* (= San' Ioanne-), *Santulhão* (= Sanct' Iulianu-), no francês *lendemain* (= l'en-de-main), no latim *hodie* (= hoc die), no grego *καίτοι* (= *καί* + *τοι*) e *καίτοιγε* (= *καί-τοί-γε*)[1]. Em mirandês, na ligação de certas vogaes atonas com tonicas podem formar-se verdadeiros *ditongos* (§ 9) e mesmo TRITONGOS, como em *i él* que póde pronunciar-se *iél*, com o ditongo crescente *ie* (*ĭé*), e em *i öutro*, que póde pronunciar-se *iöutro*, com o tritongo crescente *iöu* (*ĭöŭ*).

4. PHENOMENOS DIVERSOS

36. A ligação dos sons opera-se, quer dentro da mesma palavra, quer de uma palavra para outra (*phonetica syntactica*). A clise comprehende já phenomenos de phonetica syntactica, mas, para ficar mencionada no artigo em que me occupei do accento, tive de tratar d'ella antes do que vou dizer agora.

37. As consoantes *b, d, g,* entre vogaes, na mesma palavra, tornam-se respectivamente *ƀ, đ, g,* (§§ 12–13); se uma palavra acabada em vogal estiver antes de *b, d, g,* estas consoantes podem respectivamente tornar-se contínuas. Assim em mirandês diz-se *barca, dọnha, gata,* mas, se estas palavras forem precedidas do artigo *la,* as consoante iniciaes modificam-se, e temos: *la ƀarca, la đọnha, la gata.* Dão-se phenomenos analogos em português[2].—Se uma palavra acaba em *-ç,* e a seguinte começa por vogal ou consoante sonora, o *-ç* muda-se

---

[1] No districto de Viseu ha uma povoação chamada *Boa Aldeia,* nome que ouvi pronunciar assim: *Bualdeia,* como se fosse uma palavra só. Está aqui outro exemplo de proclise.

[2] Cf. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique,* pp. 22, 25, etc.

em -*z*; assim *deç*, na pronúncia, muda-se em *dez*, na expressão *deç omes* e *deç lhuzes*. Se uma palavra acaba em -*s*, e a seguinte começa por vogal, o *s* pronuncia-se *ſ*, ex.: *ls omes* (pron. *lſomes*). Cf. sobre estes phenomenos o § 13 no *ç*, no *r*, no *s* e no *ſ*.—Em expressões como *dixe-lo* por *dixo-lo*, *truxe-lo* por *truxo-lo*, dá-se dissimilação momentanea de *o*(u) — *o*(u) em *e* — *o*(u) (cf. § 149).—Em *tenieũs* = *tenie uns*, que ouvi num conto popular ha crase; outra ha em *eraũŋa beç* = *era ũŋa beç*.—A algumas pessoas ouve-se pronunciar palatizado o *l* de *aquel* antes de vogal, ex.: *aquelh ome;* mas em Duas-Igrejas ouvi sempre *aquel*, quer antes de vogal, quer antes de consoante.

38. A phrase *bǫ̃ nome* pronuncia-se em lingoagem descuidada *bǫ nome*, perdendo o *ǫ̃* a resonancia, que é absorvida pela nasal seguinte (cf. a antiga expressão portuguesa *no mais* = *nom mais*).—Em *cũ* seguido de vogal, etc. póde perder-se a nasal.—Na ligação de palavra acabada em consoante liquida (*l*, *r*) com outra que comece por consoante da mesma natureza, póde dar-se absorpção (assimilação) do primeiro som no segundo, ex.: *poné-l palo ne chano, dá-la mano* (dar la mano), *fazé-l jantar; dixo'lhobo* (= dixo l lobo), *fui'lhobo* (*fui l lhobo*).—Em *tres sacos* perde-se o primeiro *s*, que é absorvido pelo segundo, do que resulta *tre' sacos*, facto vulgar noutras localidades.—Na ligação de uma palavra acabada em -*a* atono com outra começada por *a* tambem atono, perde-se um d'elles, por ex.: *Mariamara* = *Maria Amara, laçuda* = *la açuda, staba angordar* = *staba a angordar, yá 'lhá staba* = *yá alhá staba*; este facto estabelece differença entre o mirandês e o português, onde em taes circumstancias se faz geralmente crase: *ạ* + *ạ* = *á*, por exemplo em *minhàmiga* = *minha amiga*.—Outras vogaes finaes atonas podem ás vezes desapparecer antes de palavra começada por vogal.—Á cêrca do nasalamento que uma consoante

nasal (*m, n, nh*) produs na vogal precedente, quer seja tonica, quer seja atona, vid. § 3-*b*. — Em *pal dar* por *pa le dar* não só o *e* de *le* desapparece, mas o *l* torna-se gutturalizado, formando syllaba com a vogal precedente. — Em *fiz' outro* = *fizo outro, mi' alma* = *mìe alma, mìe 'miga* = *mìe amiga*, que ouvi em contos populares, deram-se syncopes syntaticas.

39. Na ligação de uma palavra acabada em nasal, pelo menos *-ã, -ũ,* com outra que comece por vogal (oral ou nasal) desenvolve-se a consoante ŋ (§ 13), como que para evitar o hiato; por ex.: *ũ ŋ ome, ã ŋ odios, tomabã ŋ esta* — o que tambem succede em alguns fallares portugueses do Norte. — É muito vulgar nas narrações ouvir-se uma sibilante em principio de uma phrase: esta sibilante é *z* (ou *ʃ* ?), se a phrase começa por vogal ou consoante sonora; é *s* (ou *ç* ?), se a phrase começa por consoante surda. A razão da escolha de *s* ou *z* comprehende-se bem, por isso que *s* é consoante surda e *z* sonora. Exemplos que ouvi em narrativas: *z-agora quero que t'ansinhe; z-bamos a probá-l' öutra perna; z-não; z-ai agora nũ pǫdo!; z-oh mìu cunfessor!; z-böu ã cata d'um bestido; z-di-l' a töu pai que traga ũ bestido; s-calhaibos, ó mi' ama!; s-tu bás a las papas?* Este phenomeno é vulgar no país, e eu já me referi a elle algures.

40. Do que se disse nos §§ 37–39 conclue-se que os phenomenos de phonetica syntactica consistem principalmente: em modificação de sons (§ 37), desapparecimento de sons (§ 38), e criação de sons (§ 39). Todos estes phenomenos são de CARACTER TRANSITORIO, pois que só se dão em certas combinações syntacticas, e por isso os expus nesta secção, destinada á phonologia physiologica; se fossem de caracter permanente, fixo, pertenceriam antes á phonologia historica, da qual vou agora occupar-me.

II. Phonologia historica

Génese e evolução dos sons mirandeses

41. O mirandês tem a sua origem fundamental no latim, e d'esta lingoa recebeu a maior parte do seu vocabulario. É, pois, do latim que devemos principalmente partir, no estudo da evolução dos sons do nosso dialecto. Mesmo os vocabulos não latinos que existem no mirandês foram de ordinario sujeitos ao systema phonetico, de procedencia latina.

42. Não é porém do latim classico, tal como o conhecemos pela litteratura, mas do latim vulgar, isto é, do latim fallado pelo povo, que provém o mirandês, como os outros idiomas chamados romanicos ou neo-latinos. Se em muitas circumstancias ha differenças entre latim vulgar e latim litterario, noutras não ha, ou são inapreciaveis; o mesmo succede em todas as lingoas que offerecem ao mesmo tempo uma phase litteraria e outra popular: por este motivo, e tambem porque nem sempre existe documento especial das palavras populares, nos estudos etymologicos tomam-se de ordinario as palavras litterarias como base, embora, quando é necessario, reduzidas ás fórmas que deviam ter na bôca do povo. Por exemplo, em vez de se dizer: o port. *rei* vem do lat. rex, —póde estabelecer-se o seguinte eschema: *rei* $<$ rege-, ou inversamente: rege- $>$ *rei*, — querendo-se com a fórma rege- indicar que é a palavra posta no caso em que ella estava, ao transformar-se em palavra romanica (este caso corresponde geralmente ao accusativo; quando, como aqui, termina em *-m*, a quéda do *-m*, operada na pronúncia vulgar, indica-se por um tracinho appenso á vogal final, sobretudo nos nomes da 3.ª declinação em que o accusativo se difference muito do nominativo).

a) Vocalismo

1. Vogaes latinas tonicas

A

(lat. vulgar *a* = lat. classico *ā*, *ă*)

43. Este som tem em mirandês historia semelhante á que tem em hespanhol e em português. — Sobre o hespanhol vid. G. Baist, in *Grundriss der romanischen Philologie*, 1, 695 e 696; E. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola delle origine*, Milano 1898, pp. 12–14. Sobre o português veja-se Julio Cornu, *Die Portugiesische Sprache*, § 3[1].

44. Quando na syllaba seguinte àquella em que está o A tonico ha a semi-vogal *i* (*e*) precedida de *s*, ou grupo consonantico d'onde resulte *i*, o *a*, quer longo, quer breve, modifica-se geralmente em *e*, tornando-se a base de um ditongo de subjunctiva *i*. O mesmo succede, se o *a* é a base do ditongo romanico *ai*.

Temos por tanto um ditongo nascido de *ai*, ou de dissolução de consoante, ou de attracção de semi-vogal; o que tudo se mostra na seguinte tabella:

-AI	> *-ei*:	amā(v)i > *amei*;
-ACT-	> *-eit*:	*lăcte- > *lheite*; făctu- > *feito*;
-AX-	> *-eix*:	āxe- > *eixe*;
-ARIV-	> *-eiro*:	primāriu- > *prumeiro*; ārea > *eira*;
-ASIV-	> *-eiſo*:	*casiu- (căseu-) > *queiſo*; bāsiu- > *beiſo*.

Cf. o § 49.

1 Este notavel opusculo do Sr. Cornu foi extraído do citado *Grundriss der romanischen Philologie*, 1, 715–803. Por commodidade cito o extracto, e não o *Grundriss*.

Observação 1.ª—Se temos hăbeo > *hei*, temos porém *răbia > *raiba*, ăpiu- > *aipo*. Estas duas últimas fórmas parece serem mais modernas que a outra. Em verdade no latim vulgar havia já *aio (habeo).

Observação 2.ª—O lat. frăxinu- deu *Frezno*, nome de um rio; deve admittir-se que o *i* se syncopou, o que evitou a modificação do *a*. Em português diz-se porém *freixo* (em hesp. *fresno*, com *s*).

Observação 3.ª—A cêrca do suffixo -eiro, igual ao português, vid. p. 36, nota.

45. Quando a é a base do ditongo latino ou romanico au, ou na syllaba seguinte á tonica existe a semivogal *u*, ou grupo consonantico de que resulte *u*, o *a*, quer longo, quer breve, modifica-se geralmente em *ö*, tornando-se a base de um ditongo de subjunctiva *u*.

Temos, por tanto, analogamente ao que vimos no § 44: um ditongo nascido de au, ou de dissolução de consoante, ou de alteração de semi-vogal; o que tudo se mostra na seguinte tabella:

-av-	> *öu:*	tauru- > *töuro;* auru- > *öuro;*
-alt-	> *-öut-:*	ălt'ru- > **autro* > *öutro;*
-alc-	> *-öuç-:*	fălce- > **fauce* > *föuce;*
-apvi-	> *-öube:*	*căpui > **caube* > *cöube;*
-abvi-	> *-öube:*	hăbuit > **haubi(t)* > *höube.*

Observação 1.ª—Entre *au* e *öu* ha-de, já se vê, admittir-se a fórma intermédia *ou*, representada ainda hoje pela lingoa portuguesa de grande parte do Norte e Centro do reino.

Observação 2.ª—Temos porém: ăqua- > *auga:* neste caso a formação do ditongo *au* é posterior áquella em que au dava *öu*. Tambem temos *truxe* < *traxui; mas este phenomeno não é de natureza meramente phonetica: é de natureza morphologica.

46. Fóra das circumstancias mencionadas nos §§ 44 e 45, o A latino, quer longo, quer breve, conserva-se geralmente em mirandês, o que constitue o facto normal. Ex.: ā l a - > *ala;* m ā t r e - > *mai;* verbos em -ā r e > *-ar;* f ă m e - > *fame;* p ă t r e - > *pai;* ă q u i l a - > *áigla* ou *áiguela;* ă n g e l u - > *ãjo;* q u ă s i > *quaji;* ā e r e - > *aire;* *m o n t ā n e a - > *muntanha;* -ACIV (-ACEV), -ATIV dão *-aço,* como se vê em b r ā c i u - (bracchium) > *braço,* s p ā t i u - > *espaço.*

Observação. Quando se formou o ditongo *ai* em *pai, mai, aigla, quaji* e *aire,* já tinha terminado a epocha em que *ai* se modificava em *ei* (§ 44); senão aquellas palavras conteriam *ei* e não *ai.* Assim se explica tambem *raiba* e *aipo* (§ 44-Obs. 1). Eis pois aqui, como creio, alguns elementos para o estudo da chronologia phonetica em mirandês (cf. § 45-Obs. 2). Esta chronologia, se está de accôrdo com o que se passa em português, nem sempre o está porém com o que se passa em hespanhol:

a) phenomenos concordantes:

lat.	mir.	port.	hesp.
*a i o (habeo):	*hei*	*hei*	*he.*

b) phenomenos discordantes:

lat.	mir.	port.	hesp.
c a p i a m:	*caba*	*caiba*	*quepa.*

No hespanhol *quepa* o *p* conservou-se, porque a metathese do *i* deu-se antes da epocha do abrandamento do *p* intervocalico; no português a metathese deu-se depois d'essa epocha: isto é, *quepa* < **caipa; caiba* < **cábia*. Estes factos confirmam o que eu disse a cima, de ser o *ai* mais recente. O *ai* de **caipa* é antigo, e por isso deu em hesp. *e;* o *ai* de *caiba* é moderno, e por isso não deu *ei,* mas conservou-se. Se o *ai* de **caipa* fosse moderno, o *p* teria dado *b,* como deu em

caber, que, com relação ao *b,* tanto é hespanhol, como mirandês, como português.—O mir. *caba* é fórma analogica.

47. Á cêrca das terminações *-este, -emos, -órũ,* do preterito perfeito, vid. MORPHOLOGIA, 236 e OBS.

48. Se, comparando o mirandês com o português e o hespanhol, achamos, como disse, tendencias communs, achamos igualmente, em virtude de leis secundarias, algumas discrepancias. Assim, por exemplo, ao mir. *fame* corresponde o português actual *fome*[1]; ao mir. *öuro* corresponde o port. *ouro* e o hesp. *oro;* ao mir. *mai* corresponde o port. actual *mãi* e o hesp. *madre,* mas em gallego diz-se tambem *mai* a par de *nai*[2]; ao

---

1 Em português antigo dizia-se *fame,* d'onde vem ainda *faminto* e *esfaimado* (< **esfameado*), com *a,* a par de *esfomeado,* com *o.* A mudança de *a* em *o* na palavra *fome* operou-se, segundo o Sr. Schuchardt, *Ueber die Lautgesetze,* 1885, p. 20, por influencia das duas labiaes vizinhas; todavia, é preciso explicar tambem outras palavras que, estando em condições analogas, não tem *o* por *a,* como *fava, favo, bafo,* etc. Não sería preferivel explicar *fome* por influencia de *esfomear* < *esfamear,* onde á mudança da *a,* por ser atono, em *o* nada haveria que oppôr?

Não ponho em linha de comparação o hesp. *hambre,* porque esta palavra não vem de fame-, como a portuguesa e mirandesa, mas de *famine-, através de *famne.* Em hesp. *-mn-* nestas circumstancias, i. é, *-m'n-,* deram *-mbr-:* cf. *hombre* < hom'ne-, *vimbre* e *mimbre* < *vim'ne-, *nombre* < *nom'ne-, *lumbre* < *lum'ne-. No latim vulgar os nomes neutros vimen, nomen, etc., foram assimilados a nomes masculinos.

2 O gallego *nai* deve explicar-se por dissimilação na phrase estereotypada *miña mai* (phonetica syntactica), onde *m—m* se tornaram *m—n.* Primeiro o phenomeno deu-se só na phrase; depois *nai* destacou-se assim mesmo. Ha muitos factos analogos.

Em português antigo devia tambem dizer-se *mai,* tendo-se depois dissolvido a nasal como em *mim, mũito* e outras, que antigamente se diziam *mi, muito,* etc.: cf. o que escrevi in *Revista Scientifica,* Porto 1882, p. 199.

ditongo *ei* do mir. *queiſo,* em port. *queijo,* corresponde *e* no hesp. *queso*[1]. Estas discrepancias são quanto ás vicissitudes da vogal latina A nos tres idiomas; com relação aos outros elementos phoneticos das palavras citadas, estas afastam-se em muitos pontos, já na pro-

---

1 A fórma hesp. *queso,* onde hoje o *s* se pronuncía duro, é moderna; no hespanhol archaico o *s* intervocalico tinha muito provavelmente o valor que tem em mirandês: cf. R. J. Cuervo in *Revue Hispanique,* II, 48–49. Deve tambem admittir-se que em hespanhol prehistorico se dizia **queiso,* como em mirandês, com o ditongo *ei,* que, com o andar dos tempos, se condensou. A condensação de *ei,* que se deu em hespanhol em tempos prehistoricos, dá-se modernamente em português, em palavras correspondentes, no Sul do país: cf. port. do Norte *primeiro,* port. do Sul *primêro,* hesp. *primero.* Não quer isto porém dizer que o português, o hespanhol e o mirandês fossem primitivamente uma mesma lingoa, differente da latina, entende-se: postoque hoje apresentem entre si (e entre outras lingoas romanicas) muitos phenomenos communs, posto que no passado maior numero d'estes phenomenos apresentassem: não estamos auctorizados a concluir que taes coincidencias se dessem todas a um tempo; ora, sem haver contemporaneidade dos mesmos phenomenos, não póde haver communidade de lingoas. Os tres idiomas mencionados, português, mirandês e hespanhol offerecem alem d'isso á consideração factos caracteristicos que devem datar das origens. Compare-se, por exemplo, o hesp. *llano* com o mir. *chano,* do lat. planu-: a fórma mirandesa nunca passou pela hespanhola, nem vice-versa: uma é irreductivel á outra; sem dúvida houve epochas em que na região mirandesa e na hespanhola se disse **plano*: mas seriam essas epochas as mesmas? ou não succederia isso ainda em plena existencia do latim vulgar? O port. *chão,* em relação ao hesp. *llano,* offerece a mesma irreductibilidade que o mirandês; se porém é reductivel ao mir. *chano,* embora numa epocha em que o português não possuia ainda uma das suas feições mais notaveis, — a nasal proveniente de *n* intervocalico —, ha numerosas palavras em mirandês e português irreductiveis umas ás outras, palavras perfeitamente caracteristicas, e que estão entre si na mesma relação que o mir. *chano* e o hesp. *llano,* por ex.: mir. *pende* ou *peine* e port. *pente* ou *pentẽ;* mir. *brime* e port. *vime* ou *vimẽ.*

núncia, já na fórma, das respectivas palavras portuguesas e hespanholas; por ex.: mir. *eixe,* hesp. *eje,* port. *eixo;* mir. *lheite,* port. *leite,* hesp. *leche.* Este e outros phenomenos, para que irei chamando a attenção do leitor, mostram a relativa independencia do mirandês em comparação com o português e o hespanhol.

E aberto

(lat. vulgar *é* = lat. classico *ĕ*)

49. Quando á syllaba em que está E lat. tonico se segue a semi-vogal *i* (*e*), ou consoante (ou grupo consonantico) de onde resulte *i,* o *ĕ* conserva-se, e póde formar com este ultimo *i* o ditongo *ei:*

ingĕniu-	>	*angeinho*
intĕgru-[1]	>	*anteiro*
matĕria-	>	*madeira*
mĕdiu-	>	*meio*
pĕctine	>	*peine, pende*
pĕctu-	>	*peito*
rĕge-	>	*rei*
sedea-	>	*seia*
sĕx	>	*seis*
spĕculu-	>	*speilho*[2]
tĕneo	<>	*tengo* (cf. § 224-*b*)
tĕrtiu-	>	*tercio*
vĕnio	<>	*vengo* (cf. § 224-*b*).

[1] Com quanto o *e* de *intĕgrum* no latim classico fosse breve, no latim vulgar accentuava-se, dizendo-se pois intégru-. Do contrario ficaria sem explicação o port. *inteiro,* o fr. ant. *entir,* o fr. mod. *entier* (onde, porém, a terminação parece analogica), o hesp. *intero,* etc.

[2] Comtudo diz-se *bi̊e̬lho* e não *beilho,* facto que deve explicar-se como o do hesp. *viejo,* sobre o qual cf. J. Cornu, in *Romania,* XIII, 286, nota 4.

Esta lei é analoga á do § 44, e talvez, em parte pelo menos, uma possa reduzir-se á outra. Assim, se por **cerasea,* supposto derivado de *cerasum* ou *cerasus,* se podia explicar, segundo o § 44, o mir. *cereija,* — é preciso admittir no lat. vulgar a fórma *c e r e s i u- para explicar o ital. *ciriegio;* por isso *cereija* póde fazer presuppor tambem *c e r e s i a-.

50. Fóra das circumstancias mencionadas no § 49, o lat. Ĕ dá, com poucas excepções, normalmente *i̊ę̬* no mirandês central, e *i* no sub-dialecto sendinês (ou mirandês do Sul da Terra-de-Miranda)[1]. Ex.:

lat.		mir. normal	send.
fĕrru-	>	*fi̊ę̬rro*	*firro*
fĕsta-	>	*fi̊ę̬sta*	*fista*
lĕpore-	>	*lhi̊ę̬bre*	*libre*
mĕlle-	>	*mi̊ę̬l*	*mil*
pĕde-	>	*pi̊ę̬*	*pi*
pĕtra-	>	*pi̊ę̬dra*	*pidra*
tĕmpu-	>	*ti̊ę̬mpo*	*timpo*
tĕrra	>	*ti̊ę̬rra*	*tirra*
-mĕntu-	>	*-mi̊ę̬nto*[2]	—

A cêrca do mirandês septentrional ou raiano não tenho uma serie de exemplos tão completa como esta, mas sei que se diz em S. Martinho, por ex.: *ti̊ę̬rra,* o que concorda com o mirandês normal.

Este phenomeno é, até certo ponto, analogo ao que se passa em hespanhol, onde temos *ie* nas mesmas circumstancias. Á cêrca do hespanhol vid. J. Cornu in *Romania,* XIII, 286 sqq., G. Baist, in *Grundriss* (já citado), I, 199, § 21; E. Gorra, *Lingua e letteratura*

---

1 Sobre esta divisão do mirandês, vid. p. 172, nota.

2 Por ex.: *acuntecimi̊ę̬nto, cunte̥ntami̊ę̬nto, pe̥nsami̊ę̬nto.*

spagnuola (já cit.), p. 14 sqq. — O mirandês *îę* deve ter passado por **îe*, onde depois o *i* contaminou o *e*, transformando-o em *ę*: cf. § 58–Obs. 1.

Observação 1.ª — Quando porém o *ĕ* latino se torna nasal e final, o sendinês offerece *íẽ* (com accento tonico no *í*):

lat.		mir. normal	send.
quĕm	>	*quîę̃*	*quíẽ*
cĕn(tum)	>	*cîę̃*	*cíẽ*
bĕne	>	*bîę̃*	*bíẽ*.[1]

Observação 2.ª — Mas se *quíẽ, cíẽ, bíẽ* se tornam procliticos, o digrapho *íẽ* reduz-se a *ĩ*: *quĩ foi, cĩ pessónas, bĩ feito.*

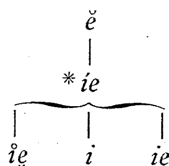
Observação 3.ª — As palavras sendinesas com *i*, como *firro, fista* e as outras, comparadas com as mirandesas *fîęrro, fîęsta*, trazem-me á ideia o poema hespanhol dos sec. xii–xiii, intitulado *El misterio de los reyes magos*, onde se lêem tambem palavras com *i* correspondente ao *ie* do hespanhol normal, ex.:

Reyes Magos	hesp. normal
bine	*bien*
tine	*tiene*
facinda	*facienda* (arch.)
cilo	*cielo*
quiro	*quiero*
timpo	*tiempo;*

todavia o mesmo poema tem *terra* em rima com *guerra*, e *celo*, em rima, a par de *cilo*. O Sr. Gaston Paris explica este phenomeno, dizendo que na epocha da redacção do poema, o ditongo *ie* se pronunciava *íe*, e que o escriptor o representou mais commodamente

[1] É difficil distinguir se o *ẽ* é *ę̃* ou *ẹ̃*, por ser atono; i. é, se temos *quíę̃* ou *quíẹ̃*; por isso escrevi simplezmente *ẽ*.

por *i*[1]. Nesta hypothese as citadas palavras *quiro, timpo,* deviam pronunciar-se *quíero, tíempo.* Talvez assim fosse, mas tambem podia já existir a pronúncia com simplez *i,* como no sendinês actual, onde se diz *timpo,* etc. Em todo o caso, eu penso, sim, que do lat. *ĕ* veiu primeiro *íe* para o sendinês, e que d'aqui saiu *i;* os factos citados a cima, na Obs. 2, da reducção de *quĩẽ* (em pausa) a *quĩ* (em próclise) confirmam o meu modo de ver. Talvez a evolução dos sons resultantes de *ĕ* nos tres idiomas mencionados se possa representar no seguinte eschema:



sendo *i̊ȩ* o som do mir. normal, *i* o do send., *ie* o do hesp. actual, e **íe* a primitiva fórma commum.

Nesta correspondencia entre *ie* e *i* não esqueçamos tambem que em hespanhol antigo ha palavras com *ie,* que no hespanhol actual soam com *i,* por ex.: em Berceo (sec. XIII) *sieglo,* hoje *siglo;* na *Estoria de los Godos* (sec. XIII) *castiello,* hoje *castillo;* é tambem pelas fórmas archaicas *viespera, abiespa, Castiella,* que hão-de explicar-se as modernas *vispera, avispa, Castilla.*

Passando-se a outras lingoas romanicas, encontram-se tambem muitos exemplos de *i* por *ie:* em dialectos da Italia *pīd* (ital. *piede*), *livra* (ital. *lepre*), *ẓigh* (ital. *cieco*), *gnient* (ital. *niente*); e no francês antigo[2].

Observação 4.ª — A par de *-mi̊ȩnto,* proveniente de *-mĕntu-,* póde encontrar-se *-mento,* cf., por exemplo, *testamento.* — Em hespanhol dão-se factos analogos: cf. E. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola,* p. 41.

---

[1] *Romania,* IX, 468.

[2] F. d'Ovidio, in *Archivio glottologico italiano,* IX, 49-50.

Observação 5.ª — O ditongo mir. *ĭę* é, como disse a p. 182, um dos sons mais difficeis de apreciar no nosso dialecto: ora parece soar como o represento, ora como simplez *ę*, ora como *ęę* (*ĭęę?*); todavia o que normalmente se ouve em pausa, observando-se bem, é *ĭę*, — ditongo crescente que, segundo já notei *loc. cit.*, differe porém do hesp. *ie*, quanto ao som.

51. *a*) O pronome lat. m ĕ u - transformou-se em *mìu;* igualmente D ĕ u s tornou-se *Dìus;* o pronome m e a - com *ĕ* em hiato, tornou-se em mir. septentrional *mìę,* *mi* em sendinês. — As fórmas intermedias d'estas tres palavras talvez fossem respectivamente **míeu, Díeus* e **míea*[1], com o ditongamento assignalado no § 51; como ao mirandês normal *mìę* corresponde em sendinês *mi,* apoia-se a hypothese de **mìea:* isto é, *-ie-* sería reduzida a *í*. — Ao lat. m ĕ m b r u - corresponde o mir. *nembro,* que talvez tenha origem na palavra portuguesa archaica da mesma fórma; em hesp. é *miembro;*

b) Ao lat. d o m i n i c ĕ l l a - corresponde *dunzeilha,* sem ditongação de *ĕ* em *ĭę*, facto que tem parallelo noutras lingoas romanicas.

c) Ao lat. s t e l l a corresponde *streilha,* porque talvez no lat. vulgar da Peninsula se dissesse *s t ē l l a (i. é, *s t r e l l a, *i s t r e l l a) e não s t ĕ l l a; de facto em hesp. existe tambem *estrella,* sem ditongação de *e* em *ie*.

d) Em *yęrba* por *ĭęrba,* do lat. h ĕ r b a, a semivogal *ĭ*, por estar inicial, e ter de se tornar mais sensivel, transformou-se na consoante homeorganica *y*. O mesmo succedeu em *yę* (em emphase *yęę*) = *ĭę* < ĕ s t.

---

1 Cf. F. d'Ovidio, in *Archivio glottologico italiano,* IX, 48-53. — A reducção do tritongo **-ieu* a *ìu* tem o seu parallelo tambem no francês: assim o mod. *lit,* de l e c t u -, explica-se por **lieit* (< **leyt*), tendo-se o tritongo *iei* simplificado em **ii, i*.

e) Em *mulhiẹr* (*molhiẹr*), por **mulhiiẹr*, do lat. muliĕre- (muliĕre-), o primeiro *i* foi absorvido pela semivogal homeorganica seguinte.

f) A *ĕram* corresponde no mirandês de Duas-Igrejas *era*, contra a regra do *ĕ*, mas em algumas localidades da raia parece que se diz *yẹra*, por **iera*, como no asturiano *yera*.—A explicação da manutenção do *ĕ* em *era* deve ser igual á da manutenção do mesmo *ĕ* no fr. arch. *ere, eret, ert* (ĕrat), *ĕ* que nestas condições, isto é, quando tonico e livre, se ditonga normalmente em *ie* (hĕri > *hier*, etc.): talvez ella esteja, como diz Horning, no facto de a palavra ter sido muitas vezes empregada procliticamente[1], o que tornava atono o *a*; todavia, assim como em mirandês, a par de *era*, parece que ha *yera*, assim tambem em francês archaico, ao lado das fórmas citadas, ha *iere*, com ditongamento.

g) Á cêrca de nĕc > *nĭ* vid. § 292.

E fechado

(lat. vulgar *ê* = lat. classico *ē, ĭ*)

52. O mais geral é ē, ĭ darem em mirandês *e*; ex.:

aliēnu-	>	*alheno*
arēna-	>	*arena*
plēnu-	>	*cheno*
cĭto	>	*cedo*
fĭde-	>	*fe*
lĭngua	>	*lhengua*
-ĭc'lu-	>	*-eilho*[2]

[1] *La langue et la littérature française*, Paris 1887, p. 12, § 30.

[2] Por exemplo: *öubeilha* < ovic'la, *öureilha* < oric'la, *bẹnceilho* < *vincic'lu-. As fórmas intermedias devem ter tido *-elho*, ainda hoje representado na pronúncia da Beira-Alta, etc. O *e* em mirandês ditonga-se antes de *lh*: cf. § 51-*b*, § 141-Obs. 1, etc.

53. Em várias circumstancias, sobretudo quando na syllaba seguinte ha a vogal ou semi-vogal *i* (*e*), temos em mirandês *i* (metaphonia): servĭtiu- > *serbicio* ou *serbiço,* vĭtreu- > *bidro,* vĭtiu- > *bicio.* É possivel, porém, que muitas vezes, a respeito de palavras que podem entrar nesta categoria, se trate de casos de caracter litterario ou semi-litterario, como se vê, comparando-se, por exemplo, *justiça,* do lat. iustĭtia, com a fórma parallela *justeza.*

54. *a*) O lat. sĭne deu *sĩ,* e não *sẽ*[1], segundo o § 52.—Facto analogo offerece o português, onde se diz *sim* (só nos dialectos *sẽ*).

b) Em cum mēcu(m), cum tēcu(m), cum sēcu(m), que deram respectivamente *comigo, cuntigo* e *cunsigo* (através de *comego,* etc.: vid. § 193), o *ē* mudou-se em *i,* por analogia com o *i* de *mi, si, ti.* O mesmo succedeu em português, porém não, como o Sr. Adolfo Coelho faz suppôr[2], por mera evolução phonetica do *e.*—Já no lat. vulgar ha *micum*: in *Vokalism. der vulgärlat.,* de Schuchardt, I, 253.

c) A palavra nĭve- deu *nìębe,* pela mesma razão que em hespanhol deu *nieve:* cf. Meyer-Lübke, *Gram. der rom. Spr.,* I, § 115; e Cornu, in *Romania,* XIII, 290.

d) No lat. dies, ou melhor, *dia, que deve ter existido no latim vulgar da Peninsula, o *i* (em hiato) está representado em mir. septentrional por *dìę,* e em send. por *i.* Cf. § 56. Mas deve em todo o caso admittir-se que o *i* era longo (*dīa), e não breve (classico

---

1 Em hesp. antigo ha effectivamente *sen,* que se acha, por exemplo, em documentos do sec. XIII: «*sen* todo departimiento», «*sen* culpa», «*sen* razon». Apud Galindo, *Progresos e vicisitudes del idioma castellano,* 1865, p. 89, nota 4.—A par de *sen* offerece o hesp. antigo *senes* e *sines;* em hesp. moderno diz-se *sin,* semelhantemente ao que succede em mirandês e português.

2 Vid. *A lingoa portuguesa,* 2.ª ed., p. 82.

dĭes): esta hypothese é não só exigida pelo mirandês, mas pelas outras lingoas romanicas, onde o *i* d'estas palavras foi tratado como *ī*, e não como *ĭ*: cf. port. *dia*, hesp. *dia*, fr. *lundi* (= *lun-di* < lunae-dīes), fr. arch. *dis*, prov. *dia* e *di-s*, catal. *dia*, ital. *di* (*a'di*, *oggidì* < hodie dīe), rum. *ẓi* (*astăẓi* < isto die).

I

(lat. vulgar *i* = lat. classico ī)

55. Em geral ī conserva-se:

amīcu-	>	*amigo*
formīcu-	>	*formiga*
-īre	>	*-ir*
-ī(v)i	>	*-í*
līnea-	>	*lhinha*
*matrīna-	>	*madrina*
pīcta-	>	*pita*
rīpa-	>	*arriba*.

56. No digrapho final ou medial *-ía* (ī em hiato, latino ou romanico), o *a* contaminou *i*, que se tornou *ì* em mirandês propriamente dito, e *i* em sendinês:

θεία = *thīa > **tia* > **tìa* > *tìḙ*; em sendinês *ti*;
frīgida > **fria* > **frìa* > *frìḙ*; em sendinês *fri*;

Verbos em *-ìe*, *-ìḙmos*, etc., § 232-Obs. 2, e § 248. Cf. *dìḙ* e *di*, no § 54-*d*.

57. Na terminação *-io* a vogal tonica attrahiu e contaminou a atona, formando ditongo com ella:

thīu-	>	**tio* > *tìu*
frīgidu-	>	**frio* > *frìu*
rīvu-	>	**rio* > *rìu*.

É tambem um caso de hiato, como o do § 56, mas onde, em virtude da natureza da vogal seguinte, se deu outro phenomeno.

O aberto

(lat. vulgar *ó* = lat. classico *ŏ*)

58. Em regra ŏ deu *o̬* em mir. normal, e *u* em send.:

lat.	mir. normal	send.
bŏnu-	*bo̬no*	*buno*
dŏminu-	*do̬nho*	*dunho*
fŏnte-	*fo̬nte*	*funte*
fŏrtia-	*fo̬rça*	*furça*
mŏrte-	*mo̬rte*	*murte*
nŏstru-	*no̬sso*	*nusso*
nŏve-	*no̬be*	*nube*
nŏvu-	*no̬bo*	*nubo*
ŏc'lu-	*o̬lho*	*ulho*
ŏvu-	*o̬bo*	*ubo*
pŏnte-	*po̬nte*	*punte*
pŏrta-	*po̬rta*	*purta*
*pŏtet-	*po̬de*	*pude*
rŏta-	*ro̬da*	*ruda*
sŏmniu- / sŏmnu-	*so̬nho*	*sunho.*

Á cêrca de *Pro̬ba,* vid. p. 97.

Observação 1.ª—Vê-se que ha certa correspondencia entre o hespanhol e o mirandês; onde aquelle tem *ue,* tem este geralmente *o̬,* e vice-versa:

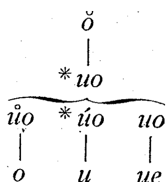
mir.	hesp.
fo̬nte	*fuente*
no̬be	*nueve*
no̬bo	*nuevo*
no̬sso	*nuestro*
so̬nho	*sueño.*

Deixa porém de haver correspondencia em alguns casos:

mir.	hesp.
fọlha	*hoja* (ant. **folla, foija, foja*)
ọlho	*ojo* (ant. *ollo*);

pois *ŏ* nos citados exemplos hespanhoes não se ditongou (cf. Gorra, *ob. cit.*, § 29).

Observação 2.ª — O som mirándês actual *ọ* passou por *uọ*, como tambem o hespanhol *ue* passou por *uo*[1], segundo este eschema:



De **uo*, fórma commum, nesta hypothese, ao mirandês e ao hespanhol em tempos prehistoricos, passou-se em mirandês para *ŭọ*, por contaminação do segundo elemento do ditongo, operada pelo *ŭ* (cf. *ìẹ* < **-ia* no § 56), em sendinês para **úo*, *u*, e em hespanhol para *ue* por dissimilação (cf. o port. *oi* < *ou*). O mirandês *uọ* (que ainda hoje se ouve na emphase, vid. p. 182) veiu a dar *ọ* por fusão do primeiro elemento com o segundo. Para admittir a phase prehistorica **uo* < *ŏ*, fundo-me no leonês *uo*, e em que tambem *ĕ* deu **ie* > *ìẹ* (§ 50), pois, até certo ponto, as vicissitudes do *ŏ* lat. foram semelhantes ás do *ĕ*.

Observação 3.ª — A ditongação de *ŏ* dá-se em muitas lingoas romanicas, embora em cada uma d'ellas a vicissitude do *ŏ* esteja subordinada a leis secundarias. Assim

---

1 Em textos leoneses acha-se: *uorto* (mod. *huerto*), *buonas* (mod. *buenas*), etc. Vid. A. Morel-Fatio, in *Romania*, IV, 30, e E. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola*, 18 e nota 3.

em ital. temos *uomo, buono, cuore;* em fr. arch. *nuef* > mod. *neuf* (= nœf).

Observação 4.ª — A palavra mir. *pobo* < pŏpulu-, veiu da portuguesa *povo;* quanto ao modo como o lat. pŏpulu- devia estar representado em mir., se tivesse evolução natural, cf. *Pr̨oba* < *popula. A cŏllu- corresponde, não *c̨olho* (cf. hesp. *cuello*), mas *culho.*

Observação 5.ª — Ao lat. lŏco corresponde em mir. *lhöugo;* tem de se admittir a fórma intermédia *loquo = locwo, onde a semi-vogal *u* = *w* se desenvolveu sob influencia do *c* = *q.* — Á cêrca de factos semelhantes em francês vid. Horning, *La langue et la littérature française,* Paris 1887, p. 20, § 65.

Observação 6.ª — Assim como o *Misterio de los reyes magos* offerece *i* por *ie,* segundo o que vimos no § 50-Obs. 3, assim tambem offerece *u* correspondente ao hesp. *ue* (ex. *fure* por *fuere,* etc.): cf. *Romania,* IX, 468 (artigo do Sr. Morel-Fatio, e nota do Sr. G. Paris). Dá-se pois mais uma vez coincidencia com o mirandês.

59. Quando á vogal tonica se junta *i,* proveniente da syllaba seguinte, forma-se normalmente o ditongo decrescente *ui* (= *úi*):

bŏve- > *bui*
cŏriu- > *cuiro*
nŏcte- > *nuite.*

Cf. *Cicuiro,* citado a p. 76.

Observação 1.ª — Ha, algumas excepções apparentes:

1) *Döuro,* com quanto venha de Doriu- < Duriu-, não passou por *Duiro;* houve aqui evidentemente influencia do port. *Douro;* a *ou* port. corresponde em mir. *öu* (§ 45-Obs. 1). As fórmas *Durius* e *Dorius* são-nos conhecidas por textos greco-romanos.

2) Hŏdie não está representado directamente em mir.; aqui diz-se *oije,* por influencia tambem do port.

Observação 2.ª — Nos exemplos citados a cima ha parallelismo de fórmas, pois temos:

bŏve- > *bui*
coriu- > *cuiro*
nocte- > *nuite*

onde a *ŏ* seguido de semi-vogal corresponde *ui;* em hespanhol porém não se nota este parallelismo, pois temos lá respectivamente *buey, cuero, noche,* os dois primeiros exemplos com *ue,* o ultimo com *o:* é que o hesp. *noche,* passou por **noite,* e o *i* impediu o ditongamento em *ue*[1]. Por isso entre cŏriu- e *cuero* as fórmas intermédias creio terem sido: **cuerio* < **cueiro,* e não **coiro* > **cueiro,* pois, se no hesp. prehistorico houvesse a fórma **coiro,* não existia razão para que **oito,* que de certo existiu, deixasse de se transformar em **uecho;* temos por conseguinte: cŏriu- > **cuerio* > **cueiro* > *cuero.* A proposito notarei que o *ch* hespanhol de *noche* me parece ter-se desenvolvido por palatização do *t* operada pelo *i* precedente; no dialecto extremenho (de Portugal) observa-se um facto que representa a phase intermédia, pois nesse dialecto diz-se (por exemplo, no Cadaval) *ôiṭo,* onde com *ṭ* noto um *t* alveolar, analogo ao do inglês em *time, ṭ* que caminha para *ch,* pois, se, como digo, *ṭ* se pronuncía com a ponta da lingoa posta nos alveolos, *ch* pronuncia-se com ella posta na parte anterior do palato: d'onde o eschema: ŏcto > *oito* > *oiṭo* > **oicho* > *ocho.* A fórma *oito* está representada pelo português normal; a fórma **oiṭo* pelo português dialectal; a fórma **oicho* pertence ao hespanhol prehistorico. Quanto a *buey,* esta fórma deve explicar-se de modo analogo áquella pela qual se explica a fórma *cuero.* — Cf. § 142-*j*.

---

[1] Cf. E. Gorra, *ob. cit.*, § 29.

60. Em h ŏ m i n e - temos *ŏ* representado por simplez *o* no mir. *ome,* contra as regras dos §§ 58 e 59. O facto não é de facil explicação, mas encontra-se repetido em hespanhol, quer em *hombre* < arc. *omne,* quer em *ome, omen,* fórmas antigas que não deixaram vestigios na lingoa litteraria actual. Cf. no em tanto o que diz o Sr. J. Cornu, in *Romania,* XIII, 292, do effeito do *m* sobre o *o*.

O fechado

(lat. vulgar *ó* = lat. classico *ō e ŭ*)

61. Em geral ō e ÿ estão representados em mirandês por *ó*[1]. Ex.:

- ō r e -	> *-or*
- ō s u -	> *-oso*
s u (b) l - ŭ m b r a	> *sombra*
t ō t u -	> *todo*
t ŭ r r e -	> *torre.*

Observação. — Á cêrca de -ōne- vid. § 110.

62. Do mesmo modo que ē, ĭ, sob a influencia de um *i* proveniente da syllaba seguinte, podem dar *i* (§ 53), tambem ō, ÿ nessas circumstancias podem dar *u*. Ex.:

v ŭ l t' r e - > (hesp. *buitre,* port. arch. *abuitre*) mir. *abuitro*[2]
p l u v i a - > (port. arch. e dial. *chuiba*) > mir. *chuba.*

Mas note-se tambem que *o* + *i* daria *ui* (§ 59).

---

[1] Note-se que o som do *ó* mir. fica entre os de *ó* e *ô* port.

[2] O *-o,* de *abuitro* deve ter-se desenvolvido já em mirandês (o que succedeu por causa do nome ser do genero masculino), e não ascender a uma fórma lat. tal como *v u l t (u) r u -, pois que dos nomes da 2.ª decl. ha um unico acabado em *-ur* (e é adjectivo), *satur,* que de mais a mais não se conservou em romanço; não havia pois modelo que servisse de ponto de analogia.

63. Em *nǫc*, de nŭce-, temos porém *ǫ* e não *o*, o que faz presuppôr influencia analogica de -ox, -ŏce- (§ 58); cf. hesp. *nuez*[1]. — Em *númaro*, de nŭmerus, ha *u*, porque a palavra é de origem litteraria (veiu do português, onde tambem o é). — Em *cumo*, de quōmodo, o ō está representado por *u*, por a palavra ser quasi sempre proclitica; nos casos em que ella o não é, como nas interrogações «cumo?», houve propagação da fórma atona á tonica[2]. Talvez *nunca*, de nŭmquam = nŭnquam (cf. prov. *nonca*, etc., com *o*, normalmente de *ŭ*), tenha explicação analoga; todavia em hesp. ha tambem *nunca*, arch. *nunquas*.

64. No digrapho -ŭa o *u* (em hiato) está representado por *ù* (*ǫ*) em mir. normal e por *u* em send.:

lat.		mir. normal	send.
dŭas	>	*dùęs*[3]	*dus (?)*
sŭa	>	*sùę*[4]	*su*
tŭa	>	*tùę*[5]	*tu*.

Cf. *ĭ* em hiato, no § 54-*d*.

Observação. — O mesmo succede noutras lingoas: português, hespanhol, etc.

65. Em dŭos, sŭu-, tŭu-, que deram respectivamente *döus*, *ṣöu*, *töu*, está *ŭ* representado por *ö*, porque primeiro houve *o*, que, por ter adeante *u*, constituiu o ditongo **ou*, que deu normalmente *öu* (§ 45).

---

[1] Cornu, in *Romania*, XIII, 294.

[2] Em português diz-se: *cumo* (geralmente em próclise), *como* (geralmente em emphase ou interrogação). Em hespanhol antigo dizia-se *cuemo*: cf. Cornu, in *Romania*, XIII, 291.

[3] Mas *döus* < dŭos: § 65.

[4] Mas *söu* < sŭu-: § 65.

[5] Mas *töu* < tŭu-: § 65.

V

(lat. vulgar *u* = *ū* do lat. classico)

66. O v̄ longo conserva-se geralmente:

lūce- > *lhuç*
lūna- > *lhuna*
ūva > *uba*

67. O v̄ em hiato (romanico) em rū(g)a deu em mir. septentrional *rùẹ*, e em send. *ru:* cf. §§ 56 e 64. Mas tambem se diz *ruga*, normalmente com *u*.

Vogaes tonicas em hiato

68. A cêrca de *ĕ* + *u* ou + *a*, vid. § 51-*a;* de *ĭ* + *a*, vid. § 54-*d;* de *ī* + *a* ou + *u*, vid. respectivamente os §§ 56 e 57; do *ŭ* + *a* ou + *o*, vid. respectivamente os §§ 64 e 65; de *ū* + *a*, vid. o § 67.

Umas vezes o hiato é, como se disse, de origem latina; outras é de origem romanica.

Ditongos tonicos

69. *a*) A evolução do ditongo AV ficou estudada no § 45. Este ditongo póde ser de origem propriamente latina, como em paucu- > **pauco* > **pouco* > *pöuco*, ou de origem romanica, por ex.: em alt'ru- > **autro* > **outro* > *öutro*. A palavra *pobre* ou *probe* ascende, não a pauper, mas immediatamente ao lat. vulgar *poper, *popre-, como o prova tambem o port. *pobre*, que não póde deduzir-se de *paupere-*. A conjuncção aut deu *u* antes de vogaes por ser proclitica; cf. hesp. *u*, que só se emprega em certas circumstancias. A cêrca de *lhöugo*, vid. o § 58-Obs. 5. Outros factos no § 65.

b) O ditongo AE foi tratado como *ĕ* (§ 50). Mas *présto* (adv.) < praesto. Sobre faecit <> *fiʒo* vid. § 237.

c) O ditongo OE foi tratado como *ē*: poena- > *pena*. A palavra *cena*, não vem de *coena*, que é latim menos correcto, mas de cena-.

d) Em *leuga* de *lecua- < > leuca, houve influencia do português *legọa* ou *legua*, em dialectos *leuga*, senão teriamos *lh*- por *l*- (§ 111).

e) O ditongo *öũ* (i. é, *öu* nasal, vid. § 11-OBS. 2), tem origem em **om*, quer proveniente de *u* + nasal, ex.: *antöũ*, de in-tunc ou in-tum, quer proveniente de -one-, ex.: *melöũ*, de melone-. Cf. p. 115, e adeante, § 110-*b*. Em sendinês parece que a *-öũ* corresponde *-ão*.

f) A cêrca de **oi* > *ui* (*bui*), vid. o § 59 (e § 62); á cêrca de *ïẹ* (*fïẹrro*), vid. o § 50; á cêrca de *ei* (*queiſo, seis*), vid. §§ 44 e 49; á cêrca de *ui*, vid. o § 62 (*múito* < multu-); á cêrca de *ai* (*raiba*), vid. o 44-OBS. 1; á cêrca de *ìu*, vid. o § 51-*a*; á cêrca de *ŭọ*, vid. o § 58-OBS. 2; á cêrca de *ũi*, vid. o § 183, nota; à cêrca de *-ìu*, vid. o § 51.

2. VOGAES LATINAS ATONAS

70. O estudo das vogaes atonas é bastante complexo, como o é tambem em português e em hespanhol. Na impossibilidade de por agora profundar o assunto, limito-me a apresentar algumas considerações, que sirvam para aclarar o caracter do mirandês nos seus aspectos mais importantes.— Como phenomenos frequentes notarei desde já, que as vogaes atonas estão muito sujeitas a mudanças e a suppressões: assim é já do lat. vulgar *-o* por *-u* (-u-), *e* por *i* protonico em *Serena*, *e* por *i* postonico em -issemu-, e a syncope de vogal em certos proparoxytonos (ex: virde = viridem, domno = dominum). No capitulo consagrado aos accidentes geraes veremos tambem, por exemplo, como pelo effeito da assimilação e dissimilação se operaram nas vogaes atonas grandes alterações.

71. O *a* atono nos digraphos -ia (§§ 54-*d*, e 56) e -*ua* (§§ 64 e 67), attenua-se em -*ẹ* ou cae: *dìẹ, dí; rùẹ, ru.* Nos outros casos fica, assim como -*o*.

72. Ao lat. -ANT atono no fim de palavras, syllaba que no português litterario está hoje representada por -*am* ou -*ão* (embora se escreva -*am*, a pronúncia é -*ão*), corresponde em mir. -*ã*. Ex.:

lat.	port.	mir.
amant	*amam* (*amão*)	*amã*
amabant	*amavam* (*amavão*)	*amabã*
(teneant)	(*tenham* [*tenhão*])	*tengã*
(veniant)	(*venham* [*venhão*])	*bengã*.

OBSERVAÇÃO.—Em português archaico a pronúncia era de certo tambem -*ã*, como no mirandês actual. Em gallego temos: *aman, amaban, teñan, veñan*. Em castelhano: *aman, amaban, tengan, vengan*. Em asturiano: -*en* (*tenguen*, etc.). Dos idiomas do grupo hispano-lusitano, o port. é o que tem tido maior evolução, pois que em vez de simplez vogal offerece um ditongo.

73. Ao *e* (*i*) oral português inicial (não seguido de *s* impuro), quer originario, quer proveniente de outro som, corresponde em mir. *ei-*:

lat.		port.	mir.
aequale-	>	*egual* ou *igual*	*eigual*
aetate-	>	*edade* ou *idade*	*eidade*
aeternu-	>	*eterno*	*eiterno*
inimicu-	>	*inemigo*[1]	*einemigo*
immortale-	>	*immortal*	*eimortal*.

[1] A fórma antiga port. é *imigo* e *ĩmigo*, que se usava, tanto na poesia, como na prosa, e se escrevia de differentes maneiras; ex.: «e não ajas temor da longura do tempo nẽ dos enganos dos

O lat. germanu- (port. *irmão*) deu *armano* em mir, tendo-se o *e* mudado em *a* por influencia do *r* que fórma syllaba com elle (§ 150-*c*). Ao port. *Isabel*, em lingoagem pop. *Zabel*, corresponde em mir. *ʃabel*[1], com apocope do *i*, por isso que a palavra já assim lhe veiu do português[2]. Em episcopu- que se tornou *bispo*, o *e* inicial caiu como em português. Á syllaba portuguesa *es-*, seguida de consoante, corresponde em mir. *s*, como em *stìu* (port. *estio*), *streilha* (port. *estrela*), o que equivale a dizer que *ex-* + consoante se reduzem a *s-* (exspirare > *spirar*) e que sc-, sp-, st- latinos se conservam apparentemente (scopa- > *scoba*; sperare > *sprar*; stare > *star*)[3].

---

inmigos (= *ĩmigos*)». Vasconcellos Abreu, *Barlaão e Josafate*, 1898, p. 12.—A fórma actual, *inimigo*, foi refeita segundo o typo lat. inimicus.

[1] Sobre a pronúncia do *ʃ* vid. p. 190.

[2] A palavra é de origem hebraica; do hebreu passou para o grego, onde tem a fórma Ἐλισαβετ, que passou para outras lingoas: fr. *Isabelle* (Isabeau, Elisabeth), ital. *Isabella*, hesp. *Isabel*. A origem immediata do português é do hespanhol deve ter sido o fr. *Isabelle*.

[3] Digo que sc-, sp-, st- latinos se conservam apparentemente, porque no lat. vulgar se encontram muitos exemplos de prothese de *i* antes de *s* impuro, como em iscrivere, istare, ispatium (Schuchardt, *Vokalismus d. Vulgärlat.*, II, 338 sqq.); nas proprias inscripções da Hispania se lê *Iscolasticus*, *Ispumosus* (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 5129); este *i* mudou-se depois em *e* em romanço, como o prova o port., hesp. e cat. *estar*; o fr. ant. *ester*, etc.; em epocha ainda posterior o *e* em certas lingoas tornou a mudar-se em *i*, como o prova a pronúncia port. mod. de *estar*, que é *istar*, o prov. ant. *istar*, etc.; e por fim o *i* caiu por vezes, como no dialecto minhoto, onde se diz *star*, *spaço*, *stréla*. Por isso as palavras mirandesas *stìu*, *scoba*, *sprar*, podem estar em vez de istivu, iscopa, isperare. Não ha contradicção nestes phenomenos, como á primeira vista poderia parecer, porque, de modo geral, elles não são COETANEOS, mas SUCCESSIVOS: os homens que, por exemplo, mudaram o *i-* em *e-* não foram os mesmos que depois mudaram o *e-* em *i*. Em todas as lingoas succedem factos

Dos factos expostos deduz-se a seguinte lei: o mirandês não admitte o som *i* (*e*) inicial, oral e atono; ou o supprime, o que sempre succede antes de *s* impuro, ou o muda em *a*, antes de *r*; ou o que é mais geral, ditonga-o em *ei*. — Esta lei é de acção tão intensa, que obedecem a ella as proprias palavras de origem moderna.

Observação. — No port. archaico ha *eigreja*, e no gallego moderno *eigrexa*[1], mas ahi o *i* parece provir do primeiro *c* de ecclesia-. — O gallego moderno tem tambem *eidá*, *eidade* a par de *edá*[2]. Com tão poucos factos não posso dizer se este idioma tem ou não a mesma tendencia que o mirandês.

74. A *e* (*i*) oral final da lingoa litteraria (lat. *-e*, *-i*) corresponde em mir. *į̂* (ou *ę̂*):

lat.	port.	mir.
fame-	*fame* (arch.)	*famį̂*
mare-	*mare* (pop.)	*marį̂*
parte-	*parte*	*partį̂*
quasi-	*quase* (vul.)	*quáijį̂*
turre-	*torre*	*torrį̂*.

Observação 1.ª — Isto é vulgar em port. popular.

Observação 2.ª — Em vez de *-į̂*, póde escrever-se simplezmente *-e*: cf. o que se disse a p. 179.

---

analogos: assim o *P* primitivo indo-europeu desappareceu em celtico, em syllaba inicial e medial, o que lhe dá caracter especial a respeito das demais lingoas da familia; mas em certas epochas e em certos ramos d'aquelle idioma o *Q* primitivo indo-europeu transformou-se em *p* no principio das palavras: ao lat. per corresponde o gaulês *er-*; ao lat. quattuor corresponde o gaulês *petor*, *petru-*. — Mudam-se os ventos, mudam-se os tempos.

[1] A par de *eireja* e *aireja* (ou com *x* por *j*). Nas *Volveretas*, de Garcia Ferreira, Orense 1887, p. 47, leio tambem: *airexe*. Nas *Rayolas*, de Carré Aldao, Coruña 1898, p. 81, leio *irexa*.

[2] Valadares y Nuñez, *Diccionario gallego-castellaño*, s. v.

Observação 3.ª — A cêrca da syncope de *-e* veja-se o § 152-*c*.

Observação 4.ª — Á cêrca do *-e* de bove-, que se tornou *i* em ditongo, vid. § 59.

75. Ao port. *en-* (*in-*) inicial atono corresponde em mir. *ã* (escrito *an-* ou *am-*, conforme as circumstancias):

lat.	port.	mir.
intendere	*entender*	*antẹndér*
imperiu-	*imperio*	*amperio*
*insignare	*ensinar*	*ansinhar*
*indignare (indignari)	*indignar*	*andinar*.

A preposição in, por isso que é sempre proclitica, e funcciona por isso como inicial e atona, transformou-se tambem normalmente em *ã*.

As proprias palavras de origem litteraria obedecem a esta lei, que póde enunciar-se assim: o mirandês não admitte *e-* (*i-*) nasal atono no princípio do vocabulo; substitue-o, como fica dito, por *ã-*.

Observação. — O português archaico offerece *Anrique*, mas aqui o *an-* póde ter origem estrangeira, pois o etymo d'esta palavra é germanico, em allemão moderno *Heinrich*, em alto-allemão médio *Heinrîch*, em alto-allemão antigo *Haimirîh*[1], tendo passado do germanico para o francês, onde hoje tem a fórma *Henri*, que se pronuncía *ã-ri*. Ha porém exemplos de palavras portuguesas com *an-*, como: *antão* (pop.) < > *então*, de in-tum ou in-tunc; *antre* (arch.) de inter, que, por ser proclitica, faz que a syllaba inicial se torne atona; cf. tambem os compostos de *antre*, archaicos:

---

[1] Esta palavra é composta de duas, a que em allemão moderno corresponde *heim* (= em casa) e *reich* (= rico); significa pois «principe da casa»; com o all. *heim* cf. o ingl. *home*. — Sobre estas etymologias vid. Dr. F. Tetzner, *Deutsches Wörterbuch*, s. v.

antrambos, antrefeito, antrelunho, etc. Em gallego existe *antroído,* a par de *entroido,* do lat. introitu-, e *antuseásmo.* Como se vê, o phenomeno mirandês não fica totalmente sem comparação entre os phenomenos dos idiomas seus vizinhos. Se sairmos fóra do dominio luso-romanico, sabido é que, por ex., em francês *en* inicial se pronuncía hoje *ã-,* embora aqui o facto seja complexo.

76. A port. *-en-* (*-em-*) atono no interior de palavras corresponde em mir. *-ẽ̥-* (*-e̥n-, -e̥m-*). Ex.:

lat.	port.	mir.
intendere	*entender*	*ante̥ndér*
memorare	*lembrar*	*lhe̥mbrar*
ventura-	*ventura*	*be̥ntura.*

Este phenomeno é caracteristico da lingoagem do Alto- e Baixo-Minho; toda a gente culta d'estas regiões, — excepto quando ha proposito firme de contrariar tal pronúncia —, diz usualmente *le̥mbrar, te̥mporada, inte̥ndimento, pe̥nsamento, ve̥nder* (ou mesmo *be̥nder!*), *te̥ndencia*, etc.: cf. *Dialectos interamnenses,* VI, § 3; IX, § 8-*b;* e Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique,* p. 46, nota. Tenho observado esta pronúncia, não só no povo, mas em professores, bachareis, homens de lettras, e até philologos! É provavel que muitos dos que assim pronunciam, se lerem o que estou escrevendo, me contradigam, porque quasi ninguem falla como julga; mas isso não me preoccupa, pois o facto que ahi fica indicado é certo.

A mirandeses ouvi comtudo *mintira,* e tambem *bintura* a par de *be̥ntura;* num conto popular: «Joã Pequéinho ye̥ mi *mintiroso*». O phenomeno normal porém é *ẽ̥.* A cêrca de *mintira,* devo notar que esta palavra não contraría a lei enunciada, porque tem bastante extensão geographica e chronologica: tenho-a ouvido em differentes partes, mesmo fóra das regiões onde a *en* atono

medial corresponde *in*[1]; o *Diccionario da lingua portuguesa* de Fonseca & Roquete, Paris 1871, cita *mintir* como antiquado; em gallego diz-se *mintir* e *mintira*[2]: póde explicar-se o phenomeno por influencia de *minto*[3], como por *sinto* se explica *sintir*, que tambem foi citado na lingoa commum[4], e existe em gallego a par de *senter*[5]. — Em gallego supponho que tambem ha *-ẹn-*, do mesmo modo que ha *-un-* (§ 80, Obs.).

77. A *-em* atono no fim de palavras corresponde em mirandês normal *-ẽ̂* e em sendinês *-ẽ̥* (cf. § 75). Ex.:

lat.	port.	mir. normal	send.
ament	*amen*	*amẽ̂*	*amẽ̥*
amassent	*amassem*	*amassẽ̂*	*amassẽ̥*
tenent	*tẽem* (arch).	*tenẽ̂*	*tenẽ̥*
debent	*devem*	*debẽ̂*	*debẽ̥*.

É evidente que o send. *ẽ̥* representa uma das phases intermedias entre -ent e *-ẽ̂*.

---

[1] Á syllaba medial atona *-en-* (*-em-*) da nossa lingoa litteraria correspondem diversos sons na lingoagem popular, conforme as regiões:
ên (*êm-*) em pontos da Beira, ex.: *têntar;*
ên (*-êm*) ou *-ēn-* (*-ēm-*) no Sul e Açores, ex.: *têntar* ou *tēntar;*
-ẹn- (*-ẹm-*) em pontos da Beira e do Norte, ex.: *tẹntar;*
-ein- (*-eim-*) no Baixo-Douro, ex.: *teintar;*
-an- (*-am-*) no Alto-Douro, ex.: *tantar;*
-in- (*-im-*) na Extremadura, ex.: *tintar.*
Estes são os phenomenos normaes, os que se observam na generalidade dos casos; póde haver uma ou outra excepção avulsa, que tem explicação separada: *Alenquer,* por exemplo, pronuncia-se *Alonquer* e *Alunquer* em várias localidades.

[2] Valladares y Nuñez, *Diccionario gallego castellaño,* s. v.

[3] Em Gil Vicente, *Obras,* III, indice, vem notado *minte* por *mente.*

[4] Por Fonseca & Roquete, *Diccionario da lingoa portuguesa.*

[5] Valladares y Nuñez, *ob cit.*

Assim como em differentes localidades de Portugal, onde se falla português, o *-e* proveniente de *-i* latino se desnasalisa depois de *j,* assim tambem em mirandês:

lat.	port.	mir.
virgine-	*virge* (pop.)	*birge*
-agine-	*-age* ou *-aige* (pop.)	*-aige.*

Igualmente se diz em mirandês *ome,* como na lingoa popular portuguesa, em gallego e em hespanhol antigo (cf. § 60). Em gallego diz-se tambem *virxe, romaxe* (a par de *imáxen*). —Temos pois no mirandês um phenomeno de caracter bastante geral.

Observação. — No Minho a tendencia geral é desnasalar o *-e.* Noutros pontos de Portugal diz-se *-ãi, -im,* etc. A orthographia litteraria *-em* é apenas para os olhos, pois a pronúncia culta é *-ãi,* por ex.: *devem* pronuncia-se *dévãi* (com *a* fechado, já se entende).

78. Phenomeno parallelo ao do § 73 é o que acontece com o *o* (= *u*) inicial atono e oral, que se muda em *öu,* — ditongo que provém de *ou* (§ 45):

lat.	port.	mir.
ovic'la-	*ovelha*	*öubeilha.*
humanu-	*humano*	*öumano*
occasione-	*occasião*	*öucaſiõu*
offendere-	*offender*	*öufẹnder*
opinione-	*opinião*	*öupeniõu.*

As proprias palavras de origem litteraria obedecem a esta tendencia.

Em obscuru- caiu o *o,* d'onde *scuro,* que corresponde ao port. *escuro* (§ 71).

D'estes factos deduz-se a seguinte lei, analoga á do § 71: o mirandês não admitte inicialmente o som *u,* quando atono e oral: ou o supprime, ou, o que é mais geral, ditonga-o em *öu.*

Observação. — No *Elucidario* de Viterbo, s. v., lê-se *ouciente*, a par de *oucidente* e *ouriente:* mas *ouciente* póde estar por **oicidente* < o c c i d e n t e-, tendo-se mudado o primeiro *c* em *i*, do que proveiu o ditongo *oi*, que posteriormente se mudou em *öu* (cf. supra, § 71, *eigreja*); em *ouriente* póde ter influido a palavra antecedente. No port. moderno diz-se *ourina* a par de *urina;* em gallego *ouriña* (e *ourina*), *oubiña* («uva blanca», de *uviña*), *ourego* (port. *orégão* e *ourégão*), *oufegar, ousurpador*[1]; em port. antigo dizia-se *oulá*[2], em port. moderno *olá* (= oh lá); Gil Vicente tem *hou* em próclise[3]; o mesmo se observa em gallego[4]; tambem se encontra nos diccionarios portugueses *oufano*. Tudo isto prova que a tendencia phonetica observada no mirandês se manifesta tambem em gallego e em português, embora, pelo menos em português, esporadicamente, — o que nada tem estranho, visto serem irmãos todos estes idiomas. O phenomeno mirandês não é de agora: num ms. do sec. XVIII achei escrito *Ourreta da Sylva* (nome geographico[5]), onde a primeira palavra contém o ditongo *ou*, que talvez já soasse como actualmente, isto é, *öu*, em *öurreta*.

---

1 Vid. as quatro primeiras fórmas em Valladares y Nuñez, *ob. cit.* e a quinta em Galo Salinas, *A Torre*, p. 25.

2 Por exemplo nos *Lusiadas*, v, 35:

> *Oulá*, Velloso amigo, aquelle outeiro
> É melhor de decer, que de subir!

3 *Obras*, ed. de Hamburgo, III, 240:

> *hou* a mulher do amarello!...
> *hou* vós do sacco de palha!...

4 Nos *Versos en dialecto gallego*, de Pérez y Ballesteros, 1878, p. 34: «*Ouh* maridiño».

5 Na collecção já por vezes citada *Memorias parochiaes*, etc., existente em Lisboa, na Torre do Tombo, vol. XIII, parte I, fls. 215-217.

79. A *on-* (*om-*) inicial atono corresponde em mir. *ũ-* (escrito *un-*, *um-*, conforme as circumstancias):

lat.	port.	mir.
honoratu-	*honrado*	*unrado*

mas este phenomeno pertence a outra classe mais geral, estudada no § seguinte.

80. Ao *-on-* (*-om-*) medial do português litterario, som que póde ter origem em *u* ou *o* latinos seguidos de nasal, corresponde em mirandês *-ũ-* (*-un-*, *-um-*): cf. o que se disse no § 79, a respeito de *on-* (*om-*). Ex.:

lat.	port.	mir.
rumpere	*romper*	*rumpér*
rhoncare	*roncar*	*runcár*
cum tecu-	*contigo*	*cuntigo*
consiliu-	*conselho*	*cunseilho*
contentu-	*contente*[1]	*cuntento.*

Observação. — Este phenomeno nota-se tambem no Alto- e Baixo-Minho, em pontos da Beira-Alta, e na Extremadura, onde é parallelo a *ẹ̃* ou *ĩ* por *ẽ* (vid. § 76 e nota 1). No Porto, por exemplo, toda a gente, salvo rarissimas excepções (se as ha!), diz, fallando distrai-

---

1 O Sr. Adolfo Coelho, no *Diccionario manual etymologico*, dá como etymo a *contente* o lat. *contens;* mas tal latim é cousa que não existe, nem existiu. Quero conceder que fosse lapso por *continens;* todavia a palavra *contente,* a não ser que se ministrasse uma fórma antiga **contẽente*, que correspondesse a *continente(m)*, tem de se explicar por contentus, que já em latim significava «contente, satisfeito» (por ex.: *parvo contentum esse*); o ital. *contento,* o hesp. *contento* e o mir. *cuntento* confirmam esta explicação. A apparente mudança do *-o* em *-e* deve ter a mesma causa que em *entregue, assente,* sobre os quaes vid. *Revista Lusitana,* IV, 133: resulta de mera analogia.

damente, *cumboio, muntanha, tumbar, cuntigo,* etc. Na Extremadura porém só assim dizem as pessoas incultas. Em gallego acho *cunvidar*[1], *cunsintir*[2], *cumpassiva*[3], *tumbar*[4], a par de *compreto, congoxa, contigo,* etc., o que nos mostra a generalidade do phenomeno mirandês nos idiomas do Noroeste da Iberia. Elle depende de propagação da atonia do *o,* quer em syllaba oral, quer em syllaba nasal: assim como *o* atono se pronuncía *u* no fim e no interior de palavras, quando oral, assim se pronuncía tambem d'esse modo quando nasal. O mesmo succede em catalão, onde *o* atono, quer seguido de nasal, quer não, se pronuncía *u: trovar* pronuncía-se *truvá; contradansa* pronuncía-se *cuntradánsa,* etc.[5] — Com relação a Portugal póde dizer-se que onde existe *ũ* por *õ,* existe tambem *ẽ̤* ou *ĩ* por *ẽ* (§ 76 e nota 1). A generalização que se deu a respeito do *o* deu-se em parte a respeito do *e.*

---

1 Garcia Ferreiro, *Volveretas,* Ourense 1887, p. 20:

Non vés como todo
con falas secretas
a amores *cunvida?*

Carvajal, *Gallegadas,* Ourense 1897, p. 18:

nobres fidalgos *cunvidados.*

2 Garcia Ferreiro, *ob. cit.,* p. 92:

inda temos quen *cunsinta*
que morra a xente de fame...

3 Garcia Ferreiro, *ob. cit.,* p. 104:

Unha alma *cumpasiva.*

4 Carvajal, *ob. cit.,* p. 28:

galiñas *tumbadas* no chau.

5 Vid. Milá y Fontanals, *Estudios de lengua catalana,* p. 3; Pompeu Fabra, *Gramática de la llengua catalana,* p. 9; o mesmo in *Revue Hispanique,* de Foulché-Delbosc, IV, p. 7.

81. A -unt lat. representado em port. moderno por *-am* (= *-ão*), e em port. archaico por *-om*, corresponde em mir. *-ũ*. Ex.: *furum, stubirum, amorũ, dexirũ.*

Observação. — Em muitos pontos de Portugal (Minho e Extremadura) ha tendencia para desnasalar as vogaes finaes atonas (*foro', andaro'*). Em gallego diz-se *foron* e *foro, falaron* e *falaro*; em asturiano *fonon*[1] e *fono*[2]. Se passassemos a outros dominios linguisticos, encontrariamos por exemplo em provençal *foro* (a par de *foron*), *amo* (a par de *amon*), *vendero*, etc., embora aqui o phenomeno não seja bem igual ao nosso.

82. O *-o* (*-u*) da terminação *-io* (-iu) tornou-se subjunctiva do ditongo *ìu*, como se disse no § 57.

Vogaes atonas em hiato

83. Contrariamente ao que é normal em castelhano[3], mas de accôrdo com o que succede em português moderno (na pronúncia), o mirandês não admitte *e* atono ántes de outra vogal, e diz por ex.: *lhiõũ* <> cast. *leon*, *miolho* <> cast. *meollo*, *rial* <> cast. *real*.

Observação. — Os exemplos são menos numerosos que em português, porque nesta lingoa o hiato naquellas condições resulta muitas vezes da syncope de consoantes (*l, n*) que em mirandês se conservam:

lat.	mir.	port.
cenare	*cenar*	*ciar* (cear)
minutu-	*menudo*	*miudo* (meudo)
√tela + -are	*telar*	*tiar* (tear)
geḷata-	*gelada*	*giada* (geada).

1 Rato de Argüelles, *Vocabulario bable*, Madrid 1892, p. 134.

2 «Que ya *fono* muyeres mal fadiades». *Coleccion de poesias en dialecto asturiano*, Oviedo 1839, p. 11.

3 Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola*, p. 42.

Como em português o *e* tonico antes de *a* e *o* se ditonga, e se diz, por exemplo, *ceia, ideia, passeio,* muita gente suppõe erradamente que deve tambem dizer-se e escrever-se *ceiar, ideial*[1], *passeiar,* etc., em vez de *cear* (= ciar), *ideal* (= idial), *passear* (= passiar), etc. Mas ha aqui êrro de raciocinio, pois nem *cear* vem de *ceia,* nem *ideal* de *ideia,* nem *passear* de *passeio.* A fórma antiga de *ceia* era *cea,* e esta vem do lat. cena; a fórma antiga de *ciar* era *cear* (conservada na escrita ainda hoje), e esta vem do lat. cenare, como disse; temos, pois, phenomenos paralellos:

lat.	cena-	cenare
	|	|
port. arch.	*cea*	*cear*
	|	|
port. mod.	*ceia*	*ciar;*

de *cena* passou-se para *cea,* por uma das leis que enunciei a cima (syncope do *n* intervocalico); de *cea* passou-se para *ceia,* pela outra lei que tambem enunciei (ditongamento de *e* tonico antes de *a*). *Cear* vem de cenare, pela mesma lei da syncope do *n; ciar* vem de *cear,* pela lei do *e* atono antes de vogal. Logo, não só *cear* vem de *cea,* mas é contrário aos habitos phoneticos do português dizer *ceiar;* por isso que ninguem diz *ceiar,* ninguem deve tambem escrever *ei* por simplez *e* ou *i.* O mesmo raciocinio se applica a *ideal,* que vem, não de *ideia,* mas do lat. idealis, e a *passear,* que vem de *passo* por meio do suffixo *-ear,* como *vaguear* de *vago;* quanto a *passeio,* esta palavra é que pelo contrario provém de *passear* (substantivo verbal, cf. hesp. *paseo*). Ainda mesmo que haja palavras com

---

[1] Ultimamente publicou o Sr. Alberto Pimentel-junior um livro a que chamou *Historia de um «ideial»*, onde, no proprio titulo, apparece um dos taes erros.

-ea- atonos provenientes de outras que tenham *-eia-* tonicos, a analogia da lingoa pede que se escrevam com *-ea-*, porque toda a gente pronuncía *-ia-*, e o *e* atono na escrita convencionou-se que antes de vogal representasse o som de *i;* assim, por exemplo, o gentilico de *Gouveia* (villa) deve ser *Gouveense* (e não *Gouveiense*), pronunciado *gouviense.*

O estudo das vogaes atonas em hiato está intimamente relacionado com o das semi-vogaes; sobre estas vid. o que se diz no § 85.

Ditongos atonos

84. Todos os ditongos tonicos (§ 69), excepto *ů̬o̩, öũ, ìu* e *i̊e̩,* podem ser atonos. No adverbio *múi,* porém, quando proclitico, o ditongo *úi* reduz-se a simplez *i,* ex.: *mi ásparo* («mui aspero»). Em c a e p u l l a - > *cebólha* está *ae* representado por *e.* O ditongo atono *öu* póde ter origem analoga á de *öu* tonico (*öuteiro* < a l t a r i u -, *öutonho* < a u t u m n u -), ou desenvolver-se de *o-* inicial (§ 78); o ditongo *ei* póde ter tambem a mesma origem que *ei* tonico (*reitor* < r e c t o r e -), ou desenvolver-se de *e-* inicial (§ 73). Á cêrca de *u* < a u t, (que é normalmente proclitico), vid. § 69-*a*.

3. Semi-vogaes

85. As semi-vogaes latinas são *I* (tambem representado por *E* atono antes de vogal) e *V* (tambem representado por *U*).

Estudaremos separadamente o destino que estas duas semi-vogaes, —labial e palatal—, tiveram em mirandês.

Semi-vogal labial

86. Os casos mais notaveis são aquelles em que o *V* (= w) está em contacto com *Q* e *G:*

QVA em quattuor > *quatro;*
QVE (QUAE) em quaerere > *querer* (*q'rer*).
QVI em qui > *que;*
QVO em quomodo > *cumo;*
GVA em lingua- > *lhengoa.* Cf. germ. wahta > *gaita;* warda > *guarda;*
GVE em roguet > *rogue.* Cf. germ. werra > *guerra.*

OBSERVAÇÃO. — O *V* póde em latim estar em contacto com outras consoantes, como em fatuus, onde está em contacto com *t;* em sapui, onde está em contacto com *p;* em habui, onde o está com *b.*

SEMI-VOGAL PALATAL

87. Os casos mais notaveis com I (= J) são:

a)

PI (?) Cf. § 44-OBS. 1;
BI em rabia- > *raiba;* habeam > *haia;*
MI em vindemia- > *bẹndima;*
VI em fovea- > *foia;*
TI no suffixo -ĭtia- > *-eẓa;* actione- > *açöu* e *aciöũ.* Cf. p. 92;
DI em hodie > *oije;* *vir'dias > *berças;* video > *beio;*
NI em linea- > *lhinha;* ingeniu- > *angeinho;*
LI e LLI em folia- > *fọlha,* *millione- > *milhöũ;* valeo > *balho;*
RI em Duriu- > *Döuro* (mas cf. § 59-OBS. 1);
SI em -ásiu- > *-eijo.* Cf. § 44;
CI em lancea- > *lhança.* Cf. § 126;
GI em corrigia- > *correia.* Cf. § 135.

OBSERVAÇÃO 1.ª — Nestes phenomenos o mir. está mais proximo do port., onde se diz *folha, Douro,* etc., do que do hesp. actual, onde se diz *hoja, Duero, -eso,* etc.

Observação 2.ª — O *I* póde em latim ainda ser precedido de mais de uma consoante, como em calumnia, *aprio (por *aperio,* de ap'rire = aperire).

b) O pronome latino ego tinha-se tornado no latim vulgar eo[1], fórma que explica o fr. arch. *eo, io, jo, gie,* (etc.), o fr. mod. *je,* o prov. *eu, ieu,* o catal. *jo,* o ital. *io,* o hesp. *yo,* o port. *eu.* É tambem esta fórma eo que explica o pronome mir. yöu; a semivogal *e* está aqui representada por *y,* como em hespanhol.

b) Consonantismo

88. Ha várias maneiras de expor a evolução historica das consoantes nas lingoas romanicas, como póde ver-se, comparando-os uns com os outros, nos trabalhos philologicos de caracter geral.

Aqui sigo esta ordem: primeiro trato das consoantes simples, isto é, mostro o destino que tiveram em mirandês as consoantes latinas, quando não estavam em contacto com outras consoantes, mas só o estavam com vogaes posteriores ou anteriores a ellas; depois trato das consoantes quando estavam em contacto com outras consoantes iguaes (*geminação*), ou com outras differentes (*agrupamento*). Tal divisão é motivada pelo facto de ter sido diverso o destino das consoantes, conforme se achavam sós, geminadas ou agrupadas. Ainda dentro d'estas tres grandes divisões, é necessario considerar as consoantes segundo o lugar que occupavam na palavra: consoantes iniciaes, mediaes (intervocalicas), e finaes, — porque variaram tambem os resultados phoneticos com essas posições.

---

[1] Em varios dialectos romanicos encontra-se porém ainda *ego, dego, eug:* vid. F. d'Ovidio, in *Archivio glottologico italiano,* IX, 29; Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen,* II, § 175.

1. CONSOANTES SIMPLES

a) *Labiaes:*

P

89. O *P* latino inicial mantem-se em mirandês; ex.: p a l a - > *pala,* *p a t r i n u - > *padrino,* p a l e a - > *palha,* p e r d i c e - > *perdiç,* p o r t a - > *porta,* p r e t i u - > *preço.*

OBSERVAÇÃO. — O lat. p o r t u l a c a - deu em mirandês *buldraga;* cf. em hesp. *verdolaga,* que Diez[1] explica por influencia de *verde.* A evolução que a fórma mirandesa experimentou deve ter sido pouco mais ou menos a seguinte: *p o r t' l a c a - > **verdlaca* > **berdraga* > (por dissimilação de *r—r*) **beldraga* > (influencia do *b*) *boldraga* = *buldraga.* Tambem em mir. se diz *buldrêga,* por influencia do port. *beldroéga.*

90. O *P* latino intervocalico abrandou-se em *b,* pronunciado *ƀ* (§ 13), que se conserva; ex.: r i p a - > *arriba,* n a p u - > *nabo,* c a e p u l l a - > *cebolha.*

91. No fim de palavras não se admitte normalmente *p* em mirandês.

OBSERVAÇÃO. — O destino que *P* latino teve em mirandês não differe essencialmente d'aquelle que teve em português e hespanhol.

B

92. O *B* latino inicial conserva-se regularmente em mirandês; ex.: b i f e r a - > *bréba,* b e n e > *bĩẽ,* b e s t i a - > *besta,* b a l b u - > *böubo,* b o v e - > *bui.*

OBSERVAÇÃO. — Phenomenos analogos se dão em português e hespanhol.

---

1 *Etymologisches Wörterbuch,* s. v. «portulaca».

93. O *B* latino intervocalico está actualmente representado por *b*, pronunciado *ƀ* (§ 13); ex.: sebu- > *sebo*, bibere > *beber*, caballu- > *cabalho*, faba > *faba*, scribera > *screber*, -aba(*m*) > *-aba*. Foi syncopado em: *ti* < tibi, *si* < sibi, talvez por influencia de mi (= mihi). No imperfeito dos verbos geralmente: *-ia* < -iba(*m*).

Observação. — É possivel que no mirandês prehistorico algumas d'estas palavras e outras analogas tivessem *v*, como o tem ainda em português (*cavallo, fava, escrever, -ava*), e o tiveram em hesp. antigo (*cavallo*, agora *caballo, hava*, agora *haba*, etc.[1]); mas não se possuem documentos directos d'isso. — Sobre o *b* < > *v*, cf. § 14.

94. O mirandês não supporta normalmente *b* no fim das palavras.

M

95. O *M* latino inicial conserva-se regularmente em mirandês; ex.: matre- > *mai*, *mac'la- > *malha*, *maniana- > *manhana*, manu-tenere > *mantener*, malu- > *malo*.

Observação. — Phenomenos semelhantes se notam em português e hespanhol; sobre *nai* em gallego, vid. p. 216-nota 2.

96. O *M* intervocalico mantem-se regularmente em mirandês; ex.: clamare > *chamar*, timere > *temer*, lama > *lhama*, lume- > *lhume*.

Observação. — Succede o mesmo em português e hespanhol. — Se em português temos *pantomina*, por *pantomima*, derivado do lat. pantomimus, isso é devido á dissimilação de *m — m* em *m — n*.

---

[1] Sobre o hespanhol antigo vid. *Revue Hispanique*, II, 5 sqq.

97. O *M* latino final tinha caido ordinariamente já no latim vulgar, excepto em alguns monosyllabos. Uma inscripção romana que encontrei no Alemtejo offerece, por exemplo, *anoro* = *annorum*. Mas os exemplos d'este facto são numerosissimos, e muitos tem sido já citados por Corssen, Schuchardt, etc. Em mirandês não apparece pois tambem, a não ser representado por uma resonancia nasal em monosyllabos, como *quĩẹ̃* < quem, *cũ* (ás vezes desnasalado) < cum.

Observação 1.ª — O hespanhol tem *n* nos casos em que o mirandês tem resonancia nasal: *quien, con*. Isto estabelece grande differença entre os idiomas hespanhol e mirandês.

Observação 2.ª — O português procedeu como o mirandês. Em português antigo ha tambem *rem,* do lat. rem, em fr. *rien,* prov. *ren;* e ha *som,* ainda hoje nos dialectos do Sul e Centro *são,* — se é que esta fórma vem directamente de sum —. É duvidoso se as palavras portuguesas *tão, quão,* vem de tam, quam, se de tantu-, quantu-; é mais provavel o segundo facto, — cf. fr. *tant, quant* —, tendo-se supprimido as segundas syllabas em próclise, como em *são, sã,* de Sanctu-, *Mõ* (em compostos como *Monsanto* < *Monte Santo, Montouto* < Mont'altu-, *Mombeja* < *Monte de Beja, Monsul* < *Monte do Sul*), de monte-.

Observação 3.ª — O *m* latino conservou-se em cum e quem, porque a primeira palavra emprega-se sempre procliticamente, e a segunda tambem, quando pronome relativo; por isso *m* não ficava final, mas medial, e por isso em condições de se conservar.

F

98. O *F* latino inicial permanece em mirandês; ex.: fame- > *fame,* femina- > *fémena,* feroce- > *faróç,* festa- > *fĩẹsta,* filare > *filar,* flore- > *flor* e *frol,* folia- > *fọlha,* *fele- > *fĩẹl.*

Observação 1.ª—No tratamento do *f* latino inicial o mirandês differença-se grandemente do hespanhol, onde aquella consoante está hoje mudada muitas vezes em *h*, como se vê em *hoja, hiel*, etc., (antigamente com *f*-). Este phenomeno observa-se noutros idiomas romanicos, como o gascão, onde se diz *hada, hemna, haisó, he, hiera*, fórmas que vem de outras que tem *f*- inicial.

Observação 2.ª—O portuguès procede como o mirandês.

99. O *F* latino intervocalico está representado em mirandês por *b*, pronunciado *ƀ* (§ 13) em: *purbeito* < profectu-, *òuribeiro* < *aurifariu-[1].

Observação 1.ª—É possivel que as palavras citadas tivessem *v* em mirandês prehistorico (cf. § 93-Obs.), como o tem ainda em português (*proveito, ourivez*); se em hespanhol, ha *trébol* < (τρίφυλλον)[2], com *b*, ha tambem *provecho*, com *v*, que porém se pronuncía hoje como *b*.

Observação 2.ª—Ao lat. bifera corresponde em mir. *bréba*, port. *bêbera;* creio porém que a palavra assenta não em bifera-, mas em bif'ra-, o que se confirma pelo facto de em português se ter *b*, e não *v*, o que seria o normal (vid. Obs. 1); cf. tambem o port. *ábrego* < Africu-.—Vid. pois o § 142-*d*.

100. O mirandês não admitte normalmente *f* final.

---

[1] Significa «ourivez». Cf. em português antigo tambem *ourivezeiro*, sobre o qual se veja *Revista Lusitana*, v, 52.

[2] Em vez de τρίφυλλον ha-de antes admittir-se como etymo *τρίφυλον, só com um λ, ou em virtude de confusão de τρίφυλλον («de tres folhas») com τρίφυλον («em tres tribus»), ou em virtude de influencia do lat. *trifolium*, o que me parece mais provavel. De facto o português *trevo* só póde explicar-se por *trifulu- = *τρίφυλον; cf. *povo* < arch. *povoo* < populu-. Em português archaico devia haver tambem *trevoo*, embora eu não possa agora aqui dar a prova documental.

V

101. Excepto na terminação -IVV- (fem. -IVA-), onde está depois de *i* longo, e se syncopa (*rìu* < rivu-, suffixo *-ìu* < -ivu, por exemplo *brabìu*)[1], o *v* lat. em qualquer posição deu em mir. *b* (ou *ƀ*) = videre > *ber*, voce- > *boç*, ave- > *abe*.

Observação 1.ª—Em hesp. e port. -ivu- deu *-io*.

Observação 2.ª—Diz-se porém *bibo* de vivu (apesar de nas inscrições romanas da Peninsula se ler por vezes *vius*: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3070, etc.). Aqui -iu- não deu *-ìu*, como nem em port. nem em hesp. deu *-io*; houve influencia de vivere > *bibér*.

Observação 3.ª—Todas as palavras mirandesas correspondentes a palavras portuguesas acabadas em *-io*, mesmo que não provenham de palavras em -ivu-, tem como terminação o ditongo *ìu* (§ 11), ex.: *nabìu*, < navigiu-, *frìu* < frigidu-: vid. § 57. No feminino *frię* e *fri*: vid. § 56.

Observação 4.ª—Em *bui* (port. *boi*, hesp. *buey*) houve syncope de *v*, do lat. bove-; mas talvez a syncope seja apparente, e já no latim vulgar (da Iberia, pelo menos) houvesse *boe: cf. lat. *boarius*, *boatus*, *boatius*; se ássim não foi, e se realmente a base está em bove-, porque é que num caso temos *bui*, *boi*, *buey*, sem *v*, e noutros *nǫbe*, *nove*, *nueve* < nove(*m*), com *v*?

Observação 5.ª—Quanto ao modo como hoje representa o *v* latino, o mirandês aproxima-se do hespanhol, na pronúncia moderna d'este, mas differença-se do português, que só geralmente nos dialectos offerece confusão de *v* com *b*: vid. § 14.

Observação 6.ª—Sobre outra relação de *b* com *v* etymologico em mirandês vid. os §§ 93 e 99-Obs. 1.

---

[1] Cf. nas inscrições romanas da Peninsula *Aestius* (= Aestivus), *Primitius* (= Primitivus): *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2310, 319, etc.

b) *Linguaes:*

T

102. O *T* latino inicial conserva-se normalmente em mirandês; ex.: tab(u)la- > *traba,* *tinac'la- > *tinalha,* *telare > *telar,* teg'la- > *teilha,* tempu- > *tiempo,* *taratra- > *trada,* totu- > *todo.*

Observação. — A mesma lei regula o português e o hespanhol.

103. O *T* latino intervocalico abranda normalmente em *d,* pronunciado *đ* (§ 13), o qual se mantem; ex.: -atu- > *-ado,* -etu- > *edo,* rota- > *roda,* vota- > *boda,* seta- > *seda.*

Observação 1.ª — A mesma lei regula o português e o hespanhol. — Na terminação -ATICV-, o *T,* depois de abrandar em *D,* syncópou-se em português em epocha muito recente, arch. *ádego* > **ad'go* > *ago,* por ficar em contacto com uma consoante com a qual não podia ligar-se; em relação ao mirandês temos *-algo* < -ATICV- em *binalgo* < *vineaticu-; a fórma intermedia foi **-adgo:* cf. port. e mir. *nalga* < *nad'ga < *natica. No hespanhol a terminação -ATICV- está representada por *-adgo* e *-azgo.*

Observação 2.ª — Ha palavras de uso popular, que derogam apparentemente a regra, como *natale, quieto,* etc., mas todas ellas foram introduzidas em epocha posterior á da formação da lingoa: *natale,* por exemplo, mostra claramente a sua origem ecclesiastica. — Esta observação applica-se a excepções semelhantes.

Observação 3.ª — Á cêrca das terminações verbaes *-ais, -eis, -is* < -atis, -etis, -itis, vid. § 216-Obs. 2. Á cêrca de *mesmo* < *metipsimu- vid. § 196-Obs.

104. O *T* latino final cae em mirandês, ex.: et > *i,* aut > *u,* amat > *ama,* debet > *debe.* E não se admitte normalmente *t* final.

Observação. — O *-t,* antes de cair, passou por *-d:* amat > **amad* > *ama.* — Ainda em italiano se póde dizer *ed* < et por *e,* e *od* < aut por *o,* antes de vogal. No francês arch. mantinha-se ainda *t* na 3.ª pessoa do singular dos verbos, como se vê na *Chanson de Roland,* v. 96-98:

> Li emperédre se fait et balz et liez:
> Cordres *at* prise et les murs peceiiez,
> Od ses chadables les tors en abatiét,

na edição de L. Clédat, Paris 1886. — Em provençal antigo offerecem tambem *-t* as 3.ªs pessoas do preterito: *amet, vendet, receubt, cazet* (no francês moderno o *-t* dos verbos não se pronuncía, em pausa). — Em português antigo mantinha-se o *t* em *est,* antes de vogal: *e oj' est o prazo saido* (*Cancioneiro de D. Dinis,* ed. de Lang, p. 74); tambem em português antigo se encontra *este,* mas só uma vez (no *Cancioneiro da Ajuda,* n.º 15)[1]. — Sobre o *-t* em hespanhol, vid. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola,* p. 50.

D

105. O *D* latino inicial permanece; ex.: dolere > *doler,* delicatu- > *delgado,* dente- > *dięnte,* *dia- > *dię,* duos > *döus.* — Em *dansa* está tambem representado o *d-* germanico: alto-allemão archaico dansōn.

Observação. — O mesmo em português e hespanhol.

106. O *D* latino intervocalico experimenta em mirandês, como em hespanhol, varios destinos, conforme pertence a syllaba postonica ou a syllaba tonica; dos exemplos que conheço, ou que pelo menos agora me occorrem, notarei que o *d* se conserva em *crudo,* de crudu-, e em *nudo,* de nudu-, onde está em syllabas pos-

---

[1] Devo esta informação á Sr.ª D. Carolina Michaëlis.

tonicas, — e se syncopa noutros casos: cadére > *caer* (e *cair*), *medullu- > *miolho*, videre > *ber*, limpidu- > *lhimpo*, frigidu- > *fríu*, fide- > *fé*, vadu- > *bau*.

Observação. — A syncope do *d* intervocalico é pois mais restricta em mirandês do que em português, onde se dá sempre. Nesta última lingoa as palavras *rude* ou *rudo*, e *modo*, de uso popular, devem ter origem erudita. — Em mir. tambem ha *rudo*, como em hesp.

107. O *D* latino final cae: ad > *a*. E não se admitte normalmente *d* final.

Observação. — Neste ponto o mirandês procede como o port.; em hesp. porém admitte-se *-d* romanico.

N

108. O *N* latino inicial mantem-se; ex.: non > *nó* e *nũ*, *narice- > *nariç*, navigiu- > *nabìu*, *neptu- > *nîęto*, nos > *nós*, nudu- > *nudo*.

109. O *N* latino intervocalico, em palavras em que por quéda de *e*(*i*) seguinte não se torne final, permanece intacto; ex.: moneta- > *moneda*, manu- > *mano*, tenere > *tener*, venatu- > *benado*, venire > *benir*, persona- > *pessona*, per-donare > *perdonar*, plenu- > *cheno*, germanu- > *armano*, caminu- > *camino*, luna- > *lhuna*, *quercinu- > *Cérçęno* (p. 75). — Temos pois: -ANV- > *-ano*, -ANA- > *-ana*, -INV- > *-ino*, -INA- > *ina*.

Observação 1.ª — Neste ponto o mirandês está de accôrdo com o hespanhol, mas afasta-se radicalmente do português, onde a manutenção do *n* intervocalico não se dá jamais em palavras primitivas de origem popular; em palavras derivadas porém o *n* mantem-se em português nos dialectos, em certas circumstancias, como no Sul em *canito*, de *cão*, *tostanito*, de *tostão*, etc.

Observação 2.ª — O latim cognoscere, isto é, cognoscére, que deu em port. *conhocer* (arch.) e *conhecer* (mod.), e em hesp. deu *conocer*, está em mir. representado por *coincer* (pron. *cuĩcér*); parece que a evolução d'esta palavra sería: cognoscére > *coinecer > *coin'cer > *coincer* = *coĩcer*.

Observação 3.ª—Em mirandês diz-se *ũŋa* e *ũ*, o que constitue excepção á lei do § 109; vid. sobre isto o § 189. Obs. 1. A palavra *serodio* (lat. serotinu-) é de origem portuguesa; a mir. correspondente é *tardégo*.

Observação 4.ª — A cêrca do *n*, medial de origem, mas tornado final em romanço, vid. o § seguinte.

110. O *N* final póde ser latino ou romanico.

a) Nas palavras de origem latina o *n* final caiu, como se vê em *lhume* < lumen, non > *nó*, excepto em *nũ*, tambem de non quando proclitico, e em *ã*, de in, onde o *n* se transformou em resonancia nasal, por a palavra ser sempre essencialmente proclitica.

b) Com relação ás palavras em que o *n* se tornou final, por apocope de *-e* ou *-i* (§ 152-*c*), temos de considerar os seguintes exemplos:

-ANE- > *-ã*: pane- > *pã*;
-ENE (-INI) > *-ẽ*: bene > *bĩẽ*; veni <> *bĩ*;
-INE- > *-ĩ*: fine- > *fĩ*;
-ONE-, -VDINE- > *-õũ*[1]: *perdicone- > *perdigõũ*; mansuetudine- > **mansidõe* > *mansidõu*;
-VNE- > *-ũ*: commune- > *comũ*;

dos quaes se vê que o *n* desappareceu, sim, como consoante, mas transformando-se em resonancia nasal que se applicou á vogal antecedente.

---

1 Em sendinês parece que se diz *-ão*, ex.: *röuquidão, satisfação*, como em português.

Observação 1.ª—Em *eimaige,* de imagine-, temos, em relação ao port. *imagem,* desnasalamento de vogal, como tambem succede no português popular; o mirandês offerece por vezes *-aije* < > port. *-agem:* cf. *coraige, romaige, salbaige:* todavia tambem ouvi dizer *eimáigene,* que se poderá explicar por *eimaij'ne.* Á cêrca de *ome* vid. §§ 60 e 77.

Observação 2.ª—No modo de tratar o *n* final o mirandês aproxima-se do português, quanto ao singular, e separa-se quanto ao plural, pois que em português ha nasal nos dois numeros, ao passo que em mirandês ha-a só no singular; aproxima-se do hespanhol quanto ao plural, e separa-se quanto ao singular, pois que nesta lingoa não ha nasal, existindo o *n* como lingoal nos dois numeros, ao passo que em mirandês só existe como tal no plural: o que tudo se vê mais luminosamente na seguinte tabella:

	lat.	mir.	port.	hesp.
Singular	pane-	*pã*	*pão*	*pan*
	bene-	*bi̊ẹ̃*	*bẽ* (bem)	*bien*
	fine-	*fĩ*	*fĩ* (fim)	*fin*
	*perdicone-	*perdigö̃ũ*	*perdigão*	*perdigón*
Plural	panes	*panes*	*pães*	*panes*
	*benes[1]	*bi̊ẹnes*	*bẽs* (bens)	*bienes*
	fines	*fines*	*fĩs* (fins)	*fines*
	*perdicones	*perdigones*	*perdigões*	*perdigones*

---

1 Pelo facto de bene em latim classico ser palavra invariavel, não se estranhe que eu aqui lhe dê a forma do plural: como ella, nas lingoas romanicas nos apparece, não só como particula declinavel, mas tambem como substantivo, —ital. *il bene,* fr. *le bien,* prov. *lo bes,* catal. *lo be,* hesp. *el bien*—, é natural suppor que a substantivação se désse já no latim vulgar, e que por tanto ao lado de bene houvesse effectivamente *benes.

Observação 3.ª — Em hesp. a terminação -VDINE- de mansuetudine- foi substituida por -VMINE-, d'onde *mansedumbre;* por isso o exemplo mir. *mansidõũ* não tem nessa lingoa parallelo phonetico. Em português porém diz-se *mansidão,* ant. *mansidõe,* no pl. *mansidões;* o singular *mansidão* nasceu do plural, por analogia com os nomes em *-ões* cujo singular acaba em *-ão,* e não evolucionou directamente de *mansidõe.*

Observação 4.ª — Á cêrca de -mine- vid. § 142-*c* e de *bǫno* vid. § 307.

L

111. O *L* inicial latino mudou-se normalmente no mirandês central ou normal em *lh;* no sendinês porém conservou-se. Ex.:

Latim		Mir. normal	Sendinês
latu-	>	*lhado*	*lado*
latrare-	>	*lhadrar*	*ladrar*
levare	>	*lhebar*	*lebar*
lama-	>	*lhama*	*lama*
laqueu-	>	*lhaço*	*laço*
lavare	>	*lhabar*	*labar*
*loquo	>	*lhöugo*	*löugo*
lenteu-[1]	>	*lhenço*	*lenço*
lep(o)re-	>	*lhíebre*	*libre*
libra-	>	*lhibra*	*libra*
lingua-	>	*lhengoa*	*lengoa*
linu-	>	*lhino*	*lino*
luctu-	>	*lhuito*	*luto* (luito?)
luna-	>	*lhuna*	*luna*
luce-	>	*lhuç*	*luç?*
lume(n)	>	*lhume*	*lume*
lancea-	>	*lhança*	*lança.*

[1] Em lat. vulg. (= linteu-): Schuchardt, *Vokalismus,* II, 56.

Dei uma lista um pouco extensa, porque está neste phenomeno um dos caracteres do mirandês normal em relação ao português e ao hespanhol litterario, onde tal phenomeno não succede. Ao mesmo tempo fica estabelecida uma das differenças que existem entre o mirandês central-raiano, de um lado, e o sendinês, do outro.— Offerecem *lh-* mesmo algumas palavras mirandesas cuja etymologia é desconhecida, ou pelo menos não é claramente latina, como *lhapa* e *lhata*.—Em *lhampeda,* de l a m p a d a -, temos tambem *lh-,* embora esta palavra deva ser de origem ecclesiastica, e por isso moderna.

Observação 1ª—Em muitas palavras do mirandês normal não se observa inicialmente *lh-,* como: *lampiõũ, linterna, ladeínha, licença, lista, lápeç*[1], *lépedo* («lepido»), *lecre* («leque»), *letra, lebe* («leve»), *liçõũ, licença, limõũ, lima, lõua* («loa»), *lõuro* (côr), *lõureiro, lona, lua* («luva»)[2], *liso, lei, lial.*

A respeito de algumas d'ellas é possivel que eu não esteja bem informado, e se digam realmente com *lh-,* como talvez *lõureiro, lebe, lampiõũ;* outras são evidentemente de origem portuguesa e modernas, como *lépedo, lecre;* outras, como *lima* e *limõũ,* vieram por intermedio do arabe, e por isso, datando do sec. VIII ou de epocha posterior, não admira que possam pertencer a uma epo-

---

1 Não se estranhe que *lápeç* tenha *ç,* quando a respectiva palavra port., em attenção ao etymo lat. l a p i s, se escreve usualmente com *-s;* a palavra mir. veiu do hesp., onde se diz *lapiz:* o *z* hesp. foi regularmente representado em mir. por *ç,* e provém do *-d* de l a p i d e - > **lapid:* cf. § 163-Obs. 3.—Tanto a fórma port. como a hesp. são de origem moderna.

2 Em hespanhol antigo dizia-se tambem *lua:* vid. Marqués de Villena, *Arte Cisoria,* cap. XXIII (apud *Poetas anteriores al siglo* XV, vol. LVII, p. 576, col. 3). O etymo é germanico, e está ainda representado pelo gothico *lôfa,* em ingl. mod. *glove:* cf. Diez, *Etymologisches Wörterbuch,* II, 464.—É difficil decidir se a palavra veiu da Hespanha para Miranda pelo commércio, se evolucionou já no territorio mirandês.

cha em que a acção da lei de *l-* > *lh-* havia já terminado; no mesmo caso está *lista,* que representa o germ. lista, e *liso,* que parece ser tambem germ. (√lisja-), e *lua* (vid. p. 260-nota 2), se esta palavra não veiu de Hespanha; *ladeínha,* e talvez *linterna,* tem origem ecclesiastica, e serão pois modernas, não obstante termos a cima *lhampeda,* a que igualmente attribui origem ecclesiastica; as palavras *letra, liçõũ,* se realmente se pronunciam sem palatização do *l-,* manifestam do mesmo modo a sua introducção moderna, o que se comprehende bem, por isso que a instrucção litteraria começou em Miranda muito tarde, como se deduz do que escrevi a p. 105 sqq.; a palavra *lápeç* mostrei na p. 260-nota 1, que é de origem hespanhola.

Observação 2.ª — No meu opusculo *O dialecto mirandês,* p. 16, ao tratar do phenomeno de que me occupo aqui, perguntei se a mudança do *l* inicial em *lh* se operaria só em syllaba tonica, e não em syllaba atona: a consideração de palavras como *lhadeira, lhagareiro, lhagona, lhanceiro, lhatõũ, lheitõũ,* ou de outras como *lhambér, lhançar, lhargar, lhabar,* não é sufficiente para responder negativamente á pergunta, porque as primeiras são derivadas de outras em que o *l* está em syllaba tonica (*lhado, lhago,* etc.), e nas outras podiam influir ou os primitivos (*lhança*), ou as flexões em que o *l* fica tambem em syllaba tonica (*lhambo, lhambes, lhamba, lhambas,* etc.): todavia, como ha palavras que não estão em nenhum d'esses casos, e que tem *lh* em syllaba atona, como *lhabõura, lhagarta* e ainda *lhiõũ,* poderemos certamente considerar o phenomeno como geral.

Observação 3.ª — A mudança de *l* inicial em *lh* é, como disse, um dos caracteres distinctivos do mirandês normal, em relação ao português e ao hespanhol litterario, onde taes phenomenos não se observam; mas, se ella não se dá no hespanhol, dá-se em alguns dos seus dialectos. Vejamos varios exemplos:

latim		asturiano	salamanquino
laborare	>	*llabrar*	*llabrar*
lacrima-	>	*llágrima*	*llágrima*
largu-	>	*llargu*	*llargo*
*lacarta-	>	*llargata*	(*llagartija*)
lupu-	>	*llobu*	*llobo*
locu-	>	*lluegu*	*llugo*
lingua-	>	*lluenga*	*llengua* / *lluengua*
longu-	>	*llongu*	*lluengo.*

Á cêrca do bable ou asturiano, vid. os diccionarios de Argüelles e de Vigón. — Sobre o salamanquino vid. *Farsas y églogas,* de Lucas Fernandez (sec. XVI), Madrid 1867, *passim,* e, sobretudo, o glossario final. Publicou algumas observações philologicas á cêrca d'este livro o Sr. Morel-Fatio, in *Romania,* x, 239 sqq. O salamanquino, ou lingoagem popular dos campos de Salamanca, pertence ao leonês. Ao leonês igualmente se attribuem diversas particularidades dialectaes que se encontram no *Libro de Alexandre,* poema hespanhol do sec. XIII, a respeito das quaes se vejam: *Das Altleonesische,* por Gessner, Berlin 1867; Morel-Fatio, in *Romania,* vol. IV; Cornu, in *Romania,* vol. IX. No *Libro de Alexandre*[1] apparecem algumas fórmas que, com relação ao caso que nos occupa, merecem ser aqui citadas: *llado, llegar, llegado, llodo, a-llevantar, a-llinnar, a-llugado*[2], em todas as quaes se observa o phenomeno da palatização, como em mirandês e em asturiano. Tambem em Berceo (sec. XIII), embora a patria d'este A. não esteja comprehendida no territorio do antigo reino de Leão, se lê: *a-llinnar, a-llumnar, llecho*[3]. — No pouco que

[1] Sirvo-me da edição de Sanchez, publicada na Collecção dos *Poetas anteriores al siglo* XV, Madrid 1864.

[2] Vid. na citada Collecção o respectivo indice.

[3] Vid. igualmente na citada Collecção o respectivo indice.

conheço sobre o antigo sub-dialecto leonês de Sayago, ou sayaguês, nada acho que deva citar-se: sobre elle vid. Tinajero Martinez, *Estudios filologicos,* Madrid 1886, pp. 260–262. — O leonês não occupava todo o territorio de Leão: a este territorio pertence ainda o berciano, que se relaciona com o gallego.

É certo que no hespanhol usual existem algumas palavras com *ll-* correspondente a *l-*, como *llábana, lladrales, llama, llar, llatar, lleudar* e *llevar,* o que á primeira vista contradiz a affirmação tão terminante que a cima fiz de que o phenomeno não existe em castelhano; mas uma análise mais minuciosa desfaz a contradicção. As quatro primeiras palavras são dadas como asturianas pelo proprio *Diccionario* da Academia Hespanhola, que attribue a Leão a quinta; *lleudar* é hoje tida como fórma antiquada, certamente de origem dialectal, a que se substitue *leudar;* em hespanhol antigo dizia-se do mesmo modo *levar,* em vez de *llevar,* que, segundo o Sr. Cornu (in *Romania,* IX, 134), e, em parte, segundo Diez[1], será fórma nascida de má orthographia, o que em verdade me parece pouco provavel[2].

Quanto ao português, ha nesta lingoa tres palavras com *lh* inicial, que são *lhama, lhano* e *lhe;* mas *lhano* vem do hesp. *llano,* que corresponde ao lat. planu-, e que nada tem para o nosso caso; *lhama* não é palavra de origem popular; e *lhe,* com a qual coexiste popularmente *le,* tem uma explicação muito especial, que dei na *Revista Lusitana,* IV, 36. Tanto repugna á lingoa

---

1 *Grammaire des langues romanes,* I, 191.

2 O Sr. Meyer-Lübke, *Gramm. der roman. Sprachen,* I, § 420, explica o facto, dizendo que *llevar* assenta em *lleva*, e que esta palavra assenta em **lievat* < *lĕvat,* onde *l* fica junto de *ĕ* que deu *ie;* mas porque é que não temos tambem *llieve, lliebre,* etc.? — Como em latim ha allevare, que dava regularmente em hesp. **allevar,* póde *llevar* ter provindo d'esse hypothetico **a-llevar*. (Suggeriu-me esta explicação o Sr. Epiphanio Dias).

portuguesa o *lh-* inicial, que a palavra *lhano,* que se tornou popular, pelo menos nos districtos de Lisboa e de Santarem, tem ahi a fórma *ilhano* (e *ilhana*)!

Por consequencia, o interessante phenomeno da palatização do *l* inicial fica no NO. da Peninsula circumscrito aos tres idiomas, leonês, asturiano e mirandês (se leonês e asturiano são muito distinctos entre si!); mas não domina toda a área do asturiano.

O *l-* palatiza-se ainda fóra d'estes dominios dialectologicos: assim, mesmo na Peninsula, temos o phenomeno no catalão, onde, por exemplo, se diz, correspondentemente ás palavras citadas: *llaurar, llágrima, llarch, llagart* (masc.), *llop, lloch, llengua* ou *llenga, lluny* (< l o n g e); mas nem do catalão, nem dos demais idiomas onde existe *lh-* < *l-,* me compete aqui tratar, por pertencerem a zonas afastadas d'aquella a que o mirandês pertence. E se me demorei um pouco na exposição precedente, foi isso devido a ter de basear nella algumas das considerações que apresentarei na Parte III d'esta obra.

Observação 4.ª.—É notavel que nos artigos e pronomes mirandeses *l, la, le, lo,* não se desse a palatização do *l* inicial. O mesmo succedeu em asturiano (pelo menos em parte), onde se diz *lu,* etc., e em catalão.

Observação 5.ª—Dos exemplos citados na Obs. 1 póde deduzir-se que a epocha em que *l-* deu *lh-* é bastante remota, pois que palavras que revelam influencia dos Arabes, como *lima* e *limöũ,* e a palavra *liso,* que parece vir do germanico, e *lista,* que de lá vem realmente, não manifestam a palatização. Teremos, pois, nesta palatização um caracter muito antigo do mirandês, porventura anterior ao sec. v.

Em relação a algumas das palavras mirandesas citadas, que não tem *l,* o asturiano está de accôrdo com o mirandês; cf. as palavras asturianas seguintes: *licion* (mir. *liçöũ*), *limón* (mir. *limöũ*). As palavras asturianas *licion,* e *ler,* que tambem se pronunciam com *l* lingual,

confirmam a conclusão a que cheguei a respeito do mir. *letra* e *liçõũ*. Se por tanto a data da palatização em mirandês não é moderna, tambem o não é em asturíano; um facto apoia o outro[1].

112. O *L* latino intervocalico conserva-se em mirandês (tanto no normal, como no sendinês); ex.: dolore- > *delor*, pilu- > *pelo*, malu- > *malo*, volare > *bolar*, sōlu- > *solo*, filu- > *filo*, salire > *salir*, pluraes em *-ales*, *-oles*, *-iles*, *-ules*.

Observação 1.ª — Esta lei aproxima do hespanhol o mirandês, mas separa-o radicalmente do português, onde a manutenção do *l* intervocalico em palavras de origem popular é rarissima e só em casos que se explícam, como *pelo* (por influencia de *cabello*) e outros: cf. *Revista Lusitana*, II, 372. — Em gallego diz-se tambem, como no português de Portugal: *dor*, *mao*, *voar*, *so*, *ceo*, *fio*, sem *l* intervocalico. Em berciano, se se diz *muhiños*, *fio*, segundo a mesma lei que regula o português e o gallego propriamente dito, diz-se tambem: *malo*, *solo*, *dolor*, etc.[2]

Observação 2.ª — A palavra mirandesa *pobo*, comparada com a lat. populu-, d'onde veiu a port. arch. *povoo*, mod. *povo*, offerece apparentemente uma excepção á regra do § 112, por isso que não tem o *l* intervocalico do latim; mas tal palavra é de origem portuguesa: se populu- houvesse evolucionado até hoje no territorio mirandês, teria dado, como se disse no § 58-

---

[1] Com o mir. *lhampeda* cf. o astur. *llámpara* (hesp. *lámpara*. — A minha supposição de que em mirandês, pelo menos em alguns dos subdialectos, se dirá *lhöureiro*, derivado de √ lauru- é confirmada pelo astur. *Lloreda*, nome de lugar que presuppõe *lloro* < lauru-, embora eu não encontre esta fórma nos diccionarios asturianos que tenho á mão.

[2] A minha fonte para o berciano é o livro intitulado *Ensayos poéticos en dialecto berciano*, por Soler, León 1861.

Obs. 3, uma fórma analoga a *Prǫba,* que (vid. p. 97) vem de *popula-; e que *Prǫba* não é modificação da fórma port. arch. *pobra,* mas ascende ao latim vulgar, mostra-o o *ǫ,* que só póde corresponder a *ŏ* (§ 58).

113. O *L* latino que se tornou final em romanço, conserva-se em mirandês, ou recebe um *e̥* (-*i̯*) de apoio: sale- > *sal,* sole- > *sol,* Aprile- > *Abril,* crudele- > *cruel.* Assim temos: -ALE- > -*al,* -ELE- > *el,* -ILE- > *il,* -OLE- > *ol.*

O -*l* que tem outra origem que não seja latina, experimenta o mesmo destino; ex.: *azul.*

Em todas as palavras mencionadas o -*l* é gutturalizado (§ 13), mas todas ellas podem tambem pronunciar-se, como disse, com -*e̥* (-*i̯*): *azuli̯* ou *azule, sali̯,* etc.

Com a lei do -*l,* cf. a do -*r* (§ 119).

Observação 1.ª — O hespanhol e o português procedem como o mirandês quanto á primeira parte da lei (conservação de -*l*), embora o port., como o gallego, accrescente frequentemente, nos dialectos, -*e,* -*i̯,* -*a.*

Observação 2.ª — O *L* latino torna-se final antes de *e* (*i*) na última syllaba de uma palavra: sale > *sal.*

S

114. O *S* latino inicial conserva-se geralmente em mirandês: sanu- > *sano,* sapere > *saber,* salire > *salir,* sanctu > *santo,* secare > *segar,* sine > *sim,* *Sirena- > *serena,* sonare > *sonar.*

Observação 1.ª — Em algumas palavras, a *s*- latino corresponde *x*-; ex.: sapone > *xaböũ,* syringa > *xeringa, xordo* < sŭrdu. Cf. o hesp. *jabon* e *jeringa;* o gall. *xordo.*

Observação 2.ª — A subire corresponde em mirandês *chubir,* com *ch:* em hesp. e port. é *subir,* mas ha palavras hespanholas com *ch*- correspondente a *s*- latino, ex.: *chillar* < sibilare.

Observação 3.ª — O *s*- não latino experimenta geralmente as mesmas transformações que este, como se vê em *sala* < alto-all. ant. e médio *sal,* all. mod. *Saal.*

Observação 4.ª — Como em português antigo e em hespanhol, diz-se em mirandês *ce̥ntinela,* com *c*-, com quanto esta palavra venha, ao que parece, de um derivado de s e n t i n a. A razão do *c*- está no facto de ser o fr. *sentinelle* a fonte immediata d'ella: o som do *s* francês foi regularmente representado por *c* nos tres idiomas mencionados. Cf. tambem o gall. *cintinela.*

115. O *S* latino intervocalico está representado em mirandês geralmente por *ʃ* (§ 13), sobretudo quando a segunda vogal não é palatal; ex.: c a s a - > *caʃa,* m e s a - (mensa) > *meʃa,* r o s a - > *roʃa,* s p o s u - (sponsus) > *spoʃo,* - o s u - > *-oʃo.*

Observação 1.ª — Quando depois de *s* ha *i* (*e*), o mir. offerece por vezes *j;* ex.: port. *resistir* <> mir. *rejestir,* port. *quiser* <> mir. *quejir,* hesp. *quiso* <> mir. *quijo,* hesp. arch. *tisera* <> mir. *tijeiras* (§ 155-II).

Observação 2.ª — O português e o hespanhol obedecem á regra do § 115, ainda com mais generalidade, embora o actual *s* hespanhol seja consoante surda, ao passo que o *s* português é consoante sonora, o que estabelece acusticamente grandissima differença entre as duas lingoas. Todavia em port. popular encontra-se, por exemplo, *quijer.* Em hespanhol do sec. XIV encontra-se *registir* e *registencia,* com *g,* que era igual ao nosso *j*[1]; o grammatico hespanhol do sec. XVI, Valdés, dá como hespanhol popular *vigitar, quijo* e *quigera*[2]. — Vê-se, por tanto, que o que succede em mir. succede noutros idiomas affins.

---

1 Vid. R. J. Cuervo, in *Revue Hispanique*, de Foulché-Delbosc, II, 63.

2 Apud eundem, *ibid.*, ibid., ibid.

116. O *S* latino final conserva-se em *Dius* > Deus, nas flexões nominaes e verbaes, e em algumas parti culas: minus > *menos*, magis > *mais* e *más*.

Observação. — Succedem factos analogos em português e em hespanhol.

R

117. O *R* latino inicial conserva-se em mirandês; ex.: rana- > *rana*, radice- > *raíç*, ramu- > *ramo*, ratione- > *rezöü*, rotatore- > *redor*, regula- > *réuga*.

Observação. — O mesmo em português e hespanhol.

118. O *R* latino intervocalico permanece em mirandês, e só excepcionalmente, sobretudo por dissimilação, se mudou noutra vogal; ex.: cara- = κάρα- > *cara*, hora- > *ora*, cera- > *cera*. Uma das excepções é, por exemplo, *pröua* < prora- (§ 149-*b*).

Observação. — No português e hespanhol dão-se phenomenos analogos; todavia, ao passo que em hespanhol se diz *lampara*, em mirandês essa palavra não tem *r*, tem *d* (§ 111).

119. O *R* latino, que se tornou final, teve em mir. o mesmo destino que o *L* nas mesmas condições (§ 113); ex.: mare > *mar*, *mare* ou *marĭ*; o que se resume assim: -are > *-ar*, -ere > *-er*, -ire > *-ir*, -ore > *ur*. — Sobre per vid. § 291.

Observação 1.ª — Tem aqui cabimento as mesmas considerações que fiz no § 113-Obs. 1. Nos dialectos portugueses encontra-se a cada passo *-re*, *-rĭ*, *-ra*, em vez do litterario *-r*: *mare*, *marĭ*, *mara* (no districto de Beja). Igualmente em gallego se acha: *dore* (dor), *ire* (ir), *mullere* (muller), *andare* (andar)[1], *sofrire* (sofrir).

---

[1] Saco Arce, *Gramatica gallega*, p. 21.

Em hespanhol antigo tambem se acham exemplos de phenomenos analogos.

Observação 2.ª — O *R* lat., como o *L*, torna-se final antes de *-e* (*-i*) na ultima syllaba de uma palavra; ex.: mare > *mar* (depois *mare*, *mari̯*), quaeri(t) > *quiẹr*.

c) *Palataes:*

I consonans[1]

120. O *I consonans* está, quando inicial, representado em mirandês das seguintes maneiras:

a) por *y* em: *yá* < ia(m); cf. *aiunar* < **iaiunar*.

b) por *j* em muitas palavras; ex.: *junto* < iunctu-, *jentar* < ientare, *jogo* < iocu-, *Jſé* <> port. *José*, *Jaſus* < > port. pop. *Jasus* < port. litt. *Jesus* (arch. tambem *Jesu*), *judìu* (cf. hesp. *judío*) < Iudaeu-, *junco* < iuncu-, *juiç* <> port. juiz < *iudíce = iudĭcem, *Janeiro* < Ianuariu-, *Junio* < Iuniu-, *Julho* e *Julio* < Iuliu-, *jugo* < *iūgu- = iŭgum.

Observação. — Pelo *y* em *yá*, o mirandês aproxima-se do hespanhol, onde tambem se diz *ya;* todavia o mirandês diz *jantar*, ao passo que o hespanhol diz *yantar* (arch.). Pelo *j* de *junto*, o mirandês tanto se aproxima do hespanhol como do português. A *judìu* corresponde, como vimos, o hesp. *judío*. O *ç* da palavra *juiç* corresponde ao *z* do port. *juiz* na pronúncia archaica, mas póde ser uma antiga palavra mirandesa; em hespanhol diz-se *juez*, com *e*. A palavra *junco* tanto se avizinha da portuguesa correspondente, como da hespanhola. Em *jugo* temos uma equivalencia do port. *jugo;* em hespanhol diz-se *yugo*. Cf. com *Junio* e *Julio* as respectivas fórmas hespanholas tambem com *J*, que,

---

[1] Este som costuma tambem representar-se por *J;* mas tal notação era estranha aos Romanos, e data só do sec. xvii: Vid. *Manuel d'orthogr. latine*, d'après Brambach, par F. Antoine, p. 5.

se hoje se pronuncía aspirado, pronunciava-se outr'ora como em português e em mirandês[1].

121. O *I consonans* intervocalico está representado por *i* em *aiunar* < *iaiunare, *maior* < maiore-, *Maio* < Maiu-; e por *j* em *mijar* > *meiare. Syncopou-se em peiore- > *pior*.

Observação. — Como se vê, o mirandês nuns casos aproxima-se do hespanhol, onde se diz *ayunar*, leon. arch. *yeiunar, ieiunar;* noutros aproxima-se do português, onde se diz *pior* (peor).

C

122. Em latim, na epocha classica, o *C* tinha antes de *e, i,* o mesmo valor que nas outras circumstancias. Assim *Cicero* pronunciava-se *Kikero, certus* pronunciava-se *kertus.* Isto é facto averiguado e assente; d'elle existem muitas provas. Tal pronúncia do *C* conservou-se ainda até o presente em alguns dialectos romanicos: num dialecto da Sardenha diz-se, por exemplo, *kentu, kelu, kerbu, kera,* respectivamente do lat. *centum, caelum, cervus, cera*[2]. Se Cicero pudesse resuscitar, e ouvir pronunciar ao povo, na lingua viva d'este, taes palavras, supporia por um instante ter voltado ao tempo antigo. No decorrer dos seculos, porém, a pronúncia do *C* antes de *e, i,* alterou-se bastante na maior parte do territorio romanico. Sobre este phenomeno consultem-se, alem dos trabalhos de caracter geral, onde elle vem incidentemente exposto, os seguintes trabalhos especíaes:

Du C dans les langues romanes, par C. Joret;

---

[1] Sobre a antiga pronúncia do *j* hespanhol vid. R. J. Cuervo, in *Revue Hispanique* de Foulché-Delbosc, II, 52–63.

[2] Vid. outros exemplos em Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen,* I, §§ 6 e 403; cf. porém Ascoli in *Archivio glottologico italiano,* II, 143 e VIII, 108.

Renseignements archéologiques sur la transformation du C guttural du latin en une sifflante, par M. Deloche, Paris 1882 (extr. da *Revue Archéologique*);

Zur Geschichte des lateinischen C, por H. Horning.

Na Peninsula Iberica o *C,* antes de *e, i,* assibilou-se, ao passo que nas outras circumstancias não. Tenho pois de, para mais clareza, considerar separadamente, para o estudo da sua transformação em mirandês, de um lado, o *C* antes de *a, o, u,* e o *C* final; do outro, o *C* antes de *e, i.*

123. CA, CO, CV, em principio de palavras conservam-se em mirandês, representados por *c* ou *q*(u); catena- < *cadena,* calore- > *calor* (fem.[1]), campsare > *cansar,* cáta = κατά > *cada,* castellu- > *castîḙlho,* collu- > *culho,* corona- > *crona,* colore- > *quelor,* *colóbra- (colŭbra) > *quelobra,* cupa- > *cuba,* cunea- > *cunha,* *cupiditia- > *cobícia.*

Observação 1.ª — Ha algumas excepções, como *gato* < cattu-, do celtico CATTOS[2]; *gaiola* < *caveóla-; mas estas excepções não são especiaes do mirandês, são communs a outros idiomas, — o que faz suppor que ellas datam já do latim vulgar: cf. E Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola,* p. 55.

Observação 2.ª — O português e o hespanhol offerecem phenomenos analogos aos mirandeses: isto é, o *C* mantem-se nas condições mencionadas, embora as palavras em que elle entra offereçam noutros dos seus sons alterações diversas: assim o hesp. tem *color,* o port. tem *coor* (arch.) e *cor* (mod.), ao passo que o mir. tem *quelor;* mas todas conservam a palatal inicial (mais pura no português e hespanhol, menos no mirandês, onde está em contacto com *e:* § 13, no *h*).

---

1 Por ex.: *muita calor.* Cf. fr. *la chaleur.*
2 Cf. *Revue celtique,* XVI, 255.

124. Quando CA, CO, CV estão precedidos de vogal, o *C* abranda em *g*, que normalmente se conserva; ex.: baca > *baga*, *oracula > *öuraga*[1], spica- > *spiga*, hac hora > *agora*, amicu- > *amigo*, √lacu- > *lhagona* e *lhagar*, secare > *segar*, *sengo* (ex.: tu sós ũ *sengo* = pateta) < *senicu-.

OBSERVAÇÃO 1.ª — No português e no hespanhol dão-se phenomenos analogos.

OBSERVAÇÃO 2.ª — Diz-se *cucu* < cucu-, sem abrandamento de *g*, porque para o espirito a palavra figurava como rhythmica (onomatopaica), composta de duas syllabas iguaes que representavam aproximadamente a voz do cuco; a consciencia d'este rhythmo fez conservar o *c* medial. Parece-me, pois, que não é necessario recorrer á fórma hypothetica *cuccus, com *cc*, como faz Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, § 2310. — A fórma cucus, por cuculus (lat. classico), foi-nos conservada por S. Isidoro de Sevilha.

OBSERVAÇÃO 3.ª — Em *Portual* ou *Pertual*, de Portucale-, o *c* latino, depois de abrandar em *g*, — cf. em port. a fórma *Portugal* —, syncopou-se excepcionalmente; o mesmo succedeu no derivado *portués* ou *pertués*. — Estas palavras não são, porém, mirandesas de origem, são de origem portuguesa, e propagaram-se á Terra-de-Miranda só pelo sec. XI ou posteriormente, que foi quando *Portugal* designou um districto separado da Galliza[2]; que a palavra *portués* ou *pertués* não é mirandesa prova-se tambem pelo facto da syncope do *l* intervocalico, que é contrária á phonetica mirandesa (§ 112). — Incidentemente notarei que o nome latino do

---

[1] Esta fórma é commum a outros pontos de Tras-os-Montes: *oraga* (que deverá talvez ler-se como em mir.) em Rebordainhos; vid. *Annuario das tradições populares portuguesas*, p. 23. — A palavra mirandesa revela influencia estranha.

[2] Vid. os textos que citei no *Elencho das lições de Numismatica*, II, 5.

nosso país é Portugale, e não *Portugalia,* fórma inteiramente barbara, comquanto usada nas moedas, de certo tempo em deante, em documentos de diversas epochas, e tambem, por infelicidade, no titulo da collecção academica denominada *Portugaliae monumenta historica.* Ao passo que Portugale e Portucale (= Portu Cale) foram fórmas vivas, *Portugalia* não passa de latim macarronico, forjado por analogia com *Hispania, Gallia, Italia,* etc., que terminavam em *-ia*[1]. Do emprêgo, pois, d'esta fórma resulta ainda o seguinte absurdo: que, visto que se diz *Portugalia,* se ha-de tambem dizer *Portugaliense,* pois *Portugalense,* que muitas vezes se usa, fallando-se da Idade-media, deriva de *Portugale.* Tambem se torna curioso o facto de *Portugal* ser masculino, e *Portugalia* feminino: fazem do nosso país a figura de Jano, com duas caras, mas cada uma pertencente a seu sexo![2] Adoptando-se *Portugale,* desapparecem estes absurdos todos, e fica-se de accôrdo com a historia. Em muitos documentos medievaes, que por brevidade deixo de citar aqui, encontra-se tambem *Portugale,* a par de outras fórmas.

125. O *C* latino final apocopou-se em mirandês como em português e em hespanhol: sic > *si,* nec > **ni* > *nim.* — A cêrca d'estas particulas vid. os §§ 292 e 295.

126. O *C* latino antes de *e, i,* em princípio de palavra, ou em meio, quando não precedido de vogal, transformou-se em mirandês em *ç,* escrito assim ou *c,* conforme o phonema seguinte: caelu- (= celu-) > *cįęlo,* certu- > *cįęrto,* cena- > *cena,* circa > *cerca,*

[1] Cf. *Elencho das lições de Numismatica,* II, 42.

[2] Em verdade podem encontrar-se paises que em diversas epochas da sua historia tivessem ás vezes nomes de mais de um genero: assim *Lusitania* é feminino, e *Portugal* é masculino; mas estes dois nomes correspondem a ideias differentes entre si

cincta- > *cinta;* cf. *çujo* < *sucidu- por metathese[1]. — CH foi tratado da mesma maneira: √chirurgia > *cerujano e cerjano.*

Observação. — O português e o hespanhol estão de accôrdo com o mirandês. Em português antigo, e ainda na lingoa litteraria e em alguns dialectos, *c* antes de *e, i* transformou-se em *ç;* noutros dialectos porém temos *s.* Sobre o *ç* no hespanhol antigo vid. R. J. Cuervo, in *Revue Hispanique,* II, 15–48.

127. CE, CI, em syllaba não final precedida de qualquer vogal, deram em mirandês *ze, zi;* ex.: acetu- > *azedo,* facere > *fazer,* vicinu- > *bezino.*

Observação 1.ª — O mirandês está de accôrdo com o português e o hespanhol antigo. Em português antigo e ainda na lingoa litteraria e em alguns dialectos CE, CI, nas condições indicadas estão representados por *-ze-, -zi-;* noutros dialectos, porém, estão representados por *-ſe-, -ſi-.* Sobre o hesp. antigo, cf. Cuervo, *loc. cit.*

Observação 2.ª — Em *chichero* (de cicer) com *ch,* tanto inicial como medial, e em *amiſade,* com *ſ,* temos dois phenomenos difficeis de explicar.

Observação 3.ª — Á cêrca de CE, CI, precedidos de consoante, vid. § 142.

128. CE, CI, em syllaba final precedida de vogal tonica, estão actualmente representados por *ç,* que faz presuppor a fórma intermedia antiga *z.* Ex.: pace- > *paç,* feci > *fiç,* felice- > *feliç,* radice- > *raíç,* luce- > *lhuç*[2]. Em syllaba precedida de vogal atona temos porém: *treze* < trédecim, *doze* < duódecim; mas aqui houve syncopes, etc.: **tred'ze, *dod'ze.*

---

[1] Vid. o que sobre esta fórma escrevi in *Rev. Hispanique,* v, 421.

[2] Já nas *Flores mirandesas,* Porto 1884, adoptei *-ç: cruç, lhuç, talbeç,* etc.

Observação. — O português e o hespanhol concordam essencialmente com o mirandês. Em português escreve-se *z*, mas a pronúncia dialectal é ainda em muitas partes *ç*. Sobre o hespanhol vid. Cuervo, *loc. cit.*

129. Fórmas como *cálece* (port. *calix, caliz* ou *calice*), *décima, decedir* (port. *decidir*), *decente,* e outras, são de origem portuguesa, e por isso não obedecem ás leis proprias do mirandês. — A cêrca de QV, vid. § 86.

G

130. A letra *G* em latim, na epocha classica, tinha antes de *e, i,* o mesmo valor que antes das outras consoantes; mas na evolução da lingoa aquella consoante experimentou em parte modificações parallelas á que vimos no § 122 que experimentou o *C.* O som representado por *C* assibilou-se geralmente antes de *e, i;* o *G* naquellas condições tornou-se em certas regiões médio- e antero-palatal.

Seguirei, tanto quanto for possivel, na exposição da evolução do *G* latino, ordem semelhante á que segui quando tratei do *C.* Temos, pois, de considerar GA, GO, GV, de um lado, e GE, GI, do outro.

131. GA, GO, GV, em princípio de palavra mantem-se; gallu- > *galho,* gutta- > *gota,* gustu- > *gusto.*

Observação. — Neste ponto está de accôrdo o mirandês com as linguas vizinhas.

132. Quando GA, GO, GV, estão precedidos de vogal, o *G* umas vezes permanece, outras syncopa-se: assim temos, em syllaba postonica, *rego* < *rigu- (riguus), *ruga* ou *rùe* < ruga-, *jugo* < iugu-; e em syllaba tonica *rial* < regale-.

Observação. — O português procede como o mirandês; o hespanhol offerece phenomenos tambem analo-

gos, mas cf. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola*, pp. 58–59.

133. Em mir. não se admitte normalmente *g* final.

134. *G* antes de *e, i,* em princípio de palavras, está em mirandês geralmente representado por *j,* escrito assim, ou com *g*. Ex.: gelare > *gelar,* gente- > *gįęnte* ou *gente*.

Observação 1.ª — Neste ponto está o mirandês de accôrdo com o português, mas differe muito do castelhano, onde se diz, por ex.: *hielo, iente* ou *yente* (arch.), *hermano* < germanu-, embora se aproxime do leonês, onde se dizia *gielo, gelada*: vid. Gorra, *ob. cit.*, pp. 59–60.

Observação 2.ª — No mir. *zinolho,* de genuc'lu-, está ge inicial representado por *z*. Sobre esta palavra cf. o port. pop. e arch. *geolho,* fórma que devia outr'ora ter soado **gẽolho;* cf. gall. *xoenllo,* hesp. arch. *hinojo,* no *Poema del Cid,* v. 2593, *ynoio* (< **hinollo*); cf. prov. *genolh-s, ginoll-s,* cat. *genoll,* fr. ant. *genouil, genol,* fr. mod. *genou,* ital. *ginocchio,* venez. *zenochio*.

135. *G* latino, antes de *e, i,* precedido de qualquer vogal, estão em mirandês umas vezes representados por *j,* assim escrito, ou escrito *g,* outras vezes representado por *i,* outras ainda, syncopado: -agine > *-aije* (vid. § 110-Obs. 1); rege- > *rei* (ge em syllaba final), digitu- > *dedo,* frigidu- > *frìu,* viginti > *binte*.

Observação. — O português está de accôrdo com o mirandês; sobre o hespanhol, que não se afasta muito, cf. Gorra, *ob. cit.*, p. 60. — É provavel que com exemplos mais numerosos do que os que tenho á mão, se possa expor com maior rigor a lei que determina a evolução de ge, gi, precedidos de vogal.

136. Sobre gv, vid. o § 86.

137. Nos paragraphos precedentes, em que estudei o destino que tiveram as consoantes latinas simples ao passarem para o mirandês, não me occupei naturalmente do *H*, porque este som desappareceu muito cedo do latim vulgar, e não se conservou por isso em romanço. — Nas lingoas neo-latinas em que exista uma consoante aspirada, esta tem origem não latina.

2. Consoantes dobradas

138. Nem todas as geminações latinas estão representadas em mirandês, o que tambem succede noutros idiomas romanicos. Aqui vou estudar as seguintes: PP, BB, MM, na classe das labiaes; TT, NN, LL, SS, RR, na das dentaes; CC, na das palataes. Todas estas geminações ficam entre vogaes. Como a sua evolução foi muito simplez, não é preciso estabelecer tantas divisões e subdivisões, como a respeito das consoantes consideradas avulsamente.

139. Todas as geminações labiaes, a geminação palatal, e na classe das consoantes dentaes a geminação TT, experimentaram simplificação, como se vê da seguinte tabella:

PP > *p;* ex.: stuppa- > *stopa,*
BB > *b;* ex.: Sabbatu- > *sabado,*
MM > *m;* ex.: flamma- > *chama;*
TT > *t;* ex.: cattu- (*gattu- > *gato;*
CC > *c;* ex.: vacca- > *baca;* bracchium póde considerar-se = brachium: por isso, *braço* (§ 87-*a*).

140. A geminação RR está representada pelo som rolado *r,* que, por ficar entre vogaes, se escreve *rr,* como em latim; a geminação SS está representada pelo

som *s*, que entre vogaes se escreve tambem *ss*. Temos, pois:

RR > *r* (= *rr*); ex.: terra- > *tiẹrra;*
SS > *s* (= *ss*); ex.: ossu- > *ọsso.*

141. As geminações LL e NN palatizaram-se:

a) LL > *lh:*

illa-	>	*eilha*
ad + illac	>	*alhá*
ad + illic	>	*eilhi*
stella-	>	*streilha*
caballu-	>	*cabalho*

b) NN > *nh:*

annu-	>	*anho*
√canna-	>	*canho* («cano»)
capanna-	>	*cabanha*
pannu-	>	*panho*
√celt. *penna-	>	*pinhedo*[1]; *Peinha-Branca* (vid. p. 96).

Observação 1.ª — Este phenomeno é muito importante, porque, alem de outros, distingue radicalmente o mirandês do português, ao passo que o aproxima do hespanhol, embora se separe d'este em que entre as palataes *lh* e *nh* de um lado, e uma vogal palatal tonica do outro, se desenvolve em mirandês um *i*, que falta em hespanhol:

---

[1] Usa-se a par de *penedo* e *penedro*. É que *Pinhedo* relaciona-se com *Peinha;* em quanto *penedo* e *penedro* se relacionam com *pena*. Tambem encontro *peinha* como nome commum: «sobre ũa *peinha*» (Bernardo F. Monteiro, in *Revista de educação*, IX, 258). Mas corresponde ao port. *penha* ou ao hesp. *peña?*

mir.	hesp.	port.
eilha	*ella*	*ela (ella)*[1]
streilha	*estrella*	*estrela (estrella)*
Peinha	*peña*	*Pena*[2].

Cf. sobre estes phenomenos o que fica escrito a cima, pp. 65 e 96.

Observação 2.ª—Em *el* < ille, *mīẹl* < melle-, *mil* < mille, não se deu palatização, porque o *-e* apocopou-se muito cedo.

3. Grupos consonanticos

142. Uns são latinos, outros são romanicos; nestes ultimos indíco por apostropho a syncope da vogal.

a)

pr inicial, fica; ex.: pratu- > *prado;* intervocalico > *br;* ex.: capra- > *cabra,* *lep're- > *lhīẹbre.*—Como em port. e hesp.

pt > *t;* ex.: septe(m) > *sīẹte,* aptare > *atar.*—Como em port. e hesp.

Em captivu- o grupo *p't* deu *au* e *öu* (*cautibar, cöutibar*), por ser moderno: cf. port. arch. *bautismo,* hesp. *cautivar,* gall. *caotivo.*

mpt > *nt;* ex.: promptu- > *pronto,* comp'tare > *contar.*—Como em port. e hesp.

ps > *ss;* ex.: ipse > *esse.*—Como em port. e hesp.

b)

br fica; ex.: bracchiu- > *braço,* su(b)-l'umbra- > *selombra.*—Como em port. e hesp.

---

[1] Em português a orthographia usual reclama *ll,* mas a pronúncia é de *l:* cf. p. 65, nota.

[2] Escrevo esta palavra com lettra maiuscula, porque já não existe no vocabulario commum, e só existe no onomastico.

MB > *mb;* ex.: plumbu- > *chombo,* ambos > *ambos; tamiẹ̃.*—Em hesp. MB > *m;* ex.: *plomo;* em port. pop.: *amos de dois, tamém.*
BS > *s;* ex.: abscondere > *esconder.*—Como em port. e hesp.

c)

MP intervocalico > *m̃p;* ex.: campu- > *campo.*—Como em port. e hesp.
Á cêrca de MPT, vid. § 142-*a*.
MN > *nh;* ex.: somnu- > *sônho.*—Como em hesp. (*sueño*), mas não como em port., onde MN > *n* (*sono* = somno).—Cf. NN > *nh* (§ 141-*b*), o que prova que entre MN e *nh* deve admittir-se a phase intermédia **nn.*
M'N foi tratado de varias maneiras: dom'nu- > *dônho* (cf. hesp. *dueño*); vim'ne > *brime* (em hesp. *vimbre* e *mimbre,* etc.; em port. *vimẽ* e *vime;* etc.), sem'nare > *sumbrar* e *sẹmbrar;* como port. pop. e hesp. arch. em *ome* (de *homen(e-) > **home(n)*; como em port. em *questume* (< > port. *costume*) de consuetu-(dine-) + (u)m'ne-, por troca da terminação *-udinem* pela terminação *-uminem* (cf. o § 110-*b*). Mas *femena* < femina-.

d)

FR inicial, fica; ex.: fratre- > *frade.*—Como em hesp. (arch. *frade*) e em port.
F'R intervocalico deu *br* em *bréba* < bif'ra- (vid. o que se disse no § 99-OBS. 2).—Cf. port. *bebra.*
TR inicial, fica; ex.. trans- > *tras.*—Como em hesp. e port.
TR intervocalico > *dr;* ex.: latrone- > *(Fọnte)-Lhadrõũ* (cf. p. 83), fratre > **fradre*

> *frade,* matre- > *madre* > *mai,* patre > *padre* > *pai.* — Como em hesp. e port. — A fórma *frade* vem de *fradre por dissimilação. De *madre* e *padre* passou-se para *mai* e *pai,* talvez por influencia da lingoagem das crianças: cf. o meu livro *Evolução da lingoagem,* Porto 1886, p. 74.

STR permanece; ex.: monstrare > *mostrar.* Cf. port. e hesp. — Em nostru- > *nosso,* vostru- > *bôsso,* houve assimilação violenta de *tr* a *s,* por estas palavras serem frequentemente procliticas. Cf. em port. *nosso, vosso;* em hesp. ant. *nueso, vueso,* a par de *nosso* e *vosso;* em ast. *nuesa;* em dialecto de Bergamasco[1] *nos, vos, nossa, vossa.*

TC em -AT'CVM deu *-lg-,* através de **ad'go* > *ádigo,* em *binhalgo* < vinu- + -aticu- (*vinaticu-). Vid. § 103-Obs. 1).

e)

DR intervocalico > *ir;* ex.: cathédra- > *cadeira;* mas *quadrado* < quadratu- (palavra certamente não popular). — Cf. hesp. *cadera* (noutro sentido), port. *cadeira.*

D'G > *g;* ex.: vindicare > *vindigare > *vind'gare > *bingar.*

D'Z > *z;* ex.: undecim > **ond'ze* > *onze.*

f)

NC fica; ex.: iuncu- > *junco.*

NQ > *nc;* ex.: quinque > *kinque > *cinque > *cinco.* — A fórma *cinque resulta da antecedente por dissimilação, e é commum ao romanço

1 Apud G. Papanti, *I parlari italiani,* Livorno 1875, p. 13.

(ital. *cinque*, prov. *cinc*, cat. *cinch*, fr. *cinq*, port. *cinco*). A fórma port. arch. é *cinque*, ainda no sec. XIV.—Á cêrca de *kinque, *cinque, cf. Ascoli, *Lettere glottologiche*, I, 14; Gaston Paris, in *Annuaire de l'École des Hautes Études*, 1893, p. 33, nota.—E vid. o que se disse a p. 75 e notas.

N'M > *lm;* ex.: *an'ma* > *alma*. Cf. port. e hesp.; nos dialectos d'estas lingoas *lm* póde dar *rm*.

N'R > *nr;* ex.: teneru- > *tîęnro*, honoratu- > *unrado*. — O hesp. arch. offerece *ondrado*, por exemplo no *Poema do Cid*, «muyer *ondrada*»; o prov. tem *ondrar*, *ondransa;* o port. procede como o mir., mas nos dialectos diz-se *tẽlro*, *õlra*[1] (cf. fr. *tendre*, *gendre*, grego ἀνδρός, genetivo de ἀνήρ).

NT > *nt;* ex.: fonte- > *fǫnte*. — Como em port. e hesp.

ND > *nd;* ex.: mundu- > *mundo*.—Como em port. e hesp.

NG'N > *ngr* em *sangre* < sang'ne-. — Cf. hesp. *sangre*, port. *sangue* (mas *sangrar*, *sangrador*, *sangrento*).

NGÉ ou NGÍ > *nh* + *e*, *i;* ex.: tangere > *tanher*, tingere > *tinhir*. Este phenomeno aproxima o mirandês do hesp., onde se diz *tañer* e *tiñir;* todavia não é estranho á phonetica portuguesa, pois que na nossa lingoa ha *Sanhoane* < *Sã Joane*, onde se deu um phenomeno analogo (assimilação da palatal á nasal precedente). Em catalão diz-se tambem *tányer*, *tinyr*[1], onde *ny* tem o valor de *ñ* hesp. e do *nh* port.

---

[1] Vid. *Dialectos extremenhos*, I, 10.

[1] Cf. Nonell y Mas, *Análisis fonologich-orthografich de la llénga catalana*, Manrèsa 1896, p. 80.

Nas outras circumstancias NG dá *nj,* escrito *ng;* ex.: mir. *longe* (em hesp. arch. *lueñe,* em port. *longe*), do lat. longe.

NV > *nb, mb;* ex.: invidia- > *ambeija.*—Cf. hesp. *envidia* (arch.), *invidia* (mod.)

NS (intervocalico) > *ſ;* ex.: mensa- > *meſa.*—Rigorosamente fallando, o grupo NS não existe já em lat. vulg., onde tinha dado s; as inscripções romanas, mesmo as da Lusitania, offerecem a cada passo -esis = -ensis, como meses, Olisiponesis, etc.: cf. o que sobre o assunto escrevi in *O Archeologo Português,* II, 119.—Á cêrca de *Costantim,* vid. supra, p. 78.

g)

PL inicial, nas palavras mais antigas, deu *ch-,* como em port., ex.: plenu- > mir. *cheno*[1], port. *cheio,* muito diversamente do que succede em hesp., onde PL- deu *ll-,* ex.: *lleno;*

PL inicial, em palavras que certamente não datam da origem da lingoa, deu ás vezes *pr;* ex.: placere > *prazer.*

P'L intervocalico deu *lh* em *manup'lu > *manolho;* cf. hesp. *manojo* (arch. **manollo*), port. arch. **mãolho* > **maolho* > mod. *molho.*—Em *dobrar* < duplare temos *br;* cf. *Pôbra* a p. 97.

MPL > (*mch*) *nch;* ex.: amplu- > *ancho.*—Cf. port. e hesp.

BL inicial > *br;* ex.: germ. blank- > *branco.* Em hesp. *blanco,* em port. *branco.*

---

[1] Esta palavra bastava só por si para provar que o mirandês nem é hespanhol, nem é português, mas um idioma com evolução propria.

B'L intervocalico deu *l* em *falar* < fab'lare, como em port. (mas em hesp. *hablar* < arch. *fablar*); deu *lh* depois de ī tonico (vogal palatal) em *trilho* < trib'lu-, como em port. e em hesp. (*trillo*); deu *br* em *nubrina* < *neblina- (cf. *nubre*, etc.) e em *traba* < tab'la-.

FL inicial, em palavras mais antigas, deu *ch*, o que aproxima o mir. do port., mas o separa do hesp.: flamma- > mir. *chama*, port. *chama* (chamma), hesp. *llama;*

em palavras de epocha posterior deu *fr-;* ex.: *fraita* = port. pop. *fraita* (litt. *flauta*) = hesp. *flauta* < √*flatuare; *fraco* < flaccu-;

em *flor* conservou-se no mirandês central (no raiano diz-se *frol*, pl. *froles*), como em port. mod. (arch. *fror* e *frol*) e em hespanhol: cf. *Revista Lusitana*, II, 371, e III, 327;

depois de consoante foi tratado como inicialmente: FFL e NFL deram pois respectivamente *ch* em *achar* < *afflare (hesp. *hallar*) e em *anchar* < inflare (port., e hesp. arch. *inchar*).

TL intervocalico confundiu-se com CL em *veclu- = vet'lu- > *b* em *bi̜elho*, como em port. e em hesp. (arch. *-ll-*, mod. *-j-*).

T'L > *dr* em *rodra* < rot'la-.

D'L deu *dr* em *almendra* < amygd'la- (cf. hesp.); mas deu *l* em *nolo* < nod'lu-.

R'L conservou-se com metathese em *melro* < mer'lu-; cf. infinitivos em *-r* + *lo* ou *l*: *bér-lo;* mas tambem *bé'-las moças*, e *pelo*, como em port.

CL inicial, nas palavras mais antigas, deu *ch*, como em port., mas ao contrário do hesp. onde ha *ll*: clamare > mir. e port. *chamar*, hesp. *llamar;*

nas palavras de epocha posterior deu *cr*, como em port. (em hesp. *cl*); ex.: clavu- > mir. *crabo*, hesp. *clavo;* — em *carabeilho* de *cla-

vic'lu- houve suarabacti de *a,* como em port. popular.

c'l intervocalico > *lh,* como em port., e em hesp. ant. (mod. *j*): oc'lu- > mir. *ôlho,* port. *olho,* hesp. arch. *ollo,* moderno *ojo.*—A terminação -ĭc'lu- deu sempre *-eilho,* com o desenvolvimento de *i* entre *lh* e a vogal palatal, como no § 141-Obs. 1: vid. § 52.

c'l depois de consoante deu *ch,* o que combina com o port. e em parte com o hesp.: -asc'lu- > *-acho* em *facho* < *fasc'lu-[1]; -nc'la- em *mancha* < *manc'la- (cf. *Revista Lusitana,* ii, 269).—Sobre o hesp. cf. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola,* 73.

gl inicial, permanece: *latiar* (*latear*), derivado de glattire-: cf. port. e hesp. *latir.*

g'l intervocalico > *lh:* teg'la- > *teilha,* com desenvolvimento de *i,* como no c'l; em hesp. *teja* (arch. **tella*), em port. *telha;*

ng'l > *nh* em *unha* < ung'la-: cf. hesp. *uña,* port. *unha.*

m'l > *mbr* em *tembrar* < *trem'lare (*tremulare), com epenthese de *b* e dissimilação de *r—r,* isto é: **trembrar* > *tembrar.* Em hespanhol ha *temblar;* cf. prov. *tremblar,* fr. *trembler.* A epenthese de *b* no grupo m'l ou m'r não é estranha ao português, onde se diz *lembrar* < mem'rare, *combro* < cum'lu-, e popularmente *numbro, cambra,* como em fr. *comble, nombre, chambre,* prov. *cambra, membrar, nombre;* cf. ainda o port. pop. *tambra* («tamara»);

---

[1] Em mirandês diz-se usualmente *fachuco* (= fach-uco), e não *facho;* mas na freguesia da Póvoa ha um monte chamado *Cabéço de l Facho,* do que se vê que a palavra *facho,* que hoje só existe, ao que parece, no onomastico, existiu outr'ora no mirandês commum, por isso que pôde applicar-se a um sítio.

o phenomeno tem tanta generalidade, que até em grego se diz μεσημβρία = μέσος + ἡμέρα. Tudo isto mostra que a ligação M'L ou M'R é tão pouco natural, que se torna preciso desfazê-la. — Cf. tambem p. 216-nota 1.

L + consoante. Umas vezes conserva-se o L, outras vocaliza-se em *u, i,* outras muda-se em *r:*

altu- > *alto,* cal'du- > *caldo,* aliq'u- > *algo; albu-* > *albo;*

alt'ru- > *öutro* (§ 45), multo > *múito,* falce- > *föuce;*

ul'ce > *urze,* a par de *öurzeira.*

Phenomenos semelhantes se dão em port. O hesp. offerece algumas particularidades, pois que, se diz *alto, algo, caldo,* diz *otro* (hesp. prehist. **outro*), *mucho* (em ast. *muncho*). A mudança em *r,* observada em *urze,* tambem não é propria do mir., mas acha-se em port. (*urze*) e em hesp. (*urce*): cf. sobre este assunto D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, in *Miscellanea Caix-Canello,* p. 161, § 46.

h)

N'R. Vid. § 142-*f.*

M'R > *mbr;* ex.: um'ru- > *ombro,* mem'rare > *nembrar* (port. arch.) > *lembrar* e *lhembrar.* — Cf. § 142-*g,* no M'L.

RS > *s,* escrito *ss* (entre vogaes); ex.: persona- > *pessona.* — O mesmo em port. (por ex.: *pessoa*) e em hesp. (por ex.: *oso; persona* é litterario).

R + mais outras consoantes permanece geralmente: arbore- > *árbole* e *arbe.*

i)

S impuro, inicial. — O mirandês admitte *s* ou *ʃ* impuros no principio das palavras: *streilha, spantar,*

sforçado, scabél, scolar («escoar»), *sprar, scapar, star, ſmagar, ſgàrrar* («escarrar»), *scribã*. O port. litter. tem nestes casos *es-*, mas os dialectos offerecem a cada passo *s-*, como o mir.; no Sul do reino não só se diz *stá, stava, spera*, mas mais resumidamente *'tá, 'tava, 'péra* (na phrase *'péra ahi!*). — No lat. litterario dizia-se stella, stare, que no lat. vulgar se tornaram istella, istare, d'onde as fórmas romanicas, *esteile* (em fr. ant.), *estrella* (em hesp.), *estrella* (em port.), *istar* e *estar* (em prov.), *ester* (em fr. ant.); o mirandês, com os dialectos populares portugueses, offerece um phenomeno de regressão, como muitas vezes succede. — Cf. p. 235-nota 3.

SCE deu *x*, com desenvolvimento de *i* junto de palatal, em *peixe* < pisce-; mas *nacer* < nascere, etc. — O mesmo em português[1]; em hesp. *pez* e *nacer*.

S + consoante, em meio de palavras, póde ficar nas outras circumstancias: *ves-lo*, mas *tod'ls omes, todalas*[2]; cf. porém *jarmĩ* (= jasmim).

j)

CT > *it*; ex.: fructu- > *fruito*, nocte- > *nuite*, luctare > *lhuitar*, octo > *uito*, factu- > *feito*. — Este phenomeno aproxima o mir. do port., onde se diz *fruto* (ant. *fruito*), *noite*, etc., mas separa-o do hesp. actual, onde se diz *noche, luchar, ocho, hecho*, com *ch* > ct. Em hesp. prehistorico devia porém haver *it*, e dizer-se

---

[1] Embora se escreva *nascer*, a pronúncia popular (e antiga) é *nacer*. Só affectadamente se diz (no Sul) *nascer*, isto é, *naxcer*.

[2] Cf. o meu opusculo *O dialecto mirandês*, p. 19.

**noite*, **oito*, etc. (cf. § 59-Obs. 2). Ha ainda lingoas que offerecem os dois phenomenos, i. é, *it* e *ch*, como o provençal, onde se encontra: *noit* e *noch* (alem de outras fórmas), *faitz* e *fachs, oit* e *uech*, etc. — O mir. neste ponto, como o port., representa um phenomeno archaico em relação ao hesp.

NCT > *nt;* ex.: iunctu- > *junto*, sanctu > *santo*.

CR no princípio mantem-se; ex.: cruce- > *cruç*. — Palavras, como *grosso, gritar*, existem tambem noutros idiomas, e por isso o seu *gr-* corresponderá a um protótypo commum: cf. Gorra, *Lingoa e letteratura spagnuola*, p. 55.

Intervoc. > *gr;* ex.: lucrare > *lograr*.

X (= *cs*) está representado de diversas maneiras: por *ix* em *eixe* < axe-; por *ſ* em *eiſemplo* < > português *exemplo;* por *ss* em *sessenta* < sexaginta, lat. vulgar sexagenta.

X'N deu *zn* em *Freſno* < fraxinu- (cf. § 44-Obs. 2, e p. 125, nota 1).

k)

GN > *nh;* ex.: in-signare > *ansinhar*, ligna- > *lheinha*. Phenomenos analogos em português e hesp. — Á cêrca de *coincer*, vid. § 109-Obs. 2. — *Indinado* é fórma vinda do port. arch. — Em *leinha* temos desenvolvimento de *i* entre a palatal *nh* e *e:* cf. § 141-Obs. 1, e § 142-*g*.

GR inicial, permanece; ex.: granu- > *grano*. Em port. *grão*, em hesp. *grano*.

Intervoc. > *ir* em *anteiro* < *intégru-. Mas *negro* < nigru-, tambem como em port. e hesp.

GD > *d* em *almendra* < amygd'la- (cf. p. 284).

GM < *m;* ex.: pigmenta- > *pimenta*. — Facto semelhante ao que se deu em GD.

Recapitulação

143. Assim como, ao tratar da phonetica physiologica, fiz uma recapitulação geral dos sons, assim vou tambem aqui expor em resumo os principaes phenomenos que se deram na passagem do latim para o mirandês, e, como contraprova, a correspondencia dos sons mirandeses aos originarios.

§ 144. Sons latinos e sons mirandeses:

a) *Vogaes*

Vog. lat. tonicas:	Ā̆	Ĕ	Ē = Ĭ	Ī	Ŏ	Ō = Ŭ		V̇
Sons mirandeses:	*a*	*i̊ẹ̯, i, e*	*e*	*i, -ì*	*ů̯ọ, u*	*o*	*u*

Observação. — Os phenomenos respectivos ás vogaes atonas não se podem resumir facilmente.

b) *Semi-vogaes*

O que fica dito nos §§ 85–87 é já de si bastante resumido; não vale pois a pena fazer novo resumo aqui.

c) *Ditongos*

Originarios:	AV	AE	OE
Mirandeses:	*öu*	*i̊ẹ̯, i, e*	*e*

d) *Consoantes simples*

Todas as consoantes latinas iniciaes, excepto C e G + E, I, e excepto L (no mir. central), permanecem em regra; C + E, I > *ç*; G + E, I > *j*; L > *lh*.

Todas as consoantes surdas intervocalicas, excepto C e G antes de E, I, abrandaram nas sonoras correspondentes:

Lat.:	P	F	T	S	C	C + E, I	G + E, I
Mir.:	*b*	*b* (= *v*)	*d*	*ſ*	*g*	*ʒ*	*j*

Das consoantes sonoras intervocalicas, L e N permaneceram; as outras, umas cairam, outras ficaram.

Todas as consoantes latinas finaes, excepto S (e R, se *por* vem de *per*) cairam em mirandês.

e) *Consoantes dobradas*

RR > *rr*.

SS > *s* (= *ss*).

NN } palatizaram-se, i. é, deram *nh, lh.*
LL }

Todas as outras geminações se simplificaram.

f) *Grupos consonanticos*

O methodo que segui na exposição das transformações d'estas consoantes dispensa resumo.

145. Correspondencia summária e mais geral dos sons mirandeses actuaes aos sons originarios:

a) *Vogaes*

á provém de A (§ 46); *ạ* provém de A atono, ex.: *ama* < amat (e de *e* sob a influencia de R: § 150-*c*); *ã* tonico provém de AN e de AM, ex.: *pã* (§ 110-*b*), *campo* (§ 142-*c*); *ã* atono póde provir de AN, ex.: *amã* (§ 72), e de IN- (§ 75).

é provém de Ē = Ĭ (§ 52); *ẹ* provém de E, ex.: *debér,* de I, ex.: *bebir* (vivere), de -A (§ 71), de paragoge (§§ 113-Obs. 1, 119-Obs. 1), (e de I por dissimilação: § 149); *ẽ* tonico provém de EN e de EM, ex.: *gente; ẽ* póde provir dos mesmos sons (§ 77); -*ẽ*- póde provir de -EN- (§ 76).

ẹ no ditongo *ìẹ* (§ 50); *ẽ* no ditongo *ìẽ* (§ 50).

ẹ provém de -A em -*ìẹ* (§ 56) e *ìẹ* (§ 57).

ì em *ìẹ* (§ 56) e *ìu* (§ 57).

í provém de Ī (§ 55), e de Ĕ (no send., § 50); *i* atono provém de I, ex.: *cincoenta* < quinquaginta (quinquagenta); *į* provém de -*ẹ* (§§ 74 e 83) e de paragoge (§§ 113 e 119); *ĩ* de IN e IM, ex.: *cinco, limpo.*

ó provém de ō = v̆ (§ 61), de AV = o em *pobre;* õ provém de ON e OM (ex.: *monte*), e de ō = v̆ (§ 61).

ọ provém de ŏ (§ 58); ọ̃ provém de ON e OM, ex.: *cọnta.*

ö tonico no ditongo *öu* (§ 69); ö atono no ditongo *öu* provém de o-, v- (§ 78); ö no ditongo *öũ* (§ 110-*b*).

ù = ọ (§ 67).

u provém de v = u (§ 66); de ŏ (no send., § 58); *u* em *ui* (§ 59); *ũ* tonico provém de VN ou VM, ex.: *junto; ũ* atono provém de ON- (§ 79), de -ON- (§ 80), de -VNT (§ 81).

b) *Semi-vogaes*

* i̊* em *ai̊, ei̊,* póde resultar de *e* ou *i,* ex.: *mai* < matre-, *mais* < magis, *rei* < rege, *amei* < amavi, e póde resultar de ditongamento de *e* (§ 73) e de vocalização de c (§ 142-*j*); *i̊* em *ui̊* (§ 59).

ů em *aů* póde resultar de *u,* ex.: *auga;* em *öů* póde resultar de ditongamento de *o-* (§ 78), de vocalização de *l* (§ 142-*g*); em *ůa* resulta de *u,* ex.: *quatro.*

c) *Ditongos*

Sobre a origem dos ditongos tonicos, vid. o § 69 e o § 101.—Os ditongos atonos tem analogas origens (§ 84).

d) *Consoantes*

p provém de P (§ 88), de PP (§ 139).

b provém de B (§§ 92, 93), de F (§ 99), de V (§ 101), de P (§§ 89-Obs., 90), de BB (§ 133); de epenthese (§ 142-*g*).

m provém de M (§§ 95, 96), de MM (§ 139).

f provém de F (§ 98).

t provém de T (§ 102), de TT (§ 139).

d provém de D (§§ 105, 106) e de T (§ 103).

n provém de N (§§ 108,

l provém de L (§§ 111-Obs., 112, 113).

ç (*c*) provém de *s* francês (§ 114-Obs. 4), de ci e ce (§§ 87, 126, 128), de *z* hespanhol (p. 260-nota 1).

z provém de ti + vogal (§ 87), de c (§ 127).

s (*ss*) provém de s (§ 114), de ss (§ 140), de bs (§ 142-*b*).

ʃ provém de s (§ 115), de di + vogal (§ 87), de i *consonans* (§ 120), de ns (§ 142-*f*).

rr (*r*) provém de r (§ 117), de rr (§ 140).

r provém de r (§§ 118 e 119), de l (§ 142-*g*).

ch provém de s (§ 114-Obs. 2.ª), de pl (§ 142-*g*), de fl (§ 142-*g*), de cl (§ 142-*g*).

nh provém de ni + vogal (§ 87), de nn (§ 141-*b*), de mn (§ 142-*c*), de ngé (§ 142-*f*), de gn (§ 142-*k*).

lh provém de l (§ 111), de li + vogal (§ 87), de ll (§ 141-*a*), de bl (§ 142-*g*), de gl (§ 142-*g*).

x provém de s (§ 114-Obs. 1.ª e 4.ª); *ix* provém de sc (§ 142-*i*, e § 142-*j*).

j provém de s (§ 115-Obs. 1.ª), de si + vogal (§ 87), de g (§ 135).

y provém de i *consonans* (§ 120), de e + vogal (§ 87-*b*).

k (*c*, *q*) provém de c (§§ 122, 123), de cc (§ 139).

g provém de c (§ 124), de g (§§ 131, 132).

Á cêrca de *ƀ* vid. §§ 90, 93, de *ł* vid. § 113, de *đ* vid. § 103, de *g* vid. § 37, de *ŋ* vid. § 39. A resonancia nasal que acompanha as vogaes provém de m (§§ 97, 142-*c*) e de n (§§ 110-*b*, 142-*f*).

c) Phenomenos geraes

1. Accento

146. É sabido que o accento tonico permanece geralmente em romanço na mesma syllaba em que recaía em latim. Constitue esta uma das leis geraes da passagem da lingoa mãe para as lingoas neo-latinas. Podem dar-se todas as especies de modificações nas syllabas

e phonemas vizinhos da vogal accentuada; póde esta mesmo alterar-se: no emtanto, o accento fica sempre no mesmo lugar. Compare-se o lat. civitatem com o fr. *cité;* a palavra latina tem nove phonemas, ao passo que a francesa tem só quatro: mas o *-a-* accentuado latino está representado pelo *-é* francês, o que corresponde a dizer que o accento tonico occupa a mesma posição nas duas lingoas. Mais extraordinaria é a palavra port. *você,* em pronúncia rapida quasi *v'cê,* comparada com a phrase latina correspondente vostram mercedem: o accento do lat. -ce- está em português em *-cê.*

147. O mirandês não se subtrái, é claro, a esta lei: cf. *mesmo* < *metipsimu-, *alma* < anima-, *cofer* < consuere, *eira* < area-.

As apparentes excepções que neste idioma se encontram são analogas ás que se encontram em outros da mesma familia: embora em latim classico se dissesse *mulĭĕrem, parĭĕtem, -eŏlum* ou *-ŏlum,* etc., tinhamos no lat. vulgar muliére-, *paréte-, -eólu- ou -olu-, d'onde o mirandês *molhiẹr, paréde, -ọlo* (p. 89 sqq.). Cf. *inteiro* (§ 142-*k*), *cadeira* (§ 142-*e*), *quelọbra* (< *colóbra = colubra), *trevo* (§ 99, e nota 2). Á cêrca do que se dá nos verbos, vid. os §§ 207, 227, etc.

148. No § 29 disse eu que o mirandês admittia esdruxulos ou proparoxitonos.

De serem diversas as leis que regulam o português e o mirandês resulta que este offerece por vezes esdruxulos onde aquelle tem paroxytonos: cf. mir. *öurégano* com port. *orégão,* mir. *órfano* com port. *órphão,* na pronúncia pop. *órfo* (cf. prov. *orfes*).

Passando a outros exemplos, encontramos em mir. *gracia, desgracia*[1], *cobicia, presencia, pástio, prázio,*

[1] Mas diz-se *desgraçado.*

ao passo que em port. temos *-aça, -iça, -ença*[1], *pasto, prazo.*

A conjugação mir. offerece: *séiamos, séiades, fágades,* e fórmas analogas. O port. litterario offerece: *sejâmos, sejaes* e *façaes,* mas popularmente tambem se diz *séjamos.* Neste ponto as duas lingoas estão mais ou menos equilibradas uma com a outra. Ha, porém, uma classe de verbos em que o mir. se separa radicalmente do port. e se aproxima do hesp.: são os do typo de *balanciar,* cujo presente é *baláncio, baláncias,* etc. (vid. § 264).

Bem pesado tudo, parece que o mirandês tolera mais os esdruxulos que o português.

2. Dissimilação phonetica

149. Póde ser vocalica e consonantica. Sobre a última em geral, vid. Grammont, *La dissimilation consonantique,* Dijon 1895.—Eis alguns exemplos mirandeses:

a) Vocalica (cf. § 37):

da fórmula *o—ó* > *ẹ̥—ó:*
deloróſa, fermoſo (e *fromoſo*), *quelór, delór;*

da fórmula *u*(o)—*ú* > *ẹ̥—ú:*
prefundo, formeſura;

da fórmula *ụ̭*(o)—*ụ̭* > *ẹ̥—u:*
pertués (< portugués);

da fórmula *ị̭—í* > *ẹ̥—i:*
felhico, menistro, rejestir;

da fórmula *í—ị̭* > *í—ẹ̥:*
muitissemo, grandessíssemo;

da fórmula *ị̭—ị̭* > *ẹ̥—ị̭:*
becioſo, crestiandade, creminoſo.

---

[1] Os exemplos portugueses em *-encia,* como *consciencia, experiencia,* são de origem litteraria.

b) Consonantica:

da fórmula *r — r:*

bárbela (< barbara), *stlondro* (< *estrondro), *arado* < a r a t r u -, *Malgarida* (< Margarida);

da fórmula *n — m* > *l — n:*

lomiar (< nomear);

da fórmula *m — b* > *n — b:*

nembro (< membro).

Observação. — Todos estes phenomenos, menos o de *stlondro*, são communs ao português: vid. os meus opusculos dialectologicos, *passim*. Em português, com relação aos superlativos em *-issimo*, e aos deminutivos em *-ito*, *-inho*, correspondentes ao deminutivo mirandês em *-ico*, a acção da lei que tem por fórmulas *i̯ — í* > *e̥ — í* e *í — i̯* > *í — e̥* é menos intensa que em mirandês, por causa de haver consciencia de que taes terminações são suffixos: cf. tambem Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique*, p. 29. É em virtude da mesma lei que se diz em port. mod. *seringa*, e se dizia no ant. *vezinho*: cf. o meu opusculo *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo* (análise crítica), 2.ª ed., p. 62. — Em port. arch. e em gallego ha tambem *nembro*. — Em Santander usa-se *decumento*, *rebustez*, não por simplez mudança do *o* cast., como diz o Sr. Mugica, *Dialectos castellanos*, p. 9, mas por dissimilação, segundo uma das fórmulas indicadas; no mesmo caso está o hesp. *hermoso*, comparado com o port. mod. *formoso* (ant. tambem *fermoso*, ainda em Camões).

3. Assimilação phonetica

150. Certas consoantes exercem influencia nas vogaes atonas vizinhas, modificando-as de algum modo (assimilação incompleta).

a) Influencia de labiaes:

cobrar (lat. crepare)
porfeito (lat. perfectu-)
promeiro (lat. primariu-)
proparar (port. *preparar*)
sumbrante (lat. simulante-).

A este phenomeno me referi já no meu opusculo *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo* (análise crítica), 2.ª ed., pp. 49 e 50, e ahi citei alguns exemplos estrangeiros, e a bibliographia portuguesa do assunto; para lá remetto, pois, o leitor curioso.

b) Influencia de palataes:

sinhor < seniore-
milhor < meliore-.

Quando uma vogal palatal tonica está antes de uma consoante tambem palatal, desenvolve-se entre os dois sons a semi-vogal *i*, que fórma ditongo com a vogal.

dunzeilha < dominicella-
öubeilha < ovic'la-
Peinha < *Penna-.

Cf. sobre o assunto os §§ 141-Obs. 1.ª, e 142-*g*.

Observação. — O antigo dialecto leonês offerece tambem: *espeijo* (hesp. *espejo*), *foija* (hesp. mod. *hoja*), *conseijo* (hesp. *consejo*), *eichar* (hesp. *echar*), *abaixar* (hesp. ant. *abajar*): vid. Gessner, *Das Altleonesische*, 1867, p. 5. — Nenhum d'estes phenomenos é na sua essencia estranho ao português.

c) Influencia de r:

númaro (lat. numerus)
mifarable (lat. miserabile-)
faroç (lat. feroce-)
armano, vid. § 73.

Observação. — Dão-se phenomenos analogos em português. — Cf. Cornu, *Die port. Sprache*, § 89; D. Carolina Michaëlis, *Studien zur hisp. Wortdeut.*, § 37; e os meus opusculos dialectologicos, *passim*. — Em gallego temos, pela mesma razão, *marmurar* < *mermurar*.

§ 150-*bis*. No § 142 (grupos consonanticos) citei muitos casos de assimilação, já incompleta (por ex.: *tenhir*), já completa (por ex.: *falar*). Á assimilação completa succede a absorpção, o que corresponde a dizer que o som assimilado desapparece: assim fab'lare > *fallar (= *fal-lar; assimilação) > *falar* (onde já só existe o *l* primitivo). Outros exs.: *bé-lo* (ber), *beme-nos* (bemos), *acharemo-las* (acharemos). Cf. § 38.

4. Accrescentamento de sons

151. Considerarei os seguintes casos:

a) Próthese:

Dá-se próthese de *a* nos seguintes verbos, onde porém o *a* poderá em parte ser considerado tambem como prefixo:

agabar-se	<>	port. *gabar-se*
acomeçar	<>	port. *começar*
adomar	<>	port. *domar*
alomiar	<>	port. *nomear*
alhembrança	<>	port. *lembrança*.

Observação. — Em port. popular temos *alomear* e *alembrar*. — Os nossos dialectos, sobretudo no Sul, offerecem muitos casos de próthese de *a*. Nos dialectos hespanhoes dá-se o mesmo: para o montanhês, ou de Santander, vid. Mugica, *Dialectos castellanos*, I, 3. — O Sr. Cornu tratou da «próthese de *a* antes de *r* em português, hespanhol e catalão» in *Romania*, XI, 75-79.

b) Epenthese:

Em *albelidade* e *auguardar* propagou-se *l* e *u* ás syllabas anteriores: cf. pp. 61 e 62.

Em *alantre, penedro, cacifro, lecre,* temos epenthese real ou apparente de *r*. — Cf. tambem D. Carolina Michaëlis in *Jahrbuch für romanische und englische Philologie,* XIII, 216–217 (1874).

Desenvolvimento de *i* ao pé das palataes: vid. § 150-*b*.

Epenthese: de *b* em M'L (§ 142-*g*) e em M'N (§ 142-*c*).

Suarabacti de *a* em *carabeilho* (§ 142-*f*), e nas terminações *-rmos* dos verbos (vid. §§ 263–266).

Nos ditongamentos (por exemplo, nos §§ 73 e 78) ha tambem, de algum modo, phenomenos epentheticos.

Em *almendra* (§ 142-*k*) temos o mesmo phenomeno que na palavra hespanhola correspondente. Cf. Grammont, *La dissimilation consonantique,* p. 93.

Ouvi em Duas-Igrejas dizer *el-lh-yȩ, l quintal-lh-yȩ mìu,* onde entre *l* final (gutturalizado) e a palatal *y* se desenvolve o som molhado *lh*. Parece que primeiro se diria: *élh-yȩ, quintálh-yȩ* (cf. § 204-Obs. 1).

In *Studj di filologia romanza,* VI, 465 sqq., indicou E. Gorra muitos phenomenos epentheticos em romanço.

c) Paragoge:

De *-ȩ* (*-i̧*): vid. §§ 113-Obs. 1 e 119-Obs. 1.

5. Suppressáo de sons

152. Considerarei os seguintes casos:

a) Apherese:

Temos apherese de *a* em *Lixandre,* a par de *Al'xandre,* de *i* em *Ʃabel* (= Isabel), de *a* em *larido* (alarido). — Cf. tambem § 299-*d*.

b) Syncope:

No estudo historico dos sons ficam estudados muitos phenomenos de syncope constante. Aqui serão mencionados alguns outros, mais ou menos avulsos: *par'cira*

(= parecira), *neçairo* (necessario), *brano* (l. *veranu-), *andinado* (indignado), *Pertual* (Portugal), *öubedença, cuncencia, suprior, mercer, jurdiçöũ, alantjano* (= alemtejano), *alhabasto* (alabastro), *ã cas de* (§ 291).

Observação 1.ª — A fórma *Pertual* (com *pertués*) é que é propriamente mirandesa; as outras encontram-se geralmente no português popular; *jurdiçöũ* corresponde ao port. ant. *jurdição*.

Observação 2.ª — Em grego ha ἀλάβαστος por ἀλάβαστρος, mas não foi do grego que a palavra mirandesa *alabasto* veiu directamente: representa o lat. alabastrum, e a syncope deu-se depois; o *lh* poderá explicar-se por *a-labastro*. Esta syncope é de certa maneira o phenomeno inverso do que se deu na fórma portuguesa *mastro* comparada com a antiga *masto;* cf. fr. mod. *mât,* fr. ant. *mast* < > all. *Mast*. Em mir. diz-se *maste,* que parece indicar como origem o fr. arch. *mast;* em tal caso o mirandês conservaria uma fórma ainda mais antiga do que a port. arch. *masto*. O haver em nordico ant. *mastr* (vid. Körting, n.º 5154) não é motivo para explicar o *r* do port. mod. *mastro*.

Observação 3.ª — Em sendinês diz-se *dia* (< dicat).

c) Apocope:

O *e* (i) atono final cae em mirandês depois de consoante (excepto *m*) que possa formar syllaba com a vogal precedente, i. é, depois de *l, r, n, s, ʒ* (*c, ç*); ex.: *mar* < mare, *sol* < sole-, *mięl* < melle-, veni(t) > *bẽ,* sali(t) > *sal, fiç* < feci, posui > *pus:* cf. §§ 113-Obs. 2.ª; 119-Obs. 2.ª; e o meu opusculo *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo* (anályse crítica), 2.ª ed., p. 77, nota 5. — Sem embargo, póde de novo dar-se paragoge de *-ę* (*-į*), como se disse nos §§ 113 e 119. — Nos casos não sujeitos ás condições mencionadas, o *-e* mantem-se, e o *-i* tambem, na fórma *-e:* ame(t) > *ame,* vesti(t) > *beste*.

Observação. — A dissimilação causa apocopes, etc.

6. Metathese

153. Ha nas diversas lingoas metatheses apparentes e metatheses reaes. Sobre este assunto veja-se o livro do Dr. Behrens, *Ueber reciproke Metathese im Romanischen,* Greifswald 1888.

154. Sem poder agora embrenhar-me na discussão do que pertence a cada uma d'essas duas especies de metathese, limitar-me-hei a citar em globo alguns exemplos mirandeses:

redadeiro (derradeiro) < *de-retrarius. — O *de-* foi considerado como prefixo, senão o *r* estaria representado por *r,* e não por *rr* (§ 118). — Cf. gall. *redeiro* («horas *redeiras*»).

craba (cabra), § 142-*a*. Podia explicar-se por propagação regressiva do *r* (cf. § 139-*b*) e dissimilação successiva (§ 148-*b*).

brime (vime), § 142-*c*. A fórma anterior deve ter sido *bim're* (cf. hesp. *vimbre* < *vim're), com pronúncia do *m;* o *r* da primeira syllaba explica-se como o de *craba*.

naide < > hesp. *nadie* < lat. nati (cf. § 202-Obs. 2).

retrocido (retorcido).

fre- e *for-* alternam em *fremoſo* a par de *formoſo*. A fórma intermédia sería **foro-*. Este phenomeno representa-se pela conhecida fórmula: cons. + vog. + r + cons. > cons. + r + vog. + cons.

-airo < *-ario* em *cuntrairo,* etc. — Poderia explicar-se: ou por **airio* com propagação regressiva de *i* como o *u* no § 151-*b*, e syncope de *i;* ou por attracção do *i* postonico pela vogal tonica.

-aijo < *-agio* em *adaijo*.

Observação. — Os outros idiomas peninsulares offerecem phenomenos comparaveis com os precedentemente indicados: o gallego, por exemplo, tem tambem *naide,* que existe em dialectos hespanhoes; o dialecto montanhês (Santander) tem *profia, probe,* etc., como se póde ver em Mugiça, *Dialectos castellanos,* I, 5.

7. Crase

154-*bis*. Dá-se crase de duas vogaes contínuas em *ber* < **beer* (cf. port. arch. *veer*) do lat. videre (em lat. vulg. vedere: cf. *vedirent* em Schuchardt, *Vokalismus,* II, 10), em *mesmo* < **meesmo* (§ 196-Obs.), etc.

Observação 1.ª — O mirandês offerece exemplos menos numerosos que o português, porque nesta lingoa o encontro de duas vogaes contínuas resulta geralmente de syncope de consoantes[1], que não cairam em mirandês: cf. port. *só* < arch. *soo* <> mir. *solo* < lat. solu-; port. *vã* < arch. *vãa* <> mir. *bana* < lat. vana-.

Observação 2.ª — Na epocha da transição da pronúncia das duas vogaes para a da crase, em português, a orthographia *aa, ee, oo*[2] representava, ora dois sons, ora a crase, isto é: *á, é, ó*[3]. Como porém a orthographia de qualquer lingoa não costuma sempre acompanhar logo a evolução phonetica, e fica pelo contrário, durante certo tempo, em contradicção com a pronúncia, — como se vê, por exemplo, hoje com a orthographia de *muito,* palavra onde a pronúncia é *mũito,* ou melhor, *mũĩto* (*ũĩ* = dit. *ui* nasal), e a orthographia representa a antiga pronúncia *múito*—, aconteceu que nas epochas em que já *aa, ee, oo,* se pronunciavam *á,*

---

[1] Cf. sobre o assunto tambem D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Obras de Sá de Miranda,* p. CXVIII sqq.

[2] Por simplicidade deixo de fallar de *ao, eo,* etc.

[3] Cf. sobre o assunto tambem Epiphanio Dias, *Obras de Christovão Falcão,* p. 94 sqq.

é, ó, continuava a escrever-se ainda *aa, ee, oo,* segundo a pronúncia antiquada: e assim encontramos em escritos do sec. XVI, etc., *maa, fee, door,* do lat. m a l a -, fide- (*fede-), dolore-, que se pronunciavam *má, dor, fé.* Estabeleceu-se pois equivalencia graphica entre *aa* e *á; ee* e *é; oo* e *ó:* do que resultou que palavras que originariamente, na pronúncia, não tinham vogaes dobradas, passaram a escrever-se por vezes com ellas, encontrando-se em epochas tardas, ou podendo encontrar-se, por ex.: *jaa* (lat. i a [m]), *estaa* (lat. s t a [t]), *daar* (lat. d a r [e]), *poobre* (lat. paupere-, *pop're), *estee* (lat. s t e [t]), onde a duplicação de *aa, oo, ee* tem meramente o valor que hoje tem os accentos agudos.

De não comprehender este facto tão simplez e tão elementar foi que o Sr. Candido de Figueiredo no seu *Novo Diccionario da lingua portuguesa,* cujos primeiros fasciculos sairam durante a impressão d'esta obra, introduziu a palavra *aaz,* copiada inscientemente do *Diccionario* de Roquete ou de outro; de facto, *aaz* é o mesmo que *az,*— e *az,* como eu já tinha dito em 1892 na *Rev. Lusitana,* II, 267, vem do lat. a c i e -, cujo *a-* não podia dar em port. *aa-;* d'onde se vê que os *aa* em *aaz* representam apenas *á,* e que por isso *aaz* não devia entrar no Diccionario, a não ser que o Sr. Figueiredo ahi introduzisse tambem *daar, estaar,* etc., o que não fez!

d) Das excepções ás leis phoneticas

155. O estudo das lingoas, comparadas quer comsigo mesmas em diversos momentos da sua existencia, quer com outras, levou os glottologos á convicção de que ellas se regem por leis, como os restantes phenomenos,— sociaes, psychologicos, physiologicos e physicos. São tão numerosos e variados os casos em que se verifica a constancia das leis glottologicas, que, quando se apresentar uma excepção, esta deve geralmente resultar: ou da nossa ignorancia á cêrca de todas as circum-

stancias em que o phenomeno se produz, o que nos impede de descobrir a lei; ou de leis secundarias que, por assim dizer, se cruzam com a lei principal, e lhe alteram a acção. De modo geral, póde dizer-se que o arbitrio não existe em materia grammatical; quando se dá certo phenomeno, elle obedece a uma lei. O homem ordinariamente não falla como quer, mas segundo a disposição dos seus orgãos phonadores e do seu cerebro. Sem embargo, manifestam-se por vezes na lingoagem influencias individuaes, sobretudo na syntaxe e no estylo; todavia, ou não são duradouras, ou ficam sempre com o estigma originario que lhes dá a apparencia de factos estranhos e singulares.

Vejamos algumas d'estas leis secundárias, em relação não só ao mirandês, mas tambem ao português, e a uma ou outra lingoa mais[1].

1) *Influencia de* ANALOGIA. — Tendo-se, por ex., observado no § 146 que o accento lat. não se desloca geralmente em romanço, extranharemos que em mir. se diga *amábamos* e *amábades,* quando em lat. se dizia amabámus, amabátis: isto depende da analogia com as outras flexões pessoaes em que o accento está na segunda syllaba, — *amába, amábas, amábã.* A analogia tende, pois, a estabelecer igualdade ou paridade entre os phenomenos da mesma ou semelhante classe. — N-*O gralho depennado,* 3.ª ed., p. 102, juntei alguns exs. de influencias exercidas por umas palavras noutras.

2) *Influencia da* ETYMOLOGIA POPULAR (esta é de certo modo um caso de analogia). — A palavra latina *lusciniolus, por lusciniola, experimentou várias

[1] Cf. sobre o assunto: Horning, *La langue et la littérature française,* 1887, pp. 7–8; K. Nyrop, *Grammaire historique de la langue française,* I, 1899, p. 115 sqq.; Grammont, *La dissimilation consonantique,* Dijon 1895, p. 113 sqq.

transformações em mirandês: *reisenhor* ou *reixinhor* (Duas-Igrejas) e *reixinhol* (Póvoa). Em todas ellas é manifesto o processo psychologico denominado etymologia popular, como se vê da syllaba *rei-;* na primeira palavra a mesma influencia é tambem evidente no segundo elemento *-senhor*. Cf. hesp. *ruiseñor,* que creio que já foi igualmente explicado por etymologia popular. Póde ser do mesmo modo devida á etymologia popular a fórma mirandesa *rusmenino* = *rus-menino* (em port. «rosmaninho»), do lat. ros marinu-. Por etym. pop. explico tambem o mir. *boteira,* «goteira», por influencia de *botar;* o mir. *funga,* «funda», por influencia de *fungar;* e por ella será ainda susceptivel de se explicar o mir. *tremiẽnta,* «tormenta», por influencia de *tremer,* e *armanzona,* de «amazona», por influencia de *arma* ou *armana.*—Este processo é muito vulgar em todas as lingoas: cf. Adolfo Coelho, in *Revista Lusitana,* I, 133, onde reuniu exemplos e deu indicações bibliographicas; na mesma *Revista* tinha já sido publicado um artigo por Julio Moreira, I, 56, e outros foram publicados depois (I, 222, artigo de Gonçalves Vianna; I, 267, artigo de Adolfo Coelho); vid. tambem O. Weise, *Les caractères de la langue latine* (trad. fr.), pp. 82 e 257. Quem primeiro se serviu da expressão *etymologia popular* foi Förstemann[1].—Com relação ao francês vid.: Suchier, *Le français et le provençal,* § 70; e O. Roll, *Ueber den Einfluss der Volksetymologie, etc.,* Kiel 1888. Do port. *morexim* (*mordexi, morexi*), palavra de origem indiana, fizeram os franceses *mort-de-chien*[2]*;* na Baixa-Bretanha ha um dolmen chamado em bretão *Dol March'hand* («table de l'allée du cheval»), palavra que em francês foi interpretada por «Table des marchands»[3].—

---

1 Cf. Julio Moreira, in *Revista Lusitana,* I, 56.

2 H. Schuchardt, in *Zeitschrift für roman. Philologie,* XIII, 509.

3 Mortillet, *Animal gravé sur une table de dolmen* (folheto).

Com relação ao hespanhol cf. Mugica, *Gramática del castellano antiguo*, I, 25-26 e nota I.

Ás vezes as palavras experimentam, por processos que imitam o da etymologia popular, alterações mais ou menos arbitrarias: assim os soldados romanos mudaram o nome de *Tiberius Claudius Nero* em *Biberius* (bibere) *Caldus* (calidum) *Mero* (merum); mas estas alterações são de vida limitada; cf. tambem na mesma ordem de ideias o lat. *displicina* = *disciplina*[1]. Na Madeira o povo chama *tabernal* ao *tribunal*[2].

3) *Influencia de* CRUZAMENTO *de palavras de fórma semelhante.* — Citei exemplos a p. 65 quando deduzi a existencia de *a n g u i l a no latim iberico. O cruzamento relaciona-se intimamente com a analogia, mas não é bem a mesma cousa que ella. Na analogia as palavras subordinam-se a typos communs: mir. *séiamos* por influencia das restantes fórmas homeotonicas do presente; port. pop. *fostes* por influencia de todas as mais flexões da 2.ª pessoa do singular; port. *aldeões* por influencia dos nomes que tem *-ões* em correspondencia com o sing. *-ão*; port. pop. *celestre* por influencia de *terrestre*, adjectivo parallelo; port. *monja* por influencia da terminação *-a* de numerosos femininos; **Tagius* (de *Tagus*) por influencia dos nomes de outros rios: *Durius* e *Minius*. No cruzamento vemos que ha duas ou mais palavras que, por terem elementos communs, se confundem entre si, e que quem falla transporta para uma elementos da outra, como se vê talvez no mir. *streilha*, port. *estrela* (estrella), hesp. *estrella*, que terão o *r* de *astro*. A analogia exerce-se, sobretudo, em categorias de palavras relacionadas entre si de algum modo. O cruzamento dá-se quasi sempre avulsamente.

---

1 Weise, *ob. cit.*, p. 283.

2 Informação do fallecido Dr. A. Rodrigues de Azevedo.

4) *Influencia de* RELAÇÕES MORPHOLOGICAS *reaes ou suppostas.*—Estas relações são várias. Referirei aqui cinco classes:

a) Supposto plural.—Diz-se no Alemtejo *ôrive* («ourívez»), por se suppor que *ourivez*, palavra que se pronuncía como *ourives*, é plural[1]. Dão-se noutras lingoas phenomenos analogos: «M. Wheeler nous apprend comment le peuple des États-Unis trouve moyen de donner un singulier à des mots pris à tort ou à raison pour des pluriels, comme *Chinese, Portuguese.* En regard de *Chinese* (prononcez *Chinîz*) il a fait un singulier *Chinee* (pron. *Chainî*); en regard de *Portuguese* il a fait *Portuguee*»[2]. Cf. tambem as palavras lat. *septentrio*, de *septentriones* (= septem triones); e *duumvir*, de *duumvirum* = *duum* + *virum*: *septentriones* e *duumvirum* foram falsamente consideradas como pluraes de *septentrio* e *duumvir*, que receberam como singulares existencia real.

b) Palavras que se suppõem primitivas de outras.—Usa-se na Beira-Alta a palavra *rosmano* no sentido de «rosmaninho»[3]; a palavra *rosmaninho* foi considerada como deminutiva, e deduziu-se d'ella a supposta base.—Por processo analogo se explicou o ital. *brusco* de *bruscolo*; e de baculum e vinculum se deduziram respectivamente *baco* e *vinco*[4];

[1] Vid. *Revista Lusitana*, IV, 50.

[2] M. Bréal, *Essai de sémantique*, 1897, p. 53.—O meu exemplo de *ôrive* tinha sido publicado em 1896.

[3] Thomás Ribeiro, *D. Jaime*, 1.ª ed., p. III das Notas.

[4] Carlo Pascal, in *Studj di filologia romanza*, fasc. 18 (1894), p. 91. A Sr.ª D. Carolina Michaëlis explica o port. *vinco* porém por vinculum, por evolução phonetica: *Studien zur hispan. Wortdeutung* (1895), § 48. Esta explicação não está em contradi-

o fr. *chaque*, arch. *chasque*, foi deduzido de *chascun* (chacun)[1]; explicação analoga tem o port. *quialteras*, de *sequialteras*[2], e o port. *ávos*[3].

c) Consciencia real ou supposta de que certas palavras provém de outras. — Sendo uma lei em português que *i* atono numa syllaba anterior a outra em que ha *i* tonico aquelle se muda em *e* (por ex.: *vezinho* < *vizinho*, cf. § 148-*a*), dá-se uma excepção nos condicionaes, e diz-se, por exemplo, *fugiria* e não *fugeria* (pelo menos esta última fórma não é usual em português), por haver mais ou menos consciencia de que a palavra vem de *fugir*[4]. Em mirandês, se se diz ou póde dizer *fugirię*, *öuvirię*, com *i*, diz-se porém *benerię*, com *e*, fórma correspondente á port. *viria*; e diz-se *-issemo* correspondente a *-issimo* em *santissemo*, etc.

d) Coalescencia, real ou supposta, do artigo com a palavra a que elle se vae juntar. — É assim que de *uma luta* se fez na Beira *maluta*, palavra que é synonima de «luta». — Sobre este processo em português e noutras lingoas romanicas vid. o que escrevi in *Revue Hispanique*, v, 423 sqq.

Alguns dos mencionados casos devem, em parte, aproximar-se dos da *analogia*.

ção com a de cima, pois as leis que regulam o italiano não são as mesmas que as que regulam o português. A favor da etymologia proposta pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis depõe, quanto á fórma, o hesp. arch. *vincle*. Em todo o caso bom seria achar em port. ant. *vincoo*.

[1] Suchier, *Le français et le provençal*, p. 135.

[2] Julio Moreira, in *Revista Lusitana*, IV, 288 e 289.

[3] Vid. um meu artigo in *Revue Hispanique*, v, 419.

[4] Cf. p. 295.

e) *Pluralia tantum*. — Diz-se em mir. *tejeira* ou *tejeiras*, «tesoura»: no singular, porque o objecto é um só; no plural, porque se attende ás duas laminas que o compõem. Pela mesma confusão de ideias se diz *alforja*, «alforges». Em português usa-se *tesoira* ou *tesoura* na lingoa culta, *tisoiras* na popular (Beira, etc.). As fórmas *tisoiras* e *alforges* são até certo ponto duaes. — Na actualidade os alfaiates em Lisboa, etc., tambem dizem galantemente «uma calça»; mas a expressão tem pouco consummo fóra das alfaiatarias.

5) *Regularização de certas terminações*. — Já no § 62-nota 2 vimos que em mirandês se diz *abutro*, «abutre», onde, por *-o* ser a terminação especial do masculino, se quis, por assim dizer, *tornar mais masculina* a palavra, mudando-se o *-e* em *-o*. Pelo mesmo motivo se diz em mirandês tambem: *baldo*, «balde» (vasilha), *caceto*, «cacete»[1]; *aljubo*, «aljube»[2]. — Podem ainda entrar nesta categoria as seguintes palavras mirandesas: *ancensio*, «incenso»; *bardio*, «bardo» (espaço fechado de mato, para metter o gado no inverno); *bérrio*, «berro»; *fário*, «faro»; *pástio*, «pasto». Alguns dos verbos correspondentes são *berriar* e *pastiar*. Ou se quis regularizar as terminações pelas de palavras taes como *serbicio* (que se usa a par de *serviço*), *spacio* (cf. *spaciofo*), ou de fórmas correspondentes ás portuguesas em *-o* se deduziram verbos em *-iar* (= port. *-ear*), que por sua vez deram origem a substantivos verbaes em *-io*: todavia, como *pástio* difficilmente se póde considerar como substantivo verbal (abstracto), parece-me mais conforme a

---

[1] Com quanto esta palavra venha do fr. *casse-tête*, onde tem *-ss-*, escreve-se em português com *-c-*, e tem em mirandês o som de *ç*, por uma razão analoga á que dei no § 114-Obs. 4.

[2] Exs. ital. em Mussafia, *Norditalien. Mundart.*, 1873, p. 18.

primeira explicação. — Na mesma classe incluo finalmente *chemineia,* que coexiste com *chemené,* «chaminé»; a palavra provém, comtudo, naquella fórma, talvez do hesp. *chimenea* (cf. tambem catal. *xemeneia*). — Esses exemplos revelam, em parte, phenomenos de analogia.

6) *Sentimento do rhythmo.* — É assim que, devendo no lat. c u c u - abrandar-se o *c* (§ 124), elle se manteve em mirandês: vid. sobre isto o § 124-Obs. 2.ª

7) *Allitteração e rima.* — Num artigo publicado na *Revista Scientifica,* do Porto, pp. 200 e 201, inseri várias palavras em cuja formação parece ter influído a rima, por estarem ligadas com outras em adagios, adivinhas, etc.; por ex.: *iguarço* (por *igual*) em rima com *Março.* Cf. tambem as observações que fiz in *Revista Lusitana,* I, 350, e no prologo das *Canções populares* de Fernandes Thomás, pp. XIX–XX.

8) *Euphemismo.* — Por motivos religiosos desfiguram-se ás vezes os nomes: assim se explica o fr. *pardienne* e *pardi,* de *par Dieu,* o fr. *corbleu,* de *corps de Dieu,* o fr. *morbleu,* de *mort de Dieu;* o lat. *edepol,* de *Pollux;* o all. *Deistel,* por *Teuffel;* em gallego diz-se tambem, pelo mesmo motivo, segundo creio, *pardiòbre, pardiòla* e *pardiòlas;* cf. ainda o hespanhol *pardiez.* Em Portugal muitas pessoas que não querem proferir o nome do Diabo dizem *Diangas* e *Diangras,* — palavras que não podem phoneticamente explicar-se por D i a b o l u s. — Em S. Pedrọ da Silva (mirandês central) ouvi dizer *Demónches* por «Demonio»; talvez a palavra seja commum a todo o concelho.

9) A *assimilação* e *dissimilação,* de que tratei nos §§ 149–150, são causas muito frequentes de perturbação das leis geraes da lingoagem.

10) No mesmo caso está a *clise*, e principalmente a *próclise*. Quem ha-de dizer á primeira vista que o latim seniorem podia ficar em português reduzido a simplez *s* em certas expressões? E comtudo assim foi: cf. *Rev. Lusitana*, II, 375. Em mir. o adverbio *mui* reduz-se frequentemente a *mi*. Tambem num conto mirandês encontrei «ã *cas* de l rei» (vid. na MORPHOLOGIA o § 291).

11) A *homonymia* póde tambem causar algumas vezes perturbações phoneticas, alterando-se a fórma de uma palavra para não se confundir com outra igual.

12) Por troca de suffixos e de prefixos podem dar-se apparentes irregularidades phoneticas: vid. sobre isto os §§ 298-*v* e 299.

13) *Fórmas hypocoristicas.* — Os nomes proprios, em português, offerecem, por exemplo, fórmas secundarias ao lado de fórmas plenas; ex.: *Zé*, «José»; *Né*, «Manoel»; *Quim*, «Joaquim»; *Lulú* (reduplicação), «Luis». Em mirandês devem succeder phenomenos analogos, posto que não possa citar nenhum aqui. — Sobre a influencia da lingoa infantil, cf. *mái* a p. 281.

14) Uma importante causa de perturbação phonetica é a influencia litteraria, que não só faz que se desfigurem palavras já existentes, mas introduz palavras novas. Muita gente, regulando-se só pela orthographia, e não pelo uso, pronuncía as palavras como as vê escritas, mesmo quando esse modo de escrever está em desaccôrdo com a pronúncia viva: assim tenho ouvido no theatro dizer *éroi* (= heroi) em vez de *iroi*, e nas casas commerciaes, etc., *dez-reis*, em vez de *dérreis*, que é a pronúncia corrente e natural. A cada passo se ouve pronunciar *chrysanthêmo* em vez de *chrysânthemo*. Por influencia da terminação *-ano*, que costuma ser accentuada, diz-se *oceâno*; a fórma correcta sería *océano*,

do lat. oceănus, mas esta pronúncia já não póde ser alterada, pois tornou-se normal. Uma palavra como a mir. *letra* só póde ser de origem litteraria (§ 111-Obs. 1). As palavras que se introduzem litterariamente numa lingoa offerecem certas modificações, que são devidas aos habitos phoneticos que dominavam na epocha da introducção. Conforme esta epocha é mais ou menos remota, assim as deformações são maiores ou menores. Se a epocha é moderna, e a palavra não se tornou ainda de uso geral, as modificações dão-se geralmente só na terminação, ou na pronúncia; consistem em meras adaptações phoneticas de momento, como no port. *corpusculo* comparado com o lat. corpusculum. Se a epocha é antiga, e a palavra se tornou já de uso geral, as modificações podem affectar outros elementos d'ella, como no port. *prazo,* comparado com o lat. placitum, onde o grupo *pl-,* segundo as leis organicas da lingoa, devia dar *ch-,* como o deu em *chão* < planu-. As palavras da primeira especie chamam-se propriamente «litterarias»; as da segunda chamam-se «semi-litterarias» ou «semi-populares», conforme se attende á proveniencia d'ellas ou á deformação. Podemos, pois, distinguir no vocabulario da lingoa portuguesa tres estratos[1] fundamentaes:

1.º (popular), ex.: arch. *chantar* < lat. plantare;
2.º (semi-pop.), ex.: vulg. *prantar* < lat. plantare;
3.º (litterario), ex.: mod. *plantar* < lat. plantare.

Escolhi de proposito uma só palavra, —lat. plantare—, para que as suas modificações se tornassem mais comprehensiveis. Do latim vulgar da Lusitania data *chantar;* do latim dos livros, introduzido na Idade-

[1] O termo *estrato,* do lat. stratus, que aqui emprego metaphoricamente, pertence á geologia.

Media, depois que a litteratura latina teve certo desenvolvimento entre nós, — e nunca em verdade deixou de cá haver alguma cultura intellectual, devida á acção da Igreja —, data *prantar;* do latim, tambem dos livros, mas introduzido relativamente ha pouco, data *plantar*. As numerosas excepções d'esta especie que se notam na evolução phonetica das lingoas provém de as palavras pertencerem ao 2.º ou ao 3.º estrato. Nas leis que na PHONOLOGIA expus, com relação á historia dos sons mirandeses, sempre me referi, salvo menção em contrário, a factos que estão nas mesmas condições que os que, em relação ao português, pertencem ao 1.º estrato; vid. porém alguns exemplos de factos da categoria dos do 2.º no § 142-*g*.

*

Não obstante o meu natural desejo de querer explicar todos os phenomenos, fica ainda um residuo que não me parece de facil explicação, por ex.:

alfacéna, «alfazema». Dissimilação das labiaes *f — m?* Influencia de outras terminações em *-ena?*

aliçace, «alicerce». Cf. a fórma archaica *alicece*, e creio que ainda popular; nas *Constituições do bispado de Coimbra* (1521), const. II, lê-se *alycece;* no P.e Antonio Vieira, *Palavra empenhada e desempenhada*, pp. 80 e 203, lê-se *alicesse* (com *ss*); em Bernardes, *Nova Floresta*, II, 56, 109: *alicesses*. Primeiro houve assimilação regular de *r* a *c* (= *ç*): cf. RS > *s* no § 142-*h;* nos dois escritores seiscentistas que citei encontram-se *ss* em vez de *c*, porque no sec. XVII já se tinha dado no Sul do reino a confusão entre *s* e *ç:* cf. supra, p. 34-nota. Mas, se a mudança de *rc* em *c* se explica bem, como se explica a mudança do *e* tonico em *a?*

amiſade, «amizade». Esperando-se que esta palavra tivesse *ʒ* e não *ſ*, por corresponder ao lat. *amicitate- (amicitia), porque é que tem *ſ?*

androlina, «andorinha». Esta palavra, como *rouxinol*, tem nas lingoas da Iberia fórmas que não se correspondem: cf. hesp. *golondrina*. Do lat. √hirundo.

maltrasto, «mentrasto», do lat. mentastru-. Como se explica o *l*? Por etymologia popular, sob a influencia do adverbio *mal*? Mas o povo não fórma conceito mau d'esta planta. O hespanhol em nada nos ajuda, pois tem *mastranto* e *mastranzo*, com troca de terminações. A lingoagem popular portuguesa tambem, que eu saiba, nos não auxilia, pois na Beira-Baixa, por exemplo, diz-se *montrasto*, com *o* por *e*, sob a influencia da labial inicial.

Outras mais palavras se poderiam sem dúvida juntar, pois sería grande ventura que, no conjuncto dos phenomenos que constituem o mirandês, só essas escapassem á anályse!

II

MORPHOLOGIA

156. Quando me occupei da phonologia do mirandês, dividi o assunto em duas secções: uma, destinada á phonologia physiologica, outra á historica. Embora eu vá agora encarar a morphologia tambem sob dois aspectos, o actual ou prático, e o evolutivo ou historico, estudarei ininterruptamente a materia, porque ella não se presta com tanta facilidade á divisão.

157. Eis os pontos de que tratarei: declinação; conjugação; particulas, e formação de palavras.

I. Declinação

158. As partes do discurso declinaveis são os substantivos, os adjectivos, os numeraes e os pronomes. Teremos por tanto outras tantas sub-divisões.—Os adverbios constituem como que a transição das palavras variaveis para as invariaveis, pois que alguns podem ter fórmas deminutivas.

A. SUBSTANTIVO

a) Vestigios de casos latinos

159. Alem do nominativo *Dìus* < D e u s, e de mais um ou outro nome proprio, como *Domingos* < D o m i n i c u s, que o mirandês tem em commum com o português e com o hespanhol, e alem dos antigos patrony-

micos, hoje meros appellidos, como *Diaç, Fernandeç, Martinç,* que correspondem a Dídaci, Ferdinándici, Martínici, e dos adverbios *agora* < hac hora e dos acabados em *-mente* (*-mi̯ęnte*) < -mente, que tambem tem reflexos em português e hespanhol[1], o mirandês possue no onomastico pelo menos *Constantim,* e *Sendim,* que, como vimos a pp. 78 sqq. e 99, representam os antigos genetivos Constantini e Sendini.

160. Se exceptuarmos o que fica notado, e um ou outro facto mais, as palavras mirandesas provém ordinariamente de um caso typico, que corresponde ao accusativo latino (§ 42). Digo *caso typico,* porque, se uns philologos admittem de facto que o accusativo substituiu os de mais casos, outros admittem que todos elles, em virtude de equivalencias syntacticas (por ex.: *de porco* = *porci*) e de modificações phoneticas (por ex.: *porcu-, porco-* = *porcu-m*), se transformaram num, que não representa um unico determinado, mas os representa a todos. O resultado porém é o mesmo. — Todavia os pluraes como *casas, porcos, arvores,* só podem explicar-se pelos accusativos casas, porcos, arbores.

b) Numeros

161. As palavras mirandesas provém principalmente da 1.ª, 2.ª e 3.ª declinações latinas. Os nomes da 4.ª declinação latina foram em parte facilmente, na falla vulgar dos Romanos, assimilados aos da 2.ª, tanto mais que já no proprio latim litterario havia oscillação entre essas duas declinações: por ex., *versus,* da 4.ª, tem no

---

[1] Sobre os vestigios dos casos em português vid. um meu artigo in *Revue Hispanique,* II, 117 sqq., e outro de Pedro de Azevedo in *O Archeologo Português,* IV, 197. Á cêrca do hespanhol vid. E. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola,* p. 89 sqq.

plural em alguns AA. *versi*, da 2.ª; *eventus*, da 4.ª, tem a par a fórma *eventum*, da 2.ª; etc. Da 5.ª declinação ficaram algumas palavras, como *fé;* mas por vezes estabeleceu-se no latim vulgar confusão entre a 5.ª e 1.ª, como vimos que succedeu a respeito de *dia* (§ 54-*d*), — pois que em latim culto se dizia indifferentemente *mollities*, da 5.ª, e *mollitia*, da 1.ª[1], etc.; a confusão entre a 5.ª e a 3.ª era tambem natural. Palavras como *pumiẹnta* de pigmenta, *fọrça*, de fortia, representam pluraes neutros latinos das 2.ª e 3.ª declinações assimilados ao feminino singular da 1.ª declinação: cf. sobre este assunto Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen*, II, § 54.

162. Em latim os numeros eram dois: singular e plural. Do dual, que existe ainda, por exemplo, em grego e em sanscrito, existem em latim unicamente vestigios, como *duo* e *ambo*, que tambem passaram para o romanço.

163. No estudo da formação do plural mirandês, que depende essencialmente das leis phoneticas estudadas nos §§ respectivos, considerarei duas classes de substantivos:

A) Substantivos provenientes da 1.ª e 2.ª declinações latinas (incluindo nestas os que da 4.ª e 5.ª lhes foram, segundo o § 161, equiparados), e substantivos da 3.ª declinação em que, em virtude das leis phoneticas, o *-e* do accusativo se manteve no singular e plural, ou ficou representado por uma semi-vogal: estes substantivos tem em commum entre si o apresentarem a terminação *-s* no plural; ex.:

---

[1] Cf. no onomastico port. *Chaínça* de *planitia- < > planities, etymo que já dei in *Revista Archeologica*, IV, 39.

Mirandês		Pluraes latinos		
Sing.	Pl.	1.ª ou 5.ª declinação	2.ª ou 4.ª declinação	3.ª declinação
caſa	*caſas*	casas	—	—
tìę̂ / *tî* (send.)	*tìę̂s* / *tîs*	(θεíας)	—	—
rùę̂ / *ru* (send.)	*rùę̂s* / *rus*	rugas	—	—
fé	*fés*	fides	—	—
fǫnte	*fǫntes*	—	—	fontes
eimage	*eimages*	—	—	imagines
monte	*montes*	—	—	montes
parede	*paredes*	—	—	*paretes (§ 146)
ǫlho	*ǫlhos*	—	oculos	—
mano	*manos*	—	manus	—
mai	*mais*	—	—	matres
rei	*reis*	—	—	reges
bui	*buis*	—	—	boves
grau	*graus*	—	gradus	—
reu	*reus*	—	reos	—
tìu	*tìus*	—	thios	—

Observação. — Já no § 116 se disse que o *-s* final latino se mantem em mirandês. As mudanças que se operaram no corpo de cada palavra ficam estudadas nos respectivos lugares: boves > *buis* (§ 59), fontes > *fǫntes* (§ 58), etc. — A formação do plural está pois perfeitamente de accôrdo com a phonetica. — O mirandês neste caso aproxima-se do hespanhol e do português.

B) Substantivos provenientes da 3.ª declinação latina em que, em virtude das leis phoneticas, o *-e* do accusativo se apocopou no singular, mas se manteve no plural. Estes substantivos tem em commum entre si o apresentarem *-es* no plural, ou simplezmente, ou com alteração concomitante da terminação do singular. Ex.:

Mirandês		Pluraes latinos
Sing.	Pl.	3.ª declinação
animal	*animales*	animales (animalia)
flor	*flores*	flores
frol (sub-dial.)	*froles*	
fĩ	*fines*	fines
lhiõũ	*lhiones*	leones
lhuç	*lhuzes*	luces
mes	*mefes*	menses

Observação 1.ª — O lat. animale- deu no sing. *animal* por apocope do *-e* (§ 152-*c*), mas o pl. animales (por *animalia*), deu em mir. *animales,* porque o *l* intervocalico mantem-se neste idioma (§ 112), como em hespanhol.

O lat. fine- deu em mir. *fĩ,* pela apocope do *-e* (§ 152-*c*), seguida da transformação do *n* em resonancia nasal (§ 110-*b*); de porém o *n* intervocalico se manter (§ 109) resulta que ao lat. fines corresponde em mir. *fines.* O lat. leone- deu *lhiõũ* (§ 110-*b*), mas, pela mesma razão antecedente, leones deu *lhiones.* — Dos pluraes dos nomes acabados em nasal tratou-se já no § 110-Obs. 2, ao expor-se a história do n latino.

Ao lat. luce- corresponde *lhuç* em mir. com *-ç* (§ 128); mas em luces o *ce* precedido de vogal deu normalmente *ze* (§ 127), d'onde *lhuzes.*

Ao lat. mense- corresponde *mes* (§ 152-*b*); mas menses deu *mefes* (§ 142-*f*).

O que se diz d'estes exemplos diz-se de todos os outros parallelos a elles. Vê-se que na formação do plural mirandês se observam pois estrictamente as leis phoneticas.

Nesta segunda classe de pluraes o mirandês, quanto aos nomes acabados em *-l* e em nasal, aproxima-se mais do hespanhol do que do português litterario, excepto nos nomes acabados em *-r,* onde as regras são communs aos tres idiomas: hesp. e mir. *animales,* port.

animaes; hesp., mir. e port. *mares.* Isto resulta do que se notou nos §§ 112 e 118.

Observação 2.ª — Certos nomes que por origem pertencem á 2.ª classe podem, por motivo das leis phoneticas, pertencer tambem á 1.ª; por ex.: *mar,* que em virtude do § 119, póde soar *mare* ou *marį; funil* que, em virtude do § 113, póde soar *funile* ou *funilį.*

Observação 3.ª — O plural de *lápeç* é *lápedes,* em pronúncia mais descuidada quasi *lapdes.* E a razão é simplez. O mir. *lápeç* veiu do hesp. *lápiz* (p. 260, n. 1), cujo *z* tem origem no *d* final de **lapid-* < lat. lapid(e-); cf. *Madriz,* em pronúncia popular de varios pontos de Castella, por *Madrid.* Ora, como no plural latino *lapides* o *d* não era final, conservou-se regularmente. — De passagem notarei que o hesp. *lápiz* é de origem litteraria; senão, nem o *p* deixaria de dar *b* (cf. § 91), nem o *d* de lapidem se manteria.

164. Todos os nomes que, seja qual fôr a sua origem, tiverem no singular terminações iguaes ou semelhantes ás estudadas nas duas classes do § 163, formam, por analogia, os pluraes como elles: *Joſé — Joſés, öulhó — öulhós, bahú — bahús, rapáç — rapazes, prú — prús; cabanhal — cabanhales, funil — funiles, tira-sol — tirasoles, bîẽ — bîẹnes* (no sing. *-îẽ* pelo § 110-*b;* no plural *-îẹnes* pelo § 165), *pã — panes, melöũ — melones, pertués — pertueſes,* etc.

Observação. — Como no port. pop., diz-se tambem em mir. *filhóſes,* pl. de *filhó.* Talvez tambem a par de *öulhós* se diga *öulhoses,* presupposdo-se o sing. *öulhós.*

165. Do exposto nos §§ 163-164 conclue-se que a formação do plural dos substantivos em mirandês obedece apparentemente a dois typos:

1.º typo — accrescentamento de *-s* á terminação do singular, ex.: *tîẹrra — tîẹrras;*

2.º typo — accrescentamento de *-es* á mesma terminação:

a) ou sem modificação d'ella, ex.: *anel — aneles;*
b) ou com modificação d'ella,

1. por desnasalamento seguido de adjuncção de *-n-*, ex.: *bi̯ẽ — bi̯ẹnes;*
2. por desnasalamento e ao mesmo tempo transformação do ditongo em vogal, com adjuncção tambem de *-n-*, ex.: *öuraciöũ* e *öuraciones;*
3. por mudança de *ç* em *z*, ex.: *paç — pazes;*
4. por mudança de *s* em *ſ*, ex.: *francés — franceſes.*

Lembrando-nos que as palavras mirandesas podem acabar no singular em:

1. vogal ou ditongo (oraes ou nasaes), — *á, ã, ḁ, ḁ̃, é, ẽ, e̥, e̯, ẽ̯, i, ĩ, ó, õ, u, ũ, au, eu, ìu, öu, öũ, ai, ei (ḁi, ḙi), ui, i̊ẽ̯;*
2. e consoante, — *l, r, s, ç;*

deduziremos immediatamente do quadro anterior estas regras práticas:

1.ª Os nomes acabados em vogal oral ou ditongo oral formam o plural com o accrescentamento de *-s*; ex.: *porco — porcos, Joſé — Joſés, pai — pais, chapeu — chapeus, berimbau — berimbaus;*

2.ª Os nomes acabados em *-l* e *-r* formam o plural com o accrescentamento de *-es;* ex.: *quintal — quintales, quelor — quelores;*

3.ª Os nomes acabados em vogal nasal formam o plural com substituição da resonancia nasal por *-nes:* isto é, a *-ã, -ẽ, -ẽ̯, -ĩ, -ũ,* corresponde *-anes, -enes, -ẹnes, -ines, -unes;* ex.: *pã — panes, bintẽ — binténes, fĩ — fines, sertũ — sertunes;*

4.ª Os nomes acabados em *-õũ* formam o plural em *-ones;* ex.: *coraçõũ—coraçones, scalõũ—scalones;*

5.ª Os nomes acabados em *-ç* formam o plural em *-zes;* ex.: *gaç—gazes, alferç—alferzes, boç—bozes, píreç—pírezes*[1];

6.ª Os nomes acabados em *-s* formam o plural em *-ſes;* ex.: *anglés—angléſes.*

Vê-se incidentemente que todas as palavras mirandesas acabam no plural em *-s.* Isto depende de em latim terminar o accusativo masculino e feminino tambem em *-s.*

As principaes regras da formação do plural dos nomes já tinham sido dadas em 1882 no meu opusculo *O dialecto mirandês,* p. 18.

Observação 1.ª—Empreguei a cima a expressão *apparentemente,* porque em rigor não é, por exemplo, com a mudança de *ç* em *zes* que de *paç* se fórma o plural *pazes,* pois *pazes* vem do lat. p a c e s; mas ao espirito de quem falla parece realmente que o plural se fórma assim. E criado o typo, o hábito subordina-lhe todos os exemplos semelhantes, de modo que até certo ponto o que num caso é apparencia, noutro é realidade: assim, se *pazes* vem de p a c e s, a palavra *gaz,* por exemplo, que é moderna, fórma o plural por analogia com as de mais, e por tanto com mudança effectiva de *-ç* em *-zes,* d'onde *gazes.* Mas estes casos são os menos numerosos, e, como digo, actuaes. A differença entre grammatica historica e grammatica prática está nisto: aquella expõe os factos taes como realmente

1 No meu primeiro opusculo, *O dialecto mirandês,* Porto 1882, escrevi estes ou semelhantes nomes com *-z;* mas já nas *Flores mirandesas,* Porto 1884, adoptei *ç* no fim de palavra, segundo a pronúncia, e escrevi, por ex.: *talbéç* (p. 12), *lhuç* (p. 14), *cruç* (p. 17).

se deram; esta como apparentemente se dão. Eu estou estudando ao mesmo tempo a grammatica prática e a historica do mirandês: por isso tive de entrar em tamanho desenvolvimento.

Observação 2.ª — Em várias lingoas o plural (praticamente) fórma-se ou por alteração da terminação do singular (por ex.: ital. *fiore — fiori*, fr. *mal — maux*), ou por flexão interna (metaphonia, all. *Umlaut*; por ex.: ingl. *tooth — teeth*), ou ainda pelos dois processos (por ex.: all. *Hand — Hände*, milanês *desco — dischi*[1]). O português fórma o plural de dois modos:

1) ou só por alteração da terminação do singular,

a) quer produzida por simplez accrescentamento de terminação, ex.: *deus — deuses, casa — casas,*

b) quer produzida por modificação da terminação, ex.: *ourivez — ourives*[2], *pão — pães, quintal — quintaes;*

---

[1] O phenomeno nos dialectos da Italia é muito vulgar: vid. Meyer-Lübke, *Italienische Grammatik*, Leipzig 1890, § 348 sqq; e cf. C. Salvioni, *Fonetica del dialetto moderno della città di Milano*, Torino 1884, p. 62. E dá-se ainda noutros idiomas neo-latinos: vid. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen*, I, § 44 sqq. Á mesma classe pertence tambem o que succede em asturiano (no sub-dialecto de Lena), onde se diz no singular *guetu* («gato»), *chubu* («lobo»), e no plural *gatos, chobos*: vid. exemplos em R. Menéndez Pidal, *Bable de Lena*, Gijón 1899, pp. 5-6.

[2] Nomes como *ourivez, pirez, alferez* devem, no meu entender, orthographar-se no singular com *z*, e no plural com *s* (*ourives, pires, alferes*): vid. o que escrevi n-*O gralho depennado*, 3.ª ed., p. 95-96. — Em um documento antigo creio ter já encontrado effectivamente *ourives* no plural, a par de *ourivez* no singular, mas não posso agora indicar em qual. — Hoje, porém, na lingoa culta esta distincção é só para os olhos, pois para os ouvidos o som de *-z* é igual ao de *-s*.

Antigamente dizia-se *ourivezes*, etc., e ainda ha hoje quem assim escreva. O mir. *alferzes* representa a fórma port. ant. *alferezes*.

2) ou ao mesmo tempo por alteração da terminação, e por flexão interna, por ex.: *pôrco—pórcos, fôro—fóros, bôlso—bólsos* (no Norte).

A flexão interna em português assenta na differença que ha entre *ô* (no singular) e *ó* (no plural). Como em mirandês não existe tal differença, pois elle só tem uma especie de *o*, que é aberto (§ 4, etc.), não se dá neste idioma a flexão interna, que, pelo mesmo motivo, não se dá tambem em hespanhol.

c) Moção (generos)

166. Aos tres generos do latim, —masculino, feminino e neutro—, correspondem nos substantivos mirandeses apenas os dois primeiros, tendo sido geralmente, nos nomes neutros que passaram para o mirandês, o genero assimilado no singular ao masculino, e no plural ao feminino:

Latim		Mirandês
caput, *capu-	>	*cabo* (m.)
ligna, pl. de lignum	>	*lheinha* (f.)

167. O masculino e feminino conservam-se quasi sempre nas respectivas palavras mirandesas:

Latim	Mirandês
tornus	*torno*
pecten	*peine, pende*
somnus	*sonho*
melo	*melõũ*
palus (palum)	*palo*
pax	*paç*
lux	*lhuç*
crux	*cruç*
nux	*noç*
vox	*boç*
lana	*lhana*

rivus	*rìu*
hortus	*ǫrto*
mons	*monte*
dolor	*delor*. Esta palavra é masculina em mirandês, como *dolor* em hesp., e *dolore* em ital. Em fr. *douleur*, em prov. *dolor*, e em port. *dor* são femininas.

168. Quando o genero das palavras em latim oscilla entre masculino e feminino, o mirandês escolhe só um genero:

Latim	Mirandês
finis (masc. e fem.)	*fim* (masc.). — Esta palavra em port. arch. era fem., do que ficou um vestigio na expressão popular da Beira (phrase estereotypada) «a fim do mundo» (= o fim do mundo). Cf. fr. *la fin*, prov. *la fin*, *la fi*.
dies (masc. e fem.), em lat. vulg. **dia* (§ 54-*d*)	*dìẹ* (masc.). — Em hesp. e port. tambem *dia* é masculino.

169. Não é raro porém a um genero do latim corresponder outro em mirandês:

Latim	Mirandês
fraxinus (fem.)	*freixo* e *Frefno* (masc.). — A terminação latina *-us* foi considerada como masculina, por analogia com a maioria dos nomes da 2.ª declinação.

color (masc.)	*quelor* (f.).—Em hesp. *el color*, em port. *a côr*, em fr. *la couleur*.
calor (masc.)	*calor* (f.).
fel (neutro)	*fiȩl* (f.).—Cf. hesp. *la hiel*. Em port. *o fel*, em prov. *lo fel*.
flos (masc.)	*flor* (f.).—Em port. *a flor*, em hesp. *la flor*, em prov. *la flor*. Mas em ital. *il fiore*.
fons (masc.)	*fǫnte* (f.).—Em port. *a fonte*, em hesp. *la fuente*, em catal. *la font*.
vallis (fem.)	*balhe* (m.).—Em port. *o valle* ou *o val* (em próclise); em hesp. *el valle*. Em prov. *val* (masc. e fem.).

Observação.—Os exemplos citados a par mostram que se dão por vezes noutros idiomas romanicos phenomenos analogos aos que se dão em mirandês.

170. Ordinariamente as palavras mirandesas tem uma só fórma, que é ou masculina ou feminina. Se porém ha casos em que a uma palavra masculina corresponde como feminina uma palavra diversa, ha outros em que a uma palavra corresponde no feminino uma fórma especial d'ella mesma:

A) Moção expressa por palavras diversas:

ome—molhiȩr
cabalho—ìuga
bui—baca
galho—galhina
perdiç—perdigõũ.

Em lat. temos tambem: homo—mulier; caballus (que no lat. vulg. substituiu o classico *equus*)

—equa; bos—vacca; gallus—gallina; a perdix, que no tempo classico era palavra masc. e fem., devia no latim vulgar, pelo menos em alguns territorios do imperio romano, corresponder *perdicone-, como o mostra o mir. *perdigõũ*, o hesp. *perdigón,* o catal. *perdigó* (nesta lingoa tambem ha *perdigot*), o prov. *perdigò,*—pois estas fórmas fazem presuppor um *c* originario. A moção em latim operava-se realmente ás vezes por palavras diversas, como o mostram *bos* e *vacca;* mas outras vezes operava-se pela mesma palavra, apenas modificada na terminação, ou com um suffixo, como o mostram *equa* a par de *equus,* e *gallina* a par de *gallus.*

B) Moção expressa por diversas fórmas da mesma palavra:

a) Aos nomes acabados no masculino em *-o* corresponde o feminino em *-a:*

armano—armana	Em lat. germanus, -a.
melro—melra	*Melro* vem do lat. merulus por metathese reciproca de *r-l* (cf. § 153); mas *melra* formou-se do masculino por analogia, senão sería *mélroa* (quanto á manutenção de -ua cf. *lingoa*).

b) Á terminação masculina *-ìu* corresponde no feminino *-ìę* em:

tìu—tìę	É claro que esta formação tem base phonetica: thius > *tìu* (§ 57); *thia = θεία > *tìę* (§ 56);
judìu—judìę	Iudaeu- (= Iudĕu-) > *judìu* (§ 51); Iudaea- (= Iudĕa) < *judìę* (§ 56).

c) Á terminação masculina *-õũ* corresponde no feminino *-ona* em:

comilõũ — comilona
cidadõũ — cidadona
lheitõũ — lheitona
pabõũ — pabona

A terminação *-õũ* vem de -one- (§ 110). A -one- adaptou-se como feminino *-ona* (cf. p. 123) que depois se tomou como typo de feminino dos nomes que por evolução phonetica de -one- terminam em *-õũ*. O *n* intervocalico conservou-se no feminino (§ 109). — A evolução de *-ona* é pois diversa da de *-õũ:* cada uma seguiu as suas normas phoneticas, de accôrdo com o latim.

d) Á terminação masculina *-or* corresponde geralmente *-ora:*

reixinhor — reixinhora
pecador — pecadora

Os nomes em *-or* deviam ser uniformes em mir. ant., por isso que esta terminação vem do lat. -ore-, que deu regularmente só *-or* (§ 119[1]). Em hesp. e port. archaicos assim eram tambem. Foi por analogia com a formação mais usual do fem. que *-or* se tornou *-ora;* cf. port. *freguesa* a par de *freguês* e todos

[1] No § 119 deu-se um lapso: em vez de -ORE > *ur* deve ler-se -ORE > *-or*.

os nomes em *-esa* a par de *-ês*, *monja* a par de *monge*, *infanta* a par de *infante*, na ling. familiar *parenta* a par de *parente*, na ling. chula *petisa* a par de *petís*.

Excepção: *arador—aradeira* (cf. no Minho *labradeira*). Juntou-se outro suffixo (*-eira*).

e) Á terminação masculina *-aç* corresponde no feminino *-aza* em:

rapaç—rapaza	Deu-se aqui uma analogia como na fórma precedentemente indicada.

f) Á terminação mac. *-e* póde corresponder *-a*, ex.:

parîẹnte—parîẹnta *mestre—mestra*	Cf. o que se disse a cima em *d*).

C) Factos diversos:

a) Em virtude do que se notou no § 165-Obs. 2, não póde haver em mir. differença entre o masc. e o fem. de *abó*; mas póde dizer-se *pái-abó*, *mái-abó*. Antigamente dizia-se *abólo—abóla* (ou *abọlo—abọla?*), o que hoje só raro acontece em Duas-Igrejas (apenas pessoas velhas usam estas palavras); parece porém que ha ainda outras localidades (na raia) onde essás fórmas se empregam.

b) Diz-se *reu*, mas parece que não se usa feminino, que se substitue por *creminosa*, etc.

c) *Pardal* e outros nomes de animaes não tem feminino (nomes epicenos); diz-se *pardal fémena*, etc.

d) Augmento e deminuição

171. Se a lingoa latina dispunha de bastantes recursos para formar deminutivos de substantivos, — por ex.: *arula, tessella, sigillum, ambulatiuncula*—, não os tinha iguaes para formar augmentativos, embora se encontre *pedo*, «de pés grandes», *capito*, «de cabeça grande», *naso*, «bem provído de nariz», *labio*, «beiçudo», — palavras em que o augmentativo se fórma com o suff. *-on*. Pelo contrário, as lingoas romanicas são muito ricas neste ponto.

172. No estudo dos augmentativos e dos deminutivos deve notar-se que umas fórmas são, a bem dizer, mortas: quem as emprega não reconhece que emprega um deminutivo ou augmentativo; e que outras estão no caso opposto. A palavra portuguesa *campainha*, por exemplo, é na origem um deminutivo de campana (cf. mir. *campanina*); todavia ella figura hoje para o espirito de quem falla como palavra simplez. No mesmo caso está grande parte do onomastico geographico; cf. os nomes portugueses em *-ô, -ó*, (mir. *Palaçǫlo, -ǫlo*), citados a p. 90; os nomes em *-ella*, por ex.: *Mirandella, Paradella*[1], citados a pp. 34 e 94.

1. Augmentativos

173. O unico suffixo verdadeiramente vivaz, para formar augmentativos em mirandês, é *-öũ* (no fem. *-ona*, § 170-B); corresponde ao lat. -one- (§§ 110-*b* e 171). Ex.: *çamarra — çamarröũ, Manǫl — Manolöũ*[2], *mo-*

[1] *Paradella*, segundo se disse a p. 94, pronuncia-se como em português. Já se vê que temos aqui influencia d'esta lingoa, senão a pronúncia mirandesa devia ser outra (**paradîelha*).

[2] Em *Manolöũ* não se ouve o *ǫ* da fórma primitiva, porque este som, como se disse a p. 177, só existe, como creio, em syllaba tonica; ora o *o* de *Manolöũ* é atono.

lhīęr—*molherona*. O feminino de *boca* é *bocona,* que presuppõe porém o primitivo *bocöũ*.

Observação 1.ª—Em português temos respectivamente *-ão,* e em hespanhol *-ón*.

Observação 2.ª—Não será difficil encontrar em mir. outros suffixos augmentativos que na origem tivessem vida, e que posteriormente passassem á classe de suffixos mortos.

2. Deminutivos

174. Os principaes suffixos com que em mirandês se fórma o deminutivo são: *-ico* e *-ito*. Encontra-se tambem *-inho,* e ainda *-uco*. Tratarei de todos elles aqui em §§ especiaes.

175. Exemplos de emprêgo do suffixo *-ico* (*-ica*):

a) *animal*—*animalico*
flor—*florica*

Manǫl—*Manolico*
molhīęr—*molherica*

b) *pedra*—*pedrica*
cöufa—*cöufica*
rapaza—*rapazica*
molino—*molinico*
parede—*paredica*
Billa-Chana—*Billa-Chanica*[1]

c) *banco*—*banquico*

d) *cruç*—*cruzica*
rapaç—*rapazica*

---

1 O nome da povoação é *Billa-Chana* (vid. p. 71), mas dão-lhe o deminutivo *Billa-Chanica*.

e) *frègués — frèguefico*

f) *lhiöũ — lhionico*
melöũ — melonico
freijöũ — freijonico
bintẽ — bintenico
pã — panico

g) *mai — maizica*
chapeu — chapeuzico
bui — buizico
Jofé — Jofèzico
ome — (öumezico?)

rùe — ruazica

Cf. o que sobre este suffixo eu já tinha dito no meu opusculo *O dialecto mirandês*, Porto 1882, p. 18.

Observação 1.ª — (Regras da juncção do suffixo).

Dos exemplos precedentes deduzem-se as seguintes regras:

a) Os nomes acabados em *l* ou *r* formam o deminutivo com adjuncção do suffixo á syllaba final. — Em *Manolico* e *molherica* não existe o *ǫ* e *ǐę* que existem nos primitivos, porque esses sons só apparecem, como julgo, em syllabas tonicas (pp. 173 e 177).

b) Os nomes acabados em *a* e *o* oraes atonos não precedidos de *c*(*g*) formam o deminutivo com substituição d'essa vogal por *-ico*.

c) Os nomes acabados em vogal oral atona precedida de *c*(*g*) formam o deminutivo com substituição da syllaba final por *-quico*. Esta regra é meramente orthographica; pois phoneticamente está comprehendida na mencionada em *a*). A verdade é que, para o ouvido, os nomes acabados em vogal oral atona formam o deminutivo com substituição d'essa vogal pelo suffixo.

d) Os nomes acabados em *-ç* formam o deminutivo com substituição d'esse som por *-zico*. A *-ç* corresponde regularmente *-z*: cf. §§ 37 e 163-Obs. 1. — Propriamente os factos passaram-se assim: como a maior parte das vezes, senão sempre, o *-ç* na sua origem não era final, mas seguido de vogal palatal (*-ce-*, *-ci-*), ficava intervocalico se se lhe juntava o suffixo, e por isso sujeito á lei do § 127; por ex.: cruce- > **crucica* > *cruzica*. Do mesmo modo se explicam todos os factos semelhantes, tanto em mirandês como noutras lingoas. Criou-se assim uma fórmula de applicação geral.

e) Os nomes acabados em *-s* formam o deminutivo com substituição d'esse som por *-fico*. A *-s* corresponde aqui regularmente *f*: cf. §§ 37 e 163-Obs. 1. A explicação theorica é semelhante á que dei em *d*).

f) Nos oxytonos acabados em vogal ou ditongo nasaes reapparece o *n* originario, por uma razão analoga á que dei em *d*). Propriamente o suffixo não se junta á palavra no seu estado actual, mas á palavra considerada no estado phonetico anterior; assim: pane > *panico;* a nasal que se desenvolveu em pane, por *n* estar seguido de *e* final (§ 110-*b*), não pôde desenvolver-se em *panico,* pois que *n* intervocalico naquellas condições mantem-se (§ 109). Depois criou-se tambem uma fórmula de applicação geral. — Nos dialectos portugueses do sul diz-se analogamente: *canito* (deminutivo de *cão*), *botanito* (deminutivo de *botão*), *tostanito* (de *tostão*), etc.; aqui a ideia do *n* primitivo ficou associada á ideia do suffixo deminutivo, que propriamente figura nestes nomes para o espirito como *-nito,* e não como simplez *-ito.*

g) Nos oxytonos acabados em ditongo ou vogal oraes, e ainda em alguns nomes acabados em vogal oral atona, o deminutivo fórma-se com *z-ico,* em que entra o elemento *-z-,* que chamarei *infixo phonetico.* Se o nome é oxytono, *z-ico* junta-se immediatamente á syllaba final, de modo semelhante ao que se viu em *a*); se o nome

não é oxytono, ou succede o mesmo, ou podem dar-se modificações como as que se deram em *b*). — O infixo phonetico *-z-* existe tambem em português em *flor-z-inha* (que se usa a par de *florinha*), *Josè-z-inho,* etc.; em hespanhol corresponde-lhe *-c-* (*-z-*) em *pobre-c-ico, liebre-c-ica,* etc. Diez referiu-se de passagem a este infixo na *Grammaire des langues romanes,* II, 259, 339, etc. A origem d'elle é latina, e propagou-se de suffixos como -cella em *navicella* (navis), -cillus em *penicillus,* etc.; criou-se assim em romanço, segundo as diversas lingoas, o suffixo *-cico* (*-c-ico*), *zinho* (*-z-inho*), etc.; o mesmo *z* se nota ainda junto a outros suffixos, como *-z-ão, z-ona,* etc.

O deminutivo plural de *bĩẽ* é *bĩenezicos,* onde o suffixo se juntou ao thema do plural: cf. port. *acçõezinhas* no § 94 da *Grammatica portuguesa* do Sr. Epiphanio Dias, que formúla a regra dizendo: «Nos deminutivos acabados em *ão,* o plural fórma-se, pondo-se tambem no plural os substantivos primitivos»; mas esta regra é mais geral, pois tem applicação a todos os oxytonos (*quintaezinhos, aneizinhos, chapeuzinhos,* etc., a par de *quintalinhos,* etc.).

Observação 2.ª — (Vitalidade do suffixo *-ico*).

Embora o suffixo *-ico* não seja especial ao mirandês, e appareça mais ou menos na lingoagem de todo o Norte da provincia trasmontana com igual fôrça e uso, os Mirandeses consideram-no como um dos caracteres do seu idioma; goza ahi de tanta vida, que ao suffixo português *-inho* de alguns nomes de localidades corresponde nos mesmos nomes em mirandês *-ico,* como se vê em *S. Joaninho* (português), que em mirandês se chama *S. Joanico.* Para mostrar melhor a extensão do suffixo, aqui indíco alguns nomes de campos ou sitios, que, alem do já citado a p. 123, *Lhagonica,* recolhi na matriz predial da freguesia de Miranda-do-Douro, — nomes em que elle se encontra:

Atalhico, = atalh-ico. Em port. e mir. ha *atalho*.— Cf. o nosso adagio «Quem deixa caminhos por *atalhos* — mette-se em trabalhos». Em hesp. *atajo*, tambem com o adagio «echar por el *atajo*». — Na origem, substantivo verbal de *atalhar* = *a-talhar*. Do latim taliare, vid. Körting, *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch*, s. v.

Boucicas, = bouc-ica-s. Em port. ha *bouça*, em gall. *bouza*, com o adagio «meté' los cans na *bouza*». O onomastico da Galliza offerece igualmente *Bouzo*, e os derivados *Bouzoa* e *Bouzon*, alem de offerecer repetidas vezes *Bouza*. Na lingoa geral hespanhola parece que não existe nada correspondente, pelo menos nada vejo no Diccionario da Academia; todavia o onomastico da Hespanha tem *Bozica*, na Bizcaia, e *Boza* e *Bouza*, nas Asturias; em asturiano commum tambem existe *bouza*. — O Sr. Adolfo Coelho, no seu *Diccionario manual etymologico*, attribue ao port. *bouça* como etymo balsa, sem porém explicar porque é que *s* daria *ç*; o Sr. Candido de Figueiredo, no *Novo diccionario da lingoa portuguesa*, reproduz sem criterio algum o mesmo etymo. A etymologia é realmente difficil: a titulo de suggestão lembro que nas inscripções antigas da Iberia figuram os nomes indigenas *Boutius* e *Boutia*, de homem e molher[1]. Talvez aqui se pudessem filiar as fórmas romanicas citadas, pois a manutenção de *ou* está de accôrdo com a phonetica portuguesa, gallega e asturiana[2], e a sua substituição por *o* em hespanhol tambem [as duas fórmas *Boza* e *Bouza*, nas Asturias, representam de certo, uma a orthographia e phonetica asturianas, outra a orthographia hespanhola]; a terminação -tiu- e -tia- dão tambem regularmente *-zo* (*-ço*), *-za* (*-ça*), conforme os dialectos.

---

[1] Hübner, *Monumenta lingua Ibericae*, p. 256.

[2] No português e gallego escuso de citar exemplos. A respeito do asturiano, vid. Munthe, *Anteckningar om Folkmålet i en Trakt of vestra Asturien*, Upsala 1887, p. 27.

Canadica, = canad-ica. Em português ha tambem *canada,* no sentido que tem aqui a palavra mirandesa: «caminho», «passagem». Em hesp. *cañada.*—Do lat. *cannata, de canna.

Carrascalicos, = carrascal-ico-s. Tanto em mir., como em port., e em hesp. ha *carrascal;* de *carrasco* (em port.) e *carrasca* (em hesp.).—Segundo Diez, *Etymologiches Wörterbuch,* ii-b, s. v., o etymo poderá estar em *cerrasca, do lat. cerrus, com a mudança do *e* em *a* como em lacarta de lacertu-; effectivamente o *e* atono antes de *r* e *rr* muda-se facilmente em *a,* cf. port. ant. *çarrar* < *cerrar,* pop. mod. *sarrar* < *serrar.* A mudança do ce- em ca-, a ser verdadeira, deve ter-se dado em epoca anterior áquella em que *c* antes de *e* se mudava em *ç.*

Curralicos, = curral-ico-s. Em mir. como em port. *curral,* em hesp. *corral.*—Derivados que tem por base o lat. curru-.

Lagarico, = lagar-ico. A fórma exactamente mirandesa seria *Lhagarico,* e é assim que provavelmente se diz nos arredores da cidade, pois existe *lhagar* em mir. commum. Em port. e hesp. temos *lagar;* em dialectos portugueses tambem *alagar.*—Do lat. *lacare-, de lacus. O suff. -aris, que originariamente se emprega em vez de -alis, quando no thema ha *l* (dissimilação), foi aqui junto ao thema de lacus, como ao de collum, d'onde o port. *collar,* etc.

Paredicas, = pared-ica-s. Em mir. *paréde,* em port. *parêde,* em hesp. *pared.*—Do lat. *paréte- (< > pariĕtem).

Penha da Cruzica, = penha da cruz-ica. Á cêrca de *penha* (em mir. *peinha*), que não corresponde ao port. *penha,* como á primeira vista poderia parecer, vid. p. 96. Á cêrca de *cruz:* esta palavra existe em hespanhol e português, embora com differente pronúncia. Do lat. crŭce-; o *ŭ* deu *u,* e não, como se esperaria, *o* (cf. ital. *croce,* prov. e cat. *crotz*), porque esta palavra, que

tem origem ecclesiastica, foi introduzida na Lusitania posteriormente á epoca em que *ŭ* (isto é, lat. vulg. *ó*) dava *o*.

Quintanica, = quintan-ica. Em port. mod. ha *quintã*, em port. arch. *quintãa*[1], em gall. *quintá*, em hesp. *quintana*.—Do lat. quintana-. A fórma mirandesa primitiva devia ser *quintana*.

Vallico Redondo, = vall-ico redondo. Em português *valle*, e procliticamente *val*. Em hesp. *valle*. A verdadeira fórma mir. é *balhe*. Do lat. valle-.

Vallicos, = vall-icos. Vid. o § antecedente.

Observação 3.ª—(Generalidade e uso do suffixo *-ico*):

O suffixo *-ico*, se se encontra dialectalmente, como disse, em varios pontos de Portugal[2], encontra-se tambem na lingoa commum, por exemplo em *amor-ico*, *Ann-ica*, *pell-ica*, *Mar-ica-s*; e encontra-se ainda em hespanhol, por exemplo em *Juan-ico*, *Per-ico*, *aban-ico*, *ave-c-ica*, *arenal-ico*, *aire-c-ico*, *culebr-ica*—, onde tem mais uso que em português litterario; parece porém que não se encontra fóra da Iberia senão na Romania (*-ĭca*), se é que ahi tem a mesma origem que na Peninsula. Á cêrca do suffixo *-ico* vid.:

Diez, *Grammaire des langues romanes*, II, 284–285;

Schuchardt, *Vokalismus des Vulgärlateins*, II, 279, nota;

Schuchardt, in *Zeitschrift für romanische Philologie*, VI, 625 e nota;

Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen*, II, § 499.

---

[1] *Elucidario* de Viterbo, s. v. Este A. traz *quintaa*, que deve emendar-se em *quintãa*, e traz tambem *quintana*, que é mero latinismo.

[2] Com relação a Rio-Frio vid. Gonçalves Vianna in *Revista Lusitana*, I, 199.

O Sr. Schuchardt cita no *Vokalismus* inscripções romanas de Africa em que ha nomes proprios acabados em *-ica*, taes como: *Colonica, Maiorica, Minorica*[1], etc., mas o nosso suffixo presuppõe - c c - e não simplez *c*, que teria dado *g*, como em *amigo* < a m i c u -, e *amargo* < *a m a r i c u -. O mesmo philologo já porém nota in *Zeitschrift für romanische Philologie, loc. laud.*, que o facto de ser accentuado o *i* das fórmas romanicas (*-íco*) faz suspeitar que na origem o suffixo fosse *-īc-* e não *-ĭc-*. Por isso tudo, a fórma primitiva do suffixo deve ter sido - ī c c u s; e é assim que elle figura na *Grammatik der romanischen Sprachen* do Sr. Meyer-Lübke, *loc. laud.* Nesta grammatica citam-se outras fórmas africanas, *Bodicca, Bonica, Karica, loc. laud.* As duas últimas nada tem que ver com o nosso suffixo, por ser simplez o *c*; a primeira sim, mas será *-icca* alli suffixo, ou mera e casual terminação? Para se determinar a origem de - i c c u s é pois preciso reunir mais elementos.

176. Exemplos de emprêgo do suffixo *-ito:*

bôca — bôquita
banco — banquito
frango — franguito
arca — arquita
arco — arquito
manga — manguita
fogo — foguito

---

[1] A respeito do etymo de *Mallorca* = *Majorca*, e *Menorca*, das Ilhas Baleares, posto pelo Sr. Schuchardt em M a j o r i c a e M i n o r i c a, notarei que tambem em português temos localidades chamadas Maiorca e Maiorga, nomes que provém de phases differentes de m a i o r i c a; ha igualmente no nosso onomastico Morga, que poderá ter a mesma origem (cf. *mór* < *maior*), a não vir de m i n o r i c a > **meorga* (cf. arch. *meor* = *mẽor* < m i n o r e -), o que não me parece tão provavel.

Observação 1.ª — Se os exemplos não me enganam, parece que este suffixo se prefere a *-ico* nos nomes em que já entra guttural (*c, g*): evita-se assim a coexistencia de duas gutturaes, em virtude do princípio da dissimilação (§ 149). Todavia ouvi dizer *banquico,* fórma que citei a cima; e tambem *francesito, freguesito.* — A adjuncção d'este suffixo aos primitivos obedece a regras analogas ás da adjuncção de *-ico.*

Observação 2.ª — O suffixo *-ito* tem bastante extensão em português e hespanhol. A sua origem não é latina: cf. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen,* II, 547. Deve admittir-se como base -ītt u- (com ī), differente de -ĭttu- (com ĭ): este ultimo deu *-eto,* — cf. o que escrevi a p. 36-nota; só ī daria em mir. *i* (§ 55).

177. Nas seguintes cantigas, que ouvi em Duas-Igrejas, e que são traducção de outras portuguesas, entra o suffixo deminutivo *-inho,* na fórma *-inha:*

Ó mìę Birge de l Monte,
Que stais nęssa *taboinha,*
Oh! q' assento tã pequeinho
Para tã ŋ alta rainha!

Ó mìę Birge de l Monte,
Branca i bĩę̃ *còradinha,*
Chamai-me bós afilhada,
Q' yöu bos chamarei madrina.

Mas evidentemente, o suffixo aqui, como noutros casos, é de origem portuguesa. Com relação ás cantigas notarei, em primeiro lugar, que em mirandês não se diz *taboa,* mas *traba,* e que por isso o deminutivo, a exprimir-se com *-inha,* devia ser *trabinha*[1], — o que mos-

[1] Usualmente diz-se porém *trabica.*

tra bem a feição portuguesa da cantiga; em segundo lugar notarei que, devendo ser consoante a rima das quadras, ella é toante na segunda,—*còradinha-madrina,* o que é outra prova do que digo. Segundo as leis do mirandês, o suff. lat. -inu-, origem do port. *-inho,* devia dar naquelle idioma *-ino,* como tambem deu em hespanhol: cf. *campanina* no § 172, e os outros exemplos do § 109; logo *-inho* não é mirandês.

178. Os suffixos mirandeses *-ico* e *-ito* são suffixos vivazes; isto é: o povo emprega-os com a consciencia plena de que fórma com elles deminutivos reaes das palavras a que os junta. Estas como que mudam de flexões. Ha porém outros suffixos em que a fôrça vital desappareceu (cf. § 172): são, por assim dizer, sombras do que foram. Só a analyse philologica descobre nelles o caracter de suffixos; o povo não os sente como taes. Temos em mirandês um exemplo d'isto na palavra *fachuco* (vid. p. 285 e nota), que significa «lumieira, archote»: «ũ *fachuco* de palha acé*ſ*o»; *fachuco* decompõe-se em *fach-uco.* O mesmo suffixo se encontra em hespanhol nas seguintes vozes: *peluca* (de *pelo*), *almendruco* (de *almendro*), *hayuco* (de *haya*), *fabuco* (de *faba*), *fraïluco* (de *fraile*), *hermanuco* (de *hermano*), *pajaruco* (de *pajaro*); em português é raro[1].—Sobre *-uco* cf. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen,* II, § 499.

Outra palavra mirandesa em que poderá ver-se tambem um suffixo é *raparugo,* que alterna com *raparigo,* masculino de *rapariga,* cuja origem está porém ainda por averiguar.

Tanto em *fachuco,* como em *raparugo,* ha certamente tal ou qual ideia de depreciação, como é vulgar com suffixos d'esta especie.

---

1 Por ex.: em certas terras do Norte diz-se *Maruca,* deminutivo de *Maria.*

3. Suffixos compostos

179. Todas as lingoas offerecem exemplos de agglutinação de suffixos, que figuram depois pouco mais ou menos como um só. Na *Revista Lusitana*, II, pp. 271 e 349, citei alguns exemplos d'este phenomeno, em relação ao português. O mirandês offerece-nos:

omarröũ (com *öu-?*) = *om-arr-öũ.*— Entra aqui o suffixo composto *-arr-öũ:* cf. o catal. *homenarro* = *homen-arro,* o port. *homenzarrão* = *homen-z-arr-ão.* Este suffixo *-arro* (que se vê em port. ainda em *sopetarra* = *sop-et-arra, pratarril* = *prat-arr-il,* etc.), parece ser de origem bizcainha; alternam com elle, em escala vocalica: *-erro,* por exemplo, em port. *peq(-u)-err-icho* (e em *bezerro?* hespanhol *becerro*), port. *beberrão* = *beb-err-ão; -orro* em port. *grandorro* = *grand-orro* (e *cachorro* = *cach-orro?*); *-urro* (vid. pp. 16 e 17; cf. tambem port. *zaburro?* = hesp. *ceburro*).

porcalhöũ = *porc-alh-öũ.*— Nesta palavra entra o suffixo composto *-alh-öũ.* Ella é igual á portuguesa *porcalhão.* Cf. ainda *fradalhão* = *frad-alh-ão, Porcalhota* = *porc-alh-ota.* O suf. *-alho* tem origem em -ac'lu- (p. 285).

barbicacho = *barb-ic-acho.*— A palavra existe em português e hespanhol.—Do suff. *-acho* occupei-me in *Revista Lusitana,* II, 271–277, e in *Revue Hispanique,* V, 417.

poucuchinho = *pouc-ucho-ico.*—Vid. o que sobre a palavra portuguesa parallela *poucuchinho,* que tambem existe em português, escrevi in *Revista Lusitana,* II, 348.

Vemos que d'estes suffixos, uns são principalmente augmentativos, e outros deminutivos. Todos elles tem caracter mais ou menos pejorativo.

B. ADJECTIVOS

a) Casos

180. O que se disse no § 160 em relação ao caso typico de que provém os substantivos tem applicação aos adjectivos. Os adjectivos terminados no masculino singular em *a* ou em *o* provém geralmente da 1.ª classe dos adjectivos latinos, isto é, da 1.ª e 2.ª declinação; os terminados em *e* ou em consoante provém da 2.ª classe, isto é, da 3.ª declinação latina. Ex.:

sano, -a	<	lat. s a n u -, - a -
bǫno, -a	<	lat. b o n u -, - a -
santo, -a	<	lat. s a n c t u -, - a -
malo, -a	<	lat. m a l u -, - a -
muntés	<	lat. m o n t e (n) s e -
feliç	<	lat. f e l i c e -
feróç	<	lat. f e r o c e -

Observação.—O adjectivo *santo* torna-se *sã* antes de nome proprio começado por consoante, ex.: *Sã Joanico.* O mesmo em port.

b) Numeros

180-*bis*. As regras dadas para a formação do plural dos substantivos valem para a dos adjectivos. Ex.:

Mirandês		Latim
Sing.	Pl.	Pl.
crudo	*crudos*	c r u d o s
judìu	*judìus*	I u d a e o s
feliç	*felizes*	f e l i c e s
muntés	*montéses*	m o n t e n s e s
comilõũ	*comilones*[1]	(suff. - o n e s)

[1] Este póde ser considerado como substantivo.

Observação. — Os adjectivos portugueses terminados em *-ão* e *-om* provém geralmente de nomes latinos acabados em -anu-, -one-, -onu-; como as leis que regulam a história do *n* intervocalico não são em mirandês as mesmas que em português (§ 109), segue-se que ha nesta última lingoa regras de plural que não tem, em palavras analogas, applicação em mirandês, que neste caso fica mais proximo do hespanhol.

c) Moção (generos)

181. Do mesmo modo que nos substantivos (§ 166), tambem nos adjectivos existe só o genero masculino e o feminino. Em mirandês, como em português e em hespanhol, os adjectivos podem ser *uniformes* e *biformes*[1]. Ex.: *bo̯no — bona* (biforme); *feliç* (uniforme).

182. São biformes, com excepção de algum outro que não me occorra, os adjectivos acabados em *-o* atono, *-es*, *-öũ*, *-ìu*, *-or*, cujos femininos se formam com a terminação *-a*, segundo regras analogas ás que foram dadas para os substantivos (no § 170-*B*). Ex.:

nudo — nuda
mirandés — mirandeſa
comilöũ — comilona
judìu[2] *— judìe̥*
frìu — frìe̥
ampustor — ampustora

Observação. — Os nomes em *-és*, como *mirandés*, *muntés*, receberam fórmas femininas por analogia com os outros femininos em *-a* (§ 170-*B*-*d*), pois a sua

---

[1] O Principe L.-L. Bonaparte disse in *Academy*, de 27 de Março de 1880, haver um neutro em asturiano: masc. *bonu*, fem. *bona*, neut. *lo bono*.

[2] Póde tambem considerar-se como substantivo.

origem está no suff. -ensem (3.ª declinação latina), d'onde resultou serem originariamente uniformes. Em textos portugueses antigos encontra-se a cada passo «molher portugues», «lingoagem portugues», mesmo no sec. XVI[1].—Os nomes derivados em *-or* eram tambem em português antigo uniformes, por isso que tem origem no lat. -orem (igualmente da 3.ª declinação): «molher peccador», etc.

183. São uniformes, salvo alguma excepção, que não me lembre, todos os que tiverem outras terminações: *faroç, dolīẹnte, rũi*[2], *feliç.*

d) Gradação

1. Comparativos

184. Das desinencias latinas destinadas á formação do comparativo só se conservaram em mirandês vestigios:

meliore	*milhor*
peiore	*pior*
maiore	*maior,*

nomes que foram muitas vezes consideradas como adjectivos no positivo, e não no grau comparativo, d'onde vem o dizer-se em algumas partes de Portugal, na lingoagem do povo, «mais milhor», etc.

Observação.—O mesmo succede em português e hespanhol: port. *melhor, peor, maior* (e *menor,* ant. *meor* ou *mẽor*); hesp. *mayor, peor, menor.*

---

1 D'aqui vem o dizer-se ainda hoje *portuguêsmente* (e não *portuguesamente,* segundo a regra geral da formação d'esta classe de adverbios): cf. Epiphanio Dias, *Grammatica portuguesa,* § 98. O adjectivo conservou-se uniforme no adverbio.

2 Esta palavra pronuncia-se num monosyllabo, como no Minho. A pronúncia mirandesa é por vezes *rọ̃i.*

185. Geralmente o comparativo forma-se em mirandês com uma periphrase, por meio de adverbios, menos ás vezes nas circumstancias em que podem empregar-se os mencionados comparativos de origem latina. Exs.:

mais:	*mais pequéinho, mais grande*[1]
ménos:	*ménos calȩ̂nte*
tã:	*tã alto* (soa: *tã ɉ alto*, cf. § 39).

Observação 1.ª—Na raia (Ifânez, etc.) em vez de *mais*, diz-se *más*.

Observação 2.ª—A origem de *mais* está no lat. m a g i s; de *ménos* no lat. m i n u s; de *tã* no lat. t a n t u- ou t a m (cf. § 97-Obs. 2). A formação periphrastica tem origem tambem no latim, onde, de limitada a certas circumstancias, se generalizou por fim: *magis anxius, minus emax*, etc.

Observação 3.ª—Em hespanhol e português empregam-se periphrases semelhantes: hesp. *más, ménos, tan;* port. *mais, menos, tam* ou *tão;* em port. ant. tambem se encontra *chus* (lat. p l u s, cf. fr. *plus*, prov. *plus, pluis*, ital. *più*), e *meos* ou *mẽos* (cf. § 155-ii).

2. Superlativos

186. As desinencias latinas que exprimiam o superlativo desappareceram em mirandês, como em português e hespanhol. Todavia póde em mirandês encontrar-se *santíssȩmo*, com o suff. *-íssȩmo*, como em gall. *porísemo*[2] («purissimo»)[3], e duplicado em *grandessis-*

[1] Tambem em português popular se diz assim.

[2] «D'as tuas *porísemas* fillas»: Galo Salinas, *A torre de Peito Burdelo*, p. 24.

[3] Tambem no lat. vulg. se encontra *-issemus*, ex.: *dulcissemo, firmissemum:* Schuchardt, *Vokalismus*, ii, 18.—No latim da Iberia encontra-se *karessemo, merentessȩmo:* in *Corp. Inscr. Lat.*, ii, 2997 e 3256. A terminação *-essemus* mostra como de *m e t i p s i m u- se chegou a *mesmo* (§ 196-Obs.).

semo (= grandississimo)[1]; mas este suffixo é de origem portuguesa, *-íssimo,* o qual por sua vez é de origem litteraria. O superlativo em mirandês forma-se periphrasticamente, como o comparativo:

1) superlativo absoluto: *múi bọno, múi guapo, mi feio, mi ásparo;*

2) superlativo relativo: *l mais biẹlho de todos, l mais grande.*

Observação. — O adverbio empregado mais geralmente é *múi* ou *mi,* e não *múito*[2]. A fórma *mui* resulta de *muito* por syncope syntactica (em próclise); *mi,* que tem grandissimo uso, é ainda attenuação de *mui.*

187. Já nos textos que publiquei n-*O dialecto mirandês,* Porto 1882, citei exemplos de comparativos e superlativos mir., como: *mais alantre,* adverbialmente (p. 28), *múi alto* (p. 29). E nas *Flores mirandesas,* Porto 1884: *tã puro* (p. 15), *mais guapa* (p. 17), etc.

e) Augmento e deminuição

188. O augmento e deminuição da ideia contida nos adjectivos exprime-se de modo analogo áquelle pelo qual se exprimem nos substantivos (§ 171 sqq.). Exs.:

feliç	*feliẓõũ*
manso	*mansico*
manco	*manquito.*

Não é pois necessario fazer mais considerações.

1 O adjectivo *grandessissemo* ou *grandessissimo* é tambem muito usado na lingoagem popular portuguesa. Diz-se *-essissemo* = *-essissimo* por dissimilação (§ 149). Creio que Almeida Garrett o empregou algures. — Cf., por exemplo, em sanscrito o superlativo duplo śreṣṭhatama-, sobre śreṣṭha-.

2 Note-se que *múi* e *múito* se pronunciam sem nasal, e por isso accentuo *ú* para que não se diga *ũi,* como em português se diz. — Cf. o meu *Dialecto mirandês,* Porto 1882, p. 26.

C. NOMES NUMERAES

a) Numeraes cardinaes:

189. Temos:

Latim	Mirandês
ūnu-, ūna-	*ũ, ũŋa*
dŭos-, dŭas-	*döus, dües* (§ 64)
trēs	*trés* (§ 52)
quattuor, quattor	*quatro* (§ 139)
quīnque, *cinque (§ 142-*f*)	*cinco*
sĕx	*seis* (§ 142-*j*)
sĕpte(m)	*sîęte* (§§ 50, 142-*a*)
ŏcto	*úito* (§§ 59, 142-*a*)
nŏve(m)	*nǫbe* (§§ 58, 101)
dĕce(m)	*dîęç* (§§ 50, 128)
*ŭndeci(m) (por ūnd.)[1]	*onze* (§ 61)
duodecim, dódeci(m)	*dóze*
trédeci(m)	*trêze*
quattuordecim, quattórdeci(m)	*catórze*
quīndeci(m)	*quinze*
—	*dezaseis* (*dezasseis*)
—	*dezasîęte* (*dezassîęte*)
—	*dezuito* (e *deziúito?*)
—	*dezanǫbe*
viginti	*binte*
triginta	*trinta*
quadraginta	*quarenta* (e *corenta?*) e *carenta*
quinquaginta, *cinquaginta	*cincoenta*
sexaginta	*sessenta*

[1] Sobre o *ŭ* cf. Grammont, *La dissimilation*, p. 161.

septuaginta, septaginta	*setenta*
octoginta	*uitenta*
√novem[1]	*nobenta*
centum	*ci̊ę̃*
ducentos, -as	*duȥi̊ęntos, -as*
trecentos, -as	*treȥi̊ęntos, -as*
—	*quatroci̊ęntos, -as*
—	*cinco ci̊ęntos,* etc.
mille	*mil*
*millione(m)	*milhöũ*

Observação 1.ª — Segundo a lei do § 109, esperar-se-hia *uno* e *una*, como em hespanhol, em vez de *ũ* e *ũŋa;* comquanto, por estas palavras serem de uso muito vulgar, custe a admittir influencia do português, onde popularmente se diz *ũa* e *ũŋa*, e se possa suppôr que em ūnu-, em próclise (§ 155-9), cairia o *-u* (cf. hesp. *un* em próclise, por *uno*), d'onde resultaria *ũ* (cf. § 110-*b*), e que esta fórma, depois de se generalizar a todas as circumstancias, quer em próclise, quer não, influíra na feminina, modificando-a em *ũa*, *ũŋa* (cf. § 39), — todavia talvez houvesse realmente influencia do português. Póde perder-se o *a* de *ũŋa* em *ũŋ' agulha* (§ 38), e ainda em *ũŋ' ora*, phrase que, sob a fórma *ũ' hora* se usa tambem na Beira[2]. — De dŭos passou-se para *doos (§ 61); de *doos, por dissimilação da segunda vogal, resultou *dous* (fórma ainda representada pelo português, onde coexiste com *dois*), e seguidamente *döus* (§ 65); de *doos veiu tambem o fr. ant. *dous*, por exemplo na *Chanson de Roland*, e por crase, ou depois de passar por **dous*, o hesp. *dos;* em provençal tambem no caso obliquo ha *dos*. Com o

[1] Devia dizer-se no lat. vulg. *noveginta (por analogia com as fórmas precedentes) em vez de *nonaginta*.

[2] Cf. o que escrevi in *Revue Hispanique*, v, 428.

mir. *dùẹs* cf. o hesp. ant. *dues* (que mal póde explicar-se por ditongação do *o* de *dos*), e o leonês *duas* em Gessner, *Das Leonesische,* pp. 19–20.—De quattor, lat. vulg. *quattro, veiu *quatro,* como o port. *quatro,* o hesp. *cuatro,* o ital. *quattro,* o prov. *quatro* e ainda o romeno *patru.*—Dos idiomas romanicos são o port., o hesp. e o mir. os unicos que offerecem *cinco,* com *-o;* este *-o* poderá explicar-se por influencia do *u* de *cinque,* fórma representada pelo português antigo, ou por analogia com o *o* de *quatro.*—Em undeci(m), *dódecim, trédecim, quattórdecim, quíndecim, o *-c-* deu *-ʒ-* (§ 128); depois houve syncope do *e* postonico (§ 70), e reducção do grupo *d'ʒ* a *ʒ* (§ 142-*e*); o *-i* atono final deu *-e* (§ 74): assim temos undeci- > **ond'ʒe* > *onʒe,* etc.—Á cêrca da formação de *deʒaseis, deʒasîẹte, deʒuito, deʒanọbẹ,* que se operou já depois de constituido o mirandês, cf. o que escrevi no meu opusculo *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo,* 2.ª ed., pp. 27–30.—Quanto á syncope do *-g-* em viginti e nos numeraes seguintes, vid. § 135; a explicação de outros phenomenos phoneticos que se deram na passagem do latim para o mirandês (e para os outros idiomas peninsulares) offerece algumas difficuldades, pois, para se explicar *binte* (em port. *vinte*), parece que se deve admittir *víginti, com accento no primeiro *i,* senão teriamos *-ente,* porque *-ĭnti* tem o primeiro *i* breve (todavia o hesp. *véinte* tem *e,* apesar de o primeiro *i* de vīginti ser longo). *Trinta* tem a mesma explicação que *binte;* a fórma tríginta existiu[1]. Para os numeraes seguintes, como elles offerecem *-enta,* póde admittir-se a accentuação ĭnta, onde *ĭ,* por ser breve, deu normalmente *e* (§ 52[2]). O lat. vulg.

[1] Cf. *Grundriss der romanische Philologie,* I, 371.

[2] Ha outras palavras em que a penultima syllaba, por estar, como esta, em condições especiaes, apesar de breve, foi accentuada no lat. vulg.: intégru, cathédra, etc. (cf. § 147).

já de facto nos offerece: quinquagenta, sexagenta, octugenta (mas tambem vigenti)[1]. O hesp. arch. *sesaenta* confirma pelo seu lado a base sexagínta. — De cĕntu(m) passou-se para *cię̂*, pela ditongação do *ĕ* (§ 50), e syncope syntactica da syllaba final em próclise: cf. § 97-Obs. 2. Em mirandês tambem existe *cię̂nto*, mas como substantivo. — De *quatrocię̂ntos* para cima, até *mil*, os cardinaes formaram-se com os recursos do proprio idioma, periphrasticamente. — Em mille, o *-e* apocopou-se (cf. § 113-Obs. 2.), d'onde **mill* > *mil*. — Á cêrca da palatização que se observa em *milhöũ* vid. § 87-*a*; á cêrca do ditongo final vid. § 110-*b*.

Observação 2.ª — Do exposto no § 189 vê-se que só são declinaveis os dois primeiros cardinaes, e os comprehendidos entre *cię̂* e *mil*, como em português e hespanhol. Neste ponto os idiomas peninsulares são mais pobres que o latim, que, alem de *unus* e *duo*, declinava *tres*; se passamos a outras lingoas da familia, achamos que o grego, alem dos tres primeiros, declinava τέσσαρες; e que o sanscrito, alem d'estes quatro, declinava ainda outros.

Observação 3.ª — O segundo cardinal póde ligar-se com *ambos, ambas* (§ 203), do que resulta a phrase *ambos a döus, ambas a dùęs*, que tem parallelos em português e hespanhol. Do assunto tratou desenvolvidamente o nosso fallecido philologo Manoel de Mello nas *Notas lexicologicas*, Rio de Janeiro 1889, pp. 45–69. Cf. tambem H. Morf, *Tutti e tre*, 1891.

Observação 4.ª — Em sendinês diz-se *site, duzintos, trezintos*, etc. (§ 50), *cię̂* ou *cię̂* em pausa, e *cĩ* em próclise (§ 50-Obs. 1). Diz-se *nube* (§ 58), *dus*. As outras fórmas creio que não differem das mirandesas normaes: diz-se, por exemplo, *uito*, etc.

---

[1] Schuchardt, *Vokalismus*, II, 55–56.

b) Numeraes ordinaes:

190. Temos os seguintes:

Latim	Mirandês
primariu-	*prumeiro* (§ 44)
secŭndu-	*segundo*[1]
tertiariu-[1]	*treceiro, terceiro*
quartu-	*quarto*
quintu-	*quinto*
sextu-	(*sésta-feira*)
septimu-	*sétimo* ou *sétemo*
octavu-	*öutabo, uitabo*[2]
nonu-	*nono* (§ 109)
decimu-	(*décima*)

Observação. — O povo faz pouco uso dos ordinaes. Em *prumeiro* o *u* resulta da influencia da labial, como eu já disse no meu opusculo *O dialecto mirandês*, p. 27, nota 50, onde comparei essa fórma com a portuguesa popular correspondente, e com a gallega *pormeiro, promeiro.* — Quanto ao abrandamento de *c* em *g* em *segundo*, vid. § 124. O *ŭ* devia dar em mir. *o* (§ 61. Na 1.ª linha d'este paragrapho leia-se v̆ em vez de v̄): cf. ital. *secondo*, fr. *second*, cat. *segon*, etc.: comtudo o port. e o hesp. *segundo* offerecem tambem *u* como o mirandês. Poderá allegar-se que a palavra será de origem litteraria; comtudo outras ha em que *ŭ* seguido de nasal está representado por *u*, ex. port.: *unha, mundo, nunca.*—As fórmas *öutabo* e *nono* parece tambem serem de origem litteraria; *décima* é-o sem dúvida.

191. Dos numeraes proporcionaes creio que só ha em mir. *dobre*, fórma parallela á hespanhola *doble*; mas talvez figure como substantivo.

---

[1] O numeral tertiu- conservou-se em *terça-feira*, etc.
[2] Ex.: «Las *uitabas* de l Natal».

D. PRONOMES E ARTIGOS

192. D'este assunto já me occupei no meu opusculo *O dialecto mirandês*, pp. 18–20. Aqui porém dar-lhe-hei maior desenvolvimento. Considerarei seguidamente estas classes: *pronomes pessoaes, pronomes demonstrativos, artigos, pronomes indefinidos, pronomes relativos e interrogativos, pronomes possessivos.*

1. Pronomes pessoaes

193. Eis o quadro dos pronomes pessoaes:

	1.ª pessoa	2.ª pessoa	3.ª pessoa
Singular	*yöu*	*tu*	*él* (masc.) *éilha* (fem.)
	me	*te*	*lo* (masc.), *l'* *la* (fem.)
	mi	*ti*	*le, l'*
	migo	*tigo*	—
Plural	*nós, noſöutros* *-as*	*bós, boſöutros* *-as*	*éilhes* *éilhas*
	mos (*nos*)	*bos*	*los* *las*
	mos	*bos*	*le, l'*[1]

Fórmas reflexas (3.ª pessoa): *se, si.*

---

[1] O Sr. Bernardo Fernandes Monteiro, que é da Póvoa, emprega na sua traducção do Evangelho, o plur. *les*, ex.: *dixules* (dixo-les), in *Reporter*, n.º 1512; *fazendo-les*, ibidem, n.º 1515, etc. — A informação que eu colhi em Miranda é que *le* (l') tanto se emprega no singular com no plural, o que tambem succede na lingoagem popular portuguesa. Influiria no Sr. Bernardo Monteiro o *lhes* da lingoagem portuguesa culta?

Observação 1.ª—As fórmas *me, te, lo* (*l'*), *la, le* (*l'*), *mos, bos, los, las* são atonas; do seu emprêgo e do das outras se trata na Syntaxe, § 305.

Observação 2.ª—A fórma *l'* do pronome *lo* usa-se em próclise; ex.: «quando *l'* cumprei». A fórma *lo* usa-se depois dos verbos, por ex.: «chamái-*lo*, «míra-*lo*».—A fórma *l'* do pronome *le* póde usar-se em próclise; ex.: «nũ *l'* deis nada» («não *lhes* deis nada»), «pa *l'* dar» («para *lhes* dar»).

Observação 3.ª—As fórmas *noſöutros* (pronúncia: *nuſöutrus*) e *boſöutros* (pronúncia: *buſöutrus*) não se usam em toda a Terra-de-Miranda; tenho porém notícia de que se usam em Especiosa e Póvoa. Em gallego ha, a par de *nos* e de *bos,* tambem *nosoutros* e *vosoutros*[1]. Cf. hesp. *nosotros, vosotros,* cat. *nosaltres, vosaltres.*—Em português classico tambem por vezes se junta *outros* a algumas das fórmas do pronome pessoal. Ex.:

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamais *vós outros* Tormentorio[2],

onde *vós outros* póde equivaler á nossa expressão familiar *vós lá*[3].

Observação 4.ª—Ao passo que em português se diz *tornavão-no* com *-no,* por arch. *lo,* mod. *o,* em mirandês não se dá assimilação do *l* á vogal precedente; no *Cirujano de l senhor abade,* de Bernardo Fernandes Monteiro, leio: «*tornabã-lo* ũ potentado»[4].

Observação 5.ª—Vejamos agora a explicação etymologica.—De ego, na fórma vulgar *eo (§ 87-*b*), veiu *yöu,* que presuppõe *yo,* fórma representada ainda

---

1 Saco Arce, *Grammatica gallega,* pp. 54-55.

2 Camões, *Lusiadas,* v, 50.

3 Sobre o uso de *nos, vos, nosotros* e *vosotros* em hespanhol vid. R. J. Cuervo, *Notas a la gramática de Bello,* pp. 42-43.

4 In *Revista de educação e ensino,* xi, 169.

pelo hespanhol; a ditongação do *-o* não é muito facil de explicar: cf. no emtanto o astur. *you,* e o prov. *iou,* o ladino *jou;* no idioma riodonorês usa-se igualmente *yöu,* e no guadramilês creio que tambem. — Do lat. m e veiu o mir. *me,* como de t e veiu *te,* e de s e veiu *se;* de m i (= *mihi*) veiu *mi* (que no português experimentou a nasalação *mim,* por influencia do *m* inicial), como de t i b i veiu *ti,* e de s i b i veiu *si* (§ 93). — O mir. *tu* é o lat. t u. — Quanto a *migo, tigo,* só se usam juntas com a preposição c u m: *comigo* (§ 38), *cumtigo* (§ 80); estas fórmas provém de m e c u -, t e c u - (§ 54-*b*). — De i l l e veiu *el* (§ 141-Obs. 2); de i l l a veiu *éilha* (§ 141-*a*); o plural *eilhes* presuppõe *i l l e s, criado por analogia com o singular, como o port. *elles,* se não foi formado já no proprio mirandês. — O pronome *le* póde mesmo tornar-se *l* em ênclise; por ex.: *a eilhes nũl dei nada.* — Já a p. 48 fallei do pronome atono *mos,* que se observa em phrases como por ex.: *máta-mos* («mata-nos»), *bei-mos* («vê-nos»), *döu-mos pã* («deu-nos pão»), onde é já accusativo, já dativo; o pronome *mos* usa-se tambem em asturiano[1], em montanhês (Santander)[2], em andaluz, em hespanhol antigo, e popular moderno, em gallego, e em português[3]: este pronome resultou de *nos,* por influencia da terminação da 1.ª pessoa dos verbos, que tambem acabam em *-mos,* como *damos, mataremos, bimos,* etc.; facto analogo se dá no italiano, onde se diz *eglino* = *égli-no,* em que *-no* resulta da flexão verbal *-no,* por ex.: *eglino amano*[4]. — Á cêrca de *nos* vid. o que digo na nota 2 do § 253. — O pronome reflexo *se* vem do lat. s e.

---

1 B. Vigón, *Vocabulario de Colunga,* s. v.: «*mos* quieren», «xuntámos*mos*», «dán*mos*», etc.; Munthe, *Anteckningar om Falkmålet i en trakt af vestra Asturien,* Upsala 1887, p. 43.
2 Mugica, *Dialectos castellanos,* I, p. 20.
3 D. Carolina Michaëlis in *Roman. Jahresbericht,* IV, 334-335.
4 Diez, *Grammaire des langues romanes,* II, p. 80.

Observação 6.ª — Não ha fórmas correspondentes ás portuguesas *comnosco, comvosco, comsigo;* diz-se, como se nota na syntaxe, § 305-*a, cum nós, cum bós, cum el:* «yöu böu *cum bós*» (= «eu vou comvosco», ou «eu vou comsigo»), ou então *cum boſöutros,* etc.

Observação 7.ª — Em Sendim ouvi dizer *coméyo* (pronúncia: *cu̯-mé-yu̯*) e *cuntéyo* (pronúncia: *cũ-té-yu̯*). Estas fórmas são interessantes, pois que correspondem ainda ás archaicas portuguesas *mego, tego, comego.* Eis uma cantiga sendinesa em que se emprega *coméyo:*

> Anda d'ende, bẽ-te *coméyo,*
> Deixa la tu' camarada,
> Nũ quiro que l mundo dia[1]
> Qu' yöu te libo[2] roubada.

2. Pronomes demonstrativos

194. Consideremos em primeiro lugar os seguintes:

	Masculino	Feminino	Neutro
1.ª pessoa:	*éste*	*ésta*	*ésto, aquséto* / *isto*
2.ª pessoa:	*ésse*	*éssa*	*ésso* / *isso*
3.ª pessoa:	*aquél, aqueilh'*	*aqueilha*	*aquéilho* / *aquilho.*

Observação 1.ª — Os masculinos e femininos figuram como adjectivos; os neutros como substantivos. Só os primeiros tem plural, que, excepto a respeito de *aquél,* se fórma regularmente (*éstes, ésses, aqueilhas*); o plural de *aquél,* fórma-se como o de *él,* isto é: *aquéilhes.*

---

1 *Dia* significa «diga».
2 *Libo* significa «levo».

Observação 2.ª — A fórma *ésso* dizem-me que só se usa na raia. A fórma *aquésto* usa-se, por exemplo, em S. Martinho, e *ésto* em Sendim. A fórma aqueilh' só se emprega antes de vogal (*aqueilh'amor, aqueilh'alto;* mas *aquél monte, aquél mìu amigo*), e ainda assim não se usa em toda a Terra-de-Miranda.

Observação 3.ª — Pelo que diz respeito á explicação etymologica, notarei o seguinte: *este* vem de iste, *esta* de ista, *esto* (e *isto*) de istu(d); *esse* vem de ipse (§ 142-*a*), *essa* de ipsa, *esso* (e *isso*) de ipsu(m); *aquel* e *aqueilh* vem de eccu-ille[1], *aqueilha* de eccu-illa, *aqueilho* (e *aquilho*) de eccu-illu(d), *aquesto* de eccu-istu(d).

196. Além dos mencionados pronomes, temos ainda:
a) Com distincção de generos:

Masc.	Fem.
öutro	*öutra*
söutro	*söutra*[2]
mésmo	*mésma*
tanto	*tanta.*

b) sem distincção de generos: *tal* (no plur. *tales*).

Como pronomes neutros temos *l, la,* que são iguaes aos artigos; ex.: «se tu bíras *l* q' yöu bi».

Observação. — O pronome *öutro* vem de altr'u- (§ 45). O pronome *söutro* resulta do pronome composto *ess'outro,* que já não se usa em mirandês, mas que se usa ainda em português; o *e* inicial, por ser atono, perdeu-se (§§ 70, 152-*a*). O pronome *mesmo* vem

---

[1] *Aquel* formou-se como *él* (§ 193-Obs. 5). Em *aqueilh'*, de eccu-ille + vogal, desenvolveu-se a palatal pelo facto de -ll- ficarem em condições proprias para isso (§ 141).

[2] Estes pronomes tambem podem figurar como indefinidos.

de met + *ipsimu-, por intermedio de *medesimo* (representado ainda pelo italiano) e de *meesmo* (representado ainda pelo português archaico); a syncope do *d* proveniente de *t* é anormal (§ 103), mas talvez influisse nella a próclise: a fórma met + *ipsimu- está por *ipsissimus met,* tendo-se de mais a mais resumido o superlativo *ipsissimus,* que é bom latim[1], em *ipsimus. O pronome *tanto* vem de tantu-, na accepção do lat. *tot.* O pronome *tal* vem de tale-.

3. Artigos

°197. O mirandês tem duas especies de artigos: definidos, e indefinidos. Cf. sobre o assunto o meu opusculo *O dialecto mirandês,* 1882, pp. 18–20, onde já citei muitos dos factos que cito agora aqui.

198. *A*) Artigo definido masculino singular:

a) Antes de consoante tem o valor de *ł,* isto é, *l* gutturalizado, que represento usualmente por *l,* ex.: *l caldo, l möucho.* Ás vezes porém ouve-se um leve *ẹ* antes d'elle, por ex.: *ẹl mìu amor;* mas a primeira fórma é a mais geral; a segunda só se ouve num ou noutro caso, principalmente em pronúncia emphatica, e no princípio de phrase. Em expressões, como *bestìu l bestido, comé' l caldo* («comer o caldo»), o *l* fórma mesmo syllaba com a vogal precedente, de modo que se diz de facto *bestìul, comél.*

b) Antes de vogal o artigo tem o valor de *l* puro, que represento usualmente tambem por *l,* por ex.: *l ome, l aire, l öuteiro.* O *l* fórma syllaba com a vogal seguinte, — propriamnte *lóme, laire, löuteiro* —, o que impede a gutturalização.

---

[1] Analogo, ideologicamente, a este superlativo é o gr. αὐτότατος e o port. *mesmissimo;* cf. ainda o ital. *nessunissimo.*

B) Artigo definido masculino plural:

Tanto antes de vogal como de consoante tem o valor de *ḷs;* represento-o normalmente por *ls*. Ex.: *ls rìus, ls töus ǫlhos*. Analogamente ao que succede no singular, tambem no plural póde ouvir-se *ẹls* com um leve *ẹ* inicial, por ex.: *ẹls rìus, ẹls omes;* póde além d'isto ouvir-se *lẹs*, por ex.: *lẹs armanos, tód' lẹs omes, pa lẹs mercados,* ou mesmo talvez *ẹlẹs*. Á cêrca de *los* = *lus* vid. § 201-Obs. — Esta multiplicidade de fórmas não deve causar-nos estranheza num idioma, como o mirandês, completamente inculto; sem sair da Peninsula, notarei que em asturiano tambem, por exemplo, o artigo reveste diversas fórmas, ora com *l* simplez, ora com *l* palatal[1].

C) Artigo definido feminino singular:

Antes de consoante tem a fórma *la;* antes de vogal tem a fórma *l'*, igual á masculina. Ex.: *la birge, l'öutra, l'amiga*.

D) Artigo definido feminino plural:

Diz-se *las* em todas as circumstancias.

199. Combinações que podem fazer-se dos artigos definidos com as preposições:

al = *a* + *l*, *als* = *a* + *ls;*
dẹl = *de* + *l*, *dẹls* = *de* + *ls;*
pạl = *pa* + *l*, *pạls* = *pa* + *ls;*
pul = *por* + *l*, *puls* = *por* + *ls*[2];
cul = *com* + *l* (a par de *cũ l*, *culs* = *com* + *ls; cúlas* = *cũ* + *las*.

---

[1] Vid. Rato de Argüelles, *Vocabulario bable*, p. 128 («Compendio gramatical»).

[2] Cf. em hesp. ant. *pol;* ex.: no *Fuero Juzgo* (sec. XIII): «et rogamos *pol* nomne de la Trinidat». Apud Galindo, *Progreso y vicisitudes del idioma castellano*, p. 72.

de la ou *d'la, de las* ou *d'las;*
cula = *com* + *la, cúlas* = *com* + *las;*
pula = *por* + *la, pulas* = *por* + *las*[1].

Correspondentemente á ligação da preposição *ã* com o artigo, tem-se em mirandês: *ne, nes; na, nas* (como *neilha,* «nella»). Tambem se ouve por vezes *no,* e mesmo *ne̥l,* mas o normal é *ne.*

200. Artigos indefinidos:
No singular diz-se *ũ, ũŋa;* no plural *uns, ũŋas.*— Em combinação com preposição: *nũ, nũŋa,* por analogia com o que se passa em relação ao artigo definido (§ 199); mas tambem tenho visto escrito *ã ũ, ã ũa* (= *ã ŋ ũŋa*).

201. Para maior clareza formo aqui um quadro summário das flexões normaes dos artigos em mirandês (central e raiano):

Definidos	masc.	sing.:	antes de cons.: *l* (= *ł*)
			antes de vog.: *l* (= *l*)
		pl.:	*ls* (= *łs*)
	fem.	sing.:	antes de cons.: *la*
			antes de vog.: *l'* (= *l*)
		pl.:	*las*
Indefinidos	masc.	sing.:	*ũ*
		pl.:	*uns*
	fem.	sing.:	antes de cons.: *ũŋa*
			antes de vog. (ás vezes): *ũŋ'*
		pl.:	*ũŋas.*

[1] Propriamente nos primeiros casos não ha combinações das preposições com o artigo, pois este é gutturalizado, quer solto, quer com a preposição: por isso tanto faz escrever *al, del,* como *a l, de l.* Mesmo a respeito de *pal* direi que *pa* se emprega por vezes mesmo sem o artigo, e que por isso se póde escrever *pa l.*

Observação. — Em sendinês diz-se no sing. *l*, como no mirandês da raia e do centro, mas no plural ouvi dizer *los* = *lus*, fórma que em verdade tambem por vezes se ouve nas localidades onde normalmente se diz *ls*[1]. No mesmo subdialecto ouvi tambèm dizer *no*, e não *ne*.

202. A origem do artigo definido mirandês está num dos casos do pronome demonstrativo latino ille. Os artigos indefinidos provém dos numeraes (§ 189-Obs. 1). Factos analogos a estes succedem nas outras lingoas romanicas.

4. Pronomes indefinidos

202. Temos em primeiro lugar os seguintes:

Masc.	Fem.	Neutro
tódo	*tóda*	*tódo*
ningũ	*ningũŋa*	*náide* (com relação a pessoas)
niũ (e *nĩ ũ*)	*niũŋa*	*nada* (com relação a cousas)
algũ	*algũŋa*	*algũ* (< > port. *alguem*)
		algo (com relação a cousas[2]).

Observação 1.ª — Os pronomes neutros figuram como substantivos: propriamente *tódo* e *algũ*, que incluí na classe dos neutros, são tambem masculinos; em port. é que temos na realidade neutros em *tudo* e *algo*.

Observação 2.ª — O pron. *todo, -a,* vem de totu-, -a (§ 103). *Ningũ* está por nec + unu-, com mudança de *-c-* em *-g-* (§ 124), e nasalamento interno devido á

---

1 O Sr. Bernardo Fernandes Monteiro, que é da Póvoa, escreve *los* na sua traducção dos *Evangelhos* (vid. *Revista de educação e ensino*, IX, 152 sqq.). O mesmo auctor, noutros lugares, escreve porém indifferentemente *los* e *les;* vid. a citada *Revista*, XI, 160 sqq.

2 *Algo* póde empregar-se adverbialmente, como em português e hespanhol: «era *algo* tato», «yöu podie-m' amportar *algo*». Cf. all. *etwas*, fr. *un peu*.

acção do *n* inicial (cf. hesp. arch. *nenguno,* mod. *ninguno,* port. *ninguem*); *niũ* está por ne(*c*) + *ũ* (cf. port. ant. *nehũa, nẽum*). O pron. *naide* tem como parallelo o gall. *naide,* o cast. ant. *nayde* e o mod. *nadie,* em astur. e salam. *naide:* vem do lat. (homines) nati (§ 103), e tem, quanto ao ditongo, a mesma explicação phonetica que o mir. *quaije,* de *quasi,* e o algarvio *Saigres,* de Sacris. O pron. *nada* vem de (res) nata. Tanto em *naide* como em *nada* a significação primitiva passou a ser exactamente o contrário do que era, facto que tem analogos noutras lingoas: cf. *abrigo,* de apricum, «exposto ao sol»; no fr. *rien* («nada»), do lat. rem («cousa»), e *personne* («ninguem»), do lat. persona («pessoa» = alguem), quando empregados absolutamente, temos phenomenos que nos ajudam a comprehender os de que se trata. O pron. *algũ* vem de aliq'unu- = *aliquis* + *unus;* o pron. *algo* vem de aliquo(d); á cêrca das mudanças phoneticas que aqui se operaram vid. os §§ 70 e 124; e cf. § 189-Obs. 1.

203. Alem dos mencionados pronomes temos ainda:

a) com distincção de generos:

Masc.	Fem.
cîẹrto	*cîẹrta*
ambos (pl.)	*ambas* (pl.)
múito	*múita*
pöuco	*pöuca*

b) sem distincção de generos:

cada (sem plural);
qualquîẹr (ou *qualquîẹra* ou *qualquera*);
no pl. de certo se dirá *qualesquîẹra*[1]).

1 Na *Rev. de educ. e ens.*, IX, 501, trad. dos *Evangelhos* por B. F. Monteiro, acho de facto *qualesquier* (*qualesquîẹr* ou *qualesquîẹra*).

Observação 1.ª — O pron. *cięrto* vem de cĕrtu- (§ 50). Á cêrca de *ambos*, que é na origem um dual, vid. § 189-Obs. 3. Á cêrca de *múito* (sem nasal, não como em port. *muito*, que soa hoje *mũito*) vid. p. 452. Á cêrca de *pöuco* vid. o § 69-*a*. O pron. *cada*, que é sempre conjuncto, e nunca absoluto[1], vem do gr. κατά = cata, como o Sr. Paulo Meyer demonstrou in *Romania*, II, p. 80. O pron. *qualquîęr* é composto de *qual* + *quîęr* (do verbo *querer*); cf. hesp. *cualquiera*.

Observação 2.ª — Em send. diz-se *cirto*, *-a* (§ 50), e é provavel que tambem se diga *qualquira*.

5. Pronomes relativos e interrogativos

204. Os pronomes relativos são:

a) sem distincção de numeros:

que
quîę̃ (send. *quíẽ*)

b) com distincção de numeros:

qual, no pl. *quales*
quanto, *-a*, no pl. *-os*, *-as*
cujo (?).

Observação 1.ª — O pron. *qual* toma a fórma *qualh* antes de *y*, neste exemplo: *qualh yę* (cf. § 151-*b*).

Observação 2.ª — Propriamente *quem* e *qüe* são casos do mesmo pronome: lat. qui, quem. O pron. *qual* vem de quale-, e *quanto* de quantu-, na accepção de *quot*.

Observação 3.ª — O pron. *quîę̃* póde corresponder tambem, como em português, a *aquél que*.

---

[1] Infelizmente vão a vulgarizar-se em português modos de dizer errados como «a trinta réis *cada*», em vez de *cada um* ou *cada uma*. Tambem em francês se diz na lingoa vulgar por vezes *chaque*, o que é igualmente êrro, em vez de *chacun*, *chacune*.

205. Os pronomes interrogativos são:

a) como adjectivos:

què, qual, quanto.

b) como substantivos:

que (em próclise), ou *l que*
quéi (em pausa)[1]
quîę̌.

Observação. — O pron. *quéi* poderá explicar-se por *que* + *i*, sendo *i* = (*a*)*i*, em ant. port. *hi*, lat. hic; cf. *hái* = *ha-i* = *ha-hi*. No Sul do reino tambem se diz *quêi* em interrogação, mas aqui a explicação é outra, é meramente phonetica; o *-i* tem a mesma origem que o que na mesma região se ouve em *péi*, etc.

6. Pronomes possessivos

206. Temos os seguintes:

		Sing.	Pl.
1.ª pessoa	masc.	*mìu*	*mìus*
	fem.	*mìę*	*mìęs*
2.ª pessoa	masc.	*töu*	*töus*
	fem.	*tùę*	*tùęs*
3.ª pessoa	masc.	*söu*	*söus*
	fem.	*sùę*	*sùęs*
1.ª pessoa da pluralidade	masc.	*nǫsso*	*nǫssos*
	fem.	*nǫssa*	*nǫssas*
2.ª pessoa da pluralidade	masc.	*bǫsso*	*bǫssos*
	fem.	*bǫssa*	*bǫssas*
3.ª pessoa da pluralidade	como na 3.ª pessoa do singular.		

[1] Diz-se pois tambem *porquéi* em interrogação.

Cf. o meu opusculo *O dialecto mirandês,* Porto 1882, p. 20.

Observação 1.ª — O mirandês, ao contrário do hespanhol, não faz distincção nitida entre fórmas atonas e tonicas; procede como o português litterario; apenas, em virtude das leis phoneticas (§ 38), se poderá dizer *mi'*, por *mìę*, procliticamente: por exemplo num conto popular «calhai-bos, ó *mi'* ama!».

Observação 2.ª — Em sendinês diz-se *mi* por *mìę* (§ 51), *tu* e *su* por *tùę* e *sùę* (§ 64), *nusso, -a, busso, -a* (§ 58). Em S. Martinho d'Angueira parece que se diz *mĩìu* ou *mĩęu*.

Observação 3.ª — A origem dos pronomes possessivos foi já indicada a proposito da phonetica.

Mìu, § 51. — A fórma intermédia entre o lat. vulg. meu-[1] e o mir. *mìu* deve ter sido **mieu;* cf. prov. *mieus*. Em port. arch. havia a fórma *meheu,* citada por Viterbo, *Elucidario,* s. v., como do sec. XIII; teremos aqui uma fórma dialectal tambem com ditongamento (= mieu)? — Em astur. mod. diz-se *mió,* com accentuação no *o* como em hesp. arch. *myó*. Em hesp. mod. diz-se *mío* em pausa, e *mi* em próclise. — Cf. ainda o ital. *mio*.

Mìę, § 51. — Em hesp. ant. encontra-se *mie* (e *mies*)[2]; em hesp. mod. diz-se *mia* (em pausa) e *mi* (em próclise). — Cf. no ladino e no ital. *mia*. — Em port. ant. tambem havia *mia,* que explica o port. mod. *minha,* que passou por **mĩa*. A fórma *mia* encontra-se num documento do sec. XIII citado por Viterbo, *Elucidario,* s. v. «alfanbar» (se não está por *mĩa*); a fórma porém

---

[1] Numa inscripção romana da Hispania, encontra-se mesmo a fórma meu, o que em verdade nada tem especial. Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1222.

[2] Á cêrca dos pronomes possessivos em hespanhol antigo vid. J. Cornu, in *Romania,* XIII, 307 sqq.; e F. Hanssen, *Das Possessivpronomen in den Altspanischen Dialekten,* Valparaiso 1897.

mais usual de *mia*, em próclise, no port. arch. é *mha* (onde *h* representa a semi-vogal *ĭ* do ditongo crescente *ĭa*) e *ma*. O *ia* de *mia* mal se póde explicar como o do mirandês, por isso que em português não se deu a ditongação de *ĕ*[1].

Töu e *söu*, § 65.—Em hesp. ant. encontra-se *to, so* (no pl. *tos, sos*); em prov. *tos, sos*; em ital. *to* (a par de *tuo*).

Tùẹ e *sùẹ*, § 64.—Cf. o hesp. ant. *tue, sue* (*tues, sues*).

Nọsso e *bọsso*, §§ 58 e 142-*d*.—Cf. *Revista Lusitana*, IV, 275–276.

II. Conjugação[2]

A) RELAÇÕES ENTRE LATIM E MIRANDÊS

207. As quatro conjugações latinas estão em mirandês, como em português e hespanhol, representadas por tres[3]. Á I conj. latina corresponde em mir. a conj. em *-ar*, ou 1.ª; á II conj. corresponde a conj. em *-er*, ou 2.ª; a III conj. desappareceu, e os seus verbos pas-

---

1 O Sr. Cornu, in *Romania*, XIII, 310, explica o hesp. *mio* por **mius*, de meus, em próclise. Mas o mir. *Dìus* não se póde explicar por próclise, e a explicação d'esta fórma é inseparavel da de *mìus*. E porque teriamos então em port. *meu*, com *e*, ao lado de *mia* (ant.), *minha* (mod.), com *i*?

2 Já no meu opusculo *O dialecto mirandês*, pp. 21–25, dei os paradigmas da conjugação mirandesa, e apresentei muitas explicações das flexões verbaes. Aqui porém trato o assunto com maior amplitude.

3 Se attendessemos ás terminações do infinitivo, teriamos em português uma 4.ª conjugação, representada por *pôr* e seus compostos; mas *pôr* tinha outr'ora as fórmas *pôer* e *poer* (reconheciveis ainda em *pões, põe*,—e *poente*), o que o faz entrar na 2.ª conjugação. Cf. tambem Epiphanio Dias, *Grammatica portuguesa elementar*, 9.ª ed., p. 80-*a*.

saram para a II e para a IV; á IV conj. latina corresponde a conj. mir. em *-ir,* ou 3.ª Ex.:

I, a m ā r e	1.ª, *amar*
II, t e n ē r e	2.ª, *tenér*
III, p o n ĕ r e	2.ª, *ponér*
III, t i n g ĕ r e	3.ª, *tenhir*
IV, v e s t ī r e	3.ª, *bestir.*

Outros exemplos de mudança de conjugação vêem-se na seguinte tabella:

p e r d ĕ r e	*perdér*
v i v ĕ r e	*bebir*
d i c ĕ r e	*dezir*
v i n c ĕ r e	*bęncir*
r e c i p ĕ r e	*recebir, arrecebir.*

Cf. ainda *sofrir* < > s u f f e r r e; mas no lat. vulg. tem de se admittir *s u f f e r i r e, como o prova o ital. *soffrire,* o fr. *souffrir,* o prov. *suffrir,* o cat. *sufrir,* o hesp. *sufrir* (em port. temos *soffrer* < *s u f f e r e r e, formado sobre *suffero*).

208. Os verbos inchoativos foram identificados com os typos da 2.ª conjugação; por ex.: *apodréço—apodréces, agradéço—agradéces.*

Observação 1.ª—Como não conheço monumentos de mirandês antigo, não sei em que relação elle estaria outr'ora com as demais lingoas romanicas, em que ha verbos com fórmas inchoativas: ital. *capisco,* fr. *finis,* prov. *florisc,* catal. *vestesch,* hesp. *parezco* (arch. *paresco*), port. arch. *gradesco.*

Observação 2.ª—Como noutras lingoas romanicas, em mirandês só se criam hoje verbos em *-ar,* ou com o suffixo *-ecer* (na origem inchoativo). Todos os demais typos são continuação de typos anteriores.

209. A voz activa latina conservou-se; da voz passiva só se conservou o participio perfeito. Os verbos depoentes que passaram para o mirandês tomaram a fórma activa; por ex.: m i r a r i = m i r a r e > *mirar*. A voz passiva em mirandês forma-se periphrasticamente, com o auxiliar *ser:* a m a t u r <> *yę amado.* Ambos estes factos succedem tambem noutras lingoas romanicas.

210. Na conjugação mirandesa distinguem-se os seguintes modos: *indicativo, condicional* (propriamente tambem uma especie de futuro), *conjunctivo, imperativo, infinitivo* e *participio*. O 1.º, o 3.º, o 4.º e o 5.º são os latinos; o *condicional* é criação romanica; o *participio do presente* corresponde ao *gerundio* latino (ablativo), o *participio preterito passivo* corresponde ao respectivo modo latino. Ao participio activo do presente latino correspondem hoje em mirandês adjectivos: a m a n t e - > *amante*[1].

211. Dos tempos latinos conservaram-se em mirandês, com as mesmas funcções: o *presente* do indicativo, do conjunctivo, do imperativo e do infinitivo; o *preterito perfeito* do indicativo e do participio passivo; o *preterito imperfeito* do indicativo; o *mais-que-perfeito*

---

1 Em português archaico tem ainda certa vida os participios em *-nte:* vid. Adolfo Coelho, *Theoria da conjugação em latim e português,* p. 127. — Ex.: «*cobiçante* nós pôr cima aas demandas» (Viterbo, *Elucidario,* s. v. *cima*); «*complinte* = mod. *cumprindo* (*Ineditos de Alcobaça*), etc. No português moderno encontram-se alguns vestigios desfigurados do participio em *-nte,* como *tirante* na phrase «*tirante* isso», onde *tirante* figura como preposição. Tambem *excepto,* que a princípio foi empregado como participio, passou á classe de particula: cf. a minha *Anályse critica* das «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo, 2.ª ed., pp. 24–25.—O meu amigo Gonçalves Vianna lembra-me tambem a phrase «*temente* a Deus», onde *temente* é ainda participio.

do indicativo. Com funcção differente conservaram-se tambem: o *futuro perfeito* latino do indicativo, com o valor de *futuro imperfeito* do conjunctivo; o *mais-que-perfeito* do conjunctivo, com o valor de *imperfeito* do mesmo modo. O *futuro imperfeito* do indicativo latino foi substituido por uma fórma nova. O *futuro perfeito*, o *preterito perfeito* e o *mais-que-perfeito* do conjunctivo, o *preterito perfeito* e o *futuro* do infinitivo desappareceram, e foram substituidos por periphrases formadas por *tenér* (e ás vezes por *habér*), com os participios dos respectivos verbos. Do presente do participio já fallei no § 210.

212. Os verbos latinos só tinham flexões para o singular e para plural, faltando-lhes o dual, que existia, por ex., em grego. O mesmo facto succede em mirandês.

213. Os participios tem uma só fórma pessoal. O infinitivo póde ser pessoal e impessoal; as fórmas impessoaes, que o mirandês tem em commum com o português e o gallego[1], são, no meu entender, resultantes de analogia[2]. Em todos os demais modos ha flexões correspondentes á 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, tanto do singular, como do plural.

B) ORIGEM DAS FLEXÕES VERBAES

214. Estudarei successivamente as flexões verbaes, segundo os tempos de cada um dos modos, e, quanto puder, pela ordem genetica.

---

1 Tambem se conhece um exemplo em leonês, no *Libro de Alexandre*, v. 1742: vid. F. Hanssen, *Estudios sobre la conjugacion aragonesa*, Santiago de Chile 1896, p. 11.

2 Cf. tambem Adolfo Coelho, *Theoria da conjugação em latim e português*, p. 126.

I. Presente em todos os modos

215. Para mais facilidade e clareza da exposição, considerarei separadamente as desinencias e o thema.

1. Desinencias do presente

216. Desinencias do indicativo:

1.ª conj. Lat.	Mir.
intro	*entro*
intras	*entras*
intrat	*entra*
intramus	*antramos*
intratis	*antrais*
intrant	*entrã*

2.ª conj. Lat.	Mir.	3.ª conj. Lat. (4.ª)	Mir.
timeo, *timo	*temo*	partio, *parto	*parto*
times	*temes*	partis	*partes*
timet	*teme*	partit	*parte*
timemus	*tememos*	partimus	*partimos*
timetis	*temeis*	partitis	*partis*
timent	*temẽ̂*	(partiunt)	*partẽ̂*

As desinencias do pres. do indic. vêem-se no seguinte quadro:

1.ª conj.	2.ª conj.	3.ª conj.
-o	*-o*	*-o*
-a-s	*-e-s*	*-e-s*
-a-	*-e-*	*-e-*
-a-mos	*-e-mos*	*-i-mos*
-a-is	*-e-is*	*-i-s*
-ã-	*-ẽ̂-*	*-ẽ̂-*[1]

[1] Nas 1.as pess. do sing. e nas 3.as do pl. as desinencias estão fundidas com o thema. Nas 3.as do sing. não ha desinencia.

Observação 1.ª — Abstraindo da 3.ª pess. do pl. da 3.ª conj., de que fallarei na Obs. 3, vemos que todas as flexões mirandesas estão em perfeita correspondencia phonetica com as respectivas fórmas latinas. O *-o* final mantem-se com o valor de *-u̯*: amo > *amo,* timeo, *timo > *temo,* *parto > *parto.* O *-s* final conserva-se tambem (§ 116): amas > *amas,* times > *temes,* partis > *partes.* O *-t* apocopou-se (§ 104). A syllaba -us tornou-se *-os* (§ 70). As syllabas -ant e -ent na 1.ª e 2.ª conj. deram respectivamente *-ã* (§ 72) e *-ę̃* (§ 77).

Observação 2.ª — As fórmas mirandesas *antrais* < intratis, *temeis* < timetis, *partis* < partitis devem ter passado por *-ades, -edes, -ides* (§ 103), terminações que existiam ainda no port. e hesp. archaicos. A syncope do *-d-* nos tres idiomas é bastante difficil de explicar. — Em alguns povos da Terra-de-Miranda usa-se ainda a fórma mir. arch. *q'redes.* — Fórmas verbaes ha tambem que offerecem normalmente *-d-,* como *bedes* < videtis, *sodes* < *sutis (pelo menos em verbos cujo infinitivo é monosyllabico), o que, em relação á primeira, tambem succede em port. («vêdes»).

Observação 3.ª — A terminação *-ę̃* da 3.ª conj. não assenta na lat. -i-unt, mas em -ent, que da 2.ª passou para a 3.ª É um caso de analogia (§ 155-1), fôrça que tem grande poder na conjugação, como iremos vendo.

Observação 4.ª — Embora, pelo poder da analogia, o conjuncto das flexões verbaes tenda a manter-se em certa symetria, a acção das leis phoneticas é ás vezes mais forte, e destroe-a. Assim de ponit veiu o mir. *põ,* de dolet veiu *dọl,* de salit veiu *sal,* de quaerit veiu *quîẹr,* de tenet veiu *tẽ,* de venit veiu *bẽ,* — todas sem o *-e* caracteristico da 2.ª e 3.ª conjugação mirandesa; vid. o § 152-*c*.

217. Do condicional fallar-se-ha no § 248.

218. Desinencias do conjunctivo:

1.ª conj.

Lat.	Mir.
intre(m)	*entre*
intres	*ẹntres*
intret	*ẹntre*
intremus	*antrémos* (ou *éntramos*)
intretis	*antréis* (ou *éntrades*)
intrent	*entrẽ̂*

2.ª conj.

Lat.	Mir.
timea(m)	*tema*
timeas	*temas*
timeat	*tema*
timeamus	*témamos*
timeatis	*témades*
timeant[1]	*témã*

3.ª conj.

Lat. (4.ª)	Mir.
partia(m)	*parta*
partias	*partas*
partiat	*parta*
partiamus	*pártamos*
partiatis	*pártades*
partiant[2]	*pártã*

As desinencias do presente do conjunctivo vêem-se no seguinte quadro:

1.ª conj.	2.ª conj.	3.ª conj.
-e-	*-a*	*-a*
-e-s	*-a-s*	*-a-s*
-e-	*-a-*	*-a-*
-e-mos (*-a-mos*)	*-a-mos*	*-a-mos*
-e-is (*-a-des*)	*-a-des*	*-a-des*
-ẽ̂-	*-ã-*	*-ã-*[3]

---

[1] Estas fórmas tornaram-se respectivamente: *timam, *timas, *timat, *timamus, *timatis, *timant.

[2] Estas fôrmas tornaram-se respectivamente: *partam, *partas, *partas, *partamus, *partatis, *partant, de accôrdo com o infinitivo partire; do contrário, partiam teria dado *parça*, etc. (cf. § 87).

[3] Tem aqui cabimento observações analogas ás que eu fiz a p. 369-nota.

Observação 1.ª — O *-m* caiu normalmente: amem > *ame*, *timam > *tema*, *partam > *parta* (§ 97). O *-e* mantem-se quando está em condições d'isso (§ 152-*c*). A cêrca do *-t*, e das syllabas -mus, -tis, -ant e -ent, vid. o que se disse no § 216-Obs. 1 e 2. — A proposito do *-d-* resultante de *-t-*, convem notar que elle se conserva na 2.ª e 3.ª conj., por essas fórmas serem esdruxulas; outros exemplos temo-los em *séiades*, *fágades*, etc. Na 1.ª conj. em geral não se conserva o *-d-;* mas tenho ouvido tambem por vezes *-d-* nessa conjugação, e em tal caso as flexões tornam-se esdruxulas, como se vê dos exemplos dados.

219. Desinencias do imperativo:

1.ª conj.	
Lat.	Mir.
ama	*ama*
amate	*amai*

2.ª conj.		3.ª conj.	
Lat.	Mír.	Lat. (4.ª)	Mir.
time	*teme*	parti	*parte*
timete	*temei*	partite	*parti*

As desinencias do imperativo vêem-se no seguinte quadro:

1.ª conj.	2.ª conj.	3.ª conj.
-a-	*-e-*	*-e-*
-a-i	*-e-i*	*-i*

Observação 1.ª — Nada ha que dizer a respeito da phonetica, que não esteja já dito nas Observações aos §§ 216 e 218.

Observação 2.ª — Na 2.ª pess. do pl. o mir. concorda com o dialecto de Salamanca: *guardaivos* (apud Morel-Fatio, *Romania*, x, 240); e com o português. Em hesp. mod. diz-se *guardad*.

220. Desinencias do infinitivo:

a) *Impessoal:*

1.ª conj.	
Lat.	Mir.
intrare	*antrar*

2.ª conj.		3.ª conj.	
Lat.	Mir.	Lat. (4.ª)	Mir.
timere	*temer*	partire	*partir*

A desinencia do infinitivo impessoal é pois *-r*, que corresponde ao lat. re (§ 152-*c*). Da juncção da desinencia á vogal caracteristica do thema do presente resultam as seguintes terminações:

1.ª conj.	2.ª conj.	3.ª conj.
-a-r	*-e-r*	*-i-r*

b) *Pessoal:*

Como se disse no § 213, ha em mirandês um infinito impessoal:

amar	*temer*	*partir*
amares	*temeres*	*partires*
amar	*temer*	*partir*
amarmos	*temermos*	*partirmos*
amardes	*temerdes*	*partirdes*
amarẽ̯	*temerẽ̯*	*partirẽ̯*[1].

---

[1] Cf.: «Ora stabã alhi po̬stas seis talhas de pi̊e̬dra, p'ra *serbirẽ̯* a las purificaciones» (Bernardo F. Monteiro, *Evangelhos*, in *Reporter*, n.º 1521); «a fĩ de *tenérẽ̯* de que lo *acuſarẽ̯*» (id., *ibid.*, in *Revista de educação e ensino*, IX, 255). Bastam estes exemplos, pois comprehendem fórmas em *-irẽ̯*, *-erẽ̯*, *arẽ̯*. Outro exemplo, com infinitivo substantivado: «e̥l sujeitarẽ̯-se-bos los spritos nũ ye̬ lo de que bós bos debeis alegrar», in *Revista de educação e ensino*, IX, 505. Todavia, assim como na lingoagem popular portuguesa, o povo deixa de empregar muitas vezes as fórmas impes-

Varios AA. se tem já occupado em especial da origem do infinitivo pessoal, como Wernekke[1], Richard Otto[2], D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos[3], Schuchardt[4]; cf. tambem G. Guimarães[5] e Dr. A. de Vasconcellos[6]. Sem poder aqui demorar-me a expôr e a discutir as ideias apresentadas por elles, limito-me a dizer como eu comprehendo que o infinitivo se formou em português, o que tem tambem applicação ao mirandês. A uma phrase como *ter saude é bom* (infinitivo impessoal) corresponde *ter eu saude é bom* e *ter elle saude é bom,* ficando pois iguaes a fórma impessoal e a empregada na 1.ª e 3.ª pessoas; as expressões *ter eu* e *ter elle,* em que a principio o *ter* se empregou impessoalmente, foram depois sentidas (consideradas) como pessoaes: ora de *ter eu, ter elle* saía muito naturalmente, por analogia, *teres tu,* e no plural *termos nós, terem elles* e *terdes vós*[7]. As flexões do futuro do conjunctivo nos verbos regulares ajudavam a constituir no infinitivo as flexões pessoaes, pois que lá á 1.ª pessoa *amar* corresponde nas outras *amares,* etc.

---

soaes, e emprega as pessoaes, assim encontro tambem em mir.: «Joã Bautista nos ambiöu (melhor com *mos*) a ti p'ra te *preguntar*» (*Revista de educação e ensino,* IX, 259), texto onde, em vez de *preguntar,* se podia esperar *preguntarmos.* Nos classicos portugueses encontram-se tambem frequentemente fórmas impessoaes em condições em que hoje se usam as pessoaes.—Todas estas oscillações provam que o infinitivo pessoal é relativamente moderno, e formado do impessoal.

1 *Zur Syntax des portugiesischen Verbs,* Weimar 1888.

2 *Der portugiesiche Infinitiv bei Camões,* Leipzig 1889.

3 *Der portugiesische Infinitiv,* Erlangen 1891; e in *Rom. Jahresbericht,* de Volmöller, IV, 333 sqq.

4 In *Literaturblatt f. german. und roman. Philol.,* 1892, col. 197.

5 In *O Instituto,* XLV, p. 108 sqq.

6 *Grammatica portuguesa,* Paris-Lisboa, s. d., p. 117.

7 Supponho que algures no Alemtejo se emprega o gerundio (participio do presente) no plural, o que confirmaria o raciocinio precedente; mas não tenho á mão notícias exactas.

221. Desinencias do participio:

1.ª conj.	
Lat.	Mir.
amandu-	*amando*

2.ª conj.		3.ª conj.	
Lat.	Mir.	Lat. (4.ª)	Mir.
timendu-	*temendo*	*partindu-	*partindo*

As desinencias do participio vêem-se no seguinte quadro:

1.ª conj.	2.ª conj.	3.ª conj.
-a-ndo	*-e-ndo*	*-i-ndo*

Observação 1.ª — O gerundio lat. em -indo é deduzido theoricamente; cf. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen,* II, 194. Temos aqui uma analogia com a 1.ª e 2.ª conj.: assim como a -are correspondia -andu-, e a -ere correspondia -endu-, assim a -ire se fez corresponder -indu-; cf. o que se passa com o preterito em -ibam (§ 232-*b*).

Observação 2.ª — O mirandês concorda com o hespanhol e o português na 1.ª conj.; com este ultimo tambem na 2.ª e 3.ª; na 2.ª e 3.ª hespanholas é -iendo.

2. Thema do presente

222. No thema é preciso especialmente considerar: 1–2) a sua consoante e semi-vogal finaes; 3) a sua vogal tonica; 4) a posição do seu accento.

1. Consoante final do thema do presente

223. Merecem unicamente a nossa attenção os verbos cujo thema acaba em consoante postero-palatal (guttural), como dicere > *deʒir,* cujo presente é *digo, diʒes, diç,* etc. (no indic.) e *diga, digas,* etc. (no conj.);

facere > *fazer*, cujo presente é *fago, fáis, fáç, fazemos*, etc. (no indic.) e *faga, fagas*, etc. (no conj.)[1]; *tragere[2] > *traier*, cujo presente é *trago, tráis, trái, traiemos, traieis, traiẽ* (no indic.) e *traga, tragas*, etc. (no conj.)[3]; legere > *lér*, cujo presente é *leio, les, lemos*, etc. — É em virtude das leis phoneticas que estes verbos umas vezes tem *g*, ex.: *digo* (§ 124), outras *z*, ex.: *dizer* (§ 127), ou *ç*, ex.: *diç* (§ 128). O presente *fago* póde fazer presuppôr a fórma latino-vulgar iberica *faco, de facere, como dico de dicere[4].

Verbos como *colhér* <> colligere, *cozér* < *cocére (*coquere*) e *tenhir* <> tingere são regulares: *colho, colhes; cozo, cozes; tinho, tinhes*.

2. Semi-vogal final do thema do presente

224. Certos verbos cujo thema tem a semi-vogal *i* (§ 8), como valeo, sapio, video, sedeo, habeo, offerecem em várias fórmas modificações phoneticas notaveis em relação a outras, mas de accôrdo com as leis respectivas. Ex.:

---

[1] Tambem no conj. se diz *faza*.

[2] = *trahere*. Vid. *Revista Lusitana*, II, 270. No lat. vulgar da Lusitania devia ter este verbo tomado duas fórmas: *tracere, que explica *trazer*; e *tragere, que explica o port. arch. *trager*, que parece se lia *trajer* e não *traguer*, como eu suppus *ibidem*, embora no povo haja hoje effectivamente *traguer*, que se formou de *trago*.

[3] *trais* < *tragis, *trai* < *tragit. No plural e no infinitivo parece que influiu o *i* do singular (comtudo cf. o hesp. *trayo, traigo*, etc.). — Em algumas das fórmas de *fazer* influiram as de *traier*: *fáis* <> *tráis*, etc.

[4] Em Gil Vicente (*Obras*, III, ed. de Hamburgo, p. 267), lê-se tambem *faga*:

Guarde-te Deus, filha, amen,
E te *faga* duradoura.

Em hesp. arch. ha *fago*, a que corresponde o mod. *hago*.

valeo	*balho*	(§ 87-*a*)
vales	*bales*	(§ 112)
valet	*bal*	(§ 152-*c*)
valemus	*balemos*	
valetis	*baleis*	(§ 112)
valent	*balẽ*	

valeam	*balha*[1]	
valeas	*balhas*	
valeat	*balha*	
valeamus	*balhamus*	(§ 87-*a*)[2]
valeatis	*bálhades*	
valeant	*bálhã*	

video	*beio*	(§ 87-*a*)
vides	*bes*	
videt	*be*	
videmus	*bemos*	(§ 106)
videtis	*bedes*	
vident	*beiẽ*	

videam	*béia*	
videas	*béias*	
videat	*béia*	
videamus	*béiamos*	(§ 87-*a*)
videatis	*béiades*	
videant	*béiã*	

sedeam	*seia*	(§ 87-*a*)
sedeas, etc.		

---

1 Tambem se diz analogicamente *bala*. Em hesp. arch., até o sec. XV, encontra-se igualmente *vala, valan,* etc. (apud Galindo, *Progreso y vicisitudes, etc.*, p. 170); hoje diz-se *valgo, valgas.*

2 As respectivas fórmas portuguesas tem explicação analoga; mas vid. p. 432-nota 1.

habeo > *haio (ou *hai) > *hei* (§ 44); habeam > *haia* (§ 87-*a*)

sapio > *saio > *sei* (§ 44); no conjunctivo é analogico (*saba, sabas,* etc.).

b) Em alguns verbos como teneo, pono (isto é, *poneo[1]), quaeram (isto é, *quaeream[2]), desenvolveu-se uma guttural na 1.ª pess. do sing. do presente: *tengo, tenga; vengo, venga; pongo, ponga*. Cf., com relação a estes verbos, as respectivas fórmas hespanholas e italianas[3]. Taes formações resultam de analogia com os verbos terminados originariamente em *-ngo*[4]. O presente do conjunctivo do verbo *querér* ou *q'rér* em mir. é *querga,* que deve explicar-se por *quaéricam (typo em -icare)[5], ou por propagação

---

1 Cf. port. *ponho,* que só póde explicar-se por *poneo (*ponio), fórma muito naturalmente tirada de *ponére, por isso que este verbo tinha passado no latim vulgar para a 2.ª conj.

2 Cf. port. *queira,* *quaeream < (*quaeriam).

3 Outros exemplos em Schuchardt, in *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie,* 1884, n.º 2.

4 Meyer-Lübke, *Gram. der roman. Sprach.,* II, § 180.—Cf. tambem Cuervo, *Notas á la gramática de Bello,* Paris 1898, p. 83.

5 Parece-me que tambem o português *perca, percas,* etc. (no conj.) e *perco* (no indic.) se devem explicar por *pérdicat > *pérd'cat, *pérdico > *perd'co. Este facto é morphologicamente bastante semelhante á *querga*. No mesmo caso está o hesp. ant. *perga,* que vem no *Fuero d'Avilés* (ed. de Fernandez-Guerra, p. 169): explico-o por *perdicat, com abrandamento do *c* em epocha anterior á da syncope do *d*. Em português, pelo contrário, a syncope deu-se antes da epocha d'aquelle abrandamento. Ha outros factos semelhantes em romanço: assim no port. *conde,* de comite-, o abrandamento do *t* deu-se antes da syncope do *i*; no fr. *comte* (ant. *conte*) a syncope deu-se antes da epocha em que o *t* intervocalico caía nesta lingoa, depois de ter dado *d*,—o que equivale a dizer que a nossa palavra é relativamente mais moderna que a francesa.—Cf. tambem prov. *perca, percas* (sec. XII–XIII), na *Chanson d'Antioche,* ed. de P. Meyer, v. 120.—Á mesma classe parece ainda pertencer o hesp. *valga,*

do *g* normal de certos conjunctivos (cf. hesp. *cuelga* > colligat), o qual porém ás vezes póde nascer de *c* (*diga*). Á mesma categoria de conjunctivos com *g* analogico pertence o mir. de S. Martinho *dǫlga,* que está para doleat como o hesp. *valga* para valeat.

3. Vogal tonica do thema do presente

a) *Metaphonia*[1].

225. O português offerece muitos exemplos de metaphonia: *sinto—sentes, divirto—divertes, durmo—dórmes, cuspo—cóspes, subo—sóbes, môvo—móves, dêvo—déves;* este phenomeno costuma explicar-se por influencia das semi-vogaes postonicas nas vogaes tonicas (*sinto* < sentio, mas *sentes* < sentis; *durmo* < dormio, mas *dórmes* < dormis; *môvo* < moveo, mas *móves* < moves)[2]. No mirandês não conheço exemplos; nos casos em que a inflexão tivesse de resultar de modulação de *e* e *o* não podia dar-se, por isso que não existe differença em mir. entre *é* e *ê,* de um lado, e *ó* e *ô* do outro (isto tem tambem applicação ao hespanhol, cf. port. *dêvo—déves, côzo—cózes;* mir. *débo—débes, cǫzo—cǫzes*); noutros casos, como o port. *firo—feres, sigo—segues, minto—mentes, sinto—sentes, dur-*

---

valgas, etc. (no conj.) e *valgo* (no indic.), *salga, salgas* (no conj.) e *salgo* (no indic.) e outros.—É notavel que o novo processo attingisse todo o pres. do conj., e só a 1.ª pess. do do indic.; isto póde ter duas explicações: ou a analogia começou pelo conj. (em expressões avulsas taes como hesp. *válgate que te valga,* mir. *querga Dius,* etc.), ou, por o conj. ser menos usado que o indic., os typos originarios d'este resistiram á fôrça da analogia.

1 *Umlaut* dos allemães.

2 Sobre este phenomeno em português vid.: Epiphanio Dias, *Grammatica portuguesa elementar,* § 80; F. d'Ovidio, *Manueletti d'introduzione agli studj neolatini,* II, 39-45; Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique,* p. 45 sqq.; eundem, *Pronúncia normal portuguesa,* p. 57 sqq.

mo — dormes, cubrǫ — cobres, fujo — foges, o mir. assimilou todas as fórmas umas ás outras, e diz *firo — fires, sigo — sigues, minto — mintes, sinto — sintes, durmo — durmes, cubro — cubres, fujo — fujes*[1]: todos estes verbos são da 3.ª conj.; cf. hesp. *hiero — hieres, miento — mientes, siento — sientes, duermo — duermes.* Cf. ainda, tanto em hesp. como em mir.: *sigo — sigues, pido — pides, mido — mides*[2].

b) *Apophonia*[3].

226. Se a metaphonia resulta, ao que parece, da influencia das semi-vogaes postonicas nas vogaes tonicas, a apophonia, ou deflexão, resulta da differença que existe entre o modo como as vogaes foram tratadas na flexão, segundo a sua natureza, pois quando atonas tiveram um destino, e quando tonicas tiveram outro. Consideremos os seguintes factos mirandeses:

a) Um verbo como *colhér,* que se fórma do radical de c ŏ l l i g e r e, onde o *o* é breve (*ŏ*), offerece *ǫ* nas flexões rhizotonicas (§ 58), e *o* nas arhizotonicas: *cǫlho, cǫlhes, cǫlhe, colhemos* (= cu̥lhemos), *colhéis* (= cu̥lheis), *cǫlhẽ,* etc.; no mesmo caso está o verbo *cozer* < c ŏ q u e r e (isto é *c ŏ c é r e), que faz *cǫzo, cǫza, cozi,* etc.; e o verbo *dolér* < d ŏ l e r e, que faz *dǫl-me, dǫla, dolér* (futuro do conj.); e o verbo *querer* (de q u a e r e r e = q u ĕ r e r e, § 69-*b*), que faz *quiẹro, quiẹres, querìẹ,* etc.

---

[1] No imperativo, já se vê, tambem *fuge:* cf. em Camões, *Lusiadas,* II, 60-61, a mesma fórma:

> *Fuge, fuge,* Lusitano,
> *Fuge* das gentes perfidas e feras.

Na Beira é ainda vulgar *fuge* (no imperativo).

[2] Sobre o hespanhol cf. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola,* p. 132 sqq.

[3] *Ablaut* dos allemães.

b) O verbo *öunir* (de unire) que tem na syllaba inicial, por ser atona, *öu* (§ 78), tem em *uno*, *unes*, etc., *u*, por a essas syllabas corresponder em latim *ū* tonico (§ 66). No mesmo caso estão os verbos analogos.

c) O verbo *pedir* tem nas fórmas rhizotonicas *i*: *pido, pidas, pidades* (cf. § 225), etc.

d) O verbo *sumbrar* < seminare (§ 142-*c* e § 150-*a*), tem nas fórmas rhizotonicas: *sembro* < semino, *sembras* < sèminas, etc. No mesmo caso estão outros verbos em cujas fórmas arhizotonicas influiram as labiaes (§ 150); como *bubér* que faz *bébo, béba*, etc.

e) O verbo *anterrar* tem nas fórmas rhizotonicas *é*, ex.: *entro* < ĭntro, *entre* < ĭntrem, em virtude do § 49; e nas atonas *ã* = *an*, em virtude do § 75. No mesmo caso estão os verbos que differem em *êm* ou *ã* nas fórmas rhizotonicas e nas de radical atono.

f) Os verbos em *-iar* (derivados) conjugam-se de duas maneiras: *negoceio*, segundo os typos originariamente acabados em *-ear*, e *negócio*, segundo os typos originariamente acabados em *-iar*, com o accento na antepenultima (§ 264); do mesmo modo *copeio* e *cópio*, de *copiar*[1]. Todavia *desiar*, que não tem a mesma origem, faz só *deseio*.

g) Os verbos que nas fórmas arhizotonicas tem *e* surdo, pódem perdê-lo por syncope: *parẹcíra, parcíra*.

Observação ao § 226. — Ao passo que em hespanhol se diz, por exemplo, *asiento — asientas*, de *asentar*; *gobierno — gobiernas*, de *gobernar*; *acierto — aciertas*, de *acertar*; *cierro — cierras*, de *cerrar*; *niego — niegas*, de *negar*; *siego — siegas*, de *segar*; *acuerdo — acuerdas*, de *acordar*, etc., o mir. diz sem ditonga-

---

1 Em português ha correspondente oscillação: *negoceio* ou *negocio*, etc.; mas em lingoa culta diz-se só *copio*. Vid. o meu opusculo *As «lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo*, 2.ª ed., pp. 67-69; e cf. Schuchardt, in *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie*, 1884, n.º 2.

mento *assento — assentas, gobérno — gobẹ́rnas, acérto — acértas, cérro — cérras, négo — négas, ségo — ségas, acordo — acordas,* e sem parallelismo com o que se succede no § 226-*a,* a respeito do *ŏ* e de *ĕ,* e apenas com deflexão de *é — ẹ* (*acérto — acẹrtar*), *o — ụ* (*acórdo — acụrdar*). Todavia esta falta de parallelismo dá-se só, ao que parece, na 1.ª conj., pois com relação á 2.ª conj. posso citar *quîẹro — quîẹres,* de *querér,* como em hesp. *quiero — quieres,* de *querer*[1].

4. Posição do accento tonico do thema do presente

227. Disse-se no § 146 que o accento latino permanece geralmente em mirandês; ha porém certas particularidades nos verbos. Referir-me-hei por agora ás que se notam nas fórmas do presente.

Quando se comparam (§ 218) as fórmas latinas do conjunctivo

t i m e á m u s — t i m e á t i s,
v e s t i á m u s — v e s t i á t i s,
s e d e á m u s — s e d e á t i s,

e outras analogas, com as respectivas mirandesas

témamos — témades,
vístamos — vístades,
seíamos — séiades,

observa-se um desvio no accento latino. Isto resulta de influencia da analogia: como no singular se diz *téma, témas, téma,* e na 3.ª do pl. *témã,* estas quatro fórmas actuaram nas duas restantes, e fizeram que ellas se subordinassem á mesma accentuação, recuando tambem

---

1 Á cêrca da deflexão em português vid. as obras citadas no § 225-nota 2. Á cêrca do mesmo phenomeno em hespanhol vid. Gorra, *loc. laud.*

para a primeira syllaba o accento tonico. Na lingoagem popular portuguesa diz-se, pela mesma razão, *séjamos*, etc. Cf. § 155-1.

Nas outras circumstancias o accento primitivo conserva-se. — Á cêrca dos verbos do typo de *balanciar* vid. o § 264.

5. Factos diversos

228. Tem cabimento aqui referir-me a duas classes de factos: *a*) presentes que se afastaram da norma latina, e seguiram a analogia mais geral da conjugação mirandesa; *b*) presentes irregulares ou anomalos.

a) Exemplos da primeira ordem são: *bala* (< > valeam) e *faga* (< > faciam) já apontados nos §§ 223–224. Eis outros: *öuba* (< > audiam), *salo* (< > salio), *sala* (< > saliam), etc.

b) *Flexões anomalas* (presentes irregulares).

Tomo a expressão *irregular* no sentido usual da grammatica empirica, pois regular é tudo, desde o momento que se descobrem regras. — Ex.: *söu* (< > *sum*), *stöu* (< > *sto*), etc.

Observação ao § 228. — Com quanto o rigor scientifico pedisse que se désse aqui mais larga lista de verbos das duas mencionadas classes, remetto o leitor para o § 268 sqq., onde se conjugam os verbos irregulares; assim evito repetições, ou continuadas referencias.

229. Nos paragraphos precedentes tenho-me referido principalmente ao indicativo (presente); mas, como o imperativo, quando existe, se fórma da 2.ª pessoa do presente do indicativo; como as flexões do presente do conjunctivo são semelhantes em muitos casos ás do indicativo, e como o participio se regula pelo infinitivo, e este geralmente pela 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo, — a doutrina exposta tem applicação geral a esses modos; as particularidades vão expostas na secção consagrada aos verbos irregulares (§ 268 sqq.).

II. Preterito imperfeito do indicativo

230. Como as flexões do imperfeito são mais simples que as do presente, não tenho de fazer a seu respeito tantas divisões e subdivisões como a respeito d'este.

231. Eschemas:

1.ª conj. Lat.	Mir.
intraba(m)	*antraba*
intrabas	*antrabas*
intrabat	*antraba*
intrabámus	*antrábamos*
intrabátis	*antrábades*
intrabant	*antrabã*

2.ª conj. Lat.	Mir.	3.ª conj. Lat. (4.ª)	Mir.
(timebam)	*temìe*	partiba(m)	*partìȩ̂*
(timebas)	*temìes*	partibas	*partìȩ̂s*
(timebat)	*temìe*	partibat	*partìȩ̂*
(timebámus)	*temìemos*	partibámus	*partìȩ̂mos*
(timebátis)	*temìedes*	partibátis	*partìȩ̂des*
(timebant)	*temìȩ̃̂*[1]	partibant	*partìȩ̃̂*

As terminações do imperfeito do indicativo são pois:

1.ª conj.	2.ª conj. 3.ª conj.
-á-ba	*-ì-ȩ̂*
-á-ba-s	*-ì-ȩ̂-s*
-á-ba	*-ì-ȩ̂*
-á-ba-mos	*-ì-ȩ̂-mos*
-á-ba-des	*-ì-ȩ̂-des*
-á-bã	*-ì-ȩ̃̂-*

[1] Em send.: *temi, temis, temi, temimos, temides, temĩ* (= *temim*); *parti, partis, parti, partimos, partides, partĩ* (= *partim*): em virtude do §. 56.

Observação. — Em sendinês temos, em virtude do que se disse a p. 384-nota, as seguintes terminações na 2.ª e 3.ª conj.: *-i, -is, -i, -imos, -ides, -ĩ.*

232. Desinencia. — Em relação á perda do *-m* e *t*, e á conservação do *-s*, cf. o que se disse no § 216-Obs. 1. O *-t-* deu *-d-*, que se conservou, por serem esdruxulas as flexões em que elle está: cf. § 216-Obs. 1 e 2. É isto o que tem em commum as tres conjugações; vejamos agora o que cada uma tem em particular:

a) A 1.ª conj. offerece *-aba-* por -a b a(m) (§ 93) e *-ã* por -a n t (§ 72);

b) A 2.ª conj. latina foi assimilada á 4.ª (a -e b a - m corresponde -i b a - m), como o mostra o paradigma, pois -ē b a - não podia, segundo as leis phoneticas (§ 52), dar *-ia*. Com quanto em latim classico a desinencia da 4.ª conj. seja -i - e b a -, em latim mais antigo era -i b a m[1] (-i b a - m), fórma que apparece ainda frequentemente nos poetas de periodos posteriores ao archaico[2], e foi ella a preferida tambem pelo povo[3]. —

---

[1] Vid. Madvig, *Grammatica latina*, trad. de Epiphanio Dias, § 115-*b*; Lindsay, *The Latin language*, Oxford 1894, p. 491.

[2] Por exemplo, em Vergilio encontro, entre outros, o verbo *vestibam*; vid. o seguinte passo:

Tum mihi prima genas *vestibat* iuventas

Eneida, viii, 160. Ed. de Julio Moreira.

Em Phedro tambem encontro *parturibam* no verso:

Mons *parturibat*, gemitus immanes ciens

Fabulas, iv, 23. Ed. de Epiphanio Dias.

[3] Cf. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen*, ii, § 254. — Dão-se ás vezes nas lingoas contradicções, embora apparentes. A desinencia -i - e b a - m da 4.ª conj. foi em latim antigo sem dúvida motivada pela da 2.ª (*debe-ba-m*) á qual tambem se encosta a da 3.ª (*leg-e-ba-m*, pois neste verbo o thema do presente é *leg-*). Por sua vez, no lat. pop., mas mais recentemente, a desinencia da 4.ª conj. (-i b a - m) supplantou a da 2.ª Para a

Tanto na 3.ª como na 2.ª conj. mirandesas temos *-ìę, -ìęmos, -ìędes*, etc., em sendinês *-i*, etc., que presuppõem fórmas anteriores com *-ía* (§ 56), representadas ainda pelo hespanhol moderno, onde se diz *temía, temías; partía, partías*, etc. No hesp. antigo, como já lembrei no meu opusculo *O dialecto mirandês*, p. 22, nota 26, ha as terminações *-íe, -íes, -íemos, -íedes*, muito semelhante ás mirandesas[1]; a estas são tam-

primeira mudança contribuiu certamente o facto de serem mais numerosos os verbos em *-ebam* do que os em *-ibam*, pois aquella terminação pertencia a verbos da 2.ª e da 3.ª, e esta só a verbos da 4.ª A principio coexistiram no povo e na litteratura *-ibam* (a natural e primitiva) e *-iebam* (a analogica e secundaria); depois, *-iebam* foi mais usada na litteratura, e *-ibam* mais usada no povo, que a preferiu em virtude da symetria com *-ire* (como *-ebam* com *-ere*, e *-abam* com *-are*). A nova supplantação, de *-ebam* por *-ibam*, não se operou em todo o dominio romanico, pois essa terminação está ainda representada em alguns idiomas (por exemplo no ital. *vendeva*, etc.); teve pois razões locaes, talvez devidas a maior uso de verbos em *-ir*. Como illustração do assunto, notarei ainda, que nos nossos dialectos crioulos de Africa se usam no imperfeito do indicativo (e nos tempos que com elle se relacionam syntacticamente) fórmas como *chobêba* (de *chover*, em crioulo *chobê*), *tenêba* ou *temba* = *tẽba* (de *ter*, em crioulo *têne* ou *tên* = *tẽ*), onde a terminação *-eba* foi pedida pela symetria com *-er*, por analogia de *-aba* (em *flaba*) com *-ar* (em *flar*, «dizer», < port. *fallar*). Em aragonês ouvi dizer: *teniba*, (hesp. «tenia»), *comeba* (hesp. «comia»), onde se observa o mesmo phenomeno analogico.

Estas contradicções são, como disse, só apparentes, porque não se dão ao mesmo tempo, nem na lingoagem dos mesmos homens: cf. o que a respeito do *s*-impuro escrevi a p. 235, nota 3. Quanto maior número de lingoas se comparam, tanto melhor se conhecem as leis que dominam cada uma.

1 No *Libro de Alexandre*, ed. 1842, est. 17:

..... cada dia *facie* disputacion
Tanto *avie* buen enienno, etc.

No mesmo poema se lê *tenie*, etc. — São muito vulgares no hespanhol antigo exemplos d'estes. — Diez, *Grammaire des langues*

bem semelhantes ás asturianas, pois neste co-dialecto hespanhol, como em sendinês, diz-se *tenis* na 2.ª pessoa do sing. do imperfeito. O seguinte quadro mostra mais claramente a evolução de todas estas desinencias:

Lat.	Hesp. mod.	Hesp. ant.	Mir.	Send.	Astur.
i-ba-m	*-ia*	*-ie* e *-ia*	*-ię̂*	*-i*	*-ia*
i-ba-s	*-ias*	*-ies*	*-ię̂s*	*-is*	*-ís*
i-ba-t	*-ia*	*-ie* e *-ia*	*-ię̂*	*-i*	*-ia*
i-bá-mus	*-íamos*	*-íemos*	*-ię̂mos*	*-imos*	*-íamus*
i-bá-tis	*-íais*	*-íedes*	*-ię̂des*	*-ides*	*-is*
i-ba-nt	*-ían*	*-íen*	*-ię̂̃*	*-ĩ*	*-in*[1]

Na tabella precedente colloquei o hespanhol moderno antes do antigo, porque, interessando-me aqui apenas a terminação, esta tem na phase moderna aspecto mais archaico do que na antiga.

233. ACCENTUAÇÃO. — A accentuação da 2.ª e 3.ª pessoas do plural em mirandês apresenta um desvio: *amábamos* < a m a b á m u s, *partię̂mos* < p a r t i b á m u s. Este phenonemo é devido á analogia com a accentuação das outras pessoas. Cf. § 227. Em sendinês, porém, segundo as informações que tenho, conserva-se a accentuação latina: *amabámos, jantabámos,* etc., como em gallego (*falabámos*).

---

romanes, II, 155, faz porém notar que ha casos em que (em hesp.) *-ien* rima com *bien.*—Sobre a conjugação do hesp. antigo vid. as seguintes monographias especiaes de F. Hanssen: *Ditongo «ie»,* Santiago de Chile 1895; *Conjugación de G. de Berceo,* ibid. 1895; *Conjugación del libro de Apolonio,* ibid. 1896; *Conjugación leonesa,* ibid. 1896; e de J. Cornu, «Recherches sur la conjugaison espagnole au XIIIe et XIVe siècle», in *Miscellanea de Filologia,* Florença 1886, p. 217 sqq. Vid. tambem A. Gassner, *Das altspanische Verbum,* Halle 1897. Nellas todas se trata das fórmas em *-ie.*

1 Para o asturiano sirvo-me da grammatica appensa ao *Vocabulario bable* de Rato de Argüelles, já por vezes citado.

234. Flexões anomalas. — Devo citar aqui *iba*, imperfeito de *ir*, que, como o hespanhol, continúa o lat. ibam. Tambem posso citar *era*, de eram. Vid. a secção consagrada aos verbos irregulares (§ 268 sqq.).

III. Preterito perfeito do indicativo

235. Costumam dividir-se os verbos em fracos e fortes, conforme (refiro-me ao português) a accentuação no preterito perfeito recae na terminação ou no radical. Assim *amei* é um preterito fraco, porque o accento não coincide com o do radical *ama-* (em *ama-s*, etc.); *cöube* é um preterito forte, porque o accento coincide com o do radical.

236. Os verbos fracos apresentam os seguintes typos:

1.ª conj.	
Lat. vulg.	Mir.
intrai	*antrei*
(intrasti)	*antreste*
intraut	*antröu*
(intramus)	*antremos*
(intrastis)	*antrestes*
(intrarunt)	*antrórũ*

2.ª e 3.ª conj.		
Lat. vulg. (4.ª)	3.ª mir.	2.ª mir.
partii	*partí*	*temí*
partisti	*partiste*	*temiste*
partiut	*partìu*	*temìu*
partimus	*partimos*	*temimos*
partistis	*partistes*	*temistes*
partirunt	*partírũ*	*temírũ*

As terminações regulares do preterito perfeito do indicativo são pois em mirandês:

1.ª conj.	2.ª e 3.ª conj.
-ei	*-i*
-este	*-iste*
-öu	*-ìu*
-emos	*-imos*
-estes	*-istes*
-órū	*-írū.*

Observação 1.ª—Á cêrca das flexões do lat. vulg. citadas a cima vid. *Grundr. d. rom. Phil.*, I, 367; e Meyer-Lübke, *Gram. d. rom. Spr.*, II, § 266.—As fórmas em -asti, -astis, -arunt são, como é sabido, já do lat. cl., assim como as fórmas em -ii (-ī), -iisti (-īsti), -iit (-īsti), -iistis (-īstis). A terminação -ai está para -asti, como -ii (-ī) para -iisti (-īsti).—Nas inscripções romanas peninsulares encontra-se tambem, como é natural: *certasti, compararunt, curarunt,* etc.[1] As inscripções de Pompeios[2] offerecem pret. da 1.ª conj. com a 3.ª pes. do sing. terminada em *-aut* e *-aud,* ex.: *exmuccaut* (do verbo pop. *exmuccare* <> *emungere*)[3].

---

1 Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4315, 396, 3541, etc.

2 Geralmente diz-se entre nós *Pompeia;* mas o nome lat. da cidade é Pompeii, -orum, accusativo Pompeios: por isso devemos dizer *Pompeios,* como de Veii dizemos *Veios.* Já Bento Pereira, *Prosodia,* 1723, p. 689, tem *Pompeios.* A razão de cá se dizer *Pompeia* está no facto de alguma vez se ter lido em livro francês (com titulo latino errado) *Pompeia,* e de os hespanhoes, que nestas cousas não são os mais escrupulosos, dizerem igualmente *Pompeya.* Os proprios franceses porém já se emendam, dizendo *Pompëi* e *Pompëies,* e com elles dizem os allemães *Pompeji,* os ingleses *Pompeii,* etc.; só nós havemos de persistir no êrro e no desconchavo?—É certo que, havendo em lat. Pompeius, nome de homem, dizemos *Pompeu,* por aportuguesamento do fr. *Pompée* (cf. *tropheu* < > *trophée*), podendo pois esperar-se que em vez de *Pompeios* se devesse dizer *Pompeus;* comtudo, apesar de em Camões, Fr. Bernardo de Brito, etc., se ler *Pompeio,* a fórma *Pompeu* já está muito enraizada, não póde prescrever-se: o argumento portanto não colhe.

3 Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, IV, 1391 e 2048.

Observação 2.ª — O hesp. ant. offerece tambem *-este* (*-est, -esti*), *-emos, -estes,* que igualmente se encontram em dialectos ou co-dialectos seus do NO. da Peninsula. O port. pela sua parte só offerece notavel *-émos* na lingoagem popular. Nas outras pessoas da 1.ª conj., o port., o mir. e o hesp., salvas as differenças phoneticas, coincidem: *-ei, -ou* em port.; *-ei, -öu* em mir.; *-é, -ó* em hesp. — Com a 3.ª pess. pl. da 2.ª e 3.ª conj. comparem-se as fórmas em *-iron* que vem no *Libro de Alexandre: metiron, colliron, moviron, dormiron, partiron, sofriron,* etc.[1] Com a terminação da 3.ª pess. pl. da 1.ª conj. (*-órũ*) póde ainda comparar-se a terminação *-ioron,* que vem no mesmo *Libro.*

Observação 3.ª — Á cêrca da origem de *-ei* vid. o § 44. — As terminações *-este, -emos, -estes,* com *-e,* correspondente a *a* latino, explicam-se, no meu entender, por influencia do *e* de *ei,* da 1.ª pessoa do singular, como já lembrei em 1882 no meu opusculo *O dialecto mirandês,* p. 21 notas; o Sr. Baist, in *Grundriss der romanische Philologie,* I, 712, o Sr. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen,* II, 321, e o Sr. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola,* p. 144, explicam o phenomeno a respeito dos dialectos hespanhoes como eu o tinha explicado a respeito do mirandês; o Sr. Meyer-Lübke cita mesmo tambem este último[2]. —

---

[1] Apud Cornu, in *Romania,* IX, 91.

[2] O Sr. Schuchardt, é que, na apreciação que fez do meu trabalho no *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie,* 1883, p. 110, suppõe que *-este, -emos, -estes* estão por -aisti, -aimus, -aistis, terminações que, pelo que diz o Sr. Cornu in *Romania,* XIII, 285, baseado numa carta que sobre o assunto recebeu do Sr. Schuchardt, correspondem a -a(v)isti, -a(v)imus, -a(v)istis; o Sr. Cornu não admitte a opinião do seu collega de Graz, e a mim, salvo o devido respeito, tambem ella me não parece acceitavel, por isso que no lat. vulg. havia -asti, etc. e não -a(v)isti, e porque não se explica que *-ai-* désse *e* no mir. (em *-este, -emos, -estes*) e no port. pop. (em *-emos*). —

Do latim vulgar -aut passou-se facilmente para -öu (§§ 45 e 104). — Quanto á terminação mir. *-órũ,* com *ó,* correspondente á lat. -arunt, com *a,* expliquei-a no meu citado opusculo, p. 21, nota 24, por analogia com a 3.ª do sing., que do mesmo modo tem *o,* embora modificado em *ö* (isto é, *öu*); a analogia podia já ter-se realizado na epocha em que a 3.ª pessoa terminava ainda em *-ou,* que foi a phase anterior de *-öu* (§ 45-Obs. 1). O Sr. Schuchardt, *loc. laud.,* sem deixar de admittir esta explicação, attribue certa importancia á assimilação do *a* á labial seguinte, como em italiano *-orono, -orno;* mas, como não conheço outros exemplos de semelhante assimilação em mirandês, e como o *-orono* (por syncope *-orno*) do plural italiano se explica igualmente por analogia com o *-ò* do singular[1], não me julgo auctorizado a modificar a minha explicação, que foi acceite tambem pelo Sr. Meyer-Lübke, quando na *Gramm. der roman. Sprach.,* II, § 276, se referiu á conjugação mirandesa. O leonês *-ioron* póde igualmente explicar-se por *-ió:* cf. Gassner, *Das altsp. Verbum,* §§ 355 e 363.

Observação 4.ª — A concordancia entre a 3.ª conj. mirandesa e a 4.ª latina é completa, como se vê dos exemplos que citei; escuso pois de dizer mais nada. —

A analogia que em português se dá só na 1.ª pessoa do plural, dá-se em mirandês na 2.ª do singular e na 1.ª e 2.ª do plural. — Em asturiano ha *faleisti,* a par de *falesti,* (Munthe, *Anteckningar,* p. 46); mas o *i* de *-ei-* resultou, no meu entender, ou de attracção (propagação) da palatal final, como em astur. *naide* < nati, ou de influencia da 1.ª pessoa, como em mirandês. — O Sr. Cornu propõe outra explicação: influencia do *-i* de -asti no *a,* tornando-o *e;* mas isto não basta, pois sería preciso explicar por que razão tal phenomeno não se dá em circumstancias analogas a esta: assim, se -asti dava -esti, porque é que nati deu *naide?* Todavia, apesar da sua hypothese, o Sr. Cornu não está muito longe de acceitar a minha, pois diz: «On pourrait penser aussi que l'*e* a été amené par la première personne».

[1] Vid. Meyer-Lübke, *Italien. Gramm.,* Leipzig 1890, § 400.

A 2.ª foi moldada pela 3.ª, o que equivale a dizer que a 2.ª latina se confundiu com a 4.ª,—confusão que talvez começasse pela 1.ª pessoa do singular. Como já mais de uma vez tenho notado, o poder da analogia é muito grande; tambem em português, por exemplo, a 2.ª e 3.ª conjugações actuam na 1.ª, e fazem que, em fallares meridionaes, e ainda em parte nos beirenses, a 1.ª pes. do singular do preterito perfeito acabe em *-i*, dizendo-se pois *axí* (achei), *caví* (cavei), *matí* (matei), como, na 2.ª e 3.ª, *vivi* e *fugi*[1].

237. Nos verbos fortes distinguiremos tres classes: *a*) preteritos com a simples vogal thematica -i, ex.: dedi > *dei*; feci > *fiç*, fecit > *fizo*;

b) preteritos em -u-i (-v-i); ex.: *capui > *cöube*, *capuit > *cöubo*; potui > *pude*, potuit > *pudo*;

c) preteritos sigmaticos (-s-i); ex.: dixi > *dixe*, dixit > *dixo*; *traxui > *truxe*, *traxuit > *truxo*.

Observação 1.ª—Verbos que originariamente eram fortes, tornaram-se fracos, e por isso conjugam-se regularmente; como *arrecebí* = *a-recebí* <> lat. recepi; *screbí* <> lat. scripsi.

Observação 2.ª—Verbos que primitivamente eram de umas classes, passaram para outras; como: quaesii, que era da classe *b* (pois o *s* pertence ao thema: quaes-; cf. *quaestus* = *quaes-tu-s*) passou para a classe *a* (mir. *quix*, por *quij*[*e*]); *capui, por *cepi*, que era da cl. *a*, passou para a cl. *b*; o verbo *star*, que era, pelo seu preterito *steti* (duplicado), da cl. *a*, passou tambem para a cl. *b*; etc.

Observação 3.ª—Modificações phoneticas operadas nas terminações podem fazer que as consoantes dos themas divirjam de umas flexões para outras: assim

[1] Em virtude d'isto, o verbo *parar* faz no preterito *parí*; a confusão que assim resulta com o preterito de *parir* é motivo para se dizerem certas phrases zombeteiras em algumas localidades.

em feci apocopou-se o *-i* (§ 152-*c*), e o *c* passou a *ç* (§ 128), mas em *fizo* o *c* está representado por *z*., por não ser final; em *bĩ* o *n*, que reapparece em *beniste*, etc., está transformado em resonancia nasal (§ 110).

Observação 4.ª — A apocope do *-i* dá-se sempre que as condições phoneticas o permittem (§ 152-*c*): posi = pos(u)i > *pus*[1], quaesii = quaesi > *quix*. Cf. 216-Obs. 4, em relação ao presente.

Observação 5.ª — Certos verbos offerecem *-o* na 3.ª pessoa do singular; como: *tubo, stubo, cöubo, truxo* ou *truixo, bino, puso, fizo, dixo, quijo, söubo, pudo,* analogamente ao que succede em gall., onde se diz *tivo, estivo, coubo, trouxo,* etc., e em hesp., onde se diz *tuvo, estuvo, cupo, trajo,* etc. O *-o* poderá explicar-se por analogia com a labial final da 3.ª pessoa do plural, e pelo desejo de distinguir a 1.ª e a 3.ª pessoa do singular entre si, ou, como lembra Diez, por influencia do *-o* dos preteritos fracos, razão porém que elle attenua, notando que este *-o* é accentuado[2]. O não haver *-o* em português, onde a distincção entre a 1.ª e a 3.ª pessoa, quando se opera, — e opera-se quasi sempre[3] —, resulta do que se chama metaphonia (*tive — teve, vim — veio, pus — pôs, fiz — fês, pude — pôde, li — leu*) depõe a favor da minha explicação, pois, do contrario, poder-se-hia tambem nesta lingoa esperar *-o*, como em gallego acontece. Esta influencia, que supponho se exerceu do plural no singular, é inversa da que se deu com relação á 3.ª pessoal do plural dos preteritos em *-órũ*. Fica assim certo parallelismo:

---

1 *Posuit* tornou-se no latim vulgar *posit:* vid. exemplos de *posit* no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2698; XII, 2597, etc.

2 *Grammaire des langues romanes,* II, 168. Seguido por Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen,* II, § 332.

3 Não se faz nos verbos com *-ou-* como *soube, coube, houve,* e *trouxe,* nem em *quis* e *disse.* Todavia popularmente diz-se na 1.ª pessoa do sing. *sube* e *truxe,* pelo menos.

tub-o	*tubir-ũ*
bin-o	*benir-ũ*
puſ-o	*punir-ũ*

Note-se que o *-o* das primeiras fórmas se pronuncía *-u*.

Observação 6.ª — Em fórmas como *pus, bĩ,* comparadas com as latinas posi, veni, deu-se o phenomeno que costuma chamar-se metaphonia (all. *Umlaut*), como em port. *pus, vim;* mas, ao passo que em port. se diz na 3.ª pessoa *pos, veiu,*—em mir., onde nesta pessoa se diz *puso, bino,* com *u* e *i* como na 1.ª pessoa, analogamente ao que succede em hespanhol e gallego, o phenomeno operado na 1.ª pessoa propagou-se a todas as outras do singular (tonicas): cf., em relação ao presente, o § 225. As fórmas *puso* e *bino* estão pois por **poso* e **beno* (cf. port. mod. *pôs,* e port. arch., e ainda hoje pop., *vẽo,* hesp. arch. *veno*). Do mesmo modo se explica *fiç* < feci, e *fizo.*

Observação 7.ª — Certos verbos regulam a 2.ª pessoa do singular e as tres do plural, no preterito perfeito, não pelo thema da 1.ª pessoa, mas pelo do infinitivo e presente do indicativo: *truxe—traíste* (de *traiér*), *pus—poniste* (de *ponér*), *fiç—faziste* (de *fazer*). Vid. o capitulo dos verbos irregulares.

238. — Ha pois differenças, tanto no radical, como em algumas desinencias, entre os verbos fortes e os fracos: as desinencias que differem são, salvas poucas excepções, as da 1.ª e 3.ª pessoas do singular. Exs.:

a) Verbo fraco	*b*) Verbo forte
bibí	*söube*
bib-iste	*söub-iste*
bibìu	*söubo*
bib-imos	*söub-imos*
bib-istes	*söub-istes*
bib-írũ	*söub-írũ*

239. Nas flexões dos verbos fracos o thema do preterito mantem-se igual em todas ellas, como se vê nos paradigmas que apresentei d'esses verbos no § 236; na maioria dos verbos fortes tambem o thema se mantem igual, mas em alguns ha dois themas, como se observa no preterito de *fazer*, que é assim: *fiç, faz-iste, fizo, faz-imos, faz-istes, faz-írũ;* numas flexões vê-se o modelo latino (1.ª e 3.ª do sing.), nas outras introduziu-se o thema do infinitivo.

240. O conjuncto das flexões irregulares do preterito perfeito será dado no § 269 sqq. com as dos outros tempos.

IV. Mais-que-perfeito do indicativo

241. Correspondencia das fórmas latino-mirandesas d'este tempo nos verbos fracos:

1.ª conj.	
Lat. vulg.	Mir.
intrara(m)	*antrára*
intraras	*antráras*
intrarat	*antrára*
intrarámus	*antráramos*
intrarátis	*antrárades*
intrárant	*antrárã*

2.ª e 3.ª conj.		
Lat. vulg. (4.ª)	3.ª mir.	2.ª mir.
partira(m)	*partira*	*temira*
partiras	*partiras*	*temiras*
partirat	*partira*	*temira*
partirámus	*partíramos*	*temíramos*
partirátis	*partírades*	*temírades*
partirant	*partírã*	*temírã*

As terminações são pois:

1.ª conj.	2.ª e 3.ª conj.
-á-ra	*-í-ra*
-á-ra-s	*-í-ra-s*
-á-ra	*-í-ra*
-á-ra-mos	*-í-ra-mos*
-á-ra-des	*-í-ra-des*
-á-rã	*-í-rã*

e a desinencia temporal é *-ra-*

Observação 1.ª — As considerações que fiz no § 236-Obs. 1 tem em parte applicação aqui: assim intraram, intraras, etc., encontram-se já no lat. classico; -ira(m) do lat. vulg. corresponde a -ieram (= iveram) do lat. classico, e absorveu em si o mais-que-perfeito da 2.ª conj. Sobre o deslocamento do accento e as transformações phoneticas da terminação nada é preciso accrescentar ao que já disse (nos §§ 227 e 237) de phenomenos analogos.

Observação 2.ª — Comparaveis ás fórmas mirandesas da 2.ª e 3.ª conj. são as seguintes, verosimilmente attribuidas ao dialecto de Leão na idade-media: *perdíra, valíra, vencíra*[1].

242. Nos verbos fortes o mais-que-perfeito regula-se geralmente pela 2.ª pessoa do preterito perfeito; ex.: *beníra* (beniste), *traíra* (traiste, de *traier*), *höubíra* (houbiste), *stubíra* (stubiste), *dira* (diste). — No § 269 sqq. se dará a lista dos mais-que-perfeitos irregulares.

V. Preterito imperfeito do conjunctivo

243. Já se disse no § 211 que o imperfeito latino desappareceu em mirandês, o que tambem succedeu em português, hespanhol e em quasi todos os outros idiomas

1 Cornu, *Études de phonologie espagnole et portugaise*, p. 23.

romanicos[1]. Foi substituido pelo mais-que-perfeito do conjunctivo:

1.ª conj.	
Lat. vulg.	Mir.
intrasse(m)	*antrasse*
intrasses	*antrasses*
intrasset	*antrasse*
intrassémus	*antrássemos*
intrassétis	*antrássedes*
intrassent	*antrassẽ*

2.ª e 3.ª conj.		
Lat. vulg. (4.ª)	3.ª mir.	2.ª mir.
partisse(m)	*partisse*	*temisse*
partisses	*partisses*	*temisses*
partisset	*partisse*	*temisse*
partissémus	*partíssemos*	*temíssemos*
partissétis	*partíssedes*	*temíssedes*
partissent	*partissẽ*	*temissẽ*

As terminações mirandesas são pois:

1.ª conj.	2.ª e 3.ª conj.
-a-sse	*-isse*
-a-sse-s	*-isse-s*
-a-sse	*-isse*
-á-sse-mos	*-ísse-mos*
-á-sse-des	*-ísse-des*
-á-ssẽ	*-íssẽ*

e a desinencia temporal é *-sse-*.

---

1 Considero como infundado o que diz o meu amigo Dr. A. de Vasconcellos na sua *Gramm. portug.,* Paris-Lisboa, s. d., p. 117, á cêrca da conservação do imperf. lat. do conj., que elle suppõe representado pelo infinit. pess. port., a que chama *aoristo.* A fortuita consonancia que ha entre o lat. amarem e o port. *amar* (infinit.) não me parece razão bastante para ir de encontro ao que está geralmente admittido á cêrca do destino do imperf. do conj. lat. nas lingoas romanicas, e do uso syntactico d'aquelle.

Observação 1.ª—As terminações -assem, -asses, etc., e -issem, etc., são já do lat. classico. Sobre -ẽ vid. § 77. Com relação ao mais vid. o § 241-Obs.

Observação 2.ª—No *Libro de Alexandre* encontra-se tambem: *bevisse, fondissen, mereçisse, movissen, perdis, entendisse,* etc.[1], o que aproxima do mirandês o dialecto a que essas fórmas pertencem.

244. Relativamente aos verbos fortes, tem applicação a doutrina do § 242: *fazisse* (faziste), *tubisse* (tubiste), etc. Regulam-se pois pela 2.ª pessoa do preterito. O verbo *dar* faz: *disse, disses, disse, díssamos, díssades*[2], *dissẽ* (na 2.ª do pret. *díste,* a par de *déste*).

VI. Futuro do conjunctivo

245. Quando se comparam os seguintes futuros do conjunctivo, port. *entrar,* hesp. *entrare,* com o futuro perfeito do conjunctivo latino intrárim (= intraverim), parece á primeira vista que a fórma latina é a origem das romanicas; comtudo não é assim, e Diez na *Grammaire des langues romanes,* II, 157, mostrou que a origem d'essas fórmas é o futuro perfeito do indicativo, ou futuro exacto. Isto tem tambem applicação ao mirandês.

1.ª conj.	
Lat. vulg.	Mir.
intraro	*antrar*
intraris	*antrares*
intrarit	*antrar*
intrárimus	*antrarmos*
intráritis	*antrardes*
intrárint	*antrárẽ*

[1] Cornu, *Études de phonologie espagnole et portugaise,* p. 23 (extr. da *Romania,* IX).

[2] Ouvi *díssamos, díssades* (não *dissẽmos, dissẽdes*).

Lat. vulg. (4.ª)	2.ª e 3.ª conj. 3.ª mir.	2.ª mir.
p a r t i r o	*partir*	*temir*
p a r t i r i s	*partires*	*temires*
p a r t i r i t	*partir*	*temir*
p a r t í r i m u s	*partirmos*	*temirmos*
p a r t í r i t i s	*partirdes*	*temirdes*
p a r t í r i n t	*partírẽ*	*temírẽ*

As terminações são pois:

1.ª conj.	2.ª e 3.ª conj.
-a-r	*-i-r*
-a-re-s	*-i-re-s*
-a-r	*-i-r*
-a-r-mos	*-i-r-mos*
-a-r-des	*-i-r-des*
-a-r-ẽ	*-i-r-ẽ*

e a desinencia temporal é *-r-* (*-re*), como no infinitivo pessoal (nos verbos fracos).

Observação 1.ª — A terminação - a r o (= - a v e r o) é do lat. classico; a terminação - i r o corresponde á classica - i e r o (= - i v e r o). — Nas inscripções romanas da Hispania encontra-se, como é natural: «is qui..... c o n d e m n a r i t (= condemnaverit)»[1].

Observação 2.ª — As fórmas *antrar, temir,* e *partir* da 1.ª pessoa ascendem pois a **antraro,* **temiro,* **partiro,* representadas por fórmas correspondentes do hesp. arch. em *-aro* (1.ª) e *-iero* (2.ª e 3.ª); de **antraro,* **temiro,* **partiro* passou-se para **antrare,* **temire,* **partire* (em hesp. mod. ainda *-are, -iere*), por analogia com as 1.ªs pessoas do conjunctivo terminadas em *-e* (*entre, antrasse, temisse, partisse*), — explicação

[1] Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5439-IV, 1, 5-6.

que abrange tambem o hespanhol[1]; depois o *-e* caiu, segundo o § 152-*c*[2].

Observação 3.ª — As vogaes atonas nas fórmas esdruxulas intrárimus, partírimus, syncoparam-se (cf. § 70); o *-d-* amparado pelo *r* precedente conservou-se na 2.ª do plural, como em português.

Observação 4.ª — Com as fórmas da 2.ª e 3.ª conjugação podem comparar-se estas que são verosimilmente do antigo dialecto leonês: *comirdes, naçirdes, vençires,* etc.[3]

246. Verbos fortes. Ex.: *fur* (fuste, de *sér*), *bir* (biste, de *bér*), *punir* (puniste, de *ponér*), etc.; regula-se pois nos verbos fortes o futuro pelo perfeito (cf. § 242). O verbo *dar* faz *dir, dires, dir,* etc. — Vid. a secção dos verbos irregulares.

VII. Futuro do indicativo e condicional

247. Segundo o que se disse no § 211, o futuro imperfeito latino desappareceu na passagem do latim para o mirandês, o que tambem succedeu no resto do romanço com pequenissimas excepções[4]. As novas lingoas

---

1 A mudança do *-o* em *-e* podia ter começado na 1.ª conjugação onde as duas outras primeiras pessoas do singular acabam em *-e;* seguidamente a analogia propagava-se facilmente ás de mais conjugações.

2 Em hespanhol o *-e* manteve-se na 1.ª pessoa sob a influencia do *-e-* das outras pessoas.

3 Apud Cornu, *Études de phonologie espagn. et portug.*, p. 23.

4 Por ex.: em fr. ant. ha *ier, iers,* etc.; em prov. ha *er, ers, er* (em ambas estas lingoas a par das fórmas periphrasticas): < ero, etc.; hesp. *eres* (2.ª pess. do pres. indic. de sum) é o lat. eris (2.ª pess. do fut. indic.). O lat. eris, despojado da sua significação de futuro, pois o futuro romanico era periphrastico, passou a ter em hesp. a significação de 2.ª pessoa do presente do indicativo, para distinguir esta da 3.ª: vid. Delius, in *Jahrbuch für*

substituiram aquelle futuro por uma periphrase. O mirandês, como o português, o hespanhol, o italiano, etc., serve-se para isto das flexões do presente do verbo *haver* juntas ao infinitivo. No meu opusculo *As «Lições de lingoagem» do Sr.ͤ Candido de Figueiredo* (anályse crítica), Porto 1893, 2.ª ed., tratei com algum desenvolvimento d'este assunto em relação principalmente ao português; como não desejo repetir o que já disse, remetto para lá o leitor, e limito-me aqui a pouco.

amarei = amar-hei
amarás = amar-has
amará = amar-ha
amaremos = * amar-ha(v)(e)emos } em próclise
amareis = amar-h(a)(v)eis[1] }
amarã = amar-hã

Igualmente: *temerei, temerás; partirei, partirás,* etc.

Observação 1.ª — Geralmente não ha occasião de empregar a 3.ª pessoa do plural do presente de *haver* senão na fórma *hadẹ̃* (vid. a explicação na nota 1 do § 259); todavia a fórma *amarã,* etc., faz suppôr que pelo menos em tempos antigos se disse *hã;* cf. hesp. *han.*

Observação 2.ª — Nem sempre as flexões do futuro conservam limpido o infinitivo: assim de *benir* diz-se *benerei* (*benẹrei*), de *tener* diz-se *tenerei* (*tenẹrei*), onde o *i* atono e o *e* se mudaram em *e* ou *ẹ* (cf. § 70 e p. 178). O hesp. tem *vendré* e *tendré,* que presup-

---

roman. und german. Philologie, IX, 220. De facto o lat. es podia dar *es* em hesp., que ficava pois igual ao *es* que veiu de est. Muitas vezes as lingoas substituem umas fórmas por outras, para evitarem a confusão que resultaria da homonymia: assim tambem o subst. lat. bellum foi substituido por *werra* (germanico).

[1] Gassner, *Das altsp. Verbum,* p. 99, explica o hesp. *hemos* por analogia com *somos,* não sei se com muito fundamento, pois o parallelismo que elle estabelece *he-mos* : *so-mos* :: *he* : *so* não tem correspondencia exacta em mirandês (nem em português).

põem **ven'ré* e **ten'ré*[1]; estas fórmas deviam ter passado por **veneré* e **teneré*, a que correspondem as mirandesas actuaes.

Observação 3.ª — O futuro de *fazer* é regular: *fazerei, fazerás*, etc. O de *dezir* tambem: *dezirei*.

248. O condicional tem, como disse no § 210, origem romanica. Elle accumula funcções de tempo (futuro 2.º) e de modo. Para a sua formação em mirandês, como noutras lingoagens neo-latinas, concorreu o imperfeito indicativo de *haver* junto ao infinitivo:

Mir. central	Sendinês
antrarìȩ̂	*antrarí*
antrarìȩ̂s	*antrarís*
antrarìȩ̂	*antrarí*
antrarìȩ̂mos	*antrarímos*
antrarìȩ̂des	*antrarídes*
antrarìȩ̂̃	*antrarĩ́*

que presuppõem *antraria* = *antrarh(a)(v)ia*, etc., fórma conservada pelo port. e pelo hesp. (*entraría*).

Observação 1.ª — A terminação *-ia* deu regularmente *-ìȩ̂* e *-i* (§ 56).

Observação 2.ª — Os verbos *benir* e *tener* tem, analogamente ao que succede no futuro (§ 247-Obs. 2), as fórmas: *benȩ̂rìȩ̂ — benerì, tenȩ̂rìȩ̂ — tenerì*.

Observação 3.ª — O condicional de *fazer* é tambem regular: *fazerìȩ̂*. O de *dezir* idem: *dezirìȩ̂ — dezirí*.

Observação 4.ª — A respeito do imperfeito em *ìȩ*, vimos no § 232-*b* que lhe correspondiam em hespanhol archaico fórmas em *-ie*; o mesmo succede a respeito do condicional, como já notei no meu opusculo

---

[1] Uma variedade d'esta fórma é a astur. *terné*. Nella assenta tambem a hesp. arch. *terré* (e *tenrré*). Naquella houve metathese, nesta assimilação. Em port. arch. tambem ha *terrei* (assim como *verrei*).

O dialecto mirandês, p. 22: em hesp. ant. havia, por exemplo, *cantarie, habríe, amaríe,* etc.[1]

VIII. Participio passivo[2]

249. Participios fracos:

1.ª conj.		2.ª e 3.ª conj.	
Lat.	Mir.	Lat. (4.ª)	2.ª e 3.ª mir.
-atus	*-ado*	-ītus	*-ido*

Ex.: *antrado, temido, partido.*

Observação 1.ª—Devem explicar-se os participios em *-ido* da 2.ª por assimilação aos da 3.ª (4.ª lat.). Cf. o que se deu com o imperfeito (§ 232-*b*), onde tambem se viu equivalencia de 2.ª conj. latina á 4.ª

Observação 2.ª—Ás vezes os participios mirandeses não continuam os latinos, mas são formações analogicas novas, como *screbido,* de *screbér,* ao passo que em lat. é scriptus; uma cantiga popular de Miranda diz, por ex.:

Cantigas a l deſafio ...
Náide s'aponga comigo:
Q' yöu tengo na mìe sala
Ũ papel d'eilhas *screbido.*

Estas formações são perfeitamente naturaes. Taes participios entram na classe dos chamados *regulares.*

Observação 3.ª — Alguns participios tem fórmas apparentemente contractas, como *curto,* por *cortado*[3]. São participios sem suffixo.

---

1 São fórmas hespanholas do sec. XIII, por ex.: *pecharmie* = *pechar-m'ie* (Burgos), *perderie* (id.), *avrie* (Valladolid); mas encontra-se a par: *faria, tornaria.* Apud Muñoz y Romero, *Manual de paleografia diplomática española,* Madrid 1889, p. 385-386.

2 A analogos participios me referi in *Rev. Lus.,* IV, 46 e 133.

3 Sobre o assunto em geral vid. Ulrich, *Die formelle Entwicklung des Participium Praeteriti in den roman. Sprach.,* 1879.

250. Participios fortes.—Podem classificar-se segundo os seus suffixos: participios em *-t,* como *feito* < factus; participios em *s,* como *acéso* < accensus; participios em *-st,* como *posto* < positus, etc. Dos mais notaveis se fallará na secção consagrada aos verbos auxiliares e irregulares (§ 268 sqq.).

C) FACTOS DIVERSOS

251. É claro que póde haver verbos que, dentro do systema da conjugação mirandesa, sejam perfeitamente regulares, mas que, comparados com os correspondentes latinos, apresentem modificações phoneticas: assim, se *debér* corresponde ao lat. debere, o preterito *devi* não corresponde ao lat. debui, segue a norma mais geral dos preteritos da 2.ª conjugação mirandesa; no mesmo caso estão ainda: o presente *abro* (de *abrir*), comparado com o lat. ap'rio (aperio), que normalmente deu na lingoagem pop. port. *aïbro;* o presente *naço* (de *nacer*), comparado com o lat. nasco, que deu em hesp. ant. *nasco* e em hesp. mod. *nazco;* o presente *creço* (de *crecer*), comparado com o lat. cresco, que deu em hesp. ant. *cresco* e em hesp. mod. *crezco*[1];

---

1 Rufino Lanchetas, ao explicar na *Morfologia del verbo castellano,* Madrid 1897, p. 104, a mudança de *-sco* em *-zco,* diz: «el tránsito de uno á otro sonido es facilísimo; para convertir la *s* en *z* basta adelantar suavemente la lengua un poco y colocarla entre los dientes». Que a lingoa se move com facilidade, não ha dúvida, pois bastam para isso os seus musculos competentemente ennervados; o que resta saber é a causa da mudança, e o Sr. Lanchetas não a indica. Se para a transformação de *-sco* em *-zco* fosse sufficiente, como elle pensa, o facto de *s* estar em contacto com *c,* devia o idioma hespanhol operar aquella transformação sempre que este contacto se désse; ora não é assim, pois temos modernamente muitas palavras acabadas em *-asco,* com *s,* e não com *z,* como: *añasco, carrasco, frasco, varbasco, Velasco,* etc., etc. (e em *-asca,* por ex.: *borrasca, casca, enfrasca, tasca,* etc., etc.).

o presente *öubo* (de *öubir*), comparado com o lat. audio, que deu em port. *ouço;* o presente *cabo* (de *caber*), comparado com o lat. capio, que deu em port. *caibo;* o presente *paro* (de *parir*), comparado com o lat. pario. Todos elles se conjugam regularmente, por analogia com os que são por natureza regulares.

252. Escolha de verbos auxiliares. — Ao mencionar no § 211 as substituições dos tempos, disse eu que na formação dos tempos compostos mirandeses entrava o verbo *tenér,* e ás vezes o verbo *habér.* Em hesp. o auxiliar normal é *haber.* Em port., na lingoa litteraria, póde empregar-se quasi indifferentemente *ter* ou *haver,* embora seja muito mais usado o primeiro; na popular emprega-se quasi exclusivamente o primeiro. Em mir., segundo o que tenho observado, usa-se *tenér* e *habér,* sendo *tenér* o auxiliar preferido. Eis algumas phrases que ouvi: «*tenìȇ̯ tirado* l peine», «tengo benido», «tenìȇ̯ ido», «tenes bido», «tenemos tubido»; tambem porém num conto popular que trasladei da bôca do povo

Porque é que nestas a lingoa não se adeantou tambem suavemente, como o Sr. Lanchetas diz que ella o fez nos verbos? Já se vê que o phenomeno assignalado por este auctor tem outra explicação. Creio que ella é a seguinte: o infinitivo *-ecer* com o seu *c* influiu no presente, e d'esta influencia phonetica resultou naquelle tempo *-zco,* por isso que *c* antes de *e* (e de *i*) tem em hesp. o mesmo som que *z:* por isso *nacer — nazco, merecer — merezco,* com a sibilante igualada nas terminações. Para o povo só foi sentido como suffixo do presente o *-co:* o parallelismo ficava completo entre *merec...* (= merez...) *-er,* e *merez... -co.* Em português a influencia da terminação do infinito ou do presente foi ainda maior, pois de *paresco* (ant.) fez-se *pareço* (mod.), baseado no infinitivo *parecer.* — A proposito ainda das relações entre *s* e *z* em hespanhol, notadas pelo Sr. Lanchetas, lembrarei que elle não cita, por as não conhecer, as excellentes *Disquisiciones sobre antigua ortografia y pronunciación castellanas* de R. J. Cuervo, Paris 1895-98 (publicadas primeiro na *Revue. Hispanique,* II e V), ás quaes me tenho já referido várias vezes neste livro.

se lê: «Tu diç q'*habìęs dito* q'eras capaç». O Sr. Bernardo Fernandes Monteiro, que conhece muito bem o mirandês, como seu idioma materno que é, emprega tambem com muita frequencia o auxiliar *tenér* nos seus escritos mirandeses; aqui transcrevo alguns exemplos[1]: «*tenĩę̃ tirado* l'auga», «*ténę̃ bubido* bĩę̃[2]», «*tenìę̃ benido* de todas las aldeias[3]», *teneis lido* lo que fizo Dabide[4]», «*tenendo-la bisto* ęl Senhor[5]», «ide dezir a Joã lo que *teneis öubido* e *bido*», «que *tenìę̃ sido* bautizados cũ ęl bautismo de Joã», «ã nũ se *tenerẽ feito* bautizar por él», «nós *tenemos cantado* al söũ de la gaita[6]», «que él *tenìę lhibrado* de spritos malinos[7]», «inda él nũ *tenìę acabado* de falar», «Jasus, *tenendo öubido* esta palabra, dixo[8]», etc., etc.; mas tambem ás vezes emprega *habér,* por ex.: «los pescadores *habìę̃ saltado* ã tĩęrra», «d'la mesma sǫrte *habìę deixado* pasmados a Tiago i a Joã[9]», «e sentöu-se él que *habìe stado* mǫrto[10]», «de quĩę̃ *habìę̃ salido,* los demonhos[11]», etc.; nelle é mais frequente tambem a primeira fórma que a segunda. Em todo o caso, supponho que não se dirá *hei, has, ha, hão*

---

1 Reduzo a sua orthographia á que adopto neste livro: assim onde elle tem *-iẽ,* escrevo *-ìę̃* ou *-ĩę̃,* conforme os casos; onde tem *-iê,* escrevo *-ìę;* onde tem *-ẽ,* escrevo *-ę̃;* onde tem *el,* escrevo *ęl;* onde tem *-õ,* escrevo *-öũ;* onde tem *ô* correspondente a *ǫ,* emprégo este signal; onde tem *ou,* escrevo *öu;* a conjuncção copulativa que elle representa por *e,* represento-a por *i.* Estas alterações são pois só orthographicas; não falseio a sua phonetica, pois parece-me que a conheço perfeitamente.

2 In *Reporter,* n.º 1521.

3 In *Revista de educação e ensino,* IX, 254.

4 *Ibidem,* 255.

5 *Ibidem,* 259.

6 *Ibidem,* 260.

7 *Ibidem,* 261.

8 *Ibidem,* 265.

9 *Ibidem,* 253.

10 *Ibidem,* 259.

11 *Ibidem,* 264.

trabalhado (pelo menos não encontrei como avulsas as fórmas *hei, has, ha, hão:* vid. § 247-Obs. 1).—Em sendinês o normal é *tenér;* ex: *tengo sido, téngades sido, tubisse sido, tení tenido, tenís tenido, tubisses ido, tenga querido* (segundo as informações que recebi do academico Sr. Francisco Maria Guerra, natural de Sendim).

Com relação á voz passiva, esta fórma-se com o auxilio de *ser,* segundo o que foi notado no § 209.

253. Conjugação reflexa.—Na conjugação reflexa os pronomes seguem ou precedem os verbos, mesmo no futuro e no condicional, sem se dar o que em português se chama tmese (*lavar-me-hei, lavar-me-hia*). Exemplos mirandeses:

1) *nego-me*	2) *beio-me*	3) *rio-me*[1]	4) *bisto-me*
negas-te	*bés-te*	*ris-te*	*bistes-te*
nega-se	*bei-se*	*ri-se*	*biste-se*
negame-nos	*beme-nos*	*rime-nos*[2]	*bestime-nos*
negai-bos	*bedes-bos*	*rides-bos*	*bestis-bos*
negã-se	*beiẽ-se*	*ríḙ̃-se*	*bistḙ̃-se*

1 Pronuncia-se *ri-o-me* (trisyllabo) e não *rìu-me.*

2 Creio que não será mirandês correcto *rimos-mos* (e *bamonos*), etc. Á cêrca de *-mos* por *-nos* vid. p. 354. Quando o pronome se pospõe encliticamente á 1.ª pessoa do plural, conserva a fórma primitiva *nos,* a fim de se evitar a proximidade de dois *mm* (o *m* da terminação *-rimos* e o *m* de *mos*). Todas as fórmas que cito a cima, COMO TODAS AS QUE, SEM ALGUMA INDICAÇÃO ESPECIAL, CITO NESTA OBRA, as ouvi eu mesmo dizer. Em *rime-nos,* etc., em vez de *rimos-nos,* deram-se dois phenomenos: absorpção do *s* no *n* (§ 150), do que resultou *rimo-nos,* que é a fórma portuguesa litteraria; e dissimilação de *o—o,* como no § 256-2.—Eis algumas phrases em que coexistem as duas fórmas *mos* e *nos,* conforme o pronome se pospõe á 1.ª pessoa do plural, ou não:

1) *él béi-mos aqui*
nós beme-nos

2) *nós mos bestimos*
nós bestime-nos.

Estes exemplos são bem eloquentes.

5) Avulsos:

nós bame-nos ambora,
nós dame-nos a l trabalho,
lhembreme-nos de la morte,
yôu b'riẹ-me («ver-me-hia») *ambaraçado,*
alhá mos ancuntraremos,
nós mos bestimos.

254. Conjugação periphrastica. — Creio que não ha differença essencial entre mirandês e português. Eis alguns exemplos que ouvi: *hei-de ser bossa amiga, habiẹ de guisar ũŋa palomba, heis-bos d'ir; staba assando carne, staba a scobar ũŋas calças; ide dezir*. Note-se a construcção em *heis-bos-d'ir* (port. «heis ou haveis de vos ir»), tambem usada na nossa lingoagem popular.

255. Ao passo que em port. se diz *conservà-las-ha, deixà-las-hemos, comê-la-hei, perguntar-te-hei, ver-me-hia,* em mir. não se dá a tmese, e diz-se: *cunserbará-las, deixarémo las, comeréi-la, proguntarei-le, b'rìe-me*. Cf. § 253. O mesmo succede no português popular. Em hespanhol moderno tambem se observa esta construcção, ex.: *comprenderase,* ou a anteposição do pronome ao verbo, ex.: *se verá;* em hespanhol antigo encontro, por exemplo, *lidiar te lo é,* no *Fuero de Salamanca,* ed. de Ruano, p. 31, e muitos exemplos em Gassner, *Das altspan. Verbum,* § 482. — A menção d'estes phenomenos pertence propriamente á secção consagrada á Syntaxe, mas faço-a aqui por ter tambem bastante relação com a Morphologia.

256. Modificações phoneticas nas flexões verbaes. — Na juncção das palavras encliticas (pronomes atonos e artigos definidos) aos verbos, podem os sons finaes d'estes soffrer modificações. Exs.:

1) *faẓé' l caldo* (fazer)
amanhá' las tîęrras
poné' l palo ne chano
abrí' la boca (abrir)
dá' la mano
comé' la (comer)
perguntá-le (perguntar)
deixaremo'las (deixaremos)[1]

} assimilação (§ 150)

Mas tambem se ouve: *tu bés-lo, coincięs-lo* («conhecia-lo»), *deẓir-lo, bér las moças, puníras-la, recíbes-lo, chamamos-lo,* etc.

2) *dixe-lo* (= dixo-lo)
truxe-lo (= truxo-lo)
söube-lo (= söubo-lo)

} dissimilação (§ 37); cf. § 253-nota 5.

Em português dão-se phenomenos semelhantes: cf. Epiphanio Dias, *Gram. port. elementar,* § 58-nota.

257. Variedade das flexões verbaes. — Como o mirandês é lingoa meramente popular, que nunca teve cultura litteraria, a qual, quando existe, contribue em geral para que se estabeleçam padrões reguladores, offerece alguma variedade de fórmas nas flexões verbaes; assim se diz, por ex., *bino* e *bîęno, háia* e *haga, sala* e *salga, faẓę̃* e *faię̃, faç* e *fai, bido* e *bisto, ámamos* e *amêmos, déste* e *diste,* etc. Para esta variedade de flexões verbaes concorrerá tambem em parte talvez a influencia portuguesa, além da que provém dos sub-dialectos do proprio mirandês.

---

1 Cf. hesp. ant. *onrallo* (onde os dois *ll* não soavam como hoje): apud Galindo, *Vicisitudes,* p. 83. Lanchetas diz tambem: «En la Edad Media fué bastante frecuente la assimilación de la *r* en *l* cuando seguía algun pronombre, como *amallo* por *amarlo, escribillo* por *escribirlo,* pero no ha prevalecido». *Morfologia del verbo castellano,* Madrid 1897, p. 44. — Cf. Gessner, *Das Leonesische,* Berlin 1867, p. 14.

D) CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES[1]

1. Tenér

258. Exponho só os tempos simples.

Indicativo

Pres.	M.-q.-perf.
tengo	*tubíra*
ténes	*tubíras*
tẽ	*tubíra*
tenémos	*tubíramos*
tenéis	*tubírades*
ténẽ̯	*tubírã*

Imperf.	Fut.
tenìę̯	*tenerei*
tenìę̯s	*tenerás*
tenìę̯	*tenerá*
tenìę̯mos	*tenerémos*
tenìę̯des	*teneréis*
tenìẽ̯	*tenerã*

Perf.	Condic.
tube	*tenerìę̯*
tubiste	*tenerìę̯s*
tubo	*tenerìę̯*
tubímos	*tenerìę̯mos*
tubìstes	*tenerìę̯des*
tubírũ	*tenerìẽ̯*

[1] Como, segundo o § 74 (onde, em vez de ę se deve ler e̥), ao *-e* port. corresponde em mir. *-i̯* ou *-e̥*, fique entendido que em todos os quadros que vão seguir-se o *-e* final soa *-i̯*. Assim: *tubisse* = *tubissi̯*, *fusse* = *fussi̯*. Não adopto *-i̯*, para ficar mais proximo da orthographia originaria.

CONJUNCTIVO

Pres.

tenga
tengas
tenga
téngamos
téngades
téngã

Imperf.

tubisse
tubisses
tubisse
tubíssemos
tubíssedes
tubíssḙ̃

Fut.

tubir
tubires
tubir
tubirmos
tubirdes
tubírḙ̃

IMPERATIVO

tẽ
tenéi

INFINITIVO

a) Impess.
tenér

b) Pess.
tenér
tenéres
tenér
tenérmos
tenérdes
tenérḙ̃

PARTICIPIOS

Pres.
tenendo

Pass.
tubido
(*tenido*)[1]

N. B. Em send. ás terminações *-ìẹ̯*, *-ìẽ* corresponde *-í* e *-ĩ*, ex.: *tení*, *tenĩ* (= *tením*), segundo o § 56. Nos outros casos dá-se o mesmo que em mirandês central. Á cêrca de *tenido* vid. a nota no fim da página.

259. Á cêrca de *tengo* e *tenga* vid. o § 224-*b*; o resto do presente do indicativo corresponde ao lat. t e n e s (§ 109), t e n e(t) (§ 110-*b*), t e n e m u s (§ 109), t e n e-

[1] Em Duas-Igrejas não se adopta *tenido*, mas *tubido*; consta-me porém que *tenido* se usa em Sendim, pelo menos.

tis (§ 109), tenent (§ 109).—Á cêrca do imperfeito vid. § 232-*b*.—Com o preterito perfeito cf. hesp. *tuve, tuviste, tuvo,* etc. (em port. *tive, tiveste, teve*); pelo que respeita ao *-o* da 3.ª pessoa do sing., vid. § 237-Obs. 5; o *u* offerece algumas difficuldades: Diez, *Gammaire des langues romanes,* II, 167, suppõe o hesp. *tuve* formado por analogia com *hube,* e este proveniente de *hobe* < **hoube* < **haubi* < habui; todavia tal explicação não convem ao mirandês, onde não ha *hube* ou *hubo,* mas *höubo* (3.ª pess.): o que me parece que pelo menos tem de se admittir é que o *u* da 1.ª pessoa corresponde ao *u* de outros preteritos (metaphonia), e que depois se propagou ás de mais fórmas (§ 237-Obs. 6), partindo-se de *tube,* que está para *höube,* como o port. (pop.) *sube* para *soube,* e *pude* para *poude.* O *b* tem a mesma origem que o *v* do port. *tive* (arch. *tivi* < **tinvi* < tenvi = tenui)[1].—O mais-que-perfeito, e o imperfeito e futuro do conjunctivo seguem a norma de *tubiste* (§§ 242, 244, 246).—Á cêrca do futuro e do condicional vid. os §§ 247 e 248.—No imperativo temos *tẽ* < lat. tene (§ 110-*b*), *tenei* < lat. tenete (§§ 109 e 219-Obs. 3).—No infinitivo temos *tenér* < lat. tenere (§ 109).—No participio do presente temos *tenendo* < lat. tenendu- (§ 109).—Notavel é o participio *tubido,* formado, não segundo o thema verbal, mas do thema do preterito perfeito do indicativo (cf. *cöubido,* no § 273); factos analogos se dão em catalão, onde se diz *tingut* (pret. *tinguí*), *hagut* (pret. *haguí*), *pogut* (pret. *puguí*), *volgut* (pret. *volguí*), e tambem popularmente *sigut* (pret. *siguí*) em vez de *estat.*

---

1 Em resumo: mir. prehist. **tibe* < > port. *tive* torna-se **töube* por influencia de *höube;* e *tube* está para **töube,* como o port. pop. *sube* para *soube.*—Tambem poderia acaso reconhecer-se alguma importancia numa fórma arhizotonica como **tebir* tornada *tubir* pela acção da labial; *u* depois apparecia nas fórmas rhizotonicas.

2. Habér

260. Exponho no seguinte quadro tambem só os tempos simples.

Indicativo

Pres.	Perf.
heide	(*höube*)
hasde	(*höubiste*)
hade, hái	*höubo*
hemos	(*höubimos*)
heis	(*höubistes*)
hadẽ[1]	(*höubírũ*)[2]

Imperf.	M.-q.-perf.
habìe	*höubíra*
habìes	*höubíras*
habìe	*höubíra*
habìemos	*höubíramos*
habìedes	*höubírades*
habìẽ	*höubírã*

[1] Nas tres pessoas do singular (excepto *hai*) a preposição *de* é enclitica (§ 35-*b*). A 3.ª pessoa do plural é formada de *hade* (que o povo, em virtude da énclise, tomou por flexão), com o sinal do plural (nasal) no *-e;* succedem factos analogos na lingoagem popular portuguesa (assim, por exemplo, ouve-se: *hadem, hãodem,* ou *handem*).—A fórma *hai* é puramente impessoal.—A 2.ª e a 3.ª pessoas do plural creio que tambem não ha occasião de as empregar sem *de;* todavia neste caso a preposição não é enclitica em relação ao verbo, mas proclitica em relação á palavra por ella regida.—Á cêrca da omissão de *de* na 1.ª pessoa do pl. (*hemos matar*) vid. o § 309-*B;* e do deslocamento na 2.ª do pl. (*heis-bos de*) vid. o § 305-*c*.

[2] As fórmas collocadas entre parenthesis supponho que não se usam, —pelo menos não as ouvi dizer—, mas são conformes com a theoria. A fórma *höubo* emprega-se impessoalmente, por ex.: «onte *höubo* ũŋa fìesta».

Fut.	Condicional
habréi	*habrìȩ̂*
habrás	*habrìȩ̂s*
habrá	*habrìȩ̂*
habrémos	*habrìȩ̂mos*
habréis	*habrìȩ̂des*
habrã̄	*habrìȩ̂̃*

Conjunctivo

Pres.

haga	*haia*	*haba*
hagas	*haias*	*habas*
haga	*haia*	*haba*
hágamos	*háiamos*	*hábamos*
hágades	*háiades*	*hábades*
hágã̄	*háiã̄*	*hábã̄*[1]

Imperf.	Fut.
höubisse	*höubir*
höubisses	*höubires*
höubisse	*höubir*
höubíssemos	*höubirmos*
höubíssedes	*höubirdes*
höubíssȩ̂̃	*höubírȩ̂̃*

---

1 A fórma *haga* creio ser a mais usada. Ouvia-a em Duas-Igrejas; tambem o Sr. Bernardo F. Monteiro, que é da Póvoa, a emprega, por exemplo: «nũ hai cöusa ancobi̯ȩrta, que nũ *haga* de ser declarada, nĩ scundida que nũ *haga* de saber-se» (in *Revista de educação e ensino*, IX, 262-263, onde a phrase tem algumas inexactidões que emendei).—A fórma *háia* ouvi-a igualmente em Duas-Igrejas, e usa-se em Sendim, como se vê da seguinte quadra que lá copiei:

Stöu röuca i anröuquecida:
Mal *háia* la röuquidão
Que nu' me deixa cantare
A la mi satisfação!

—A fórma *haba* tambem a ouvi em Duas-Igrejas.

IMPERATIVO

(*ha*)
(*hei? habei*)[1]

INFINITIVO

a) Impess.
habér

b) Pess.
habér
habéres
habér
habérmos
habérdes
habérẽ

PARTICIPIOS

Pres.	Pass.
habendo	*habido*

N. B. Em sendinês temos, segundo o § 56, *habí, habĩ,* (= *habím*), *habrí,* etc.—Á cêrca de *haia* vid. a nota de p. 414.

260-*bis.* A respeito do presente do indicativo vid. os §§ 224 e 247 e a nota 1 do § 260; tambem na lingoa popular portuguesa apparece *hemos* (como em hesp. ant.), e *heis.*—A fórma *hai* é impessoal e não auxiliar; compõe-se de *ha* + *hi*(*c*): cf. § 205-OBS.; tem como correspondentes, em hesp. *hay,* em catal. *hay,* na lingoagem popular de muitos pontos de Porutgal *hai* (mo-

[1] São fórmas theoricas. Creio que não se usam. Em hesp. temos *he, habed.* Em hesp. ant. *habe* < lat. habe: cf. R. J. Cuervo, *Notas á la Gramática de Bello,* Paris 1898, p. 87.

nosyllabo), em port. arch. *hay* e *ha hi*[1]. — Á cêrca do imperfeito vid. o § 232-*b*. — No perfeito só ha occasião de se empregar a fórma *hŏubo,* mas tem de se presuppôr as outras, e tanto que a *höubiste* corresponde o mais-que-perfeito e o imperfeito e futuro do conjunctivo; *höube,* a que corresponde em port. *houve* e em hesp. arch. *obe, ove, ovi* (mod. *hube*) vem do lat. h a - b u i > **haubi* (§ 45) > **houbi* (em port. arch. *ouvi*) > *höube.* — Sobre o fut. e condic. vid. §§ 247 e 248; em *habrei* (cf. port. *haverei*) e *habrìe̯* (cf. port. *haveria*) houve syncope de *e* (§ 152-*b*). Esta syncope da vogal protonica é normal em hesp. arch. (*ardrá, dizré*); no moderno ficaram ainda vestigios em *habré,* etc. Vid. J. Cornu, in *Miscellanea di Filologia,* Florença 1886, p. 217 sqq. — No conj. temos *haga* por analogia com *faga* (§ 223); temos *haia* (cf. hesp. *haya*), segundo o § 87-*a,* se não vem d'uma fórma latino-vulgar tal como *h a i a -; temos *haba* por analogia com o infinitivo, como *saba* (de *saber*). — O infinit. *haber* < lat. h a - b e r e (§ 93). — O part. *habendo* < lat. h a b e n d u -. — Sobre *habido* vid. o § 249-Obs. 1.

---

1 Outras lingoas procedem de modo analogo, fr. *il y a,* etc. — No seguinte verso de D. Dinis (*Cancioneiro,* ed. de H. Lang, v. 24)

Per morte nom *a* ja *i* al

o adverbio *i* tem ainda tanta independencia, que entre elle e o verbo se intercala *ja;* no verso 484

Mui pequena sazom *a i*

o adverbio está junto do verbo, mas conta-se ainda como monosyllabo separado. Cf. este passo, que me foi lembrado pelo meu amigo Gonçalves Vianna: «e que *ha hi* de feito sobre que se dispute ainda» (Herculano, algures). Nos modernos dialectos portugueses *hai* vale como uma só syllaba: o adverbio faz, por assim dizer, parte do verbo, tanto phonetica (pois a palavra é, segundo disse, monosyllabica), como syntacticamente (pois só se usa como impessoal); cf. tambem *Revista Lusitana,* II, 26.

3. Sér

261. Basta indicar só as fórmas simples:

Indicativo

Pres.	M.-q.-perf.
söu	*fura*
sós, yę̬s[1]	*furas*
yę̬[2]	*fura*
somos	*fúramos*
sódes	*fúrades*
söũ	*fúrã*

Imperf.	Fut.
era, yę̬ra[3]	*serei*
eras	*serás*
era	*será*
éramos	*serémos*
érades	*seréis*
érã	*serã*

Perf.	Condicional
fui	*serìę̭*
fuste	*serìę̭s*
fui	*serìę̭*
fumos	*serìę̭mos*
fustes	*serìę̭s*
fúrũ	*serìę̭̃*

---

[1] A fórma mais vulgar é *sós*. O Sr. B. Monteiro (Póvoa) emprega as duas, ex.: «se *sós* filho de Díus, dize a esta pię̬̊dra que se cumberta ã pã»; «se *yę̬s* filho de Díus, lhança-te d'eiqui a baixo» (*Rev. de educ.*, XI, 163), «*sós* tu lo que hasde benir?» (*ibid.*, IX, 259). Num conto popular que copiei em Duas-Igrejas: «tu *sós* ũ böubo».

[2] Em vez de *yę̬* póde ouvir-se emphaticamente em pausa *yę̬ę̭*, com alongamento do ditongo; ex.: «yę̬ bię̬̊lho, yę̬ę̭».

[3] A fórma *yę̬ra* creio que não é muito usada, e só o é na raia (§ 51-*f*). Não pertence a Duas-Igrejas.—O Sr. P.e Manoel Sardi-

CONJUNCTIVO

Pres.

séia
séias
séia
séiamos
séiades
séiã (*seiḙ̃*)

Imperf.

fusse
fusses
fusse
fússemos
fússedes
fússẽ

Fut.

fur
fures
fur
furmos
furdes
fúrḙ̃

IMPERATIVO

(*só, yẹ*)[1]
sóde

INFINITIVO

a) Impess.
sér

b) Pess.
sér
séres
sér
sérmos
sérdes
sérḙ̃

PARTICIPIOS

Pres.

sendo

Pass.

sido

N. B. Em send. diz-se *yi* < > *yẹ*, *-í* e *-ĩ* correspondentes a *-iẹ*, *-iḙ̃* (§ 56), ex.: *seri*, *serĩ* (= *serim*); e parece que se diz *são*, com a terminação *-ão* (§ 69-*e*); diz-se *serã* ou *serão?*

As outras flexões são como em mir. central: *sós*, *sódes*; *fui*, *fuste*; *séia*, etc.

---

nha, que é de S. Martinho d'Angueira (ráia), emprega porém na *Zara*, Lisboa 1894, p. 48, *era*.

1 Creio que não se usam; mas theoricamente devem ser assim estas fórmas.

262. A fórma *söu* (cf. port. *sou*) é analogica com *stöu* e *vöu*; *yẹs* < lat. ĕ s (analoga á leonesa e astur. *yes*) e *yẹ* < ĕ s t (cf. astur. *yé*) explicam-se pelo § 51-*d*; -s t lat. cairam por symetria com a 2.ª pessoa (cf. *stás—stá*); a fórma *sós*, analoga a *sos* do antigo dialecto de Salamanca (Lucas Fernandez) e a *sos* do asturiano (Munthe) e do gallego, explica-se por analogia com o plural; com o send. *yi* cf. astur. *yia* (Munthe); *somos* < s u m u s (§ 65); *sódes*, a que corresponde o port. ant. e o hesp. ant. e o gall. *sodes*, é analogico com *somos*, a não vir já do lat. vulgar, tambem analogico, *s u t i s (§ 103); *söũ*, a que corresponde o port. ant. *som*, o minhoto *sõu* e o hesp. *son*, vem de s ŭ n t (§ 69-*e*).—Quanto ao imperfeito vid. § 51-*f*.—Para o preterito deve admittir-se o seguinte protótypo latino, confirmado tambem pelo hesp. ant. e pelo português: f ŭ i, *f ŭ s t i, f ŭ i t, *f ŭ m u s, *f ŭ s t i s, *f ŭ r u n t, fórmas que tiveram o seu ponto de partida em f ŭ ĭ m u s; em port. o *ŭ* deu normalmente *ô* em todas as pessoas, excepto na 1.ª, onde deu *u*, de accôrdo com outros preteritos (*pus*, pop. *sube*, etc.); em mir. temos tambem *u* na 1.ª pessoa, som que depois se propagou ás outras, como aconteceu com o *u* de *tube* (§ 259). O mais-que-perfeito, e o imperfeito e perfeito do conjunctivo regulam-se pelo perfeito. Com todas essas fórmas cf. gall. *fun, fuche, fumos, fustes* (a par de fórmas com *o*); astur. *fusti* (a par de *fuisti*), e leonês (*Libro de Alexandre*) *fumos, fura, furdes, furmos*.—Sobre o futuro e condicional vid. §§ 247 e 248.—O conjunctivo *séia* póde explicar-se por s e d e a (m) (§ 87-*a*).—Com o infinitivo *ser* cf. o port. mod. *ser*, arch. *seer*, hesp. mod. *ser*, arch. *seer* e *seyer*. Relativamente ao mir. arch. faltam documentos; o mir. mod. *ser* tanto podia ter por protótypo lat. s e d e r e, como a fórma vulg. *e s s ĕ r e (representada pelo ital. *éssere*, pelo prov. *esser* e *estre*, pelo fr. *être*, etc.), pronunciada *e s s é r e; mas a comparação com o português faz-me suppôr que

assenta antes em sedere. Não ha dúvida que o português *ser* vem de sedere, porque fórmas antigas taes como *seer, seede* podiam contar-se no verso como *se-er, se-e-de;* alem d'isso ha o arch. *sejo* < sedeo, o arch. *see,* mod. *sê,* < sede[1].—Participio *sendo* < **seendo* < sedendu-.—Sobre *sido* vid. § 249-Obs. 1.

E) PARADIGMAS DOS VERBOS REGULARES

I. Voz activa

1.ª CONJUGAÇÃO: 1.º TYPO

263. Amar.

Indicativo

Pres.	Imperf.
amo	*amaba*
amas	*amabas*
ama	*amaba*
amámos	*amábamos*
amais	*amábades*
amã	*amábã*

---

1 Não concordo pois com o que diz o meu amigo Dr. Antonio de Vasconcellos na sua *Grammatica portuguesa,* Paris-Lisboa, s. d., p. 135-136, onde explica *ser* por **essere, seja* pelo lat. *siem, sêde* pelo indic. port. pop. *sedes.* Notarei que *siem* é lat. arch. que não se conservou na ling. vulg., onde se dizia seam (*Grundriss,* I, 367), e siam, sias, etc. (Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen,* II, 256); mas nem *siem* nem seam nem siam davam o port. *seja,* que comtudo se explica perfeitamente por sedeam, como *veja* por videam; alem d'isso, como é que, na hypothese do meu citado amigo, se haviam de explicar as duas syllabas do arch. *seer, see,* etc.? ao passo que os dois *ee* assentam regularmente nos de se(d)er(e) se(d)e. Ficava tambem sem boa explicação a fórma pop. *sedes* da 2.ª pessoa do presente do indicativo, explicavel optimamente por se(d)etis; e porque razão teria esta rarissima fórma, e não outra mais frequente, dado origem a *sêde?*

Perf. defin.	Fut. imperf
amei	*amarei*
ameste (*amesti̯*)[1]	*amarás*
amöu	*amará*
amémos	*amarémos*
amestes	*amaréis*
amórũ	*amarã*

Indefin.	Fut. perf.
tengo amado	*tenerei amado*
ténes, etc.[2]	*tenerás, etc.*

M.-q.-perf. (simplez)	Condic. (simplez)
amára	*amarìe̯*
amáras	*amarìe̯s*
amára	*amarìe̯*
amáramos	*amarìe̯mos*[4]
amárades	*amarìe̯des*[4]
amárã	*amarìẽ̯*

Composto	Composto (pret.)
tenìe̯ amado[3]	*tenerìe̯* ou *tubíra amado*
tenìe̯s, etc.	*tenerìe̯s, etc.*

---

[1] Em virtude do § 74, o *-e* final atono vale ordinariamente *-i̯*, outras vezes porém *-e̥*. Como aqui estou dando *paradigmas*, indico as duas pronúncias; nos outros verbos não, só escreverei *-e*. — Em cacographias populares modernas feitas por Mirandeses achei mesmo: *ceri* (= quéri = quere), *dezeri* (= dezer = dizer), *conpri* (= compre). Estas cacographias são em português, mas resalta nellas a influencia mirandesa; por isso julgo conveniente citá-las aqui.

[2] Com relação a este e aos outros tempos compostos vid. a conjugação de *tenér* no § 258. Tambem se póde empregar como auxiliar *haber*, pelo menos em alguns tempos e pessoas. Mas o auxiliar preferido é *tenér* (vid. § 252).

[3] Póde dizer-se *tenì'amado* (§ 38).

[4] Quasi que se pronunciam *amarì'mos*, *amarì'des*.

CONJUNCTIVO

Pres.

ame (ami̯)
ames
ame (ami̯)
amémos[1]
améis[1]
amẽ̯

Impert.

amasse (amassi̯)
amasses
amasse (amassi̯)
amássemos[2]
amássedes[2]
amássẽ̯

Perf.

tenga amado
tengas, etc.

M.-q.-perf.

tubisse amado
tubisses, etc.

Fut. imperf.

amar (amari̯[3]*)*
amares
amar (amári̯[3]*)*
amarmos[4]
amardes
amárẽ̯

Fut. perf.

tubir amado
tubires, etc.

IMPERATIVO

ama
amai

INFINITIVO

Pres.

a) Impess.

amar (amari̯)

b) Pess.

amar (amari̯)
amares
amar (amari̯)
amarmos[5]
amardes
amárẽ

---

1 Tambem se diz, mas menos vulgarmente: *ámamos, ámades.* Assim ouvi, por ex.: *apóstamos, apóstades,* por *apostémos* e *aposteis.*—Mas creio que não será isto muito geral.

2 Estas duas flexões ouvi-as pronunciar tambem assim: *amássamos, amássades,* com *-amos, -ades.*

3 Cf. §§ 74 e 119.

4 Tambem ouvi *amáramos* (no sentido de futuro); diz-se porém *amardes* sem *-a-*.

5 Tambem ouvi *amáramos.* Vem pois a equivaler phoneticamente o m.-q.-perf. indic. ao fut. conj. e infin. pess. na 1.ª do pl.

Pret.	PARTICIPIO
a) Impess.	Pres.
tenér amado	*amando*
b) Pess.	
tenér amado	Pret.
tenéres, etc.	*tenendo amado*

1.ª CONJUGAÇÃO: 2.º TYPO

264. BALANCIAR.

INDICATIVO	CONJUNCTIVO
Pres.	Pres.
baláncio	*baláncie̥*
baláncias	*baláncie̥s*
baláncia	*baláncie̥*
balanciámos	*balanciémos*
balanciáis	*balanciéis*
balánciã	*balánciẽ*

Nas de mais fórmas segue o 1.º modelo: *balanciába, balanciábades, balanciei, tenìe* ou *habìe balanciado,* etc.[1]

Este verbo, e outros analogos[2], tem o accento na antepenúltima, o que distingue o mirandês do português (onde se diz *balancéio, aprecío,* etc.) e o aproxima do hespanhol[3].

1 Por simplicidade, neste e nos seguintes modelos, não indico as fórmas compostas, pois são analogas ás do 1.º typo.

2 Por exemplo, *despreʒiar* conjuga-se: *despréʒio, despréʒias,* («a quĩẽ a mi *despréʒia, despréʒia* aquel que me ambiöu», B. Monteiro in *Rev. de educação,* IX, 505); *amansiar* faz *amánsie.*

3 Em mirandês e hespanhol conservou-se a accentuação latina: cf. lat. *lancĕo,* de *lanceare;* de facto, como a terminação *-io* é antes um monosyllabo (por causa da semi-vogal) do que um dissyllabo, o rhythmo geral da conjugação não foi alterado: conjugou-se *balancio, balancias,* como *lhanço, lhanças.* Em português, porém, a terminação *-io* foi considerada como dissyllabo, e por isso accentuou-se o *i* no singular.

265. Debér, «dever».

Indicativo

Pres.

debo
debes
debe (*débi̯*)
debémos
debéis
débẽ̯

Imperf.

debìe̯
debìe̯s
debìe̯
debìe̯mos[1]
debìe̯des[1]
debìẽ̯

Perf. defin.

debí
debiste (*debísti̯*)
debìu
debímos
debístes
debírũ

Indefin.

tengo debido
ténes, etc.

M.-q.-perf.

debíra
debíras
debíra
debíramos
debírades
debírã

Composto

tenìe debido
tenìe̯s, etc.

Fut. imperf.

deberei
deberás
deberá
deberémos
deberéis
deberã

Fut. perf.

tenerei debido
tenerás, etc.

Condic. (simplez)

deberìe̯
deberìe̯s
deberìe̯
deberìe̯mos[2]
deberìe̯des[2]
deberìẽ̯

---

[1] Quasi que se pronuncía: *debì'mos, debì'des.*
[2] Quasi que se diz *deberì'mos* (ou mesmo *deb'rì'mos*), *deberì'des.*

Composto (pret.)

tenerìe̯ debido
tenerìe̯s, etc.

CONJUNCTIVO

Pres.

déba
débas
déba
débamos
débades
débã

Imperf.

debisse (debissi̯)
debisses
debisse (debissi̯)
debíssemos[1]
debíssedes[1]
debíssẽ

Perf.

tenga debido
tengas, etc.

M.-q.-perf.

tubisse debido
tubisses, etc.

Fut. imperf.

debir (debíri̯)
debires
debir (debíri̯)
debirmos[2]
debirdes
debírẽ̯

Fut. perf.

tubir debido
tubires, etc.

IMPERATIVO

débe (débi̯)
debéi[3]

INFINITIVO

Pres.

a) Impess.
debér (debéri̯)

b) Pess.
debér (debéri̯)
debéres
debér (debéri̯)
debérmos[4]
debérdes
debérẽ̯

---

[1] Tambem ouvi: *debissamos, debíssades*. Cf. p. 422-nota 2.

[2] Tambem ouvi *debíramos* em funcção de futuro; cf. o que se disse a p. 422-nota 4.

[3] Por causa da significação especial do verbo que escolhi para modêlo, não ha occasião de empregar estas fórmas, mas com outro verbo teriamos, por exemplo, com emprêgo frequente: *méte, metei; öuféṇde, öufe̯ndei.*

[4] Tambem se diz *debéramos* (mas, segundo creio, *debérdes*). Cf. p. 422-nota 4.

Pret.

a) Impess.

tenér debido

b) Pess.

tenér debido
teněres, etc.

Participio

Pres.

debendo

Pret.

tenendo debido

3.ª CONJUGAÇÃO

266. Partir.

Indicativo

Près.

parto
partes
parte (*párti̯*)
partímos
partis
partẽ̯

Imperf.

partìe̯
partìe̯s
partìe̯
partìe̯mos[1]
partìe̯des[1]
partìẽ̯

Pref. defin.

parti
partiste
partìu
partímos
partistes
partírũ

Indefin.

tengo partido
tenes, etc.

M.-q.-perf.

partíra
partíras
partíra
partíramos
partírades
partírã

Composto

tenìe̯ partido
tenìe̯s, etc.

Fut. imperf.

partirei
partirás
partirá
partirémos
partiréis
partirã

Fut. perf.

tenerei partido
tenerás, etc.

---

1 Quasi: *partì'mos, partì'des.*

Condic. (simplez)

partirìe̯
partirìe̯s
partirìe̯
partirìe̯mos[1]
partirìe̯des[1]
partirìẽ̯

Composto (pret.)

tenerìe̯ partido
tenerìe̯s, etc.

Conjunctivo

Pres.

parta
partas
parta
pártamos
pártades
pártã

Imperf.

partisse (partíssi̯)
partisses
partisse (partíssi̯)
partíssemos[2]
partíssedes[2]
partissẽ

Perf.

tenga partido
tengas, etc.

M.-q.-perf.

tubisse partido
tubisses, etc.

Fut. imperf.

partir (partíri̯)
partires
partir (partíri̯)
partirmos[3]
partirdes
partirẽ̯

Fut. perf.

tubir partido
tubires, etc.

Imperativo

parte (párti̯)
partí

Infinitivo

Pres.

a) Impess.

partir (partíri̯)

b) Pess.

partir (partíri̯)
partires
partir (partíri̯)
partirmos[4]
partirdes
partirẽ̯

---

1 Quasi: *partirì'mos, partirì'des.*
2 Tambem ouvi dizer: *partissamos, partissades* (com *a* bem distincto). Cf. p. 425-nota 1.
3 Tambem ouvi: *partíramos.* Cf. p. 425-nota 1.
4 Tambem ouvi: *partíramos* (mas *partirdes*).

Pret.

a) Impess.

tenér partido

b) Pess.

tenér partido
tenéres, etc.

PARTICIPIO

Pres.

partindo

Pret.

tenendo partido

II. VOZ PASSIVA

267. Não vale a pena apresentar paradigmas completos da conjugação dos verbos na voz passiva, pois esta forma-se, periphrasticamente, com o auxilio do verbo *ser,* como se disse no §.209. Por exemplo, com relação aos verbos *ansinhar* («ensinar»), *öubedecér* (obedecer») e *tenhir* («tingir»), teremos:

söu
era
fui
tengo sido
fura
tenìȩ sido
serei
tenerei sido
serìȩ
tenerìȩ sido
séia
fusse
tenga sido
tubisse sido
fur
tubir sido
sóde
sér
tenér sido
sendo
tenendo sido

1.ª conj.	2.ª conj.	3.ª conj.
ansinhado,	*öubedecido,*	*tenhido*

F) VERBOS IRREGULARES

268. Por *verbos irregulares* entendo aquelles que se afastam dos typos mais geraes da conjugação mirandesa. As irregularidades resultam, ou de elles se conformarem com os respectivos typos latinos, dos quaes provém de accôrdo com as leis phoneticas, ou de seguirem a analogia de outros verbos. Pela maior parte são verbos fortes. Para commodidade do leitor, ordená-los-hei alphabeticamente, segundo as conjugações[1].

1.ª CONJUGAÇÃO

269. ANDAR.

É regular em todos os tempos, menos no pret. perf. e seus connexos: *andube, andubiste*[2], *andubo, andubímos, andubistes, andubírũ*[3]; *andubíra; andubisse, andubir.*

Em hesp. culto tambem se diz *anduve, anduviste, anduvo,* etc. Em grave, isto é, no português popular da Terra-de-Miranda, diz-se *andibemos,* etc. Nos dialectos populares de outros pontos do país, encontra-se tambem *andive, andiveste,* etc.[4]—Tanto nas fórmas mirandesas, como nas hespanholas e portuguesas, influiram evidentemente as fórmas do verbo *estar,* como já notou Diez[5]. A analogia resultou da semelhança do emprêgo de *estar* e *andar* na conjugação periphrastica em phra-

---

[1] Fique entendido que as fórmas que em mir. central tem *i̯ę* ou *ǫ* tem em send. *i* ou *u* segundo os §§ 50 e 58. Escuso pois de estar a indicar as fórmas sendinesas que só differirem nisto.

[2] Ex.: «andubiste na *jolda*», onde *jolda* tem o mesmo sentido que *pandega* em linguagem chula portuguesa.

[3] Dizem-me porém que tambem se usam as fórmas regulares: *andei, andéste, andou,* etc.; no m.-q.-perf. *andára;* no imperf. do conj. *andasse,* no fut. *andar.*

[4] *Revista Lusitana,* II, 27 e 110.

[5] *Grammaire des langues romanes,* II, 162.

ses semelhantes a estas portuguesas: «*andei* a dançar», «*estive* a dormir»; á equivalencia psychologica fez o povo corresponder a equivalencia das flexões.—A etymologia de *andar* é obscura, apesar de se ter escrito a respeito d'ella quasi uma bibliotheca!

270. Dar.

Pres. indic.: *döu, dás, dá, damos, dais, dã.*
Imperf.: *daba, dabas,* etc.
Perf.: *dei, déste* e *diste, döu, demos, destes, dórũ.*
M.-q.-perf.: *dira, diras, dira, díramos, dírades, dírã.*
Pres. do conj.: *déia, déias, déia, déiamos, déiades, déiẽ.*
Imperf.: *disse, disses, disse, díssamos, díssades, dissẽ*[1]. Ha quem diga: *dasse, dasses,* etc.
Fut.: *dir, dires,* etc.

O infinitivo *dar* vem de dare.—O presente *döu*, a que corresponde o port. *dou* vem do lat. vulg. *dao (*Grundriss,* I, 367).—A fórma *diste* do preterito, a que corresponde *díra, disse* e *dir,* é parallela á gall. *diche,* e á hesp. *diste;* poderão explicar-se por influencia dos preteritos da 2.ª conj., pois em mir. devia ser a 3.ª *díu*[2] (se é que não se usa ainda!) em vez de *deu,* representada pelo port. e gall. *deu* (de *dedu- <> dedit)[3]. A fórma *dei* vem de dedi, e com esta se conformaram as outras regulares, segundo o modêlo da 1.ª

---

[1] Cf.: «Jaſus mandöu que le *dissẽ* de comer»: Bernardo Monteiro in *Revista de educação e ensino,* IX, 265.

[2] Cf. gall. *diu,* que coexiste com *déu* (e *dou*).

[3] Como á 2.ª conj. no preterito corresponde a 3.ª em mirandês, segue-se que **deu* havia de passar para **díu;* e a **díu* fez-se corresponder *diste,* como, por exemplo, a *bíu* corresponde *biste.*—Cf. tambem E. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola,* p. 158.

ses semelhantes a estas portuguesas: «*andei* a dançar», «*estive* a dormir»; á equivalencia psychologica fez o povo corresponder a equivalencia das flexões.—A etymologia de *andar* é obscura, apesar de se ter escrito a respeito d'ella quasi uma bibliotheca!

270. Dar.

Pres. indic.: *döu, dás, dá, damos, dais, dã.*
Imperf.: *daba, dabas,* etc.
Perf.: *dei, déste* e *diste, döu, demos, destes, dórũ.*
M.-q.-perf.: *dira, diras, dira, díramos, dírades, dírã.*
Pres. do conj.: *déia, déias, déia, déiamos, déiades, déiẽ.*
Imperf.: *disse, disses, disse, díssamos, díssades, dissẽ*[1]. Ha quem diga: *dasse, dasses,* etc.
Fut.: *dir, dires,* etc.

O infinitivo *dar* vem de dare.—O presente *döu,* a que corresponde o port. *dou* vem do lat. vulg. *dao (*Grundriss,* I, 367).—A fórma *diste* do preterito, a que corresponde *díra, disse* e *dir,* é parallela á gall. *diche,* e á hesp. *diste;* poderão explicar-se por influencia dos preteritos da 2.ª conj., pois em mir. devia ser a 3.ª *díu*[2] (se é que não se usa ainda!) em vez de *deu,* representada pelo port. e gall. *deu* (de *dedu- <> dedit)[3]. A fórma *dei* vem de dedi, e com esta se conformaram as outras regulares, segundo o modêlo da 1.ª

[1] Cf.: «Jaſus mandöu que le *dissẽ* de comer»: Bernardo Monteiro in *Revista de educação e ensino,* IX, 265.

[2] Cf. gall. *diu,* que coexiste com *déu* (e *dou*).

[3] Como á 2.ª conj. no preterito corresponde a 3.ª em mirandês, segue-se que **deu* havia de passar para **díu;* e a **díu* fez-se corresponder *diste,* como, por exemplo, a *bíu* corresponde *biste.*—Cf. tambem E. Gorra, *Lingua e letteratura spagnuola,* p. 158.

conjugação.—Á cêrca de *díssamos,* etc., vid. o § 244-nota 2.—Com o presente do conjunctivo cf. o gall. *dia* e *dea,* o astur. *dia,* o leonês *dia* e *die;* na lingoagem pop. port. tambem tenho ouvido *deia;* em hesp. ant. *dia, die* (mod. *dé*): estas fórmas explicam-se pelo lat. vulg. *d e a m[1], alongamento de d e m.—*N. B.* Parece que em send. se diz *deira* no mais-que-perfeito do indicativo.

270. STAR, «estar».

Pres. do indic.: *stöu, stás, stá;* no mais é regular: *stamos, stais, stã.*
Imperf.: *staba, stabas,* etc. (regular).
Perf.: *stube, stubiste, stubo, stubimos, stubistes, stubírũ;* e analogamente: *stubíra, stubir, stubisse.*
Pres. do conj.: *steia, steias, steia, stéiamos, stéiades, stéiã.*
Imperat.: *stá, stái.*

O infinitivo *star* vem do lat. s t a r e.—O indic. *stöu* vem do lat. vulg. *s t a o.—O pret. *stube* é analogico com *tube.*—O conj. *steia,* a que corresponde o gall. *estea* e *istia,* o astur. (*e*)*stía* e (*e*)*stie,* o leonês *estia,* explica-se como *deia,* por alargamento do lat. s t e m[2].

2.ª CONJUGAÇÃO

271. BALER, «valer».

Pres. do indic.: 1.ª pess. *balho,* 3.ª pess. *bal;* o resto é regular: *bales,* etc.
Pres. do conj.: *balha, balhas, balha,* etc.

---

[1] Baist, in *Grundriss der romanischen Philologie,* I, 367.
[2] Em port. ant. tambem ha *estê* < lat. s t e m. O moderno *esteja* vem de analogia com *seja* < s e d e a m.

Perf.: *cöube, cöubiste, cöubo, cöubímos, cöubístes, cöubírũ;* e assim pois: *coubíra, coubir, coubisse.*

Partic. pass.: *cöubido.*

No mais é regular: *caba, cabas,* etc.; só no fut. *caberei,* etc., e no condic. *caberię,* etc. poderá haver syncope de *-e-* (§ 261). — O infinitivo *caber* < c a p é r e (capĕre). — Sobre *cabo* vid. § 251. — Sobre *cöube — cöubo* vid. § 237, e Obs. 5.ª — O partic. *cöubido* formou-se como *tubido* (§ 259).

274. Caér, caiér e caír.

Pres. do indic.: *cáio, cáis, cái, caímos, caís, cáiẽ.*

Todos os demais tempos vão por este modêlo: *caię, cairei, cáia, cáias* (conj.), etc.

O infinitivo *caér* < c a d é r e (cadĕre); o infinitivo *cair* segue o modelo da 3.ª conj. (4.ª lat.); em gall. tambem ha *caer* e *cair;* em port. ant. tambem *caer* (mod. *cair*), conservado hoje, parece, na India. Com *caiér* cf. o hesp. ant. *cayer.* — *Cáio* está para *c a d e o (de c a d é r e) como *beio* (§ 272) para v i d e o.

275. Coincér, «conhecer».

Pres. do indic.: *conheço, conheces, conhece, coincémos, coincéis, conhécẽ.*

A irregularidade dá-se só nas fórmas correspondentes ás portuguesas em que *nhe* é tonico[1]; nas outras o verbo

[1] Como a comparação com o português póde á primeira vista perturbar o leitor, notarei que *conheço, conheces, conhece,* regulares em português, são em mirandês irregulares, comparadas com o infinitivo *coincér,* e que *coincemos, coinceis,* etc. (que creio não existem em português), são em mirandês regulares, comparadas com o mesmo infinitivo.

é regular em mir.: *coincìę*, *coincí*, *coincir* (só em emphase se dirá *conhecir*, etc.), *coincéndo*, etc. — Sobre *coincér* vid. § 109-Obs. 2. — Em port. arch. dizia-se *conhocer* < c o g n o s c é r e (cognoscĕre), com o respectivo presente *conhosco*, etc.; *conhecer* vem de *conhocer* por dissimilação de *o — o*, ou por influencia dos numerosos verbos em *-ecer* (do lat. -e-s c e r e); pelo infinitivo se regulou depois o presente *conheço* e os outros tempos, *conhecia*, etc. Em mirandês devem ter-se passado factos analogos.

276. Dolér, «doer».

Este verbo só ha occasião de o empregar na 3.ª pessoa do singular. Fórmas notaveis: no pres. do indic. *dǫl* (ex.: «assi me *dǫl*»); no pres. do conj. *dǫla* (em Duas-Igrejas), *dǫlga* em S. Martinho de Angueira.

A fórma *dǫl* vem de d ŏ l e(t) (§§ 58 e 152-*c*) e corresponde á hespanhola *duele*. — A fórma *dǫla* é analogica com a do infinitivo, como *caba*; sobre o *g* de *dǫlga* cf. § 224-*b*.

277. Fazér.

Pres. do indic.: *fago*, *fáis* (e parece que *fazes*) *faç* e *fái*[1], *fazemos*, *fazeis*, *fázę̃* e *fáię̃*[2].
Imperf.: *fazìę*, etc. (regular).
Perf.: *fiç*, *faziste*, *fizo*, *fazimos*, *fazistes*, *fazirũ*[3].

---

[1] «..... que *fái* bię̃ a los mesmos»; «ũ ome que *fái* ũŋa ca*ſ*a»; «él *fai*-lo»: Bernardo Monteiro in *Revista de educação e ensino*, IX, 257, 258 e 259.

[2] Ouvi *fáię̃* a gente da Malhadas; e *fazę̃* a gente da Póvoa. Em Duas-Igrejas ouvi as duas fórmas. O Sr. Bernardo Monteiro, que é da Póvoa, emprega pelo menos *fazę̃*: «*fazę̃* múitos aiunos», «*fazę̃* tamię̃ los pecadores».

[3] Cf.: «i los *fazirũ* sentar»: Bernardo Monteiro in *Revista de educação e ensino*, IX, 501.

Fut.: *fazerei* (e parece que tambem *farei, farás,* etc.), etc. (regular).
Condic.: *fazerię* (e parece que tambem *farię,* etc.), etc. (regular).
Pres. do conj.: *faga, fagas, faga, fágamos, fágades, fágã*[1].
Por *faziste* se formaram os seguintes: *fazíra, fazíras* (etc.); *fazir, fazires* (etc.)[2]; *fazisse, fazisses* (etc.).
Imperat.: *fai, fazei*[3].
Partic.: *fazendo; feito.*

O infinitivo vem de facére (facĕre). — Sobre *fago, fagas,* (em dial. ital. *fag,* in *Zeitschrift* de Gröber, XIV, 136), em gall. *faga,* vid. § 223; *fais* (cf. astur. e berciano *fais*) — como *trais; fazes,* cf. hesp. arch. *façes,* port. *fazes,* < facis, ou antes *faces, — ou analogia com *fazer; fai* (cf. gall. *fai,* astur. *fay*) — como *trái; fazẽ* como *fazes; faiẽ* (cf. astur. *fayin* e *fáin,* gall. *fan*[4]), como *tráiẽ*[5]. — Sobre *fiç* < feci e *fizo* vid. § 237-Obs. 6; *faziste* e as demais fórmas seguiram a analogia de *fazes* e *fazer* (cf. § 280). — O imperat. *fai* corresponde ao indic. *fáis;* e *fazei* a *fazeis.* — Á cêrca d'este verbo vid. Rydberg, *Le développement de* facere, Paris 1893, obra que porém só conheço pelas criticas da *Romania* e do *Literaturblatt.*

---

[1] Tambem o Sr. Bernardo Monteiro emprega na *Revista de educação e ensino,* IX, por ex.: *faga* (257), *fagas* (258), *fágamos* (502) e *fágã* (257).

[2] Por ex.: *fazirdes:* B. Monteiro, *Rev. de educação,* IX, 257.

[3] B. Monteiro: «*fai* isto, e él *fai*-lo» (in *Reporter,* n.º 1526; *Revista de educação e ensino,* IX, 259); «*fazei* bĩẽ» (*Revista de educação e ensino,* IX, 257).

[4] O gallego tem tambem no infinitivo a fórma *far,* com a qual se relaciona *fan,* como *están* com *estar.*

[5] Para realizar esta influencia, podiam ter influido as analogias phoneticas que ha entre *fago — trago, faga — traga.*

277-*bis*. Habér.

Vid. os §§ 260 e 260-*bis*.

278. Lér.

Pres. do indic.: *lèio, léis, léi, lémos, léides, léiẽ̯.*
Perf.: *li, liste,* etc. (regular); e assim, *lir, líra, lisse.*
Pres. do conj.: *léia, léias.*
Os outros tempos: regulares.

O infinitivo *lér* vem de legére = legĕre (§ 135).— O presente *leio* de lego, presuppõe leo, representado ainda pelo gallego; *leis* < le(g)is, *lei* < le(g)i(t), *lemos* < *le(g)emus (§ 70) < legimus, *léides* < le(g)itis, *leiẽ̯* refeito conforme a 3.ª pessoa do singular.

279. Podér.

Pres. do indic.: *pǫdo, pǫdes, pǫde, podémos, podeis, pǫdẽ̯;* e assim o conj.: *pǫda, pǫdas, pǫda, pǫdamos, pǫdades, pǫdã.*
Imperf.: *podìe̯,* etc. (regular).
Perf.: *pude, pudiste, pudo, pudimos, pudistes, pudírũ;* e assim *pudíra, pudisse, pudír.*
Fut. e condic.: *poderei* ou *pod'rei; poderìe̯* ou *pod'rìe̯* (cf. *habrei*).
Partic.: *podendo, podido.*

O infinitivo *podér* vem de *pŏtére, fórma latino-vulgar de *posse,* criada pelo modêlo de pŏtes, que deu *pǫdes;* e assim *pŏtet > *pǫde,* pŏtémus > *podemos,* *pŏtent > *pǫdẽ̯;* a 1.ª pess. *pǫdo* regulou-se pelas outras do singular, como que corresponde a *pŏto; sobre o *ǫ,* proveniente de *ŏ* tonico, vid. § 58.— O conjunctivo seguiu o modêlo de *pǫdo.*— Cf. hesp. *puedo, pueda.*

280. Ponér, «pôr»:

Pres. do indic.: *pongo, pones, põ;* o resto regular: *ponémos, ponéis, ponę̃*[1].
Imperf.: *ponìę*, etc. (regular).
Perf.: *pus, poniste, puſo;* o resto regular: *ponimos, ponistes, ponirũ;* e por *poniste,* se regulam *ponira* (m.-q.-perf. do indic.), *ponisse* (imperf. do conj.), *ponir* (fut. do conj.)[2].
Fut. e condic. regulares: *ponerei, ponerìę.*
Pres. do conj.: *ponga, pongas, ponga, póngamos, póngades, póngã.*
Partic.: *ponendo, pǫsto.*

O infinitivo *ponér* vem de p o n é r e (ponĕre); cf. hesp. *poner*, port. arch. *põer* e *poer* (a fórma mod. *pôr* deduziu-se de *porei* < *poerei*). — Sobre *pongo* e *ponga* vid. § 224-*b; pones* < p o n i s ou *p o n e s, ou regulado por *ponér; põ* < p o n i(t) ou *p o n e(t) (§ 152-*c*): cf. gall. *pon.* — Sobre *pus* e *puſo* vid. § 237-Obs. 5 e 6; a 2.ª pessoa *poniste* e as outras do plural regularizam-se pelo thema de *pones* e de *ponér*, como *faʒiste* (§ 277). — *Pǫsto* > p ŏ s i t u- (§§ 58 e 70).

281. Querér (ou q'rér).

Pres. do indic.: *quîęro, quîęres* ou *quîęs*[3], *quîęr, q'remos, q'reis, quérę̃.*
Imperf.: *querìę*, etc. (regular).

---

[1] Cf. «e las *põ* por obra»; «Mìę mái i mìus armanos söũ aqueilhes que öubę̃ la palabra de Dìus i la *ponę̃* por obra»: Bernardo Monteiro in *Revista de educação e ensino*, IX, 258 e 253.

[2] Cf.: «p'ra que los *ponissę̃* delantre»: Bernardo Monteiro in *Revista de educação e ensino*, IX, 501. «Assi que se *ponir* a l pescoço»: id. in *O Mirandês* (jornal), n.º 33.

[3] *quîęs* ir alhá; *quîęs* fazer isto; *quîęs* u nũ *quîęs;* ou *quîęres,* mais raro.

Perf.: *quiſe* e *quix*[1], *quejiste*, *quijo* e *quiſo*, *quejimus*, *quejistes*, *quejirũ*; e assim: *quejira*, *quejisse* e *quejir*[2].
Fut. e condic. regulares: *quererei* (ou *q'rerei*), *quererìę* (ou *q'rerìę*).
Pres. do conj.: *querga*, *quergas*, *querga*, *quérgamos*, *quérgades*, *quérgã*[3].
Partic.: *querendo*, *querido*.

O infinitivo *querer* vem de q u a e r é r e (quaerĕre). — Sobre *quîęro* < q u a e r o = q u ĕ r o vid. § 226-*a*. — *Quîęs* < *quîer's* (assimilação[4]). Sobre *quiſe* e *quiſo* vid. § 237-Obs. 5 e 6; a fórma *quix* assenta em *quije*, que talvez exista em mirandês (cf. port. pop. *quije*, gall. *quixen* = *quixe-n*, pois *x* gall. <> *j* port.); depois *-e* apocopou-se (§ 152-*c*), e, como não póde haver *j* final (cf. p. 321), este som transformou-se na respectiva consoante surda; o *e* de *quejiste* póde explicar-se pelo *e* (= *ae*) de q u a e s i(v) i s t i; cf. hesp. *quesiste*. — Sobre *quérga* vid. § 224-*b*.

282. Requerér (ou req'rér).

Pres. do indic.: *requîęro*, *requîęres*, etc. (como *querer*).
Pres. do conj.: *requeira*, *requeiras*, etc.

No mais é regular: *req'ri*, *req'riste*, etc. — É provavel que *requeira* seja devido a influencia do português.

---

1 Note-se que é *quix* com *-x*, e não com *-s*.

2 Cf.: «el que *quejir* salbar»: Bernardo Monteiro, in *Revista de educação e ensino*, IX, 502.

3 Cf. a phrase vulgar *Dius querga que*.

4 Em Gil Vicente tambem se encontra *ques*, que o Sr. Adolfo Coelho, *Questões da lingua portuguesa*, I, 419, explica imperfeitamente; essa fórma está por *quer's*, como a mirandesa, e o *r* assimilou-se ao *s*.

283. Saber.

Pres. do indic.: *sei, sabes, sabe, sabémos, sabeis, sábẽ̮.*
Imperf.: *sabìẹ̮,* etc. (regular).
Perf.: *söube, söubiste, söubo, söubímos, söubístes, söubírũ;* e assim: *söubíra, söubisse, söubir.*
Fut. e condic.: *sab'rei, sab'rìẹ̮,* etc.
Pres. do conj.: *sába, sabas,* etc. (regular)[1].
No mais é regular.

O infinitivo *sabér* < s a p é r e (sapĕre).—Com *sei* cf. port. e gall. *sei,* hesp. mod. *sé*[2]*;* quanto ao modo de formação cf. *hei:* parece que no lat. vulg. da Iberia devia haver *s a i o ou *s a i (< > s a p i o).—Sobre *söube* e *söubo* vid. § 237 e Obs. 5.—A fórma *saba* (cf. hesp. arch. *saba*) é analogica, como *pọda.*

283-*bis*. Sér.

Vid. os §§ 261–262.

283-*ter*. Tenér.

Vid. os §§ 258–259.

284. Traiér, «trazer».

Pres. do indic.: *trago* e *trazo, tráis, trái, traiémos, traiéis, tráiẽ̮.*—Em send. *tráio.*
Imperf.: *traìe, traìẹ̮s,* etc.
Perf.: *truxe, traíste, truxo, traímos, traístes, traírũ;* e assim: *traíra, traír* (tambem ouvi *truxisse,* mas será geral?).
Pres. do conj.: *traga, tragas,* etc.

---

1 «Puis p'ra que *sabas*»: Bernardo Monteiro, *Revista de educação e ensino,* ix, 254.

2 Em hespanhol ant. ha *sey,* que será de origem leonesa: vid. Gassner, *Das altspanische Verbum,* 1897, p. 105.

Imperat.: *trái*[1], *traiei* ou *treiei-me*.
Partic.: *traiendo* (pronúncia: *trai-en-do*), *traído* (pronúncia: *tra-í-do*).

O infinitivo *traier* < *tragére (§ 223); cf. hesp. e gall. *traer*.—A fórma *trazo* deve ter origem portuguesa, pois usa-se popularmente noutros pontos de Tras-os-Montes, por exemplo em Montezinho; sobre *trais*, *trai* e *traga* vid. § 223.—Sobre o preterito vid. § 237.

3.ª CONJUGAÇÃO

285. Benir, «vir».

Pres. do indic.: *bengo, benes, bẽ, benimos, benis, bénẽ̥.*
Imperf.: *benìe, benìe̥s*, etc. (regular).
Perf.: *bĩ, beniste, bino* e *bi̥ęno*[2], *benimos, benistęs, benĩru.* Do mesmo thema: *benira, beniras*, etc.; *benisse, benisses*, etc., *benir, benires*, etc.[3]
Fut.: *benerei* (*benęrei*), *benerás*, etc. } (regular)[4].
Condic.: *benerìę, benerìe̥s*, etc. }
Pres. do conj.: *benga, bengas, benga, béngamos, béngades, bengã.*
Imperat.: *bẽ, bení.*
Partic. pres.: *benindo* } (regular).
Partic. pass.: *benido* }

---

[1] Cf. «*trai* acá ęl töu filho»: Bernardo Monteiro, *Revista de educação e ensino*, ix, 503.

[2] Em Duas-Igrejas tanto se usa *bi̥ęno* como *bino*. Não sei se no plural se usam fórmas com o ditongo (*beni̥ęrũ*, por exemplo). O Sr. Bernardo Monteiro, ao passo que emprega *benírũ* (in *Revista de educação e ensino*, ix, 264) emprega tambem com muita frequencia *bi̥ęno*, ex.: «*bi̥ęno* tenér co' el ũ ome» (*ibid.*, 263), «i *bi̥ęno* bonança» (*ibid.*, ibid.), «*bi̥ęno* ũ dezir al príncepe». (*ibid.*, 265), etc.

[3] Cf. «quando *benir*»: in *Revista de educação e ensino*, ix, 502.

[4] Cf. «*benerá* perdé-la»: in *Revista de educação e ensino*, ix, 502.

O infinitivo *benir* vem de venire (§§ 109 e 152-*c*). — Á cêrca de *bengo* e *benga* vid. § 224-*b*. Esperar-se-hia *bienes* = vĕnis (§ 50), cf. hesp. *vienes*, — e igualmente *biẽ*, cf. hesp. *viene;* mas de certo se propagou ás outras fórmas tonicas o *e* da 1.ª pessoa, onde ha *e*, e não *ĭę*, segundo a regra que foi dada no § 49. — Á cêrca de *bĩ* < veni e de *bino* vid. § 237-Obs. 5; *beniste* < venisti com propagação do *i* da 1.ª pessoa; a fórma *bĩęno* corresponde a **beno* (§ 237-Obs. 5) e á hesp. arch. *vieno;* o *ĩę* é ditongamento do *ĕ* de *vĕnu(t), que é a unica fórma que explica o port. arch. e pop. *vẽo*, e pop. tambem *veu* (*beu*). — Á cêrca de *benerei* e *benerìe* vid. §§ 247-Obs. e 248-Obs. 2. O imperat. *bẽ* corresponde normalmente á 2.ª pessoa do pres. do indic. *benes; bení* é analogico. — *Benindo* e *benido* são regulares.

286. Caír.

Vid. § 274.

287. Dezir, «dizer».

Pres. do indic.: *digo, dizes, diç* (e *dize-se*, impessoalmente), *dezimos, dezis, dizẽ*.
Imperf.: *dezìe, dezìes*, etc. (regular).
Perf.: *dixe, dexiste* e *deziste, dixo, deximos* e *dezimos, dexistes* e *dezistes, dexírũ* e *dezírũ;* e nos tempos correspondentes: *dezíra* e *dexíra, dezisse* e *dexisse*[1], *dezir*.
Fut.: *dezirei*.
Pres. do conj.: *diga, digas, diga, dígamos, digades, digã*.

---

1 Ex.: «algũa palabra que yöu *dexisse* sĩ q'rer»: Bernardo Monteiro in *O Mirandês* (jornal), n.º 33. O mesmo A. emprega ibidem tambem *dexiste*.

Imperat.: sing. *dize*[1] (e *di-le*[2]), pl. *dezi*[3].
Partic.: *dezindo*, *dito* ou *dezido* (menos usual).

O infinitivo *dezir* vem de dicere, que passou para a 4.ª conj. (lat.) = 3.ª mir. (§ 207).—*Digo* < dico (§ 124); *diga* < dicam; *diç* < dicit (§ 128); o pl. do pres. é regular.—*Dixe* < dixi (§ 142-*l*); é tambem fórma pop. port.; cf. gall. *dixen* = *dixe-n*, hesp. ant. *dixe*, mod. *dije*. Creio que *deziste*, *dezimos*, *dezistes* e *dezirũ* são mais vulgares que as respectivas fórmas com *x*.—O imperat. *di-le* explica-se por *diz'-le* com assimilação (§ 150).—Em send. *dia* e *diã* no conj.

288. Ir.

Pres. do indic.: *böu, bás, bai, bamos, ides, bã.*
Imperf.: *iba, ibas, iba, íbamos, íbades, ibã.*
Perf.: *fui, fuste, fui, fumos, fustes, fúrũ;* e assim: *fura, fusse, fur.*
Fut. e condic.: deve ser *irei, irìe.*
Pres. do conj.: *báia*[4].
Imper.: sing. *bai;* pl. *ide*[5].
Partic.: *indo, ido.*

O infinitivo *ir* < ire.—*Böu* < *vao < vado, que serviu de modêlo a *söu* e *stöu*, em virtude do grande emprêgo do verbo *ir*, já com o seu valor proprio, já como

---

[1] «Se sós filho de Dìus, *dize* a esta pįedra»: in *Revista de educação e ensino*, IX, 163.

[2] Por exemplo, num conto popular que ouvi em Duas-Igrejas: «*di-l'a* töu pai».

[3] «Aonde antrardes, *dezi* pormeiro todo», «salindo polas sùęs praças *dizi* (= *dezi*)»: in *Rev. de educação e ensino*, IX, 504 e 505.

[4] Por ex.: «que *báia* cum nós».—O Sr. Bernardo Monteiro emprega essa fórma, por exemplo, no seguinte passo: «qu' yöu *báia* pormeiro disponér», in *Revista de educação e ensino*, IX, 504.

[5] Por ex.: «*ide* dezir a Joã»: Bernardo Monteiro, *Revista de educação e ensino*, IX, 260.

auxiliar. *Bás* não de vadis (< port. *vaes*), mas por analogia com *stás* e com outras fórmas que tem *-s* no singular, a seguir á vogal tonica, como *bés, sós* (e por opposição tambem ás fórmas que na 2.ª do pl. terminam em *-is*). *Bai* < vadit. *Bamos* segue a analogia de *stamos*, como *bás*. *Ides* < itis. *Bą̃* como *stã*. Cf. hesp. *vas, van;* port. arch. *vas;* gall. *vas* e *van*.— O imperf. é o lat. iba(m), ibas, etc.; *iba* é commum ao hesp., ao gall., e ao port. pop. do N.; o gall. tem a par *iña* (por influencia de *viña*), como no dialecto alemtejano *inha*.— O perf. é como o de *ser* (isto mais prova as grandes analogias que se estabeleceram entre os dois verbos).— Com *baia* cf. o cast. ant. *vaia*, mod. *vaya*, gall. *vaya:* < *vadiam = *vadeam (gall. *vaa*, port. *vá* < vadam).—*Ide* < ite.

289. SALIR, «sair».

Pres. do indic.: *salo, sales, sal, salímos, salís, sálę̃*. É pois quasi todo regular.
Imperf.: *salię̀*, etc. (regular).
Perf.: não o ouvi, mas deve ser *salí*, e assim os tempos que lhe correspondem.
Fut.: *salerei*.
Pres. do conj.: *sala, salas*, etc. (regularmente), e *salga*.
Imperat.: *sale*[1] (e *sal?*), *salí*.

O infinitivo *salir* < salire (§ 112).—*Sal* < sali(t) como *põ*, etc.— O conj. *salga* explica-se segundo o § 224-*b;* cf. hespanhol. A fórma *sala* é analogica, como *saba;* tambem no *Libro de Alexandre*, v. 140, se encontra *sala*, que Rufino Lanchetas na *Morfología del verbo castellano*, Madrid 1897, p. 123, explica inexactamente por desenvolvimento phonetico de saliat.

---

[1] «*Sale* pa la rùe»: in *O Mirandês* (jornal), n.º 33.

III. Particulas[1]

290. Muitas das particulas latinas conservaram-se; outras foram substituidas. No que vae ler-se considerarei os seguintes grupos: preposições, adverbios, conjuncções e interjeições.

A) PREPOSIÇÕES

291. As mais usadas são:

a — de a d (§ 107);

ã-caſa-de, ã-caſ' de e *ã-cá* — de in casa. Ex.: «iba *ã caſa de* l carpinteiro», «fúrũ a tenér *ã-caſ' de* l rei», «chigórũ *ã-caſ-d'* ũ rei cristiano», «fui *ã-cá-de* F.», «venho d'*ã-cá-de* F.», «ir para *ã-caſa-de* F.». Numa phrase como «star *ã-caſa-de* F.» a expressão *ã caſa de* petrificou-se em fórma de preposição < > lat. apud, e depois passou a empregar-se em todas as circumstancias, mesmo com verbos de movimento, com os quaes apud não é classico em latim. Visto que essa expressão se tornou unidade phonetica, foi tratada como se fosse uma palavra só, e por isso *caſa* perdeu primeiro o *a*, e depois o *ſ*. Outras lingoas offerecem á consideração factos analogos: o fr. tem *chez*, que vem do lat. casa-[2]; em gall. diz-se *en cas teu pai*[3]; em andal. diz-se *en cá e* (= em

---

[1] No meu opusculo *O dialecto mirandês*, 1882, dei já uma lista das principaes particulas mirandesas, a qual transcrevo para aqui augmentada.

[2] Com quanto *chez* seja na origem substantivo, tem o valor de preposição em phrases como «je suis *chez* moi», etc.

[3] Valladares y Nuñez, *Diccionario gallego-castellano*, s. v. «cas». Cf. Saco Arce, *Gramática gallega*, p. 252.

casa de)[1]; em catal. diz-se *de cá 'l general, de cá 'n Brós*[2], e, segundo li em jornaes, *de casa la mare, en casa la tieta* (*tieta,* deminutivo de *tia*), *de ca la mare, de casa la tieta*[3], e ainda, como eu mesmo ouvi em Barcelona, *a ca l'oncle* («a casa do tio»); o *Libro de Alexandre* tem *en cas*[4]; «en toda España se usa *en ca fulano*[5]»; o ital. do Norte tem *ca*[6]; finalmente o port. ant. offerece numerosos exemplos (como *en cas dos frades, a cas del rey, a cas de hũu cavaleyro, en cas sa madre,* etc.), que foram já apontados por Viterbo[7] e por Diez[8], e principalmente colligidos pelo Sr. J. Cornu[9]; o port. pop. tambem pelo seu lado nos ministra *cas de,* segundo um artigo que citei noutro lugar[10]. Pode ver-se ainda sobre o francês, o hespanhol, o florentino e o veneziano, Nyrop, *Grammaire de la langue française,* I, 209.—Com tão boa documentação ninguem estranhará que do lat. vulg. in casa de < > port. *em casa de,* mir. *ã casa de,* se chegasse neste ultimo idioma a *ã-cas de* e *ã-cá,* que, segundo se viu, funccionam como preposições[11].

---

1 F. R. Marín, *Cantos populares españoles,* I, 82.

2 Nonell, *Gramática catalana,* pp. 140–141.

3 Vid. por ex. *La Veu de Catalunya,* de 2 de Abril de 1899.

4 Apud Morel Fatio, in *Romania,* IV, 41.—Na lingoagem popular hespanhola ainda hoje se usa *cas* por *casa,* segundo diz o *Diccionario de la Académia Española,* s. v.

5 R. Menéndez Pidal, *El bable de Lena,* Gijón 1899, p. 20.

6 Apud Schuchardt in *Zeitschrift für romanische Philologie,* V, 305.

7 *Elucidario,* s. v. «cas».

8 *Ueber die erste portugiesische Kunst und Hofpoesie,* Bonn 1863, p. 123.

9 In *Romania,* IX, 83–84.

10 In *Annuario das tradições populares portuguesas,* 1882, p. 85.

11 Como illustração do assunto notarei que o phenomeno phonetico que se deu na passagem de *casa* para *cas* e *cá* se deu tam-

antes — de ante + -s.
antre — de inter > *intre (em próclise, in- > an-, § 75); cf. port. arch. e ainda pop., e gall. *antre.*
até — de ad tĕnu-s, tornado talvez *atténe em próclise; a fórma antiga portuguesa é *atẽ,* que, tambem em virtude da próclise, se denasalou. Fórma popular portuguesa parallela é *inté,* com in- por ad-.
cérca — de cĭrca. Ex.: «stá a *cérca de* nós» (ao pé de nós); cf. hesp. *cerca* no mesmo sentido.
cũ — de cum (§ 97-Obs. 3). Póde desnasalar-se (§ 38), tomando a fórma *co* (ou *co'*); ex.: *co' eilhas, co' las outras* (= *culas öutras,* § 199).
de — de de.
debaixo — de *de baixo de;* ex.: *debaixo la cama* (note-se a omissão da preposição *de*).
depuis — Vid. os Adverbios.
desde — de de ex de.
para, pr'a — de per ad. Póde tambem tomar a fórma *pa,* sobretudo antes de *l, lh* e *r* (§ 199): «*pa* la feira», «*pal* mercado», «*pals* mercados», «*pa 'li* (= para (al)li)», *pa 'lhi,* «*pal* dar (= pa l(e) dar)», «*pa* riba». A fórma contracta *pal* póde explicar-se por *par 'l,* com assimilação de *r* a *l.*—

---

bem no nosso onomastico na mesma palavra, mas com funcção differente. Os nomes de lugar *Cás-Freires* na Beira-Alta, e *Cás-Lopo* e *Cás-Louredo* no Minho, explico-os sem hesitação por *Casa dos* (ou *de*) *Freires, Casa do Lopo, Casa do Louredo.* É provavel que o nome de lugar *Cascorrea,* no districto de Aveiro (se é que se pronuncía *Cascorreia*) se explique tambem por *Cas-Correa,* poisque *Correia* se encontra no onomastico mais de uma vez. De igual maneira explico ainda os nomes de lugar gallegos: *Cascarballo* (= Cas-Carballo), *Casdemendo* (= Cas-de-Mendo), *Casdiego* (= Cas Diego), *Casmartiño* (= Cas-Martiño).—Descoberto o caminho, facil será agora proseguir nelle, e achar dezenas de outros exemplos!

No dialecto hespanhol de Santander diz-se tambem *pallá* (= *para allá*)[1].

por — de per ou pro. Póde tomar a fórma *po*; ex.: «de *po* lhi fóra» (com assimilação de *r* a *lh-*).

sĩ — de sine, § 54.

subre — de sŭper > *supre. Presuppõe *sobre*, como em português, mas, por causa da próclise, o *o* atono tornou-se *u*. Póde tomar outras fórmas; ex.: *subr' isto*, *sub' la mesa* (= **súber la mesa*, com metathese apparente e assimilação); e ainda *súbo-las öutras*[2].

B) ADVERBIOS

292. Dispô-los-hei segundo as suas categorias:

a) De lugar:

eiqui — de eccu' hic. Cf. port. *aqui*, gall. *eiqu:*. Sobre o *ei-* vid. § 73.

acá — de ecc' hac ou eccu' hac. Cf. port. ant. *acá*.

ende, *aende* (em port. «ahi») — de inde. Ex.: «anda *d'ende*» (anda d'ahi). Cf. hesp. arch. *ende*, port. arch. e gall. *ende*, ital. *ne* (arch. *enne*), prov. *ent*, *en*, *ne*, fr. *en*, etc. — Em mir. juntou-se *a*, como no port. *aonde*. — Da ideia contida no lat. inde passou-se para a de *ibi*, como da de unde para a de *ubi*; por isso ad inde : *ibi* :: ad unde : *ubi*.

alhi, *eilhi*, *'li* — de ad + illic, cf. § 141-*a*. — Em Villar-Sêcco diz-se *ali* (ou *'li*, na phrase *pa-li*),

---

[1] Mugica, *Dialectos castellanos*, I, 7.

[2] Cf. Camões (Redondilhas): *Sobollos rios que vão*, etc.

ao passo que em Duas-Igrejas se diz *eilhí* e *alhí* (ou *'lhi* na phrase *pa-lhí*): estas differenças motivaram zombarias tradicionaes, de que se fallou a p. 14.

alhína — em port. «alli». Usa-se em Ifanez (mirandês raiano); ex.: *pa-'lhina* (para alli), *po-'lhina* (por alli). Cf. quanto á fórma o hesp. arch. *allende* (onde entra -inde)?

aquína — em port. «aqui»; ex.: *por quína*. Usa-se em Ifanez[1].

alhá e *acolhá* — de ad + illac e eccu' illac, cf. § 141-*a*.

adonde («onde») — de *d'onde* com *a* prosthetico: cf. *aende*. — Em port. pop. tambem se diz *adonde* no sentido do *ubi* latino.

alantre e *delantre* — de ad in ante; cf. hesp. arch. *denante* < de in ante, prov. *denan*: *n — n* dissimilou-se em *l — n*, d'onde o hesp. *delante* = *de-lante*, cf. mir. **a-lante*; sobre o *r* epenthetico cf. § 151-*b*. No *Libro de Alexandre* lê-se *adelantre*. — Ex. de phrase mir.: «por ũ camino *alantre*».

a riba — de ad ripa(m). Ex. de phrase: «por essas tįerras *a riba*». Tambem se diz: *alhá riba*[2]. — *Em riba* e *a riba* são particulas muito vulgares na lingoagem popular portuguesa.

longe — de longe. — Vid. § 142-*f*.

de leuga — ex. (num conto): «que le chéira *de leuga*», i. é, *de longe*. Locução composta de *de* e *leuga* («legoa»).

de po lhi fǫra — «de por alli fóra», «de longe».

fǫra — de fora-s.

---

[1] Dizem-me que tambem em Ifanez se usa *p'ra tina* (em vez de «para ti»). — Será tudo isto commum? Ou será uma especie de giria, pois nesta se encontram ás vezes processos semelhantes?

[2] Cf. na Beira: *lá riba* («lá cima»), e o hesp. *arriba*.

drento (em port. «dentro») — de d e i n t r o. Na lingoagem pop. port. é tambem vulgar *drento, lá drento.* — A palavra de que se trata póde tambem ser preposição.

b) D e t e m p o:

oije — de h o d i e: § 87-*a.* — A palavra talvez seja de origem portuguesa: cf. § 59-Obs. 1.
onte — de a(d) n o c t e(m): cf. Cornu, in *Romania,* XI, 91. — Mesmo em português a palavra deve escrever-se pois sem *h.* — *Trás d'onti,* «antes de ontem».
manhana — (significa «amanhã»; ex.: «böu alhá *manhana*»), de *m a n i a n a, derivado de m a n e, como *a n t i a n u s de a n t e. — *Passado manhana,* «depois de amanhã», cf. hesp. *pasado mañana.*
agora — de h a c h o r a (§ 124).
yá — de i a m: (§ 102-*a*); cf. hesp. *ya.*
lhöugo — de l o c o: § 58-Obs. 5.
sie̜mpre — de s ĕ m p e r > *s ĕ m p r e (§ 49); cf. *antre* no § 291.
nunca — de n u n q u a(m): § 63.
d'atrás ou *de trás* — (locução), «d'antes». De d(e) a-t r á s; *trás* < t r a n s; por isso deve, mesmo em português, escrever-se com *s,* e não com *z.*
purmeiro ou *pormeiro* (e *ă purmeiro*) — vid. § 190. Numeral empregado adverbialmente, como em port. *primeiro.* Tambem se diz *ă purmeiro* (ou *prumeiro*). Numa serie: *ă purmeiro... a despuis;* como em latim: *primum... deinde.*
apuis, despuis, a despuis, a depuis (e *ă despuis*) — em port. «depois». O etymo não é muito claro, pois se *pŏst* explica perfeitamente o hesp. *pues* e o port. *a-pós,* não explica, por causa da existencia do *i,* nem as palavras mirandesas supra-

citadas, nem o port. e gall. *pois*[1]. Fôrça é recorrer a outro etymo: talvez esteja em p o s t e (lat. arch., conservado em lat. vulg.), tornado na pronúncia commum *p o s t i, como *tardi*[2] por *tarde;* de *p o s t i viria **poiste* ou **poist'*, como *quaise* ou *quais* de *quasi;* e de **poist* viria *pois*. A explicação convinha ao port., ao gall. e ao mir. (Ou póde admittir-se *p ŏ x, por influencia de *mŏx?* Tambem *p ŏ x dava perfeitamente *pois:* cf. *seis* < s e x). — O ditongo *-ui-*, de *-oi-*, explica-se pelo § 59. — *Apuis* = *a-puis; adespuis* = *a-des-puis; adepuis* = *a-depuis*. — O elemento *-des-* explica-se por d e e x: cf. port. pop. *despois*, hesp. *después*.

a las bezes — (locução adverbial), de *vez* < v ĭ c e- (§§ 152 e 128).

de presto, de prîęssa, de brebe — (locuções synonimas). *De presto* ouvi-a a gente de Paradella e Aldeia-Nova; *de prîęssa* a gente de Constantim; *de brebe* a gente de Duas-Igrejas. — *Presto* < p r a e s t o, § 69-*b*; cf. hesp. *presto*, gall. *presto*, port. *presto*, e *prestes* (que presuppõe *p r a e s t e - s). *Prîęssa* < p r ĕ s s a; cf. hesp. *priesa* e *prisa*, catal. *pressa*, etc. — *Brebe* < b r e v e -.

antõũ, antonces e *antóces* — de i n - t ŭ n(c) ou i n - t u m, e i n - t u n c c e - s, passando por *entom*, representado pelo port. ant. (no Minho ainda *antõu*). Sobre o *an-* vid. § 75; *-õũ* vem de *-om* (§ 69-*e*). — A fórma *antonces* usa-se na raia, *antóces* em Sendim, *antõũ* no mir. central: pelo menos tenho estas informações. Assim como a

---

1 No *Fuero d'Avilés*, ed. de Fernandez-Guerra, regista-se tambem *pois* (p. 170).

2 Fórma que se lê em Schuchardt, *Vokalismus des Vulgärlateins*, I, 254-255.

expressão *(a)li* serve de caracterizar os de Villar-Sêcco, segundo vimos a p. 14, assim os de Duas-Igrejas caracterizam os de Sendim, referindo que elles dizem: *mir' c' antóces* (= mira acá antonces). Tambem na Idade-Média *oïl* e *oc* serviam em França para distinguir os Franceses do Norte dos Provençaes. — Cf. hesp. ant. *entonce*, mod. *entonces*, gall. *estonces*. É notavel o desnasalamento que se observa no mir. *entóces*.

inda —— < > *ainda*, fórma conservada no port. litter. (no pop. tambem *inda*): < a b i n d e a d?

c) D e m o d o:

si —— de s i c (§ 125). Em ligação com *puis* e *mas*: *pu' sĩ, ma' sĩ*[1]. A primeira expressão corresponde á port. «pois sim»; a segunda, muito usada tambem, corresponde a *sĩ* emphatico. Em *puis* e *mas* o *s* foi assimilado ao *s* seguinte; em *puis* houve de mais a mais, na próclise, reducção de *-ui-* a *-u-*.

nó, *nũ* (*nu'*) —— o primeiro emprega-se em pausa, o segundo em próclise: de n o n (§ 110). Várias lingoas tem tambem dois ou mais pronomes, conforme se trata de próclise ou de pausa: aqui dou a lista dos que se usam nos dialectos portugueses:

nõu *nũ, nu'*	dial. interamnense
não *nũ, nu'*	dial. beirão
não *nã, na*	dial. meridional

---

1 *si* e *ma' si* são expressões que andam constantemente na bôca dos Mirandeses.

Em fr., por exemplo, diz-se *non* (negação absoluta) e *ne* (negação com verbos); em all. *nein* (primeiro caso) e *nicht* (segundo caso); em ital. *no* e *non;* cf. ainda em inglês o uso mais geral de *no* e *not*. — A fórma desnasalada mirandesa *nu'* emprega-se sobretudo antes de vogal e *m;* ex.: «*nu'* ha-de ser», «*nu'* me ls mates». — Cf. gall. *n'heide* (= non heide).

assi — de a(d) s i c. — Port. arch. *assi,* hesp. *así.*

tamĩẽ — de *tã bĩẽ,* tendo-se o *b* assimilado á nasal antecedente, e esta sido absorvida no *m* (cf. § 38). Na lingoagem pop. port. diz-se analogamente *tamém;* em andaluz creio que se diz *tamien;* em gall. ha *tamén:* os phenomenos são os mesmos que em mirandês.

tã, quã — como o port. *tão, quão,* na p. 251.

bĩẽ, send. *bĩẽ* (e *bĩ*) — de b ĕ n e: (§ 49 e Obs. 1).

mal — de m a l e: (§ 152-*c*).

mui, mi — de m u l t u -. Cf. § 155-10. Ex.: «*mi* probe», «*mi* bĩẽ», «*mi* bonito». É muito vulgar *mi* por *mui,* que na próclise devia primeiro pronunciar-se *mui,* d'onde, pela reducção de *ui* a *i,* resultou a fórma *mi.* Como succede em port., o adv. mir. *mui,* com a sua variante, só se emprega antes de adjectivo ou de adverbio.

pöuco — pronome (§ 203-*a*) empregado adverbialmente.

más, mais — de m a g i s. A fórma *más* usa-se de preferencia na raia (Ifanez, etc.); cf. hesp. *más.*

quaije — de q u a s i: (§ 115-Obs. 1 e § 202-Obs. 2). — O Sr. Bernardo Monteiro[1] tambem emprega *quaje,* ex.: «porque erã *quaje* cinco mil omes». Esta particula tem differentes fórmas na lingoagem pop. port.: *quaise, caije,* etc. Em gall.:

---

1 In *Revista de educação e ensino,* IX, 501.

cuasi ou *casi,* diz Saco Arce[1]; tambem neste idioma encontrei *cuas,* ex.:

Que *cuas* non poide na terra
Do seu sofrire c'o peso[2];

acauso—Vid. § 295-*b* (*si acauso*).
talbéç—em port. «talvez».
sequiȩra—de *se quiera.* Cf. *qualquiȩra* no § 203-*b,* e o hesp. *siquier* (ant.) e *siquiera.*—Ex.: «que nĩ *siquiera* a l menos p'ra adebertir[3]».
senó (em port. «senão»)—de si non: (§ 110).—Cf. hesp. *sino.*
sólo, só—de solu-. Adjectivo empregado adverbialmente. A fórma *só* usa-se pelo menos em Prado-Gatão, Póvoa[4] e Malhadas. Entra, por exemplo, nesta cantiga que ouvi a um indivíduo de Prado-Gatão:

Heid' ir a l ciȩlo, hei-d' ir,
Só por bé' las nọbas ro/as,
Trés negras i trés brancas,
I trés amariȩlhas cheiro/as.

Em Duas-Igrejas ouvi *sólo;* ex.: «*solo* ganhei tanto». Na Póvoa tambem se usa *sólo.*—A fórma *só* parece ser de origem portuguesa.—Em correlação com *mas,* acho *solo* no seguinte passo: «nũ *solo* a Pédro, mas a Tiago i a Joã»[5].

---

1 *Gramática gallega,* p. 198.
2 Galino Salinas Rodríguez, *A torre de Peito Burdelo,* A Cruña, 1891, p. 18.
3 Bernardo Monteiro, *O Mirandês* (jornal), n.º 33.
4 O Sr. Bernardo Monteiro, que é da Póvoa, tambem emprega *só;* ex.: «Adius, Malgarida! *Só* l que te pido yê que t'alhembres por acá de mi». In *O Mirandês* (jornal), n.º 33.
5 Bernardo Monteiro, in *Revista de educação e ensino,* IX, 502.

assente — «de proposito»; ex.: «yöu fiz isto, mas fui *assente*». — Participio de *assentar*.

d'afeito — ex.: *lubar d'afeito* («a eito»). — Assim como o port. *eito* vem de actus, o mir. *a-feito* vem de factus (não de *affectus*).

a d'reito e a tórto — em port. «a torto e a direito», fr. *à tort et à travers*.

a las abîęssas — em port. «ás avessas», de advĕrsus.

porquéi (interrogativo) — Vid. § 205-*b*. Em pausa diz-se *porquéi*, em próclise *porque*, ex.: «porque nũ t' hei-de bér? *Porquei?*». — Em port. tambem temos *porque* (em próclise) e *porquê* (em pausa).

293. Para formar certos adverbios de modo (cf. § 159) serve o suffixo *-mente* (como noutras lingoas romanicas), do lat. mente, ablativo de *mens;* ex.: *eisatamente, mesmamente;* mas tambem ouvi empregar ás vezes o suffixo *-mîęnte*. Deu-se a mesma hesitação em hespanhol, no decurso da sua existencia: *solamiente, conescidamiente, mayormiente, señaladamiente* (hesp. arch.), e com *-mientre: paladinamientre, nombradamientre, firmemientre* (hesp. arch.)[1]; as fórmas *-mientre* e *-miente* já não se encontram no «Ordenamiento real» (sec. xv)[2]; hoje só se usa *-mente*.

294. Os adverbios em *-mente* (§ 293) tem naturalmente graus, como os adjectivos de que provém. — Locuções superlativas: *mui de presto, mui de prîęssa, mui de brebe*.

---

[1] Apud Galindo, *Progresso y vicisitudes del idioma castellano*, pp. 87 e 137; Muñoz y Rivero, *Paleografia*, 1889, p. 385. — Cf. tambem Diez, *Grammaire des langues romanes*, II, 428; e Morel Fatio, in *Romania*, IV, 46.

[2] Galindo, *loc. laud.*, p. 171.

C) CONJUNCÇÕES

295. Enumerarei as mais importantes:

a) Coordenativas:

i — de et. O *e* foi reduzido a *i* como em port. mod. *e;* cf. hesp. *y* e *é* (que porém não se empregam indifferentemente). — A reducção a *i* deve ter-se dado primeiramente antes de vogal atona (§ 83); depois o emprêgo de *i* generalizou-se. Em gall. ainda hoje se usa *é,* que é a fórma mais antiga, antes de consoante, etc.; e *y,* que é a mais moderna, antes de *a, o, u,* atonos[1].

u — de aut: § 69.

mas, mais — de magis. Na ling. pop. port. tambem se usa *mais* por *mas,* como em gallego.

nĩ — de nec (cf. §§ 51-*g* e 125). A fórma intermedia foi *ni,* representada pelo hesp. mod. *ni,* pelo prov. *ni,* fr. *ni,* catal. *ni.* Á fórma nasalada *nĩ* corresponde o hesp. ant. *nin* com *n* final, e o gall. *nin;* cf. tambem o sardo *nen* e o port. *nem* (= *nẽ, nãi*). O desenvolvimento da nasal deve-se á influencia do *n* inicial, e á tendencia que tem o *i* para se nasalar: cf. port. pop. *nõjo* (nojo), etc.

b) Subordinativas:

se — de si.

si acauso — de *a caso.* Em port. «acaso», «se acaso». Na ling. pop. port. é vulgar a fórma parallela *acuaso*[2]. — Em *si acauso,* o *i* de *si* resulta de a palavra seguinte começar por vogal (§ 83).

---

1 Cf. Saco Arce, *Gramática gallega,* pp. 208–209.

2 *Revista Lusitana,* IV, 53.

's que — de *des que;* esta última fórma usa-se muito na lingoagem pop. port. Exemplo mir.: «la filha, *'sque* bìu l bestido» (num conto popular).
quando — de quando.
ãquanto — em port. «emquanto».
cumo — em port. «como», de quomodo: § 63.
que — no sentido do lat. ut (integrante e consecutivo).
porque — de *por* + *que.*
p'ra que — de *para que.* Cf. *p'ra* no § 290.
inda que, indasque[1] — de *inda* + *que.* Vid. *inda* no § 292. Tanto *inda que* como *indasque* são vulgares na lingoagem popular portuguesa.

D) INTERJEIÇÕES

296. Notarei apenas estas:

ói! no sentido do nosso *oh!*
ah! no mesmo sentido; ex: «*ah!* molhi̊ẹr!».
òlá! no mesmo sentido que em português (cf. p. 241).
ála! exclamação para partida. Tambem no dialecto hespanhol de Bizcaia[2].
áulto! áulto alhá! em port. «alto! alto lá!». O desenvolvimento do *u* antes de *l* gutturalizado é frequente, mesmo em português, onde tambem se diz *áulto.* Cf. no Minho *áurto,* e em ladino (Ascoli, *Archiv. glottol. ital.,* I, 12) *ault,* etc; e Schuchardt, *Vokalismus,* II, 494; e Mussafia, *Nordital. Mund.,* p. 10.
mira! no sentido de «olha». Cf. hespanhol *mira.*
adìus! em port. «adeus!».

---

[1] «you, indasque söu nọba, tengo ũ bocado de carátele»: Bernardo Monteiro in *O Mirandês* (jornal), n.º 33.
[2] Cf. Mugica, *Dialectos castellanos,* I, 55.

IV. Formação de palavras

297. Não posso aqui entrar em desenvolvimentos, pois os processos adoptados pelo mirandês para a formação de palavras novas não differem essencialmente dos que o português adoptou.

298. Suffixação:

a) De alguns suffixos já se tratou no decurso d'este livro:

deminutivos *-ico, -inho, -err-ico* (ex.: *pequ-err-ico;* p. 331 sqq.), *-uco* (ex.: *fachuco*), a p. 340.

augmentativo *-öũ* (§ 179); de *-ona* fallou-se tambem a p. 123.

-ǫnha, vid. p. 122; corresponde-lhe o masculino *-ǫnho;* ex.: *anfandǫnho* («enfadonho»); *medǫnho* («medonho»).

-algo, de -aticu; ex.: *binhalgo,* vid. p. 281;

-és, fem. *-éſa;* ex.: *mirandés, mirandéſa, borréſa*[1], corresponde ao port. *-ês* e *-êsa:* vid. p. 34.

-eiro; ex.: *bueiro* (de *bui*), *anfeitadeira* (de *anfeitar*), *azanheira* (de *azanha*), *capoteira* (de *capote*), *andrineira* (de *andrina*). É igual ao português: vid. a nota de p. 36.

b) Nota-se o suff. *-égo* em *tardégo* («serodio»: *campo tardégo, ǫrta tardéga*), derivado de *tarde* ou *tardo;* este suffixo, a que corresponde o port. *-ego* em (ao que parece) *borrego*[2],

---

[1] *borréſa* (pron. *burréſa*) é a porca (mir. *cochina*) que ha-de ir ao porco. Deriva de *borro?* (*borro* não sei se existe em mirandês, mas existe em português).

[2] O Sr. Adolfo Coelho, no *Diccionario etymologico,* deriva *borrego* de *burricus,* «d'onde tambem vem burrico» (*ob. cit.,*

ninhego (derivado de *ninho*), talvez *lavego*, e o hesp. *aldaniego* e outros, vem muito provavelmente do suffixo pre-romano -aecus (-aecu-)[1].

c) Na palavra *nial*, de *nìu* < nidu- (§ 57), temos o suffixo *-al*. Cf. hesp. *nidal*. Outro exemplo é *cabanhal*, de *cabanha*.

d) A palavra *assedilhado* («sequioso», «sedento») decompõe-se em *a(s)-sed-ilh-ado*, onde entra o suffixo *-ilho*, que existe em port., por ex., em *junquilho*. Este adjectivo-participio presuppõe o verbo **assedilhar*.

e) Em *spadagaço* («espadeirada») existe um suffixo complexo, pois esta palavra decompõe-se em *spad-ag-aço*, onde o primeiro elemento de *-ag-aço* se póde comparar com o primeiro elemento de *-ag-ão* na palavra portuguesa *espadagão*.

f) *-eijo* em *arboleijo*, derivado de *árvore*, isto é, *árbole* < arbore- (§ 149-*b*).—Cf. p. 36, nota.

g) *-ucho* < -*usc'lu[2] em *guilucho*, certa ave (derivado de *águila*).

h) *-ệlha* < -ĕlla (§ 50) em *ranệlha*, certo animal (derivado de *rana*).

i) *-ina* < -īna em *cöulina*, couve em quanto pequena; derivado de caule-.

---

p. 253). Mas *burrĭcus* em latim tem o *i* breve, e por isso pronunciava-se *búrricus* (a par de *búricus* = *burĭcus*), d'onde não podia vir *borrego*; quanto á segunda affirmação, notarei que tambem não me parece exacta, pois *-ico* (de que tratei a p. 337) nada tem com *-ego*. Provavelmente *borrego* vem de *borro*. Cf. *borréfa* na nota antecedente?

1 Cf. Diez, *Grammaire des langues romanes*, II, 283.

2 Vid. *Revista Lusitana*, II, 271-272; e *Revue Hispanique*, V, 417-418.

j) *-eche?* em *rabeche,* que faz parte do apparelho das cavalgaduras, e não sei se corresponde a *rabicho.*

k) *-oso* < -ōsus em *arioso,* cabeça no ar, aereo, derivado de aere- (cf. *aire*); e em *mofoso,* «pão *mofoso*», de *mofo* < > neerlandês *muffo.*

l) *-ança* < -antia em *cumparança,* deriv. de *cumparar.* Tambem se póde dizer *-ancia.*

m) *-ista* < -ιστής (por intermedio do português) em *pröuista,* adamado; derivado de *pröua,* presumpção, < prora.

n) *-aco* em *poçaco,* poço pequeno que a agua faz; e talvez tambem em *bolhaca,* que coexiste com *bolhaco*[1]. A origem d'este suffixo, que existe noutros idiomas tambem, é obscura.

o) *-anca* em *bicanca,* bico em fórma de gancho (ex.: o do gavião), e metaphoricamente «nariç de *bicanca*». O suffixo existe noutros idiomas; a origem é obscura.

p) *-onda* em *bichonda,* cabra que ha-de ir ao *béche* (chibo), e em *töuronda,* vacca que ha-de ir ao *töuro.* Este suffixo existe tambem em hesp., ex.: *cachonda* («perra *cachonda*», saída, — do thema de *cachorro*). Do lat. -undus.

q) *-ada* < -ata, em *analgada,* açoute[2] (de *nalga*), *öurelhada,* bofetada (de *öureilha*).

r) *-iar* < > port. *-ear,* em *aclariar, amansiar, ancurtiar,* verbos derivados dos adjectivos *claro, manso, curto.*

s) *-öũ* < -onem, em *rachöũ,* cavaco (de *rachar*), *sopröũ* e *assopröũ,* pessoa que anda sempre

---

[1] Não sei ao certo a significacão de *bolhaco* e *bolhaca;* em todo o caso estas palavras relacionam-se com o carvalho.

[2] Tambem em mir. se diz *azöute.*

a ralhar (de *a(s)-soprar*), *chupõũ*, bomba de poço (de *chupar*), *fungõũ*, fanhoso (de *fungar*). Palavras derivadas de verbos. Em algumas o suffixo indíca ainda o agente.

u) Na juncção de um suffixo a palavra terminada em nasal póde reapparecer o -*n*- primitivo (cf. § 110-*b*); ex.: *abotonar* (de *botõũ*; cf. hesp. *boton*), *fulhinar*, de *fulhĩ* (isto é, *fulhim*, «fuligem», hesp. *hollín*: de *fulligine-). Á mesma classe: *zunzunar*, «fazer *zum-zum*».

t) -*alho* < -ac'lu, em *sentalho* (que pelo menos se usa em sendinês) e significa «assento»: de √*ad-sedentare.

u) -*ino* e -*iano* em *campefino* e *campiano*, habitante do Campo de Viboras (nome patrio). -inu- e -anu- (-ianu-).

v) Temos trocas de suffixos:

-*ento*, por -*ente*, em *relhuzento*; o inverso se deu em português, onde ha *contente* < lat. contentu-, mir. *cuntento* (§ 80);

-ibilis, por -ivus, em *bingatiblo*, fórma correspondente á port. *vingativo*;

-*eira*, por -*oira*, em *tejeira* e *tejeiras*,— «*plurale tantum*», fórmas correspondentes á port. *tesoira* (pop. *tesoiras*,— tambem «*plurale tantum*»): vid. § 115-Obs. 1. Assim explico ainda *steira*, em port. «esteira», por storea[1].

---

[1] Diez, *Etymologisches Wörterbuch*, I, s. v. *stoja*, explica o hesp. *estera* por **estuera* (como *frente* de *fruente*), de stŏrea, fazendo vir do hesp. o port.; mas a explicação que apresento no texto é mais simplez. Em apoio d'ella vem tambem o gall. *esteira*, e o mir. *tejeira*. O hesp. *tisera* não póde explicar-se por **tonsuera* (admittindo-se a hypothese de Diez para *estera*), porque o *o* tonico de *tonsōria* é longo; e só *ŏ* dá *ue* em hesp.— Uma correspondencia de suffixos está tambem no mir. *babadeiro*, comparado com o port. *babadoiro*, e no mir. *debanadeira*, comparado com o port. *dobadoira*.

Em *tlincar,* fórma correspondente á portuguesa *telintar* ou *tilintar,* pop. *talincar,* póde ver-se ou troca da terminação *-intar* por *-incar,* considerada erradamente como suffixo, ou dissimilação de *t — t* (cf. § 149).

Talvez em mir. se usem a par dos suffixos *-ente* e *-ento* os suffixos *-iente* e *-iento* (não me occorrem agora exemplos): cf. § 50-Obs. 4. Em hesp. ant. tambem se deram trocas analogas: *impedimiento,* hoje *impedimento.*

Poderá ainda ver-se de algum modo troca de suffixos nas seguintes palavras mirandesas:

medranco e *amedrancado* por «medroso». O suffixo *-anca* entra em *bicanca* (§ 298-*o*): cf. port. *barr-anco.*

algazada, «algazarra», hesp. *algazara.* Troca de *-arra* ou *-ara* por *-ada,* tendo-se visto na terminação *-arra* ou *ara* um suffixo; cf. *çamarra,* «pelle», *senara,* «seara».

albíxulas e *albíxaras,* «alviçaras». A palavra *alviçaras* foi tratada de differentes modos nos nossos dialectos: assim, no Brasil, diz-se *alviças* e *alvistas*[1]. Quanto a *-ulas,* cf. as fórmas populares portuguesas *estátula* («estátua»), *trévulas* («trevas»).

299. Prefixação:

a) O prefixo *des-* corresponde como mais intensitivo a *ex-* em *desquemungado:* («excommungado»); cf. no hesp. ant. (sec. XIII) *desfamado*[2], onde corresponde a *de-*. O poder intensitivo de *des-* vê-se ainda em *desanquieto,* que corresponde ao nosso pop. *desinquieto,* por «in-

[1] Cf. o meu *Dialecto brasileiro,* p. 15.
[2] Apud Galindo, *Progreso y vicisitudes,* p. 42.

quieto»; cf. no Alemtejo *desexcomungado*[1], onde *des-* não substitue o prefixo já existente, mas o reforça, juntando-se-lhe.

b) Com o prefixo *ã-* (*an-*, *am-*) < in- formam-se verbos, como: *anteimar*, «teimar», «porfiar»; *ambõubecér*, «enlouquecer», «tornar-se *bõubo*[2]»; *ancanhar-se*, «acanhar-se»; *ancastilhar*[3], *anteimar*, «teimar».

c) Em *treminar*, por *determinar*, isto é, *detreminar*, perdeu-se o prefixo *de-*. Em *daprender*, por *aprender*, agglutinou-se *de*, que talvez seja antes preposição (e neste caso teremos um phenomeno syntactico), do que mero prefixo; cf. astur. *adeprender*[4].

d) Sobre o *a-* prosthetico em palavras como *arreciar* (tambem usada em port. popular), *acomeçar*, etc., vid. § 151-*a*. Se em algumas palavras se junta *a-*, tambem se supprime noutras, como *brigada* («abrigada»), *carinhar* («acarinhar»), *cunhar* («acunhar», ex.: *cunhar ũŋa fraga*, (pôr-lhe uma cunha), *guilhada*, («aguilhada»), *sonar*, («assoar» < a-sonare).

e) Em *jabeira* por «algibeira» (se esta fórma não é a primitiva), supprimiu-se *al-*, considerado como prefixo; em *alçafrõũ* (ou *alçafrã*) pòr «açafrão», accrescentou-se *al-* pelo mesmo motivo.

f) Em *astrabessar* por «atravessar», e *astreber-se* por «atrever-se», em hesp. arch. *treverse*, em gall. *estreverse*, parece ter havido influencia do prefixo *trans-*, *tras-*, *tres-*, na fórma

---

[1] In *Revista Lusitana*, IV, 48.

[2] Do lat. balbu- (§ 45).

[3] Ex.: «la perdíç *ancastilha* las alas» (i. é: entesa, encastella sa asas).

[4] Citado por Schuchardt in *Zeitschrift f. rom. Philologie*, v, 318.

pop. *estr-*[1] (ex.: port. pop. *estrepassar* = *trespassar*), e *es-*; assim teriamos: *a-travessar* > * *a-trasvessar* > *astrabessar*; e *atrever-se* > * *a-(e)strever-se* > *astreber-se*. A fórma *astreber-se* é vulgar no país.

300. Criação de palavras por supposta regressão ás fórmas primitivas:

achego, de *achegar*;
anchena <> *in-plenare;
desbulha, de *desbulhar*;
mustra, de *mustrar*;
sfurço, de *sforçar*.

Todas ellas (e ha muitas) são pois substantivos verbaes. Em port. e noutras lingoas dão-se factos analogos.

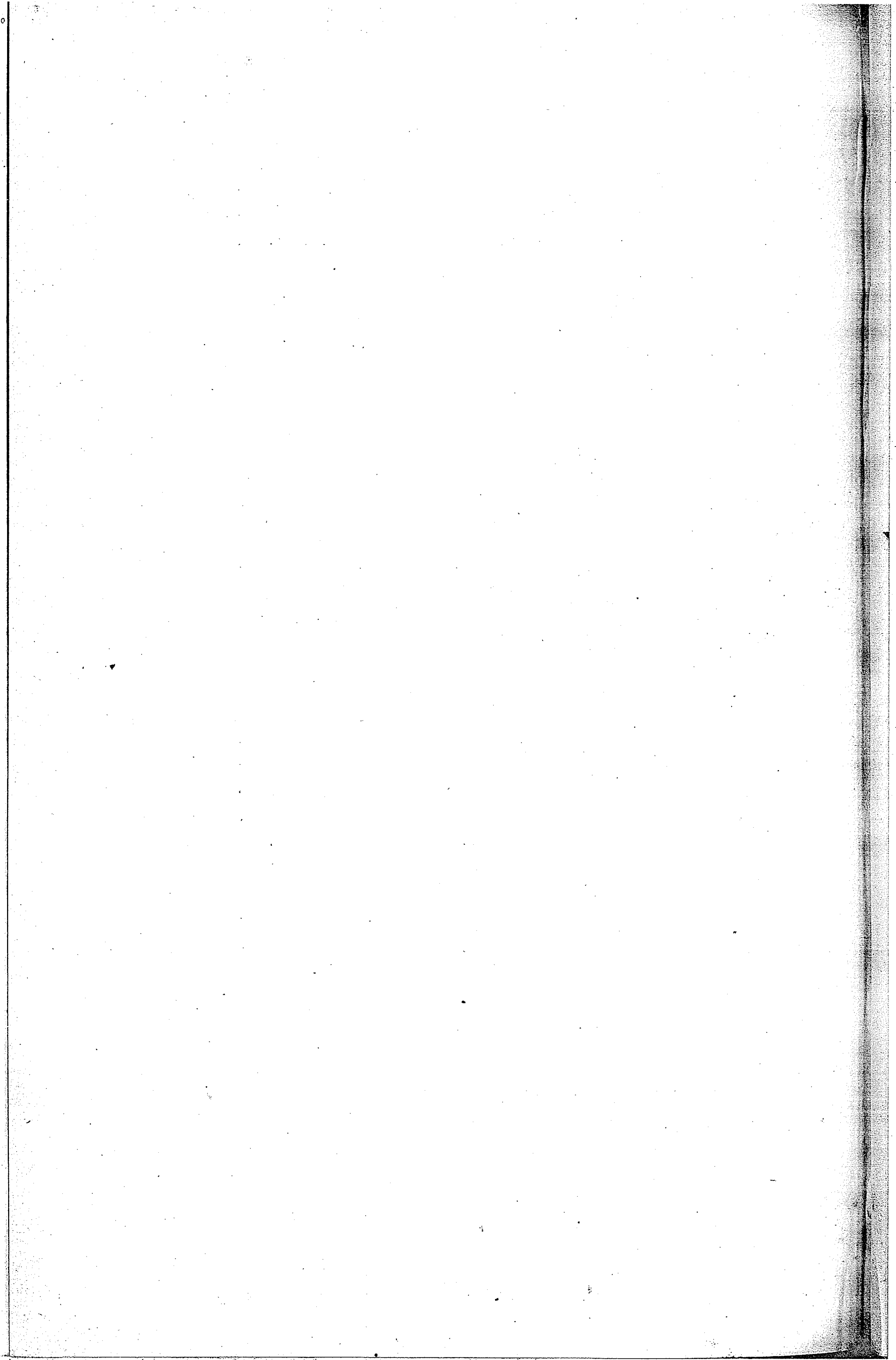
301. Composição ou juxtaposição:

Apenas me occorre citar a palavra *abe-rapina*, por *ave de rapina*, no pl. *abes-rapinas*, onde se perdeu a preposição *de*[2], como em *Font' l' Aldée̜* e *Fo̜nte-Lhadrõũ* a p. 83; vid. o que á cêrca de compostos analogos se diz na SYNTAXE, § 309-*B*.—Em compostos portugueses tambem se perde o *de*, por ex.: *beira-mar*, *praia-mar*, *ponta-pé*.—Vimos outros exs. no § 291.—Em hesp. é corrente *bocacalle* = *boca de calle*, «entrada de rua», e *bocamanga* = *boca de manga*, «canhão».—Estes phenomenos são em parte phoneticos, em parte morphologicos, em parte syntacticos.

---

[1] Nesta fórma deve tambem ter actuado *es-* < ex-.

[2] Parece que tambem se usa a fórma com *de*.—Em Duas-Igrejas dizem *rapinha* (cf. hesp. *rapiña*), na Póvoa *rapina*.



III

SYNTAXE

302. Geralmente nos estudos dialectologicos põe-se de parte a syntaxe; a propria morphologia nem sempre tambem é tratada, ou é-o de fugida. Com quanto eu neste trabalho tenha procurado dar proporcialmente tanta importancia á morphologia como á phonologia, não posso occupar-me, com desenvolvimento igual, da syntaxe, porque ella não differe muito da portuguesa[1]. Vou pois limitar-me, no que se segue, a expôr avulsamente alguns factos mais dignos de nota.

303. Oração impessoal:

Póde construir-se de differentes maneiras:

a) com o verbo *hai* (§ 260); ás vezes póde juntar-se-lhe *que;* ex.: «*hai que* ir um de nós a la feira». Isto não é português classico, mas usa-se construcção analoga em hespanhol.

b) com *bai* (de *ir*); ex.: «*bai* ã tres dìḙ̂s». Tambem assim se diz em português.

c) com *diç* (de *dez̨ir*); exemplos colhidos em contos populares (*cọntas*): «tu *diç* q' habìḙ̂s dito q' eras capaç»;

[1] Sobre esta vid. a excellente *Grammatica portuguesa elementar* de Epiphanio Dias, onde pela primeira vez foram lançadas as bases methodicas do estudo da nossa syntaxe.

«tu *diç* que eras capaç».—Este modo de dizer é tambem muito usual na lingoagem popular portuguesa. Em lat. usa-se *dicitur, traditur,* a que porém se segue infinitivo, e não oração conjunccional, como em mirandês e português.—Cf. tambem os §§ 276 e 287.

Tambem póde considerar-se como impessoal a phrase petrificada *era ũŋa béç,* a que até por vezes se junta sujeito no plural; ex.: «era ũŋa béç uns frades». Só se usa nos contos populares, como em português, e corresponde ao latim *olim,* grego ποτέ.

304. Quasi sempre em português, na lingoagem familiar, se antepõe pronome possessivo ás palavras *mãe* e *pae,* quando estão em vocativo; em mirandês acho porém o seguinte ex.: «yöu nũ sei que tengo, *mái*[1]», onde o vocativo vem sozinho.

Embora *adìus* se costume juntar a vocativo, ex.: «Adìus, Malgarida!», comtudo, no seguinte exemplo (cantiga popular) junta-se a dativo:

> Adìus, adìus *a Miranda,*
> Las cǫstas te böu birando,
> La mìe boca se bai rindo
> L' mìu coraçöu chorando;

onde o povo transportou para a *oratio directa* o que só era proprio da *oratio obliqua.*

305. Pronomes.

a) Disse-se no § 193-Obs. 1 que dos pronomes pessoaes mirandeses uns eram atonos, outros eram tonicos; com esta distincção coincide o differente emprêgo syntactico dos mesmos.

---

1 In *O Mirandês* (jornal), n.º 33, artigo do Sr. Bernardo Monteiro.

Os casos rectos figuram como sujeitos, nomes predicativos ou appostos: *yöu quiȩro, tu fuste,* etc.

O caso recto da 3.ª pessoa do singular e todos os casos rectos do plural podem porém desempenhar funcções de pronomes obliquos: *cũ el, cũ nós* (em port. «comnosco»), *cũ bós* (port. «comvosco»)[1], *d' eilha.*— Vid. tambem p. 355 (Obs. 6).

Os pronomes atonos *me, te, lo, la, mos, bos, los, las* desempenham funcções de accusativo: *múito m' alegro, chamo-la.* Se porém tiver de se empregar preposição, aquelles pronomes são reforçados ou substituidos por fórmas tonicas: *chama-me a mi*[2], *yöu beio-bos a bós.*

Na funcção de dativo empregam-se como fórmas atonas, *me, te, le, mos, bos,* e como fórmas tonicas *a mi*[3], *a ti, a el, a eilha, a nós, a bós.*

Se, noutras funcções, tem de se empregar preposição, empregam-se tambem as fórmas tonicas: *por mi, de ti, de mi*[4], *p'ra bós,* etc.

---

1 Cf. gallego:

Non s'estreverán *con nos.*

Galo Salinas, *A Torre de Peito Burdelo,* p. 25; mas tambem se diz *connosco.*—Em hesp. mod. *con nosotros,* em hesp. arch. *nusco* e *connusco.*

2 Ex. num conto popular:

Möucho comi,
Comerás öutro,
Mas nũ ha de sér *a mi.*

3 Ex. num conto popular: «Quiȩ̃ sabe l que *m' a mi* assecederá», onde a fórma tonica é pleonastica.

4 Exemplo tirado de um conto popular (em mir.: *cǫnta*):

Parrinha d' aqui,
Parrinha d' alhi,
Se l' filho de l' rei benía,
Namoraba-se *de mi.*

Ouvi-o em Duas-Igrejas.

b) Nas seguintes phrases que colhi em contos populares, os pronomes pessoaes empregam-se pleonasticamente; ex.:

«i dixo-le pa la rapó*ſ*a»,
«i di-l' a l töu amo»,
«di-l' a töu pai» (trad.: dize-lhe a teu pai),
«tu que le fáis a las parras?»,
«que le fura preguntar a l princepe»,
«a quĩẽ̯ Cristo le dixo».

A esta particularidade já me referi no meu opusculo *O dialecto mirandês,* 1882, p. 27.

c) Na collocação, o mirandês umas vezes aproxima-se do português, como nos seguintes ex.: *querìe̯-le-lo* (= queria-lh'o), *bení-me-lo dezir* (= vinde m'o dizer), *nu' me ls mates* (= não m'os mates), *u se te la bende* (= ou se t'a vende), *heis-bos-d' ir* (= heis-vos d'ir,—em port. pop.; no litterario: haveis de vos ir); outras vezes não, como no seguinte exemplo, colhido num conto: *bai, las lhaba naquél cántaro* (= vae, lava-as, etc.).

d) No seguinte exemplo ha uma particularidade de syntaxe castelhana: «a la galana *se lo* mete» (= lh'o mete[1]». Será porém ella geral?

e) Analogamente ao português, mas ao contrário do hespanhol litterario moderno, o mirandês póde antepôr o artigo aos pronomes possessivos; ex.: «na órdene d' *la sùe̯* turma[2]», «fui öubida *la tùe̯* ouraciöũ[3]», «nũ déste credito a *las mìe̯s* palabras[4]». Não vale a pena accumular exemplos de um facto tão geral como este. Se em

---

[1] Citado no meu opusculo *O dialecto mirandês,* p. 27.—Cf. Schuchardt, in *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie,* 1883, p. 110.

[2] Bernardo Fernandes Monteiro, in *Revista de educação e ensino,* XI, 153.

[3] Id., *ibid.*, ibid., ibid.

[4] Id., *ibid.*, ibid., 154.

hespanhol litterario moderno os pronomes possessivos não são precedidos de artigo, eram-no porém em hespanhol antigo; por ex.: «*las sus* cosas», «*los vuestros* coraçones», «*la nuestra* reina», «los mios armanos», etc.[1]; em dialecto de Santander ainda hoje tambem se diz: «el mi corral», «el tu deseo», «los mis ojos[2]»; na lingoagem popular de Çamora, região que confina com Terra-de-Miranda, diz-se, analogamente ao mirandês: «*el mi* sombrero», «*el tu* manteo»[3].

f) Do emprêgo dos *pronomina reverentiae* occupo-me no paragrapho seguinte.—Do uso de *se* em certos verbos vid. o § 311-*d-f*.

306. Tratamento:

Os pronomes empregados no tratamento em mirandês são: *tu, él* (ou *éilha*) e *bós*[4].

Exemplos de *él,* em phrases que ouvi:

—Antöũ cumo passa?
—Bĩẽ̤, i *él?*

—*Él* cumo stá?
—Yöu bǫno, i *él* tamĩẽ̤ stá bǫno?

E num conto popular que copiei em Duas-Igrejas: «Yöu tal cöu*ſ*a nũ dixe, mas, se l sr. dixo, fago-le lo q' *él*

---

1 Apud Galindo, *Progreso y vicisitudes, etc.*, pp. 73 e 90.—Sobre os pronomes possessivos em hespanhol antigo vid. particularmente J. Cornu, in *Romania,* XIII, 307 sqq.; e Hanssen, *Das Possessivpronomen in den altspanischen Dialekten,* Valparaiso 1897,—já citados a cima.

2 Mugica, *Dialecto castellano,* I, 39.

3 Fernández Duro, *Memoria histórica de la ciudad de Zamora,* Madrid 1882-1883, IV, 468, onde tem uma secção de «Locuciones», e um vocabulario de «Zamorismos».

4 E de certo *bosöutros,* nas localidades em que este pronome se usar (§ 193-Obs. 1).

manda[1]». Outra phrase que ouvi em conversação: *éilhes nũ quérẽ* («vocês não querem»).

Note-se que nestes exemplos *él* póde traduzir-se em francês por *vous*[2].

Exemplos de *bós,* que ouvi numa conversação entre um sujeito e a madrinha, a quem aquelle dizia: «agora *bós* sabíades»; «deixai-lo screbér»; «i *bós* tamĩẽ»; «öulhai que bos anganháis, madrina! perdonai!».

O emprego de *bós* é respeitoso: de filho para pae, mãe ou qualquer parente importante; corresponde em português ao de «o sr.».

O tratamento de *él* usa-se, por exemplo, para com uma pessoa que chega de fóra á Terra-de-Miranda (a mim m'o dirigiram ás vezes); todavia este uso de *él* e de *éilha* vae em decadencia.

Tu é o tratamento infimo e íntimo, como tambem em português.

O que acaba de se notar corresponde a dizer-se que a 2.ª pessoa do plural dos verbos e a 3.ª do singular tem cada uma dois empregos: o seu proprio, e um especial, no tratamento.

O emprêgo da 2.ª pessoa do plural, e concomitantemente do pronome *bós,* tem muita vida na raia trasmontana; encontrei-o mesmo fóra da região mirandesa. Em sayaguês, ou lingoagem de Sayago, que fica defronte de Miranda, na provincia da Zamora, tambem se dá

---

1 Noutro lugar do conto esta phrase é substituida por est'outra: «yöu tal cousa nũ dixe, mas, se bós mandais, irei», onde a «l sr.» corresponde a expressão mais mirandesa *bós*.

2 Em França, sobretudo no Sul, ouvi porém várias vezes empregar na lingoagem familiar a 3.ª pessoa do singular com *Monsieur,* em vez de *vous;* ex.: «Monsieur connaît la chambre?», «Monsieur est italien?», «Si Monsieur veut venir ici». Notando eu este modo de dizer a um ecclesiastico com quem fallei, e que tambem o empregava dirigindo-se a mim, elle respondeu-me que era sinal de respeito.

ás pessoas gradas o tratamento de *vós*[1]. O tratamento de *él* (e *eilha*) lembra o do italiano *Ella*. Á cêrca do modo como se originou o uso de *él* vid. o exemplo citado a cima: «se l *sr.* dixo..... fago-le lo q' *él* manda»; de facto *él* refere-se de modo natural a *sr.*, que a princípio se empregou conjunctamente, e que, depois que *él* assumiu completamente o papel de *pronomen reverentiae,* se omittiu. Facto analogo succedeu com o italiano *Ella,* referido mentalmente a *signoria* ou *eccelenza.* O seguinte exemplo, que transcrevo de La Fontaine, e que é analogo ao exemplo mirandês citado ha pouco, ajuda ainda a comprehender a génese do phenomeno:

—Sire, répond l'Agneau, que *Votre Majesté*
Ne se mette pas en colère;
Mais plutôt qu'*elle* considère
Que je me vas désaltérant
Dans le courant,
Plus de vingt pas au-dessous d'*Elle*[2].

Tambem em Miranda póde popularmente usar-se de *Vossemecê* (< *Vossa mercê,* que é port. ant.) no tratamento; mas este uso é mais português, ou *grave,* como elles dizem, do que propriamente mirandês[3]. O mesmo se póde dizer de *l sr.* (vid. a cima o extracto de um conto) e de outros modos usados em português. Usa-se *tio,* como mais ou menos em todo o país; ex.: *ti'* ou *tio Bartólo.*

---

1 *Diccionário enciclopédico hispano-americano,* s. v. «Sayago».

2 *Fables,* liv. I, fl. 10. Ed. de Regnier.

3 Disseram-me que houve numa das povoações do concelho de Miranda um morgado velho que tratava os criados assim: «i *si* por que nũ fizo isto», onde *si* corresponde ao nosso «você». Quem me deu esta informação era pessoa de todo o crédito; accrescentou comtudo que não tinha ouvido tal expressão a mais ninguem.

307. Adjectivos:

O adjectivo *bǫno* toma a fórma *bõ* antes de consoante, e *bǫn'* antes de vogal. Ex.: *bõ tiẹmpo, bǫn' ome,* onde *n* tem o seu valor proprio. Outros exemplos: «ẹl ome bǫno, de bõ tesöuro de l söu coraçöũ»[1]. No plural ou no feminino, em qualquer numero, não varía; ex.: «bǫna árbole», «bǫnos frúitos»[2]. Antes de *m* o adjectivo *bõ* póde mesmo ser desnasalado (§ 38). Este emprêgo do adjectivo é mais de phonetica syntactica do que de syntaxe propriamente dita, porque resulta da próclise.

Em hespanhol dão-se factos comparaveis a este: *buen caballero* a par de *caballero bueno;* mas nessa lingoa elles tem muita extensão, pois o phenomeno dá-se tambem em *malo, primero,* etc. Com relação ao mirandês faltam-me informações neste último ponto.

308. Comparação:

Em phrases como «mais *de l q'* eilha» (ouvi muitas analogas a esta), «era mais fácele... *de l que* perdérte»[3], «nós nũ tenemos mais *de l que* cinco panes»[4], o segundo termo da comparação, em vez de ser introduzido por *que,* é introduzido por *de l que,* analogamente ao que succede em português, onde em taes casos se póde dizer *que* ou *do que.*

309. Uso de algumas preposições:

A) Preposição *a:*

a) Com o verbo *ir,* quando este se junta periphrasticamente a outro verbo, para se exprimir futuridade ou passado, emprega-se a preposição *a;* exs. (que colhi em contos):

---

1 Bernardo Monteiro, *Revista de educação e ensino,* IX, 258.
2 Id., *loc. laud.*
3 In *O Mirandês* (jornal), n.º 33.
4 In *Revista de educação e ensino,* IX, 501.

«agora *bou*-t' *a* bijitar»,
«*fui*-l' *a* preguntar»,
«*fúrũ a* tenér ã ca*ʃ*a d' ũŋa tie̯»,
«*fúru*-s' *a* deitar»,

phenomeno que se observa vulgarmente noutros fallares do Norte de Tras-os-Montes. Em português litterario não se usa em regra a preposição nestas circumstancias.

b) Com o verbo *entrar* póde empregar-se a preposição *a*; por ex.: «*antröũ ã* ũŋa cozinha». Em português e hespanhol emprega-se regularmente *em, en;* mas em português tambem se encontra aquella construcção.

c) Com infinitivo a preposição *a* adquire o valor de causal no seguinte exemplo de um conto: «mas *a* eilha nũ *star* aqui, comerei-la yöu» (= mas, *visto que* ella não *está* aqui, etc.). O mesmo succede em português, sobretudo tendo *a* o valor de *se,* como em hespanhol tambem.

B) Preposição *de:*

a) Viu-se no § 260–nota 1 que o verbo *haver,* quando entra na conjugação periphrastica, se acompanha geralmente da preposição *de,* a qual póde mesmo agglutinar-se-lhe. Num conto mirandês porém encontro esta phrase: «spera, que l' hemos matar», onde *hemos matar* está em vez de *hemos de matar*. Tal modo de dizer não é insolito em português[1]. — Á cêrca da inversão de *de* com o verbo *haver* vid. § 305-*c*.

b) Entre outros officios, a preposição *de* serve de exprimir designações locativas, sobretudo quando, por meio do complemento formado com ella, se estabelece uma distincção, o que succede quando o nome a que se junta o complemento tem outras applicações, ou se

---

[1] Vid. o meu opusculo *As «Lições de lingoagem» do Sr. Candido de Figueiredo* (anályse crítica), 2.ª ed., p. 42.

reconhece ainda como nome commum; ex.: *S. Martinho d'Angueira,* onde o complemento *d'Angueira* tem por fim differençar esta povoação de outras que tambem se chamam *S. Martinho.* Até aqui o uso mirandês não se afasta do português. Ha todavia um curioso ponto de differença. Já a proposito de *abe-rapina* se disse, no § 301, que em compostos mirandeses se póde perder a preposição *de,* como em português; mas, ao passo que neste idioma, se a preposição *de* vem acompanhada do artigo, na fórma de *do* (*da, dos, das*), se perde preposição e artigo, ex.: *Cas-Freires* = Casa dos Freires (p. 446-nota), *Matacães* = Mata dos Cães, *Villa-Frade* = Villa do Frade (p. 78-nota), etc. —, em mirandês perde-se só a preposição, e fica o artigo, ex.:

Carrasco l Palheiro	= C. *de l* P., campo no termo de Duas-Igrejas;
Péinha l Pitaro	= P. *de l* P., idem;
Öurréta la Malhada	= Ö. *de la* M., idem;
Péinha l Ganhólo	= P. *de l* G., campo no termo de Villa Chã;
Fǫnte la Taça[1]	= Fǫnte *de la* T., campo no termo de Duas-Igrejas;
Öurréta l Pǫ́ço	= Ö. *de l* P., idem.

A estes exemplos junte-se *Fǫnte l'Aldée̤,* que citei a pag. 83; e deve ainda juntar-se *Fǫnte-Lhadrõũ* (p. 83), e *Fǫnte Lhagarto* (campo no termo de Duas-Igrejas); estes dois ultimos exemplos estão por

Fǫnte l Lhadrõũ
Fǫnte l Lhagarto,

mas o artigo *l,* por estar em contacto com a palatal *lh-,* foi absorvido nella, como nas phrases vulgares «fui

1 Pronuncía-se como se se escrevesse: *Fǫnte Lataça.*

'lhóbo» = «fui *l lhóbo*», e «a *'lhóbo*» = «a *l lhóbo*» (§ 38)[1].

Tal processo encontra-se noutras localidades, como Avellanoso[2], em cujo termo existem campos chamados *Péinha la Pala,* etc., e mesmo no reino de Leão, pois num ms. português do sec. XVI[3] achei *Lhama la Grulha* (isto é, *Lhama de la Grulla*), nome de uma terra do termo de Alcaniças[4], o que é mais um ponto de contacto entre o mirandês e o leonês[5].

c) A preposição acompanha um adverbio em *-mente:* pelo menos ouvi *de nǫbamente.* Em português dir-se-hia *de novo;* mas aquelle emprêgo do *de* nada tem que surprehenda, porque tambem em português se diz, embora com a separação primitiva dos elementos que podiam constituir um adverbio: *de boa mente.* De facto na origem *-mente* era substantivo (§ 293).

d) A preposição *de* acompanha o adverbio *bĩę̃* em sentido partitivo nesta phrase que ouvi em conversação: «s' yǫu tubisse bĩę̃ d' él p'ra te dar» (= muito d'elle). — Cf. o francês *bien de* (*bien du, bien des*).

---

1 Em português supprime-se *do* em *beira-mar,* etc., porque o artigo faz corpo com a preposição; como em mirandês não se dá este último phenomeno, só se supprime a preposição, permanecendo o artigo.

2 Tenho razões para crer que em Avellanoso se fallou outr'ora mirandês (cf. o que digo a p. 127). Hoje só se falla lá português.

3 *Livro do Tombo das demarcações das comarcas de Tralosmontes e d'Antre Douro e Minho.* — Na Torre do Tombo.

4 Nesta palavra, onde *Lhama* corresponde ao port. *lama* (lat. lama), temos o phenomeno leonês de *lh-* inicial, estudado a cima, a p. 261 sqq.; á palavra *lhama* me referi a p. 263.

5 O onomastico hespanhol offerece ainda outros exemplos, como: *Fuente el Carnero, Fuente el Fresno, Fuente el Olmo, Fuente el Sol, Fuente la Reina, Fuente la Piedra,* etc., em varios pontos da Hespanha. — Nas suas *Notas sobre el bable de Lena,* Gijón 1899, cita o Sr. D. Ramón Menéndez Pidal factos como *Valle las piedras, Chana 'l oso, Sierra 'l castichu,* etc. (p. 20), onde temos o mesmo phenomeno da suppressão da preposição *de.*

C) Preposição *ã:*

a) O verbo *chubir,* «subir», pelo menos no sentido de «montar a cavallo», emprega-se com a preposição *ã,* isto é, com *ne, na,* nos seguintes exemplos que colhi em contos populares: «chubìu-se *nel cabalho,* e fui a sabér d' éilha»; «chubìu-se *nel cabalho,* e fui ã cata de l bestido». Muitas vezes ouvi tambem dizer pela Terra-de-Miranda «chubir *na burra*» (montar na burra) e phrases analogas. — Sobre *nel* por *ne* vid. § 199, in fine.

b) Tambem num conto ouvi esta phrase: «p'ra se metér *ã dentro*». Resta saber se *ã dentro* é phrase estereotypada ou não.

D) Preposição *por:*

Esta preposição emprega-se no sentido de *para* (como tambem muitas vezes succede na lingoa portuguesa) na seguinte phrase, que colhi num conto: «tornöu *po'* l' ama a dezir-lo», onde a expressão *po' la* está em vez de *por la* (assimilação).

310. Adverbios:

a) O superlativo é mais vezes formado com *mui, mi,* do que com o suffixo *-íssemo:* vid. § 186. O mesmo succedia no hespanhol antigo[1].

b) Note-se a seguinte phrase: «ã tiẹrra de Miranda *'penas que haba* d' isso», que ouvi em flagrante; nella vale a expressão *'penas que haba* (= apenas que) por *difficilmente haverá.*

c) O adverbio *bĩẹ̃* emprega-se na seguinte phrase em circumstancia em que em português se empregaria *bom:* «todo yẹ *bĩẹ̃* sabér» («tudo é bom saber»).

d) Á cêrca de *de nọbamente* vid. o § 309-*B-c;* e á cêrca de *yöu que sei* vid. o § 312-*g*.

---

[1] Galindo, *Progreso y vicisitudes, etc.*, p. 67.

311. Conjuncção anacoluthica:

Nas orações integrantes de *que*, póde este repetir-se anacoluthicamente. Ex. colhido num conto: «dezírũ a mìu amo *q'* yöu *q'* habìẹ dito q' era capaç». — Em português succede tambem isto, sobretudo quando a oração subordinada está longe do verbo subordinante. A prática vem já do latim: vid. Madvig, *Grammatica latina*, traducção de Epiphanio Dias, § 480-Obs. 2.

312. Verbos:

a) Emprega-se o mais-que-perfeito simplez do indicativo pelo imperfeito do conjunctivo nas seguintes phrases (contos populares): «dixo-le... q' *aguardára* mais uns dięs»; «dixo-le que, se l sr. princepe lo *soubíra*, que la mataba». Em conversação ouvi indifferentemente: «yọu habìe de ber-me ambaraçado, se *quejisse* (ou *se quejíra*) fazer esso». — Sobre prática analoga em português cf. Epiphanio Dias, *Grammatica portuguesa elementar*, § 208-*b*.

b) Como em alguns dialectos portugueses do Sul, é mais frequente em mirandês empregar na conjugação periphrastica o participio do presente, do que o infinitivo; ex.: *l pérro bai latiando* («latindo»); *stá chubiznando* («chuviscando», em hesp. *lloviznando*).

c) O verbo *amenaçar* emprega-se com dativo «fui-*le amenaçando*»; no proprio português popular de lá se diz «fui-*lhe ameaçando*». Cf. em latim *alicui minari*.

c-bis) Ouvi dizer: *nũ le gosta,* onde *gostar* se construe com dativo. Será geral? — Cf. hesp. *no le gusta*.

d) O verbo *bater* é transitivo; ex.: «*baté-la tìẹ* cul palo». Em port.: *bater na tia;* comtudo em alguns casos, como no sentido de «sacudir», póde tambem em português empregar-se *bater* transitivamente: «*bater* a roupa com um pau». Cf. em francês *battre*. Em latim tambem *batuere* é ás vezes transitivo.

e) O verbo *morrer* acompanha-se do pronome *se*, isto é, emprega-se com fórma reflexa; ex.: «*morrìu-se-*

m' ũŋa canhona» (phrase que ouvi em conversação); «*morrìu-se* la mái d' eilha» (num conto); e na fórmula final de um conto:

Yẹ la cọnta
De la bóca tonta (ou *tọrta?*):
Morrìu-se la baca,
Acaböu-se la cọnta.

—Tal modo de dizer tambem se encontra em português em alguns AA. Cf. fr. *se mourir* («estar para morrer»), hesp. *morirse,* gall. *morrerse*[1].

f) O verbo *lembrar* e o seu synonimo *acordar* empregam-se tambem com *se:* «nũ *se* me lembra nada», «nũ *se* m' acordaba», e nesta cantiga:

Nũ *se* me lhẹmbraba Miranda,
Nĩ que tal cidade habìẹ:
Agora yá nũ me squesso[2],
Nĩ de nuite, nĩ de dìẹ.

O mesmo succede em hesp.: *acordarse.*

g) Quando se pregunta qualquer cousa a alguem, e esta pessoa não sabe responder, em lugar de dizer *nũ sei,* diz geralmente: *i yöu que sei!*

h) Do emprego de *bós* como *pronomen reverentiae* (§ 306) resulta que os verbos tem grande emprêgo na 2.ª pessoa do plural, o que não succede em português litterario, onde se emprega a 3.ª do singular[3].

---

1 Galo Salinas, *A Torre de Peito Burdelo,* tem a p. 32 este ex.:

«Tua... por sempre tua... ou *me morrer!*»

2 Ouvi pronunciar com *ss,* e não com *c.* Igualmente *desquesser-se.* Será phenomeno geral?

3 Cf. Epiphanio Dias, *Grammatica port. elementar,* § 116-*b*.

313. São até certo ponto phenomenos de syntaxe os já estudados ou referidos nos dois primeiros capitulos da GRAMMATICA:

a «phonetica syntactica», nos §§ 36–40;
ambos a döus, no § 159-OBS. 3;
o emprêgo dos pronomes pessoaes (*mos, cum nos,* etc.), no § 193;
o infinitivo pessoal, no § 220-*b;*
os verbos auxiliares, no § 252;
a conjugação reflexa, no § 253;
a conjugação periphrastica, no § 254;
o uso de *de* com *haber,* no § 260-nota 1;
o uso de *dolér,* no § 276;
dize-se, no § 287;
a agglutinação de *de* ao infinitivo, no § 299-*c;*
a *perda* de *de* em compostos, no § 301:

mas, pela natureza das cousas, torna-se muitas vezes necessario, para facilidade do nosso estudo, dividir, e encarar em differentes aspectos, o que de sua essencia é uno e indiviso.

INDICE

III. Syntaxe.

CORRIGENDA ET ADDENDA

P. 12, l. 13, em vez de «*Marẹẹ*» leia-se «*Marìẹ*».

P. 24, l. 24, em vez de «no presente livro» leia-se «na presente obra».

P. 24, l. 33, em vez de «neste livro» leia-se «nesta obra».

P. 59, l. 5, em vez de «Cicoiro» leia-se «Cicouro».

P. 89, l. 16, accrescente-se: «Consta-me que em algumas localidades mirandesas se pronuncía tambem *Paraçọlo* por *Palaçọlo* (com dissimilação de *l*—*l*)».

P. 103, l. 31, accrescente-se depois de *Uva:* «e de certo *Palancar*».

P. 104, l. 8, supprima-se «*Atenor* e».

P. 106, l. última, em vez de «eira» leia-se «feira».

P. 114, l. penúltima, accrescente-se depois de *sóu:* «(ou *söũ*)».

P. 210, l. 30, o ex. «*yá 'lhá staba* = *ya alhá staba*» acha-se deslocado; constitue de per si uma categoria.

P. 216, l. ante-penúltima, em vez de «dissolvido» leia-se «desenvolvido».

P. 225. A redacção do § 56 substitua-se por esta: «O digrapho final (ou medial) -ia está em mirandês representado por -*ìẹ*, em sendinês por -*i*».

P. 227, l. 21, em vez de «*uọ*» leia-se «*ůọ*».

P. 230, l. 11, em vez de «v̄» deve ser «v̆».

P. 236, l. 15, em vez de «*ẹ*» leia-se «*e̥*».

P. 237, l. 1, em vez de «syncope» leia-se «apocope».

P. 247, l. 28, em vez de «*-eijo*» leia-se «*-eiſo*».

P. 254, l. 19, em vez de «*binalgo*» leia-se «*binhalgo*».

P. 259, l. 13, em vez de «central ou normal» lêia-se «central e raiano».

P. 268, l. 24, em vez de «*ur*» leia-se «*-or*».

P. 272, l. última, accrescente-se: «Já porém ha um documento gallego do sec. VIII em que se falla de *Portugal:* vid. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos,* III, 588».

P. 276, l. 11, supprima-se «*hermano* < germanu-», e accrescente-se no fim do periodo: «Todavia o mir. diz *armano* (cf. hesp. *hermano,* port. *irmão*) < germanu-».

P. 280, l. 20, o exemplo de «*homene» está deslocado.

P. 281, l. 16, em vez de «AT'CVM» leia-se «ATICVM».

P. 288, l. 18, accrescente-se: «Inicialmente EX + cons. está representado por *s*-impuro, ex.: *scapar* < *ex-capare».

P. 298, l. 20, accrescente-se em linha nova: «Desenvolvimento ou alongamento de *-a* em *-ịa* nas palavras *ondia, öufénsia,* etc.

P. 299, l. 11, em vez de «*alabasto*» leia-se «*alhabasto*».

P. 299, l. 27, em vez de «melle-» deve ser «*melle-»

P. 312, l. 31.—A fórma mir. *aliçace* é absolutamente comparavel á hesp. *aliʒace.* A explicação d'esta e a da port. arch. *alicece* acham-se em Dozy & Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe,* 1869, p. 143. Escapou-me esta consulta ao redigir o meu artigo. Fica assim mais restricto o número dos problemas que lá apresento.

P. 320, l. 29, em vez de «*öulhoses*» leia-se «*öulhoſes*».

P. 346, l. 28, em vez de «*-essissimo*» leia-se «*-ississemo*».

P. 355, l. 10, accrescente-se: «Em sendinês ouvi tambem dizer *eilhos,* «elles».

P. 355, l. 14, em vez de «roubada» leia-se «röubada».

P. 355, l. 18, em vez de «*aquseto*» leia-se «*aquésto*».

P. 378, l. 8, em vez de «*vengo, venga*» leia-se «*bengo, benga*».

P. 381, ll. 12 e 15, em vez de «*ê, êm*» leia-se «*e, em*».

P. 403, mude-se a ordem das notas 2 e 3.



Acabou de imprimir-se

Aos 24 dias do mez de Março do anno

MDCCCC

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMMISSÃO EXECUTIVA

DO

CENTENARIO DA INDIA



Mappa geographico do idioma mirandês.



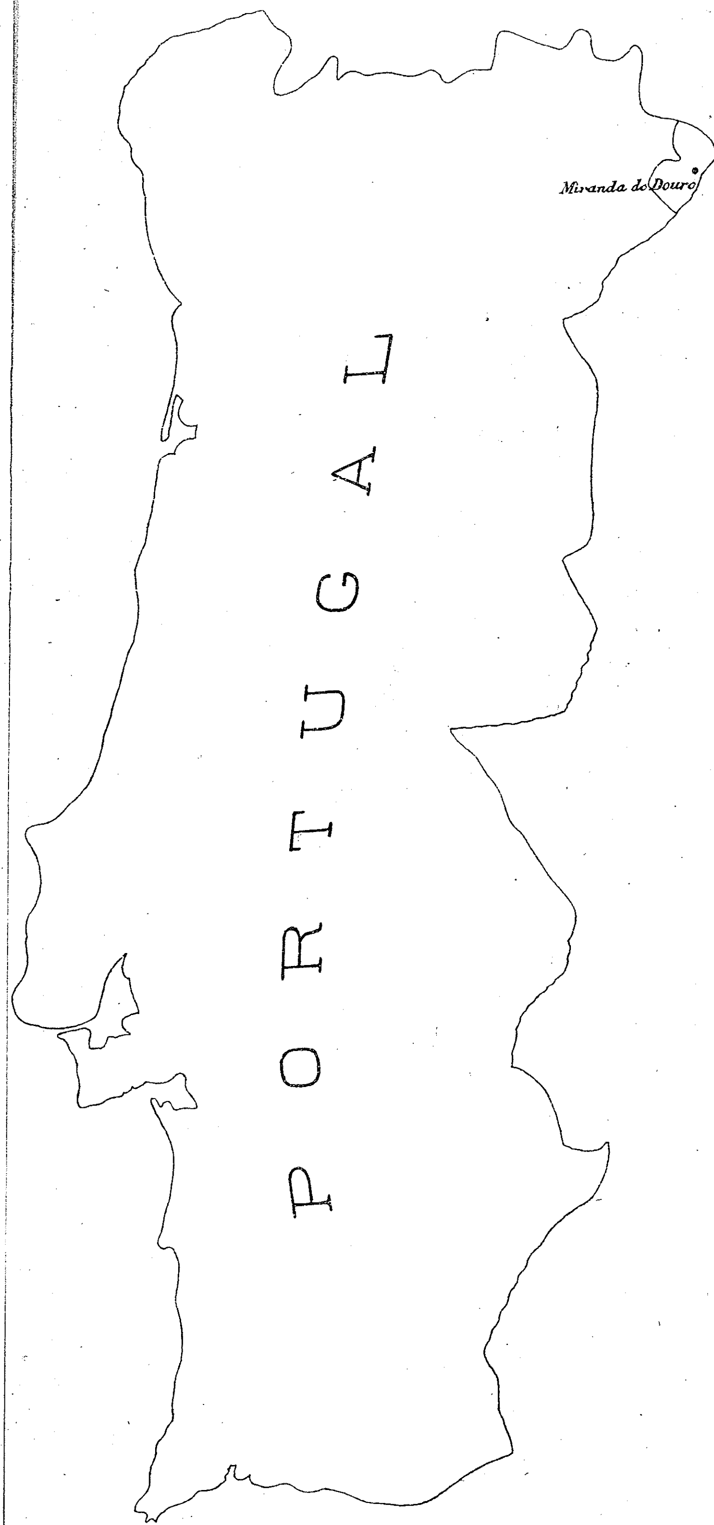
Legenda

○ .... Localidades onde já não se falla mirandês, mas onde se fallou outr'ora.

● } .... Localidades onde actualmente se falla mirandês: o ponto maior denota séde de freguesia, o menor denota simplez aldeia.

○ .... Localidades onde é duvidoso se se falla mirandês.

Escala 1: 250000.


Miranda do Douro
PORTUGAL


Vi
Rª Anguina

